

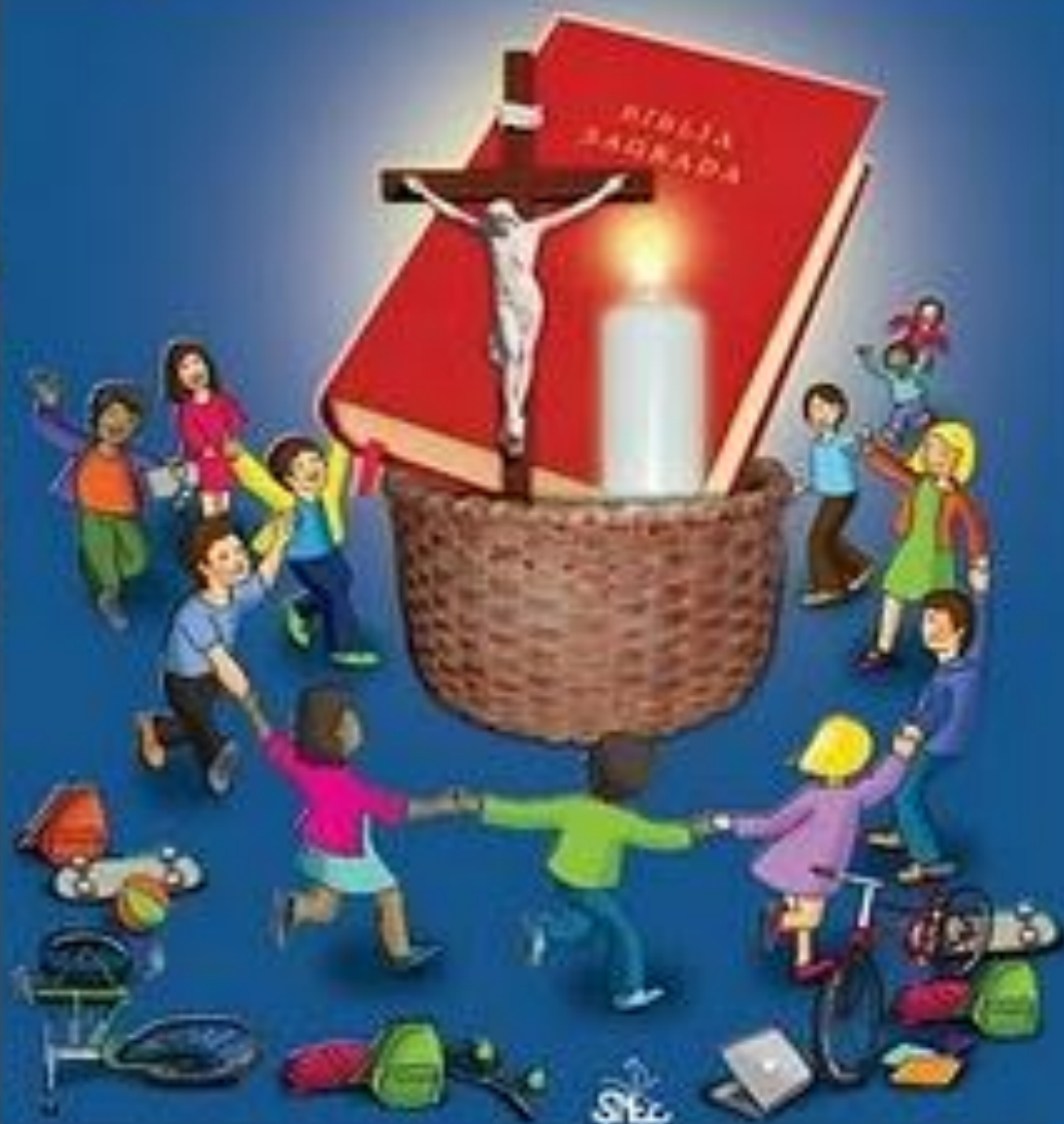
Tens Palavras de Vida Eterna



Claymore Books

4

Tens Palavras de Vida Eterna



SPC

1º BLOCO (catequeses 1 a 10)

A FORMAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS ESCRITA

Este primeiro bloco de catequeses, a trabalhar desde o início do ano até ao Natal, começa com a apresentação, às crianças, do encontro dos Apóstolos com Cristo ressuscitado. Deste, recebem a missão de anunciar o seu Evangelho até aos confins da terra. Tanto este encontro como a missão que dela decorre, são fundamentados na Palavra de Deus escrita antes do nascimento de Cristo, o Antigo Testamento.

De seguida, as crianças vão descobrir que do anúncio, sob a acção do Espírito Santo, recebido no Pentecostes, nasceram as comunidades cristãs, a começar pela de Jerusalém. Depois, acompanham a actividade dos Apóstolos, que instruem essas mesmas comunidades, para que se mantenham vivas: pela Comunhão Fraterna, a Fracção do Pão e as orações. É, sobretudo, relativamente a estas três componentes da vida da Igreja que, à época, é acolhido e lido o Antigo Testamento e se formam, quer as tradições que irão integrar os quatro Evangelhos, quer os restantes escritos do Novo Testamento.

Hoje, as crianças participam neste processo de formação, na medida em que o Ensino dos Apóstolos é, de certo modo, transposto para a sala de catequese. Elas ouvem o que os Apóstolos ensinaram no início do Cristianismo e voltam a ensinar, mas agora através dos Evangelhos que registam o seu ensino. São, por isso, convidadas a viver, regularmente e no contexto das suas vidas de criança, essa Comunhão Fraterna (experimentada especialmente no grupo de catequese), a participar activamente na Fracção do Pão (eucaristia) e a orar com intensidade e gosto.

Com base nisso, as crianças serão desafiadas a uma maior adesão de fé a Cristo, a exemplo de Pedro. Com ele, também elas são convidadas a dizer a Jesus: **“Tu tens Palavras de vida eterna”** (Jo 6, 68).

Este bloco termina com três catequeses de preparação e vivência do Natal de Jesus, seguindo o mesmo método de ensino: são conduzidas a Jesus, o Verbo ou Palavra de Deus encarnada, por um dos Evangelistas que, para isso, lhes fala de João Baptista e da Mãe de Jesus.

Catequese 1

RE-UNIDOS NO AMOR DE CRISTO

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Que palavras!

Esta expressão, em título, pode ser indicativa de admiração, estranheza e mesmo recusa, como possível reacção ao título deste catecismo: *Tens Palavras de Vida Eterna*. Não será exigir demais das crianças, tão tenras na sua idade e, conseqüentemente, sem a necessária capacidade de compreensão? Que poderão elas entender, ou vir a entender, da vida eterna? Se até para os adultos isso é tão difícil, mesmo para os mais instruídos, designadamente em ciências bíblicas e teológicas!

O título do catecismo é tirado de **Jo 6, 68**. Trata-se da resposta de Pedro, em nome dos restantes Apóstolos, ao discurso de Jesus acerca do verdadeiro Pão da Vida, por Ele proferido, na sequência do milagre da multiplicação dos pães (6, 1ss). Perante a sua afirmação: *Eu sou o pão vivo, o que desceu do Céu: se alguém comer deste pão, viverá eternamente; e o pão que hei-de dar é a minha carne, pela vida do mundo* (6, 51), perante tal reivindicação, antes e depois desenvolvida, os discípulos tomam duas posições opostas: muitos deles, escandalizados, *voltaram para trás e já não andavam com Ele* (6, 66); uma debandada de que os Doze não partilham. Dizem os primeiros: *Dura é esta palavra! Quem a pode escutar?* Os Doze, porém, respondem ao desafio de Jesus – *Também vós quereis ir embora?* – com a decisão e confissão de fé: *A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna. Por isso, nós cremos e (re)conhecemos que Tu és o Santo de Deus* (6, 67-69).

O que está em questão é, portanto, a incredulidade ou a fé. E esta última consiste em “crer” e “(re)conhecer”: “Crer”, no sentido de confiar-se, entregar-se totalmente a quem se dá a “conhecer”, como alguém que promete e garante aquela segurança e firmeza tão necessárias à vida, tantas vezes e de tantos modos, ameaçada, destruída.

É assim que o Catecismo da Igreja Católica (142-143) resume os dois movimentos – de Deus para o homem e deste para Deus – neste processo de adesão de fé:

– *“Pela sua revelação, «Deus invisível, na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos e convive com eles, para os convidar e admitir à comunhão com Ele» (DV 2). A resposta adequada a este convite é a fé.*

– *Pela fé, o homem submete completamente a Deus a inteligência e a vontade; com todo o seu ser, o homem dá assentimento a Deus revelador. A Sagrada Escritura chama «obediência da fé» a esta resposta do homem a Deus revelador.”*

Quer isto dizer que as palavras com que Deus se revela são já, nomeadamente em Jesus, seu Filho Unigénito, e no dizer deste, *espírito e vida* (Jo 6, 63). Isto é, transmitem o hálito vital (conforme o sentido etimológico e original do termo “espírito” – cf. Gn 2, 7), sem o qual não podemos viver. Uma transmissão não apenas ao intelecto, mas também, tantas vezes muito mais, à vontade e ao sentimento. Vejamos como isso acontece já ao nível da comunicação inter-humana, com o que se pode chamar:

2. Palavras de vida

Toda a comunicação verbal, escrita ou oral, tem a ver com a vida. Quando falo e/ou escuto, estabeleço aquela relação com outro(s), sem a qual não posso viver, como ser essencialmente social que sou. Nem que seja para transmitir uma simples notícia. Mesmo neste caso, dou algo de meu – do que (só eu) conheço – e que faz parte da minha vida. E a vida daqueles a quem a dou modifica-se com a notícia que transmito. E, por vezes, de que maneira!

É uma vitalidade das palavras que aumenta na medida da vitalidade e autoridade de quem as profere. Por exemplo, a sentença de um juiz, no exercício das suas funções, é sempre determinante para a vida da pessoa a quem ela se destina: para a sua liberdade ou perda dela, com todas as consequências vitais a ela associadas. E isto, com uma simples declaração de inocência ou culpabilidade!

Mas a autoridade e vitalidade daquele que fala não lhe vem apenas do poder, oficial e público, em que está instituído. Longe disso. Quantas pessoas há nessas funções, às quais se nega toda a credibilidade! E se é aceite o que dizem, é porque não há outro remédio. Obedecemos-lhes exteriormente por dever ou conveniência, mas no nosso íntimo não nos convencem. Que lhes falta então para que as suas palavras sejam verdadeiramente eficazes, geradoras de vida, a todos os níveis?

Reparemos nas pessoas que habitualmente escutamos de melhor grado e cujas palavras mais nos tocam e transformam. Variam, muitas vezes de acordo com as circunstâncias em que as escutamos. Na escola ou no ensino em geral, por exemplo, damos muito mais ouvidos a quem sabemos, por outros ou por experiência própria, ser verdadeiramente perito nos temas que transmite. Mas, mesmo nesses casos, a sua autoridade pode ser perturbada e até destruída, pelo modo como ensina e/ou trata aqueles a quem se dirige. Tentamos acolher o que nos diz. Mas, sem acolhermos quem o diz, até o que é dito nos custa aprender, mesmo que seja correcto e útil.

A comunicação só é perfeita, quando, de parte a parte, há simpatia, no sentido etimológico de capacidade comprovada para “padecer com”. Quando aquilo que ouvimos ou lemos é parte e expressão de uma sintonia de apreço e amor, recebido e retribuído, então sim: somos todo ouvidos e olhos e coração para quem nos fala ou escreve. E obedecemos-lhe, isto é, submetemo-nos, livremente e de bom gosto, ao que ouvimos e a quem ouvimos (conforme a origem latina de “obedecer” = *obaudire*). Submetemo-nos, porque, na prática, essa pessoa já se submeteu a nós, pelas palavras que nos diz e tantas outras manifestações de amor com que nos oferece a sua vida – para a nossa vida, que pode ir adquirindo dimensões de vida eterna, pelo menos com Deus e seu Filho Jesus Cristo cujas palavras são, por isso, verdadeiras...

3. Palavras de vida eterna

Escreve o Papa Bento XVI (em SS 12), depois de uma longa exposição sobre os limites da compreensão e linguagem humana, que a vida eterna “seria o instante de mergulhar no oceano do amor infinito, no qual o tempo – o antes e o depois – já não existe.” Eternizar este amor, que, embora apenas a conta-gotas, já podemos experimentar na vida terrena e nela nos oferece os momentos mais saborosos... alargá-los para lá de todos os limites do tempo e do espaço é o que, consciente ou inconscientemente, todos mais desejamos.

E Cristo, o que faz é abrir-nos o caminho para isso e oferecer-nos os meios e as energias para o percorrermos: o caminho de um amor ilimitado, por Ele percorrido desde a sua encarnação, como verdadeiro *pão descido do Céu* (Jo 6, 32-51), até à sua morte e ressurreição, em que deu totalmente *a sua carne pela vida do mundo* (6, 52-57), de tal modo que *quem come deste pão viverá eternamente* (6, 58).

Estas são, entre outras, as *palavras* que Pedro classifica *de vida eterna*, porque provenientes de quem tem a vitalidade e a autoridade comprovadas por um amor ilimitado, um amor à medida de Deus.

E é destas e outras Palavras de Cristo, *o Santo de Deus* (Jo 6, 69), que o catequista é chamado a ser transmissor em cada encontro da catequese. Terão os catequizandos capacidade suficiente para as compreender? Depende de muitos factores: entre eles, e talvez acima de tudo, do próprio catequista. Se são, como temos vindo a perceber, palavras a que se tem acesso apenas pela via da fé, uma fé que nasce do amor e conduz ao amor, então é óbvio que o catequista tem de ser e de se apresentar como um homem ou uma mulher de fé. Tem de poder exprimir às crianças, por palavras e acções, o que ele próprio vive e manifesta, nomeadamente, na dedicação com que se entrega a cada encontro de catequese e a cada catequizando que nela participa.

Neste contexto, poderão os catequizandos não perceber, racionalmente, todo o alcance significativo das palavras que ouvem ou lêem ou até que dizem designadamente as que formam o título desde catecismo. Mas experimentarão já o que elas significam: não apenas e nem tanto pela via do intelecto, como principalmente pelo coração, onde tantas vezes imperam razões que a razão desconhece, como quase sempre acontece no amor.

É um amor que pode implicar, para o catequista, sacrifícios, renúncias e capacidade para se expor a incompreensões e fracassos. Mas é exactamente nisso que este amor cresce e se fortalece ... até ganhar a dimensão de vida eterna, para o próprio e para quem dele usufruir: catequista e catequizandos.

OBJECTIVOS

- Tomar consciência de que, na catequese, é Cristo quem nos reúne com Deus e uns com os outros;
- Inserir os encontros da catequese na vida da Igreja, principalmente com a celebração da Eucaristia;
- Dispor-se a acolher, com fé, a Palavra de Deus na vida de cada um.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Sendo um dos objectivos principais desta segunda fase da catequese clarificar, aprofundar e fortalecer a fé e a prática cristã que as crianças já vão tendo, propõe-se, nestes primeiros encontros, que o catequista estabeleça uma ligação com temas dos anos anteriores:

- Pelo cântico proposto na Experiência Humana e conhecido desde o segundo ano;
- Pela saudação de teor litúrgico com que culmina essa mesma Experiência Humana e que é familiar às crianças, principalmente a partir da sua vivência da Eucaristia (3º ano);
- Pelo texto bíblico, proclamado e reflectido na Palavra e relacionado com a celebração eucarística (catequese 24 do 3º ano);
- Pelo Mapa da Vida Cristã, entregue às crianças no final do ano anterior, para nele registarem a sua caminhada cristã nas férias que antecederam este primeiro encontro.

2. Para que o uso desse Mapa tenha o efeito desejado, propõe-se que seja analisado, de preferência, um exemplar preenchido por uma das crianças do grupo. Se o grupo tiver um novo catequista, que este se informe, junto do catequista do ano anterior, sobre quais as crianças que oferecem mais garantias de terem preenchido esse Mapa e peça a uma delas que lho empreste para este encontro.

3. O tema da Palavra de Deus, oferecido principalmente pela Bíblia, será já introduzido neste primeiro encontro, de um modo que suscite ou aumente o interesse das crianças:

- Pela indicação, inclusivamente gestual, da importância da Bíblia, na Eucaristia e na Catequese;
- Pela forma das folhas (de um livro) e seu conteúdo, nas quais as crianças escrevem os seus nomes, durante a Experiência Humana;
- Pelas folhas, distribuídas às crianças, juntamente com os catecismos, com o título “A Palavra de Deus na minha vida”.

4. Com estas folhas, que se irão acumulando de encontro para encontro, pretende-se uma ligação entre todas as catequeses do ano e com o tema central: como a Bíblia é a Palavra de Deus que se foi formando a partir da vida do seu povo e para alimentar essa vida, assim a mesma Palavra deve tornar-se viva nas vidas de quem a escuta ou lê. Serão pedaços e expressões dessa vida que as crianças irão registando ao longo do ano, para formarem também elas um “livro” – o livro da Palavra de Deus nas suas vidas. Além das propostas que irão sendo feitas nos sucessivos encontros, cada catequista pode descobrir outras, conforme as crianças do seu grupo e a sua capacidade criativa. Sugere-se o uso específico de um portefólio, susceptível de receber invólucros de plástico, para que as folhas não se estraguem nem sujem. Além de contribuir para a conservação das folhas, pode servir também para guardar outros materiais, sobretudo em papel, que cada criança pode ir acumulando ao longo do ano.

MATERIAIS

- A Bíblia;
- Uma vela;
- Os catecismos de cada criança (se necessário, recolhidos pelo catequista antes de iniciar o encontro);
- Folhas em A5, com o título “A Palavra de Deus na minha vida”, escrito ao alto, uma para cada criança, e colocadas, sem elas o saberem, dentro dos seus catecismos¹;
- Invólucros de plástico A5, para neles se meter cada folha;
- 14 folhas, de cartolina fina e do tamanho de um quarto de A5, cada uma delas com uma das letras dos seguintes dísticos:
- Dísticos, com as letras recortadas: “REUNIDOS” (numa cor) “NO” (outra cor) “AMOR” (outra cor);
- Dístico “CRISTO”, com as letras do mesmo tamanho (ou maior) das dos dísticos anteriores e nas três cores desses mesmos dísticos;
- Canetas/ lápis para cada criança;
- (Se necessário) Duas folhas com o texto bíblico de Lc 24, 25-35, tendo assinalado cada parte a ler por cada criança/leitor: palavras de Jesus e palavras dos discípulos;
- Um Mapa da Vida Cristã, se possível de uma das crianças do grupo.

MÚSICAS

- “É bom estarmos juntos”;
- Gravação da mesma, se necessário;
- “Tu tens palavras de vida eterna”.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- O **placar** está vazio.

¹ Estas folhas serão da responsabilidade do catequista, que pode adquiri-las impressas, em blocos, ou imprimi-las através do site www.educris.com, entrando no botão da Catequese.

– Sobre a **mesa** está: ao centro, a Bíblia e uma vela, apagada; de um lado e do outro, os catecismos das crianças, dentro dos quais está uma folha A5 com o título (ao alto): “A Palavra de Deus está na minha vida”, cada uma dentro de um invólucro de plástico.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Depois do acolhimento personalizado das crianças (e dos adultos que as acompanhem), pelo(s) catequista(s), entram na sala em fila(s) e em silêncio, e sentam-se nos seus lugares.*

De seguida, o catequista, partindo do modo ordenado como as crianças entraram na sala e se acomodaram, apele, brevemente, para a sua responsabilidade na observação das regras de funcionamento do grupo (que deve recordar), no respeito pelo lugar e pelos colegas e na participação activa em cada encontro. Deve fazê-lo de um modo simpático, positivo e acolhedor, mesmo que se observe alguma, natural, agitação nas crianças.

Se as crianças e o(s) catequista(s) ainda se não conhecem, nomeadamente dos anos anteriores, faça-se uma breve apresentação, começando pelo(s) catequista(s): nome, profissão, lugar onde habita, situação familiar... As crianças, se forem muitas e/ou a sua disposição na sala impedir que todas se vejam facilmente, podem ir à frente, onde dizem o nome e, se parecer oportuno e não alongar, o lugar onde habitam.

O catequista, quer haja ou não apresentação, continue com estas palavras:

Que bom estarmos juntos!...

E se nós fôssemos dizer isso mesmo – a alegria por nos encontrarmos (de novo) – a cantar?

Pode ser com um **cântico** de que certamente ainda se lembram:

“É bom estarmos juntos” (1ª estrofe)

2. Estarmos juntos, como irmãos que sorriem, cantam e estão em Deus!...

Mas que fazer para estarmos juntos como irmãos?

Vamos tentar descobrir o que fazer na catequese, para sermos verdadeiros irmãos.

Para isso, vou distribuir por vós umas folhinhas, cada uma com uma letra.

*O catequista entregue às crianças **14 folhas** do tamanho de um quarto de A5, cada uma com uma das seguintes **letras** em três cores diferentes, conforme se indica:*

– **REUNIDOS** – numa cor;

– **NO** – noutra cor;

– **AMOR** – noutra cor.

Conforme o número dos membros do grupo, distribuam-se assim:

– Até 14 crianças: uma ou mais folhas por cada uma; se for mais do que uma folha, que sejam letras da mesma cor e palavra;

– Mais de 14 crianças: uma folha por uma ou duas crianças.

Depois explique o que têm de fazer:

A primeira coisa que cada um tem de fazer é escrever o seu nome na folha (ou numa das folhas) que vos calhou. Escrevam ao fundo e de modo que, depois, se possa ler.

Se o grupo tiver mais de 14 crianças, algumas terão, obviamente, de escrever numa mesma folha.

Depois de terminarem:

– Agora, os meninos ou meninas que têm letras da mesma cor, juntem-se (*pode indicar os lugares na sala*) e, em conjunto, tentem descobrir a ordem das letras, para formarem uma palavra.

Durante o trabalho de grupos, pode colocar-se, como música de fundo, a gravação do cântico:

“É bom estarmos juntos”.

3. Terminado o trabalho de grupos:

Vamos ver se todos acertaram na ordem das letras e o que as palavras, todas juntas, nos dizem para sermos – não se esqueçam - verdadeiros irmãos e para vivermos em Deus.

*O catequista chame, primeiro, pelas crianças com as **letras da palavra “REUNIDOS”**, dizendo a sua cor. As crianças vão à frente, colocam-se na ordem certa das letras, e mostram-nas às restantes. Depois de deixar contemplar, o catequista afixe-as (ou ajude a afixá-las) no placar, na disposição indicada no Documento 1, e comente, após as crianças voltarem para os seus lugares:*

Portanto, estamos aqui reunidos (*apontando o dístico*) como as letras de uma palavra: cada letra (ou algumas das letras) com um (ou dois) nome(s).

O que quererá isto dizer?...

Como acontece com as letras de uma palavra, separadas umas das outras, o mesmo se passa connosco: para sermos irmãos uns dos outros, temos de nos reunir, de vez em quando. Reunindo-nos é que podemos viver mais unidos. Reparem como “unidos” está na palavra “re-unidos”.

Mas que fazer para, nos nossos encontros e mesmo fora deles, vivermos realmente unidos, como irmãos?

Vamos às outras letras.

*Depois de chamar pelas crianças com as **letras das palavras “NO” e “AMOR”** e de, com elas, fazer como antes, o catequista conclua:*

Cá está!... É no amor que estamos reunidos e unidos.

Porque nos amamos uns aos outros, e para nos amarmos mais, é que vimos aqui.

E temos de vir todos! O/A (*nomes de todas as crianças ou parte delas, a partir das folhas no placar*). E, claro, eu (ou nós).

O(s) catequista(s) escreve(m) o seu nome numa das folhas, de preferência e se for o caso, numa que não tenha nome nenhum ou apenas um. Depois comente:

Reparem como o que acabámos de fazer já pode ser um gesto de amor...

Estou a lembrar-me de uma medalha que estava no catecismo do ano passado, com as palavras: “Sou capaz de amar”. É o que já estamos a fazer.

E sentimo-nos tão felizes! Eu sinto.

Então, para mostrar a felicidade, vamos também unir as nossas vozes, como as letras daquelas palavras, e cantar outra vez o mesmo **cântico**, mas agora batendo as palmas. Para sair certinho, comecemos primeiro pelas palmas, ao ritmo do **cântico**... E agora cantemos:

“É bom estarmos juntos” (*1ª e 2ª estrofes*)

4. Mas, não vos parece que falta, ali no placar, qualquer coisa. Olhem bem!... Quem é que nos reúne e nos une no amor?...

Depois de deixar que as crianças se expressem e sem comentar as suas respostas, o catequista afixe no placar, ao centro (conforme Documento 1), o dístico “CRISTO”

(com as letras nas três cores das restantes palavras), felicite as crianças que acertaram na resposta e pergunte:

Digam-me cá: Não há um lugar especial em que habitualmente dizemos estas palavras : “Reunidos no amor de Cristo”?...

Certíssimo: é no princípio da Missa. Depois de o Sr. Padre nos saudar, respondemos?... **“Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo”**.

Digamos todos outra vez, ao mesmo tempo (*repetir*).

Ora bem: como fazemos na Missa, também podemos fazer aqui. E hoje com maior razão: é a primeira vez, na catequese deste ano, que estamos reunidos no amor de Cristo.

Vamos fazer assim:

– Primeiro, cantamos “É bom estarmos juntos”, mas com gestos que mostrem ainda mais o que sentimos. Enquanto cantamos a estrofe, por exemplo: “É bom estarmos juntos, é bom sermos irmãos”, damos as mãos uns aos outros, em sinal do nosso amor. Quando cantarmos o refrão: “É bom sorrir”, é bom cantar, é bom estar em Deus”, batemos as palmas, em sinal da nossa alegria.

– Depois de duas estrofes, eu saúdo-vos, como na Missa, e vós respondeis como dissemos há pouco: “Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo”.

– De seguida cantamos mais uma estrofe do *cântico*, neste caso:

“É bom seguir Jesus”,

novamente, primeiro de mãos dadas, e a seguir, batendo as palmas.

Levantem-se... olhem para o placar, em silêncio...

E agora, de mãos dadas, cantemos o *cântico*:

“É bom estarmos juntos”... (1ª e 2ª estrofe)

Catequista:

A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam connosco.

Crianças:

Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

Todos - Cântico:

“É bom seguir Jesus”... (3ª estrofe)

II. PALAVRA

1. Depois de as crianças se sentarem:

Como estão a ver, há uma grande ligação entre a Missa e a catequese: nas duas nós encontramos-nos com Jesus. Mas qual das duas é mais importante?...

É claro que é a Missa. Mas porquê?...

Porque só na Missa podemos encontrar Jesus de um modo muito especial. Todos já sabem isso, uma vez que já fizeram a Primeira Comunhão. Ainda se lembram? Foi uma festa belíssima, inesquecível. Até porque continuamos a comungar e repetimos assim essa experiência. Portanto, se vir à catequese é muito importante e bonito, também não chega para nos encontrarmos com Cristo e com os outros cristãos.

Mas, por outro lado, se não viermos à catequese, não compreendemos bem o que se passa na Missa nem como devemos viver para sermos irmãos e amigos, onde quer que

nos encontremos. Não foi na catequese que, sobretudo no ano passado, aprenderam tanta coisa sobre a Missa?

2. A propósito: lembram-se de alguma história sobre Jesus que ouvimos numa catequese do ano passado e que nos mostra o que acontece na Missa: como ela decorre, quantas partes tem? Aquela história em que dois discípulos de Jesus, depois de Ele ter sido morto, se iam embora de Jerusalém, muito tristes...

O catequista deixe que as crianças reconstruam, por palavras suas, a cena de Lc 24, 13-35 e, conforme as suas respostas, continue:

De facto, os dois iam muito tristes, por tudo o que tinham feito a Jesus. E havia já três dias que Ele tinha sido morto. Pensavam que tudo tinha acabado.

Mas, quando Jesus ressuscitado se colocou a seu lado e eles, mesmo então, a vê-lo e a falar com Ele, não O reconheciam.

Vamos ouvir como é que Jesus se deu a conhecer.

Para isso, preciso de ajuda de dois de vós, para lerem comigo: eu leio a história, um de vós lê as palavras de Jesus e outro as palavras dos discípulos.

O catequista acenda a vela, pegue na Bíblia, em Lc 24, 25-35, convide para junto de si as duas crianças/leitores, uma para cada lado, entregue-lhes as folhas com o texto (assinalado com as partes que cada criança deve ler) e convide as restantes a porem-se de pé.

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Lucas:

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Catequista (narrador):

Então Jesus disse-lhes:

Criança (Jesus):

**Homens sem inteligência e lentos de espírito,
para acreditar em tudo o que os profetas anunciaram!
Não tinha o Messias de sofrer tudo isso para entrar na sua glória?**

Catequista (narrador):

**Depois, começando por Moisés e passando pelos Profetas,
explicou-lhes em todas as Escrituras (eleva um pouco a Bíblia)
o que lhe dizia respeito.**

**Ao chegarem perto da povoação para onde iam,
Jesus fez menção de ir para diante.**

Mas eles convenceram-n'O a ficar, dizendo:

Criança (discípulos):

**Fica connosco,
Porque o dia está a terminar
E vem caindo a noite.**

Catequista (narrador):

**Jesus entrou e ficou com eles.
E, quando se pôs à mesa,
tomou o pão, recitou a bênção,
partiu-o e entregou-lho.
Nesse momento abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-n'O.
Mas Ele desapareceu da sua presença.
Disseram então um para o outro:**

Criança (discípulos):

**Não ardia cá dentro o nosso coração,
quando Ele nos falava a caminho
e nos explicava as Escrituras?**

Catequista (narrador):

**Partiram imediatamente de regresso a Jerusalém
e encontraram reunidos os Onze
e os que estavam com Eles, que diziam:**

Criança (discípulos):

Na verdade, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão.

Catequista (narrador):

**E eles contaram o que tinha acontecido pelo caminho
e como O tinham reconhecido ao partir do pão.**

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

3. Depois de as crianças se sentarem, o catequista, mantendo a Bíblia nas mãos, comente:

É uma história muito bonita, não é?...

E repararam que nela encontramos muitas coisas parecidas com o que se passa connosco? Vamos ver se descobrimos algumas.

– Primeiro: Como é que aqueles dois discípulos recuperaram a alegria?...

Encontrando-se com Jesus.

Também hoje isso acontece com muita gente. Até connosco. Encontramo-nos com Jesus e sentimos uma grande alegria e muito mais coragem para sermos bons e fazermos os outros felizes.

Ainda há pouco, eu vi a alegria com que cantámos por nos encontrarmos de novo com Jesus e uns com os outros. E, de certeza, que isso se vai repetir em todos os encontros de catequese. Por isso, vale a pena virem sempre.

– Segundo: Também já vimos que só a catequese não chega. Como aqueles dois discípulos: de que modo é que Jesus se lhes deu a conhecer?...

Como na Missa, que tem duas partes.

Lembram-se de quais são e como lhes chamamos?...

Na primeira parte ouvimos a palavra de Deus. Como se chama esta parte?...

Liturgia da Palavra.

E se nela ouvirmos com atenção, também nos começa a arder o coração, como àqueles dois discípulos. É que na Bíblia é Deus e Jesus que nos falam.

E posso-vos dizer que vamos descobrir isso de um modo especial: iremos aprender muito, mesmo muito, deste livro maravilhoso (*o catequista mostre a Bíblia*). Portanto, neste caso, a nossa catequese vai ser ainda mais parecida com a primeira parte da Missa. Mas, para conhecer bem Jesus, para sentirmos o seu amor extraordinário, precisamos da segunda parte da Missa. Como se chama?...

Liturgia eucarística. Eucaristia é um outro nome que damos à Missa, não é? Que significa?...

“Acção de graças”. E é, dando graças a Deus, que Jesus se torna presente com o seu Corpo, entregue por nós, e o seu Sangue, derramado por nós. E nós podemos comungar este amor maravilhoso de Jesus. Para quê?

– Terceira coisa que encontramos nesta história que ouvimos da Bíblia: Que fizeram aqueles dois discípulos, logo depois de se encontrarem com Jesus?...

Voltaram imediatamente para Jerusalém, para darem aos outros a grande notícia do encontro com Jesus ressuscitado e conviverem com eles.

Como nós aqui na catequese. Sim, sim, é Jesus quem nos reúne. Reparem no placar: estamos reunidos no amor de Cristo. Para quê? Para aprendermos mais coisas dele e partilharmos a nossa alegria e o nosso amor. Quem experimenta o amor de Jesus, quer saber mais dele e sobre Ele. É o nosso caso. É ou não?

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Isto quer dizer que vós, durante as férias, continuastes se encontrar-vos com Jesus. Vamos ver como é que isso aconteceu.

*O catequista afixe no centro do placar um **Mapa da Vida Cristã**, distribuído pelas crianças no final do ano anterior. Pode ser, por ordem de preferência:*

– O Mapa preenchido por uma das crianças do grupo;

– O Mapa preenchido pelo catequista do ano anterior;

– Um Mapa por preencher.

Conforme a alternativa, adapte as seguintes palavras:

O que afixei eu no placar?...

Exacto: um Mapa da Vida Cristã, como aquele que cada um recebeu.

Sabem de quem é este?

Indicar, conforme a alternativa seguida. Se for o de uma criança do grupo, pode ser convidada para a frente para que seja ela a expor brevemente o que nele preencheu, com a ajuda do catequista, que deve referir-se também às outras crianças e ao que também elas fizeram:

- As Eucaristias em que participaram, e como elas nos levam às restantes actividades;
- A Oração, que devemos fazer todos os dias, sozinhos e em família e comunidade;
- A prática de boas Acções, como expressão do amor de Jesus em nós;
- A Confissão, para recebermos o perdão dos nossos pecados e a força para nos mantermos como cristãos.

O catequista (se for o caso, depois de mandar a criança para o seu lugar) louve as crianças pelo esforço que fizeram por se manterem assim unidas a Jesus e aos outros cristãos – o que permitiu terem uns Mapas tão bonitos – e conclua:

Sabem o que parece este mapa?... Olhem bem... Não é parecido com uma estrada? Saiu de uma igreja e volta para a mesma igreja, mas maior. Saiu da catequese do ano passado e volta para a catequese deste ano.

Quase como os dois discípulos, que iam de Jerusalém para Emaús. Mas, depois de se encontrarem com Jesus, voltaram para Jerusalém, para a Igreja, o grupo de cristãos que estavam lá reunidos... no amor de Cristo.

Assim acontece connosco: depois da longa viagem das férias – três meses – mas em que não deixámos de conviver com Jesus, aqui estamos...

O catequista retire do placar o Mapa da vida cristã e, apontando para os dísticos, continue:

Aqui estamos – digam todos:

“Reunidos no amor de Cristo”.

Que bom!

2. Para nos ajudar nestes encontros com Jesus e no intervalo de cada encontro, temos, mais uma vez, os catecismos.

Neles encontrarão muitas das palavras de Deus e de Jesus: palavras de vida eterna, como foram aquelas que Ele disse aos discípulos de Emaús e também a nós. Quanto bem elas lhes fizeram!

Por isso, antes de cada um receber o seu catecismo, vamos aprender um *cântico* em que dizemos isso a Jesus e a Deus:

“Tu tens palavras de vida eterna.”

Depois do ensaio, a *distribuição dos catecismos* pode ser feita do seguinte modo:

– As crianças levantam-se e cantam, voltadas para o placar e a Bíblia, o *cântico*:

“Tu tens palavras de vida eterna” (1ª e 2ª estrofes)

– Cada criança é chamada pelo catequista, pela ordem em que se encontra nas folhas afixadas no placar. Junto do catequista, este entrega a cada uma o catecismo, dizendo:

Catequista:

(Nome da criança), que o Senhor, pela sua Palavra, te conceda a vida eterna!

Criança:

Amen!

Se forem muitas as crianças e vários os catequistas, podem organizar-se tantas filas quantos os catequistas, que fazem também a entrega.

– No final, todas as crianças levantam os catecismos, sobre as mãos estendidas, e cantam o *cântico*:

“Tu tens palavras de vida eterna”(3ª e 4ª estrofes)

3. Compromisso

Possivelmente já repararam que, dentro do vosso catecismo, vai uma folha, dentro dum plástico...

Que está escrito nela?... Podemos ler todos ao mesmo tempo:
“A Palavra de Deus na minha vida”.

É uma folha muito importante que não se pode perder de maneira nenhuma. Por isso é que ela vai dentro de uma protecção: para não se estragar nem sujar.

Isso quer dizer também que vão receber mais folhas como essa, durante todo o ano. No fim, podem fazer um livro maravilhoso. Imaginem: um livro escrito por cada um de vós! Um livro escrito a partir do livro mais importante que temos: a Bíblia que é o livro da Palavra de Deus. Por isso nessa folha está escrito: “A Palavra de Deus na minha vida”.

Ao longo deste ano, iremos descobrindo como é que a Palavra de Deus, a partir da Bíblia, se pode manifestar na vida de cada um de nós. E em folhas, como essa, vão registando essa história da vossa descoberta da Palavra de Deus.

Vamos à primeira, essa que tendes já convosco. O que é que poderão escrever nela, até à próxima catequese?...

Tenho uma ideia. Olhem todos outra vez para o placar...

Já repararam que aquelas folhinhas com as letras das palavras “reunidos no amor de Cristo” também são parecidas com as folhas de um livro? E como nas letras estão os nossos nomes: estão reunidos, como folhas de um livro, em volta de Cristo.

A minha proposta é passar aquela ideia para a folha que receberam. Eu explico:

– Podem, em primeiro lugar, contar, escrevendo na vossa folha, como é que o vosso nome surgiu em volta do nome de Cristo e como isso tem a ver com a catequese.

– Podem, em segundo lugar, escrever na vossa folha o que sentiram então com o nome em volta de Cristo. Em vez de palavras, podem, se quiserem, registar o que sentiram, por exemplo, desenhando.

– Há uma terceira coisa que peço para fazerem: escrever o nome de uma outra pessoa que gostaríeis de ver junto do vosso, ali no placar, em volta de Jesus. E escrevam também porque escolheram essa pessoa... Pode ser uma pessoa de hoje, mas também do tempo de Jesus. Para isso, podem consultar o catecismo do ano passado.

Não se esquecem?... E tragam a folha para o próximo encontro.

Então, bom trabalho!

4. Para guardar na memória e no coração

“Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo”.

Nota:

Para que as crianças se habituem, desde este primeiro encontro, a realizar as tarefas que lhes são pedidas no compromisso, recomenda-se que o catequista as lembre disso, durante a semana, recorrendo aos meios ao seu alcance: o telefone ou telemóvel, o correio, nomeadamente electrónico, etc...

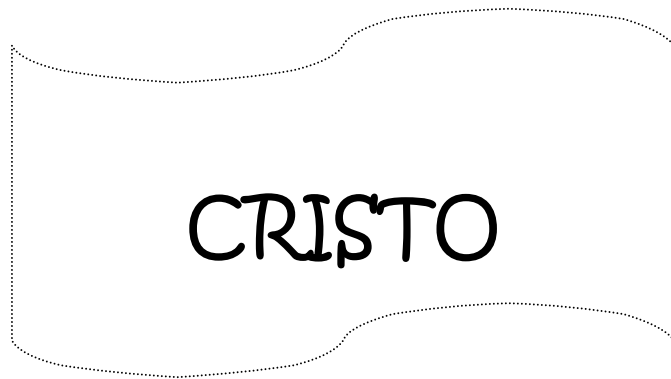
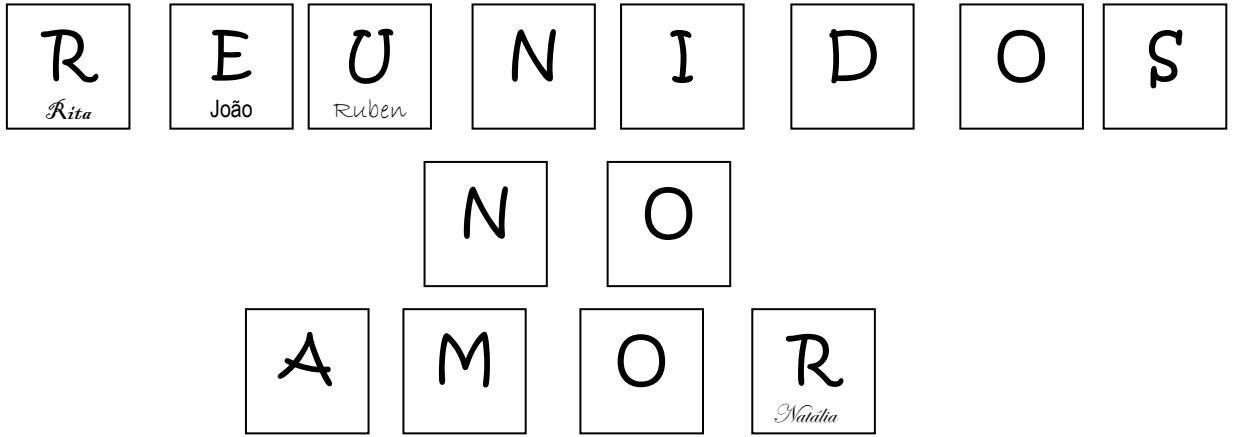
Tenha-se em conta que essas tarefas vão ser o ponto de partida no encontro seguinte.

Por tudo isso, na produção do livro de cada criança são de comprometer também os pais, aos quais se deve explicar o seu significado.

E, no fim do ano, tornar-se-á, certamente, um motivo de orgulho para as crianças, os catequistas e as famílias.

DOCUMENTO 1

Painel a construir no decurso desta catequese:



Catequese 2

“SEREIS MINHAS TESTEMUNHAS”

(Act 1, 8)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Mártires

Mártires são – na acepção hoje mais comum na nossa língua – por exemplo, os catequistas que tanto têm de suportar e sofrer, na realização da sua missão: além do tempo e do esforço que têm de despender na preparação séria de cada encontro catequético, são, tantas vezes, confrontados com a irrequietude e a falta de interesse dos catequizandos, o alheamento dos responsáveis pela sua educação, o pouco ou nulo apoio das suas comunidades cristãs e seus dirigentes...

Mas, será, só e fundamentalmente, por isso que são – e bem – considerados mártires?

Em sentido mais propriamente teológico e eclesiológico, chama-se mártir ao cristão que sofreu a morte para testemunhar a verdade das suas convicções de fé. “O martírio é o supremo testemunho dado em favor da verdade da fé; designa o testemunho que vai até à morte. O mártir dá testemunho de Cristo, morto e ressuscitado, ao qual está unido pela caridade. Dá testemunho da verdade da fé e da doutrina cristã. Suporta a morte como um acto de fortaleza. «Deixai-me ser pasto de feras, pelas quais poderei chegar à posse de Deus» (S. Inácio de Antioquia)” (CIC 2473).

Repare-se quantas vezes, nesta breve descrição do martírio, aparece a palavra “testemunho”. É nela que está o significado original do termo “mártir” e seus derivados, provenientes da língua grega – um significado primariamente jurídico: diz-se da pessoa que, sobretudo em tribunal, afirma ter visto, ouvido ou conhecido alguém ou alguma coisa que está a ser objecto de julgamento. Do seu depoimento pode depender a sentença que vier a ser proferida.

É primariamente neste mesmo sentido que Jesus, em Ap 1, 5; 3, 14, é chamado *Testemunha fiel*: uma testemunha sobre Deus, que só Ele conhece na sua máxima profundidade; um conhecimento que só Ele – qual *palavra* que, desde o *princípio* (isto é, desde a eternidade) *estava em Deus e encarnou entre nós* (Jo 1, 1.14) – transmite na sua existência terrena (Jo 1, 8); uma palavra de amor (3,16), que tem a sua expressão mais viva na hora derradeira dessa existência – a da crucifixão a que foi condenado pelo tribunal romano (18, 28-19,30). Por ter levado assim o seu amor até ao fim, por isso Ele é, por excelência, a testemunha fiel de Deus, inesgotável no seu amor.

E é por este amor que Ele – após ter vencido para sempre, pela morte e ressurreição, a mentira e o pecado – conquista, pela fé, os seus discípulos: os de então e os de todos os tempos. Cristãos que, também eles, encarnam na sua vida a mensagem que transmitem. É a eles que Ele, antes de subir ao Céu, diz:

2. “Sereis minhas testemunhas”

Estas palavras, transmitidas em **Act 1, 8**, são proferidas por Jesus ressuscitado, durante uma refeição com os Onze Apóstolos (Judas Iscariotes só será substituído mais tarde, Act 1, 15-26) e imediatamente antes de ser elevado ao Céu (Act 1, 4-11).

É uma cena que S. Lucas (o autor dos Actos dos Apóstolos) já havia descrito no seu Evangelho: Lc 24, 36-53. Aí, na sequência directa da aparição aos discípulos de Emaús (24, 13-35).

Estavam eles ainda a contar *o que lhes tinha sucedido pelo caminho e como Jesus se lhes dera a conhecer, ao partir o pão*, quando *Jesus se apresentou no meio deles, dizendo-lhes: «A paz esteja convosco!»* (vv. 35-36).

Perante o espanto e o medo dos discípulos, que julgavam tratar-se de um espírito, Jesus mostra-lhes as mãos e os pés, os mesmos que haviam sido cravados na cruz. Não podia haver margem para dúvidas: *Um espírito não tem carne nem ossos, como verificais que Eu tenho* – diz-lhes Jesus (v. 39). E tão importante era esta identidade do Ressuscitado com o Crucificado, que Jesus chega ao ponto de comer diante deles. Só na certeza disso, os discípulos estavam em condições de compreender e aceitar o que Jesus lhes ia dizer a seguir. Eram então, e são para nós hoje, palavras fundamentais.

Antes de mais porque desfazem, de vez, as dúvidas acerca da condição messiânica de Jesus. Dúvidas provenientes da sua crucificação: um crucificado era considerado um amaldiçoado por Deus (cf. Gal 3, 13, com base em Dt 21, 22-23). Mas, como poderia Ele, nessa condição, ter ressuscitado dos mortos e tornar-se, para sempre, o Ungido ou Messias do Senhor, com os poderes divinos que isso lhe conferia?

A resposta tinha de vir do mesmo Deus. Por isso Jesus lhes abriu, então, o entendimento para compreenderem as Escrituras, isto é, o Livro da Palavra de Deus (até então o Antigo Testamento). E disse-lhes: *Assim está escrito que o Messias havia de sofrer e ressuscitar de entre os mortos, ao terceiro dia* (vv. 45-46). O Deus que, na história passada do seu povo, havia, por exemplo, glorificado o seu Servo (uma figura profética, referida em Is 52,13-53,12), também Ele ignominiosa e injustamente assassinado, foi o mesmo Deus a quem Jesus se entregou totalmente na sua morte (Lc 23, 46) e agora, pela ressurreição, o constituiu *Senhor dos mortos e dos vivos* (Rm 14, 9). E para quê?

Para ser anunciada, em seu nome, a conversão e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém – acrescenta Jesus (Lc 24, 47). A conversão é a resposta humana à oferta do perdão, obtido por Jesus, ao morrer *pelos nossos pecados, segundo as Escrituras* (1Cor 15, 3). Um perdão extensivo a toda a humanidade. Daí o seu anúncio *a todas as nações*.

E é de tudo isto – anúncio do Evangelho e conseqüente apelo à conversão, em todo o mundo – que os discípulos são constituídos testemunhas, encarnando na sua vida o conteúdo do seu testemunho.

Sabemos hoje como eles realizaram essa missão e com que resultados, porque também tudo isso:

3. “Está escrito”...

Neste caso, é na segunda parte da Bíblia, a que chamamos Novo Testamento, e que se foi formando a partir do referido anúncio ou testemunho. Os Actos dos Apóstolos descrevem como o testemunho dos Doze, depois da descida do Espírito Santo (Act 2, 13s) – que, no dizer de Jesus, *foi prometido por meu Pai* (Lc 24, 49) – se foi estendendo desde *Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra* (Act, 1, 8). Da resposta da fé a esse Evangelho foram nascendo, por toda a parte, comunidades crentes que, para assim se manterem e crescerem, iam recebendo dos Apóstolos e outros mensageiros, a necessária catequese, umas vezes oralmente, outras por escrito.

Dos 27 livros do Novo Testamento, os primeiros a serem redigidos foram algumas das cartas de S. Paulo, a partir dos anos 50, a começar pela primeira aos Tessalonicenses. Vieram depois os quatro Evangelhos, escritos numa altura em que as principais

testemunhas oculares já tinham morrido e para que o seu testemunho se não perdesse ou fosse mal interpretado.

Todo o Novo Testamento é, portanto, um dos frutos mais ricos e fecundos do testemunho apostólico, na maior parte dos casos consolidado e confirmado pelo martírio, no sentido exposto atrás, de oferta sangrenta da própria vida. Sofrimentos que, no dizer de Paulo aos cristãos de Colossos, *suporto por vós e com os quais completo o que falta às tribulações de Cristo, na minha carne, pelo seu Corpo, que é a Igreja* (Col 1, 24). Por isso a sua mensagem era tão bem aceita: além de ser ouvida ou lida, era vista ao vivo naqueles que a transmitiam.

O mesmo se diga do catequista, nomeadamente a propósito do método a seguir na catequese: “O carisma que lhe é dado pelo Espírito, uma sólida espiritualidade e um transparente testemunho de vida, constituem a alma de todo e qualquer método e só as qualidades humanas e cristãs do catequista garantem o bom uso dos textos e dos outros instrumentos de trabalho” (DGC 156). Qualidades que têm a sua raiz profunda em Cristo, que o chama e envia, através da sua Igreja e como sua testemunha.

OBJECTIVOS

- Descobrir como Cristo ressuscitado enviou os discípulos com a missão de anunciarem o Evangelho;
- Acolher as palavras de Cristo, pelo louvor;
- Dispor-se a acolher o testemunho de Cristo e a colaborar nele.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese, até pelo texto bíblico nela transmitido, é a continuação da anterior: reunidos no amor de Cristo, os discípulos são enviados como mensageiros da Boa Nova da sua morte e ressurreição. Daí que, na Experiência Humana, aos nomes das crianças e catequistas, se juntem aos nomes de outras pessoas, especialmente ligadas às crianças. O relevo dado aos Apóstolos justifica-se pelo seu lugar único e incontornável na transmissão da Boa Nova de que nasceram a Igreja e os livros do Novo Testamento.

2. Dada a importância das palavras de envio, proferidas por Jesus, sugere-se que elas sejam (re)lidas pelas crianças, a partir dos dísticos que, sucessivamente, vão sendo afixados no placar. Pela mesma razão, são depois rezadas, na Expressão de Fé. Mas então, com o crucifixo introduzido solenemente, para estabelecer a ligação entre as condições de testemunhas, por parte dos discípulos, e o conteúdo do seu testemunho.

3. Para que as crianças se sintam conquistadas por este testemunho, acolhendo-o e colaborando nele, propõe-se que se façam transmissoras da experiência vivida nesta catequese, especialmente junto de alguém a quem se sintam ligadas, por razões cristãs. Insista-se para que registem a realização deste compromisso em mais uma folha com “A palavra de Deus na minha vida”. Será dela que se vai partir para a próxima catequese, sobre a vinda do Espírito Santo.

MATERIAIS

- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, devidamente preenchidas e trazidas pelas crianças, a partir da catequese anterior;
- Dísticos “REUNIDOS NO AMOR de CRISTO”, com os nomes das crianças e catequista(s) (catequese anterior);
- Canetas/esferográficas;
- Marcadores (para sublinhar);

- Dísticos: “O Messias sofreu e ressuscitou dos mortos”; “Arrependimento e perdão dos pecados”; “Em todas as nações”; “Testemunhas”; e “O prometido por meu Pai” (ver Documento 1).
- Um crucifixo de um tamanho que, no placar, estabeleça a ligação entre os dísticos anteriores (ver Documento 1);
- Folhas com o texto: “Disse Jesus: Está escrito que o Messias havia de sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia”; “Disse Jesus que havia de ser pregado em seu nome o arrependimento e o perdão dos pecados”; “Disse Jesus que deviam levar a Boa Nova a todas as nações”; “Disse Jesus aos discípulos: Vós sois testemunhas disso”; “Disse Jesus: Eu vos enviarei Aquele que foi prometido por meu Pai”.
- Duas velas;
- Bíblia;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, uma para cada criança.

MÚSICAS

- “Tu tens palavras de vida eterna”.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

No **placar**: estão afixados os mesmos dísticos e na mesma ordem do final da catequese anterior (ver Documento 1 dessa catequese).

Na **mesa**: a Bíblia e uma vela, apagada.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista pegue na sua própria folha com “A Palavra de Deus na minha vida”, mostre-a às crianças e pergunte-lhes:*

Então, também trouxeram a vossa folha com “A Palavra de Deus na minha vida”?...

E fizeram os três trabalhos que vos pedi?...

Se nenhuma ou muito poucas crianças realizaram as tarefas sugeridas, o catequista pode repetir as duas primeiras e dar algum tempo (breve) para que as crianças escrevam as respostas nas suas folhas.

Num caso ou no outro, prossiga:

Primeiro: quem escreveu como é que o seu nome está ali no placar, (*apontar*) em volta do nome de Cristo?

Para uma criança que tenha realizado a tarefa pedida:

Lê lá tu (*nome*) o que escreveste na tua folha?

Depois de a criança ler, o catequista pode pedir o mesmo a outra, comparando e completando as respostas. E conclua:

Muito bem. Como as letras daquelas palavras, estamos todos... Leiam comigo:

“Reunidos no amor de Cristo”.

Agora, digam lá o que sentem por estarmos assim, no placar e aqui na sala, reunidos no amor de Cristo. Quem escreveu?

Depois das respostas de algumas crianças, o catequista pergunte:

Além de nós, que mais pessoas vimos, nessa catequese, reunidas no amor de Cristo?

Exacto: aqueles dois discípulos de Jesus que, depois de Ele ter sido morto em Jerusalém, voltavam tristes para a sua terra. Como se chamava essa terra?...

E quando chegaram a Emaús, ainda iam tristes?...
Então o que é que tinha acontecido pelo caminho?...
Exacto, tiveram uma bela catequese com Jesus.
E de que livro se serviu Jesus para os ensinar sobre tudo o que tinha sucedido com Ele até à sua morte e ressurreição?
Da Bíblia! Como nós fazemos aqui na catequese.
E em que outro lugar importante é que ouvimos a Palavra de Deus na Bíblia?...
Na igreja, sobretudo durante a Missa.
E que mais faz Jesus na Missa, como fez com aqueles dois discípulos?...
Dá-nos o seu Corpo entregue na cruz por nós, na comunhão.
Foi assim que esses dois reconheceram finalmente Jesus.
E então sim: com o amor de Jesus, pelo dom do seu Corpo, ficaram muito, muitíssimo felizes.
Como nós, na Missa e aqui. Foi o que vós tão bem escrevestes nas vossas folhas.
O catequista pode mencionar alguns dos sentimentos antes expressos pelas crianças e, depois, convidar à oração:

E se nós fôssemos manifestar esta nossa alegria com aquele **cântico** que aprendemos? Aquele em que dizemos a Jesus: “Tu tens palavras de vida eterna”.
Depois de pedir a uma criança para acender a vela, junto da Bíblia, continue:
De pé... Olhemos primeiro para o nome de Cristo... e para a Bíblia em que Ele nos fala... E cantemos:

“Tu tens palavras de vida eterna” (1ª e 2ª estrofes)

2. Após as crianças se sentarem:

Ainda se lembram do que fizeram aqueles dois discípulos de Emaús, depois de reconhecerem Jesus?...
Voltaram logo para Jerusalém, para levarem a feliz Boa Nova aos outros discípulos.
E o que terá acontecido depois? Iremos ver daqui a pouco. Posso dizer-vos que foi algo de muito importante.

Mas, antes disso, falta falar do terceiro trabalho que vos pedi: escolherem uma pessoa cujo nome gostam de ver naquela mesma folhinha onde está o nome de cada um de nós, em volta do nome de Cristo.

Então, vamos a isso. Pode ser uma pessoa de hoje ou do tempo de Jesus.

O catequista distribua as folhas do placar pelas mesmas crianças que nelas escreveram os nomes.

*Depois de todas escreverem, entregam-nas pela mesma ordem das letras “**Reunidos no Amor**”. À medida que as vão entregando e antes de voltar a serem afixadas, cada criança diga, muito brevemente, a razão que a levou a escolher a pessoa indicada.*

No final, o(s) catequista(s) faça(m) o mesmo, escrevendo o nome de um dos Apóstolos de Jesus. Depois, comente:

Que belo! Além de nós, tantas pessoas em volta de Cristo: reunidas, connosco, no seu amor.

Quer dizer que são pessoas que, como nós, conhecem Jesus ou querem conhecer ou já conheceram. Muitas delas até nos falaram dele. Sem elas, talvez nós não O conhecêssemos.

Sim, sim: se não fossem algumas daquelas pessoas, que guardaram a história de Jesus, ela podia ter-se perdido e nós, hoje, não conheceríamos Jesus.

Por exemplo, sem (*nome dos Apóstolos já indicados*) hoje nada saberíamos como foi a vida de Jesus nem todas as coisas extraordinárias que Ele ensinou. Quer dizer que, de todas as pessoas que indicámos, são elas as mais importantes. Por isso, acho que os seus nomes merecem ser sublinhados.

*O catequista pode **sublinhar**, com uma cor viva, os nomes dos onze Apóstolos e, depois, juntar os que faltam, distribuindo-os por outras folhas com as letras do dístico: Pedro, João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago (filho de Alfeu), Simão e Judas (filho de Tiago) (Act 1, 13).*

Escreva também os nomes dos discípulos de Emaús: Cléofas e o companheiro de Cléofas (Lc 24, 18).

Se as crianças descobrirem que falta um dos Doze, explique que Judas Iscariotes já não andava com os outros, por ter traído Jesus; e o seu substituto, Matias, só foi escolhido mais tarde (Act 1, 15-26).

No final convide as crianças à oração:

Sabem o que estou a pensar? – Cantarmos outra vez o cântico “**Tu tens palavras de vida eterna**”. Agora a pensar em todas as pessoas cujos nomes escrevemos nas folhinhas. É por causa do que Jesus lhes disse – e vai dizer a nós – que os nomes estão lá. Portanto, também aquelas pessoas podem dizer a Jesus: “Tu tens palavras de vida eterna”.

Então cantemos, ainda com mais alegria:

“Tu tens palavras de vida eterna” (3ª estrofe)

II. PALAVRA

1. Lembram-se de há pouco vos ter perguntado o que terá acontecido àqueles dois discípulos, depois de eles terem voltado para junto dos Onze Apóstolos que estavam em Jerusalém?

Pois bem, é isso que agora vamos descobrir. Foi algo de extraordinário e muito, muito importante para os dois discípulos, para os Onze e para nós, juntamente com todas as pessoas que têm o nome escrito no placar: pessoas que nos acompanham.

Que terá então sucedido?

O catequista pegue na Bíblia, aberta em Lc 24, 36-53, e exponha, por palavras suas, a primeira parte do texto (vv. 36-43):

Imaginem: ainda os dois discípulos de Emaús estavam a contar aos outros amigos como Jesus ressuscitado lhes tinha aparecido, ainda eles estavam nisto, quando aparece Jesus no meio deles e os saúda, dizendo-lhes: “A paz esteja convosco”.

Que grande surpresa! Tão grande, que eles nem queriam acreditar. Pensavam que era um fantasma, uma espécie de sombra: algo que, ainda por cima, mete medo.

E que fez Jesus, para acabar com aquela surpresa, aquele susto?

Começou por lhes mostrar as mãos e os pés. Porquê as mãos e os pés? – Porque tinha sido nas suas mãos e nos seus pés que O tinham pregado na cruz. Portanto, aquela pessoa era Jesus, não era outra qualquer. Era o mesmo que três dias antes tinha sido crucificado e, na cruz, dera a vida por todos, mostrando assim quanto Ele os ama.

Mas, mesmo assim, eles ainda não queriam acreditar: estar com Jesus parecia uma alegria grande de mais para ser verdade.

Por isso Jesus, para eles terem a certeza de que não era outra pessoa ou uma sombra dele, ainda foi mais longe:

Perguntou-lhes se tinham alguma coisa para comer. Eles deram-lhe um pedaço de peixe. Um fantasma não come, pois não?

E então sim, depois de Jesus comer, já não havia dúvidas: era Ele mesmo – Jesus, bem vivo no meio deles.

E depois de se acalmarem – olhem, era quase como nós aqui, a ouvir esta história – então, sim: estavam já preparados para ouvirem o que Jesus lhes tinha para dizer. A eles e, através deles, a nós.

E o que Jesus lhes disse – e nos diz – foi, de novo, a partir da Bíblia (*o catequista levante-a*).

São palavras muito, muito importantes. Não só por virem de Jesus e, para mais, depois de Ele morrer e ressuscitar, mas também porque têm a ver com o que os discípulos de Jesus, até nós hoje, devem fazer.

Por isso, para as ouvirmos com a máxima atenção, convido um de vós a pegar na vela acesa e a colocar-se aqui, junto de mim...

E agora, de pé, ouçam bem...

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Lucas:

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Catequista (Lc 24, 46-49):

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:

«Está escrito

que o Messias havia de sofrer

e de ressuscitar dos mortos ao terceiro dia

e que havia de ser pregado em seu nome

o arrependimento e o perdão dos pecados

a todas as nações, começando por Jerusalém.

Vós sois testemunhas disso.

Eu vos enviarei

Aquele que foi prometido por meu Pai.

Por isso, permaneci na cidade,

até que sejais revestidos com a força do alto».

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

2. Depois de pousadas a Bíblia e a vela e as crianças se sentarem:

Então, ouviram bem?

Olhem, foram tantas as coisas que Jesus disse e tão importantes, que eu pensei: o melhor é escrevê-las numas folhas, para não mais nos esquecermos delas.

Eu vou distribuí-las por alguns de vós que vêm aqui à frente e, todos juntos, as mostram aos outros.

O catequista entregue a cinco crianças os seguintes dísticos:

“O Messias sofreu e ressuscitou dos mortos”; “Arrependimento e perdão dos pecados”; “Em todas as nações”; “Testemunhas”; “O prometido por meu Pai”.

Se o grupo for muito pequeno, pode entregar à mesma criança dois dísticos ou afixá-los todos no placar, mas fora da sua ordem no texto bíblico.

Depois de as crianças contemplarem os dísticos, diga-lhes:

Como vêm, não são todas as palavras de Jesus. Mas são as suficientes para nos lembrarem as restantes.

Vejam lá se conseguem lembrar-se das primeiras que Jesus disse. Olhem bem...

Se as crianças não conseguirem, o catequista pode voltar a ler o princípio do texto bíblico: “Está escrito que o Messias havia de sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia”. Depois comente:

Lembram-se do que significa “**Messias**”?

Exacto: é o “ungido” com o azeite que transmite a força de Deus. É o mesmo que...

Olhem para o centro do placar. Que está lá escrito?... – Cristo.

Cristo, Messias e Ungido é o mesmo, só que dito por palavras diferentes.

E Cristo ou Messias foi o título dado a Jesus.

Desde quando? Olhem para o dístico...

Desde que Ele sofreu e ressuscitou dos mortos.

Foi no sofrimento, que o levou à morte na cruz, foi então que Ele mais mostrou quanto nos ama: tanto, que deu toda a sua vida por nós. E, por dar assim a vida, é que Ele venceu a morte e ressuscitou. E hoje, está vivo junto de Deus e também connosco, para nos dar a força e a alegria do seu amor. Já sabemos como isto é um pouco complicado, mas nós entendemos com o coração.

Pois bem: este acontecimento da morte e ressurreição de Jesus, foi a coisa mais maravilhosa que sucedeu na terra, não acham? Vencer a morte!

Foi isto que Jesus começou por dizer aos discípulos de então e a nós hoje: que assim, na sua morte e ressurreição, Ele se tornou o Messias, o Ungido com a força de Deus, para sempre.

Então, eu proponho que afixemos estas palavras no placar, junto dos nomes de Cristo e das pessoas que o escutam.

A criança que tem o dístico “O Messias sofreu e ressuscitou” (ou o catequista) afixe-o ao meio e do lado esquerdo dos restantes dísticos já afixados no placar (ver Documento 1). Depois, convide a criança que o tinha a voltar para o seu lugar e prossiga:

E que disse Jesus, a seguir?

Se as crianças tiverem dificuldade em descobrir, o catequista pode ler o texto bíblico: “Está escrito que o Messias havia de sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia e que havia de ser pregado em seu nome o arrependimento e o perdão dos pecados”.

Depois comente:

Estão a ver, à morte e ressurreição de Jesus segue-se...

Exacto: o “**Arrependimento e perdão dos pecados**”.

É isto que os discípulos devem anunciar: que Jesus morreu por todos e ressuscitou e que as pessoas que escutam esta notícia maravilhosa devem arrepender-se das suas maldades e seus pecados, para que estes lhes sejam perdoados: é o “arrependimento e o

perdão dos pecados”. Só assim, mudando de vida, para ser bom e fazer o bem, é que se pode participar do amor de Jesus, manifestado na sua morte e ressurreição.

Então, vamos afixar também estas palavras, mas do outro lado.

Faça-se com o dístico “Arrependimento e perdão dos pecados”, como com o anterior, mas agora afixado ao meio e do lado direito do placar (ver Documento 1).

E que disse Jesus, a seguir? Onde é que os discípulos devem anunciar que Ele morreu por todos e que ressuscitou, para o arrependimento e o perdão dos pecados?

Exacto: “**Em todas as nações**”. Se Ele deu a vida por todos, então todos devem conhecer e experimentar o seu amor, para mudarem de vida e serem capazes de amar.

Vamos então afixar estas palavras.

Proceda-se com o dístico “Em todas as nações” como com os dísticos anteriores, mas afixando-o ao fundo do placar (ver Documento 1).

Agora digam-me: ao levar a Boa Nova a todas as nações o que é que os discípulos estão a fazer?...

A contar o que viram e ouviram, dando testemunho de tudo. Assim, os discípulos são “**Testemunhas**”. Quer dizer, estão a anunciar o que eles próprios viram e ouviram de Jesus o que Jesus fez também por eles. Assim é que se é uma testemunha.

Vamos, por isso, afixar esta palavra no alto do placar.

Faça-se com o dístico “Testemunhas” como com os anteriores, mas afixando este na parte superior do placar. Depois, o catequista comente:

Está bonito o nosso placar, não está? – Nós, e os discípulos, envolvidos pelas palavras de Jesus!

Mas ainda faltam as palavras “**O prometido por meu Pai**”. O que significará? Já sabemos que o Pai de Jesus é Deus. Mas o que é que Deus terá prometido?

Ainda não sabemos, porque na altura em que Jesus disse estas palavras, Deus ainda não tinha cumprido esta promessa.

Querem saber o que foi?... Veremos na próxima catequese. Vai ser uma bela surpresa.

Até lá, vamos afixar estas últimas palavras:

Afixe-se o dístico “O prometido por meu Pai” ao fundo do placar, por baixo do dístico “Em todas as nações”.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Que belas palavras Jesus acaba de nos dizer. Sem elas e aquilo que os discípulos depois fizeram, nós hoje não conheceríamos Jesus e o seu grande amor.

Portanto, podemos dizer que são palavras de vida eterna, isto é, de uma vida cheia de felicidade e de alegria, como a que já começámos a receber de Jesus.

De certeza que estão com a vontade de cantar a Jesus o **cântico “Tu tens palavras de vida eterna”**.

Para ser mais bonito, vamos fazer assim: primeiro vou distribuir por alguns de vós uma folha com as palavras de Jesus. Depois cantaremos o **cântico**, antes de as lerem e a seguir à leitura de cada um de vós.

Depois de distribuir por cinco criança as folhas com o texto de Lc 24, 46-50, o catequista diga:

Olhem: antes da leitura, vamos ter uma surpresa que nos ajuda ainda mais a cantar este **cântico**, louvando Jesus pelas suas palavras. Para isso, ponham-se de pé e voltemo-nos todos para a porta da nossa sala.

Pela porta da sala, entram duas crianças (ou catequistas) em cortejo: uma com uma vela acesa e a outra com o crucifixo. Chegadas à frente das outras, a que tem a vela coloque-a sobre a mesa, do outro lado da Bíblia; a que leva o crucifixo entregue-o ao catequista que o pendura no meio do placar, de modo a estabelecer uma ligação entre os dísticos.

Se não for possível o cortejo, pode tudo ser feito à frente das crianças; a que transporta a vela e a que tem o crucifixo colocam-se diante das outras, para que contemplem o crucifixo por uns breves momentos.

Depois de afixado, o catequista diga:

Agora sim, com a imagem de Jesus na cruz, a apontar para todas as palavras que acaba de nos dizer, podemos cantar, voltados para Ele, o **cântico**:

“Tu tens Palavras de vida eterna” (3ª estrofe).

– 1ª criança/leitor:

Disse Jesus: Está escrito que o Messias havia de sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia.

– *Cântico: “Tu tens Palavras da vida eterna” (só o refrão).*

– 2ª criança/leitor:

Disse Jesus que havia de ser pregado em seu nome o arrependimento e o perdão dos pecados.

– *Cântico: “Tu tens palavras de vida eterna” (só o refrão).*

– 3ª crianças/leitor:

Disse Jesus que deviam levar a Boa Nova a todas as nações.

– *Cântico: “Tu tens palavras de vida eterna” (só o refrão).*

– 4ª criança/leitor:

Disse Jesus aos discípulos: “Vós sois testemunhas disso”.

– *Cântico: “Tu tens palavras de vida eterna” (só o refrão).*

– 5ª criança/leitor:

Disse Jesus: Eu vos enviarei Aquele que foi prometido por meu Pai.

– *Cântico: “Tu tens palavras de vida eterna” (4ª estrofe).*

Se o tempo for pouco, podem juntar-se as preces 1 e 2 e as 3 e 4, isto é, cantar-se o cântico só depois das preces 2ª, 4ª e 5ª.

2. Depois de as crianças se sentarem:

Ainda falta saber o que aconteceu depois de Jesus dizer estas palavras tão importantes. Será que Ele ficou com os discípulos? Olhem, aconteceu o seguinte:

O catequista leia Lc 24, 50-53 ou exponha o seu conteúdo por palavras suas:

Depois Jesus levou os discípulos até junto de Betânia e, erguendo as mãos, abençoou-os. Enquanto os abençoava,

**afastou-se deles e foi elevado ao Céu.
Eles prostraram-se diante de Jesus
e, depois, voltaram para Jerusalém com grande alegria.
E estavam continuamente no templo, bendizendo a Deus.**

Portanto, Jesus deixou de estar visível junto dos discípulos, porque subiu, para sempre, para junto de Deus. Chamamos a esta subida a **ascensão de Jesus**.

Mas, ao mesmo tempo que Ele subia, abençoava os discípulos. Por isso, eles não ficaram tristes. Confiaram nas palavras de Jesus e esperavam por Aquele que tinha sido prometido por seu Pai.

Quem será esse que Deus Pai tinha prometido?

Vamos ficar a pensar nisso até à próxima catequese e, para vos ajudar, podem folhear o vosso catecismo do ano passado. Lá, encontrarão a resposta...

3. Compromisso

Para isso, proponho-vos que façam o seguinte, até à próxima catequese:

Primeiro, façam como os discípulos.

Repararam que eles depois da ascensão de Jesus, foram para o templo, isto é, para a casa de oração mais importante que havia naquele tempo. E, aí, rezavam a Deus, bendizendo-O todos os dias. Assim se preparavam para receber o que Deus tinha prometido para eles, para que eles pudessem levar a Boa Nova de Jesus a todas as nações.

Pois bem: também nós somos convidados a preparar-nos para recebermos o que Deus nos prometeu. E a preparar-nos do mesmo modo: rezando todos os dias; e, pelo menos uma vez, indo à igreja, à Eucaristia do Domingo. É sobretudo lá que podemos louvar a Deus.

Além de rezamos, a partir das palavras de Jesus que vêm no catecismo, proponho-vos o seguinte:

Vão ter com aquela pessoa, cujo nome está no placar junto do nome de cada um de vós, e contem-lhe por que razão colocaram lá o nome dela. Depois, contem-lhe também o que Jesus hoje nos disse. Podem servir-se do catecismo. No fim, registem em mais uma folha com “A palavra de Deus na minha vida” como é que essa pessoa se sentiu com as vossas palavras e as palavras de Jesus.

Se não puderem ir ter com essa pessoa, porque está longe ou já não está viva, vão ter com uma outra pessoa com quem já tenham falado de Jesus. Contem-lhe o mesmo: o que Jesus hoje nos disse. E registem também na folha, com “A palavra de Deus na minha vida”, o que essa pessoa sentiu.

E não se esqueçam de trazer a vossa folha, preenchida, para a próxima catequese. Com ela, compreenderemos melhor o que foi que Deus prometeu enviar aos discípulos de Jesus, depois de Ele subir ao Céu.

4. Despedida

Depois de distribuir as folhas em “A Palavra de Deus na minha vida”, o catequista conclua:

Lembram-se do que fazia Jesus aos discípulos, enquanto subiu ao Céu?...

Abençoava-os.

Vamos também nós pedir a bênção de Deus, de pé:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

**Abençoe-nos Deus todo-poderoso (*benzendo-se*)
Pai, Filho e Espírito Santo.**

Crianças:

Amen.

Catequista:

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Crianças:

Graças a Deus.

5. Para guardar na memória e no coração:

“Está escrito

que o Messias havia de sofrer

e de ressuscitar dos mortos ao terceiro dia

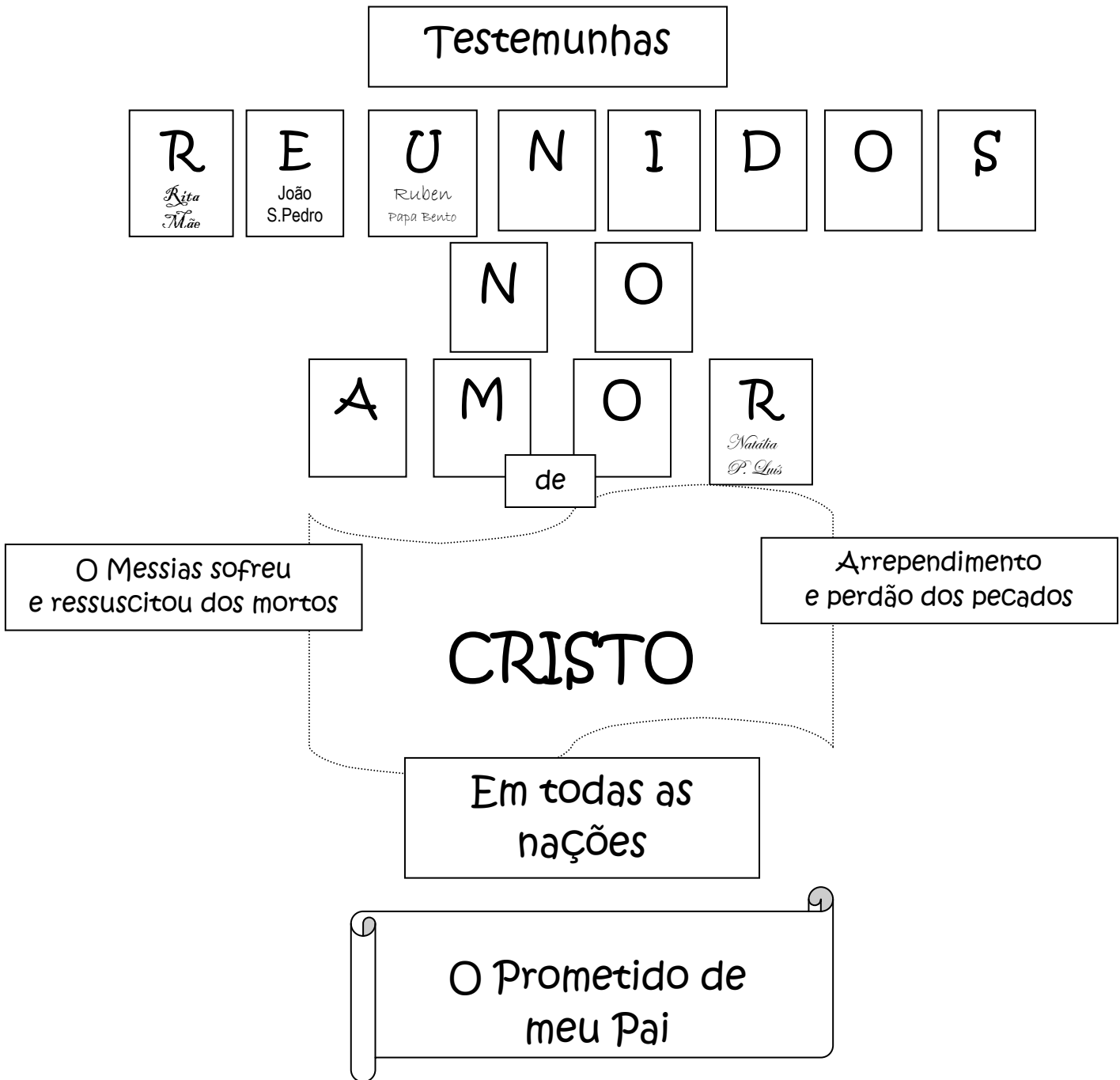
e que havia de ser pregado em seu nome

o arrependimento e o perdão dos pecados”.

(Lc 24, 46-47)

DOCUMENTO 1

Painel a construir no decurso desta catequese:



Catequese 3

“FICARAM CHEIOS DO ESPÍRITO SANTO” (Act 2, 4)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O espírito

Neste caso está escrito em letra minúscula. É que este termo – antes e para além de ser aplicado à terceira pessoa da Santíssima Trindade – em sentido próprio e original, significa simplesmente o ar que respiramos, inspirando-o e expirando-o continuamente, num ritmo vital e vivificante. Sem ele, será “um ar que nos dá” – uma expressão indicativa de um acidente e das suas consequências. Geralmente é atribuída a um golpe de ar, mas que resulta na definitiva perda do ar e da vida que dele depende.

Mas, nem só de ar vive o homem. De entre as suas variadíssimas e complexas fontes de vida, intervém em **Act 2, 1-4**, além de *uma forte rajada de vento* (à letra, *um violento sopro que passa*), *uma língua, como de fogo*. O fogo, mesmo quando é usado mais para iluminar, nunca deixa de aquecer. Duas funções, geradoras de vida – veja-se o que entre nós se passa na primavera com o sol a brilhar mais tempo – a que se junta uma terceira, esta de efeito ambivalente: as suas chamas, sobretudo incontroladas, destroem e devastam; mas também é com elas que, por exemplo, os metais, mesmo os mais duros, se deixam purificar e moldar. E talvez seja por tudo isso que o fogo é associado à língua: fala-se em língua de fogo, devido principalmente à forma das chamas. Mas, porque não falar também do fogo da língua?

Tanto o grego *glossa* como o latim (e português) *língua* há muito deixaram de se aplicar ao órgão muscular – situado na boca e na faringe, responsável pelo paladar e auxiliar na mastigação e na deglutição – para exprimir também o que o ser humano produz com o seu contributo: sons articulados em palavras e frases, quase imprescindíveis para a comunicação interpessoal.

E nisso a língua tem um enorme poder criador, semelhante ao do fogo, como se escreve, por exemplo, em Tg 3, 5-6: *A língua é um pequeno membro e gloria-se de grandes coisas. Vede como um pequeno fogo pode incendiar uma grande floresta! Assim também a língua é fogo, é um mundo de iniquidade; entre os nossos membros é ela que contamina todo o corpo e, inflamada pelo Inferno, incendeia o curso da nossa existência*. Mas, acrescenta o mesmo autor, também *com ela bendizemos quem é Senhor e Pai* (3, 9).

Tudo depende de quem a usa: *A morte e a vida estão à mercê da língua; os que a amam comerão dos seus frutos* (Pr 18, 21) – sobretudo se esse amor vem do fogo e do hálito daquele a quem chamamos:

2. O Espírito Santo

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, “Espírito Santo” já não é um simples símbolo, mas “o nome próprio d’Aquele que adoramos e glorificamos com o Pai e o Filho.” É verdade que “Espírito e Santo são atributos divinos comuns às três Pessoas divinas. Mas, juntando os dois termos, a Escritura, a Liturgia e a linguagem teológica designam

a Pessoa inefável do Espírito Santo, sem equívoco possível com outros empregos dos termos «espírito» e «santo»” (CIC 691).

Aliás, já S. Lucas, no citado texto de Act 2, 1-4, tem o cuidado de, ao apresentar os referidos símbolos do Espírito Santo, os fazer proceder do comparativo “como”. Quando lidamos com as realidades divinas, toda a linguagem humana é limitada. Daí o necessário recurso à simbologia: partimos de realidades experimentáveis – tanto mais, quanto mais são imprescindíveis para a nossa vida – para, através delas, “subirmos” para Aquele que, possuindo a vida em plenitude, a oferece a quem a Ele se confia.

É nesta relação de complementaridade entre o natural e o sobrenatural que se situa, também, o ar ou espírito, já em Gn 2, 7: depois de formar o ser humano (em hebraico, o *ádam*) do pó da terra (em hebraico, *adamá*), Deus insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o ser humano tornou-se num ser vivo. Proveniente de Deus, este sopro não pode ser apenas o hálito que mantém a nossa vida natural. A prova disso é que o ser humano, se rompe com Deus, desobedecendo às suas ordens, ficará sujeito à morte (Gn 2, 17), nomeadamente nas relações inter-humanas e com a natureza (Gn 3, 1ss).

E a sua vida, só em comunhão com o Criador, (re)adquire um sentido e uma energia que até pode transcender as suas capacidades naturais. De entre os inúmeros textos do AT que a isso se referem, podemos destacar o de Is 11, 1-2 acerca do futuro Messias, proveniente *do rebento do trono de Jessé*, o pai do grande rei ou ungido que foi David: *sobre ele repousará o Espírito do Senhor: espírito de sabedoria e de entendimento, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência e de temor do Senhor*. Toda uma série de dons do Espírito divino que capacitam este Messias, a quem é dado o significativo nome de Emanuel (Deus conosco), para um governo do povo que leva a uma paz que só em Deus é possível.

Para nós, cristãos, um sonho que começou a tornar-se realidade com Jesus de Nazaré, o *Deus conosco* (Mt 1, 23), no Reino de Deus por Ele anunciado e iniciado: também Ele ungido e movido pelo *Espírito do Senhor*, conforme nos é apresentado por S. Lucas, no início da sua vida pública, com a intervenção na sinagoga de Nazaré em que aplicou a si a profecia de Is 61, 1-2 como programa da sua actividade messiânica (Lc 4, 16ss).

A esta cena corresponde a de Act 2, 1ss: o mesmo Jesus Cristo, agora constituído definitivamente por Deus *Senhor e Messias* pela sua morte e ressurreição gloriosa (2, 36), foi Ele quem, no dizer de S. Pedro, *tendo sido elevado pelo poder de Deus, recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou-o, como vedes e ouvis* (2, 33). Também aqui, como realização de uma profecia do AT (Joel 3, 1-5) e como arranque da actividade missionária dos Apóstolos e outros mensageiros que a eles se vão agregando. É deles, ou melhor, do Espírito Santo que passa a habitar neles e a actuar por meio deles, que nasce a Igreja, também ela animada pelo mesmo Espírito.

3. O Espírito Santo na Igreja

O Pentecostes era, originariamente, uma festa agrícola. Celebrava-se nela a última colheita de cereais, sete semanas, que o mesmo é dizer, no “quingagésimo” (em grego, *pentecostes*) dia depois da primeira – a dos pães ázimos que, a partir do séc VI a.C., passou a estar ligada à da Páscoa, esta de origem pastoril.

Como todas as restantes festas, celebradas ao ritmo cíclico da natureza, também o Pentecostes adquiriu em Israel um cunho histórico-salvífico. Possivelmente, já no princípio da era cristã comemorava-se nela a aliança entre Deus e o seu povo, realizada através de Moisés no Monte Sinai (Ex 19-24). No seu centro estava a oferta da Lei de Deus de que faz parte o Decálogo e que, segundo uma tradição judaica, tinha sido proclamada nas línguas dos 70 povos do mundo, número indicativo do seu valor

universal. De facto, sobretudo os mandamentos do Decálogo são aplicáveis a qualquer sociedade organizada.

Ora se foi nesta festa que o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos, foi certamente por duas razões, ambas presentes em Act 2, 1ss:

1. Com Ele deu-se início a uma nova e decisiva fase da história do povo de Deus, a partir de agora constituído pela Igreja, fundada na nova e eterna aliança que Deus realizou em toda a humanidade pela morte e ressurreição de seu Filho, Jesus Cristo.

2. Consequentemente, da Igreja passaram a poder fazer parte, não apenas os judeus, mas qualquer pessoa que viesse a acreditar em Jesus Cristo e fosse baptizada em seu nome.

A animar e unir os crentes estava o mesmo Espírito que tão solenemente descera sobre os Apóstolos. Era Ele – o Espírito de Deus, possuído de um modo único por Cristo ressuscitado – que permitia aos Apóstolos serem entendidos em todas as línguas (Act 2, 5-12). E é Ele que leva os crentes a serem *assíduos ao ensino dos Apóstolos, à Comunhão Fraternal, à fracção do pão e às orações* (2, 42).

Por isso, “a Igreja, comunhão viva na fé dos Apóstolos, é o lugar do nosso conhecimento do Espírito Santo:

- Nas Escrituras, que Ele inspirou;
- Na tradição, de que os Padres da Igreja são testemunhas sempre actuais;
- No Magistério da Igreja, que Ele assiste;
- Na liturgia sacramental através das suas palavras e das seus símbolos, em que o Espírito Santo nos põe em comunhão com Cristo;
- Na oração, em que Ele intercede por nós;
- Nos carismas e ministérios, pelos quais a Igreja é edificada;
- Nos sinais de vida apostólica e missionária;
- No testemunho dos santos, nos quais Ele manifesta a sua santidade e continua a obra da salvação” (CIC 688).

E é a esta Igreja que pertence o catequista de hoje, também ele animado pelo fogo do Espírito, para entender a Palavra que lê e se fazer entender, quando a proclama.

OBJECTIVOS

- Abrir-se aos dons do Espírito Santo, designadamente através da Palavra de Deus;
- Compreender como o anúncio do Evangelho se deve à acção do Espírito Santo, enviado por Cristo glorioso;
- Confiar-se ao poder vivificante do Espírito Santo, nomeadamente através da oração.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese é o complemento imprescindível da anterior: os Apóstolos só podem pregar o Evangelho com a energia e a luz do Espírito Santo, enviado por Cristo elevado ao Céu.

Para que as crianças escutem com a maior atenção o texto bíblico relativo a esse acontecimento do Pentecostes, procure-se suscitar e aumentar a sua curiosidade e o seu interesse, sobretudo durante a Experiência Humana, a partir do dístico proveniente da catequese anterior, das folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, escritas por elas, e do *cântico*:

“Tu tens Palavras de vida eterna”.

2. A Palavra, dada a sua densidade e extensão, é transmitida de modo faseado: só depois de se compreender o significado dos dois símbolos do Espírito (o vento e as línguas de fogo), se passa à acção do Espírito, primeiro em todos os Apóstolos e a seguir, na pregação de Pedro. Este crescimento é apoiado pelo número e pela luz das velas: a 2ª

leitura é acompanhada por uma vela, a 3ª por duas. Além disso, a 3ª leitura é feita de modo dialogado.

3. Em todo este processo, procure-se que as crianças sejam mais do que simples ouvintes ou espectadores. Afinal também elas, como cristãos, já vivem da acção do Espírito Santo, nomeadamente nas actividades da catequese e, principalmente, desde o seu Baptismo. A consciência disso facilitar-lhes-á a oração que são convidadas a fazer, sobretudo na Expressão de Fé e no tempo até a próxima catequese que, deste modo, já começa a ser preparada, e de um modo vivencial. Faça-se tudo para que todas as crianças realizem o que lhes é proposto como compromisso, já que disso depende a próxima catequese. O catequista lembre-se que as crianças já são relativamente crescidas e devem crescer, ainda mais, em responsabilidade.

4. Dada a extensão, a densidade e a importância desta **catequese**, aconselha-se, vivamente, que seja dada **em duas sessões**:

- *A primeira, para a Experiência Humana* e metade da Palavra (n. 1 e 2): leitura e explicação de Act 2, 1-4 e 2,5-8.12b. Pode terminar com uma invocação do Espírito Santo, através do cântico “Desça sobre nós, Senhor” e a oração “Vinde Espírito Santo”, ambos propostos na Experiência de Fé (n. 3 – compromisso).

- *A segunda, para o resto da Palavra* (Act 2, 14-17a.22-23.32.33.36-38.41) e a Expressão de Fé. Para a ligação entre as duas sessões, mantenham-se, na mesa e no placar, os mesmos materiais (incluindo as folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças e catequistas) e faça-se, no início da segunda sessão, uma revisão (dialogada) do tema das leituras bíblicas, feitas na primeira, juntamente com as questões: “Quem enviou aos Apóstolos o Espírito Santo, como Prometido pelo Pai?” e “Que maravilhas proclamavam eles, com a força do Espírito Santo?”

Se, devido a estas duas sessões, for necessário deixar uma catequese, que seja uma das que estão propostas para o Advento (8ª ou 9ª).

No caso de se ter que optar por **uma só sessão**, em vez da leitura bíblica proposta no nº 4 da Palavra, o catequista exponha o seu conteúdo por palavras próprias; da Expressão de Fé, utilize apenas o que está exposto nos n. 2 e 3.

MATERIAIS

– Dísticos: “REUNIDOS NO AMOR”; “CRISTO”; “O PROMETIDO POR MEU PAI” (catequese anteriores);

– Dísticos: “ESPÍRITO SANTO”, na mesma forma e tamanho do dístico “CRISTO”;

– Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, escritas pelas crianças (e catequistas) desde a última catequese;

– Uma folha com o texto de Act 2, 14-17a.22-23.32-33.36-38.41, devidamente assinalado, para ser lido por uma criança (ver Palavra – no desenvolvimento da catequese);

– Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, uma para cada criança; lápis e/ ou outro material para desenhar e pintar, para cada criança;

– Três velas;

– A Bíblia;

– Catecismo do 3º ano (“Queremos seguir Jesus”).

MÚSICAS

– “Tu tens palavras de vida eterna”.

– “Enviai sobre nós Senhor”.

– Gravação deste último cântico, se necessária.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**: os mesmos dísticos e na mesma ordem do final da primeira catequese (ver Documento 1 dessa catequese) e o dístico da catequese anterior “O Prometido por meu Pai”, ao alto.
- Sobre a **mesa**: a Bíblia e três velas, apagadas.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Já repararam no placar?...

Que está lá escrito ao alto?... Leiam todos comigo: “**O Prometido por meu Pai**”.

Quem disse estas palavras?...

E quando é que Jesus as disse?...

Exacto: depois de ressuscitar e quando apareceu a todos os seus discípulos, reunidos em Jerusalém. Eles nem queriam acreditar que era Jesus. E que fez Ele para os convencer?...

Mostrou-lhes as mãos e os pés que tinham sido pregados na cruz. E depois até comeu diante deles.

Depois disso é que lhes disse as palavras que estão no placar.

Mas Ele não disse só aquilo. Que disse Ele antes?...

Que Ele era o Messias. E a prova disso é que tinha sido morto e ressuscitado, como manifestação do seu amor.

E que mais disse Ele?...

Que os discípulos, além dessa Boa Nova, deviam também convidar as pessoas a converter-se ao amor de Jesus: arrepender-se dos seus pecados, para lhes serem perdoados.

Era disto que os discípulos deviam ser?...

E testemunhas onde?... Em todas as nações.

Se as crianças responderam bem:

Formidável! Estiveram mesmo atentos. Quer dizer que gostaram das Palavras de Jesus.

Vamos dizer isso a Jesus: que as suas palavras são de vida eterna.

Cantemos o **cântico**:

“Tu tens Palavras de vida eterna” (4ª estrofe)

2. Só falta sabermos o que significam as palavras que deixei no placar: “O Prometido por meu Pai”. Por ainda não sabermos o seu significado, é que elas estão lá.

E é algo de muito importante: sem esse Prometido por Deus, o Pai de Jesus, os discípulos não seriam capazes de realizar as outras coisas que Jesus lhes mandou: ser testemunhas da sua morte e ressurreição, para que as pessoas de todo o mundo se convertam e lhes sejam perdoados os pecados.

Comecemos por ver se fizeram as tarefas que vos pedi na última catequese. Lembra-se?

Primeiro era... rezar, como fizeram os discípulos, depois de Jesus se ter elevado ao Céu, para junto de Deus. Que fizeram eles, como preparação para receber o Prometido pelo Pai?...

Iam ao templo, todos os dias, para aí rezar.

E vós? Também rezastes todos os dias?... E quem foi à Igreja, no Domingo, para louvar o Senhor na Eucaristia?... Muito bem. Rezando, estamos, também nós, muito mais bem preparados para recebermos o Prometido pelo Pai de Jesus.

E, para nos prepararmos ainda melhor, que mais vos pedi para fazerem?...

Foram ter com essa pessoa que tem ali o nome junto do vosso (*apontar para o placar*) ou de uma outra pessoa que vos tenha falado de Jesus? Quem foi e escreveu na folha “A Palavra de Deus na minha vida”, pode mostrá-la.

O catequista verifique o respectivo registo nas folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças. Se, pelo seu elevado número, não puder observar todas as folhas, recolha-as e leia-as em casa, mostrando assim que se trata de uma tarefa importante. Além disso, poderá deste modo conhecer melhor as crianças.

1ª Alternativa

Para o caso de haver crianças que realizaram a tarefa referida:

O catequista peça a uma delas:

Conta lá, (*nome*), como foi...

E escreveste o que essa pessoa (*nome*) sentiu?...

E tu, que sentiste tu com o que fizeste?...

O catequista pode interrogar ainda outras crianças e/ ou perguntar às restantes se têm alguma coisa a acrescentar.

2ª Alternativa

Para o caso de nenhuma criança ter realizado a tarefa:

O catequista mostre a sua tristeza por não terem feito nada e incentive-as a serem mais fiéis ao que prometem, para seu próprio bem: a alegria e felicidade por acolherem o amor de Jesus e dele serem testemunhas.

Depois pegue na sua própria folha e descreva, muito brevemente, como se sente por ser fiel ao amor de Jesus, nomeadamente na catequese, onde, semana a semana, dá testemunho dele.

3. Para as duas alternativas:

O catequista afixe no placar, de um lado e do outro do dístico, algumas das folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças (ou pelo catequista) e comente:

Se calhar estão admirados por eu afixar estas nossas folhas com as nossas respostas, isto é, a Palavra de Deus nas nossas vidas, ali junto dos nossos nomes em volta de Jesus.

Sabem por que o fiz?

É que eu estava a ouvir-vos (ou a contar-vos) e estava a pensar numa coisa:

Será que aquilo que fizeram (ou fiz) tem a ver com o que Jesus disse, incluindo as palavras que ficaram escritas no placar? O que fizestes e sentistes, vós e as pessoas com quem falastes, terá vindo daquele de quem Jesus fala, como “o Prometido por meu Pai”?

Talvez alguns de vós digam: “ainda não sabemos ao certo quem é esse Prometido pelo Pai de Jesus e nosso Pai”.

É verdade. Neste caso, é mais uma pergunta a que teremos de responder. Além de descobirmos quem é que o Pai de Jesus prometeu, iremos também descobrir se é esse Prometido pelo Pai que nos leva a fazer as nossas tarefas de catequese e outras, como cristãos.

Por isso é que as folhas de alguns de nós estão ali no placar, junto com os nossos nomes, em volta do nome de Jesus.

Quer dizer que temos de estar com muito mais atenção ao que iremos ouvir.

Para isso, isto é, para estarmos muito atentos às palavras que irão ser lidas, proponho que rezemos outra vez a Jesus ressuscitado, com o *cântico* que cantámos há pouco.

Mas agora cantemos de pé e com as nossas mãos estendidas para Jesus...

“Tu tens palavras de vida eterna” (4ª estrofe)

II. PALAVRA

1. *Após as crianças se sentarem, o catequista pegue na Bíblia em Act 2, 1-4, peça a uma delas para acender as três velas que estão sobre essa mesa e, antes de ler, explique:*

Três velas hoje! Por que será?...

Olhem: também as velas têm a ver com o Prometido do Pai de Jesus. Se não, ouçam com muita atenção.

Catequista:

Leitura dos Actos dos Apóstolos:

**Quando chegou o dia do Pentecostes,
os Apóstolos estavam todos reunidos no mesmo lugar.
Subitamente, fez-se ouvir, vindo do Céu,
um rumor semelhante a forte rajada de vento,
que encheu toda a casa onde se encontravam.
Viram então aparecer uma espécie de línguas de fogo,
que se iam dividindo,
e poisou uma sobre cada um deles.
Todos ficaram cheios do Espírito Santo
e começaram a falar outras línguas,
conforme o Espírito lhes concedia que se exprimissem.**

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

O catequista coloque a Bíblia (aberta na mesma passagem) no seu lugar e, em silêncio, afixe o dístico “ESPÍRITO SANTO” no centro do placar, a cobrir o dístico “CRISTO”. Deixe contemplar e comente:

Cá está! O Prometido pelo Pai de Jesus é?... Digam todos:

O Espírito Santo!

Foi Ele que desceu sobre os Apóstolos, durante a festa que se chama Pentecostes, que quer dizer 50. Chama-se assim, porque se celebrava 50 dias depois da festa da Páscoa, isto é, neste caso, 50 dias depois de Jesus morrer e ressuscitar.

Ainda hoje, celebramos esta festa. E é especialmente nela que podemos receber o Espírito Santo – o Prometido por Deus, Pai de Jesus e nosso Pai.

Mas, porque será que Jesus lhe chama o Prometido pelo Pai? É uma pergunta que iremos fazer daqui a pouco, e imaginem: a S. Pedro, o chefe dos Apóstolos.

Antes disso, vamos tentar perceber bem tudo o que nesse dia aconteceu com eles. Isso ajuda-nos a compreender melhor quem é o Espírito Santo e o que Ele também faz em nós.

2. O catequista volte a pegar na Bíblia, aberta no mesmo lugar – Act 2, 1-4 – e diga:

Vejam bem como é que Ele, o Espírito Santo, apareceu aos Apóstolos, como se manifestou naquele dia de Pentecostes.

Lembram-se de qual foi a primeira coisa que apareceu?

O catequista, depois de ouvir as crianças, volte a ler Act 2, 1-2:

**Quando chegou o dia de Pentecostes,
os Apóstolos estavam todos reunidos no mesmo lugar.
Subitamente fez-se ouvir, vindo do Céu,
um rumor semelhante a forte rajada de vento,
que encheu toda a casa onde se encontravam.**

“Um rumor semelhante a forte rajada de **vento!**”

Porquê semelhante a uma rajada de vento?

Sabem o que é o vento?...

Exacto: é o ar em grande velocidade. Quanto mais vento, mais ar... E ar mais puro.

E para que precisamos nós de ar?...

Para viver. Desde que nascemos e continuamente. Sem ar, e ar puro, morremos.

Reparem como cada um de nós está sempre a respirar. Querem senti-lo melhor? Então, façamos silêncio, e cada um procure sentir como respira... Para dentro e para fora...

Depois de um breve silêncio:

Que belo! A ouvir a nossa respiração! E como nos sentimos bem, respirando! Para vivermos!

Agora, percebemos melhor a razão pela qual o Espírito Santo veio de modo semelhante a forte rajada de vento: como não podemos viver sem o ar que respiramos, precisamos do Espírito Santo para vivermos melhor, isto é, de um modo que nos faça fortes e felizes; e faça felizes todos os outros com quem convivemos.

E de que mais precisamos para isso: para termos força, coragem para vivermos e fazermos os outros felizes?

Isto é, depois daquele rumor, como vento, que apareceu ainda?...

Depois de as crianças se exprimirem, o catequista volte a ler de Act 2, 3:

**Viram então aparecer uma espécie de línguas de fogo,
que se iam dividindo,
e poisou uma sobre cada um deles.**

Comecemos pelo **fogo**:

Porque será que o Espírito Santo é como o fogo?

Olhem para as velas a arder...

Que faz o fogo?...

Primeiro ilumina. Se fechássemos a(s) janela(s) e/ou apagássemos as luzes, bastava a luz daquelas velas, para podermos ver

Se houver condições para isso, o catequista pode fazê-lo, ficando sob a iluminação das velas até concluir a seguinte explicação do significado do fogo:

É a luz que nos orienta, nos permite ver os outros...

E também aquece. Sobretudo no inverno, todos gostamos de estar à beira de uma fogueira, perto da lareira. Se não, com muito, muito frio, que nos pode acontecer?... Ficamos doentes, até em perigo de vida!

Portanto, como precisamos de luz e calor para vivermos, precisamos do Espírito Santo para vermos melhor os outros, ver por onde andar... E para nos aquecermos uns aos outros... Como?

Amando-nos. Gostamos ou não de estar com quem nos ama, e até abraçar-nos, bem apertadinhos? Sentir o calor dessa pessoa e ela receber o nosso: o calor do nosso amor...

E que mais fazemos, quando nos encontramos e temos em nós a força, a luz e o calor do Espírito Santo?

Que forma tinha aquele fogo sobre cada um dos Apóstolos?...

A forma de **línguas!**

Porquê e para quê?... Para que serve a nossa língua?

Que estou eu a fazer agora?

A falar. Até se diz também de quem está a falar que está a... dar à língua.

Sem língua, não seríamos capazes de falar: as palavras não poderiam ser articuladas, o som ficava todo baralhado...

Ora experimentem dizer, devagarinho e sem gritar, as palavras “Espírito Santo”!...

Agora, reparem quantas letras de “Espírito Santo” dizemos com a ajuda da língua. Contem lá...

É o S, o R e o T: o S e o T, duas vezes.

Pois é, ao todo, são cerca de metade das consoantes do nosso alfabeto que são pronunciadas com a ajuda da língua.

Portanto, usamos a língua para falar.

E, se algumas pessoas não se falam é porque não são amigas.

Porque os amigos falam uns com os outros, comunicam-se, ficam contentes por estar a conversar. Não é isso que vós fazeis em casa e uns com os outros? Às vezes até tenho de vos mandar calar!

E olhem o que até acontece com pessoas de outras línguas que não conhecemos... Acontece que nos conseguimos entender com elas. Se gostamos mesmo delas, acabamos até por aprender muito mais depressa as suas línguas e elas a nossa. As pessoas que se amam, arranjam sempre maneira de se ouvirem e entenderem.

Pois bem, foi precisamente isso que aconteceu com os Apóstolos, logo depois de receberem o fogo do Espírito Santo, o seu amor.

Foi o que eu vos li há pouco. Ora ouçam:

O catequista volta a ler de Act 2, 4:

Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito Santo lhe concedia que se exprimissem.

Estão admirados!... Não é para menos. O que o Espírito Santo, em nós, pode fazer!...

Mas será que as outras pessoas entendiam mesmo o que os Apóstolos diziam? E que diziam eles?...

Querem ouvir?

3. *O catequista peça a uma criança que pegue numa das velas e se coloque junto dele. Depois, leia de Act 2, 5-8.11b:*

Catequista:

**Residiam em Jerusalém judeus piedosos,
procedentes de todas as nações que há debaixo do céu.**

**Ao ouvir aquele ruído,
a multidão reuniu-se e ficou muito admirada,
pois cada qual ouvia falar na sua própria língua.**

Atónitos e maravilhados, diziam:

«Não são todos galileus, os que estão a falar?

Então, como é que os ouve cada um de nós

falar na sua própria língua?

Ouvimo-los proclamar nas nossas línguas

as maravilhas de Deus».

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

Mantendo a criança com a vela junto de si, o catequista comente:

Que bonito! Até vós, mal eu acabei de ler, falastes.

E que dissestes, como resposta à Palavra do Senhor?...

“Graças a Deus!”

Quase como aquelas pessoas que ouviam os Apóstolos, falar, cheios do Espírito Santo: estavam todos espantados e maravilhados.

Enquanto os Apóstolos, como judeus, falavam o aramaico – a língua da sua terra – as pessoas entendiam-nos nas suas próprias línguas.

E era gente – repararam – proveniente de todas as nações da terra.

E que ouvia aquela gente? O que é que os Apóstolos proclamavam?...

“As maravilhas de Deus!”

Mas que maravilhas eram essas? E como é que todos conseguiam entendê-los tão bem?

Como as pessoas não sabiam, e algumas até pensavam que os Apóstolos estavam um bocado tontos por terem bebido vinho, por tudo isso é que Pedro, em nome de todos os outros, lhes explicou tudo: por que razão todas as pessoas os entendiam, que maravilhas eram essas...

E ainda uma pergunta que nós já fizemos várias vezes: por que razão Jesus chama ao Espírito Santo “O Prometido de meu Pai”. Quem enviou aos Apóstolos o Espírito Santo?

Vamos ouvir a explicação de S. Pedro.

4. *O catequista peça a uma criança (ou a outro catequista) para ir, junto dele, ler as palavras de Pedro e da multidão, e a outra para pegar em outra vela, colocando-se no lugar oposto, de modo que os leitores fiquem entre as duas velas.*

Depois leiam de Act 2, 14-17a. 22-23. 32-32. 36-38. 41:

Catequista (narrador):

**Leitura dos Actos dos Apóstolos:
Pedro, de pé, com os Onze Apóstolos,
ergueu a voz e falou ao povo:**

Criança/catequista (Pedro):

**Homens da Judeia
e vós que habitais em Jerusalém,
compreendei o que está a acontecer
e ouvi as minhas palavras:
Não, estes homens não estão embriagados como imaginais,
pois são apenas nove horas da manhã.
Mas tudo isto aconteceu,
para se realizar o que disse o profeta Joel:
«Nos últimos dias, diz o Senhor,
derramarei o meu Espírito sobre toda a criatura».**

Catequista (narrador):

E disse-lhes ainda:

Criança (Pedro):

**Jesus de Nazaré foi um homem
acreditado por Deus junto de vós
com milagres, prodígios e sinais,
que Deus realizou no meio de vós,
por seu intermédio, como sabeis.
Depois de entregue,
segundo o desígnio imutável e a previsão de Deus,
vós destes-O a morte,
cravando-O na cruz pela mão de gente perversa.
Mas Deus ressuscitou-O,
livrando-O do laço da morte,
porque não era possível que Ele ficasse sob o seu domínio.
Foi este Jesus que Deus ressuscitou
e disse todos nós somos testemunhas.
Tendo sido exaltado pelo poder de Deus,
recebeu do Pai a promessa do Espírito Santo,
que Ele derramou, como vedes e ouvís.**

Catequista (narrador):

Pedro disse ainda:

Criança (Pedro):

**Saiba com absoluta certeza toda a casa de Israel
que Deus fez Senhor e Messias
esse Jesus que vós crucificastes.**

Catequista (narrador):

**Ouvindo isto,
sentiram todos o coração trespassado**

e perguntaram a Pedro e aos outros Apóstolos:

Criança (multidão):

Que havemos de fazer, irmãos?

Catequista (narrador):

Pedro respondeu-lhes:

Criança (Pedro):

**Convertei-vos
e peça cada um de vós o Baptismo
em nome de Jesus Cristo,
para vos serem perdoados os pecados.
Recebereis então o dom do Espírito Santo.**

Catequista (narrador):

**Os que aceitaram as palavras de Pedro
receberam o Baptismo
e naquele dia juntaram-se aos discípulos cerca de três mil pessoas.**

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

Depois de pousadas as velas e as crianças voltarem para os seus lugares, o catequista comenta:

Vejam, então, qual foi a explicação de Pedro.

– Primeiro (*apontando para o respectivo dístico*): como é que o Espírito Santo foi prometido pelo Pai de Jesus?...

Através de um profeta, chamado Joel, um grande amigo de Deus, que tinha vivido muitos anos antes de Cristo. Foi Ele que disse que haveria de chegar um dia em que Deus enviaria o Seu Espírito a todas as pessoas.

Pois bem, era o que estava a acontecer: Deus acabava de realizar a promessa que tinha feito.

– E Deus enviou o seu Espírito por meio de quem? Quem estava já junto de Deus? Vimos na outra catequese, lembram-se?...

Exacto: Jesus depois de elevado ao Céu. Ele é que acabava de enviar o Espírito Santo, aquele fogo de amor que pôs os Apóstolos a falar das maravilhas de Deus.

– E qual foi a maior maravilha de que Pedro falou?...

Foi aquilo que Jesus, antes de subir ao Céu, lhes mandou anunciar: que Ele era o Messias e Senhor, porque tinha dado a vida por todos, e Deus O ressuscitou dos mortos.

– E que mais disse Pedro às pessoas, quando elas lhe perguntaram o que deviam fazer?...

Também isso tinha sido mandado por Jesus: que as pessoas se deviam converter dos seus pecados, para poderem, também elas, receber o Espírito Santo.

Para isso é que as pessoas foram baptizadas...

Como todos nós.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Sim, sim: também nós recebemos o sopro e o fogo do Espírito Santo, principalmente depois do nosso Batismo, isto é, desde que começámos a pertencer a Jesus Cristo e somos cristãos.

E, olhem, uma prova disso está ali no placar: naquelas folhas onde registastes o encontro com pessoas que vos têm falado de Jesus. Foi o Espírito Santo que vos levou a ir falar com elas.

E tem sido o Espírito Santo que as leva a falar de Jesus.

Se houver crianças que não têm realizado as tarefas, propostas na catequese, o catequista aproveite a ocasião para as incentivar a serem fiéis à voz e à força do Espírito que nelas deve habitar.

Estamos contentes por isso, não estamos?

Então manifestemos a nossa alegria, com o *cântico*:

“Tu tens palavras de vida eterna”.

Mas, agora, façamos assim: cada um pega nas suas folhas com a “Palavra de Deus na minha vida”

O catequista entregue as folhas afixadas no placar às respectivas crianças.

O que escrevemos nelas, foi o Espírito Santo que nos ajudou a fazer e a escrever: a partir das Palavras de Jesus, que são Palavras de vida eterna.

De pé...

Agora, coloquemos as folhas nas nossas mãos abertas e levantadas, como quem oferece um presente muito bom e bonito... Façamos um pouquinho de silêncio, para nos concentrarmos...

E agora cantemos:

“Tu tens palavras de vida eterna” (5ª e 6ª estrofes)

2. Podem sentar-se.

Depois de guardada a folha já trabalhada:

Vamos escrever outra folha com “A Palavra de Deus na minha vida”?

Depois da distribuição:

Agora têm de escrever uma coisa que tenha a ver com a Palavra de Deus que hoje escutámos aqui. Eu proponho que seja um daqueles sinais do Espírito Santo. Mas qual?

O vento não pode ser, porque não se vê; só se sente. Mas, as línguas sim. E, além disso, vimos que desceu uma língua de fogo sobre cada um dos Apóstolos.

Pois bem, eu proponho o seguinte:

- Na parte de baixo da folha, cada um escreve o seu nome próprio, com uma letra especialmente bonita, e usando as cores de que mais gostam.
- Depois, cada um de vós desenha uma língua de fogo e pinta-a muito bem, com aquelas cores quentes que vemos no fogo. Este desenho representará como O Espírito Santo desce sobre vós, sobre o vosso nome.
- Depois de desenharem, escrevam, ao fundo, a data.

Mas, como este é um desenho muito importante e difícil, quem melhor vos pode ajudar? Então, vamos primeiro, pedir ao Senhor, que envie sobre cada um de nós o seu Espírito Santo. Cantemos este *cântico*:

“Enviai sobre nós, Senhor” (1ª estrofe)

*Enquanto as crianças fazem os desenhos, pode manter-se, como música de fundo, a gravação do mesmo **cântico**.*

*Se não houver tempo, a tarefa pode ser proposta para ser feita em casa, durante a semana. Mas, mesmo nesse caso, invoque-se o Espírito Santo, com o **cântico** sugerido ou outro semelhante.*

3. Compromisso

A folha que tão bem desenharam ainda não está completa. O que é que falta, então?

– Primeiro: escrevem em volta da língua de fogo, por cima ou por baixo, a indicação do dia do vosso baptismo, em que foram baptizados “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.

O catequista mostre, numa folha idêntica, mas ampliada em A4 ou A3, um modelo do que se está a pedir.

Para isso, podem ir ver no catecismo do ano passado o que está escrito na **catequese 11 (página 51 – o catequista pode mostrar)**. Passem essas palavras para a vossa folha, para junto da língua de fogo.

Se houver crianças já crismadas, podem também escrever a fórmula do Crisma (catecismo do 3º ano, página 53).

– Depois, vão escrever ainda outra coisa: o que o Espírito Santo leva os cristãos a fazer na sua Igreja. Isso vem também no catecismo do ano passado, a propósito do Domingo: na catequese 25 (página 106). Passem também essas palavras para a vossa folha.

– Finalmente, vão escrever na mesma folha (pode ser no outro lado) a oração ao Espírito Santo que vem no catecismo deste ano, na catequese que estamos a ver

*O catequista indique a **página 20**, pedindo às crianças que os abram nela.*

Além de escreverem essa oração, rezem-na todos os dias, à noite e/ou de manhã, e vão tomando nota aqui (*indicar o respectivo espaço de avaliação*).

E tragam as folhas para a próxima catequese.

Para que façam tudo isso, com alegria e muito bem feito, vamos pedir ao Espírito Santo que venha sobre nós, rezando já essa oração.

Levantem-se... Façamos silêncio...

– Comecemos por fazer o sinal da cruz:

“Em nome do Pai...”

– Agora cantemos:

“Enviai sobre nós Senhor” (2ª estrofe)

– Rezemos agora essa oração:

**Vinde Espírito Santo,
enchei os corações dos vossos fiéis
e acendei neles o fogo do vosso amor.**

– **Enviai, Senhor, o vosso Espírito e tudo será criado.**

– **E renovareis a face da terra.**

– Cantemos outra vez:

“Enviai sobre nós Senhor” (3ª estrofe)

Catequista:

Abençoe-nos Deus todo-poderoso (*benzendo-se*)

Pai, Filho e Espírito Santo.

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Crianças:

Graças a Deus.

4. Para guardar na memória e no coração

Vinde Espírito Santo,

enchei os corações dos vossos fiéis

e acendei neles o fogo do vosso amor.

– Enviai, Senhor, o vosso Espírito e tudo será criado.

– E renovareis a face da terra.

Catequese 4

OS APÓSTOLOS ENSINAM-NOS A VIVER EM COMUNHÃO FRATERNA

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A vida que se tornou Palavra

Foi assim que a Bíblia nasceu e, durante séculos, se foi formando e crescendo, livro a livro, até aos 73 que hoje tem: a partir da vida do Povo de Deus. Ou melhor, a partir de intervenções salvíficas de Deus que deram origem ao seu Povo e o mantêm vivo ao longo da sua história já milenária.

As mais marcantes e decisivas foram as primeiras. No Antigo Testamento, a libertação da opressão a que o Povo era sujeito no Egito, completada com a aliança realizada no Sinai. No Novo Testamento, foi a morte e ressurreição de Cristo, especialmente experimentada por aqueles a quem Ele apareceu e constituiu suas testemunhas.

Dois acontecimentos a que, por isso, se chama fundadores: do primeiro nasceu Israel; do segundo nasceu a Igreja. Mas é o mesmo Povo de Deus, só que em duas fases da sua história. O mesmo Deus que libertou Israel da devastação e da morte de que estava a ser vítima no Egito, libertou também Jesus de Nazaré da terrível morte que o vitimou na cruz. E, num caso como no outro, manifestou-se como o Deus da vida.

Mas em Jesus de Nazaré, muito mais: a sua ressurreição não consistiu apenas no regresso à vida humana e terrena que tinha antes, mas nela Ele adquiriu uma vida sem limites de espécie alguma, a vida que, em plenitude, só Deus tem. Daí que, com a ressurreição de Cristo, o Povo de Deus tenha entrado na fase decisiva ou final da sua história: cada um dos seus membros, na medida em que se confia a este Deus que se revelou em Jesus Cristo, seu Filho único, adquire uma vida que lhe permite também vencer a morte para sempre. É Paulo quem o diz: *Se acreditamos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus reunirá com Jesus os que em Jesus adormeceram* (1 Tes 4, 14). Ou, simplesmente: *se morremos com Cristo, acreditamos que também com Ele viveremos* (Rm 6, 8).

Mas, muito antes de estas e outras palavras terem sido escritas, a mensagem que elas transmitem foi comunicada oralmente. E isto tanto no Antigo Testamento como no Novo. No primeiro caso, com a proclamação de que *YaHWeH (o nome próprio do nosso Deus) fez subir (ou tirou) Israel do Egito* (cf. Ex 20, 2). No Novo Testamento, com o anúncio de que *Deus ressuscitou Jesus de entre os mortos* e de que, por isso, *Jesus é Senhor* (Rm 10, 9), isto é, obteve definitivamente uma dignidade e um poder que só Deus, o Senhor, tem.

Como se vê, em ambas as mensagens é a experiência de um acontecimento que é transmitida e, assim, se torna palavra – uma palavra que actualiza, para quem a ouve, o acontecimento a que se refere, com o seu poder vivificante; sobretudo se este poder se manifesta na vida de quem a transmite, uma vida que se deve ao acontecimento anunciado.

Foi o caso de Paulo e de todos os outros Apóstolos a quem Cristo ressuscitado apareceu. Todos eles, desde então, passaram a anunciar o que estava na origem das suas próprias vidas e nelas se reflectia. *Ai de mim, se não evangelizar!* – dizia Paulo (1 Cor 9, 16). O Evangelho que anunciava era o da sua própria vida. Daí que esta fosse impensável sem o anúncio daquilo de que vivia.

Foi desta Palavra, que vem de Deus e em que Deus actua, que nasceram as comunidades crentes. E foi para estas que outras Palavras foram surgindo e sendo transmitidas, primeiramente, por via oral e, posteriormente, por escrito, para que os crentes se mantivessem vivos em todos os campos da sua vida.

2. A Palavra que se torna vida

Conta-se em **Act 2, 42** como viviam os primeiros cristãos: *Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à Comunhão Fraterna, à fracção do pão e às orações*. A ordem em que estão delineados estes quatro sectores da vida da Igreja, não é provavelmente arbitrária. Era dos Apóstolos que os cristãos recebiam, não apenas o Evangelho da morte e ressurreição de Cristo, mas também as necessárias instruções e incentivos para viverem em *Comunhão Fraterna*, realizarem a *fracção do pão* (um dos nomes mais antigos dado à celebração da Eucaristia) e se entregarem a Deus pelas *orações*.

E foi assim, neste enquadramento catequético, que foram surgindo os diversos escritos do Novo Testamento. Os quatro Evangelhos foram precedidos de uma tradição, primeiramente oral e, numa fase posterior, também por escrito. S. Lucas refere-se explicitamente a ela no prólogo do seu Evangelho: também ele se viu na necessidade de *compor uma narração dos factos que entre nós se consumaram, como no-los transmitiram os que desde o princípio foram testemunhas oculares e se tornaram servidores da Palavra* (Lc 1, 1-2).

Testemunhas oculares eram, sobretudo, os doze Apóstolos que, depois da morte e ressurreição de Cristo e enviados por Ele, se entregaram totalmente ao serviço da Palavra, pela evangelização e pela catequese.

Compreende-se assim que os mesmos acontecimentos ou ensinamentos da vida de Jesus não coincidam plenamente, nos seus pormenores ou na sua ordem cronológica e geográfica, nos Evangelhos em que estão expostos. É que todos eles foram recordados e transmitidos em função dos destinatários a que se dirigiam. E estes variavam nas situações em que se encontravam e nos problemas com que se debatiam, nas questões que levantavam. Tudo isso condicionava a forma e até o conteúdo do que lhes era apresentado. Mas o objectivo era sempre o mesmo: encontrar naquilo que Jesus dissera e fizera uma orientação para se viver, pensar e agir de acordo com a fé, a esperança e o amor que dele se recebia.

O mesmo tinha, de resto, sucedido com os escritos do Antigo Testamento. Também neles há acontecimentos ou palavras expostas mais do que uma vez e que variam, de acordo com o contexto histórico, social e religioso em que se encontravam os destinatários. O importante era que estes se mantivessem unidos ao Deus sem o qual não podiam viver.

Se a Bíblia nasceu, portanto, da vida do Povo de Deus, ela foi igualmente escrita para se tornar viva e vivificante na vida que oferece a quem a lê ou escuta, principalmente através daquele que está no seu centro – Jesus Cristo, que continua a dizer-nos, por exemplo:

3. “Como eu fiz, fazei vós também”

O que Jesus acabava de fazer está descrito em **Jo 13, 1ss**: a lavagem dos pés aos discípulos durante a última Ceia, celebrada na véspera da Páscoa, a festa em que Deus

actualizava, para o seu povo, a passagem, no Egipto, da escravidão para a liberdade, da morte para a vida. Uma vida que se vai tornar definitiva com a passagem de Jesus *deste mundo para o Pai* e com o amor extremo que nela nos revela (v.1).

Repare-se como os dois acontecimentos fundadores – do Antigo Testamento e do Novo – se unem naquela hora e como, no segundo, Deus leva ao extremo o amor já manifestado no primeiro: o amor de quem dá ao mundo o seu Filho Unigénito (Jo 3, 16), que, por sua vez, se dá todo, até à última gota de *sangue e água* (Jo 19, 34).

Ao lavar os pés aos discípulos, Jesus antecipa e interpreta simbolicamente a oferta realmente realizada na cruz. Lavar os pés era um rito habitual entre os judeus, praticado imediatamente antes da refeição. Mas, só um escravo de origem pagã era obrigado a rebaixar-se assim perante os que estavam à mesa. Da parte de uma pessoa livre, neste caso do *Mestre e Senhor* (v.13s), era de todo inimaginável. Daí que o gesto choque, exija uma explicação.

E Jesus, depois de interpelado por Pedro, oferece-a, expondo, primeiro, a dimensão salvífica do gesto (vv. 7-11) e, depois, o seu efeito na prática de vida dos discípulos (vv.12-15).

Em perspectiva salvífica, o gesto aponta para a morte na cruz, também ela destinada, primariamente, a escravos – a morte em que Ele, humilhando-se assim, consoma o seu amor, dando o seu Espírito de vida (Jo 19, 30). Um amor que conquista e transforma aqueles que o acolhem, purificando-os do pecado, nomeadamente através das celebrações sacramentais, como as do banho baptismal, da refeição eucarística e da reconciliação penitencial.

É para esses que Jesus diz: *Dei-vos o exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também* (13, 15). Escreve o Papa Bento XVI: “A união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram e tornarão seus. A comunhão (eucarística) tira-me para fora de mim mesmo, projectando-me para Ele e, deste modo, também para a união com todos os cristãos. Tornamo-nos «um só corpo», fundidos numa única existência. O amor a Deus e o amor ao próximo estão agora verdadeiramente juntos: o Deus encarnado atrai-nos todos a si” (DCE 14).

Quando isto acontece, actualiza-se, em parte, o processo de formação da Bíblia naqueles que a escutam ou lêem, para dela viverem: o que Deus fez no passado em favor do seu povo e que, sobretudo pela Palavra oral e escrita, tem sido transmitido e revivido de geração em geração no seio desse mesmo povo, readquire constantemente nova vida no amor daqueles em quem essa Palavra encarna... e que assim a transmitem como *Palavra de vida eterna*. É obvio que entre esses está, ou deve estar, todo o catequista.

OBJECTIVOS

- Aperceber-se da acção do Espírito Santo na formação e na vida da Igreja;
- Acolher o “ensino dos Apóstolos” relativamente à “Comunhão Fraterna”;
- Procurar viver do amor de Jesus, que deu a vida por todos, nas relações uns com os outros.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Durante a Experiência Humana, as crianças devem aperceber-se de que o acontecimento do Pentecostes, exposto na catequese anterior e por elas recordado, se actualiza nas suas próprias vidas: aquilo que durante a semana realizaram e agora expõem, deve-se à acção do Espírito Santo nelas. E é, movidas pelo mesmo Espírito a quem rezam e cantam, que se dispõem a ouvir a Palavra que os Apóstolos (no caso, S. João) lhes transmitem durante a Palavra. Como é também o mesmo Espírito que actua

no catequista, neste e em todos os encontros da catequese. Por isso, também ele deve rezar com especial intensidade.

2. A cena de lavagem dos pés por Jesus aos discípulos, para ser bem compreendida e acolhida pelas crianças, é completada pela recordação de gestos de amor semelhantes que as crianças experimentam da parte de quem as ama. Que elas se apercebam de que esse amor é o de Deus que, pelo seu Espírito, actuou em Jesus e actua em todos os que amam verdadeiramente, ainda que não tenham consciência explícita da sua relação com Deus.

Se, entre as crianças, houver algumas que tenham um relacionamento difícil ou perturbado com os pais, ou que mesmo não convivam com eles, chame-se a atenção para outras pessoas que dizem muito a essas crianças. Entre elas, certamente, está, ou deve estar, o próprio catequista.

3. Finalmente, a mesma lavagem dos pés, na sua relação com o sacrifício da cruz, deve levar as crianças à Comunhão Fraternal com todos, mas principalmente entre elas. Procure-se, por isso, não impor as actividades propostas quer na Expressão de Fé quer para o tempo até à próxima catequese. Mas, se forem bem apresentadas, como um convite, certamente que as crianças irão aderir. Será a partir dessa vivência da Comunhão Fraternal que se desenvolverá a próxima catequese.

MATERIAIS

- Dísticos: “ESPÍRITO SANTO” e “REUNIDOS NO AMOR” (catequese anterior);
- Dísticos: “SÃO JOÃO”, “Ensino dos Apóstolos”, “Comunhão Fraternal”, “Fracção do Pão”, “Orações”, “Amou-os até ao fim”, “Como Eu fiz, fazei vós também”;
- Imagem de Jesus a lavar os pés aos discípulos;
- Crucifixo (como na catequese anterior);
- Uma bacia;
- Um jarro cheio de água;
- Uma vela;
- A Bíblia;
- Folhas com o texto de Jo 13, 1-15, devidamente assinalado, para ser lido por duas crianças;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, trazidas pelas crianças (cf. catequese anterior);
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, para serem preenchidas pelas crianças;
- Lápis/esferográfica (se necessário).

MÚSICAS

- “Tu tens Palavras de vida eterna”;
- “Enviai sobre nós, Senhor”;
- “Se vos amardes uns aos outros”;
- “Somos a Igreja de Cristo”.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**: como no final da catequese anterior, o dístico “ESPÍRITO SANTO”, ao centro, rodeado da folha com as letras do dístico “REUNIDOS NO AMOR”, os nomes das crianças, dos Apóstolos e de outras pessoas, escritos nas catequese anteriores.
- Sobre a **mesa**: a Bíblia e uma vela apagada.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Mostrem-me lá as vossas línguas... Não as da boca, mas as línguas que desenharam na folha com “A Palavra de Deus na vossa vida”.

Para o diálogo seguinte, sobretudo se o grupo for numeroso, o catequista pode chamar, para junto de si, duas crianças que tenham realizado os pontos do compromisso da catequese anterior: escrever, nas folhas em que desenharam as línguas de fogo, a fórmula baptismal “Eu (nome) fui batizado em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”; as quatro actividades dos primeiros cristãos (Act 2, 42); e a oração “Vinde Espírito Santo”.

Se houver crianças que não os realizaram, dê-se algum tempo para o fazerem, com a ajuda daquelas que preencheram as suas folhas, nomeadamente com o nome e a data da catequese anterior.

– Primeiro, vão explicar-me o que significam essas línguas...

Isso mesmo: representam o Espírito Santo, tal como desceu sobre os Apóstolos.

– Porquê em forma de línguas de fogo?...

Porque o Espírito Santo aquece e ilumina com a luz e o calor do amor... E no amor todas as pessoas se comunicam e entendem.

– O amor de quem? Quem enviou o Espírito Santo sobre os Apóstolos?...

Muito bem: Jesus Cristo, depois de subir para junto do Pai.

– E lembram-se como é que Jesus chamava ao Espírito Santo?...

O “Prometido de meu Pai”.

E lembram-se como é que Deus Pai prometeu o Espírito Santo? Como se chamava o profeta de que falou S. Pedro?...

O profeta Joel.

– E, além das línguas de fogo, qual foi o outro sinal do Espírito Santo?...

A rajada de vento. Porquê?...

Porque nós precisamos do Espírito Santo, como precisamos do ar que respiramos. Alguma pessoa consegue viver sem ar?...

– E, além dos Apóstolos, que outras pessoas receberam o Espírito Santo, nesse dia?...

Foram muitas das pessoas a quem S. Pedro, cheio do Espírito Santo, anunciou as maravilhas de Deus.

E qual tinha sido a maior maravilha realizada por Deus?

Ressuscitar Jesus, morto pelos nossos pecados, para ser o Messias.

Foi isso que Ele mandou os discípulos anunciar, juntamente com o convite às pessoas para se arrependem dos seus pecados.

São palavras de vida eterna. Foi assim que as acolheram tantas pessoas que ouviram os Apóstolos.

Olhem, se elas estivessem aqui, de certeza que cantariam connosco o *cântico* em que dizemos isso mesmo. Vamos cantá-lo, voltados para a Bíblia, onde essas palavras de vida eterna estão escritas.

Para isso, comecemos por acender a chama da vela, que até parece uma língua de fogo.

Depois de uma criança a acender:

Agora, de pé... usemos as nossas línguas e a nossa voz para cantar ao Senhor, de todo o coração:

“Tu tens Palavras de vida eterna” (6ª estrofe)

2. Muito bem. É sempre um gosto ouvir-vos cantar... com as vossas línguas!

Mas voltemos às línguas das vossas folhas.

Já disseram – e muito bem – que elas vos lembram a descida do Espírito Santo. Falta saber quando se deu essa vinda, em que dia foi. Lembram-se?

Foi na festa do Pentecostes, que significa?... Cinquenta. Isto é, celebrava-se 50 dias depois de quê?... Da Páscoa em que Jesus morreu e ressuscitou.

Mas, ao olhar para as vossas folhas, vejo lá outra data.

O catequista pode ler a data escrita por uma das crianças.

Será que o Espírito Santo também desceu neste dia (*indicar*)?... Que vos parece?...

Eu (também) acho que desceu. Como acontece sempre na catequese, se ouvirmos com atenção a Palavra de Deus. Foi o que sucedeu na catequese desse dia, em que ouvimos a palavra de S. Pedro com tanto interesse.

E há ainda algo mais que o Espírito Santo nos levou a fazer?...

Rezámos-lhe essa bela oração, que até escreveram nas folhas decoradas com as línguas de fogo, tão bonitas.

Que mais vos levou o Espírito Santo a escrever nas folhas?...

Porquê essas palavras sobre o Baptismo de cada um de vós?...

Porque fomos baptizados... Digam todos comigo: **“Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”**.

Foi principalmente no Baptismo que, pela primeira vez, recebemos o Espírito Santo.

Como aquelas pessoas que ouviram as palavras de Pedro e, depois, foram baptizadas.

Falta saber o que começaram a fazer essas pessoas, esses cristãos de Jerusalém, depois de terem sido baptizados. Que faziam eles para se manterem cristãos? Que escrevestes sobre isso nas vossas folhas? Lê lá tu (*nome*) ...

Depois da leitura:

Olhem, eu acho que são coisas tão importantes que têm de ficar escritas ali no placar, para não mais as perdermos de vista.

O catequista vai pedindo a uma ou a quatro crianças que o ajudem a ler, sucessivamente, e a afixar no placar os seguintes dísticos: “Ensino dos Apóstolos” (ao alto); “Comunhão Fraternal”(do lado esquerdo); “Fracção do Pão”(do lado direito); “Orações” (ao fundo).

À medida que vão sendo afixados, convide as crianças a lê-los em conjunto, introduzindo a leitura com as seguintes palavras:

“Os cristãos são assíduos”... (ao “Ensino dos Apóstolos”, etc.).

II. PALAVRA

1. Muito bem. O que acabámos de fazer, devemos-lo ao Espírito Santo. Foi com a ajuda dele que, não só trabalharam tão bem nas vossas folhas, mas disseram, a uma só voz, o que Ele leva os cristãos a fazer: serem assíduos (*apontando*) ao “Ensino dos Apóstolos”, à “Comunhão Fraternal”, à “Fracção do Pão” e às “Orações”.

Os cristãos de então e os de hoje. Portanto, também nos ajuda a nós.

Por isso vimos à catequese: em primeiro lugar para escutarmos os Apóstolos no que eles nos ensinam para sermos bons cristãos.

Na última catequese, ouvimos S. Pedro. E bem. Ainda há pouco recordámos o que Ele nos ensinou sobre Jesus, o Messias.

Que nos dirão os Apóstolos sobre os outros deveres dos cristãos? – A “Comunhão Fraternal”, a “Fracção do Pão” e as “Orações”?

Eu estou com muita curiosidade, e vós certamente também, porque ouvir as palavras dos Apóstolos ajuda-nos, de certeza, a sermos mesmo bons cristãos.

Depois de termos ouvido S. Pedro, hoje vamos escutar um outro Apóstolo. É...

*O catequista afixe o dístico “SÃO JOÃO” a cobrir o dístico “ESPIRITO SANTO”.
Depois explique:*

Também S. João foi um Apóstolo (*o catequista pode apontar a folha onde o seu nome está escrito*).

Não é S. João Baptista, aquele que baptizou Jesus, mas S. João Evangelista. Chamamos-lhe assim, porque ele escreveu um livro a que damos o nome de Evangelho.

É o Evangelho segundo S. João, que também está aqui na Bíblia.

Pois bem, a partir deste seu livro, ele hoje vai falar-nos de um dos três deveres dos cristãos, que estão indicados no placar.

Não digo ainda qual é. Vós é que, depois de o ouvirdes, tendes de descobrir se é sobre a “Comunhão Fraternal”, A “Fracção do Pão” ou as “Orações”.

Por isso, muita atenção ao que ele vai contar-nos.

Para termos uma pista e compreendermos melhor o que iremos ouvir, vamos trazer para aqui uma coisa de que ele vai falar-nos.

O catequista coloque, num banco (ou outro suporte) à frente da mesa, uma bacia.

Depois peça a uma criança que despeje nela a água de um jarro. De seguida, explique:

Temos aqui uma bacia com água. Já iremos ver porquê.

Antes disso, e para escutarmos bem o que S. João nos vai contar, convido-vos a pedirmos a ajuda do Espírito Santo, rezando-lhe a oração que aprendemos na última catequese e que escreveram nas folhas.

Peguem nelas... Agora ponham-se de pé...

- E comecemos por cantar o *cântico* ao divino Espírito Santo:

“Enviai sobre nós, Senhor” (*refrão e 1ª estrofe*).

- Agora, rezemos, todos ao mesmo tempo, a **oração** que temos nas folhas:

“Vinde Espírito Santo”...

- Cantemos outra vez:

“Enviai sobre nós, Senhor” (*só o refrão*).

2. Agora, sim, estamos mais bem preparados para ouvir o que o Espírito Santo nos vai dizer através do Apóstolo S. João.

Para perceberem melhor, é bom também saberem isto: o que ele nos vai contar passou-se durante a última Ceia de Jesus com os seus discípulos: aquela ceia em que Ele se despediu deles, na véspera de ter sido morto.
Que terá acontecido de especial nessa Ceia?...

Para a leitura, convido dois de vós: um para ler as palavras de Jesus e outro as palavras de um dos Apóstolos. Depois verão qual é.
Preciso de mais um de vós, para segurar a vela, como sinal da chama do Espírito Santo.
Depois de todos nos lugares indicados e com as restantes crianças de pé, faça-se a leitura de Jo 13, 1-15:

Catequista:
O Senhor esteja connosco.

Crianças:
Ele está no meio de nós.

Catequista:
Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São João:

Crianças:
Glória a vós, Senhor.

Catequista (narrador):
**Antes da festa da Páscoa,
sabendo Jesus que chegara a sua hora
de passar deste mundo para o Pai,
Ele, que amara os seus que estavam no mundo,
amou-os até ao fim.
No decorrer da ceia,
tendo já o Demónio metido no coração de Judas Escariotes, filho de Simão,
a ideia de O entregar,
Jesus, sabendo que o Pai lhe tinha dado toda a autoridade,
sabendo que saíra de Deus e para Deus voltava,
levantou-se da mesa,
tirou o manto e tomou uma toalha, que pôs à cintura.
Depois, deitou água numa bacia
e começou a lavar os pés aos discípulos
e a enxugá-los com a toalha que pusera à cintura.
Quando chegou a Simão Pedro,
este disse-lhe:**

Criança (Pedro):
Senhor, tu vais lavar-me os pés?

Catequista (narrador):
Jesus respondeu:

Criança (Jesus):

**O que estou a fazer
não o podes entender agora,
mas compreendê-lo-ás mais tarde.**

Catequista (narrador):

Pedro insistiu:

Criança (Pedro):

Nunca consentirei que me laves os pés.

Catequista (narrador):

Jesus respondeu-lhe:

Criança (Jesus):

**Se não tos lavar,
não terás parte comigo.**

Catequista (narrador):

Simão Pedro replicou:

Criança (Pedro):

**Senhor, então não somente os pés,
mas também as mãos e a cabeça.**

Catequista (narrador):

Jesus respondeu-lhe:

Criança (Jesus):

**Aquele que já tomou banho
está limpo e não precisa de lavar senão os pés.
Vós estais limpos, mas não todos.**

Catequista (narrador):

Jesus bem sabia quem o havia de entregar.

Foi por isso que acrescentou:

«Nem todos estão limpos».

Depois de lhes lavar os pés,

Jesus tomou o manto

e pôs-se de novo à mesa.

Então disse-lhes:

Criança (Jesus):

Compreendeis o que vos fiz?

Vós chamais-me Mestre e Senhor,

e dizeis bem, porque o sou.

Se Eu, que sou Mestre e Senhor,

vos lavei os pés,

também vós deveis lavar os pés uns aos outros.

Dei-vos o exemplo, para que,

assim como Eu fiz, vós façais também.

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

3. Depois de todas as crianças se sentarem, o catequista pergunte:

Primeiro, digam lá: o que S. João, no seu Evangelho, acaba de nos contar é sobre quê: a “Comunhão Fraternal” a “Fracção do Pão” ou as “Orações”?...

Depois de as crianças se exprimirem, o catequista retire os dísticos “Fracção do Pão” e “Orações” e afixe, do lado direito, uma imagem de Jesus a lavar os pés aos discípulos. Deixe contemplar e, depois, comente:

O que S. João acaba de nos contar – Jesus a lavar os pés aos discípulos – diz respeito à “Comunhão Fraternal” entre nós. Vejamos melhor porquê.

Por que razão é que S. Pedro não queria que Jesus lhe lavasse os pés?... (*deixar as crianças pronunciar-se*).

Pois, era impensável que uma pessoa tão importante como Jesus, o Senhor, fizesse uma coisa tão desvalorizada, podemos dizer, tão baixa. É que lavar os pés não era próprio de quem era Senhor e Mestre, como era Jesus.

Naquele tempo, só havia um grupo de pessoas que eram obrigadas a lavar os pés aos outros: eram os escravos, pessoas sem liberdade, que pertenciam, como se fossem um objecto ou animal, aos seus senhores. Os escravos, que faziam todo o trabalho sujo e feio, eram tratados, por vezes, pior que os animais. Só os escravos tinham o dever de lavar os pés aos seus patrões e senhores. Portanto, uma coisa indigna de um Senhor e Mestre.

Por isso é que S. Pedro não queria, de maneira nenhuma, que Jesus, o Senhor e Mestre, lhe lavasse os pés. Impensável!

E como é que S. Pedro mudou de ideias? Tanto, que até pediu a Jesus que lhe lavasse o corpo todo?...

Foi depois de Jesus, ajoelhado diante de Pedro, lhe dizer que se não lhe lavasse os pés, Pedro não teria parte com Ele. Isto é, só depois de Jesus lhe lavar os pés, é que Pedro estava em condições de ser amigo de Jesus, fazer parte do grupo dos seus amigos. Então sim, estava disposto a tudo, para se manter discípulo de Jesus.

Mas será que Pedro e os outros Apóstolos compreendiam mesmo tudo o que Jesus lhes estava a fazer? Repararam numa coisa que Jesus disse a S. Pedro? Ora oiçam:

O catequista leia de novo o versículo 7:

O que estou a fazer não o podes entender agora, mas compreendê-lo-ás mais tarde.

E pergunte:

Mais tarde, quando? Quando é que os discípulos compreenderam mesmo o significado da lavagem dos pés?

*O catequista pegue no **crucifixo** e mostre-o às crianças, explicando:*

Foi quando sucedeu isto que os discípulos perceberam o que significava Jesus lavar-lhes os pés: quando Jesus foi crucificado.

Eu explico: também ser morto, pregado numa cruz, era muito, mesmo muito indigno. A morte na cruz era principalmente para os escravos. As pessoas livres, só se fossem

mesmo muito más, é que eram crucificadas. Portanto, ao ser crucificado, Jesus foi tratado como um escravo ou um malfeitor.

Depois de afixar o crucifixo ao centro do placar (sobre o dístico “SÃO JOÃO”), continue:

Mas, foi precisamente então, que Ele melhor nos mostrou algo mais, que já mostrara, quando lavava os pés aos discípulos.

S. João, logo no princípio, explica-nos por que razão Jesus fez com os discípulos o que só os escravos eram obrigados a fazer. Alguém se lembra dessas palavras de S. João?

Depois de ouvir as crianças, o catequista afixe, ao fundo do placar, o dístico “Amou-os até ao fim”e, depois, comente:

Foi porque Jesus amou os seus discípulos até ao fim, isto é, até ao máximo que se pode amar, foi por isso que Ele lhes lavou os pés (*aponte para a imagem de Jesus a lavar os pés*).

E foi porque Jesus os amou ainda muito mais, que Ele deu a vida na cruz (*aponte para o crucifixo*). Dar a vida por aqueles que se ama, é o máximo no amor.

Se não, pensem um bocadinho nas pessoas que verdadeiramente vos amam.

Por exemplo, tantos pais e mães. E então se forem pais e mães que aprendem de Jesus como se ama... Como eles trabalham e se esforçam por alimentar, lavar, educar, às vezes com cansaço, com vontade de fazer outras coisas!

E os vossos professores, que preparam as aulas e vos ensinam, mesmo quando vós fazeis asneiras e não quereis estudar.

Pensem um bocadinho nessas pessoas e nas coisas de que elas são capazes, porque vos amam. Verão que é muito mais do que lavar os pés. Para pensar melhor, podem fechar os olhos...

Durante o breve silêncio, o catequista afixe ao fundo do placar (por baixo do dístico anterior) o dístico “Como Eu fiz, fazei vós também”. Depois pergunte:

Alguém de vós quer dizer algumas das coisas que fazem por vós as pessoas que vos amam?...

Depois de ouvir as crianças, o catequista comente algumas das respostas sobre a heroicidade do verdadeiro amor:

Agora percebemos melhor o gesto de Jesus e como esse gesto era um sinal daquele amor manifestado na cruz. É esse amor que Ele coloca no coração das pessoas que nos amam.

E é também esse amor que nos lava, nos limpa daquelas maldades que, às vezes, fazemos, ou da preguiça em fazer o bem.

Por isso Jesus nos diz o que está ali escrito. Ora leiam comigo: “**Como Eu fiz, fazei vós também**”.

E querem ou não fazer? Querem ou não amar como Jesus nos ama, para vivermos em comunhão de irmãos, unidos e felizes?...

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Então, vamos recordar um acontecimento em que Jesus nos lavou, para podermos amar como Ele. Já vem nas folhas que escreveram com “A Palavra de Deus na nossa vida”.

Ora peguem nessas folhas...

Agora digam: quando é que Jesus nos lavou, pela primeira vez, para amarmos como Ele?...

Muito bem: quando fomos baptizados “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. Desde então é que o Espírito Santo, nos nossos corações, nos leva a amar como Jesus.

Vamos recordar isso, para amarmos ainda mais, com um gesto muito bonito, um gesto em que, de certo modo, Jesus nos volta a lavar do mal que podemos querer ou fazer aos outros.

É assim:

- Cada um de nós vem aqui à frente, com a sua folha na mão.

- Depois de chegar aqui, molha os dedos da mão direita na água e lê da folha as palavras com que foi baptizado: “Eu (*nome*) fui baptizado em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”; ao mesmo tempo benze-se com os dedos molhados nesta água.

Com este gesto estamos a agradecer a Jesus o amor que Ele tem por nós e, ao mesmo tempo, estamos a prometer-lhe que iremos procurar, ainda mais, amar os outros, todos os outros.

- Por isso, depois de se benzerem, cada um deixa aqui a sua folha junto da Bíblia, com as palavras de Jesus, e dá um beijo no crucifixo que eu terei nas minhas mãos.

Preparemo-nos para este gesto, cantando um *cântico* com palavras muito parecidas com aquelas que Jesus nos diz:

“Se vos amardes uns aos outros”.

Depois de um breve ensaio, o catequista convida as crianças a cantá-lo (refrão e 1ª estrofe) de pé, antes de se aproximarem da mesa.

*Durante a entrega das folhas, pode manter-se a gravação do mesmo *cântico*, como música de fundo.*

Se forem muitas as crianças, podem aproximar-se em duas filas, fazendo duas, ao mesmo tempo, os gestos e a entrega.

*No final, e depois de voltar a afixar o crucifixo no mesmo lugar, o catequista convida as crianças a fazerem um **gesto de paz**:*

Já que todos queremos amar-nos uns aos outros, como Jesus nos ama e nos dá força para amar, desde o nosso Baptismo, então saudai-vos uns aos outros na paz de Cristo...

E agora cantemos com muita alegria e dando-nos as mãos, o *cântico*:

“Somos a Igreja de Cristo” (1ª estrofe).

2. Compromisso

– Viver em Comunhão Fraternal, isto é, de irmãos, não pode ser só aqui na catequese. Tem de ser também no resto dos dias da semana. Mas como?

Tenho uma ideia: se deixarem, vou distribuir as folhas que colocaram aqui junto da Bíblia, outra vez por vós. Mas agora, não recebereis a vossa folha mas sim a de um dos vossos colegas. Para quê?

Para cada um de vós se lembrar daquele colega que escreveu a folha que vos calhar. Estão de acordo?

Mas, antes de as entregar, temos de combinar ainda o que podem fazer por esse colega. Proponho que seja isto: cada um de vós vai escrever ou desenhar outra folha com “A Palavra de Deus na minha vida” que, na próxima catequese, vai entregar a esse colega. E escrever ou desenhar o quê?

Proponho que seja aquilo que São João hoje nos ensinou acerca de Jesus. Podem, para isso, servir-se do vosso catecismo.

Escrevam, desenhem ou pintem este gesto tão bonito de Jesus.

É o modo de agradecer ao colega pela folha que ele escreveu e vos calhou e é uma boa maneira de vivermos em Comunhão Fraternal: ajudando-nos uns aos outros a sermos mais amigos de Jesus e uns dos outros. De acordo?

– Se houver na terra o hábito do “Pão por Deus” ou “bolinho”, o catequista proponha às crianças ainda o seguinte:

Como estamos (ou estivemos, há pouco) na altura de pedirmos o “Pão por Deus” (ou “bolinho”), proponho ainda que, para a próxima catequese, cada um traga um “Pão por Deus” (ou um “bolinho”) daqueles que receberam ou vêm a receber. Podem pedir aos pais para vos ajudar, para que venha bem limpo e embrulhado. Está bem?

Depois veremos o que fazer com esses “Pães por Deus” (ou “bolinhos”).

Não se esqueçam: além do “Pão por Deus” (ou “bolinho”), tragam mais uma folhinha com “A Palavra de Deus na minha vida”, para o colega que escreveu a folha que agora vou entregar a cada um.

À medida que as crianças vão saindo, o catequista distribua as folhas, tendo o cuidado de não entregar à criança a folha escrita por ela. Além disto, entregue também uma folha para ser preenchida, conforme se indicou. Deve incluir-se a si próprio neste processo.

3. Para guardar na memória e no coração

Jesus, que amara os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim.

E diz-nos: “Como Eu fiz, fazei vós também.”

Catequese 5

OS APÓSTOLOS ENSINAM-NOS A (RE)PARTIR O PÃO

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A fracção do pão

Não se trata de uma (por vezes mínima) parte de um todo, um fragmento ou uma migalha. Fracção significa, aqui e originariamente, o acto de partir. Partimos o pão, com um instrumento cortante ou, simplesmente, com as mãos, para facilitar o seu consumo. Um gesto habitual e, aparentemente, banal. Será?

Visto bem, o pão é muito mais do que a matéria de que é composto: a farinha amassada e cozida. Entre nós e em muitos outros povos, continua a ser o alimento mais comum. Poucas são as refeições sem pão. Daí que se chame pão a outros meios de subsistência, ao sustento diário, a toda a alimentação. E que sem tudo isso não podemos viver, é óbvio.

Mas todo esse pão é também fruto de vidas: a daqueles que mais directamente contribuem para a sua produção – e são tantos, desde a sementeira dos cereais à cozedura da farinha – e a daqueles que se empenham, sacrificam e gastam para o ganhar. Talvez seja, também por isso, que o pão é tão saboroso – como saborosos são os laços de comunhão que se criam e fortalecem entre aqueles que o consomem à volta da mesma mesa.

Não admira, por isso, que, em determinadas sociedades e desde tempos que se perdem na história da humanidade, o pão tenha sido associado ao Transcendente do qual os humanos recebem, ou pensam receber, a vida. É o mistério da vida que nos preocupa e ultrapassa. Ainda hoje bendizemos o Senhor pela chuva que envia do céu, para fazer *germinar a erva para o gado e as plantas para uso do homem, para que tire o pão da terra...o pão que lhe restaura as forças* (Sl 103/104, 13-15).

E assim se compreende também a riqueza simbólica que, entre os judeus, adquiriu, não se sabe desde quando, o gesto de partir o pão, realizado pelo chefe de família no princípio das refeições, sobretudo festivas. Um gesto precedido de uma oração de louvor, semelhante àquela que hoje é proferida na apresentação dos dons das nossas celebrações eucarísticas: uma bênção ou benção ao Deus, Senhor do Universo, pelo pão d'Ele recebido, como fruto da terra e do trabalho do homem, e que assim se tornava pão abençoado, isto é, fonte de novas bênçãos. Uma espécie de “Pão por Deus” que, vindo d'Ele e a Ele oferecido, transmitia, já então, muito mais vida a quem dele se alimentava. O vigor corporal por ele adquirido ou reforçado passava, necessariamente, a ser partilhado, dentro e fora da refeição.

E foi por esta via que a fracção do pão entre os Judeus adquiriu um novo significado entre nós cristãos, com:

2. A Fracção do Pão eucarístico

Este é, segundo o Catecismo da Igreja Católica (1328-1329), um dos muitos nomes dados a este Sacramento, cada qual evocativo de “um dos seus aspectos” e, no seu conjunto, um sinal da sua “riqueza inesgotável”.

Chama-se “Fracção do Pão, porque este rito, próprio da refeição dos judeus, foi realizado por Jesus quando abençoava e distribuía o pão como chefe de família (cf. Mt 14, 19; 15, 36; Mc 8, 6.19), sobretudo aquando da última Ceia (cf. Mt 26, 26; 1 Cor 11, 24). É por este gesto que os discípulos O reconhecerão depois da sua ressurreição (cf. Lc 24, 13-35) e é com esta expressão que os primeiros cristãos designarão as suas assembleias eucarísticas (cf. Act 2, 42.46; 20, 7.11). Querem com isso significar que todos os que comem do único pão partido, Cristo, entram em comunhão com Ele e formam um só corpo n’Ele (cf. 1 Cor 10, 16-17)”.

O novo significado e o correspondente poder salvífico devem-se a quem o realiza e, no caso da última Ceia, ao momento em que o realiza. Assim, a bênção pronunciada por Jesus – já de si expressiva de uma profunda comunhão com Deus, de quem, por isso, se diz bem pelos bens por Ele oferecidos – esta bênção, ao ser dita *na noite em que era entregue* (1 Cor 11, 23), ficou não apenas associada à sua morte, em que se entregou total e definitivamente ao Pai (Lc 23, 46), mas tornou-se, juntamente com a fracção do pão que se seguiu e as palavras que o acompanhavam, o meio mais eficaz para actualizar os efeitos salvíficos dessa morte, em todos os tempos e lugares em que o gesto volta a repetir-se em sua *memória* (Lc 22, 19; 1 Cor 11, 24.25). O Corpo que Cristo nos dá no pão eucarístico é o que Ele ofereceu na cruz, na qual – como Ele acrescenta em relação ao cálice – derramou o seu sangue *por todos, para remissão dos pecados* (Mt 26, 28). E é, ao mesmo tempo, o Corpo com que triunfou sobre a morte pela sua ressurreição.

Aquilo, portanto, que o pão abençoado e (re)partido já era – como produto e produtor de vida que nos vem de Deus – passa, na Eucaristia (a “acção de graças” por excelência) – a sê-lo numa dimensão infinita, na vida daqueles que o comungam. É ele que os capacita para aquela Comunhão Fraterna que se exprime na partilha – entre si e, principalmente, com os mais carenciados – das suas vidas e de todos os bens de que vivem. Os crentes que, segundo Act 2, 44-46, *viviam unidos e possuíam tudo em comum, vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um*, eram os mesmos que *partiam o pão em suas casas e tomavam alimento com alegria e simplicidade de coração*. Um exemplo e um desafio para:

3. A fracção do nosso pão

De todos os milagres realizados por Jesus, o mais referido em todo o Novo Testamento é o da multiplicação dos pães: 6 vezes (Mt 14, 13-21; 15, 32-38; Mc 6, 34-44; 8, 1-9; Lc 9, 10-17; Jo 6, 1-17). Pelo facto de Mt e Mc apresentarem duas descrições, chegou a pensar-se que teriam sido dois milagres diferentes. Mas, comparando atentamente os dois textos, vê-se facilmente que se trata do mesmo acontecimento, transmitido e exposto em contextos diferentes: um dirigido a cristãos de língua e cultura judaicas (Mt 14, 13-21; Mc 6, 34-44) e o outro a cristãos de língua e cultura helenística (Mt 15, 32-38; Mc 8, 1-9).

Estamos, portanto, diante de um acontecimento de particular importância para os primeiros cristãos. E se eles o não podiam e deviam perder de vista, deve-se principalmente à relação que eles viam entre este milagre e a última Ceia de Jesus e, consequentemente, a Eucaristia. Em todos os seis textos, nuns mais do que noutros, isso é claro.

Veja-se, por exemplo, o de **Mt 14, 13-21**, comparando-o com o de Mt 26, 26-29, este sobre a última Ceia: ambos os acontecimentos se iniciam *ao entardecer* (14, 15; 26, 20); nos dois, Jesus *tomou* os pães ou o pão, *pronunciou a bênção, partiu-o(s) e deu-o(s) aos discípulos* (14, 19; 26, 26). E se, na multiplicação dos pães, não se fala na distribuição

dos peixes e no que deles sobejou, deve-se provavelmente ao facto de isso não fazer parte (habitual) da celebração eucarística.

Chama ainda a atenção o papel atribuído aos discípulos: não só na distribuição dos pães (e, pressupostamente, na recolha dos restos), como também no número de 12 cestos e, principalmente e a preceder tudo isso, no desafio que Jesus, depois de eles constatarem a falta de alimentos para saciar a fome de tanta gente, lhes lançou: *Não é preciso que eles vão embora; dai-lhes vós mesmos de comer* (14, 16).

E deram, ficando até em condições de continuarem a dar. Os doze cestos que sobejaram são de associar com a plenitude do povo de Deus: as doze tribos de Israel a que correspondem os doze Apóstolos, sobre os quais está fundada a Igreja (Ap 21, 14; Ef 2, 20), que, por sua vez, vive da Fracção do Pão, realizada por Jesus na última Ceia e na cruz.

Quer tudo isto dizer que a multiplicação dos pães passou a realizar-se na Eucaristia que perpetua o amor extremo de Cristo já manifestado no modo extraordinário como saciou a multidão faminta e naquele, muito mais extraordinário, com que se partiu e repartiu na definitiva oferta da vida ao Pai por toda a humanidade, para se tornar o pão que nos sacia e fortalece – para partirmos e repartirmos o nosso pão de cada dia, conforme pedimos na oração que Ele nos deixou.

É caso para dizer: felizes os que o fazem, depois de convidados para a Ceia do Senhor! E felizes os que participam do pão e da vida que lhes damos – como são, por exemplo, os catequizandos que de nós se aproximam, na busca do “pão do teu amor, Senhor”!

OBJECTIVOS

- Descobrir a dimensão eucarística do relato bíblico da multiplicação dos pães, realizada por Jesus;
- Aperceber-se da importância da Eucaristia para a vivência da Comunhão Fraterna;
- Empenhar-se na partilha de bens.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. De acordo com o tema, o motivo condutor desta catequese é o pão: o que as crianças e catequistas levam para o encontro torna-se – através do relato da multiplicação dos pães, do seu teor eucarístico e da acção de graças que desencadeia – pão que as crianças são desafiadas a partilhar com os mais necessitados.

2. Com isto, vê-se já a centralidade da Eucaristia na vida da Igreja e de cada cristão: além de nos oferecer o Corpo e o Sangue de Cristo, é nela que mais especialmente se reza e é dela que se recebe a energia necessária para se viver em verdadeira Comunhão Fraterna.

3. É possível que as crianças, relativamente ao milagre da multiplicação dos pães, perguntem se não houve também restos dos peixes. Responda-se que, de facto, o texto bíblico não fala disso, porque os seus autores se preocupavam primariamente com o sentido eucarístico do milagre. Na Eucaristia não há peixe, mas só pão (e vinho).

4. Para a partilha, proposta na Expressão de Fé, o catequista procure inteirar-se bem da situação social e económica do meio em que vivem as crianças. Pode acontecer que no grupo haja algumas crianças de famílias francamente carenciadas. Neste caso, canalize para estas crianças a partilha do grupo. De qualquer modo, procure que as crianças se empenhem pessoalmente no contacto com as pessoas a quem fazem a sua oferta, e não se limitem a enviá-la.

MATERIAIS

- Dísticos das catequeses anteriores: “SÃO JOÃO”, “REUNIDOS NO AMOR” (em pequenas folhas com os nomes das crianças, dos Apóstolos, etc.); “Ensino dos Apóstolos”; “Comunhão Fraternal”; “Fracção do Pão” e “Orações”;
- Dísticos: “SÃO MATEUS” (do formato do dístico “SÃO JOÃO”); “Eucaristia”; “Dai-lhes de comer”;
- “Pães por Deus” (ou “bolinhos”) trazidos pelas crianças e/ou catequistas (no conjunto, o dobro do número das crianças do grupo);
- Uma cesta (ou mais, se necessário) para recolher esses “Pães por Deus”;
- Um banco (ou outro suporte) para nele se colocar a cesta;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças desde a catequese anterior;
- Envelopes para neles se colocarem essas folhas;
- Canetas/esferográficas;
- Novas folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, para serem preenchidas pelas crianças;
- Folhas com o texto bíblico, devidamente assinalado para ser lido por duas crianças (ver Palavra);
- Três folhas, cada uma com uma das três primeiras estrofes do cântico “Pelo pão do teu amor”;
- Uma vela;
- Bíblia.

MÚSICAS

- “Somos a Igreja de Cristo” (ou “Se vos amardes uns aos outros”);
- “Pelo pão do teu amor”.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**: o dístico “SÃO JOÃO” (ao centro), rodeado pelas folhas com as letras do dístico “REUNIDOS NO AMOR” e, a envolvê-lo, os dísticos “Ensino dos Apóstolos” (ao alto), “Comunhão Fraternal” (à esquerda), “Fracção do Pão” (à direita) e “Orações” (ao fundo).
- Sobre a **mesa**: a Bíblia e uma vela apagada.
- Em frente da mesa: um **banco** (ou outro suporte) com uma cesta (ou mais, se forem muitas as crianças), para nela(s) serem colocados os “Pães por Deus” (ou “bolinhos”), trazidos pelas crianças e catequista(s).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista comece por convidar as crianças a depositarem na(s) cesta(s), em frente da mesa, os “Pães por Deus” que trouxeram.*

Se forem muitas as crianças, os pães podem ser depositados à medida que forem entrando na sala e antes de ocuparem os seus lugares. Se não foram convidadas a trazer estes “pães”, faça-o o catequista: coloque pãezinhos em número superior ao das crianças.

No final, diga:

Que significam estes “Pães por Deus” (ou “bolinhos”) que trouxeram?

Podem olhar para o placar...

Destas três actividades dos cristãos – (*apontando*) “Comunhão Fraternal”, “Fracção do Pão” e “Orações” – de qual delas podem fazer parte estes pães? Que vos parece?...

Depois de ouvir as crianças, que, possivelmente irão apontar para a “Comunhão Fraternal” e a “Fracção do Pão”, o catequista limite-se a dizer:

Se calhar são, pelo menos, de duas: são um sinal da nossa “Comunhão Fraternal” e da “Fracção do Pão”.

2. Para sabermos ao certo, comecemos por ver o que fizeram com as folhas novas que receberam na última catequese: as folhas com a “Palavra de Deus na minha vida”.

Trouxeram-nas?...

Então, peguem nelas...

Mas não digam, o que nelas escreveram ou desenharam.

É que, como combinámos, essas folhas destinam-se a um colega de cada um de vós: o colega que desenhou a língua de fogo que vos calhou.

Portanto, esse colega é que tem o direito de ver o que cada um desenhou para ele.

Sabemos que é acerca de uma destas actividades dos cristãos. Qual é?...

Exacto: a Comunhão Fraternal de que nos falou o Apóstolo São João na última catequese.

E, já agora, digam-me o que nos mostrou São João. Mostrou-nos Jesus a fazer o quê?...

A lavar os pés aos seus discípulos.

E isso era sinal de quê?...

Do grande amor que Jesus tem por nós. Jesus fez uma coisa que só os escravos eram obrigados a fazer.

E onde é que Jesus mostrou mais esse amor?...

Na sua morte na cruz, onde deu a sua vida por nós.

E que mandou Jesus fazer, depois de lavar os pés aos discípulos?

Lembram-se das palavras que Ele disse?...

“Como eu fiz, fazei vós também”. Repitam todos, ao mesmo tempo: **“Como eu fiz, fazei vós também”**.

E foi o que vós fizestes com as folhas que estão nas vossas mãos: depois de receberem de um colega uma folha com a “Palavra de Deus na minha vida”, querem retribuir a esse colega com outra “Palavra de Deus na vossa vida”: aquela em que Jesus nos convida a fazermos uns aos outros o que Ele nos fez – a pormos em prática o seu grande amor por todos nós.

Se houver crianças que não preencheram ou não trouxeram as suas folhas, dê-lhes algum tempo para o fazerem. Escrevam ao menos esta frase ou outra semelhante: “Jesus lavou-nos os pés, para nos amarmos uns aos outros, com o seu amor”.

Entretanto, o catequista prepare-se para distribuir os envelopes.

Olhem, para ser uma surpresa maior, vamos fazer assim:

- Cada um de vós vai receber um envelope destes (*mostrar*), onde vai colocar a folha. Se ainda não escreveram nela o vosso nome, devem fazê-lo...

- *Depois de cada criança escrever o seu nome na folha que vai oferecer, o catequista distribua os envelopes e diga:*

Agora, metam a folha dentro do envelope e escrevam o nome do colega do lado de fora...

3. *Depois de cada criança escrever no envelope o nome do colega:*

Vamos ver, agora, qual é a forma mais bonita para entregarem as vossas folhas.

Pode ser assim:

- Aquele menino ou menina que recebe a folha, agradece ao que lhe dá, dizendo-lhe, por exemplo: “Obrigado (*nome*), por me lavares os pés”. E dá-lhe um aperto da mão ou um beijo.

É claro que, aqui, “lavar os pés” significa tudo o que de bom fazeis, como sinal do vosso amor.

- Mas, quem recebe não abre logo o envelope. Espera que todos tenham recebido o seu. Só nessa altura é que cada um abre e vê o que o colega lhe ofereceu. Está bem?

Conforme a dimensão do grupo, siga-se uma destas alternativas:

1ª Alternativa – Grupo grande

Para se não prolongar a entrega das folhas, as crianças podem fazê-lo ao mesmo tempo, sabendo que cada criança terá de ir, provavelmente, junto de duas: daquela a quem entrega e daquela de quem recebe.

Espere-se, por isso, que todas as crianças tenham voltado aos seus lugares e aí, calmamente, recebam a indicação do catequista para abrirem o seu envelope.

2ª Alternativa – Grupo pequeno

Cada criança, sucessivamente, desloque-se à frente, junto da mesa, e faça aí a entrega ao colega, chamando por ele ou ela, a partir do nome escrito no envelope.

Depois de o entregar, o colega que o recebeu, chame por aquele ao qual se destina o seu envelope, e assim sucessivamente.

Depois de cada entrega, a criança que a faz, volte para o seu lugar.

Só depois de todas entregarem e receberem, abrem os envelopes.

4. Para as duas alternativas:

Vamos, então, ver como é que lavámos os pés uns aos outros.

Podeis abrir os envelopes...

Depois de as crianças os abrirem e observarem o que receberam, o catequista prossiga:

Então, gostam?...

Como vêem, agora têm mais uma palavra de Deus nas vossas vidas: a Palavra de Deus que cada de vós recebeu e procura cumprir, passa a estar também na vida do colega a quem ofereceu a folha; e, ao mesmo tempo, cada um recebeu a Palavra de Deus, tal e qual ela se manifesta na vida de outro colega. Por exemplo... (*o catequista pode perguntar a uma ou duas crianças qual o colega a quem calhou a sua folha e qual o colega de quem recebeu a folha*).

Reparem como, com esta troca de folhas, estamos a amar-nos uns aos outros, realizando assim o que Deus nos pede, por meio de Jesus. E como é belo vivermos, assim, como irmãos!

Vamos cantar esta alegria de nos amarmos, de vivermos em Comunhão Fraternal.

Levantem-se... Dêmo-nos as mãos uns aos outros...

Preparemo-nos para balancear o nosso corpo, enquanto cantarmos...

E agora cantemos, com muita amizade e alegria, o **cântico**:

“Somos a Igreja de Cristo” (*1ª e 2ª estrofe*), ou
“Se vos amardes uns aos outros”

II. PALAVRA

1. *Depois de as crianças se sentarem:*

Voltemos, agora, aos pães que trouxeram (ou, eu trouxe).

Ainda se lembram da pergunta que vos pus?...

Exactamente: se eles podem servir (*apontando para o placar*) para a “Comunhão Fraternal” – de que acabámos de falar e pôr em prática – ou para a “Fracção do Pão” ou até para as “Orações”?

Estão, de certeza, com curiosidade de saber, qual é a resposta certa. Eu estou.

E dessa resposta, também depende outra coisa: Que poderemos nós fazer com estes pães?...

Boa pergunta, não acham?

Mas não respondam já, porque a melhor resposta vem-nos...

Reparem no sítio onde estão colocados os pães... Mesmo à frente da Bíblia. É de propósito: porque da Bíblia é que nos vem a melhor resposta acerca do significado destes pães e daquilo que podemos fazer com eles.

Por isso, muita atenção ao que hoje nos vai dizer...

Qual será o Apóstolo que hoje nos vai falar?....

O catequista afixe, a cobrir o dístico “SÃO JOÃO”, o dístico (do mesmo tamanho) “SÃO MATEUS” e comente:

É São Mateus. O seu nome já estava ali escrito.

O catequista mostre em qual das folhinhas está escrito o nome deste Apóstolo e diga:

Também São Mateus, que conviveu com Jesus, deixou escrito um Evangelho. É o primeiro dos quatro que vêm aqui na Bíblia. E é ele que hoje nos vai falar.

Vejam sobre quê: a “Comunhão Fraternal” a “Fracção do Pão” ou as “Orações”?

E que nos irá dizer Jesus sobre o que podemos fazer com os pães que trouxemos? Estamos com muita atenção?

Sim, é Jesus quem nos vai falar. São Mateus apenas escreveu o que Jesus fez e disse. Ou melhor: o que Ele nos diz agora, a nós, aqui na catequese.

2. *O catequista convide uma criança para acender e segurar a vela, outra para segurar a cesta de pães, e duas para ler (as palavras de Jesus e as dos discípulos).*

*Depois de todas nos seus lugares (de um lado e do outro do catequista) e de as restantes se porem de pé, faça-se a leitura de **Mt 14, 13-21**:*

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Mateus:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista (narrador):

**Naquele tempo,
Jesus retirou-se num barco
para um lugar deserto e afastado,
mas logo que as multidões o souberam,
deixando as suas cidades,
seguiram-n’O por terra.
Ao desembarcar,
Jesus viu uma grande multidão
e, cheio de compaixão,
curou os seus doentes.
Ao cair da tarde,
os discípulos aproximaram-se de Jesus e disseram-lhe:**

Criança (discípulos):
**Este local é deserto e a hora avançada.
Manda embora esta gente,
para que vá às aldeias comprar alimento.**

Catequista (narrador):
Mas Jesus respondeu-lhes:

Criança (Jesus):
**Não precisam de se ir embora;
dai-lhes vós de comer.**

Catequista (narrador):
Disseram-lhe eles:

Criança (discípulos):
Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes.

Catequista (narrador):
Disse Jesus:

Criança (Jesus):
Trazei-mos cá.

Catequista (narrador):
**Ordenou então à multidão
que se sentasse na relva.
Tomou os cinco pães e os dois peixes,
ergueu os olhos ao Céu
e recitou a bênção.
Depois partiu os pães
e deu-os aos discípulos
e os discípulos deram-nos à multidão.
Todos comeram e ficaram saciados.
E, dos pedaços que sobraram,
encheram doze cestos.
Ora, os que comeram**

**eram cerca de cinco mil homens,
sem contar mulheres e crianças.**

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

3. Depois de todas as crianças voltarem aos seus lugares e se sentarem, o catequista pergunte:

Já conheciam este milagre feito por Jesus?...

Mas, como é tão importante, de vez em quando é bom voltarmos a ouvi-lo. Com ele, S. Mateus mostra-nos muitas coisas. Vamos ver se as descobrimos.

Para isso, podemos olhar para o placar...

E agora digam-me: sobre qual daquelas três actividades nos ensina S. Mateus?. A Comunhão Fraternal, a fracção do pão ou as orações? Que vos parece?...

Depois de ouvir as crianças e, adaptando-se às suas respostas, o catequista diga:

Para já, vejo que estiveram muito atentos. Isso é muito bom.

E talvez todos tenham razão nas respostas que deram. Vamos ver melhor.

De facto, o que Jesus fez foi partir aqueles pães. Portanto, trata-se da “Fracção do Pão”. Fracção quer dizer partir em pedaços.

E quantos pães eram?...

E quantas pessoas é que Jesus alimentou com esses cinco pães?

Cinco mil homens, fora as mulheres e crianças.

Não há dúvida: foi um grande milagre.

Até pela quantidade de restos que sobejaram. Quantos cestos foram?

Doze. Tantos, quantos os Apóstolos. Portanto, sobejou pão à farta e para todos.

4. Agora, digam-me: será que Jesus ainda hoje faz este milagre? Que vos parece?...

Depois de ouvir as crianças, o catequista afixe, junto do dístico “Orações” (ou a cobri-lo), o dístico “Eucaristia”, deixe contemplar e pergunte:

Ainda se lembram do que significa a palavra “Eucaristia”?

Exacto: Acção de graças. Dar graças a Deus é das orações mais belas.

E aplicamos este nome – “Eucaristia” – a quê?

Muito bem: à Missa, porque é na Missa que mais graças damos a Deus, mais o bendizemos: nós e Jesus.

Portanto, estes pães que trouxemos, podem lembrar-nos aquilo que está (ou estava) escrito, junto (ou por baixo) da palavra “Eucaristia”: as “Orações”.

E de tudo o que Jesus, sobretudo através do sr. Padre, faz na Missa ou Eucaristia... de tudo o que Ele faz, o que será mais importante? Que nos dá Jesus na Eucaristia, para nós comermos?...

Naquele pão que Ele nos dá, recebemos o seu Corpo entregue por nós. No seu Corpo, é todo o seu amor que Ele nos dá. Muito mais do que as pessoas que nos amam e tanto se sacrificam por nós.

Pois bem: será que aquilo que Jesus faz na Eucaristia é parecido com o que Ele fez naquele milagre da multiplicação dos pães?

Vamos ver melhor e prestar muita atenção ao que vamos fazer: vamos repetir aqui o gesto de Jesus antes de Ele dar os pães àquela gente. Procurem ver se, na Missa, há alguma coisa de parecido.

*O catequista convide uma (ou duas) criança(s) para ir(em) para junto de si. Entregue-lhe(s) a cesta com os pães, peça-lhe(s) para (na medida das suas possibilidades) a elevar(em), em gesto de oferta. E, com elas assim, leia lentamente, a palavra de **Mt 14, 19**:*

**Depois de ordenar à multidão que se sentasse na relva,
Jesus “tomou os cinco pães e os dois peixes,
ergueu os olhos ao Céu e recitou a bênção.
Depois partiu os pães e deu-os aos discípulos
e os discípulos deram-nos à multidão.”**

Digam-me: é ou não parecido com o que Ele, Jesus, faz na Eucaristia?

Também aí, Ele pega no pão, isto é, nas hóstias; recita a bênção, isto é, bendiz ou dá graças a Deus, e só depois é que diz: “Isto é o meu Corpo entregue por vós”. É o seu Corpo que, a partir de então, Ele nos dá no pão que é repartido por nós.

E olhem, por isso, a Missa ou Eucaristia se chamava também: “Fracção do Pão”.

Depois de a(s) criança(s), que segura(m) a cesta, voltar(em) para o seu lugar:

E digam-me ainda: não será que este pão que Jesus dá na Eucaristia é muito mais importante que aqueles que Ele multiplicou por todos aqueles milhares de pessoas?...

Claro que é. E isso é que São Mateus nos ensina: a multiplicação dos pães hoje realiza-se principalmente na Fracção do Pão da Eucaristia, com o pão do grande amor de Jesus.

E os pães que o/a (nome) levantou, enquanto eu lia o que Jesus fez? Afinal, também eles podem ser um sinal da (lendo do placar) “Fracção do Pão”, isto é, da Eucaristia.

5. Mas bastará só a Eucaristia? Isto é, que devem fazer as pessoas que vão à Eucaristia e recebem o Corpo de Jesus, o pão do seu amor? Que vos parece?...

Depois de ouvir as crianças, o catequista afixe, junto do dístico “Comunhão Fraterna” (ou a cobri-lo), o dístico “Dai-lhes vós de comer”, deixe contemplar e pergunte:

Quem disse estas palavras?...

E será que Jesus, na Eucaristia, nos manda fazer o mesmo?...

Manda-nos e dá-nos força e coragem para isso: para partirmos e repartirmos o nosso pão, os nossos alimentos e tantas outras coisas pelos outros, sobretudo pelos que passam fome ou precisam de tantas outras coisas para viverem: a nossa alegria, o nosso tempo, a nossa atenção, as nossas brincadeiras.

Quem recebe o Corpo de Jesus, partido e repartido na Eucaristia, experimenta o seu amor, o amor de quem dá a vida por nós. E quem recebe este amor, tem de amar os outros. É Jesus em nós – no nosso coração e nas nossas mãos – é Ele quem nos diz: “Dai-lhes vós de comer”.

Para não nos esquecermos, repitam comigo as palavras de Jesus:

“Dai-lhes vós de comer”.

E, olhem, se todos fizessemos isto, não haveria tanta gente no mundo a morrer à fome e na miséria, triste e só. Se calhar, como alguns da vossa escola que nunca têm companhia para brincar e para trabalhar... Todos teriam alimentos e alegria até a sobejar, se todos partissem e repartissem o seu pão e os seus alimentos, as suas roupas, etc..

Será que nós iremos fazê-lo, nós que recebemos Jesus na Eucaristia?

Que vamos nós fazer com estes pães que trouxemos para aqui?
Que nos diz Jesus, através de São Mateus?

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Eu proponho que, antes de encontrarmos a melhor resposta, façamos como Jesus com aqueles cinco pães que Ele multiplicou e com o pão da Eucaristia, com a Fracção do Pão que aí realiza.

Que faz Ele, antes de partir o pão? Dá graças a Deus. Na multiplicação dos pães, até elevou os olhos para o Céu.

Não acham que devemos fazer o mesmo? Dar graças a Deus por estes pães que trouxemos, pelos pães e outros alimentos que recebemos lá em casa, por tantas outras coisas boas que nos dão e, principalmente, pelo pão que Jesus nos dá na Eucaristia?...

Para agradecermos ao Senhor, temos um *cântico* muito bonito:

“Pelo pão do teu amor”.

*Depois de um breve ensaio, o catequista distribua, por escrito e a três crianças, as letras das três primeiras estrofes do **cântico**, para elas as lerem, antes de cada uma ser cantada.*

*Depois, convide todas as crianças a porem-se de pé, a guardar um breve silêncio e a cantarem o refrão do **cântico**, elevando as mãos, em sinal de gratidão:*

– **Pelo pão do teu amor, muito obrigado, Senhor** (*refrão cantado*).

– *1ª estrofe – lida por uma criança e (se possível) depois cantada por todos:*

**Por fazeres do meu peito sacrário do teu amor
Minha alma diz com respeito: obrigado, meu Senhor.**

– **Pelo pão do teu amor, muito obrigado, Senhor** (*refrão cantado*).

– *2ª estrofe – lida por uma criança e (se possível) depois cantada por todos:*

**Muito obrigado, Senhor, por tudo quanto nos deste:
Pela paz do teu amor, pelo bem que nos fizeste.**

– **Pelo pão do teu amor, muito obrigado, Senhor** (*refrão cantado*).

– *3ª estrofe – lida por uma criança e (se possível) depois cantada por todos:*

**Muito obrigado, Senhor, de todos os que aqui estão,
Unidos pelo amor, vivendo em união.**

– **Pelo pão do teu amor, muito obrigado Senhor** (*refrão cantado*).

2. Podem sentar-se.

Agora sim: depois de agradecermos ao Senhor pelo pão da Eucaristia que nos dá Jesus, que fica em nós, como num sacrário; e depois de lhe agradecermos outros bens que Ele nos dá e ainda os colegas com os quais vivemos em união; depois de agradecermos tudo isto, já podemos pensar no que vamos fazer com estes pães que trouxemos hoje.

Lembram-se do que Jesus nos disse acerca das pessoas que passam fome ou por outras privações. Está escrito no placar: “Dai-lhes vós de comer”...

Então, eu proponho que cada um de nós pense um bocadinho, até descobrir alguém que passe fome ou outra privação: na nossa família, ou na nossa rua (ou prédio) ou na nossa terra. Que seja alguém que possamos visitar, para lhe oferecer um daqueles “pães por Deus” e outras coisas que possamos ofertar, como sinal do nosso amor.

Faremos, assim e mais uma vez, a outra coisa de os Apóstolos nos falam: (*apontando*) a “Comunhão Fraterna”. As pessoas a quem oferecemos o nosso pão, vão ser para nós como “irmãos ou irmãs”. É isso que significa a palavra “fraterna”.

Então, pensem todos um bocadinho a quem pode ser...

O catequista, conforme as necessidades que conhece, pode sugerir alguns destinos: famílias, crianças, idosos...

Convém que sejam as crianças a fazer pessoalmente as suas ofertas. Por isso, como última hipótese, pode sugerir as suas próprias famílias, mesmo que não sejam carenciadas de bens materiais, mas apreciam um gesto de amor (e gratidão).

Se for possível e oportuno, as ofertas podem ser todas entregues à mesma pessoa, família ou instituição sócio-caritativa. Neste caso, pode ser todo o grupo (de preferência) ou uma sua representação a fazê-lo.

Depois da reflexão das crianças, o catequista ajude-as a encontrar a melhor maneira de concretizarem a sua decisão.

Antes de (re)distribuir os pães por elas, proponha-lhes o:

3. Compromisso

Quanto à oferta que vão fazer, peço-vos ainda duas coisas:

– Primeiro: quando entregarem o “Pão por Deus”, contem à pessoa que o receber por que o fazem. Podem contar o milagre da multiplicação dos pães que hoje escutámos. E, se quiserem e puderem, podem até cantar com essa pessoa o **cântico** em que agradecemos ao Senhor este pão e tantos bens que Ele nos dá.

– Depois, em vossa casa, vão escrever, em mais uma folha com “A Palavra de Deus na minha vida”, como decorreu a entrega do pão: o nome da pessoa, onde vive, como ela vos recebeu e o que vós sentistes com a oferta que fizestes e outras coisas...

E não se esqueçam de trazer essa folha, preenchida, para a próxima catequese. Vai ser muito importante.

4. E agora, para que tudo corra bem, tenho uma pequena surpresa para cada um de vós. Como vos tendes portado tão bem, além da folha que ireis receber e do “Pão por Deus” que cada um vai oferecer, ides receber um outro “Pão por Deus” (ou outra guloseima) para vós próprios comerdes, se quiserdes. É mais um gesto da nossa comunhão fraterna. Mas, também o podeis oferecer. Nesse caso são dois: um dos que eu trouxe, e outro dos que trouxestes.

O catequista faça a distribuição (da folha e dos dois “Pães por Deus”) por cada criança, juntamente com uma palavra amiga de incentivo, à medida que vão saindo.

5. Para guardar na memória e no coração

Na Eucaristia, Jesus parte o pão
em que nos dá o seu Corpo,
para nós repartirmos o nosso pão de cada dia.

Catequese 6

OS APÓSTOLOS ENSINAM-NOS A REZAR

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A paz da oração

Possivelmente, quem lê estas linhas já a experimentou. Se não, saberá certamente de outras pessoas que tiveram, ou têm, a dita de a experimentar: uma paz profunda, talvez mesmo humanamente indescritível, obtida durante e/ou após momentos de oração mais ou menos intensa.

Paz, naquele sentido abrangente que o termo tem na tradição bíblica: de harmonia consigo próprio, com os outros, com a natureza e, como fonte e fundamento de todas estas relações, harmonia com Deus. Paz, porventura no meio das contrariedades que a vida se encarrega de nos trazer, para as vencermos. Nem que essa vitória se limite à energia e sabedoria que Deus, pela união entre Ele e nós, nos dá, para convivemos com essas contrariedades, integrando-as na nossa vida e, como tantas vezes acontece, fazendo delas ocasião e fonte de mais vida.

Que o digam, por exemplo, tantos doentes que, precisamente nos seus sofrimentos e nas consequentes limitações em que se vêem, transmitem uma força de espírito que chega a espantar as pessoas que com eles convivem e, naturalmente, as interroga. Aplicam-se a eles as célebres palavras de Paulo: *Quando sou fraco, então é que sou forte* (2 Cor 12, 10). Uma exclamação, também ela, proferida após uma oração intensa, dirigida a Cristo, a pedir-lhe que o libertasse do *espinho na carne*, uma doença que terrivelmente o atormentava e, em parte, o impedia de se entregar ao seu ministério apostólico: *Basta-te a minha graça* – respondeu-lhe o Senhor – *porque é na fraqueza que a força se manifesta plenamente* (12, 9) – a força que vem de Deus e se revelou de um modo inexcelsível em seu Filho Jesus Cristo, no momento de maior fraqueza durante a sua existência terrena: a morte na cruz que Ele venceu, para sempre, pela ressurreição... e, também Ele, após uma oração particularmente intensa no Jardim das Oliveiras e no patíbulo da cruz (cf. Mc 14, 36; 15, 34; Lc 23, 46).

Mas, será automático este benefício da oração? Que dizer àquelas pessoas que se queixam de que Deus não as ouve? E que, por isso, deixam simplesmente de rezar? E são tantas!

Possivelmente, muitas delas só acordam para a oração, quando se vêem em apuros. Que o façam nessas alturas, não tem mal nenhum. Muitas outras, nem então o fazem. O problema está no “só”... e, se calhar, na intenção e finalidade com que o fazem, embora sobre isso não seja fácil ajuizar, até pelos próprios. De qualquer modo, devem interrogar-se, essas pessoas e todas as outras, mesmo as que habitualmente rezam, seja qual for a circunstância de vida em que se encontrem: será que eu procuro a Deus, para O servir ou para me servir d’Ele? A paz que n’Ele e d’Ele procuro, será apenas para meu “consumo” pessoal?

2. A oração bem feita

S. Lucas, que na sua obra (Evangelho e Actos dos Apóstolos) dá um especial relevo à oração de Jesus e dos seus discípulos, apresenta, no que a estes diz respeito, três belas

parábolas sobre o tema: a do amigo importuno (Lc 11, 5-11), a do juiz iníquo e a pobre viúva (18, 1-8) e a do fariseu e o publicano (18, 9-14).

A primeira – **Lc 11, 5-11** – faz ainda parte da resposta aos discípulos que haviam pedido a Jesus, imediatamente após terem-no visto em oração: *Senhor, ensina-nos a rezar*. Depois de lhes oferecer o Pai Nosso (11, 2-4) como síntese, no conteúdo e na atitude que exige, da sua mensagem do Reino de Deus e, conseqüentemente, como modelo de toda a oração do cristão, logo a seguir insiste numa das características dessa oração: a persistência.

Baseia-se para isso no código da amizade: entre verdadeiros amigos não há limites, nem de tempo nem de espaço. Mais: por um amigo, que não seja apenas “amigo da onça”, eu até faço ou tento fazer aquilo que, à primeira vista e humanamente, me parece impossível. Transcendo-me... quantas vezes socorrendo-me do Transcendente, o Deus a quem tudo é possível, como diz Jesus – sintomaticamente a propósito do homem rico, incapaz de se desfazer dos seus bens em favor dos pobres (18, 18-27).

Se a este Deus tudo é possível, também o é a quem, pela fé a Ele se confia e d’Ele passa a viver. *Tende fé em Deus* – pede-nos Jesus. E acrescenta: *Em verdade vos digo, se alguém disser a este monte: «Tira-te daí e lança-te ao mar», e não vacilar em seu coração, mas acreditar que o que diz se vai realizar, assim acontecerá. Por isso vos digo: tudo quanto pedirdes na oração, crede que já o recebestes e haveis de obtê-lo* (Mc 11, 22-24). Repare-se na contradição, pelo menos aparente: se *já o recebestes*, como pode Jesus acrescentar: ainda *haveis de recebê-lo?*

É que, sendo, ou devendo ser, toda a oração um acto de fé – *a oração da fé*, como se lhe chama em Tg 5, 15 – é primariamente essa fé que cresce e se fortalece com a oração e, com isso, a perseverança. “Não te aflijas, se não recibes logo de Deus o que lhe pedes: é que Ele quer beneficiar-te ainda mais pela tua perseverança em permanecer com Ele na oração” – escreveu Evágrio do Ponto (séc IV d.C.). E S. Agostinho junta: Deus quer “que o nosso desejo se exercite na oração dilatando-nos, de modo a termos capacidade para recebermos o que Ele prepara para nos dar” (citações em CIC 2737).

E o que Ele nos dá tem de ser sempre pedido e recebido como Ele no-lo dá: no amor e para o amor. Por isso, “oração e vida cristã são inseparáveis, porque se trata do mesmo amor e da mesma renúncia que procede do amor; da mesma conformidade filial e amorosa com o desígnio de amor do Pai; da mesma união transformante no Espírito Santo que nos conforma sempre mais com Cristo Jesus; do mesmo amor para com todos os homens, desse amor com que Cristo nos amou” (CIC 2745).

É o que o próprio Jesus nos diz, depois da parábola do amigo importuno e de alargar o código da amizade, em que se baseia, ao da paternidade: *Se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedem* (Lc 11, 13). O mesmo Espírito Santo que nos leva a pedir ao Pai *o pão de cada dia*, leva-nos também a partilhar o mesmo pão com quem dele necessita e que Deus, por isso, privilegia no seu amor.

Trata-se de um diálogo e intercâmbio de amor em que este tem um lugar especial:

3. A oração com a Bíblia

Além de estar recheada de orações, a Bíblia, como Palavra de Deus, oferece-nos as palavras ideais para a Ele nos dirigirmos: as palavras que Ele próprio coloca nos nossos lábios e brotam do nosso coração, se nele as escutarmos e interiorizarmos.

Vejam como isso pode acontecer através da chamada *Lectio divina*. A mensagem do Sínodo dos Bispos ao Povo de Deus (Roma, 5-26.10.2008) define-a (no nº 9) como “*leitura orante no Espírito Santo, capaz de abrir ao crente o tesouro da Palavra de Deus,*

mas também de criar o encontro com Cristo, Palavra divina viva.” E apresenta, de seguida, os principais passos em que decorre:

– “A *Lectio divina* abre com a leitura (*lectio*) do texto, que provoca uma pergunta relativa ao conhecimento autêntico do seu conteúdo real: *o que diz o texto bíblico em si?*”

Para sabermos ao certo “o que o texto bíblico diz em si”, podemos servir-nos de um comentário. Por vezes, bastam as notas explicativas que uma boa tradução da Bíblia apresenta. Leiam-se atentamente, para que se evite o que, infelizmente, muitas vezes acontece: ver no texto o que ele realmente não diz. E isso significa, no mínimo, uma falta de respeito para com Deus, para com o que Ele realmente disse e/ou fez no passado em que o texto foi escrito.

– “Segue-se a meditação (*meditatio*), na qual a pergunta é: *que nos diz o texto bíblico a nós?*”

As circunstâncias em que o texto bíblico surgiu no passado são, muitas vezes, semelhantes às dos nossos dias. E é importante que cada leitor ou ouvinte se deixe interpelar, nas tão vastas e variadas condições em que se encontra – ele e os que fazem parte da sua vida.

– “Desta forma chega-se à oração (*oratio*), que supõe esta pergunta: *que dizemos nós ao Senhor, em resposta à sua Palavra?*”

A resposta pode ser formulada por palavras de quem responde, mas também por expressões já feitas ou por palavras tiradas da Bíblia (por exemplo, dos Salmos) ou até do texto escutado. Neste caso, repetimos para Deus o que Ele acaba de nos dizer.

– “E conclui-se com a contemplação (*contemplatio*), durante a qual assumimos como dom de Deus o seu próprio olhar para julgar a realidade e perguntamos: *que conversão da mente, do coração e da vida nos pede o Senhor?*”

É um passo que nos leva à prática de vida. Uma prática motivada e/ou fortalecida pelo próprio Deus que passa a pensar, a sentir e a actuar em nós e, por meio de nós, no mundo em que vivemos.

Pode encontrar-se, no desenvolvimento de cada catequese, nomeadamente deste catecismo, a aplicação deste método de leitura orante dos textos bíblicos nele proclamados: sobretudo na Palavra (o 1º e o 2º passo) e na Expressão de Fé (o 3º e o 4º passo).

OBJECTIVOS

- Descobrir a importância, na vida do crente, da persistência na oração;
- Aperceber-se do lugar do Espírito Santo na oração;
- Comprometer-se a rezar todos os dias.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Uma catequese sobre a oração tem de ser passada a rezar. É que a oração, como tantas outras actividades na vida cristã, aprende-se pelo exercício. E se, neste encontro, as crianças saborearem a comunhão com Deus pela oração, sairão dele certamente dispostas a porem em prática, cada dia, o que nele tão agradavelmente experimentam.

2. Repare-se como todo o encontro decorre em oração: começa, durante a Experiência Humana, pela acção de graças e o louvor a Deus por aquilo que Ele, à semelhança do que fez com Jesus, realizou nas crianças e através delas, desde a catequese anterior. Prossegue, na Palavra, com a escuta atenta do que Deus, através de Jesus e seus mediadores, lhes diz sobre o modo constante com que devem rezar e sobre o que devem pedir. Conscientes da importância do Espírito Santo na oração e, por ela, na vida,

terminam, durante a Expressão de Fé, por se voltarem, mais uma vez, para Deus, para lhe pedirem, sobretudo, pelas pessoas a quem o Espírito Santo as envia na prática do amor.

3. É fundamental que o catequista participe activamente, isto é, reze com toda a convicção, neste diálogo com Deus, falando-Lhe e escutando-O. Reze em união com as crianças e pedindo a Deus por elas. Reze já na preparação do encontro. Se o fizer, verá que, também ele, ficará muito mais esclarecido e fortalecido na sua vida cristã, incluindo a sua vida de oração.

MATERIAIS

- Os dísticos das catequeses anteriores: “REUNIDOS NO AMOR” (em folhas com os nomes das crianças e dos Apóstolos), “CRISTO”, “Ensino dos Apóstolos”, “Comunhão Fraterna”, “Fracção do Pão” e “Orações”;
- Dísticos: “SÃO LUCAS” (em folha do tamanho da que tem o dístico “CRISTO”) e “Espírito Santo”;
- Folhas preenchidas pelas crianças, desde a catequese anterior, com “A Palavra de Deus na minha vida”;
- Folhas idênticas para serem distribuídas e preenchidas nesta catequese, em número igual ao das crianças e catequistas;
- Canetas/esferográficas;
- Três pãezinhos, idênticos aos que foram distribuídos e levados pelas crianças na catequese anterior;
- Uma cesta (como na catequese anterior) para nela serem colocados os pães;
- Um pano para cobrir a cesta;
- Um banco (ou mesa mais pequena) para nele se pôr a cesta;
- Duas folhas com o texto bíblico de Lc 11, 5-8, devidamente assinalado para ser lido por duas crianças (ver Palavra);
- Três folhas com o texto bíblico de Lc 11, 9-11, devidamente assinalado para ser lido por três crianças (ver Palavra e Experiência Humana);
- A Bíblia;
- Uma vela.

MÚSICAS

- “Pelo pão do teu amor”;
- “Enviai sobre nós, Senhor”;
- Gravação deste último cântico.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**, os dísticos das catequeses anteriores: “CRISTO” (ao centro), rodeado de “REUNIDOS NO AMOR”, em folhas com os nomes das crianças, Apóstolos, etc.; “Ensino dos Apóstolos” (ao alto); “Comunhão Fraterna” (à esquerda); “Fracção do Pão” (à direita) e “Orações” (ao fundo).
- Sobre a **mesa**: a Bíblia e uma vela, apagada.
- À frente da mesa: um **banco** (ou outro suporte) sobre o qual está um cesto com três pãezinhos (do tamanho dos da catequese anterior), mas cobertos.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista comece por pegar no cesto, ainda coberto, e mostre-o às crianças, dizendo:*

Alguns de vós já devem ter perguntado se ainda está alguma coisa dentro deste cesto que tivemos aqui na última catequese. Estará?

Antes de o descobrirmos, digam-me primeiro o que estava nele na catequese anterior...

E que nos lembravam os pães que lá estiveram?...

O milagre da multiplicação dos pães, feito por Jesus.

Quantos pães é que Ele tinha, no princípio?

Cinco pães e dois peixes. Muito bem.

E a quantas pessoas é que Ele deu de comer?...

E quantos cestos de restos sobejaram no fim?...

Agora digam-me: será que este cesto que temos aqui, e que na última catequese também estava cheio de pães... será que ele tem alguma coisa a ver com esses 12 cestos com os restos dos pães multiplicados por Jesus? Pensem um bocadinho: que relação poderá haver entre este cesto, com os pães que lá estiveram, e aqueles 12 cestos, com os restos de pães distribuídos por Jesus a todas aquelas pessoas?...

Depois de ouvir as crianças, e adaptando-se às suas respostas, o catequista, após poisar o cesto no seu lugar, prossiga:

2. Houve uma coisa que Jesus, antes de multiplicar aqueles pães, disse aos Apóstolos e a nós. Lembram-se do que Ele nos disse?...

Exacto: “Dai-lhes de comer”. Até esteve escrito no placar.

E agora digam-me: foi isso que vós fizestes?...

Então, contem lá como foi. Quem escreveu a sua experiência na folha com “A Palavra de Deus na minha vida”?

O catequista deixe que duas ou três crianças, a partir das suas folhas, contem o modo como realizaram o compromisso da catequese anterior.

Depois, convide todas as crianças à oração:

Estou a ver que ficastes muito contentes, com o bem que fizestes a essas pessoas com as quais partilhastes o vosso pão – “o Pão por Deus”.

E as pessoas que o receberam também ficaram muito contentes, tenho a certeza. Toda a gente aprecia um gesto amoroso, não é?

(Se tiver sido o caso:) Até cantaram convosco o **cântico** de agradecimento que aprendemos na catequese. Se elas estivessem agora aqui, de certeza que também cantaríamos connosco.

Vamos fazer assim: cada um de vós pegue na folha em que escreveu como foi a partilha do seu pão...

Agora, ponham-se de pé... Coloquem as folhas nas vossas mãos abertas e estendidas, em sinal de oferta... E, quando cantarmos o refrão do **cântico**, levantem as mãos um bocadinho para cima (*o catequista exemplifique*), isto é, para o Senhor, em sinal da nossa gratidão pelo amor e a alegria que Ele cria em nós.

E agora cantemos todos, com alegria:

“Pelo pão do teu amor” (*refrão e 2ª estrofe*)

3. Podem sentar-se...

Foi mesmo bonito o que acabámos de fazer.

Fizemos exactamente que fez Jesus, antes de multiplicar os cinco pães e os dois peixes: dar graças a Deus.

Lembram-se em que outra ocasião é que Ele dá graças a Deus, pegando no pão e antes de o repartir?...

Muito bem: na Eucaristia, que quer dizer isso mesmo – “Acção de graças”. E por isso é que Ele parte o pão, que então já não é um simples pão. Que nos dá Jesus no pão da Eucaristia?

O seu Corpo, a sua vida entregue na cruz, por nós e por todos.

E por nós experimentarmos este grande amor de Jesus, por isso é que oferecemos aos outros tantas coisas que temos: o pão, outros alimentos, às vezes roupas e brinquedos, o nosso carinho, atenção, trabalho...

É Jesus quem nos leva a fazer tudo isso, a partir do que Ele faz hoje na Eucaristia: Ele parte e reparte o seu Corpo, para nós repartirmos a nossa vida pelos outros.

E não querem agradecer também isso ao Senhor? Pela Eucaristia em que participamos e em que Ele faz do nosso peito, onde está o coração, um sacrário do seu amor?

Então, ponham-se de pé... E com as folhas nas mãos, cantemos outra vez o mesmo *cântico*:

“Pelo pão do teu amor” (*refrão e 1ª estrofe*)

II. PALAVRA

1. Podem sentar-se...

Querem então saber se ainda está alguma coisa neste cesto?

Para vermos bem, convido dois de vós: um para segurar o cesto e o outro para tirar o pano que o cobre...

Depois de as crianças o fazerem e, mantendo-se (as cianças) com o cesto nas mãos, o catequista prossiga:

Três pães!... Iguais àqueles que receberam e partilharam!...

Por que será?...

Depois de as duas crianças poisarem o cesto e voltarem para os seus lugares:

Para já, posso dizer-vos que estes três pães têm tudo a ver com aquilo que Jesus nos vai dizer a seguir. Jesus, através dos Apóstolos, como temos vindo a aprender. São eles que nos têm contado o que Jesus disse e fez.

Primeiro foi sobre (*apontando para o respectivo dístico*) a **“Comunhão Fraterna”**.

Lembram-se qual foi o Apóstolo que nos falou sobre isso?...

E que nos contou S. João sobre a Comunhão Fraterna?...

Como Jesus, na última Ceia, lavou os pés aos discípulos.

Depois foi a vez da “Fracção do Pão”. Damos este nome a quê?...

À Eucaristia, por ser nela que Jesus parte e reparte o pão, em que nos dá o seu Corpo e assim nos ajuda a partirmos e repartirmos o nosso pão, como na multiplicação dos pães...

E qual foi o Apóstolo que nos falou disso?

S. Mateus.

Só faltam as “Orações”.

Qual será o Apóstolo que nos vai falar sobre o modo como devemos rezar?...

O catequista afixe, a cobrir o dístico “CRISTO”, o dístico “SÃO LUCAS”, deixe contemplar e comente:

São Lucas.

Apontando para as folhas com os nomes dos doze Apóstolos:

Mas, estou aqui a ver os nomes dos doze Apóstolos e não encontro lá o de São Lucas. Será que ele tinha um outro nome?...

Não. O que se passou foi o seguinte: S. Lucas não fazia parte dos doze Apóstolos. Mas informou-se bem do que eles foram ensinando e contando acerca de Jesus, quase como nós estamos a fazer aqui, na catequese. S. Lucas foi um dos que recolheu e escreveu (*apontando para os respectivos dísticos:*) o “Ensino dos Apóstolos” sobre a “Comunhão Fraterna”, a “Fracção do Pão” e as “Orações”. E o que ele escreveu está aqui na Bíblia. Portanto, quem nos ensina são os Apóstolos mas, desta vez, através de S. Lucas.

2. E hoje vão falar-nos do que falta: As “Orações”, que são muito importantes na nossa vida. Por isso é que, só hoje, aqui na catequese, já rezámos por duas vezes.

E, nisso, procurámos fazer como Jesus. Foi depois de Ele rezar, dando graças a Deus, seu Pai, que Ele multiplicou os pães e repartiu o seu Corpo na última Ceia. Quer dizer que quem reza, é capaz de fazer tudo muito melhor, com muito mais amor. O amor que vem de Deus torna-nos fortes e bons.

E nós, graças a Deus, já sabemos isso, porque aqui, na catequese, Jesus já nos ensinou. Até tivemos um catecismo em que pedíamos a Jesus para nos ensinar a rezar. Lembram-se?

E que nos ensinou Ele, nesse ano da nossa catequese?...

O Pai Nosso. Até fizemos a “Festa do Pai Nosso”, para mostrarmos às nossas famílias e amigos como ficámos contentes por termos aprendido a rezar.

Ainda lá têm em casa a folha, que então receberam, com a oração do Pai Nosso?...

Mas agora já não precisam dela para a rezarem. Todos sabemos bem de cor esta belíssima oração que Jesus nos ensinou.

E digam-me cá: rezam-na todos os dias?...

Adaptando-se às respostas:

Pois bem, Jesus não se limitou a ensinar-nos o Pai Nosso, quando lhe pedimos, como os Apóstolos, para nos ensinar a rezar, mas disse ainda outras coisas sobre o modo como devemos rezar.

É que não basta rezar. É preciso rezar bem: saber o que dizer a Deus, como dizer, quantas vezes. E como vós já sois bastante crescidos, quereis, de certeza, fazer tudo bem.

Então, vamos ouvir, com muita atenção, o que Jesus nos vai dizer através de S. Lucas.

Para ouvirmos e percebermos ainda melhor, peço a vossa atenção para três coisas:

– Primeiro: o que Jesus nos vai dizer vem logo a seguir ao Pai Nosso. Depois de ensinar o Pai Nosso, diz-nos ainda outra coisa muito importante.

– Segundo: Para isso conta-nos uma pequena história. Essa história chama-se parábola. Jesus contou muitas parábolas. Algumas já as conhecem do ano passado: por exemplo, a parábola do Filho Pródigo: a história daquele rapaz que saiu da casa do Pai e estragou tudo o que tinha... Ou a parábola das sementes que caíram na terra... Foi por isso que também vós semeastes trigo num vaso...

Pois bem, Jesus, hoje, vai contar-nos mais uma parábola, agora sobre a oração.

– Terceira coisa: é nessa parábola de Jesus que entra o pão. Por isso é que eu trouxe este cesto para aqui.

E para estarmos ainda com mais atenção, vou pedir a quatro de vós para me ajudarem na leitura da parábola que Jesus nos vai contar:

– Um menino ou menina, para acender e pegar na vela. Pode vir o/a (*nome*)... e colocar-se na ponta.

– Outro, para pegar no cesto do pão... Coloca-se na outra ponta.

– Dois para lerem comigo. Eu faço de narrador, isto é, leio como foi a história. Os meninos (ou meninas) lêem o que disseram duas pessoas que entram na parábola.

Depois de todos nos seus lugares, o catequista convide as restantes crianças a porem-se de pé, durante a leitura de Lc 11, 5-8:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Lucas:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista (Jesus):

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:

**Se algum de vós tiver um amigo,
poderá ter de ir a sua casa à meia-noite,
para lhe dizer:**

Criança (1º amigo):

**Amigo, empresta-me três pães,
porque chegou de viagem um dos meus amigos
e não tenho nada para lhe dar.**

Catequista (Jesus):

Ele poderá responder lá de dentro:

Criança (2º amigo):

**Não me incomodes;
a porta está fechada,
eu e os meus filhos estamos deitados
e não posso levantar-me para te dar os pães.**

Catequista (Jesus):

Eu vos digo:

**Se ele não se levantar por ser amigo,
ao menos, por causa da sua insistência,
levantar-se-á para lhe dar aquilo de que precisa.**

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

3. Depois de todas as crianças voltarem para os seus lugares, o catequista, de Bíblia na mão, diga:

Vamos lá ver se todos perceberam bem a parábola que Jesus acaba de nos contar:

Primeiro: esta história passa-se de dia ou de noite?...

Bem de noite! Imaginem, à meia-noite. Tempo de estar na cama, a dormir e a dormir bem. E então naquela altura, em que não havia televisão, nem Internet.

Vejam então o que aconteceu a essa hora. Lembram-se de como Jesus chamava àquelas pessoas que tiveram de se levantar àquela hora?

Qual foi a palavra que Jesus disse mais vezes?...

Depois de ouvir as crianças, o catequista diga:

Vamos ver se acertaram. Eu vou ler outra vez a parábola de Jesus:

O catequista repita a leitura de Lc 11, 5-8 e, no final pergunte:

Como chama Jesus a estas pessoas de que fala?

Amigos. São todos amigos. E têm de o mostrar. Até se costuma dizer que os amigos são para as ocasiões. Isto é, quando um amigo precisa do outro amigo, então é que este deve mostrá-lo.

E quantos são os amigos na parábola?...

São três.

Para percebermos bem, venham três de vós, aqui para o pé de mim.

O catequista vá-se dirigindo a cada uma das crianças junto de si. (Os nomes, usados a seguir, são apenas para mais fácil compreensão).

Imagina que tu (*João*) chegavas de uma viagem, às tantas da noite e cheio de fome, a casa do teu amigo (*Francisco*). Não o pudeste avisar, porque naquela altura não havia telefone nem telemóvel.

E como tu (*Francisco*) não estavas preparado – àquela hora não tinhas pão para lhe dar – tiveste que ir a casa de outro teu amigo, o (*Manuel*).

Este, sim, tinha pão. Mas estava a dormir e achava que, ao levantar-se, ia acordar os filhos, que, se calhar, no outro dia tinham de ir para a escola ou para o trabalho e precisavam de dormir bem.

Diz-me cá (*Manuel*): mesmo assim, levantavas-te para dar pão a este teu amigo (*Francisco*)?

Jesus diz que sim: se o (*Francisco*) insistia tanto é porque o outro amigo dele – o (*João*) – precisava mesmo. Porquê? – Porque era um verdadeiro amigo do (*João*), que estava cheio de fome. E não podemos deixar nenhum amigo com fome? Senão, não somos amigos.

4. Voltando-se para todas as crianças:

O que é que Jesus querará dizer-nos com esta parábola?...

Quem é o nosso maior amigo, nosso e de Jesus?...

Se Deus Pai é o nosso maior amigo, então temos de falar com Ele, rezar-lhe: sempre que precisamos dele, nós ou os nossos amigos ou as pessoas que precisam da nossa amizade, da nossa ajuda.

E são tantas pessoas que precisam de nós e de Deus, não são?

Olhem: os nossos familiares e amigos, os colegas da escola e professores, toda a gente aqui, na nossa comunidade cristã. Todas estas pessoas contam connosco para receber alguma ajuda, nem que seja uns bons-dias simpáticos e... a nossa oração!

E será que Deus nos ouve?...

Ouçamos o que nos diz Jesus. Sim: Ele não se limitou a contar a parábola. Logo a seguir, explica o que quer dizer-nos com a história daqueles três amigos.

Quem vai ler a explicação de Jesus, podem ser estes três amigos que nos ajudaram a perceber melhor a parábola. Cada um vai ler as palavras que estão indicadas nas folhas que vou dar-vos.

Depois de o catequista distribuir as folhas e convidar as restantes crianças a porem-se de pé, faça-se a leitura de Lc 11, 9-13:

Catequista:

Jesus também nos diz:

1ª criança:

Pedi e dar-se-vos-á.

2ª criança:

Procurai e achareis.

3ª criança:

Batei à porta e abrir-se-vos-á.

1ª criança:

Porque quem pede, recebe.

2ª criança:

Quem procura, encontra.

3ª criança:

E a quem bate à porta, abrir-se-á.

1ª criança:

**Se um de vós for pai
e um filho lhe pedir peixe,
dar-lhe-á uma serpente?**

2ª criança:

**E se lhe pedir um ovo,
dar-lhe-á um escorpião?**

3ª criança:

**Se vós, que sois maus,
sabeis dar boas coisas aos vossos filhos,
quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo
àqueles que lho pedirem!**

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

5. Depois de as crianças se sentarem:

Digam-me: algum dos vossos familiares vos deu uma serpente em vez de peixe?...

Ou um escorpião, um bicho venenoso, em vez de um ovo?

Pois bem: nenhum dos vossos familiares, mesmo os melhores, consegue ser tão bom como Deus, nosso Pai que está nos Céus. Por isso, se um familiar ou amigo nos oferece tantas coisas boas, quanto mais Deus!

Mas, temos de saber o que pedir-lhe.

E o que é que Jesus nos diz para lhe pedirmos?...

O catequista, depois de ouvir as crianças, afixe, ao fundo do placar e a seguir ao dístico “Orações”, o dístico “Espírito Santo”, deixe contemplar e prossiga:

O que Jesus nos manda pedir é o Espírito Santo, que tanto bem fez aos Apóstolos e a todos os cristãos. Reparem no placar...

É o Espírito Santo que leva os Apóstolos a ensinar-nos.

É o Espírito Santo que nos leva a vivermos em comunhão de irmãos.

É o Espírito Santo que nos leva a partir e repartir o nosso pão.

É o Espírito Santo que nos ajuda a rezar todos os dias e a pedir a Deus o que realmente é bom para nós e para todas as pessoas que precisam de Deus e de nós.

Pedimos a Deus a ajuda do Espírito Santo porque é Ele que nos faz... fortes e bons!

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Então, eu proponho que vamos rezar e que a primeira coisa a pedir a Deus seja o Espírito Santo.

Vamos fazer assim:

Primeiro, cantaremos o *cântico* a pedir o divino Espírito Santo: “Enviai sobre nós, Senhor, o vosso Espírito”.

Depois, os mesmos três meninos (ou meninas) que acabaram de ler as palavras de Jesus, voltam a lê-las.

E, de cada vez que os três chegarem ao fim, cantaremos o refrão do *cântico* ao divino Espírito Santo. Para cantarmos melhor, até podemos levantar as mãos para Deus, assim (*o catequista exemplifique*).

Então, os meninos que voltam a ler, preparem-se.

E nós, pomo-nos todos de pé, e de mãos voltadas para Deus, cantemos:

– *Cântico:*

“Enviai sobre nós, Senhor” (*só o refrão*)

– *Leitores:*

“Pedi e dar-se-vos-á” ...

– *Cântico:*

“Enviai sobre nós, Senhor” (*refrão*)

– *Leitores:*

“Porque quem pede” ...

– *Cântico:*

“Enviai sobre nós, Senhor” (refrão)

– *Leitores:*

“Se um de vós for pai”...

– *Cântico:*

“Enviai sobre nós, Senhor” (refrão)

2. Depois de todas as crianças se sentarem nos seus lugares:

Agora, com a ajuda do Espírito Santo, estão mais bem preparados para fazerem o que vou pedir-vos. É isto:

- Primeiro, vou distribuir por cada um de vós mais uma folha com “A Palavra de Deus na minha vida”.

- A seguir, cada um de vós vai pensar, por exemplo, naquela(s) pessoa(s) com quem partilhou o pão que levou na outra catequese. E vai fazer uma oração a Deus por essa pessoa, escrevendo a oração na vossa folha. Que seja uma oração linda, que mostre toda a vossa amizade pela pessoa por quem rezam a Deus e tudo o que há de bom no vosso coração: alegria, estima, ternura..

Durante o trabalho das crianças, o catequista pode por, como música de fundo, a gravação do cântico “Enviai sobre nós, Senhor”.

3. Depois de as crianças e o catequista escreverem as suas orações, convidem-se a exprimi-las do seguinte modo:

– *De pé, comecem por cantar o refrão do cântico “Enviai sobre nós Senhor”;*

– *Depois cada criança exprime a sua oração, lendo-a da folha em que a escreveu;*

– *Conforme o número de crianças e o tempo que têm, cantem entre as preces o refrão do mesmo cântico;*

– *Depois da última prece, que pode ser a do catequista pelas crianças, cante-se o refrão e a 3ª estrofe.*

Se não houver tempo, pode encurtar-se este último tempo de oração ou, como última hipótese, guardá-lo para o princípio da próxima catequese.

4. Compromisso

Não percam mais essa folha em que acabaram de escrever orações tão lindas. Ela vai ser precisa durante a semana e para a próxima catequese. Vai ser precisa para quê?

– Primeiro, para nela escreverem mais orações: uma em cada dia da semana. E que orações?

Proponho que sejam estas: em cada dia, vão fazer uma oração por pessoas diferentes: um dia pode ser pelos familiares, outro pelos amigos, outro por pessoas que sofrem, etc... Cada um é que vai descobrir.

Depois de escreverem essa oração, naturalmente rezam-na sozinhos ou com outras pessoas lá em casa.

Mas não se esqueçam, cada dia uma oração. Jesus pede-nos para nunca deixarmos de rezar.

Podem escrever na vossa folha, e podem usar os dois lados. Basta pensarem e escreverem uma ou duas linhas, mas com muito cuidado: ideias muito bonitas e a vossa melhor letra! Escrever uma oração é uma coisa muito importante! Merece todo o nosso esforço. E, no final, podem decorar a vossa folha.

– Segundo, tragam essa folhinha bem cheia para a próxima catequese. Mas não tragam só essa. Tragam também todas as outras folhas que já escreveram e receberam com “A Palavra de Deus na minha vida”. Já são tantas!

E prometo-vos que vai ser muito lindo o que vamos fazer na próxima catequese com tantos trabalhos em que mostrámos como a Palavra de Deus nos ajuda a viver a nossa vida!

5. Relativamente aos três pães desta catequese, pode seguir-se, conforme as circunstâncias, uma destas sugestões:

– Serem comidos pelas crianças e catequista, ao concluir esta catequese. Neste caso, faça-se uma pequena oração, que pode ser a do refrão “Pelo pão do teu amor”.

– Serem partidos e distribuídos pelas crianças, para elas comerem em suas casas, contando aos familiares o que os pães sugerem.

– Serem levados pelas crianças para os oferecerem às pessoas com quem já partilharam o pão na catequese anterior ou a outras necessitadas.

Seja qual for a hipótese seguida, o catequista conclua assim o encontro:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Abençoe-nos Deus todo-poderoso,

(+) Pai, Filho e Espírito Santo.

Crianças:

Amen.

Catequista:

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Crianças:

Graças a Deus.

6. Para guardar na memória e no coração

Jesus ensina-nos a rezar todos os dias

e promete-nos que o Pai do Céu dá o Espírito Santo

àqueles que Lho pedirem.

Catequese 7

“A QUEM IREMOS, SENHOR?”

(Jo 6, 68)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O dom da palavra

Diz-se habitualmente de quem fala bem (no que diz e na forma como o diz): que possui o dom da palavra. E, por isso, essa pessoa é escutada com maior apreço e com melhores resultados, principalmente para quem a atende. Quem não gosta de ouvir a pessoa com esse dom? Trata-se, portanto, de uma aptidão, muitas vezes inata, mas que se pode tornar meritória pelo esforço que se despence em melhorá-la. Uma aprendizagem e/ou aperfeiçoamento a que se dá cada vez mais importância, dado o poder vivificante da palavra. Repare-se como têm aumentado e melhorado os meios e as técnicas da comunicação e como têm contribuído para a globalização com todos os seus efeitos benéficos (apesar dos maléficis, devido à perversão a que tudo está sujeito).

Mas a expressão “dom da palavra” poder-se-ia também entender a partir do sentido, talvez mais original, que tem o termo “dom”: a acção de passar a outrem a posse e o usufruto de alguma coisa, sem nada receber em troca, ou, simplesmente, a dádiva, o presente. A pessoa que se comunica dá e dá-se, naquilo que comunica. Ainda que seja recompensada por isso, não faz depender a doação daquilo que recebe. Não fala ou escreve, primariamente, para ser paga por isso, monetariamente ou por outros meios; mas, até aquilo que eventualmente recebe, é usado, directa ou indirectamente, para se dar mais. E dá-se, predominantemente, pelo bem que assim pode fazer àqueles a quem se dá: pela vida que neles suscita ou revigora.

Neste caso, a palavra que dá e em que se dá, é normalmente muito mais bem acolhida. Ainda que o orador ou escritor não tenha, naquela perfeição mais desejada e apreciada, o dom da palavra, no sentido habitual da expressão. A credibilidade e aceitação do que se escuta ou lê dependem, sobretudo, de quem o comunica: da sua autoridade, credenciada e reconhecida. Que o digam, por exemplo, tantos catequistas ou, de preferência, os seus catequizandos.

Mas, quererá isto dizer que os bons comunicadores podem dispensar um estudo atento da mensagem que têm de transmitir e dos processos literários e pedagógicos para bem a comunicar? Seria outro extremo. E como os extremos muitas vezes se tocam, o efeito poderá ser desastroso. Falar bem, mas sem conteúdo, pode começar por encantar, mas não educa e acaba por aborrecer. Para mais, tratando-se de uma mensagem, como a cristã, que exige TUDO de quem a transmite: que a conheça bem; e, à medida que a vai conhecendo, a realize e manifeste em todos os âmbitos da sua vida.

Sendo uma palavra de amor, só será acolhida, se quem a comunica, o fizer no amor. E quem ama verdadeiramente, dá-se todo por aqueles que ama. Pelo menos esforça-se por isso, sempre e com todos os seus meios.

E olha permanentemente para Aquele que está no centro dessa mensagem: Jesus Cristo, que antes a transmitiu, vivendo-a, e assim se tornou modelo para todos os mensageiros cristãos, designadamente ao dizer-lhes:

2. “As palavras que vos disse são espírito e são vida”

Esta afirmação faz parte da resposta de Jesus ao modo como muitos dos seus discípulos reagiram às palavras que proferiu a seguir ao milagre da multiplicação dos pães – **Jo 6, 60-71**. Palavras *duras*, segundo esses discípulos, e que os levavam a *murmurar*, como antes haviam feito alguns judeus, e provavelmente pelas mesmas razões: não compreendiam que *o filho de José, de quem nós conhecemos o pai e a mãe*, se atreva a dizer: *Eu descí do Céu* (6, 42); como não entendem, depois, que Ele *possa dar-nos a sua carne a comer* (6, 52). Trata-se dos mistérios da encarnação e da crucificação. Que o Filho Unigénito de Deus, e com Ele o próprio Deus, pudesse descer tão baixo, até se tornar uma simples criatura e, pior ainda, assumir a condição mais ignominiosa e desumana de um crucificado e, como tal, amaldiçoado por Deus – impensável! Como poderia Ele, deste modo, ter descido do Céu e subir para o Céu, *para onde estava antes?!* (6,62).

Mas, se se pensava que Deus seria incapaz disso, sob perigo de se negar a Si próprio, era também porque estava em causa o que qualquer criatura humana mais deseja: libertar-se da situação, tantas vezes degradante e atormentada, de viver na carne; e evitar um fim de vida, tão doloroso e rebaixante como o da cruz. Isto é, o escândalo daqueles discípulos não era apenas teórico, mas tinha a ver com a sua concepção e prática de vida. Aceitar as palavras de Jesus significa dispor-se ao mesmo: a perder a vida – precisamente o bem que mais apreciamos, por que mais lutamos.

O perigo era real, na altura em que foi escrito o Evangelho segundo S. João. Havia cristãos que, por causa da sua fé, tinham sido expulsos das sinagogas judaicas a que pertenciam. Outros terão sido mesmo martirizados, por pessoas que julgavam estar assim a *prestar um serviço a Deus* (16, 2). Não admira, por isso, que alguns vacilassem, na sua adesão de fé a Jesus e *deixassem de andar com Ele*, na comunhão da sua Igreja (6, 66).

É, em primeiro lugar, para esses e outros cristãos que, por essas ou outras razões, se escandalizam, isto é, tropeçam até perderem a fé – é para eles que Jesus lança o aviso: *O Espírito é que dá vida; a carne não serve de nada: as palavras que vos disse são espírito e são vida*” (6, 63). “Carne”, aqui, significa a natureza humana caduca e débil e, por isso, incapaz, só por si, de alcançar a vida plena. Confiar apenas nas próprias forças ou, neste caso, na falta de forças, não leva a nada. Ou como diz Jesus noutra parte: *quem ama a sua vida, perde-a; e quem despreza a sua vida* (por um maior bem), *neste mundo, assegura para si a vida eterna* (12, 25).

Foi o que Ele próprio fez, qual *grão de trigo lançado à terra*, para, morrendo, *dar muito fruto* (12, 24). Ao dar, assim, a sua *carne, pela vida do mundo* (6, 51), tornou-se fonte ou alimento de vida, para todos os que se deixam conquistar e transformar por este acto supremo de amor; que o mesmo é dizer, por Deus seu Pai, que *amou tanto o mundo, que lhe deu o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que n’Ele crê não se perca, mas tenha a vida eterna* (3, 16).

Destas e de outras palavras suas é que Jesus afirma serem *espírito e vida*. Isto é, participam da força espiritual ou vivificante de quem as diz, realizando ou tendo realizado o que nelas diz, e actualizando essa energia, sempre que elas são repetidas – principalmente num contexto celebrativo, como é sobretudo o da Eucaristia.

Que isso é verdade, é experimentado e confessado por Pedro, em nome dos Doze Apóstolos – e, conseqüentemente, de toda a Igreja, que deles recebe Jesus – com a exclamação de fé:

3. “Tu tens palavras de vida eterna”

São de vida eterna, por virem d’Aquele a quem Pedro, logo a seguir, chama *Santo de Deus*, isto é, participante, num grau inigualável, da santidade que só Deus tem. Foi Ele – o *Verbo* (ou Palavra) que *no princípio* do mundo já *estava em Deus*, porque *era Deus*, Ele que *se fez carne e veio habitar entre nós* e hoje *está no seio do Pai – foi Ele quem O deu a conhecer* (Jo 1, 1.14.18).

As suas palavras são de vida eterna, por nos abrirem o caminho para esse Deus, único no seu amor e na vida ilimitada que nos oferece – o caminho percorrido por seu Filho Unigénito. *Eu sou o caminho, a verdade e a vida – diz-nos Ele*, indicando-nos a meta: *Ninguém vai ao Pai senão por mim* (14, 6). Porque Ele o percorreu, também nos diz, como a Marta, a irmã de Lázaro, ainda morto: *Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre. Crês nisto?* (11, 25).

Aos que n’Ele crêem, promete e envia o mesmo Espírito que n’Ele actuou: *Quando vier o Paráclito, o Espírito da Verdade, que procede do Pai, e que eu vos hei-de enviar da parte do Pai, Ele dará testemunho em meu favor. E vós haveis de dar testemunho, porque estais comigo desde o princípio* (15, 26-27).

E, de facto, assim aconteceu, logo na primeira aparição aos discípulos, depois de ressuscitado. *Soprou sobre eles e disse-lhes: «Recebi o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ficarão perdoados; àqueles a quem os retirardes, ficarão retidos»* (20, 22-23).

Um dos testemunhos deste amor, que tem no perdão uma das maiores expressões, é-nos oferecido no Evangelho em que Jesus nos está a falar: o Evangelho proveniente do *discípulo amado*, como ele repetidamente se chama a si próprio, pela última vez em 21, 20; um livro escrito *para crerdes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e, crendo tendes a vida nele* (20, 31).

Por tudo isso, sobretudo por ter sido redigido sob a acção do Espírito da Verdade, também as palavras em que está escrito são de vida eterna, se lidas e acolhidas na fé. Uma vida que se manifesta já na vida de quem assim as lê e nas palavras que dela fazem parte.

Talvez um dos exemplos mais palpáveis, para quem lê estas palavras, seja o da catequese – com a vida de catequistas e catequizandos a alimentar-se da Palavra escutada e a dar frutos no bem que realizam, pelo Dom da Palavra. Queira Deus!

OBJECTIVOS

- Rever e reviver as catequeses anteriores;
- Descobrir a força vivificante da Palavra de Deus na vida de cada um;
- Confiar-se, pela fé, a Jesus Cristo.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Com a revisão das catequeses anteriores, atinge-se nesta, ao mesmo tempo, um ponto alto na caminhada catequética deste ano: depois de terem ouvido os Apóstolos, enviados por Jesus e com a força do Espírito, a anunciar o Evangelho e a ensinar como se vive em Igreja, as crianças são desafiadas a entregar-se, com mais fé, a Cristo, de cujas palavras nasce e vive a Igreja e cada um dos seus membros.

2. Como se vê, trata-se de uma revisão de conteúdos e de compromisso vivencial. Assim, já na Experiência Humana, os temas das catequeses anteriores são recordados, associando-os aos principais objectos e símbolos usados em cada catequese: o crucifixo

que une a Cristo morto e ressuscitado; a Bíblia, de onde Deus e Cristo falam através das testemunhas dos acontecimentos salvíficos expostos; a vela, cuja chama lembra o fogo vivificante do Espírito; a cesta, de onde saíram os pães repartidos pelos mais necessitados, como concretização do amor recebido na Eucaristia.

3. Na Palavra e na Expressão de Fé, procure-se que as crianças personalizem o desafio lançado por Jesus aos Doze: a resposta de fé, expressa por Pedro, deve ser também a de cada criança e catequista, depois de já terem experimentado a força vivificante da Palavra de Jesus na caminhada catequética percorrida.

4. No final, e a culminar a vivência de fé, é entregue a cada criança um arquivo para nele guardar as folhas já preenchidas com “A Palavra de Deus na minha vida”. Para agradável surpresa de cada criança, cada arquivo é identificado com o nome escrito pela própria criança no painel construído na 1ª catequese. Se, no caso de um grupo grande, houver mais do que um nome de criança na mesma folha, tirem-se fotocópias dessa folha, para que cada criança receba a sua.

5. Para que todas as crianças tragam todas as folhas já preenchidas, procure o catequista avisá-las disso, antes de elas virem para a catequese.

MATERIAIS

- Dísticos: “SÃO JOÃO”, “SÃO MATEUS”, “SÃO LUCAS” (das catequeses anteriores) e “SÃO PEDRO” – todos do mesmo formato e da mesma cor;
- De uma outra cor e formato, os dísticos: “A PALAVRA DE DEUS” e “NA MINHA VIDA”;
- Crucifixo em tamanho adaptado ao painel a construir (ver Documento 1);
- Uma vela;
- Bíblia;
- Uma cesta (como nas catequeses anteriores);
- Dentro da cesta, arquivos para folhas A/5, um para cada criança, identificados com o nome escrito em folhas usadas na 1ª catequese para o dístico “REUNIDOS NO AMOR” (ver Documento 1 dessa catequese);
- Pano para cobrir a cesta;
- Mesa ou banco (ou outro suporte) para nele se colocar a cesta;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, por preencher e colocadas já em cada arquivo;
- Invólucros de plástico do tamanho A/5, já colocados nos arquivos, para dentro deles se guardarem as folhas preenchidas pelas crianças;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças nas catequeses anteriores e por elas trazidas;
- Duas folhas com o texto bíblico de Jo 6, 60-69, devidamente assinalado, para ser lido por duas crianças (ver Palavra).

MÚSICAS

- “É bom estarmos juntos”;
- “Enviai sobre nós, Senhor”;
- “Tu tens palavras de vida eterna”.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- A **mesa** está vazia.
- O **placar** está vazio.
- Em frente da mesa, um **banco ou mesa** mais baixa (como nas catequeses anteriores).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *As crianças entram em **cortejo**, seguidas do(s) catequista(s), na ordem e com os objectos seguintes:*

- *À frente, uma criança com o crucifixo, erguido;*
- *A seguir, outra criança com uma vela acesa;*
- *A seguir, outra criança com a Bíblia nas mãos, levantada;*
- *Depois, as restantes crianças;*
- *No fim o(s) catequista(s), (um deles) com uma cesta (idêntica à das catequeses anteriores) com as capas dos arquivos (que serão entregues a cada criança, para nelas guardarem as folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”), devidamente cobertas. Para facilitar o transporte dos referidos objectos, podem as respectivas crianças entregar outros objectos (como catecismos, etc.) a colegas ou catequistas ou ainda colocá-los previamente junto dos lugares que ocuparão na sala.*

*Enquanto todos entram e até estarem nos seus lugares, cante-se o **cântico**:*

*“**É bom estarmos juntos**” (estrofes necessárias).*

Chegadas à frente, as crianças que transportam os referidos objectos, coloquem-se entre a mesa e o placar e mantenham-se aí, de pé, até ao momento que se indicar a seguir (ponto 2 da Experiência Humana), para cada uma.

Se o grupo for muito pequeno, podem poisar esses objectos em cima da mesa e ocupar os seus lugares na sala.

*Se for o catequista (principal) a transportar a cesta, coloque-a em cima do banco (ou mesa mais pequena) em frente da mesa, para mais facilmente poder falar às crianças, depois de terminado o **cântico**:*

Catequista (benzendo-se, juntamente com as crianças):

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Crianças:

Amen.

Catequista:

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam connosco.

Crianças:

Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

2. *Catequista, depois de mandar sentar as crianças que, na sala, já estão nos seus lugares:*

Hoje começámos a catequese, quase como fazemos na Eucaristia e como fizemos na primeira catequese deste ano.

Lembram-se como se chama essa catequese? Podem abrir o catecismo na página 9. Como se chama?...

Pois foi isso que vós acabastes de dizer: bendizer a Deus por nos ter reunido no amor de Cristo. E estamos felizes. Por isso, cantámos com tanta alegria: “É bom estarmos juntos”.

Continuem com o catecismo aberto nessa primeira catequese, mas agora olhem bem para os objectos que o/a (*nomes*) têm nas mãos: a cruz com Jesus, a vela acesa e a Bíblia... e ainda para a cesta...

Digam-me, destes quatro objectos, qual é que estará mais ligado a esta primeira catequese? Podem ver melhor o que o catecismo mostra dessa catequese. Leiam sobretudo a palavra da Bíblia (**página 10** do catecismo).

Depois de uns breves momentos:

Então, já descobriram qual é o objecto mais ligado a essa catequese?...

Depois de ouvir as crianças:

Podia ser Jesus. Só que Ele, nesse texto, em que está a falar aos dois discípulos de Emaús, serve-se de... Ora vejam bem...

Das Escrituras. É pelas Escrituras, um outro nome dado à Bíblia, que Ele explica àqueles dois discípulos tudo o que se tinha passado com Ele: como Ele, pela sua morte na cruz, é mesmo o Messias.

Muito bem. Então eu peço ao/à (*nome*) que coloque a Bíblia no seu lugar, ali bem no meio da mesa, para nós não a perdermos de vista ...

Se (no caso de um grupo pequeno) os objectos se encontram em cima da mesa, o catequista vá pedindo a uma criança que pegue no objecto indicado e faça o que a seguir se sugere.

E, já que estás aqui, peço-te que mostres também aos colegas aquilo que está contido na Bíblia.

*O catequista entregue à criança o **dístico** “A PALAVRA DE DEUS” para que o mostre aos colegas e depois afixe (com a ajuda do catequista) no placar, ao alto (ver Documento 1).*

Passemos agora à segunda catequese. Como se chama?...

“Sereis minhas testemunhas”

Agora olhem para os outros três objectos. A qual deles se podem aplicar essas palavras do título da catequese?...

Claro: é a Jesus crucificado e ressuscitado. Depois de aparecer aos Apóstolos, mostrando-lhes as mãos e os pés de crucificado e até comendo diante deles, que lhes disse Jesus? Podes ler tu (*nome*), devagarinho...

Após a leitura:

Portanto, Jesus manda os discípulos a anunciar a Boa Nova de que o Messias é Ele, que morreu e ressuscitou, e a convidar as pessoas a arrependem-se dos pecados, para lhes serem perdoados.

Peço ao/à (*nome*) que afixe o crucifixo no placar, mas bem ao centro. Jesus, que deu a vida por nós, é o centro de tudo.

*Depois de afixado o **crucifixo**:*

E os Apóstolos, que fizeram eles depois de Jesus se elevar para o Céu?...

Foram para o templo rezar, todos os dias, e assim preparar-se para receber Aquele que Deus tinha prometido...

Vejam, na terceira catequese, quem era esse Prometido. Leiam o que a Bíblia aí nos diz...

Após uns breves momentos:

E agora digam lá a qual destes dois objectos se pode aplicar essa catequese: a cesta ou a vela acesa?...

Muito bem: a vela, pois o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos em forma de línguas de fogo. Esta chama até parece uma língua.

E apoderou-se tanto dos Apóstolos, que lhes desprende a língua.

E eles começaram a falar de quê?...

A anunciar o que Jesus ressuscitado lhes tinha mandado.

E agora digam-me: qual dos Apóstolos é que falou àquela gente toda que estava em Jerusalém?...

Então, eu peço ao/à (*nome*) que coloque a vela junto da Bíblia...

E agora mostra o nome de...

A criança pegue e mostre o dístico “SÃO PEDRO” e, depois, afixe-o (com a indicação e ajuda do catequista) entre o braço direito e o braço superior da cruz (ver Documento 1).

Lembram-se de quantas pessoas se converteram e foram baptizadas, depois de S. Pedro lhes anunciar Jesus Cristo?...

Cerca de três mil...

E o que é que essas pessoas passaram a fazer, para se manterem cristãos?...

O mesmo que nós temos feito aqui na catequese: ouvir dos Apóstolos o que eles ensinam. E que bem vós tendes ouvido!

Depois de S. Pedro, qual dos doze Apóstolos nos falou aqui?...

Abram o catecismo na quarta catequese (**página 21**)...

E agora peço ao/à (*nome*) que venha aqui mostrar o nome do Apóstolo que nos fala nessa catequese.

A criança indicada mostre o dístico “SÃO JOÃO” e afixe-o do lado direito do placar, entre o braço esquerdo e o braço superior da cruz (ver Documento 1).

E que nos conta S. João?...

Conta-nos como Jesus lavou os pés aos seus discípulos. Mas, para nós fazermos o quê?...

O mesmo que Ele fez: amar-nos uns aos outros, para vivermos em comunhão de irmãos...

Agora digam-me: será que esta cesta, que está aqui em frente da mesa, tem alguma coisa a ver com a nossa Comunhão Fraterna?...

Depois de ouvir as crianças:

Passemos à catequese cinco (**página 25**)...

Talvez aí se esclareça se o cesto também diz respeito à Comunhão Fraterna.

Como se chama essa catequese?...

E qual dos Apóstolos nos ensina a partir e repartir o pão?...

Venha cá o/a (*nome*) para afixar no placar o nome desse Apóstolo.

A criança indicada afixe o dístico “SÃO MATEUS” entre o braço direito e o inferior da cruz (ver Documento 1).

S. Mateus conta-nos o milagre da multiplicação dos pães, para quê? Onde é que Jesus hoje parte e reparte o seu Pão?...

E o que é que deve fazer quem recebe o pão com o Corpo de Cristo na Eucaristia?...

Muito bem: repartir o seu pão, as suas coisas com os mais necessitados ...

E que mais podemos fazer por eles? Leiam a catequese seis...

Agora venha cá o/a (nome) e mostre o nome de quem nos fala do ensino dos Apóstolos sobre a oração.

A criança indicada afixe o **dístico** “**SÃO LUCAS**”, entre o braço esquerdo e o inferior da cruz (ver Documento 1).

E como nos ensina Jesus a rezar?...

Todos os dias e pedindo o Espírito Santo, que tanto bem nos faz, a nós e às pessoas por quem rezamos.

3. Vamos lá ver se foi isso que vós fizestes desde a última catequese.

Lembram-se qual foi o compromisso?...

Escrever uma oração e rezá-la, cada dia da semana, por pessoas diferentes, mas que são importantes para nós.

Trouxeram as folhas de “A Palavra de Deus na minha vida” com essas orações?...

Muito bem. Então eu proponho que as voltemos a rezar aqui, pedindo sobretudo o Espírito Santo, para essas pessoas ... e para nós, para que rezemos bem. Se rezarmos bem, estamos unidos a essas pessoas, em Comunhão Fraternal com elas.

Para a oração, siga-se uma destas modalidades:

1ª Alternativa – Grupo grande

Escolham-se algumas crianças, eventualmente das que se ofereçam, uma ou duas para cada dia da semana (excluindo a oração feita no final da catequese anterior, se ela foi então proferida).

2ª Alternativa – Grupo pequeno

Podem envolver-se todas as crianças, mas (tal como na 1ª alternativas) distribuindo-as uma ou duas por cada dia da semana (excluindo, também aqui, a oração feita no final da catequese anterior, se foi então proferida).

Para as duas alternativas:

Então preparem as vossas folhas. E não se esqueçam de quem vai rezar a oração feita em cada dia.

O catequista, para se certificar, pode perguntar às crianças, percorrendo os dias indicados ou, para evitar erros e atrasos, entregar a cada uma um cartão com o dia da semana a que a criança se deve referir.

É claro que, enquanto um colega lê de viva voz, os outros ouvem o que ele lê, para assim se unirem à sua oração. Assim é que estamos em Comunhão Fraternal, também enquanto rezamos:

Levantemo-nos... Façamos silêncio...

– Começamos por pedir o Espírito Santo, com o **cântico**:

“Enviai sobre nós, Senhor” (só o refrão).

– Agora **rezam** os dois (ou quatro, juntando 2 dias) primeiros meninos...

– **Cantemos** também por essas pessoas:

“Enviai sobre nós, Senhor” (refrão).

– Agora é a vez dos dois (ou quatro) meninos seguintes **rezarem**...

– Cantemos, por essas pessoas:

“Enviai sobre nós, Senhor” (refrão).

*Prossiga-se assim com as restantes crianças, terminando com o mesmo **cântico**:*

“Enviai sobre nós, Senhor” (refrão).

4. Após as crianças se sentarem:

Querem saber o que está escondido dentro da cesta?...

Será pão, como nas catequeses sobre a Eucaristia e a Oração?...

Posso dizer que o que lá está tem a ver com todas as outras catequeses deste ano, mesmo as que ainda não fizemos...

É uma surpresa que só no final desta catequese vai ser descoberta e... entregue a cada um de vós... porque a mereceram!

Olhem: ela tem ainda a ver com uma actividade que temos feito e que ainda não está registada no placar. Vejam lá se descobrem qual é.

(Apontando:) Está lá a cruz com Jesus, ao meio, para estar envolvida pelos Apóstolos que O viram e escutaram e nos têm falado dele, transmitindo-nos a Palavra de Deus que está na Bíblia, que temos lido e ouvido com muita atenção e interesse... É ou não é verdade?

E como tendes vós mostrado esse interesse?...

O catequista chame uma criança e entregue-lhe o dístico “NA MINHA VIDA” (no mesmo formato e da mesma cor de “A PALAVRA DE DEUS”), para o mostrar aos colegas e afixar ao fundo do placar (ver Documento 1). Depois, comente:

Temos mostrado muito interesse pela (apontando:) “Palavra de Deus”, na Bíblia, procurando que ela se manifeste na nossa vida: na minha, na tua...na tua... na tua...

Pois bem: os que têm feito isso, com as folhas que têm recebido, no fim desta catequese vão receber um prémio... tirado daquela cesta... Mas só esses. Os outros não precisam.

Quem serão eles?...

II. PALAVRA

1. Para sabermos ao certo, temos primeiro de ouvir Jesus. Ou melhor: ouvirmos um dos Apóstolos que nos têm falado de Jesus.

Olhem para o placar... Quem nos vai falar é outra vez... S. João.

E, desta vez, S. João vai falar-nos do que aconteceu quase logo a seguir ao milagre da multiplicação dos pães.

Segundo S. João, Jesus, a seguir a este milagre, explicou às pessoas que aquele pão que lhes tinha dado era menos importante do que um outro pão que Ele trazia do Céu. Que pão era esse?...

O seu Corpo entregue por nós, na cruz e depois de ressuscitado. Esse sim, era o verdadeiro pão descido do Céu. E quem o comer ficará mesmo saciado...de amor.

Sabem onde Ele nos dá esse pão?...

Na Eucaristia. É esse pão, com o Corpo de Jesus, que nos fez viver em Comunhão Fraternal e leva a dar-mo-nos aos outros, a sermos capazes de amar!

Pois bem, não queiram saber o que aconteceu depois de Jesus ter dito que é Ele o verdadeiro pão do amor... Espero que nenhum de vós cometa os erros que fizeram alguns discípulos de Jesus. Se eles estivessem aqui connosco, não poderiam, de maneira nenhuma, receber o prémio que está naquela cesta.

Mas vejamos o que então aconteceu.

Para percebermos melhor, preciso da colaboração de alguns de vós:

- Dois para lerem comigo: um, as palavras de Jesus; e o outro as palavras dos discípulos e de S. Pedro. Eu faço de narrador e leio o que S. João nos conta.

- Ainda precisamos de mais um de vós, para pegar na vela. Já agora, que vos lembra ela?... O Espírito Santo. E será que o Espírito Santo também aparece nesta leitura?...
Depois de todas as crianças indicadas estarem nos lugares referidos, o catequista convida as restantes a porem-se de pé, para a leitura de Jo 6, 60-69:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São João:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista (narrador):

**Naquele tempo,
muitos dos discípulos, ao ouvirem Jesus, disseram:**

Criança (discípulos):

**Estas palavras são duras.
Quem pode escutá-las?**

Catequista (narrador):

**Jesus, conhecendo interiormente
que os discípulos murmuravam por causa disso,
perguntou-lhes:**

Criança (Jesus):

**Isto scandaliza-vos?
E se virdes o Filho do Homem
subir para onde estava anteriormente?
O espírito é que dá vida,
a carne não serve de nada.
As palavras que eu vos disse são espírito e vida.
Mas, entre vós, há alguns que não acreditam.**

Catequista (narrador):

**Na verdade, Jesus bem sabia, desde o inicio,
quais eram os que não acreditavam
e quem era aquele que O havia de entregar.
E acrescentou:**

Criança (Jesus):

**Por isso, vos disse:
Ninguém pode vir a mim,
se não lhe for concedido por meu Pai.**

Catequista (narrador):

A partir de então, muitos dos discípulos afastaram-se e já não andavam com Ele.

Jesus disse aos Doze:

Criança (Jesus):

Também vós quereis ir embora?

Catequista (narrador):

Respondeu-lhe Simão Pedro:

Criança (discípulos):

Para quem iremos, Senhor?

Tu tens palavras de vida eterna.

Nós acreditamos

e sabemos que Tu és o Santo de Deus.

Catequista:

Palavra da Salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

2. Depois de todos estarem nos seus lugares, o catequista prossiga, com a Bíblia aberta na mão:

Então que aconteceu com alguns discípulos de então?...

Muitos deles foram-se embora e deixaram de andar com Jesus.

E hoje? Haverá, também hoje, cristãos, pessoas que foram baptizadas e, se calhar, receberam a Primeira Comunhão, e não querem mais saber de Jesus?...

Oh, se há! Deixaram de ir à Missa, à catequese, deixaram de rezar. Ou então, não se querem preocupar com as outras pessoas, nem se esforçam por fazer o que é certo, por praticar o bem, por amar como Jesus amava.

Estou a falar-vos de pessoas que podiam ser bons cristãos, que sabem como se deve fazer para se ser bom cristão, mas não querem sê-lo.

E porque será que deixam Jesus e o que Ele quer de nós?

Repararam no que disseram aqueles discípulos de então, que deixaram Jesus? Eu leio (**Jo 6, 60**):

“Estas palavras são duras.

Quem pode escutá-las?”

Duras as palavras de Jesus, porquê?

É que Jesus, para subir para o Céu, de onde tinha descido, e para dar o seu Corpo no pão que nos oferece, tinha de dar a vida na cruz. E isso era muito duro, exigia um grandíssimo sacrifício. Mas era assim que Ele nos mostrava o seu amor. Que grande amor!

Ora bem: quem experimenta e recebe este amor, tem de estar disposto a fazer o mesmo, isto é, a viver como Jesus pede. E isso às vezes é duro, não é? Também nos exige um sacrifício grande, aos adultos e às crianças.

Dar um intervalo de tempo para as crianças se pronunciarem e, depois de as ouvir, orientar as suas propostas – correctas e erradas – no sentido de poder levá-las a reflectir:

Por exemplo:

- Deixar a nossa casa, as nossas brincadeiras e outras coisas de que gostamos, para estarmos aqui, irmos à Missa, para fazermos aos outros o bem de que eles precisam;

- Ajudar os colegas, fazer os trabalhos de casa, para a escola e a catequese, ajudar a manter a nossa casa limpa, brincar com colegas de quem não se gosta...

Tudo isso custa. Às vezes não nos apetece nada! Muitas vezes, é duro.

Mas vale a pena, não vale?...

Que nos dá Jesus, aqui e noutros lugares onde O ouvimos? Como é que Ele dizia há pouco?

Eu leio outra vez (*Jo 6, 63*):

**“O Espírito é que dá vida,
a carne não serve de nada.**

As palavras que eu vos disse são espírito e vida”.

“Carne” aqui significa aquilo por que só se interessam algumas pessoas: só se interessam pela sua própria vida, pelas suas riquezas, pelo seu bem-estar. Não querem saber de Jesus, não acreditam n’Ele, acham que não se pode ser feliz com o que Ele pede.

Só se interessam pela sua carne, isto é, pelas coisas que dão conforto ao nosso corpo. Os outros não contam, porque dão trabalho, exigem que nos sacrifiquemos. Por exemplo, quando é a nossa vez de pôr a mesa e queríamos continuar sentados a ver televisão.

Mas vós, de certeza, conheceis pessoas que – graças a Deus – escutam e acolhem as palavras de Jesus. Digam lá algumas...

Ora bem : essas pessoas recebem uma força muito grande, como que um fogo, dentro delas. Recebem o Espírito Santo que as leva a fazer tanta coisa boa pelos outros.

Por isso Jesus diz que as suas palavras são “espírito e vida”.

E nós somos dessas pessoas, porque nos reunimos aqui para escutar a Palavra de Jesus e rezar em conjunto. E procuramos fazer tanto bem aos outros: ajudar, dar carinho, oferecer o nosso tempo... Mesmo que não nos apeteça.

É só porque isso faz bem à outra pessoa: se calhar, estava triste e fica contente; estava cansada e recebe ajuda; estava só e agora tem a nossa companhia; e, com isso, recebe um espírito de alegria e de felicidade, de vida nova!

3. Não é isso que vós tendes experimentado, por exemplo, a partir do que ouvís aqui na catequese?

Olhem para todas as folhas que já escreveram com “A palavra de Deus na minha vida”... E aquilo que lá escreveram. Muitas vezes, contando o que fizeram...

Quanta vida lá está! Quanto bem o Espírito Santo vos tem levado a fazer!...

E digam lá, estão ou não felizes por tudo isso?...

Eu, como vossa(o) catequista, sinto uma grande alegria por vos acompanhar e ver como gente ainda pequena já é capaz de fazer tanto bem!

Então, se Jesus vos perguntar também a vós: “Também vós quereis ir embora?” – Quereis ou não?...

Tal e qual como Pedro (*lendo Jo 6, 68-69*):

“Para quem iremos, Senhor?

Tu tens palavras de vida eterna.

Nós acreditamos e sabemos que Tu és o Santo de Deus”.

Querem repetir as palavras de Pedro?...

Então repitam, depois de eu as dizer:

“Para quem iremos, Senhor?” – Repitam...

“Tu tens palavras de vida eterna”...

“Nós acreditamos e sabemos que Tu és o Santo de Deus”...

“Santo de Deus” significa que pertence todo a Deus, como um amigo; mais: como um Filho. Assim é que Jesus é o Santo de Deus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Nós até já sabíamos algumas destas palavras que Jesus hoje nos disse.

Reparem no título do catecismo...

E no **cântico** com essas palavras...

Agora sabemos a que propósito é que Pedro e nós as dizemos.

Mas, vejamos melhor como as palavras de Jesus têm sido, em nós, palavras de vida eterna.

Para isso, peguem todos nas folhas que escreveram com “A Palavra de Deus na minha vida”...

Agora, com as folhas, vamos dizer a Jesus que as palavras que Ele nos tem dito são mesmo de vida eterna, isto é, daquela vida que Ele tem e nos dá, para tudo aquilo que temos feito de bem.

Fazemos assim:

- Começando pela primeira folha, um de vós, de cada vez, vem aqui à frente e mostra aos colegas a folha que escreveu, explicando rapidamente o que nela está escrito ou desenhado. Para a primeira folha, vem um; para a segunda, vem outro, até à última.

- Depois de cada um mostrar e ler, todos respondemos com o **cântico**:

“Tu tens palavras de vida eterna”.

– *1ª folha (como se reuniram em volta de Jesus – “Reunidos no amor de Cristo”).*

– **“Tu tens palavras de vida eterna”** (1ª estrofe).

– *2ª folha (como se sentiram com uma pessoa que lhes falou de Jesus – “sereis minha testemunha”).*

– **“Tu tens palavras de vida eterna”** (4ª estrofe).

– *3ª folha (língua de fogo recebida de um colega – “Ficaram cheios do Espírito Santo”).*

– **“Tu tens palavras de vida eterna”** (6ª estrofe).

– *4ª folha (lavagem dos pés, recebida de um colega – “Os Apóstolos ensinam-nos a viver em Comunhão Fraternal”).*

– **“Tu tens palavras de vida eterna”** (7ª estrofe).

– *5ª folha (oferta do pão – “Os Apóstolos ensinam-nos a (re)partir o pão”).*

– **“Tu tens palavras de vida eterna”** (8ª estrofe).

– *6ª folha (Orações – “Os Apóstolos ensinam-nos a rezar”).*

– **“Tu tens palavras de vida eterna”** (10ª estrofe).

2. Que belo! O que a Palavra de Deus é capaz de fazer na vida de cada um de nós!

Agora, sim: já podem receber o prémio prometido.

Vai ser tirado do mesmo cesto de onde levaram os pães que tão bem souberam às pessoas que os receberam. Foi mesmo um pão de amor, um “Pão por Deus”.

Convido o/a (*nome*) para vir descobrir o cesto...

Depois de descoberto, o catequista entregue a essa criança as capas de arquivo a ela destinadas.

Peça-lhe para as abrir e mostrar aos outros, até eles descobrirem para que servem.

Depois, o catequista distribua as restantes. À medida que as recebem, as crianças podem colocar nelas as suas folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”. Mas oriente-as, para que as folhas fiquem na devida ordem.

No final, convide todas as crianças a porem-se de pé, a colocarem o seu arquivo nas mãos abertas e estendidas e, assim, cantarem, voltadas para a Bíblia e o crucifixo, o cântico:

“Tu tens palavras de vida eterna”(9ª e 10ª estrofes).

Se o grupo o permitir, o cântico pode ser ensaiado e cantado em cânon.

3. Compromisso

Já repararam bem como o vosso nome está escrito?...

Fostes vós que o escrevestes, quando aqui nos reunimos pela primeira vez no amor de Cristo. Assim, essa folhinha ajuda-vos a nunca se esquecerem de Jesus e de todos os outros que têm as restantes letras das palavras.

Reparastes que no arquivo ia mais uma folha, para preencherdes nesta semana? Com quê?...

- Eu proponho que percorram todas as catequeses que demos até agora, servindo-vos do catecismo.

- Depois de as verem todas, registem na folha a que mais vos agradou, escrevendo também porquê.

- Depois, vão ver o cântico **“Tu tens palavras de vida eterna”**, que vem no fim do catecismo, e escolham dele aquela letra, aquela estrofe, que tem mais a ver com a catequese que escolherem.

Se quiserem até podem ver uma catequese por dia. São seis para seis dias. Mas, como disse, registem na folha só a que mais vos agrada.

E, claro, tragam a folha para a próxima catequese. Pode ser no arquivo, com todas as outras.

Peço-vos para trazerdes ainda outra coisa: o catecismo do ano passado.

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Crianças:

Graças a Deus.

4. Para guardar na memória e no coração

“A quem iremos, Senhor?

Tu tens palavras de vida eterna.

Nos acreditamos e sabemos
que Tu és o Santo de Deus!”

(Jo 6, 68-69)

DOCUMENTO 1

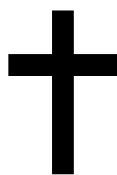
Painel a construir no decurso da catequese:

A PALAVRA DE DEUS

SÃO PEDRO

SÃO JOÃO

(mesmo formato
e mesma cor)



(mesmo formato
e mesma cor)

SÃO MATEUS

SÃO LUCAS

NA MINHA VIDA

Catequese 8

“EIS O CORDEIRO DE DEUS”

(Jo 1, 35)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A dimensão pascal do Natal

São duas festas que, aparentemente, nada têm a ver uma com a outra. Mais: até se excluem nos acontecimentos nelas celebrados: no Natal, o nascimento para a vida; na Páscoa...

Não, na Páscoa, não é o fim da vida, mas a vitória total e definitiva sobre a morte que é festivamente celebrada. Um triunfo pelo qual todo o ser humano sonha e luta desde o primeiro instante do seu nascimento. Mais: poder nascer, são e escoreito, já é um teste – um dos mais complicados – a que somos sujeitos nesta luta em que estamos existencialmente entranhados. Quantos seres o não conseguem passar! Quantas crianças cedem aos perigos em que está envolvido o parto, mesmo naquelas condições em que humanamente parece nada faltar!

Portanto, se a vida e a (luta contra a) morte estão, já neste ponto, tão intrinsecamente ligadas, então não pode haver Páscoa, como passagem da morte à vida, sem Natal, como (re-)nascimento para a vida, e vice-versa. (Re-)Nascimento por duas razões: primeiro, porque antes de nascermos, de facto, já vivíamos (no seio materno) – por isso, se diz em português, que a mãe dá à luz um ser que ainda a não via; segundo, porque o nascimento em condições físicas e mentais, pessoais e sociais, necessárias para uma vida humanamente saudável e digna, está provado que não nos chega. Basta ver a fragilidade e tantos condicionalismos em que a nossa vida decorre e continuamente a ameaçam. E, depois, de que serve a vida que vamos adquirindo, se não soubermos para quê? E, mesmo sabendo-o, se não tivermos força para alcançarmos aquilo que sabemos ser a verdadeira vida?

Precisamos, por isso, d’Aquele que nos transcende e nos capacita para nos transcendermos: o Deus a quem, segundo a tradição judaico-cristã, chamamos Pai, pela relação de dependência e intimidade que com Ele estabelecemos, a começar pelo Baptismo. Daí que chamemos a este sacramento “renascimento espiritual”. Espiritual, porque nele nos é oferecido aquele Espírito, aquela energia vital que só Ele e seu Filho Jesus Cristo possuem numa dimensão inesgotável: Cristo, como Deus feito homem, principalmente a partir da sua ressurreição gloriosa. É, por isso, na sua morte que somos baptizados para, com Ele, ressuscitarmos para a vida.

Devido a esta centralidade do acontecimento pascal, em Cristo e naqueles que d’Ele vivem, por isso é que o Novo Testamento apresenta o nascimento de Jesus em perspectiva pascal. As condições precárias em que ele, segundo Lc 2, 1-7, decorre, num estábulo de Belém, são um prenúncio das condições extremamente mais precárias em que Ele morrerá em Jerusalém. E, se dúvidas houvessem, o mesmo Evangelista desfê-las na exposição da primeira visita do Menino ao templo de Jerusalém, quarenta dias depois de nascer: *Uma espada trespassará a tua alma* – diz o velho Simeão a sua mãe (2, 35). O mesmo acontece no Evangelho segundo S. Mateus: a tentativa de Herodes Magno de assassinar o Menino (2, 16-18) consumir-se-á cerca de trinta anos mais tarde, isto é, quando Ele, conforme nos é dito em Jo 1, 29-36, se tornar:

2. “O Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”

Assim é apresentado por João Baptista – uma das figuras que, nas cerca de quatro semanas do Advento, nos prepara para o Natal – por duas vezes: primeiro, em toda a sua extensão, principalmente para os leitores, já que não se indica o público (Jo 1, 29); a segunda vez, em forma abreviada (sem as palavras: *que tira o pecado do mundo*), para dois dos discípulos de João Baptista (1, 36).

A repetição é sinal da sua importância, a diversos níveis. Em primeiro lugar, pela sua raiz no Antigo Testamento. Nestas palavras está condensada, praticamente, toda a história do Povo de Deus antes de Cristo, com realce para dois dos seus momentos mais relevantes:

– Primeiramente, o acontecimento pascal da libertação da opressão do Egito, do qual nasceu Israel como Povo de Deus. Que ela se tenha dado precisamente na noite em que se imolavam os cordeiros que, depois de assados, eram consumidos em refeição fraterna (cf. Ex 12), veio dar à festa um significado novo: passou de uma simples festa de pastores – celebrada na noite de lua cheia do princípio da Primavera, em que cada um partia com os seus rebanhos em busca de novas pastagens – para uma celebração comemorativa da libertação, alcançada nessa noite, da morte para a vida.

Esta festa permitia-lhes, todos os anos, voltar às origens, para ciclicamente recuperarem ou fortalecerem a vida: ofereciam a Deus um cordeiro dos rebanhos que Ele mesmo lhes oferecia, desde que lhes tinha proporcionado os meios necessários para viverem em liberdade, na terra onde corria leite e mel.

– Isto, até ao momento em que perderam essa terra e essa autonomia: quando, em 587, Jerusalém foi destruída e a maioria mais significativa dos seus habitantes foram deportados para a Babilónia. Por que razão Deus os tinha assim abandonado? – era a pergunta a que os profetas de então respondiam: por infidelidade à aliança com o seu Deus.

Este pecado carecia de expiação, isto é, da entrega, a Deus, da vida que lhes tinha dado e só a Ele pertencia. É neste contexto que a imolação dos cordeiros pascais ganha essa dimensão expiatória, em ordem ao perdão dos pecados.

E foi neste mesmo contexto que surgiu uma figura profética, de quem se fala na parte do livro de Isaías proveniente de um profeta que anunciou o fim do exílio na Babilónia e incentivou os judeus exilados a regressarem à Palestina (Is 40-55). Chamamos a essa figura *Servo de IaHWeH*, devido à sua total subordinação ao Senhor e à correspondente integridade de vida, na realização da sua missão, até à morte violenta de que foi vítima, exactamente por causa da sua justiça. Uma morte que, por isso, teve efeitos expiatórios e salvíficos infinitamente superiores aos do cordeiro pascal: a ele – morto *como um cordeiro que é levado ao matadouro – ser-lhe-á dada uma multidão como herança (...), porque ele próprio entregou a sua vida à morte e foi contado entre os pecadores, tomando sobre si os pecados de muitos, e sofreu pelos culpados* (Is 53, 7-12).

É caso para perguntar quando é que isso realmente aconteceu? Os primeiros cristãos não tiveram dúvidas: foi em Jesus de Nazaré, morto durante a festa judaica da Páscoa – segundo o Evangelho de S. João, precisamente à mesma hora em que, em Jerusalém, eram imolados os cordeiros pascais. Daí que ele afirme, no final do seu relato, que *isto aconteceu para se cumprir a Escritura, que diz: «Não se lhe quebrará nenhum osso»*, como se determinava em Ex 12, 10-46 relativamente ao cordeiro pascal (Jo 19, 36).

Que Cristo passa, por isso, a ser o verdadeiro Cordeiro Pascal, é anunciado pelo mesmo Evangelista, através de João Baptista, logo no início do seu Evangelho. Foi devido a esse anúncio que dois dos discípulos de João:

3. “Seguiram Jesus”

A cena é narrada em **Jo 1, 35-42**. E a este primeiro chamamento seguem-se outros, em que os chamados se tornam testemunhas d’Aquele que os chama, numa cadeia que leva à constituição da comunidade dos discípulos de Jesus. Tal é a atracção que Ele exerce sobre quem o reconhece como *Cordeiro de Deus* ou *Messias*!

Só que isto levanta uma questão: se compararmos esta cena com a correspondente de Mc 1, 26-20; Mt 4, 18-22 e Lc 5, 1-11 – em que o chamamento se dá junto ao mar da Galileia e é feito directamente por Jesus, que, além disso, se dirige em primeiro lugar a Simão Pedro – quando e como é que este e os restantes foram, pelo menos definitivamente, chamados por Jesus? E como se explicam as palavras de João Baptista, se Jesus estava ainda longe de ser morto na cruz?

A estas e outras questões semelhantes só se pode responder, de um modo genérico, a partir do processo de formação dos Evangelhos, na qual se distinguem três etapas. O Catecismo da Igreja Católica (n. 126) resume-as assim:

“1. *A vida e os ensinamentos de Jesus*. A Igreja sustenta firmemente que os quatro evangelhos, «cujas historicidade afirma sem hesitações, transmitem fielmente as coisas que Jesus, Filho de Deus, realmente operou e ensinou para salvação eterna dos homens, durante a sua vida terrena, até ao dia em que subiu ao céu» (DV 19).

2. *A tradição oral*. «Na verdade, após a Ascensão do Senhor, os Apóstolos transmitiram aos seus ouvintes (com aquela compreensão mais plena de que gozavam, uma vez instruídos pelos acontecimentos gloriosos de Cristo e iluminados pelo Espírito da verdade) as coisas que Ele tinha dito e feito» (DV 19).

3. *Os evangelhos escritos*. «Os autores sagrados, porém, escreveram os quatro evangelhos, escolhendo algumas coisas, entre as muitas transmitidas por palavra ou por escrito, sintetizando umas, desenvolvendo outras, segundo o estado das Igrejas, conservando, fielmente, o carácter da pregação, mas sempre de maneira a comunicarmos coisas verdadeiras e sinceras acerca de Jesus» (DV 19).”

As referidas divergências entre o Evangelho segundo S. João e os restantes situam-se na segunda e, sobretudo, na terceira etapa. Tudo indica que, o mais tardar na altura em que João escreveu o seu Evangelho (finais do séc. I), houvesse conflitos entre os cristãos (discípulos de Jesus) e os discípulos de João Baptista, e ainda que alguns destes tenham acabado por reconhecer a messianidade de Jesus e se tenham integrado em comunidades cristãs.

Quer para eles quer mesmo para os que seguiram Jesus durante a sua vida pública, (como Pedro e André, Tiago e João), a razão definitiva que os levou a deixarem tudo, foi o acontecimento pascal da morte e ressurreição de Jesus ou, no dizer de João, a sua condição messiânica de Cordeiro de Deus. Antes disso, quantos deles O abandonaram, na hora da morte!

E é isso que ainda hoje atrai tanta gente para Ele, para d’Ele dar testemunho – gente que, também no Natal, vive o mistério do amor salvífico consumado na Páscoa.

OBJECTIVOS

- Iniciar a preparação para o Natal, a partir da mensagem de João Baptista;
- Compreender o significado do título cristológico “Cordeiro de Deus”;
- Dispor-se a seguir Jesus e a dar testemunho d’Ele.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Com esta catequese, inicia-se um ciclo de três, de preparação para a vivência cristã do Natal de Jesus Cristo. Quer a preparação quer a vivência têm como ponto de partida e

de apoio os temas e dinamismos das catequese anteriores: a mensagem de João Baptista, uma das figuras do Advento, sobre Cristo como “Cordeiro de Deus”, insere-se no anúncio de Jesus como Messias, pela sua morte e ressurreição, tal qual foi transmitido pelos Apóstolos; de entre estes, escolhe-se João Evangelista, um dos que, nas catequese anteriores, já falou às crianças, a partir do seu Evangelho.

2. A Palavra decorre em forma de entrevista, como meio para envolver mais as crianças: elas próprias, tendo em conta o contributo de João Baptista para o Natal do ano anterior, irão entrevistar João Evangelista. O papel deste é assumido pelo catequista que, aliás e na prática, já o tem exercido noutras catequese. Por isso, sugere-se que a sua identificação, nesse papel, se restrinja a um simples dístico dependurado ao peito. O mesmo suceda com as crianças que irão ler as palavras de outras personagens que intervêm na cena bíblica. Evite-se, deste modo, qualquer teatralidade que perturbe a transmissão do texto. O importante é que a Palavra de Deus, escrita há séculos, surja, no momento em que é proclamada, com toda a sua energia e actualidade.

3. A proposta feita no compromisso é para ser completada nas catequese seguintes. Tem como objectivo final levar as crianças a conquistar outras pessoas para Cristo, nomeadamente na vivência do Natal. Para que tal venha a suceder, convém que a abordagem que farão a essas pessoas seja bem preparada.

MATERIAIS

- Dísticos: “A PALAVRA DE DEUS”; “NA MINHA VIDA”; “SÃO JOÃO”; “SÃO LUCAS”; “SÃO MATEUS”; “SÃO PEDRO” (catequese anterior);
- Dísticos: “Evangelho segundo São João” e “Eis o Cordeiro de Deus”;
- Dísticos: “JOÃO EVANGELISTA”; “JOÃO BAPTISTA”; “JESUS” e “ANDRÉ”, presos a um fio ou uma fita, para serem dependurados ao pescoço;
- Figura de S. João Baptista (semelhante à do ano anterior – catequese 7);
- Crucifixo;
- Vela;
- Bíblia;
- Canetas/esferográficas;
- Folhas com “A palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças, desde a catequese anterior;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, uma para cada criança, para serem preenchidas nesta catequese e até à próxima;
- Folhas com o texto de Jo 1, 35-42, para ser lido por três crianças (João Baptista, Jesus, e André) e, por isso, devidamente assinalado;
- Catecismos do 3º ano (“Queremos seguir Jesus”).

MÚSICAS

- “Tu tens palavras de vida eterna”;
- “Jesus Cristo, Cordeiro de Deus”.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**: o mesmo painel do final da catequese anterior (ver Documento 1 dessa catequese).
- Sobre a **mesa**: a Bíblia e uma vela, apagada.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Então, ainda se lembram do compromisso da última catequese?...

Exacto: cada um devia escolher, de todas as catequese que demos este ano e até agora, qual foi aquela de que mais gostou. Até sugeri que vissem uma catequese em cada dia. E, ainda, dizer por que gostou dessa catequese e, depois, descobrir qual a parte do **cântico** que corresponde à catequese escolhida.

Fizeram isso?

Se todas ou a maioria das crianças não cumpriram o compromisso, dê-se-lhes algum tempo para o fazerem, servindo-se do catecismo.

Agora, podem pegar na folha em que escreveram a vossa escolha...

E vamos então ver qual a catequese mais escolhida:

– Quem gosta mais da primeira, em que S. Lucas nos conta a história dos discípulos de Emaús?...

– E quem prefere a seguinte, em que S. Lucas contou como Jesus ressuscitado apareceu aos doze Apóstolos e os enviou a anunciar que Ele é o Messias?...

– E a terceira, em que S. Pedro, cheio do Espírito Santo, anunciou Jesus e conseguiu que se convertesse e baptizasse tanta gente?...

– Vamos à quarta, em que S. João nos mostra como Jesus lavou os pés aos discípulos, para vivermos em Comunhão Fraterna...

– E quem gosta mais da quinta, em que S. Mateus nos falou da multiplicação dos pães, para mostrar como devemos repartir o pão, o da Eucaristia e o nosso?...

– Só falta a sexta, em que S. Lucas nos apresentou Jesus a contar a parábola dos três amigos: os dois que não tinham pão para comer e o que tinha. Assim nos ensina a rezar, pedindo a Deus principalmente o Espírito Santo. Quem gosta mais desta catequese?...

O catequista, tendo registado a catequese mais escolhida pelas crianças, convide uma ou duas dessas crianças a exporem as razões da escolha. Se houver empate faça uma nova votação entre as catequese empatadas, agora com o voto também das outras crianças. Se o empate se mantiver, contemple as duas, no que propõe a seguir:

Agora só falta saber qual a letra do **cântico** “**Tu tens palavras de vida eterna**” que corresponde a essa catequese.

Descoberta a estrofe (como se indica na catequese anterior), o catequista convide as crianças a cantá-la, de pé, e voltadas para o crucifixo e/ou a Bíblia, como oração de fé e louvor. Pode juntar, a essa estrofe, a 9ª e a 10ª, relativas à catequese 7.

2. Podem sentar-se.

Qual será o Apóstolo que nos vai falar hoje?...

Apontando para os respectivos dísticos no placar:

Será S. Pedro, S. João, S. Mateus ou S. Lucas?

Antes disso, temos de saber do que é que eles nos podem falar. Que vos parece?...

Depois de ouvir as crianças, e adaptando-se às suas propostas, o catequista sugira:

Digam lá: daqui a (número de dias até ao Natal) dias, que festa celebramos?

O Natal de Jesus. Até já se vêem por aí, nas ruas, nas lojas e nas casas, tantos sinais do Natal. Se calhar até lá em vossa casa. Quem já tem em casa sinais do Natal?... E quais são?...

Pois é: estamos no Advento. Lembra-se do que significa a palavra “Advento”?... Significa “vinda”, “chegada”. É assim que chamamos a este tempo de preparação para a vinda de Jesus, no seu nascimento.

E como nós gostamos tanto de Jesus, temos de nos preparar bem para a sua vinda. Não chegam os sinais e prendas que iremos receber e oferecer. Para nós a maior prenda é Jesus. É sobretudo Ele que devemos receber e oferecer bem. Só que precisamos de saber melhor como o devemos fazer, não acham?

Então eu proponho que falemos sobre isso com um dos Apóstolos: vamos pedir-lhe que nos ensine como nos devemos preparar bem para o Natal de Jesus. Estão de acordo?!...

E proponho que seja S. João a ensinar-nos. Querem saber porquê?

Porque dois dos outros já nos falaram disso nos anos anteriores. Talvez já não se lembrem. Mas eu mostro-vos.

Os que trouxeram o catecismo do ano passado, podem abri-lo na catequese 7, que fala de S. João Baptista. Ora vejam na página 34...

Quem escreveu essas palavras? Estão a ver essas duas letras ao fundo: um L e um C?... Essas letras significam Lucas. Depois estão uns números (3, 3-6). Um dia havemos de aprender o que significam. Por agora, basta sabermos que foi S. Lucas que escreveu esse texto e o que vem na página seguinte. Vejam ao fundo...

Portanto, no ano passado foi S. Lucas quem nos contou como S. João Baptista nos ensinou a preparar os caminhos do Senhor, isto é, o nascimento de Jesus.

Agora vejam a catequese seguinte sobre S. José, o pai adoptivo de Jesus. Reparem na página 38...

Quem escreveu essas palavras? Que significam as duas letras ao fundo: M e T?...

Exacto: Mateus. Portanto, foi S. Mateus quem nos mostrou como S. José contribuiu para o nascimento de Jesus.

Passemos à catequese nove sobre Maria, a mãe de Jesus...

Olhem para a página 41... Lá está essa oração tão linda feita por Nossa Senhora. E quem a escreveu?...

Mais uma vez, S. Lucas.

Portanto, quem nos ajudou, no ano passado, a preparar-nos para o Natal de Jesus foram?... S. Lucas e S. Mateus.

Apontando para os respectivos dísticos no placar:

De S. Pedro e de S. João Evangelista não tivemos nada.

Só que S. Pedro não escreveu nenhum Evangelho, isto é, não é autor de nenhum livro da Bíblia que conta como Jesus viveu.

O que S. Pedro sabia e contou vem noutros evangelhos: no de S. Lucas e também nos de S. Mateus e S. João.

Falta um outro Evangelho, de que ainda não falámos aqui: o de S. Marcos, onde também fala S. Pedro. Mas, por agora, vamos deixá-lo para mais tarde. Depois explico porquê.

Portanto, só nos resta S. João. Dele ainda não ouvimos nada para o Advento, o tempo de preparação para o nascimento de Jesus. Por isso, acho que é com ele que, este ano, devemos falar. E, de certeza, que vão gostar.

3. Proponho que lhe façamos... uma espécie de entrevista.

Sabem o que é uma entrevista?...

É o que fazem, por exemplo, os jornalistas – pessoas que escrevem nos jornais. Às vezes, os jornalistas vão ter com outras pessoas, muitas vezes importantes, para lhes fazerem algumas perguntas. E, depois, publicam as respostas num jornal.

Nós podíamos, agora, fazer de jornalistas que vão entrevistar o Apóstolo S. João. Não acham giro?...

É verdade que nós não escrevemos para um jornal. Mas andamos a escrever uma espécie de livro. O que é que têm andado a fazer com todas as folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”?...

E de quem têm aprendido a escrever tudo isso?...

Tem sido principalmente dos Apóstolos. Portanto, eu acho que podemos, também agora, fazer de jornalistas. Vamos fazer algumas perguntas ao Evangelista S. João, sobre o modo como, na opinião dele, podemos preparar o Natal de Jesus. De acordo?...

Eu posso fazer de S. João. Tenho aqui a Bíblia onde está o que ele escreveu. Portanto, eu posso ler o que ele nos pode dizer sobre este assunto.

Resta saber o que lhe podem perguntar. Tem de ser, como vimos, alguma coisa que nos ajude a preparar-nos para bem recebermos Jesus na festa do seu nascimento. Isto é, ele pode falar-nos de pessoas do tempo de Jesus que contribuíram para a sua vinda.

Ainda se lembram das pessoas que, no ano passado, nos ajudaram no Advento? Ainda há pouco vimos no catecismo do ano passado. Quem foram essas pessoas?...

S. João Baptista, S. José e Nossa Senhora.

Proponho que, este ano, comecemos também por S. João Baptista.

O que é que S. João Evangelista nos poderá contar sobre S. João Baptista?... Vamos pedir-lhe que nos fale dele: de S. João Baptista e de alguma coisa que ele tenha feito e ensinado para preparar a vinda de Jesus.

De acordo?...

Muito bem. Mas, temos de preparar as nossas perguntas. Um bom jornalista tem de preparar bem as entrevistas que faz.

Neste caso, de S. João Baptista, a primeira coisa é certificar-nos do que já sabemos dele. Imaginem: se perguntamos o que já sabemos, então a entrevista não serve para nada. Queremos é saber coisas novas. Isso é que interessa.

Proponho, por isso, que façam duas coisas:

– Primeiro, vão verificar o que, no ano passado, S. Lucas nos contou sobre S. João Baptista.

– Só depois disso, fazem a outra coisa: perguntar a S. João Evangelista se ele tem mais alguma informação sobre S. João Baptista. Repito: uma informação que nos ajude a preparar o Natal.

Comecemos pela primeira: peguem outra vez no catecismo do ano passado e leiam atentamente a catequese 7, que começa na página 33...

Se forem muitas as crianças ou se algumas não trouxeram o catecismo do 3º ano, podem dividir-se em pequenos grupos e ler em comum, cada grupo para si. Bastam, para isso, não mais de 5 minutos.

*Durante o trabalho das crianças, o catequista retire do placar o crucifixo e todos os dísticos, substituindo-os pelo dístico “**Evangelho segundo São João**”, ao alto, e por uma **figura de S. João Baptista**, a meio, do lado esquerdo. Pode ser a do ano anterior.*

*Depois pendure em si próprio, por exemplo com uma fita que passe pelo pescoço, o dístico “**JOÃO EVANGELISTA**”, de tal modo que, à altura do peito, possa ser lido pelas crianças.*

Finalmente, acenda a vela.

Logo que as crianças estejam prontas, o catequista, de Bíblia nas mãos, apresente-se:

II. PALAVRA

1. Estão prontos para a entrevista?

Eu também já estou pronto.

*Apontando para o **dístico** pendurado no peito:*

Aqui têm S. João Evangelista à vossa disposição.

Digam lá o que querem hoje saber de mim...

Querem então que vos fale desse grande homem que foi S. João Baptista.

Atenção: não o confundam comigo. Temos o mesmo nome, mas não somos a mesma pessoa. João Baptista era um primo de Jesus. Eu apenas fui um Apóstolo que andou com Jesus. E é por isso que eu aqui estou.

Mas, para eu vos falar de João Baptista, o primo de Jesus, gostava que me dissessem o que já sabem dele. Que vos contou, no ano passado, o Evangelista S. Lucas? Quem me quer contar?...

*Deixe que as crianças se exprimam, ajudando-as a recompor a mensagem da catequese 7 do ano anterior. Em último caso, pode pedir a algumas delas que leiam, do **catecismo do 3º ano**, os textos de Lc 6, 3-6 (**página 34**) e 3, 10-14 (**página 35**).*

Muito bem. Vejo que aprenderam bem o que S. Lucas vos contou sobre João Baptista.

Mas, digam-me: fizeram mesmo aquilo que ele vos mandou: repartir as vestes, os mantimentos, não usar de violência?...

Contem lá rapidamente se fizeram alguma coisa dessas pelo Natal...

Depois de uma ou outra criança se exprimir:

Deve ter sido um Natal muito feliz para essas pessoas que receberam de vós as coisas que partilhastes com eles. E também S. João Baptista deve ter ficado muito contente convosco.

E agora que querem que eu vos conte dele?...

Alguma coisa que vos ajude a prepararem-se bem para o Natal deste ano. Deixem-me pensar um bocadinho!...

*Abra a Bíblia em **Jo 1, 35-42** e, depois de uma brevíssima pausa, voltado para o texto, continue:*

Cá está. Já sei o que contar-vos hoje sobre S. João Baptista, para uma boa preparação do Natal de Jesus.

Vou contar-vos, imaginem, nada mais, nada menos do que isto: como é que ele, João Baptista, nos ensinou a conhecer Jesus: a mim e a mais outro discípulo de Jesus. Depois vão ver quem é o outro discípulo.

É que sucedeu isto: antes de nós conhecermos Jesus e andarmos com Ele, conhecemos e seguimos João Baptista. Nós e muitas outras pessoas. E tínhamos uma grande admiração por ele: pelo que ele fazia e ensinava.

E que aconteceu um dia em que Jesus passava pelo lugar onde João Baptista estava connosco? Foi uma cena maravilhosa. Uma coisa que nunca mais esquecemos.

E, olhem: eu até penso que convosco já se passou uma coisa semelhante. Vejam lá se, depois de eu vos contar, conseguem descobrir. Por isso, muita atenção.

Mas, para melhor perceberem o que vou contar-vos, preciso da colaboração de alguns de vós. São tantas as pessoas que entram nesta cena, que podem confundi-las todas.

– Eu, como vêem, sou João Evangelista, o escritor e narrador do texto que vamos ouvir.

– Mas preciso de um de vós que faça do outro discípulo que estava com João Baptista. Pode vir aqui, para o pé de mim. Quando chegar a altura, lê as palavras que estão assinaladas nesta folha.

*O catequista entregue uma folha com o texto de **Jo 1, 35-39**, em que as palavras dos discípulos estejam assinaladas. Depois convide mais duas crianças:*

– Preciso ainda de quem leia as palavras de João Baptista.

*O catequista chame para junto de si outra criança, pendure-lhe, do pescoço, o **dístico** “**JOÃO BAPTISTA**” e entregue-lhe uma folha com o mesmo texto, mas tendo assinaladas as palavras deste personagem.*

– Só falta alguém que leia as palavras de Jesus...

*O catequista, com essa criança junto de si, pendure-lhe, do pescoço, o **dístico** “**JESUS**” e entregue-lhe uma folha com o mesmo texto e também devidamente assinalado.*

Já estamos todos preparados: eu, João Evangelista; um outro discípulo, cujo nome irão saber daqui a pouco; João Baptista e Jesus.

Não se esqueçam: o que vou contar-vos, para se prepararem para o Natal, passou-se numa altura em que eu e este discípulo estávamos com João Baptista (*apontar para os **dísticos**, para ajudar as crianças a situar-se*). Uma cena que talvez também se passe convosco.

Para perceberem melhor, ponham-se de pé...

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista (narrador):

**Naquele tempo,
estava João Baptista com dois dos seus discípulos
e, vendo Jesus que passava, disse:**

Criança (João Baptista):

Eis o Cordeiro de Deus.

Catequista (narrador):

**Os dois discípulos ouviram-no dizer aquelas palavras e seguiram Jesus.
Entretanto, Jesus voltou-se;
e, ao ver que **O seguiam**, disse-lhes:**

Criança (Jesus):
Que procurais?

Catequista (narrador):
Eles responderam:

Criança (discípulos):
Rabi.

Catequista (narrador):
Que quer dizer «Mestre».

Criança (discípulos):
Onde moras?

Catequista (narrador):
Disse-lhes Jesus:

Criança (Jesus):
Vinde ver.

Catequista (narrador):
**Eles foram ver onde morava
e ficaram com Ele nesse dia.
Era por volta das quatro horas da tarde.**

2. *O catequista convide as crianças a sentar-se. As que acabaram de ler, mantenham os dísticos e as folhas e, se os seus lugares forem muito afastados, sentem-se noutros perto do catequista.*

Então que nos disse João Baptista: a mim e (apontando para a criança que leu as palavras dos discípulos) a este meu amigo?...

Se as crianças não souberem, o catequista peça à que faz de João Baptista que volte a ler. Depois, afixe, em frente da figura de João Baptista, o dístico “Eis o Cordeiro de Deus” e comente:

Digam-me cá: é a primeira vez que ouvem estas palavras de João Baptista?... Se calhar, não sabiam é que elas foram ditas pela primeira vez, por ele, João Baptista.

E de onde é que as conhecem ?...

Mas, que eu saiba, na Missa não se diz só isto (*apontando para o dístico*): “Eis o Cordeiro de Deus”. Que outras palavras costumam juntar-se?...

Pois fiquem a saber que também as palavras “que tira o pecado do mundo” foram ditas, pela primeira vez, por João Baptista.

Só que foi um dia antes de nós seguirmos Jesus.

E sabem o que significa Cordeiro de Deus? Por que razão é que João Baptista e o sr. Padre, na Missa, chamam assim a Jesus? Olhem, são palavras tão importantes que nos fizeram logo deixar João Baptista e seguir Jesus.

Querem que eu explique o que significam?...

Mas tem de ser com a vossa ajuda, uma vez que já as conheciam e sabem onde e quando é que elas hoje são ditas.

Ora pensem um bocadinho: o que é que o sr. Padre mostra, quando diz estas palavras “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo?”...

E quem é que está no pão ou hóstia que ele mostra?...

E quando é que na Missa Jesus passa a estar na hóstia?...

É quando o sr. Padre repete as palavras que Jesus disse na última Ceia: quando Ele pegou no pão e disse: “Isto é o meu Corpo entregue por vós”. A partir de então aquele pão passa a ser o Corpo de Cristo entregue por nós.

E agora digam-me: quando é que Jesus entregou mesmo o seu Corpo por nós? Quando e onde é que Ele deu a vida por nós?...

Exactamente: na cruz, onde morreu por nós. Aí é que Ele deu a vida por nós e pelas pessoas do mundo inteiro: para que se arrependam dos seus pecados e fiquem limpas deles. Para que passem a amar a Deus e aos outros como Jesus nos ama. Quem é limpo dos seus pecados, das suas maldades, fica com o amor de Jesus no seu coração.

Agora, há uma coisa que vós, se calhar, ainda não sabeis. É esta: na mesma altura em que Jesus morria e dava a sua vida por nós na cruz, a essa hora, na cidade de Jerusalém – onde O mataram – celebrava-se uma grande festa. Era a festa da Páscoa. E sabem o que fazia parte dessa festa da Páscoa?

Era isto: nessa festa, as pessoas matavam um cordeiro, que depois assavam e comiam em família. Um cordeiro por cada família.

Esse cordeiro servia para lhes lembrar uma coisa que tinha acontecido muitos, mesmo muitos anos antes.

Muitos séculos antes do tempo de Jesus, os seus antepassados tinham sido muito maltratados num país, chamado Egipto.

Ora bem, aconteceu que esses antepassados conseguiram libertar-se e fugir do Egipto. E isto aconteceu mesmo na altura do ano em que eles celebravam a festa da Páscoa. Por isso, desde então, todos os anos em que celebravam a mesma festa, matavam um cordeiro por família, para assim recordarem aquela libertação. Chamavam a esse cordeiro o “Cordeiro Pascal”.

Pois bem, Jesus, ao dar a vida precisamente nessa altura da festa, passou depois a ser chamado por todos os cristãos – e por nós – “o Cordeiro Pascal”.

É que, como vimos, ao dar a vida por todas as pessoas, Ele liberta-nos, limpa-nos daquilo que é muito mau: os pecados que tanto mal fazem. Não são as maldades das pessoas que causam tanto mal, tanta miséria?...

E hoje é, sobretudo, na Missa que nós recebemos o amor de Jesus, para deixarmos de pecar, de fazer e pensar o mal. Ele liberta-nos do pecado, tira o pecado de nós e, por meio de nós, também dos outros: o pecado do mundo.

E agora percebem por que razão é que, quando João Baptista nos apresentou Jesus como “o Cordeiro de Deus”, fomos logo atrás de Jesus: Ele libertou-nos do pecado!

Ainda se lembram qual foi a primeira coisa que nós perguntámos a Jesus?...

Para a criança que fez de discípulo:

Lê lá outra vez...

“Rabi” é uma palavra da nossa língua – o Hebraico – e, como acabam de ouvir, significa Mestre.

Queríamos ir viver para a casa de Jesus, porque era lá que Ele nos ia ensinar, como faz um mestre.

É quase como convosco hoje: onde é que se juntam para ouvir Jesus?...

É na igreja, porque é principalmente lá que Jesus nos fala. Pelo menos é lá que nós melhor experimentamos que Ele é o ...(*Apontando para o dístico*) Leiam todos comigo: **“Cordeiro de Deus... que tira o pecado do mundo”**.

Que bom é para nós termos, assim, Jesus conosco!

3. Mas, Jesus será só para nós? E as pessoas que O não conhecem ou deixaram de andar com Ele?

Querem saber o que nós dois fizemos, depois de passarmos um dia com Jesus?

Ficámos tão felizes por conhecer Jesus, que o meu colega não foi capaz de guardar para si a descoberta de Jesus que João Baptista lhe tinha ajudado a fazer.

Querem saber melhor o que ele fez?...

Então eu peço-lhe que venha outra vez para junto de mim.

Depois de a criança referida se aproximar do catequista:

Agora já posso dizer como ele se chama.

O catequista pendure, do pescoço dessa criança, o dístico “ANDRÉ” e diga:

André! Já conhecem?...

E de quem era ele irmão?...

De S. Pedro, que então ainda se chamava só Simão.

Vamos então ver o que fez André, irmão de Simão Pedro.

Para isso peço ao menino que lê as palavras de Jesus (*Jo 1, 40-42*) que venha para junto de mim e se prepare.

E agora oiçam todos com atenção e de pé...

Catequista (narrador):

André, irmão de Simão Pedro,

foi um dos que ouviram João e seguiram Jesus.

Foi procurar primeiro seu irmão Simão e disse-lhe:

Criança (discípulos):

Encontrámos o Messias.

Catequista (narrador):

Que quer dizer «Cristo».

E levou-o a Jesus.

Fitando nele os olhos

Jesus disse-lhe:

Criança (Jesus):

Tu és Simão, filho de João.

Chamar-te-ás Cefas.

Catequista (narrador):

Que quer dizer «Pedro».

Palavra da Salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

4. *Depois de as crianças se sentarem, ocupando as que leram os lugares antes indicados:*

Como é que André chamou a Jesus, quando falou dele a seu irmão Simão?

Se as crianças não se lembrarem, o catequista peça à que leu que repita.

Já conheciam a palavra Messias. É uma palavra da nossa língua: o Hebraico. Em grego, a língua em que eu, João, escrevo, diz-se?... Cristo! Muito bem. E Jesus é o Messias ou Cristo porquê?...

Por ter sido o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Isto é, por ter morrido por nós e por todos.

E que nome novo deu Jesus a Simão, irmão de André?...

Digam a palavra na minha língua, em hebraico...

Se as crianças não se lembrarem, o catequista peça à criança que leu as palavras de Jesus, para repetir.

“Cefas” significa Pedro, que é muito parecido com pedra. Jesus deu este nome a Simão, porque ele, Simão Pedro, iria ser como uma pedra, a pedra mais importante na Igreja. Tem sido ou não de S. Pedro que vós tendes aprendido tanta coisa?

O mais bonito é que foi seu irmão André quem lhe falou de Jesus e o convidou para andar com Ele.

Mas tudo começou com S. João Baptista, com estas palavras tão belas: “Eis o Cordeiro de Deus”. Como é o resto das palavras?... “Que tira o pecado do mundo”.

Foi isto que S. João Baptista nos ensinou, como eu acabo de vos contar.

Querem saber como é que isto vos pode ajudar a celebrarem bem o Natal de Jesus?...

É muito simples: façam como fez André, o irmão de Simão Pedro... E terão um Natal muito feliz.

Até para a semana, se Deus quiser.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O Catequista retire os **dísticos**, de si e das crianças que leram consigo, e mande-as para os seus lugares. Depois, prossiga:*

Que tal a entrevista? Gostaram?...

E do que é que gostaram mais?...

Depois de ouvir algumas crianças:

Eu (também) gostei muito das palavras sobre Jesus: (*apontando para o placar*) “Eis o Cordeiro de Deus... que tira o pecado do mundo”. Gostei muito da explicação: a festa da Páscoa, com o Cordeiro Pascal, e Jesus a dar a vida por nós naquela mesma altura. Para quê?...

Para tirar o pecado do mundo.

Agora, quando ouvirmos o sr. Padre a dizer estas palavras na Missa, não só percebemos muito melhor, mas ficamos a gostar ainda mais de Jesus. Tanto, tanto... que fazemos como aqueles dois discípulos: S. João Evangelista e S. André. E depois também S. Pedro. Que fizeram eles?...

Eu conheço um **cântico** em que dizemos muito bem quem é Jesus e o que fizeram André e Simão Pedro.

*O catequista ensaie o **cântico** “Jesus Cristo, Cordeiro de Deus”. Pode ensaiar a letra da estrofe, a partir da fórmula “para guardar na memória e no coração”.*

*Terminado o ensaio, afixe o **crucifixo** no placar, sobre o **dístico** “**Eis o Cordeiro de Deus**”, e convide as crianças a cantarem o **cântico** como oração de oferta a Cristo que por nós se entregou na cruz.*

2. Depois de as crianças se sentarem:

Lembram-se do que o Evangelista nos disse no fim, para termos um Natal feliz?...

Façam como André, o irmão de Simão Pedro. Que fez ele?...

Foi levar a Boa Nova da sua descoberta a seu irmão. Foi dizer-lhe quem era Jesus e convidá-lo a seguir Jesus “o Cordeiro de Deus”. Será que nós podemos fazer uma coisa parecida?...

Depois de ouvir as crianças e adaptando-se às suas respostas:

Vou distribuir por cada um de vós mais uma folha com “A Palavra de Deus na minha vida”.

Depois da distribuição:

Agora, proponho que cada um de vós pense numa ou mais pessoas, que conheçam e com quem convivam, mas que não sabem quem é Jesus e/ou não são capazes de se interessar por Ele. Pode ser entre os nossos familiares, vizinhos, amigos ou colegas. Pessoas que ainda não andam com Jesus. Por exemplo, não vão à Missa, onde Jesus mora.

Depois de pensarem, podem escrever o nome ou outra indicação dessas pessoas nessa folha que acabaram de receber.

Se o tempo for escasso, esta actividade pode ser feita em casa, durante a semana.

Já estão a ver para que é que escreveram esses nomes?...

Algum de vós quer dizer que nomes escreveu?...

que vão ter com uma dessas pessoas para lhes falarem de Jesus e convidá-las a ir, também elas, viver com Jesus, para melhor aprenderem quem Ele é.

Falta saber quem será a pessoa exacta e o que lhes vão dizer. Vai ser o vosso:

3. Compromisso

– Durante esta semana, vão saber mais coisas de uma dessas pessoas e vão escrever na folha o que lhe podem dizer de Jesus. Procurem escrever o que hoje nos ensinou S. João Evangelista acerca de S. João Baptista. Foi uma entrevista. E as entrevistas é para serem escritas.

Na próxima catequese podemos saber mais coisas sobre o modo como nos podemos preparar bem para o Natal de Jesus: nós e as pessoas a quem levamos a Boa Nova de Jesus, como S. André. Por isso, não se esqueçam de trazer mais essa folha, mas bem preenchida: com a entrevista e o que ela nos leva a fazer.

E tragam também, outra vez o catecismo do ano passado.

– E que mais podem fazer, para se prepararem para o Natal de Jesus?...

Em primeiro lugar, ir à Missa, pelo menos ao Domingo. É lá que Jesus se oferece por nós como “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”.

Mas eu convido-vos a fazerem ainda outra coisa, para limparmos os pecados da nossa vida: devem ir confessar-se.

Se, na paróquia, houver confissões, nomeadamente para crianças, o catequista indique a hora e o lugar. E é, obviamente, recomendável que também ele receba este sacramento, de preferência junto com o seu grupo, assumindo um papel testemunhal de modelo.

*No final destas indicações, pode convidar as crianças a pensar nas pessoas registadas na folha e a cantar de novo o **cântico**:*

“Jesus Cristo, Cordeiro de Deus”

4. Para guardar na memória e no coração

Como André e Simão Pedro

Irei contigo, seguir-te-ei.

Rabi, Mestre, Messias prometido,

Onde morares eu morarei.

Catequese 9

“FAZEI TUDO O QUE ELE VOS DISSER” (Jo 2, 5)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A consoada...

Não se sabe ao certo qual a origem etimológica desta palavra. O mais provável é que tenha vindo do verbo latino *consolari* (em português, consolar) que, por sua vez, poderá ter sido, inicialmente, uma palavra composta, na raiz da qual estaria a preposição *cum* (com) e o adjectivo *solus* (só). Neste caso, a con-solação seria o sentimento resultante do desaparecimento da solidão, uma situação desagradável e, muitas vezes, desumana. Sendo o ser humano, por natureza, social, haverá alguém que consiga viver, toda a vida e de um modo permanente, isolado dos outros? De onde nos vem, por exemplo, a quase totalidade da alimentação que recebemos?

De facto, originariamente chamava-se consoada à pequena refeição que se tomava à noite, em dias de jejum. Nessas condições, é muito maior a consolação ou satisfação que habitualmente se sente após uma refeição, mesmo que leve.

Daí passou-se a designar por consoada a refeição tomada na noite de Natal, no final de um dia de jejum, como, aliás, acontecia na preparação de outras festividades. A abstenção temporária de alimentos, desde que a saúde o permita, ajuda a concentrar-nos em Deus, cujas intervenções salvíficas celebramos e de quem dependem todos os bens.

E como a véspera de Natal era também de abstinência (de carnes), isso levou a que, entre nós, se impusesse o hábito de, nessa mesma refeição, se consumir sobretudo o bacalhau, possivelmente por ser, até há não muitos anos, o peixe mais fácil de adquirir em pleno Inverno.

Mas a consolação que se experimenta na consoada, provém, também e até mais, daquilo que o termo exprime na sua possível origem etimológica: na refeição em comum, as pessoas que nela participam, saem do seu isolamento ou mesmo solidão, tantas vezes dolorosa, para partilharem, mutuamente e de modo livre e gratuito, outros presentes de que eventualmente necessitam e que, pelo menos, exprimem e fortalecem a comunhão entre elas. Daí que a refeição natalícia tenha um cunho predominantemente familiar, mesmo entre pessoas que não estão unidas por laços de sangue ou de outro parentesco.

Se isso é necessário noutras épocas do ano e por outros motivos, no Natal talvez mais: porque, fazendo mais frio, pelo menos entre nós e noutros povos do hemisfério norte – em que está situada a cidade de Roma, onde a festa nasceu em honra do “Sol Invicto” – é maior a necessidade do calor da amizade que exige aproximação mútua, convívio; e, sobretudo, porque Aquele cujo nascimento nessa noite celebramos se fez homem, para que, no seu dizer, todos *tenham vida e a tenham em abundância* (Jo 10, 10) – a vida que Ele, qual sol invencível, nos obteve pelo total dom da sua vida, num amor ilimitado. Mostrou-o, logo na abertura da sua vida pública, ao participar numas bodas:

2. ...Em Caná da Galileia...

O episódio, narrado em **Jo 2, 1-11**, impressiona qualquer leitor atento, antes de mais porque nele se conjugam duas realidades desde sempre fundamentais para a vida: a refeição e o casamento. Ambas garantem a subsistência humana. E não apenas materialmente: o alimento dá e/ou mantém a saúde; da união do homem e da mulher, resultam a procriação e a conseqüente manutenção da espécie. Para além disso e para que isso tenha verdadeiramente sentido, precisamos da comunhão de vidas que tanto a refeição como o casamento, de facto, proporcionam. Daí que, habitualmente, não haja casamento sem banquete. Como não há verdadeiro banquete sem união entre os comensais, incluindo os noivos que nele participam.

E é para isso que o vinho pode contribuir. Entre as dádivas pelas quais a alma do crente é convidada a bendizer o Senhor, lá está *o vinho que alegra o coração do homem* (Sl 103/104, 15). E do banquete que Ele, nos tempos finais da história, há-de preparar para todos os povos, fazem parte também *vinhos velhos e bem tratados* (Is 25, 6).

Por isso Jesus, na sua actividade messiânica de proclamação e instauração do Reino de Deus, privilegia as refeições, quer promovendo-as quer apoiando-se nelas, designadamente nas suas parábolas. Chega mesmo a ser um motivo de escândalo para os que O rejeitam, devido a alguns daqueles com os quais convive: *Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizeis: «Aí está um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores»* (Lc 7, 34).

Pagou a rejeição com a própria vida. Mas, não antes de ter instituído nela um memorial, na última refeição com os discípulos, em que lhes entregou o cálice com – segundo Ele diz – *o meu Sangue, Sangue da aliança que vai ser derramado por muitos, para perdão dos pecados*. E acrescentou a promessa: *Eu vos digo: não beberei mais deste produto da videira, até ao dia em que beber o vinho novo convosco no Reino de meu Pai* (Mt 26, 28-29).

É, pois, uma aliança eterna, e já iniciada, que tem uma das suas mais sugestivas expressões na união matrimonial. Já no Antigo Testamento, e repetidamente, assim nos é apresentada a relação vital de Deus com o seu povo. E é para que ela se torne finalmente uma realidade plena e inabalável, que Jesus, segundo S. João, começa a sua actividade messiânica por transformar a água num vinho inigualável pela sua quantidade e qualidade.

S. João chama a este milagre, como de resto a todos os milagres de Jesus, um *sinal* (2, 11) que aponta para o amor incedível que Ele irá manifestar na sua *hora* – *a da passagem deste mundo para o Pai*, na qual *Ele, que amara os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim* (13, 1), isto é, até ao extremo de por eles e por todos consumir o seu amor, pela entrega a Deus do seu Espírito, o seu hálito vital (19, 30).

Foi este mesmo Espírito que Ele depois – *ao terceiro dia* (como em Caná da Galileia, 2, 1) – soprou sobre os seus discípulos, capacitando-os assim para serem testemunhas deste amor, que tem uma das mais fortes expressões no perdão (20, 22-23).

E tudo isto sucedeu:

3. ...Com a Mãe de Jesus

No Evangelho segundo S. João, Maria aparece na vida do seu Filho, pelo menos de um modo activo, apenas duas vezes. Comparando com outros Evangelhos, sobretudo o de S. Lucas, pode parecer pouco... mas bom!

Antes de mais, por ser em dois momentos decisivos da actividade messiânica de Jesus: no seu arranque, nas bodas de Caná, e na sua consumação, junto à cruz (19, 25-27). Isto é, tudo o que Jesus faz e diz, está envolvido pela presença e intervenção materna de sua Mãe. Com efeitos para a compreensão do que fazem, tanto a Mãe como o Filho, e daquilo que, de ambos, recebem os que n'Ele acreditam. O que é, realmente?

Chama também a nossa atenção o modo como ela, neste Evangelho, é identificada. O Evangelista nunca a trata pelo nome próprio – Maria – mas sempre por *Mãe de Jesus*. E o Filho nunca lhe chama Mãe, mas sempre *Mulher*. Se o primeiro título exprime, muito melhor do que o simples nome próprio, a relação íntima e vital entre ambos, o segundo, pelo menos nas nossas línguas, é indicativo de um certo distanciamento e, como tal, parece desdizer essa mesma relação. Será?

Repare-se como, neste Evangelho, sucede algo de semelhante com a identificação daquele que, directa ou indirectamente, se apresenta como autor. A partir do relato da última Ceia, aparece, praticamente sempre, como *o discípulo que Jesus amava*. É o caso da referida cena junto à cruz, onde se encontra também a Mãe de Jesus. E a razão destes anonimatos, tudo indica que é a mesma.

No que toca ao autor do Evangelho, parece claro: sendo ele – como o próprio diz, mais do que uma vez – testemunha do que escreve (19, 35; 21, 24) e sendo o conteúdo do seu testemunho, no seu todo, uma mensagem de amor, proveniente do Pai, vivido pelo Filho e acolhido particularmente pelos discípulos, então percebe-se que nele, no autor, interesse apenas esse mesmo amor. Se é dele e para ele que vive, é ele que o identifica. O título que a si mesmo se atribui é uma síntese do que escreve, vivida até no acto de escrever.

Não quererá ele dizer o mesmo com a Mãe de Jesus? Já ao nível meramente humano, só é verdadeiramente mãe a mulher que ame o filho a quem dá a vida, dando-se na vida que lhe dá. E sentir-se-á tanto mais mãe, quanto mais o filho encarnar esse amor. Maria experimenta-o, num grau incedível, na hora em que o Filho está para dar toda a sua vida. Tanto, que *desde aquela hora o discípulo acolheu-a como sua própria Mãe*, depois de o Filho, na vivência máxima do amor, os ter oferecido um ao outro: *Mulher, eis o teu filho! e eis a tua Mãe!* (19, 26-27).

É uma oferta, feita na oferta da vida, que vai permitir aos que recebem essa vida, vivê-la na mesma oferta de um amor que não mais conhece fronteiras, no tempo e no espaço. E nesta família então fundada, cada um dos seus membros é, ou deve ser, conhecido por aquilo que faz e o identifica: *Todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros* (13, 35).

E é assim que, nela, toda a mulher é mãe, mesmo a que o não seja em sentido literal e carnal. Como toda a mãe tem de ser mulher. Será por isso que Jesus chama *Mulher* à sua Mãe? De qualquer modo, na época, o título exprimia, não distanciamento, mas apenas respeito.

E é com esse mesmo respeito e atenção que devemos acolher a sua recomendação: *Fazei tudo o que Ele vos disser* – tudo o que brota daquele amor com que devemos viver o Natal do seu Filho, a começar pela consoada.

OBJECTIVOS

- Preparar o Natal com Maria, a Mãe de Jesus;
- Saborear o amor de Jesus, manifestado no milagre das Bodas de Caná e oferecido na Cruz;

– Comprometer-se a dar testemunho de Jesus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Maria, a Mãe de Jesus, apresentada nesta catequese na missão de nos conduzir a Jesus, é já conhecida e querida das crianças, e é com base nisso que elas são preparadas para escutar e acolher a sua intervenção nas Bodas de Caná, rezando-lhe as duas orações marianas que já conhecem. Para o Magnificat procure-se que tragam o catecismo do ano anterior. Para o caso de se esquecerem, o catequista pode trazer duas folhas com essa oração, que, a seu tempo, entregará a duas crianças.

2. Para a exposição do milagre das Bodas de Caná, é importante que o catequista conheça o meio ambiente em que vivem as crianças. Se nele houver pessoas que sejam vítimas do álcool, tenha muito cuidado naquilo que diz. Convém que as crianças se apercebam de que o vinho também tem efeitos positivos, desde que tomado na medida, na idade e nas condições apropriadas.

3. As sugestões propostas no compromisso devem, também elas, ser adaptadas à situação em que vivem as crianças. De qualquer modo, é importante que realizem a sua missão cristã de serem testemunhas de Cristo, contribuindo para conquistar outros para usufruírem do seu amor, nomeadamente no Natal.

4. Para a celebração natalícia a realizar na próxima catequese é fundamental que nela participem os pais e/ou outros familiares das crianças. Para isso, o catequista deve procurar contactá-los atempadamente.

5. Nessa celebração far-se-á a entrega da Bíblia a cada criança. **Procure-se que todas recebam uma edição da Bíblia que tenha a mesma tradução.** Isso facilitará o seu uso nas catequese que se seguem até final do ano.

MATERIAIS

- Dísticos: “Evangelho segundo São João” e “Eis o Cordeiro de Deus” (catequese anterior);
- Figura de S. João Baptista (catequese anterior);
- Figura de Maria, em formato semelhante à de S. João Baptista;
- Fotografias: uma, da celebração da Eucaristia; outra, de um grupo de catequese (se possível, o próprio); outra, de uma ceia de Natal;
- Dísticos: “Fazei tudo o que Ele vos disser”; “Bodas de Caná”; “Mãe de Jesus”; “o vinho”; “468-702 litros”; “o melhor”; “do amor”; “DEU A VIDA POR NÓS E POR TODOS”;
- Dísticos para pendurar do pescoço: “JOÃO EVANGELISTA”; “JESUS” (ambos da catequese anterior); “MÃE DE JESUS” e “CHEFE DE MESA”;
- Três folhas com o texto de Jo 2, 1-12, com as partes a ler pelas crianças devidamente assinaladas;
- Catecismos do 3º ano;
- Duas folhas com o texto do Magnificat (se necessário);
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, escritas pelas crianças, desde a catequese anterior e por elas trazidas;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, para serem preenchidas pelas crianças;

- Canetas/esferográficas;
- Cartões semelhantes aos de Boas Festas, um para cada criança (ver Documento 1);
- Crucifixo;
- Bíblia;
- Uma vela.

MÚSICAS

- “Jesus Cristo, Cordeiro de Deus”;
- “A minha alma glorifica o Senhor”;
- “Quero ser como tu, Maria”.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**, o mesmo painel da catequese anterior: os dísticos “Evangelho segundo São João”, ao alto, e “Eis o Cordeiro de Deus”, em frente da figura de João Baptista; ao centro, o crucifixo.
- Sobre a **mesa**: a Bíblia e uma vela, apagada.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Mostrem lá a folha com “A Palavra de Deus na minha vida”, a que começaram a escrever na última catequese...

Vamos ver o que escreveram nessa catequese e se, durante a semana, escreveram mais alguma coisa.

Ainda se lembram de como é que tudo começou?...

Com uma bela entrevista a S. João Evangelista. Uma entrevista para quê?...

Exactamente: para ele nos ajudar a preparar-nos bem para a festa do Natal de Jesus.

E de quem nos falou ele?...

E o que é que S. João Baptista nos ensinou?...

Muito bem: contou-nos como ele, João Baptista, lhes apresentou Jesus, pela primeira vez: a ele e a S. André. E como apresentou ele Jesus? Com que palavras?...

Olhem para o placar e digam todos, ao mesmo tempo, comigo: “**Eis o Cordeiro de Deus**”... E como é o resto? – Todos: “**Que tira o pecado do mundo**”. Agora repitam, do princípio ao fim: “**Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo**”.

E por que razão chama ele assim a Jesus? Que quer ele dizer com “Cordeiro de Deus”?...

Foi por causa da altura em que Jesus deu a vida por nós (*apontando para o crucifixo*) na cruz, quando as pessoas da sua terra estavam a preparar os cordeiros pascais para comerem na festa da Páscoa.

E por que é que as pessoas comiam um cordeiro nessa festa? Era para lembrar o quê?...

Celebravam o dia em que os seus antepassados tinham sido libertados do Egipto. Conseguiram fugir de lá e libertar-se das maldades que os Egípcios lhes faziam, na altura em que, também eles, comiam o cordeiro pascal.

E se agora chamamos a Jesus o Cordeiro de Deus, é porque Ele, ao dar a vida na cruz, morreu para nos libertar do pecado: a nós e às pessoas do mundo inteiro.

E para isso é que Ele também nasceu: para que todas as pessoas deixem a vida de pecado e se tornem amigas de Deus e umas das outras. Por isso, muitos de nós vão confessar-se, nesta altura do ano. Já fizeram isso?

Muito bem. Vê-se que estiveram bem atentos ao que S. João Evangelista nos disse naquela entrevista. Ele deve estar muito contente connosco: ele e S. João Baptista e, claro, Jesus.

E se nós fossemos cantar a Jesus aquele **cântico** que então aprendemos e em que rezamos a Jesus “O Cordeiro de Deus, nosso cordeiro pascal”?...

Então, ponham-se de pé... coloquem a folha com “A Palavra de Deus na minha vida” nas palmas das mãos abertas e estendidas... Olhemos todos para a imagem de Jesus no crucifixo ... E agora rezemos, cantando:

“Jesus Cristo, Cordeiro de Deus” (*refrão e estrofe*)

2. Podem sentar-se...

Que belo! Aclamámos Jesus como “Cordeiro de Deus, nosso Cordeiro Pascal”. Mas também lhe prometemos que O queremos seguir. Vamos, todos, dizer outra vez essas palavras. Quem ainda as não sabe de cor, pode lê-las do catecismo, no fim da catequese oito... Então digamos todos ao mesmo tempo:

**“Como André e Simão Pedro,
irei contigo, seguir-te-ei.
Rabi, Mestre, Messias prometido,
onde morares eu morarei.”**

E vós fizestes mesmo isso? Seguir Jesus e morar onde Ele mora?...

Onde é que Ele, hoje, nos é oferecido como Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”?...

E vós fostes à Missa?...

Então, pudeste perceber muito melhor aquelas palavras que o sr. Padre diz, antes de nos dar o Corpo de Cristo, entregue por nós.

Mas, quem segue Jesus para onde Ele mora e recebe o seu Corpo, tem de fazer mais alguma coisa. Que fez S. André, depois de passar algum tempo com Jesus?...

Foi contar a seu irmão, Simão, como tinha encontrado o Messias prometido. E foi assim que S. Pedro também foi ter com Jesus e começou a segui-l’O. E Jesus, então, até lhe deu um novo nome... Exacto: Pedro, porque ele é como que uma pedra segura entre nós cristãos. Dele é que temos aprendido muito do que sabemos sobre Jesus.

Quer dizer que Simão Pedro tem feito como seu irmão S. André: tem levado aos outros a Boa Nova de Jesus para que mais pessoas tenham a felicidade de O conhecer e de amarem como Ele nos ama.

E lembram-se de S. João Evangelista nos pedir isso também a nós?...

Fazemos como André e, agora, também como Simão Pedro e todos os discípulos de Jesus. Disse-nos até que, se o fizermos, teremos um Natal feliz.

E vós começastes já a preparar-vos para isso. Nessa catequese até escrevestes o nome de pessoas que ainda não conhecem Jesus ou têm deixado de O seguir, de ir onde Ele mora.

Mas, ficou combinado que, durante esta semana, iriam escolher uma dessas pessoas, para depois lhe falarem de Jesus e a convidarem a segui-l’O. Quem já fez isso?...

Se houver crianças que já o tenham feito, o catequista pode convidar algumas delas a dizer em que pessoa pensaram, procurando, porém, não ser indiscreto.

Se houver crianças que nada fizeram, procure incentivá-las, pela alegria que terão em levar outros a descobrir Jesus e a celebrar bem o seu nascimento.

Agora, só falta sabermos bem o que dizer a essas pessoas, para também elas terem um Natal muito mais feliz, encontrando-se com Jesus.

Já pensaram nisso?...

E quem já escreveu isso na sua folha?...

Deixar que uma ou outra criança se exprima e, conforme as respostas, diga:

Podemos levar-lhe a mensagem de João Baptista. Mas também poderemos dizer mais alguma coisa. Iremos descobrir, nesta catequese, o que ainda poderemos dizer e fazer por essas pessoas. *(Se houve crianças que indicaram nomes, o catequista pode repeti-los:)* Por exemplo por...

Por isso, vamos estar muito atentos. Não se esqueçam: com tudo isto, queremos ter um Natal muito feliz.

3. Falta sabermos quem nos irá falar hoje. Que vos parece?...

Lembram-se ainda da última coisa que nos disse S. João Evangelista na entrevista da semana passada?...

Depois de nos convidar a fazermos o mesmo que fez S. André, despediu-se de nós, dizendo o quê?...

“Até para a semana, se Deus quiser”. Que terá ele querido dizer com isto?...

Primeiro, penso que ele ficou muito contente com a entrevista. Claro: falar de Jesus e das pessoas que nos levam a Jesus... Quem é que não fica satisfeito com isso?

E, se ele ficou contente, quer dizer que está disposto a falar-nos também hoje. E nós, certamente, também iremos gostar.

Falta saber sobre quê. Que poderemos nós perguntar-lhe ainda, para ele nos ajudar a viver bem este Natal, fazendo melhor o que ele nos convidou a fazer e nós já estamos a preparar?...

Digam-me: além de S. João Baptista que outras pessoas ajudaram, então, a preparar a vinda do Senhor?...

No ano passado foi S. José. E?... Nossa Senhora.

Como não temos tempo de falar dos dois, vamos falar da pessoa mais importante. E, não há dúvida que, das duas, a mais importante é a Mãe de Jesus, não acham?

Neste caso, já temos um tema para continuarmos a entrevistar S. João Evangelista: vamos pedir-lhe que nos conte alguma coisa sobre a Mãe de Jesus.

Mas tem de ser uma coisa que nos ajude a continuarmos a nossa preparação para o Natal do seu Filho Jesus. E tem de ser alguma coisa que vós ainda não conheceis. Não vale a perguntar o que já sabemos, não acham?

Então, temos primeiro de saber bem o que já conhecemos sobre Nossa Senhora. Já aprendemos tanta coisa nos outros anos.

Não podemos contar tudo a S. João Evangelista, senão, nem lhe dávamos tempo para ele nos falar. E nós queremos ouvi-lo.

Então, eu proponho o seguinte: falarmos só do que conhecemos melhor. E, de certeza, que o melhor que sabemos de Maria, a Mãe de Jesus, são duas orações: uma que lhe dizemos a ela; a outra foi ela que a disse. A primeira é a Ave Maria que rezamos tantas vezes; e a segunda começa com estas palavras: “A minha alma glorifica o Senhor”.

Lembram-se, do ano passado?

Os que trouxeram o **catecismo do ano passado**, podem ver na **catequese 9, páginas 41 a 44**. Aí podem descobrir em que altura é que Nossa Senhora disse essa oração, na **página 42**. E talvez também possam descobrir quem disse a Ave Maria, pela primeira vez. Lembrem-se que foram duas pessoas diferentes: uma para o princípio e outra para o fim da Ave Maria.

Tentem descobrir como foi: quando é que Maria louvou o Senhor, como está aí, e quem é que fez a Ave Maria. Depois têm de contar isso a S. João Evangelista, no princípio da entrevista. Para descobrirem melhor, podem juntar-se dois a dois (ou a três). Têm três minutos para isso.

*Durante o trabalho das crianças, o catequista afixe a **figura de Maria**, no lado direito do placar e à mesma altura da figura de S. João Baptista.*

*Prepare também os **dísticos** relativos às personagens que vão intervir na leitura do texto bíblico.*

Já descobriram tudo?...

Mas não digam já. Só quando chegar S. João Evangelista.

Antes disso, e para nos prepararmos melhor para a entrevista, proponho que rezemos essas duas orações: primeiro, a Ave Maria, para saudarmos Maria, cuja imagem já se encontra no placar... E, depois, com ela unimo-nos todos ao Senhor, louvando-O por tantas maravilhas que Ele tem feito e está a fazer até aqui na catequese com todos nós. De acordo?

Como não sabemos de cor essa oração de Nossa Senhora – “A minha alma glorifica o Senhor” – vou pedir a dois de vós que a leiam de viva voz. Um lê a primeira parte – até “sobre aqueles que o temem” – e o outro lê o resto. Antes e no fim de cada um ler, podemos cantar o **cântico** que aprendemos no ano passado: “A minha alma glorifica o Senhor”.

Então, ponham-se de pé... Façamos silêncio... Olhemos para a figura de Nossa Senhora... e rezemos todos em coro:

– *Oração: “**Ave Maria**”...*

– *Cântico: “**A minha alma glorifica o Senhor**” (só o refrão)*

– *Oração: “**A minha alma... sobre aqueles que o temem**”*

– *Cântico: “**A minha alma glorifica o Senhor**” (só o refrão)*

– *Oração: “**Manifestou o poder do seu braço...**”*

– *Cântico: “**A minha alma glorifica o Senhor**” (só o refrão)*

II. PALAVRA

1. *Depois de as crianças se sentarem, o catequista convide uma delas a acender a vela, e depois distribua, por cada uma, mais uma folha com “A Palavra de Deus na minha vida”, explicando-lhes que se destina a registar alguns dados da entrevista.*

*Depois, em silêncio, enfie ao pescoço o **dístico** “**JOÃO EVANGELISTA**” (catequese anterior), pegue na Bíblia e apresente-se:*

Cá estou, outra vez, à vossa disposição.

Gostaram do que vos disse, na outra catequese?...

E fizeram o que eu então vos sugeri?...

Depois, hei-de perguntar mais alguns pormenores ao vosso catequista.

De qualquer modo, estou muito feliz por vos ver aqui mais uma vez a prepararem-se para o Natal do ... “Cordeiro de Deus”.

Depois do que vos disse sobre João Baptista, de quem querem que eu hoje fale?...

Da Mãe de Jesus?... Formidável! Com o maior gosto. Ninguém como ela vos pode preparar melhor para a festa do nascimento do seu Filho.

Mas, antes de eu vos contar alguma coisa sobre ela, preciso que me digam o que já conhecem dela. Quem se oferece para dizer?...

Depois de as crianças, com a ajuda do catequista, reconstruíram as cenas da Anunciação do Anjo a Nossa Senhora (Lc 1, 26-38) e da visita à sua prima Isabel (Lc 1, 29-56), prossiga, adaptando-se às respostas:

Foi nestas duas cenas que se formaram duas belas orações: uma feita a Maria e a outra feita por ela.

Quem fez a Ave Maria?...

As primeiras palavras foram ditas pelo Anjo que lhe foi anunciar que ela tinha sido escolhida para ser a Mãe do seu Filho. Ao chegar junto dela, o Anjo saudou-a assim: “Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.”

O resto das palavras foram ditas por sua prima S. Isabel, a mãe de S. João Baptista, quando Nossa Senhora, depois do anúncio do Anjo, a foi visitar. Mal ela chegou, Isabel saudou-a assim: “Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus”.

Como vêem, é uma oração que, em parte, veio do Céu. É tão bela que vós costumais juntar outra parte. Como é essa parte?...

“Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós...”

Muito bem. E a outra oração – esta, feita por Maria? Como começa?

“A minha alma glorifica o Senhor...”

E quando é que a Mãe de Jesus a disse?...

No fim do encontro com S. Isabel. Foi então que ela louvou o Senhor por tantas maravilhas que Ele estava a fazer por meio de Maria e, depois, continuou a fazer por meio do seu Filho e até, depois dele... Até hoje. O Senhor também está hoje a fazer maravilhas?...

E, de certeza, que ainda vai fazer mais, por meio de vós. Quem sabe se até neste Natal. Pelo menos, já manifestastes vontade disso.

Mas, digam-me: têm rezado estas duas orações?...

Verdade?... Rezaram-nas há pouco?...

Foi a melhor preparação, para escutarem a Palavra de Deus. Ninguém como Maria estava tão atenta à Palavra de Deus.

Conta o meu colega, S. Lucas, que, quando o Anjo anunciou a Maria que ela tinha sido escolhida para Mãe de Deus, no fim ela respondeu assim: “Eis a escrava do Senhor. Faça-se em mim, segundo a tua palavra”. Maria entregou-se toda a Deus, para cumprir a sua Palavra, fazer a sua vontade.

Portanto, se há pouco lhe rezaram, foi o melhor que podiam ter feito antes de se encontrarem comigo.

2. E, agora, devem estar todos muito curiosos por saber o que vou contar sobre Maria.

Vão ver que foi uma coisa extraordinária. Sim, sim, extraordinária. Tão extraordinária, que eu e todos os que estavam comigo nunca mais esquecemos.

Foi pouco depois de nós – eu, André e Simão Pedro – termos ido morar para junto de Jesus, depois de sabermos quem Ele era: o Cordeiro de Deus, o Messias. No outro dia, houve mais dois que também tiveram a felicidade de descobrir Jesus: um chamava-se Filipe e o outro Natanael. Filipe é que levou Natanael a Jesus, como antes tinha feito André com seu irmão Simão Pedro. E também como vós quereis fazer, não é verdade?... Pois bem, três dias depois, fomos todos, com Jesus, para uma terra, chamada Caná. Imaginem: a um casamento. E quem é que foi também?... A Mãe de Jesus.

Mas, para compreenderem bem o que lá sucedeu, preciso, mais uma vez, da colaboração de três de vós: o primeiro, para ler as palavras da Mãe de Jesus; o outro, para as palavras de Jesus; e um terceiro, para as palavras do chefe de mesa, isto é, aquele homem que orienta tudo durante a refeição do casamento.

*Depois de as referidas crianças se colocarem junto do catequista, de ele lhes enfiar os respectivos **dísticos** – “**MÃE DE JESUS**”, “**JESUS**” e “**CHEFE DE MESA**” – e lhes*

entregar as folhas com o texto bíblico devidamente assinalado, convide as restantes crianças a porem-se de pé e faça-se a leitura de Jo 2, 1-11:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São João:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista (narrador):

**Ao terceiro dia,
realizou-se um casamento em Caná da Galileia,
e estava lá a Mãe de Jesus.
Jesus e os discípulos também foram convidados para o casamento.
A certa altura faltou o vinho.
Então a Mãe de Jesus disse-Lhe:**

Criança (Mãe de Jesus):

Não têm vinho.

Catequista (narrador):

Jesus respondeu-lhe:

Criança (Jesus):

**Mulher, que temos nós com isso?
Ainda não chegou a minha hora.**

Catequista (narrador):

Sua Mãe disse aos serventes:

Criança (Mãe de Jesus):

Fazei tudo o que Ele vos disser.

Catequista (narrador):

**Havia ali seis talhas de pedra
destinadas à purificação dos judeus,
levando cada uma de duas a três medidas.
Disse-lhes Jesus:**

Criança (Jesus):

Enchei essas talhas de água.

Catequista (narrador):

Eles encheram-nas até cima.

Depois disse-lhes:

Criança (Jesus):

Tirai agora e levai ao chefe de mesa.

Catequista (narrador):

E eles levaram.

Quando o chefe de mesa provou a água, transformada em vinho

– ele não sabia de onde viera,

pois só os serventes, que tinham tirado a água, sabiam –

chamou o noivo e disse-lhe:

Criança (chefe de mesa):

Toda a gente serve primeiro o vinho bom

e, depois de os convidados terem bebido bem, serve o inferior.

Mas tu guardaste o vinho bom até agora.

Catequista (narrador):

Foi assim que, em Caná da Galileia,

Jesus deu início aos seus milagres.

Manifestou a sua glória

e os discípulos acreditaram n’Ele.

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

3. Após as crianças se sentarem (incluindo as que leram, mas estas perto do catequista), este, mantendo a Bíblia na mão, pergunte:

Então, gostaram?...

Quase que gostaram tanto como aquela gente com todo aquele vinho e tão saboroso.

Mas perceberam tudo?...

Vamos ver melhor.

Primeiro, já alguma vez foram a um casamento?...

Agora, imaginem que, durante a refeição do casamento, acabava-se o vinho.

Se calhar, isso não vos importava. Ainda não bebem vinho, nem devem beber. Mas os adultos! Se lhes faltasse o vinho, seria uma vergonha para os noivos. É que, nas festas, um bocadinho de vinho ajuda a alegria. E, num casamento, nem é bom pensar que falte o vinho...

Pois foi exactamente o que sucedeu naquele casamento, em Caná da Galileia.

Olhem: para não esquecerem nada do que eu vou explicar, convido-vos a pegarem nessas folhinhas que receberam e, com uma esferográfica, escrevam nelas as coisas mais importantes da minha explicação. Não se esqueçam que estão numa entrevista...

Prontos?...

Então, ao alto, podem escrever o título deste milagre feito por Jesus.

Como é que lhe podemos chamar?...

Muito simples: “As Bodas de Caná”. Bodas, significa refeição de casamento.

Para facilitar, o catequista pode afixar, junto da figura de Maria (lado de fora) o dístico “Bodas de Caná”.

Já escreveram?...

Quem é que deu pela falta do vinho?...

Então escrevam a seguir, noutra linha: “Mãe de Jesus”...

O catequista afixe, por baixo do dístico anterior, o dístico “Mãe de Jesus”.

E o que é que Jesus respondeu quando ela lhe disse: “Não têm vinho”?...

Se as crianças não se lembrarem, o catequista peça à que leu essas palavras, para voltar a lê-las.

Parece que Jesus não ligava ao pedido da mãe. Respondeu que ainda não tinha chegado a sua hora. Que hora seria essa?...

Não sabem?... Mas temos de descobrir. É muito importante, para perceberem tudo o resto. Vão tentar daqui a pouco.

Lembrem-se, primeiro, do que disse a Mãe de Jesus a seguir. O que foi?

O catequista afixe, em frente da imagem de Maria e paralelamente ao dístico “Eis o Cordeiro de Deus”, o dístico “Fazei tudo o que Ele vos disser”. Convide as crianças a copiá-lo, escrevendo as palavras a seguir a “Mãe de Jesus”. Depois pergunte:

Que nos manda a Mãe de Jesus?...

Manda-nos fazer o que Jesus nos disser. Isto é muito importante. Se todos fizerem o que Jesus lhes diz, então... Olhem: então, terão um Natal muito, mesmo muito feliz. Vós e outras pessoas que, connosco, passarem a fazer a vontade de Jesus. Quem faz a vontade de Jesus, tem uma vida feliz!

Mas, voltemos às bodas de Caná, ao milagre de Jesus.

O catequista afixe o dístico “O vinho”, por baixo de “Mãe de Jesus”, e convide as crianças a escrevê-lo noutra linha das suas folhas. Depois de o fazerem, pergunte:

Que vinho será este?...

É um vinho muito, muito especial.

Reparem primeiro na quantidade. Lembrem-se quantas eram as talhas que Jesus mandou encher de água?

Seis. E quantas medidas levava cada uma?...

De duas a três.

O que não sabem é quanto levava cada medida. Mas eu digo: 39 litros.

Agora multipliquem 39 litros por duas medidas...

Quantos litros dá?... 78 litros.

E agora multipliquem 78 litros por 6, isto é, pelas 6 talhas...

Quanto é que dá?... 468 litros. Tanto vinho!

Mas isto era no caso de cada talha levar duas medidas.

E se fossem três medidas, quanto é que dava ao todo?...

Não vale a pena fazerem as contas. Eu digo: no caso de cada uma das seis talhas de água levar três medidas, eram, ao todo, 702 litros.

O catequista afixe o dístico “468-702 litros”, por baixo do dístico “o vinho”, e convide as crianças a copiá-lo para as suas folhas.

Agora, a qualidade. Que disse o chefe de mesa, depois de provar aquele vinho novo? Como é que ele lhe chamou?...

O catequista afixe, por baixo do dístico anterior, o dístico “o melhor”, peça às crianças para o copiarem para as suas folhas e, depois, comente:

De 468 até 702 litros do melhor vinho! Que vinho será este?

Vamos pensar um bocadinho...

O que é que faz o vinho nas pessoas que o bebem?...

Se for demais, faz-lhes mal. E isso deve-se evitar. Mas se não for bebido demais?...

Lembrem-se do que se passa nas refeições dum casamento...

Digam lá: as pessoas não se sentem contentes, felizes, por comerem e beberem coisas que apreciam?

E agora digam-me: o que é que faz ainda mais felizes essas pessoas, mesmo as que não bebem vinho?...

É o convívio, a amizade entre elas. É o amor...dos noivos e de todos os convidados, para se alegrarem e festejarem o seu amor.

Pois bem, foi este vinho que Jesus trouxe numa enorme quantidade e qualidade: o vinho do...

*O catequista afixe o **dístico “do amor”**, a seguir e na mesma linha do dístico “o vinho”, e convide as crianças a copiá-lo para as suas folhas.*

Só falta uma coisa: a hora em que Jesus trouxe este amor tão grande e tão maravilhoso.

Alguém imagina que hora foi essa?...

Eu digo: foi na mesma hora em que Ele se tornou (*apontando para o respectivo **dístico***) “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. Que hora foi essa?

*O catequista afixe o **dístico “DEU A VIDA POR NÓS E POR TODOS”**, ao fundo do placar, a unir os dísticos “Eis o Cordeiro de Deus” e “Fazei tudo o que Ele vos disser”.*

Foi na hora em que Jesus deu a vida por nós e por todos. Escrevam também isto, que é o mais importante, com a letra mais bonita de que forem capazes...

Agora só falta saberem onde é que vós hoje podeis encontrar este vinho extraordinário do amor de Jesus. Mas isso tendes de ser vós a descobrir, com a ajuda do catequista.

Bom trabalho e bom apetite desse vinho.

Voltaremos a encontrar-nos na próxima catequese.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Depois de todos tirarem os dísticos colocados ao pescoço (catequista e crianças), o catequista comente:

Que grande milagre, não acham?...

Imaginem, foi o primeiro que Jesus fez, mas só terminou no fim da sua vida cá na terra.

E dura até hoje. Não é espantoso?

Vamos então descobrir onde é que este milagre ainda hoje sucede. Onde é que podemos encontrar este vinho extraordinário do amor de Jesus?...

*Após as respostas das crianças, o catequista afixe, ao alto, uma **fotografia de uma celebração da Eucaristia** e diga:*

Claro: no mesmo sítio onde Jesus se dá a nós como Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. É na Missa que Ele transforma o vinho no seu sangue, derramado na cruz por nós e por todos, em sinal do seu enorme amor: o melhor e o maior amor.

Então já sabemos para onde é que podem convidar as pessoas que escolheram para lhes falarem de Jesus e as levar a celebrar bem o seu Natal. Em primeiro lugar é para elas irem à Missa, pelo menos nesse dia. De acordo?...

Mas, não é só na Missa que podemos experimentar o amor de Jesus. Em que outros lugares podemos encontrar esse amor?...

*Após ouvir as crianças, o catequista afixe, do lado direito do placar, uma **fotografia de um grupo de catequese** (se possível, o presente) e comente:*

Por exemplo, aqui na catequese; aqui também ouvimos Jesus, rezamos-lhe e procuramos amar-nos uns aos outros, como Ele nos ama.

Quer dizer que também podem convidar essas pessoas a virem aqui à catequese. Pode ser já na próxima, em que estarão também os vossos pais (e/ou outros familiares). Que bonito será, se puderem trazer convosco essa outra pessoa que ainda não conhece Jesus ou deixou de andar com Ele! Pensem melhor nisso e vejam lá se conseguem. Será um Natal muito mais feliz, também para vós: conseguirem que outras pessoas possam descobrir Jesus e o seu grande amor.

Mas ainda há outro lugar, onde essas pessoas podem encontrar Jesus neste Natal.

O catequista afixe, do lado direito, uma fotografia relativa à ceia de Natal e diga:

É na nossa refeição de Natal: uma refeição que até lembra o milagre das bodas de Caná. Se virem que é possível convidar alguém que não conhece ainda Jesus, falem com os vossos pais, para que isso se torne realidade. Até podem mostrar aos pais as páginas do catecismo desta nossa catequese, para lhes explicarem melhor (**catecismo, p. 42 e ss.**).

Conforme as circunstâncias em que vivem as crianças, o catequista pode apresentar-lhes outras sugestões. Pode mesmo incentivá-las a realizarem as três apresentadas. Se for viável, podem juntar-se várias crianças do grupo para irem ter com a mesma pessoa, sobretudo se for alguém material e/ou socialmente desprotegida.

2. Compromisso

Além do que vos disse e para que o possam realizar, vou entregar, a cada um, um cartão muito parecido com um cartão de boas festas.

Depois da entrega:

Já repararam no que está nesse cartão?...

O que é que está a envolver o Menino Jesus?...

O que aqui ouvimos, nestas duas catequese: um cordeiro e seis talhas de água.

Pois bem, esse cartão é para levarem a essa pessoa que vão convidar para celebrarem convosco o Natal. Com o cartão podem explicar-lhe o que S. João Evangelista nos disse para prepararmos bem o Natal. Contem a essa pessoa o que ouviram aqui.

Ao alto podem escrever o nome dessa pessoa e ao fundo o vosso nome (*indicar a posição*).

Depois, em vossa casa, completem a folha com “A palavra de Deus na minha vida”. O que podem escrever nela?... O modo como decorrer o vosso encontro com essa pessoa, como é que ela vai reagir, etc..

Vai ser, certamente, um acontecimento que nunca mais vão esquecer.

Por isso é bom que ele fique registado como “Palavra de Deus na vossa vida”.

E, para a próxima catequese, tragam essa folha e todas as outras que já têm arquivadas.

Vai ser uma grande festa. **Na página 44 do vosso catecismo** está o convite para a vossa família.

3. Mas, para que possam fazer tudo isso, não podemos esquecer-nos do que a Mãe de Jesus hoje nos veio dizer. Que foi?...

Digam todos, ao mesmo tempo: “**Fazei tudo o que Ele vos disser**”.

Então, para que façamos mesmo, convidado-vos a rezarmos todos a Nossa Senhora. Para isso temos uma oração que, se calhar alguns já conhecem. Vem no **catecismo, na página 44**.

É uma oração em que tratamos a Mãe de Jesus como Rainha. E, de facto, ela é. Por isso é que ainda hoje ela nos falou. Nessa oração, pedimos-lhe que nos ajude na nossa vida que, às vezes, é bem difícil. Dizem as pessoas crescidas que é como um vale de lágrimas, porque há tantas pessoas a sofrer.

Vamos rezar assim:

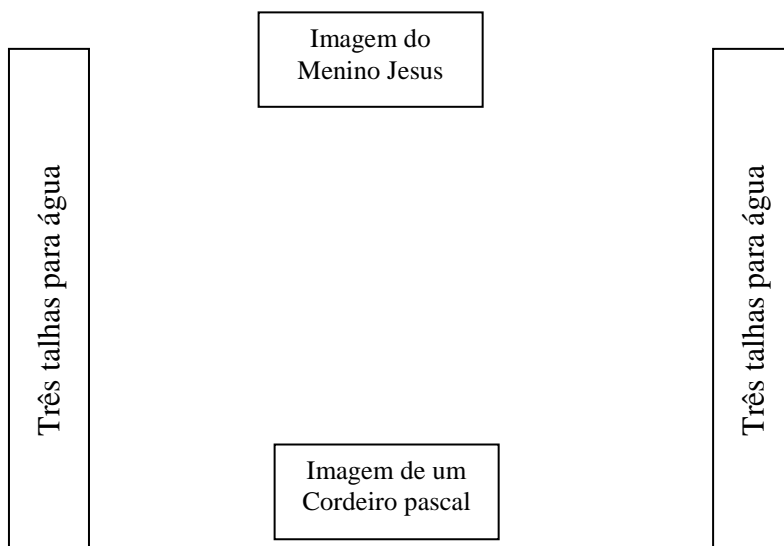
- Primeiro, cantamos o **cântico “Quero ser como tu Maria”** (1ª estrofe).
 - Depois, rezamos, em coro e pelo catecismo (página 44), a **oração “Salve Rainha”**...
 - No final cantamos de novo o **cântico “Quero ser como tu Maria”** (2ª estrofe).
- Para isso pomos-nos de pé...

4. Para guardar na memória e no coração:

Salve Rainha,
 Mãe de misericórdia, vida doçura e esperança nossa, salve.
 A vós bradamos, os degredados filhos de Eva;
 a vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas:
 Eia pois, advogada nossa,
 esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei.
 E depois deste desterro nos mostrai Jesus,
 bendito fruto do vosso ventre,
 ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria.
 Rogai por nós, Santa Mãe de Deus,
 para que sejamos dignos das promessas de Cristo.
 Amen.

DOCUMENTO 1

Cartão de boas festas:



Catequese 10

“O VERBO FEZ-SE CARNE”

(Jo 1, 14)

(Celebração de Natal)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O Natal não é ornamento

O Natal não é ornamento: é fermento

É um impulso divino que irrompe pelo interior da história

Uma expectativa de semente lançada

Um alvoroço que nos acorda

para a dicção surpreendente que Deus faz
da nossa humanidade

O Natal não é ornamento: é fermento

Dentro de nós recria, amplia, expande

O Natal não se confunde com o tráfico sonolento dos símbolos

nem se deixa aprisionar ao consumismo sonoro da ocasião

A simplicidade que nos propõe

não é o simbolismo ágil das frases-feitas

Os gestos que melhor o desenham

não são os da coreografia previsível das convenções

O Natal não é ornamento: é movimento

Teremos sempre de caminhar para o encontrar!

Entre a noite e o dia

Entre a tarefa e o dom

Entre o nosso conhecimento e o nosso desejo

Entre a palavra e o silêncio que buscamos

Uma estrela nos guiará

(José Tolentino Mendonça)

2. “O Verbo estava com Deus...”

O prólogo do Evangelho segundo S. João – Jo 1, 1-18 – é talvez um dos textos mais belos e, simultaneamente, mais densos de toda a Bíblia.

Não deve, por isso, ser lido a correr e, muito menos, em diagonal. Por outro lado, e pelas mesmas razões, não se tenha a pretensão de tudo nele compreender. Antes, o leitor é que tem de ser por ele compreendido, no sentido mais original da palavra: deixar-se prender e envolver por ele; ou melhor, por Aquele que nele lhe é revelado – Jesus Cristo, na sua condição de ser divino que irrompe na história dos homens com a energia vivificante que só Deus possui em plenitude.

É nesse sentido que Ele, numa linguagem predominantemente simbólica (a mais apropriada ao discurso sobre Deus), começa por ser chamado *Palavra* ou *Verbo*. Na

origem e em si, são dois termos equivalentes. Se, entretanto e designadamente na actual tradução litúrgica da Bíblia, se prefere *Verbo*, é talvez porque este, hoje, se aplica mais àquela classe de palavras que exprimem uma acção, um processo ou um estado e, numa frase, funcionam como predicado – um dinamismo que está inerente ao correspondente termo grego *Logos* (usado no original bíblico) e à nossa experiência humana sobre o poder vivificante que a palavra, sobretudo verbal, pode ter na nossa vida. Quanto bem (ou quanto mal) uma palavra nos pode fazer!

Quanto bem tem causado o anúncio da vitória definitiva de Jesus Cristo sobre a morte! Daí os primeiros cristãos terem chamado a essa Boa Nova, simplesmente, *Logos*. É como uma semente que, caindo em boa terra, dá fruto *a trinta, a sessenta e a cem por um* (Mc 4, 20). É tal a sua vitalidade, que, nos Actos dos Apóstolos, aparece quase como uma pessoa, um herói, imparável na sua expansão geográfica e etnográfica (6, 7; 12, 24; 19, 20). Paulo chama a quem por ele se deixa transformar uma *nova criação* (2 Cor 5, 17; Gal 6, 16). É dele que nasce e vive um novo corpo – a Igreja, Corpo de Cristo – porque *ele é poder de Deus para a salvação de todo o crente, do Deus que dá vida aos mortos e chama à existência o que não existe* (Rm 1, 16; 4, 17).

Nestas afirmações, S. Paulo está a basear-se também no texto bíblico da criação, segundo o qual o mundo e o homem surgem para a vida, porque *Deus disse* (10 vezes em Gn 1, 1-2, 4a). S. João vai mais longe: identifica explicitamente esse Verbo de Deus com Jesus Cristo, iniciando o seu Evangelho nos mesmos termos com que começa o primeiro livro bíblico: *No princípio, quando Deus criou os céus e a terra* (Gn 1, 1) – nesse mesmo *princípio*, (já) *existia o Verbo* (Jo 1, 1). Portanto, para lá de todos os princípios, – acrescenta S. João – *O Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus* (Ibidem).

É mais do que a sabedoria divina, descrita no Antigo Testamento com rasgos de pessoa. Ao contrário do Verbo, ela foi criada, embora como *primícia das obras divinas, desde a eternidade* (Prov 8, 22-23; cf. Sir 24, 3-5). E enquanto ela acompanha o seu Criador na formação dos céus e da terra (Prov 8, 27-31; Bar 3, 32-35) – que são, de facto, uma maravilha que não nos cansamos de contemplar (Sl 8) – o Verbo é agente exclusivo da criação: *Tudo se fez por meio d'Ele e sem Ele nada foi feito* (Jo 1, 3).

Da vida que d'Ele emana, faz parte, primeiramente, a luz (Gn 1, 3; Jo 1, 4), porque não há vida sem luz. Que o digam tantos que por Ele se deixam orientar, sobretudo desde que Ele veio ao mundo (Jo 1, 9)... mas que contrastam com tantos outros que, embora por Ele criados, ainda O rejeitam e, por isso, vagueiam errantes pelas trevas (1, 5.10-11). E os primeiros?

A esses – *que O receberam e acreditaram no seu nome* (identificativo da sua pessoa) – *deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus* (1, 12). E que poder! – Não o que se adquire por meios humanos, pela via meramente geracional da carne, do sangue, da vontade humana. Todos temos consciência de como isso é importante... mas insuficiente. Basta ver o que sucede pelo Natal: sem Deus, sem a força transformadora do seu amor, da sua graça, transmitida pelo seu Verbo, o Natal não passa de um ornamento... Uma desgraça a que, porém, crente algum se pode resignar. Antes deve levá-lo a proclamar, ainda com maior convicção:

3. “O Verbo fez-se carne e habitou entre nós”

É assim que abre a segunda parte do prólogo (1, 14-18): com uma confissão de fé da parte daqueles que imediatamente antes, no auge da primeira parte (1, 1-13), eram proclamados como *filhos de Deus*. Um privilégio que devem exclusivamente a Deus que actua pela fé. Daí a sua proclamação.

A fé mantém-se e aumenta, na medida em que se vive na comunhão que, por ela, se estabelece com o Deus que se revela e como resposta a essa revelação. É assim que o acto de fé aparece, por exemplo, em celebrações mais festivas da Eucaristia, no auge da Liturgia da Palavra e como preparação para uma participação mais intensa na Liturgia propriamente Eucarística que é, de resto, o sacramento em que o Verbo de Deus, permanentemente, mais se torna carne e habita entre nós.

Mas não é a essa experiência sacramental que S. João, pelo menos primariamente, se refere aqui. É, sim, aos acontecimentos salvíficos de que a Eucaristia é memorial: a encarnação e a crucificação do Filho de Deus. Dois acontecimentos que formam um todo, incluído no termo “carne”, conforme é entendido na tradição bíblica.

“Carne” indica, em primeiro lugar, a dimensão externa, visível, palpável e comunicativa do ser humano e corresponde ao corpo. É por este que nos exteriorizamos e relacionamos. Foi nele que o Verbo eterno e criador de Deus *passou a habitar entre nós* (Jo 1, 14), como outrora o Senhor tinha habitado entre o seu Povo, na tenda onde era depositada a Arca da Aliança com os seus Dez Mandamentos (Ex 25, 10-25; 33-34). E é por isso que, agora, no corpo humano do Verbo incarnado, nós, os crentes, confessamos *ver a sua glória, glória que lhe vem do Pai como Filho Unigénito, cheio de graça e verdade* (Jo 1, 14) – a glória que se manifesta nas suas acções e palavras e, sobretudo, na sua crucificação. Glória, aí?!

“Carne” exprime também a dimensão terrena, frágil e caduca do ser humano. Veja-se como, num cadáver, é a carne, e não a estrutura óssea, a primeira a decompor-se. E é nisso que se situa a distância infinita entre Deus e o homem: enquanto este é como a erva que seca e a flor que murcha, *a Palavra do nosso Deus permanece eternamente* (Is 40, 6-8). Como se compreende então que esta mesma Palavra tenha assumido precisamente aquilo que mais se lhe opõe, até ao grau máximo da dolorosa e ignominiosa morte na cruz?

É que foi precisamente então que Ele mais se manifestou *cheio de graça e verdade*, a mesma com que Deus, o Senhor, se havia identificado, no passado, ao seu povo pecador (Ex 34, 6). E foi com este amor infinitamente gratuito e verdadeiro ou fiel, que Ele, o verbo incarnado, venceu a morte e se tornou inesgotável fonte de vida: quem come a sua carne, que Ele deu *pela vida do mundo, viverá eternamente* (Jo 6, 51.58).

Só esta Palavra feita carne e, depois, feita Palavra no Evangelho que a anuncia, só ela pode fazer do Natal, em que incarna, fermento e movimento: fermento que leveda a massa de quem a acolhe com fé, e o põe em movimento, ao encontro de tantos que ainda vivem o Natal como um mero ornamento.

OBJECTIVOS

- Celebrar o Natal de Jesus;
- Identificar Jesus como Palavra de Deus que, por nosso amor, encarnou entre nós;
- Receber a Bíblia, dispondo-se a lê-la como Palavra de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta celebração está construída num crescendo, expresso sobretudo em três cortejos e nas velas que, neles, vão sendo introduzidas:

- Na entrada e no acolhimento inicial, é levado o crucifixo, com as duas primeiras velas. O crucifixo ajuda a recordar as duas catequeses anteriores, de preparação para o Natal: foi na cruz que Cristo mostrou o seu amor, expresso no título de “Cordeiro de Deus” e no vinho das Bodas de Caná. Com isso, os participantes são convidados ao acto penitencial e à oração de louvor, oferecida no Magnificat.

– No cortejo com a Bíblia e mais duas velas, é introduzida a Palavra de Deus, na qual Cristo é proclamado como Verbo de Deus que se fez carne, por nosso amor. Para maior impacto, convém que a Bíblia tenha um tamanho maior do que o habitual. Pode ser do formato de uma Bíblia litúrgica.

– No cortejo com a imagem do Menino Jesus e mais duas velas, é apresentado, de um modo mais visível, Aquele que antes fora anunciado como Verbo feito carne no seio de Maria. A junção da Bíblia com a imagem pode ajudar a compreender a mensagem recebida e levar os participantes a uma expressão da sua fé, manifestada na homenagem feita ao Menino Jesus, na sua imagem e na Bíblia. Atinge-se assim o ponto alto da celebração.

2. De seguida, são entregues as Bíblias às crianças, pelos seus pais e/ou padrinhos ou outros familiares/educadores. Convém que cada criança tenha consigo alguma dessas pessoas. Se tal for de todo impossível, que os familiares a enviem pelo catequista. Podem escrever na Bíblia uma pequena dedicatória, que seja, por exemplo, de incentivo à sua leitura, por ser a Palavra de Deus. Para que tal aconteça com a máxima adesão das famílias, recomenda-se a preparação cuidadosa de uma Reunião de Pais/Encarregados de Educação, para a qual os padrinhos também podem ser convidados.

3. Se as crianças trouxerem consigo convidados, tal qual foram sugeridos nas catequeses anteriores, faça-se, logo no princípio, uma referência a eles e louvem-se as crianças pelo resultado do seu empenho em dar testemunho de Cristo, levando outras pessoas a conhecê-l’O e segui-l’O. Se os convidados forem ainda crianças, podem, durante toda a celebração, ocupar um lugar junto das que as convidaram.

4. As tarefas, sugeridas no compromisso, podem ser indicadas na folha com “A Palavra de Deus na minha vida”, entregues a cada criança. Isso facilitará, certamente, a sua realização.

5. O marcador oferecido a cada participante, durante a homenagem ao Menino Jesus, tem uma síntese da mensagem transmitida e vivida na celebração. Isso ajudará as crianças a não se esquecerem dela. Tanto mais que, como lhes será sugerido, irão servir-se desse marcador na Bíblia que recebem e irão usar, daqui em diante, em cada encontro da catequese.

6. Para que tudo decorra bem, procure-se que todos os intervenientes sejam bem preparados (nomeadamente os que participam nos cortejos e nas leituras). Se se achar oportuno, faça-se um guião da celebração, não com todos os seus pormenores, mas, ao menos, com os cânticos.

MATERIAIS

- Um crucifixo (catequese anterior);
- Seis velas de tamanho idêntico e/ou que possam formar um conjunto harmonioso de três mais três;
- Uma Bíblia, se possível, de tamanho maior que o habitual (por exemplo, em formato litúrgico);
- Uma almofada, para nela ser colocada a Bíblia;
- Uma imagem do Menino Jesus de um tamanho proporcional ao da Bíblia;
- Duas folhas com o texto do Magnificat;

- Três folhas com o texto de Jo 1, 1-5.9-14, tendo assinaladas as partes previstas para cada leitor (ver Palavra);
- Imagens de seis talhas de água, para serem afixadas no placar;
- Figura de um Cordeiro Pascal, para ser afixado no placar;
- Dísticos: “O VERBO QUE ESTAVA COM DEUS” e “FEZ-SE CARNE E HABITOU ENTRE NÓS”, em papel recortado em forma de faixa;
- Marcadores de livro, um para cada participante, com a imagem do Menino Jesus, deitado numa Bíblia aberta, e as palavras “Jesus Cristo” (ao alto), “Palavra de Deus” e “Palavra da salvação” (ao fundo);
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, uma para cada criança;
- Bíblias, uma para cada criança, embrulhadas como oferta, a entregar pelos pais e/ou padrinhos ou outros familiares.

MÚSICAS

- “É Natal, salvação e luz, (ou outra natalícia);
- “Jesus Cristo, Cordeiro de Deus”;
- “Jesus Cristo, Palavra de Deus”;
- “Tu tens Palavras de vida eterna”.

PARTICIPANTES NA CELEBRAÇÃO

- Além das crianças do grupo e seu(s) catequista(s), é de suma importância que estejam também os pais e/ou outros familiares e padrinhos do Baptismo. São eles que entregam a Bíblia aos seus filhos ou afilhados, como prenda de Natal: um gesto que se insere na educação cristã das crianças, prometida no seu Baptismo. Se necessário, mude-se a hora da catequese, para garantir que os adultos possam participar.
- São também bem-vindas outras pessoas, convidadas pelas crianças, como resultado do compromisso assumido nas duas catequese anteriores. Com a experiência vivida nesta celebração, essas pessoas poderão (re)encontrar o caminho para Cristo. E que felizes ficarão as crianças com isso!

LUGAR DA CELEBRAÇÃO

- Se possível, seja a mesma sala em que as crianças têm habitualmente a catequese. Isso pode facilitar a ligação desta catequese com as anteriores.
 - Se a sala, dado o número maior de participantes, for pequena, então procure-se uma sala com espaço suficiente para todos se sentarem.
- Mas que não seja grande de mais. É importante que o espaço seja propício à concentração, à comunhão e à oração.

PREPARAÇÃO DA SALA

- No **placar**: seis imagens de talhas de água (a lembrar as Bodas de Caná), três de cada lado (e com espaço, ao centro, para o crucifixo); por baixo, uma imagem de um cordeiro pascal (a lembrar a mensagem de João Baptista).
- Sobre a **mesa**: apenas uma almofada (para a Bíblia), que pode ser ornamentada, de um lado e do outro, com palha ou outro material que, levemente, lembre a manjedoura de um presépio.
- As **cadeiras** sejam dispostas de modo a terem, se possível, um corredor ao meio: à frente para as crianças; atrás para os adultos.
- Nas paredes, uma pequena **ornamentação**, com motivos natalícios (por exemplo, estrelas), mas sem exagerar, para não ser motivo de distração.

II. DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO

I. ENTRADA E ACOLHIMENTO

1. Cortejo inicial

À frente vai uma criança com o **crucifixo**, seguida de outras duas, com duas **velas acesas**. Seguem-se as restantes crianças (com os convidados, se forem crianças também), os familiares e outros convidados e os catequistas.

Depois do **cântico** de entrada, o crucifixo é afixado no placar, ao meio, e as velas são colocadas em cima da mesa, uma de cada lado.

2. Cântico de entrada

“É Natal, salvação e luz” (ou outro natalício)

3. Saudação

Presidente:

**A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo
que por nós se fez homem
esteja connosco.**

Todos:

**Bendito seja Deus,
que nos reuniu no amor de Cristo.**

4. Acolhimento

Presidente (depois de convidar as pessoas a sentarem-se):

Que bem responderam!

Estamos mesmo reunidos no amor de Cristo.

Lembram-se de terem dito isto aqui, na catequese, e pela primeira vez, este ano?...

Desde esse primeiro encontro nos reunimos no amor de Cristo.

É Ele que nos une como irmãos. E que alegria isso nos traz!

E hoje, na festa do seu nascimento, ainda mais. Irão ver.

Até trouxeram outras pessoas convosco.

Querem apresentá-las, para todos as conhecermos melhor?...

Depois de uma brevíssima apresentação dos familiares e outros convidados, feita pelas crianças:

5. Acto penitencial

Presidente:

Expliquem agora aos vossos familiares e convidados como é que preparámos esta festa de Natal. Podem servir-se dos sinais que estão ali no placar...

Comecemos por aquela figura de um cordeiro. Não é bem como os cordeirinhos que às vezes colocamos no presépio, pois não?...

Então, quem é que estará representado naquele cordeiro?...

E quem é que nos apresentou Jesus como um cordeiro?...

Digam lá quais foram as palavras exactas de S. João Baptista:
“Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”.

E que fez Jesus para tirar os pecados do mundo?...

Exactamente: deu a sua vida na cruz, durante a festa da Páscoa, na mesma altura em que as pessoas da sua terra preparavam os cordeiros para comerem nessa festa. Esses cordeiros lembravam-lhes a libertação das maldades que, muitos séculos antes, tinham feito aos seus antepassados.

Agora é Jesus quem dá a vida, para que as pessoas não sofram mais nem façam maldades. Só assim podemos ser verdadeiros irmãos que se amam como Jesus nos ama.

Para que isso aconteça hoje aqui, proponho que pensemos um bocadinho nas maldades e pecados que tenhamos cometido. Para pensarmos melhor, até podemos fechar os olhos...

Depois de um breve silêncio:

Agora, de pé... Peçamos perdão a Deus e uns aos outros dos pecados que fizemos, dizendo a sua confissão:

Todos:

“Confesso a Deus todo poderoso e a vós irmãos...”

(Ou o acto de contrição: “Meu Deus, porque sois tão bom...”)

Presidente:

**Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós,
perdoe os nossos pecados
e nos conduza à vida eterna.**

Todos:

Amen.

Presidente:

Agora cantemos, todos, o **cântico** a Jesus Cristo, nosso Cordeiro Pascal:

Todos:

“Jesus Cristo, Cordeiro de Deus” (*refrão e estrofe*)

6. Oração

Presidente: (depois de todos se sentarem):

Como André e Simão Pedro, também nós queremos seguir Jesus e estar com Ele, onde Ele mora. Hoje, vai ser aqui.

E que nos oferece Ele? Que aconteceu com os primeiros discípulos? Onde é que Jesus foi com eles, depois de Ele os chamar? Olhem para o placar... Que nos lembra a imagem daquelas seis talhas?...

Exacto: as bodas de Caná. Faltou o vinho, e Jesus transformou a água em vinho.

E que representava aquele vinho tão bom?...

Mais uma vez, o grande amor de Jesus, ao dar a vida por nós. E que saboroso é este amor!

Só falta dizer quem é que chamou a atenção de Jesus para aquela falta de vinho...

Sua Mãe, Nossa Senhora.

E que mais nos disse ela?...

“Fazei tudo o que Ele vos disser.”

E como nós temos procurado fazer, proponho que louvemos o Senhor por isso.

Rezemos-lhe aquela oração que nos foi ensinada pela Mãe de Jesus.

Cantemos o princípio, podendo elevar as nossas mãos, e, depois, dois de vós rezam-na, como fizemos na última catequese. De pé...

Todos:

Cântico (*com as mãos elevadas*):

“A minha alma glorifica o Senhor” (*só o refrão*).

1º leitor:

A minha alma glorifica o Senhor

e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua serva:

de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.

O Todo Poderoso fez em mim maravilhas.

Santo é o seu nome.

**A sua misericórdia se estende de geração em geração
sobre aqueles que O temem.**

Todos:

Cântico (*com as mãos elevadas*):

“A minha alma glorifica o Senhor” (*só o refrão*).

2º leitor:

Manifestou o poder do seu braço

e dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos

e exaltou os humildes.

Aos famintos encheu de bens

e aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo,

lembrado da sua misericórdia,

como tinha prometido a nossos pais,

a Abraão e à sua descendência para sempre.

Todos:

Cântico (*com as mãos elevadas*):

“A minha alma glorifica o Senhor” (*só o refrão*).

II. PALAVRA

1. Introdução

Presidente:

Podem sentar-se...

Há uma coisa que ainda não contaram aos vossos familiares e convidados:

Quem é que nos tem falado de João Baptista e de Nossa Senhora?...

S. João Evangelista. Até lhe fizeram umas entrevistas.

Pois bem, já que foi S. João Evangelista quem nos apresentou as duas pessoas – S. João Baptista e Nossa Senhora – para, com elas, prepararmos esta festa de Natal, também vai

ser ele – S. João Evangelista – quem hoje nos vai falar. Aliás, ele até nos prometeu isso mesmo na última entrevista. No fim, disse-nos: voltaremos a encontrar-nos na próxima catequese. Que é hoje.

Vamos então acolhê-lo. Mas bem.

E qual será o melhor modo de o recebermos?...

Cantando. Olhem: cantando um **cântico** em que as palavras que dizemos estão escritas no seu Evangelho. É S. João quem nos conta como, um dia, alguns discípulos de Jesus deixaram de andar com Ele.

E que perguntou Jesus aos Doze Apóstolos?...

“Também vós quereis ir embora?”

E que respondeu S. Pedro, em nome dos outros?...

Exactamente: “A quem iremos Senhor? Tu tens palavras de vida eterna”.

É o melhor que podemos dizer a Jesus. Até porque também nos ficámos com Ele. E hoje até trouxemos outras pessoas para também estarem com Ele.

Vamos então acolher S. João Evangelista, ou melhor, Jesus de quem S. João nos fala, cantando-lhe: “Tu tens palavras de vida eterna”!

Todos de pé... voltemo-nos para a porta, por onde vai entrar Jesus, presente na Bíblia...

E cantemos:

2. Cortejo da Palavra

*Da porta de entrada (de preferência, ao fundo da sala) entram duas crianças, com duas velas acesas, seguidas de uma outra, com a **Bíblia** (fechada) nas mãos (junto ao peito), e uma terceira, com os **dísticos** (nas mãos, (junto ao peito), “**O VERBO QUE ESTAVA COM DEUS**” e (por trás deste) “**FEZ-SE CARNE E HABITOU ENTRE NÓS**”. Chegadas à frente, colocam-se por trás da mesa (entre esta e o placar), voltadas para os outros: ao meio, as que têm a Bíblia e os dísticos; dos lados, as que têm as velas. Durante tudo isto, cante-se:*

3. Cântico

“**Tu tens palavras de vida eterna**” (estrofes 9 e 10).

4. Admonição

Presidente (ao centro das 4 crianças):

Para melhor compreendermos o que S. João Evangelista nos vai dizer, vou explicar rapidamente o que significa o que a/o (nomes) acabaram de trazer.

Primeiro, a Bíblia: é nela que está escrito o Evangelho segundo S. João, juntamente com muitos outros livros. Em todos eles é Deus quem nos fala. Por isso nós temos muito respeito por este livro maravilhoso.

E qual é então o melhor lugar para ele? – Ao centro da mesa, em cima desta bela almofada...

Agora, esta mesa é a mesa da Palavra.

A criança, com a **Bíblia**, coloque-a em cima da almofada.

Vamos agora às palavras que o/a (nome) tem nas mãos. São palavras escritas por S. João, logo no princípio do seu Evangelho. A primeira é esta (*lendo o dístico*): “**O Verbo que estava em Deus**”. Quem será este “Verbo”?... Posso já dizer que é Jesus. Depois veremos por que é que S. João lhe chama Verbo.

Vamos afixá-la ao alto do placar.

*Depois de afixar o dístico “**O VERBO QUE ESTAVA EM DEUS**”:*

Acerca de Jesus, o Verbo de Deus, S. João também escreveu que Ele (*lendo do **dístico***) “fez-se carne e habitou entre nós”. Com isto fala-nos do nascimento e Jesus. Afixemos estas palavras ao fundo.

*Depois de afixar o **dístico** “FEZ-SE CARNE E HABITOU ENTRE NÓS”:*

Finalmente as velas: mais duas. Sabem porquê?

Porque S. João ao escrever (*lendo do placar:*) “O Verbo que estava em Deus, fez-se carne e habitou entre nós”, ao escrever isto, falou também da luz que Jesus pode ser para nós e para todos. Por isso é que vamos ouvir as palavras de S. João à luz destas velas.

A leitura vai ser feita por mim (*ou outro adulto*) e pelo/a e o/a (*nomes*) que trouxeram a Bíblia e as palavras afixadas no placar. O/a (*nome*) lê a parte em que S. João também diz que “O Verbo estava em Deus”; eu (*ou outro adulto*) leio a parte em que se fala da luz que é Jesus, o Verbo de Deus; o/a (*nome*) lê aquela parte em que S. João também diz que o Verbo se fez carne e habitou entre nós.

Ouçam então, com a maior atenção.

*Pode cantar-se outra vez o **cântico**:*

“Tu tens palavras de vida eterna” (*só o refrão*).

5. Proclamação da Palavra

Presidente (depois de pegar na Bíblia e a abrir em Jo 1, 1-5.9-14):

O Senhor esteja connosco.

Todos:

Ele está no meio de nós.

Presidente:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João:

Todos:

Glória a vós, Senhor.

1ª criança/leitor:

**No princípio era o Verbo
e o Verbo estava com Deus
e o Verbo era Deus.**

No princípio, Ele estava com Deus.

**Tudo se fez por meio d’Ele
e sem Ele nada foi feito.**

**N’Ele estava a vida
e a vida era a luz dos homens.**

Presidente (ou um adulto):

**A luz brilha nas trevas
e as trevas não a receberam.
O Verbo era a luz verdadeira
que, vindo ao mundo,
ilumina todo o homem.**

**Estava no mundo
e o mundo, que foi feito por Ele, não O conheceu.
Veio para o que era seu
E os seus não O receberam.
Mas, àqueles que o receberam e acreditaram no seu nome,
deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus.
Estes não nasceram do sangue,
nem da vontade da carne,
nem da vontade do homem,
mas de Deus.**

2ª criança/leitor:

**E o Verbo fez-se carne
e habitou entre nós.
Nós vimos a sua glória,
glória que lhe vem do Pai,
como Filho Unigénito,
cheio de graça e de verdade.**

Presidente:

Palavra da salvação.

Todos:

Glória a vós, Senhor.

6. Homilia

Presidente (depois de todos se sentarem):

Por que será que S. João Evangelista chama a Jesus (*apontando para o respectivo dístico*) o Verbo? O que é um verbo?...

É uma palavra. Mas há um grupo de palavras a que chamamos “verbos”. Por exemplo se eu disser “Jesus está aqui”. Destas três palavras, qual é o verbo?...

Exacto: “está”. O verbo é a palavra que diz o que alguém faz, ou como se encontra ou sente.

Pensem agora num verbo que melhor diga o que Jesus mais fazia e que também nós devemos fazer. Qual será esse verbo?...

Para mim, é o verbo “amar”. Por exemplo, por que razão é que Jesus, naquele casamento em Caná da Galileia, transformou a água em vinho? Porque amava aquela gente. E porque é que Ele deu a sua vida por nós na cruz?... Porque nos ama.

Tudo o que Jesus fazia e dizia era sempre por amor.

E agora digam-me: haverá alguém capaz de nos amar tanto como Jesus?...

Há, sim. (*Apontando para o placar:*) É Deus. Por isso é que nós chamamos a Deus, por exemplo, quando lhe rezamos... Pai.

Deus é nosso Pai, por tantas coisas que Ele faz por nós. E é nosso Pai, sobretudo, por nos ter dado Jesus, seu Filho, que Ele tanto ama.

E por isso é que Jesus também nos ama tanto: porque Deus está n’Ele. O que Jesus faz e diz é Deus quem faz e diz por meio d’Ele.

Já percebem agora por que razão é que S. João chama a Jesus (*lendo do placar*): “O Verbo que estava em Deus”?...

Tudo o que Jesus faz – e nós dizemos por verbos e outras palavras – tudo isso é Deus que faz. Por isso Jesus é chamado Verbo ou Palavra de Deus. O melhor que sabemos de Deus, foi dito e feito por Jesus.

Olhem, eu conheço um *cântico* em que nós dizemos isso de Jesus; em que lhe cantamos:

“Jesus Cristo, Palavra de Deus, Palavra da salvação”.

É fácil de aprender, porque a música é a mesma do cântico “Jesus Cristo, Cordeiro de Deus”.

Depois de um breve ensaio (do refrão e 1ª estrofe):

Agora digam-me (*apontando para o placar*): quando é que Jesus, o Verbo que estava em Deus, quando é que Ele se fez carne e habitou entre nós?...

Foi quando Ele se formou no corpo de Nossa Senhora. Foi então que Ele adquiriu um corpo, uma carne, semelhante à nossa.

E passou a viver no meio de nós.

É uma maneira bonita de falar do nascimento de Jesus, não é?

Então leiam todos comigo as palavras de S. João, escritas no placar:

“O Verbo que estava em Deus fez-se carne e habitou entre nós”.

Agora pensemos na luz. Será que Jesus é a nossa luz?...

Claro: guiados por Jesus, nós vemos muito melhor. Vemos, sobretudo, com os olhos do coração. Vemos com olhos de amor, o amor de Jesus e de Deus.

Por exemplo, foi Jesus, com a sua luz, que vos fez ir ao encontro de algumas pessoas para lhes falarem d’Ele e as convidarem a encontrar-se com Ele. Tal e qual como fizeram os Apóstolos, iluminados e guiados por Jesus.

É que nós não queremos que aos outros falte a luz de Jesus. Não queremos que eles andem nas trevas, na escuridão.

Quem não ama como Jesus, é como andar na escuridão. E quem anda nas trevas, na escuridão, não pode ser feliz. Por isso procuramos falar aos outros de Jesus. Dizer-lhes como Jesus os ama e os quer felizes.

E, então, nesta altura do Natal ainda é mais importante.

Se houver crianças que realizaram o compromisso, proposto nas catequeses anteriores, o catequista faça uma referência a elas. Pode mesmo convidá-las a contar como decorreu o seu testemunho. Sobretudo se, entre os convidados presentes, estiverem pessoas por elas convidadas.

Eu acho que chegou a altura de nós prestarmos uma pequena homenagem a Jesus, o Verbo que estava em Deus e se fez carne, para habitar entre nós. Foi assim que Ele, Jesus, nos fez filhos de Deus e se tornou luz para nós – uma luz que já levámos a outras pessoas.

Como devemos estar agradecidos a Jesus, por tudo isso!

Vamos mostrar a nossa gratidão, acolhendo, com alegria, a imagem do Menino Jesus que vai entrar na nossa sala, para estar no meio de nós.

Voltemo-nos para a porta... E cantemos.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Entrada da imagem do Menino Jesus

– *Da porta da sala (por onde entraram as crianças com a Bíblia), entram duas crianças, com duas velas acesas, seguidas de uma terceira (pode ser um adulto) com a imagem do Menino Jesus, nas mãos (levemente estendidas para a frente), e caminham lentamente, até se colocarem, voltadas para as outras, entre o placar e a mesa. Aí se mantêm, enquanto durar o cântico que acompanha todo o cortejo.*

Cântico:

“Jesus Cristo, Palavra de Deus” (1ª e 2ª estrofe)

Terminado o cântico, a criança com a imagem, coloque-a em cima da Bíblia (aberta em Jo 1, 1ss), voltada (tal como a Bíblia) para a assembleia. As que levaram as velas, coloquem-nas junto das restantes quatro (3 de cada lado da Bíblia).

2. Veneração do Menino Jesus

Presidente (depois de convidar todos a sentarem-se):

Que lindo está o Menino Jesus não acham?...

Ali, mesmo em cima da Bíblia que fala d’Ele e onde Ele nos fala!

E olhem: está deitado mesmo em cima das palavras que S. João, há pouco, nos dizia dele: aquelas em que ele diz que (*lendo do placar*): “O Verbo que estava em Deus fez-se carne e habitou entre nós”.

Ali, está Jesus, O Verbo ou Palavra de Deus, feito carne, em cima das suas palavras, do livro que é a Palavra de Deus!

Que belo presépio! Neste, nem precisamos de outras imagens.

Aliás, é isto que, por exemplo, Nossa Senhora, nos diz: “Fazei o que Ele vos disser!”

Isto é, olhem só para Ele. Só Ele interessa: Ele, o Verbo ou Palavra de Deus.

Ouçam e façam o que Ele vos diz.

Não precisamos de mais nada. Só Ele basta, e a Palavra que Ele nos diz aqui na Bíblia.

E agora até está mais iluminado: com seis velas, tantas como as talhas de água que Ele transformou em vinho, em sinal do seu amor.

Vamos então, prestar-lhe a nossa homenagem.

Vai ser assim: cada um de vós, em silêncio e com muito respeito e carinho, vem aqui à frente. E, quando chegar junto da mesa, toca com a mão direita na imagem do Menino Jesus ou na Bíblia e depois benze-se. Ao fazer isto, cada um está a dizer que quer ouvir e fazer o que Jesus nos manda na Bíblia. Isto é, quer ter aquele grande amor que Jesus nos mostrou sobretudo na cruz, onde deu a sua vida por nós. Por isso é que nós fazemos o sinal da cruz, ao benzer-nos.

Enquanto todos fazemos isto, cantaremos o *cântico*:

“Tu tens palavras de vida eterna”.

O presidente seja o primeiro a fazer os gestos referidos.

De seguida, mantém-se junto da mesa e, à medida que as crianças e os adultos fazem o mesmo, entregue a cada pessoa (depois de realizar os gestos) um marcador de livro em que figure a imagem de Jesus em cima da Bíblia (ao centro) e as palavras “Jesus Cristo” (ao alto), “Palavra de Deus” e “Palavra da salvação” (ao fundo).

3. Cântico (durante a veneração)

“Tu tens palavras de vida eterna” (estrofes 9 a 12 e, se necessário, outras).

4. Oração

No final, o presidente convida todos os presentes a rezarem, em coro, a oração que Jesus nos ensinou, a oração que também se encontra na Bíblia:

“Pai nosso...”

IV. ENTREGA DAS BÍBLIAS, DESPEDIDA E CONVÍVIO

1. Entrega das Bíblias

Presidente (depois de convidar todos a sentarem-se):

Gostam dessa folhinha que acabaram de receber?...

Que está escrito nela?...

Digam todos, ao mesmo tempo:

“Jesus Cristo, Palavra de Deus, Palavra da salvação”.

Jesus Cristo, tal e qual como está ali no presépio: em cima da Bíblia.

É sobretudo lá que Ele nos fala e nos ensina a amar, para que todos se salvem.

E já repararam na forma dessa folhinha?...

Tem a forma de um marcador de livro, não tem?

Então vamos à prenda que os vossos pais (*ou padrinhos*) têm para vos oferecer.

Peço que eles a tragam e venham aqui à frente, colocando-se em duas filas, uma de cada lado da mesa com a Bíblia e a imagem do Menino Jesus.

Depois de todos estarem nos referidos lugares (sendo muitos, as filas podem estender-se ao longo das paredes da sala), o catequista convida as crianças a aproximarem-se dos respectivos pais, que lhes fazem a entrega da sua Bíblia, podendo acompanhar a entrega com palavras e gestos indicativos de gratidão e carinho.

2. Entrega das folhas e compromisso

Presidente (depois de todos se sentarem):

Que bela surpresa os vossos pais vos fizeram!

Vê-se mesmo que gostam muito de vós!...

E querem que cada um de vós conheça ainda melhor a Palavra de Deus, escrita na Bíblia.

Agora, cada um de vós já tem a sua. Já a podem ler lá em casa e trazê-la para aqui em cada encontro de catequese. Não se esqueçam: daqui em diante, devem trazer a Bíblia, cada vez que vêm à catequese, juntamente com o catecismo e as folhinhas com “A Palavra de Deus na minha vida”.

Tenho aqui mais uma para cada um de vós.

Depois da sua distribuição das folhas:

3. Compromisso

Agora têm mais tempo, porque são férias. Convido-vos, por isso, a conhecerem melhor a Bíblia que receberam. Podem desfolhá-la, lá em casa, ver em quantas partes está dividida, quantos livros tem, etc. ...É a vossa Bíblia pessoal.

Há uma coisa que eu vos peço para fazerem até à próxima catequese: que, lá em casa, cada um descubra, na sua Bíblia, onde se encontram as palavras que S. João Evangelista nos disse hoje.

Essas palavras também estão no catecismo. E no catecismo também estão, ao fundo do texto, umas letras e uns números. Essas letras e esses números são para vos ajudar a encontrar o mesmo texto na Bíblia.

Depois de o encontrarem, escrevam esse texto, como está na Bíblia, para a vossa folhinha com “A Palavra de Deus na minha vida”.

E tragam tudo para a próxima catequese: a Bíblia, o catecismo e mais essa folhinha, mas preenchida como eu disse.

Os vossos pais (ou outros familiares) vão, de certeza, ajudar-vos.

Os marcadores que receberam são para porem na Bíblia. Podem pô-los a marcar o princípio do Evangelho segundo S. João, que hoje ouvimos.

3. Cântico final

“Jesus Cristo, Palavra de Deus” (ou **“Tu tens palavras de vida eterna”**)

4. Convívio

– *As crianças, seus pais, familiares e convidados podem partilhar um leve lanche: uma bebida (para os adultos, pode ser vinho do porto, a lembrar as Bodas de Caná) e uns bolos (podem ser idênticos aos “pães por Deus” das catequese 5 e 6).*

– *Durante o convívio, o catequista ajude e incentive os pais a colaborarem com os filhos, nomeadamente na realização das tarefas propostas atrás, esclarecendo, se necessário, algumas dúvidas.*

O catequista pode ainda explicar melhor como as crianças estão a escrever um livro, sobre a Palavra nas suas vidas. Algumas das páginas já elaboradas podem estar expostas – inclusivamente fotocopiadas no tamanho A4 e expostas com cuidado nas paredes.

5. Para guardar na memória e no coração

Jesus Cristo é o Verbo de Deus

que estava com Deus

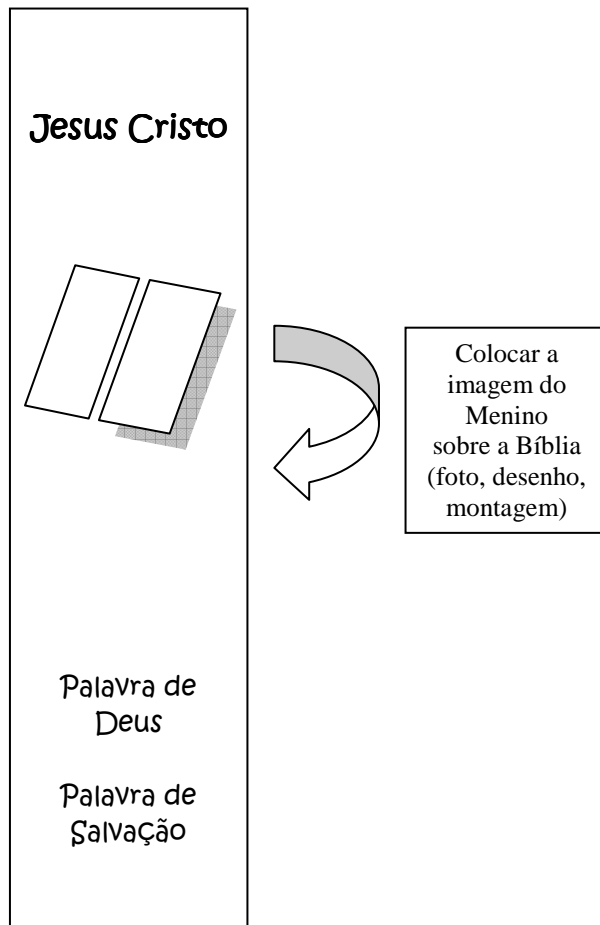
e se fez carne

para habitar entre nós.

(cf. Jo 1,1-14)

DOCUMENTO 1

Modelo do marcador:



A CONSTITUIÇÃO DA PALAVRA DE DEUS ESCRITA

Depois de as crianças, na celebração natalícia, terem, cada uma, recebido a sua Bíblia pessoal, iniciam agora a sua descoberta.

Fazem-no, a partir da cena, na Sinagoga de Nazaré, em que Jesus apresenta o seu programa messiânico, servindo-se de um texto do Antigo Testamento e , que n'Ele se realiza plenamente.

Guiadas e incentivadas pelo exemplo de Jesus, as crianças percorrem, sucessivamente, as quatro partes do Antigo Testamento (*Pentateuco, Livros Históricos, Livros Sapienciais e Livros Proféticos*) e, a seguir, as quatro do Novo Testamento (*Evangelhos, Actos, Cartas Apostólicas e Apocalipse*).

Terminam esta descoberta com uma visão de conjunto de toda a Bíblia, na sua dimensão de Testamentos ou da Aliança que Deus estabelece com os homens e as mulheres do seu povo.

A preparação para a vivência do mistério pascal é feita pela leitura orante (em via-sacra) do relato da Paixão e morte de Jesus.

Catequese 11

“HOJE CUMPRIU-SE A PASSAGEM DA ESCRITURA QUE OUVISTES” (Lc 4, 21)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Antigo Testamento, mas não velho

Antigo e velho, embora tendo em comum um longo tempo de existência, não são bem a mesma coisa. Enquanto velho, habitualmente, se diz daquilo que, pelos anos e/ou pelo uso, está gasto e/ou desactualizado e, conseqüentemente, é posto de parte (na melhor das hipóteses, conservado como peça de museu), com o antigo passa-se ou pode passar-se exactamente o contrário: porque existe há muito tempo e, por isso mesmo, pode ser detentor de uma longa tradição e da experiência e vida que dela emana, por tudo isso, o antigo ocupa um lugar privilegiado quer em instituições quer, sobretudo, na consideração das pessoas.

Hoje, talvez sejam poucos os que (ainda) chamam à primeira parte da Bíblia, comum a judeus e cristãos, Velho Testamento. Mas continua a haver quem o considere ou sinta a tentação de o tratar como tal. Por várias razões: por ter páginas cujo sentido até os maiores especialistas têm dificuldade em interpretar; outras, por parecerem contrárias à moral cristã [nomeadamente no (ab)uso da violência] ou aos dados das ciências (por exemplo, sobre a formação do universo e do ser humano). E, depois, para que serve o Antigo Testamento, se entretanto apareceu um Novo?

Foi por algumas destas razões que, já no século II, Marcião, um membro da Igreja cristã de Roma, defendeu a exclusão total e definitiva do Antigo Testamento, com um Deus pressupostamente legalista e violento, e a sua substituição por uma parte dos livros do Novo Testamento (quase todo o Evangelho de Lucas e 10 cartas paulinas), com o Deus bondoso de Jesus Cristo. A heresia daqui nascida (o chamado Marcionismo) desapareceu há muito. Mas, não os defensores do principal argumento em que se apoiava: a referida oposição na imagem de Deus. Quem, porém, assim pensa, não conhece, ou conhece muito mal, toda a revelação divina, incluindo a anterior a Cristo. E, conseqüentemente, está em desacordo com a posição da Igreja.

Leiam-se, por exemplo, estas palavras da Constituição Dogmática sobre a Divina Revelação (*Dei Verbum*) do II Concílio do Vaticano: “A «economia» do Antigo Testamento estava destinada, mais que tudo, a preparar, a anunciar profeticamente e a simbolizar com várias figuras a vinda de Cristo redentor universal e o Seu reino messiânico. Além disso, os livros do Antigo Testamento manifestam a todos o conhecimento de Deus e do homem e o modo pelo qual o Deus, justo e misericordioso, trata os homens, segundo a condição do género humano nos tempos anteriores à salvação estabelecida por Cristo. Estes livros, embora contenham algumas coisas imperfeitas e transitórias, revelam, contudo, uma verdadeira pedagogia divina (...). Neles se encontram sublimes doutrinas acerca de Deus, uma salutar sabedoria sobre a vida humana e admiráveis tesouros de preces, nos quais, finalmente, está latente o mistério da nossa salvação” (DV 15).

A razão principal para o seu conseqüentemente acolhimento, por parte dos cristãos, provém da unidade do Antigo e Novo Testamento: este “está latente no Antigo, e o

Antigo torna-se claro no Novo. Na verdade, apesar de Cristo ter alicerçado a nova Aliança no seu Sangue, os livros do Antigo Testamento, ao serem integralmente assumidos na pregação evangélica, adquirem e manifestem a sua significação plena no Novo Testamento que, por sua vez, os ilumina e explica” (DV 16).

Um dos mais elucidativos exemplos desta unidade é oferecido em **Lc 4, 14-21**, um texto que termina com a afirmação de Jesus:

2. “Hoje, cumpriu-se a passagem da Escritura que ouvistes”

Trata-se de uma cena paradigmática e programática. Paradigmática ou exemplar em, pelo menos, três pontos:

– Tanto a Jesus como aos Apóstolos é o Espírito Santo, recebido com particular intensidade, que os impele a realizar a sua missão, respectivamente, messiânica e missionária: Jesus, depois do seu Baptismo, apresenta-se como o Ungido pelo Espírito do Senhor (Lc 3, 21-22; 4, 18); os Apóstolos são transformados por esse mesmo Espírito na manhã de Pentecostes (Act 2, 1ss).

– Como Jesus inicia a sua actividade pública na sinagoga da Nazaré, também no tempo pós-pascal e segundo os Actos dos Apóstolos (o segundo volume da obra do Evangelista Lucas), os missionários do Ressuscitado, com destaque para S. Paulo, começavam sempre o seu anúncio do Evangelho pelas sinagogas, nas terras onde elas existissem.

– Finalmente, quer Jesus quer os Apóstolos fundamentam a mensagem que transmitem na revelação de Deus no Antigo Testamento: Jesus repete-o, particularmente, depois de ressuscitar, aos discípulos de Emaús e aos restantes (Lc 24, 27.44-47); e estes, a partir daí, sempre que falam de Jesus como Messias, pela sua morte e ressurreição, apoiam-se em passagens do Antigo Testamento que, muitas vezes, citam.

Neste último ponto, manifesta-se também o aspecto programático da intervenção de Jesus na sinagoga de Nazaré: o que, já em Is 61, 1-2a e 58, 6, aparece como programa da actividade do Profeta que aí se apresenta, é assumido por Jesus como programa da sua actividade de Messias ou Ungido do Senhor.

E S. Lucas, com uma arte de composição literária que manifesta em muitos outros textos da sua obra, dá um especial realce à passagem bíblica que cita, ao colocá-la no centro da intervenção de Jesus: antes de fazer a leitura (vv. 16-17), Jesus levanta-se, recebe o livro de Isaías e desenrola-o; depois de ler (v. 20), faz o contrário e em ordem inversa, isto é, enrola-o, entrega-o e senta-se. Perante isto, não eram apenas *todos os que estavam na sinagoga que tinham os olhos fixos n’Ele* (v. 20). Também os leitores ou ouvintes de hoje se deixam facilmente possuir pela mesma curiosidade: que irá Ele dizer?

O que Ele nos diz é muito mais do que, visto superficialmente, parece ser transmitido pela brevíssima homilia que profere: *Hoje, cumpriu-se esta passagem da Escritura que ouvistes*” (v. 21). É mais, por diversas razões:

– Porque o verbo *cumprir*, no original grego, está no pretérito perfeito, um tempo verbal indicativo de uma acção completada no passado, mas que continua a realizar-se no presente: cumpriu-se e continua a cumprir-se. Quando?

– No *hoje* colocado no princípio: um *hoje* que se irá repetir, sempre que Ele anunciar a Boa Nova aos pobres (6, 20) e os salvar de toda a espécie de carências. No Evangelho de Lucas esse *hoje*, que permanentemente se actualiza, já tinha aparecido em 2, 10 (na boca do Anjo que anuncia o nascimento do Salvador) e reaparece em 5, 26; 19, 5-9 e 23, 4, relativamente a algumas das suas intervenções salvíficas. Mas será um *hoje* redutível a elas?

– Em vez de *ouvistes*, deveria traduzir-se, à letra, por *está nos vossos ouvidos*. E não deverá estar sempre nos ouvidos do crente o que Deus disse? Para mais, sabendo que a sua *Palavra permanece eternamente* (1 Ped 1, 25, com a citação de Is 40, 8), ou ainda que Jesus, como Ele próprio diz, não veio revogar a Lei e os Profetas, mas *cumpri-los* (Mt 5, 17).

Quer dizer que, sempre que o crente escuta esta Palavra e, conquistado por ela, a põe em prática, se actualiza o *hoje* da salvação realizada por Jesus Cristo: para quem a cumpre e para quem usufruir do bem por ela produzido. Que bem?

3. “A Boa Nova aos pobres”

Pobres, tanto no Antigo Testamento como no Novo, são os carenciados de toda a espécie de bens: em primeiro lugar, os materiais e naturais, como a alimentação, a saúde, a liberdade; mas também os sobrenaturais. Até porque na raiz dos males causados ou ignorados pelos homens, está, muitas vezes, a ausência de Deus. E os que são materialmente pobres, devido ao desprezo ou exploração dos outros, são também os que mais fácil e frequentemente se voltam para Deus, com veementes pedidos de socorro e de justiça.

É a esses pobres, nesse sentido pleno do termo, que Jesus primariamente se dirige. E, conseqüentemente, não se limita a oferecer-lhes os bens naturais de que precisam, mas, juntamente com eles, abre-lhes o caminho para o maior bem: o Deus que, n’Ele e por Ele, quer estabelecer o seu Reino.

O mesmo acontece, ou deve acontecer, na Igreja que nasceu do anúncio deste Reino e na qual já se iniciou. Dos últimos a proclamar a necessidade de a Igreja e, como ela, toda a humanidade se preocupar em promover o desenvolvimento integral da pessoa humana, foi Bento XVI na sua encíclica “Caridade na Verdade (n. 11): “O autêntico desenvolvimento do ser humano diz respeito unitariamente à totalidade da pessoa em todas as suas dimensões. Sem a perspectiva duma vida eterna, o progresso humano neste mundo fica privado de respeito. (...) Tal desenvolvimento requer uma visão transcendente da pessoa, tem necessidade de Deus: sem Ele, o desenvolvimento ou é negado ou acaba confiado unicamente às mãos do ser humano, que cai na presunção da auto-salvação e acaba por fomentar um desenvolvimento desumanizado. Aliás, só o encontro com Deus permite deixar de ver no outro sempre e apenas o outro, para reconhecer nele a imagem divina, chegando assim a descobrir verdadeiramente o outro e a maturar um amor que se torna cuidado do outro e pelo outro.”

Nada disto é novo. Já Jesus o expunha, por exemplo, no duplo mandamento do amor, em que o amor de Deus é condição para um verdadeiro amor ao próximo; e este, uma conseqüência necessária daquele. E Ele realizou-o, citando o Antigo Testamento e como caminho para se alcançar a vida eterna (Lc 10, 25-28).

OBJECTIVOS

- Aprender a manejar e ler a Bíblia;
- Aperceber-se do lugar central de Cristo na Sagrada Escritura;
- Descobrir como a mensagem bíblica se realiza na vida da Igreja e seus membros.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Depois de cada criança ter recebido o seu exemplar da Bíblia, é altura de as ensinar a lidar com ela. Que cada uma se aperceba de que se trata do livro da sua vida, acima de tudo pelo lugar que nela ocupa Jesus, na sua condição de Cristo ou Ungido do Senhor, o mesmo Cristo em que acreditam e que procuram seguir como cristãos. Para melhor

apreciarem e lerem a Bíblia, as crianças são, por isso, conduzidas por Jesus, nomeadamente na sua intervenção na sinagoga de Nazaré.

2. Enquanto não houver uma publicação da Bíblia na tradução oficial usada na liturgia, procure-se, pelo menos, **que todos, incluindo o catequista, tenham a mesma tradução.** Sem isso, será muito complicado fazerem uma leitura em comum, tal como se sugere nesta catequese e nas seguintes. Aqui – no desenvolvimento de cada catequese – continuará a citar-se, sempre, a tradução litúrgica. Mas, para facilitar a leitura, aconselha-se que, pelos menos nos próximos encontros, os textos que forem lidos (mesmo tendo todas as crianças a mesma tradução) sejam transcritos para folhas, onde cada interveniente na leitura possa ter assinaladas as palavras que deve ler.

3. Aconselha-se que a Bíblia a colocar em cima da mesa e a usar pelo catequista, se distingua, nomeadamente pelo tamanho e beleza, dos exemplares que têm as crianças. Mas, atenção: que essa Bíblia tenha a mesma tradução da que é seguida pelas crianças.

4. Nos pontos 2 e 3 da Experiência Humana, apresentam-se algumas orientações práticas, para um primeiro manuseamento da Bíblia pelas crianças. Se elas tiverem realizado o compromisso da catequese anterior, não terão, certamente, muita dificuldade em compreender as explicações. Mas, mesmo nesse caso, o catequista não tenha a preocupação de todas as crianças perceberem imediatamente tudo. Não gaste, portanto, muito tempo, em explicações. Nas próximas catequese, terão oportunidades suficientes para completarem os seus conhecimentos nestes pontos. Se o grupo for muito grande e houver vários catequistas, é bom que as explicações sejam dadas em pequenos grupos, para que as crianças possam tirar as suas dúvidas.

5. Para facilitar a realização da segunda tarefa do compromisso, o catequista pode dar uma palavra ao leitor ou leitora da 1ª leitura desse Domingo, que assim estará mais preparado para ajudar as crianças, contando-lhes até o modo como prepara – ou deve preparar – a leitura.

MATERIAIS

- Bíblias das crianças, por elas recebidas na catequese anterior;
- Marcadores, por elas recebidos na catequese anterior;
- Folhas com “A palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças desde a catequese anterior;
- Uma cartolina do tamanho A3, recortada e pintada em forma de rolo de papiro (ver Documento 2);
- Dísticos: “Jo 1, 1-5.9-14”; “Lc 4, 14-21”; “Lc 2, 1-14”; “Lc 5, 17-26”; “Lc 19, 1-10” e “Lc 23, 33-43”;
- Uma Bíblia (de mesa);
- Uma vela maior e mais bonita do que as habitualmente usadas, que pode ser decorada com uma barra de papel em forma de papiro, semelhante à folha que vai ser afixada no placar;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, para serem preenchidas, uma para cada criança;
- Folhas com o texto de Lc 4, 14-21, com as partes a ler por cada leitor devidamente assinaladas.

MÚSICAS

- “Jesus Cristo, Palavra de Deus”;
- “Hoje, o Senhor está conosco” (estrofes novas – ver Documento 1);
- Gravação da música anterior (se necessário).

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**: ao centro, uma folha (A3), recortada e/ou pintada, para parecer um papel antigo, e presa, em cada extremidade, a um de dois paus de madeira que lhe permitam ser enrolada.
- Sobre a **mesa**: a Bíblia e uma vela maior (ornamentada com uma folha de papel semelhante à do placar), apagada.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Então, tiveram um bom Natal?...

E gostaram da nossa festa de Natal, aqui na catequese?...

E trouxeram tudo o que, a partir de agora, é preciso para a catequese?...

Vamos, primeiro, às coisas novas, a começar pelo marcador. Podem pegar nele...

Vejam agora o que está aí representado, começando por cima.

(*Nome...*) lê as primeiras palavras...

Portanto, é um marcador que nos fala de Jesus Cristo. Vê-se logo pelas imagens que estão ao meio: o Menino Jesus em cima de um livro aberto. Que livro é esse?...

A Bíblia, tal e qual a tivemos aqui, na nossa festa de Natal.

E porque será que está Jesus dentro da Bíblia?...

Exactamente: porque a Bíblia nos fala de Jesus e Jesus fala nela.

Lembram-se do título que S. João Evangelista, no princípio do seu Evangelho, dá a Jesus?...

O Verbo ou Palavra de Deus: “O Verbo que estava com Deus” – E que mais escreve S. João? – “fez-se carne e habitou entre nós”. O que Jesus fez e disse pela sua carne, o seu corpo, foi Deus quem fez e disse por meio d’Ele.

E é isso que está escrito na Bíblia. Mesmo o que na Bíblia parece não ser acerca de Jesus, mesmo isso tem sempre a ver com Ele, o Verbo de Deus. Daqui a pouco iremos ver um belo exemplo.

Antes disso, voltemos ao marcador.

(*Nome*) lê, agora, as palavras ao fundo...

Muito bem: Jesus, por ser a Palavra ou Verbo de Deus, é Palavra da Salvação.

Já repararam onde e quando é que costumamos ouvir isso – “Palavra da Salvação?...”

Depois da leitura do Evangelho, na Missa e até aqui na catequese.

E o Evangelho fala-nos sempre de Jesus ou é até o próprio Jesus quem nele nos fala. E o que Ele nos diz ou é dito acerca d’Ele, é sempre para nosso bem, para nossa salvação.

Foi por isso que Ele nasceu por nós – tornou-se carne – e deu a vida por nós – como Cordeiro de Deus que a todos veio salvar do mal, do pecado.

Ainda se lembram do **cântico** em que nós cantamos essas palavras?...

Proponho que o cantemos para Jesus que, pela Bíblia, tantas vezes nos fala: na Missa, na catequese e sempre que lemos a Bíblia. Foi Ele que, assim, nos ajudou a ter um santo e feliz Natal.

Mas, para o nosso **cântico** ser mais bonito, vamos fazer assim:

- Um de vós vem aqui à frente, para pegar na Bíblia;
- Outro vem acender a vela que representa a luz de Cristo, e pegar nela.
- Quando eles levantarem a vela e a Bíblia, então sim: todos, de pé, cantamos a Jesus “Palavra de Deus, Palavra da Salvação”, com o *cântico*:

“Jesus Cristo, Palavra de Deus” (*refrão e 1ª estrofe*)

2. Depois de, após o *cântico*, todas as crianças se sentarem:

De tudo o que trouxeram de novo, falta ainda falar do mais importante.

O que é?...

Então, pegue cada um na sua Bíblia (*o mesmo faz o catequista com a Bíblia da mesa*).

Já leram muito dela?...

Mas, fizeram, pelo menos, o que eu pedi. Para vermos, peguem também na última folha com a “A Palavra de Deus na minha vida”...

Agora abram a vossa Bíblia naquele sítio indicado no catecismo. É nesse sítio da Bíblia que estão as palavras que lemos na nossa festa de Natal: as palavras sobre Jesus como Verbo de Deus. É em...

*O catequista afixe no placar (sobre a folha já afixada) o **dístico** “Jo 1, 1-5.9-14” e pergunte:*

Já encontraram o lugar certo na vossa Bíblia? Quem já encontrou, pode dizer qual é a página (*no caso de todos terem a mesma edição*)...

Podem colocar lá a folha com “A Palavra de Deus na minha vida” que têm na mão....

Agora, vejamos como conseguiram encontrar este texto. Isto é, o que significam estas letras e estes números escritos aqui no placar. As letras significam?...

Muito bem: significam “João” – Evangelho segundo S. João. Neste caso, até são as primeiras letras do nome “João”.

Pois bem: todos os livros da Bíblia costumam ser indicados só com duas ou três letras. São as chamadas siglas.

É que os livros são muitos. Já sabem quantos são?...

Exacto: são 73 livros, ao todo. E estão divididos, arrumados, em quantas partes?... Duas grandes partes.

À primeira chamamos Antigo Testamento. São os livros que foram escritos antes de Jesus. Aos que foram escritos depois de Jesus nascer chamamos?... Novo Testamento.

O Antigo Testamento tem 46 livros. No Novo Testamento são 27.

São mesmo muitos. E por isso é difícil sabermos os nomes deles todos. E então como é que nós podemos saber qual é o livro indicado pelas letras das siglas?...

Olhem: quando não sabemos, podemos procurar numa página da Bíblia onde vêm todos os nomes dos livros e as suas siglas.

O catequista indique essa página (ou o índice geral), na edição usada, convidando as crianças a abrir lá a sua Bíblia.

Agora, voltemos ao princípio do Evangelho segundo S. João, onde estávamos...

E continuemos a ver como conseguimos encontrar o texto ali indicado no placar. Vamos aos números. O que é que indica o primeiro?...

O primeiro número indica sempre o capítulo. Quase todos os livros estão divididos em capítulos. São umas partes maiores de cada livro. Neste caso do Evangelho segundo S. João, qual é o capítulo?...

É o primeiro.

E o que é que significam os números a seguir à vírgula?...

São os versículos. Chamamos versículos àquelas palavras ou frases mais pequenas em que está dividido cada capítulo.

Mas, como é que distinguimos os números dos capítulos e os dos versículos? Habitualmente é assim: o número dos capítulos vem em primeiro lugar e é seguido de uma vírgula. Depois é que vêm os versículos.

Vejamos, outra vez, como é que isto se aplica ao texto do Evangelho segundo S. João em que nos encontramos: o primeiro número é o do capítulo primeiro. Depois, quais são os versículos?...

São dois grupos de versículos: primeiro, são os versículos 1 a 5; depois, são os versículos 9 a 14. Quer dizer que faltam aqui os versículos 6 a 8. Por isso se põe um ponto a separar os outros. O ponto indica que faltam alguns versículos. Neste caso, faltam os versículos 6 a 8, porque não foram lidos na nossa festa do Natal. Mas foram lidos os versículos... 1 a 5 e, depois, os versículos 9 a 14.

Isto, se calhar, parece muito difícil. Mas, com a prática, vão aprender depressa. E, quando não souberem, perguntem, está bem?

3. Passemos agora ao texto.

Escreveram-no nas vossas folhas?...

E, depois, compararam esse texto com o que vem no catecismo?... E encontraram algumas diferenças?...

Olhem: as principais diferenças explicam-se por causa disto: a Bíblia foi escrita pela primeira vez em línguas diferentes da nossa.

Portanto, a nossa Bíblia é uma tradução. Ora, quando se traduz, pode traduzir-se o mesmo por palavras diferentes, uma vez que dizem o mesmo. Por exemplo: aqui neste texto do Evangelho segundo S. João, algumas traduções têm “Verbo” – “No princípio era o Verbo” – e outros têm “Palavra”. Estão a ver?... É o mesmo, só que dito por palavras diferentes, mas que significam a mesma coisa: aqui, Verbo e Palavra querem dizer o mesmo.

E agora até percebem melhor por que é que no cântico, que cantámos há pouco, dizemos “Jesus Cristo, Palavra de Deus”: é por causa do que S. João nos diz, aqui no princípio do seu Evangelho sobre Jesus, o Verbo de Deus.

Vamos cantá-lo outra vez, como fizemos há pouco:

- Um de vós vem aqui pegar na Bíblia...

- Outro, para pegar na vela...

Os outros peguemos, cada um na sua Bíblia. E, com ela nas mãos estendidas, rezemos a Jesus, cantando-lhe o *cântico*:

“Jesus Cristo, Palavra de Deus” (*refrão e 2ª estrofe*)

II. PALAVRA

1. *Depois de as crianças se sentarem:*

Hoje, já aprendemos imensas coisas sobre a Bíblia:

- Quantos livros tem (73);

- Como se dividem (Antigo e Novo Testamento);

- Como se divide cada livro (capítulos e versículos);

- Como se pode mais facilmente encontrar cada texto (siglas).

Mas, tudo isto não chega, para lermos bem este livro maravilhoso.

Para o lermos como Palavra de Deus, precisamos de ler com a nossa inteligência mas, também, com o nosso coração.

E sabem quem melhor nos pode ensinar?...

É Aquele a quem, há pouco, cantávamos e rezávamos, como Palavra de Deus, Palavra da Salvação – Jesus Cristo.

Como já sabem, também Ele lia a Bíblia. Claro, não podia ser ainda a Bíblia como a temos hoje. No tempo de Jesus só havia o Antigo Testamento. Mas Ele lia-o muitas vezes e com uma atenção muito especial. Sabem porquê e para quê?...

O melhor é nós vermos com um dos melhores exemplos.

Oiçam: Passou-se quando Ele já era grande – mais ou menos com 30 anos. Começou por ir ter com João Baptista, por quem foi baptizado. Lembram-se que Ele, ao ser baptizado, recebeu, de um modo especial, o Espírito Santo?

Pois bem: foi com a força do Espírito Santo que Ele voltou para a sua terra – Nazaré, que ficava numa região, chamada Galileia. Também era na Galileia que ficava Caná, lembram-se?

Se houver um mapa da Palestina, o catequista pode mostrar onde ficam os lugares referidos.

Ora aconteceu que, depois de voltar para a sua terra, chegou-se o sábado. Era o dia da semana em que, então, não se trabalhava e as pessoas se juntavam numa casa, chamada sinagoga: era uma casa para rezar e ouvir a Palavra de Deus. Parecia-se com as nossas igrejas, onde vamos, ao Domingo, à Missa.

E, então, que aconteceu naquele primeiro sábado, depois de Jesus ter sido baptizado e ter voltado para Nazaré, sua terra?

Quem vai contar-nos é S. Lucas. E vós podeis seguir a leitura pelas vossas Bíblias.

Para isso vou colocar a indicação no placar.

Mas, antes disso, gostava de chamar a vossa atenção para aquela folha que lá está, com uma forma especial. Já repararam?...

Pois bem: a folha (e a que está em volta da vela) tem aquela forma por causa da leitura que vamos fazer. Vejam lá se, por aquilo que S. Lucas nos vai contar, conseguem descobrir o que significa a forma daquela folha.

O catequista retire do placar os dísticos que lá se encontram, afixe ao alto (fora da folha-rola), o dístico “Lc 4, 14-21” e peça às crianças para abrirem as suas Bíblias no texto assim indicado.

Depois, convide uma delas para, junto de si, ler as palavras ditas por Jesus, e as restantes a porem-se de pé, acompanhando a leitura pelas suas Bíblias.

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Lucas:

Crianças:
Glória a Vós, Senhor.

Catequista (narrador):
**Naquele tempo,
Jesus voltou para a Galileia,
com a força do Espírito Santo,
e a sua fama espalhou-se por toda a região.
Ensinava nas sinagogas
e era elogiado por todos.
Foi então a Nazaré,
onde tinha sido criado.
Segundo o seu costume,
entrou na sinagoga a um sábado
e levantou-se para fazer a leitura.
Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías
e, ao abrir o livro, encontrou a passagem em que estava escrito:**

Criança (Jesus):
**O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque Ele me ungiu
para anunciar a Boa Nova aos pobres.
Ele me enviou a proclamar a redenção aos cativos e a vista aos cegos,
a restituir a liberdade aos oprimidos
e a proclamar o ano da graça do Senhor.**

Catequista (narrador):
**Depois enrolou o livro
entregou-o ao ajudante e sentou-se.
Estavam fixos em Jesus os olhos de toda a sinagoga.
Começou então a dizer-lhes.**

Criança (Jesus):
**Cumpriu-se hoje mesmo
esta passagem da Escritura que acabais de ouvir.**

Catequista:
Palavra da salvação.

Crianças:
Glória a Vós, Senhor.

2. Depois de todas as crianças se sentarem:
É uma história linda, não acham?
Jesus a fazer a leitura na sinagoga... E depois a explicá-la... E as pessoas todas curiosas!...
É quase como acontece aqui na catequese: também já fizemos a leitura e, agora, falta a explicação. Vou tentar fazê-lo. Mas, conto com a vossa colaboração.

Primeiro: conseguiram descobrir, por que razão a folha que hoje está no placar (e na vela), tem aquela forma?...

Depois de ouvir as crianças, e adaptando-se às respostas, o catequista peça a uma delas:

(Nome) lê, outra vez, o versículo 17...

E agora, tu *(Nome)* lê o versículo 20...

Depois da leitura:

Primeiro, diz S. Lucas que Jesus desenrolou o livro. Depois, que o enrolou. O que é que isto querará dizer?...

Quer dizer que os livros, então, não tinham a mesma forma de hoje. Hoje têm folhas. Então, eram enrolados. Para ler, desenrolavam-se. Assim é que eram abertos. Depois da leitura, eram fechados, enrolando-os outra vez.

Pois é isso que está figurado naquela folha do placar: uma espécie de rolo. Como no tempo de Jesus.

3. E o rolo ou livro que então entregaram a Jesus, tinha sido escrito por quem?...

Está escrito no versículo 17: “o livro do profeta Isaías”.

Um profeta era um homem muito, muito amigo de Deus. Tão amigo, que o que ele dizia era aquilo que Deus lhe transmitia.

Este aqui chamava-se Isaías e tinha vivido muito séculos antes de Jesus. Já lemos algumas palavras dele no ano passado, algum tempo antes do Natal. E havemos de ler mais.

Mas, vamos àqueles que Jesus leu na sinagoga da sua terra.

(Nome) queres ler, outra vez, para os outros? Começa no versículo 18 e vai até ao fim do versículo 19...

Depois da leitura:

Vejamos agora o que é que podem significar essas palavras, mas aplicadas a Jesus.

Primeiro:

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu”.

Quando é que o Espírito Santo desceu sobre Jesus, de um modo especial?...

Vimos isso há pouco: foi no seu Baptismo.

Repararam no que S. Lucas escreve no versículo 14?...

Já foi o Espírito Santo que fez Jesus voltar para a Galileia.

E, com o Espírito Santo, não há dúvida que Jesus tinha muito mais força e sabedoria para cumprir o que Deus queria dele.

Agora digam-me: o que é que o Espírito Santo terá a ver com o que vem a seguir? Ora reparem: “porque me ungiu”.

Sabem o que é uma unção? No ano passado, falámos várias vezes nisso e a propósito de Jesus. Em que é que consiste uma unção?...

Claro: em ser untado ou ungido com azeite. E para quê?...

Exactamente: o azeite fortalece. E antigamente, muito tempo antes de Jesus, quem é que era especialmente ungido?...

Era o rei e, mais tarde, o sacerdote, e até chegou a ser também o profeta. Eram ungidos para serem um bom rei e um bom sacerdote: bom, por causa da força e sabedoria, que vinham de quem?...

Exacto: de Deus. Deus, pelo seu Espírito Santo, é que lhes dava coragem, sabedoria e outras qualidades para serem um bom rei ou sacerdote.

Ainda se lembram qual o título que se dava ao rei, por causa desta unção?...

E como é que se diz “Ungido” numa outra palavra, vinda do grego?

E noutra, vinda do hebraico?...

Cristo (em grego) ou Messias (em hebraico) – foi assim que os discípulos de Jesus lhe começaram a chamar.

Mas será que Jesus tinha sido mesmo ungido, naquela altura que leu estas palavras do profeta Isaías na sinagoga de Nazaré? Que vos parece? Pensem outra vez no Baptismo de Jesus e no que Ele, então, recebeu...

Ora bem: se a unção dava o Espírito Santo e Jesus recebeu o Espírito Santo no Baptismo, então pode dizer-se que Ele foi ungido no Baptismo... mesmo sem azeite. O que interessava é que o azeite dá, isto é, a força do Espírito Santo. Se o Espírito Santo era recebido de outra maneira, então podia dizer-se que a pessoa que o recebia está ungida... pelo Espírito Santo.

Portanto, também estas palavras de Isaías se aplicavam a Jesus: Ele tinha recebido a unção do Espírito Santo, no seu Baptismo.

4. Vejamos agora para que é que Ele recebeu o Espírito Santo, no versículo 18:

“Para anunciar a Boa Nova aos pobres”...

Uma Boa Nova, já sabem o que é... Uma notícia que nos deixa felizes, muito contentes.

E quem eram estes pobres?...

Eram, sem dúvida, as pessoas a quem faltava o dinheiro, os alimentos, as roupas...

Mas também havia pobres de outras coisas...

Leiam o que vem a seguir:

– Os cativos ou presos... Eram pobres de quê?...

De liberdade.

– Os cegos, eram pobres de quê?...

De visão.

– Os oprimidos... Eram oprimidos, por quem?...

Sem dúvida: pelas pessoas que os exploravam. Mas também pelo mal em que caíam e que faziam. Oprimidos pelos pecados. Também por isso eram pobres e bem pobres!...

Pois bem: foi por causa de todas estas pessoas, que tanto sofriam, foi para as salvar que Jesus tinha sido ungido com a força e a sabedoria do Espírito Santo. Com Jesus ia, assim, começar um tempo novo. Aquele de que fala Isaías no fim.

Ora lê lá tu (*Nome*), no versículo 19...

Estão a ver? Com Jesus, o Ungido pelo Espírito Santo, começava um ano de graça, de felicidade. Um ano, aqui, significa uma época, um tempo novo, de muita alegria.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Mas, será que Jesus fez mesmo tudo isso?...

(*Nome*) lê, no versículo 21, o que Ele disse.

Depois da leitura:

Segundo o que Jesus diz, cumpriram-se mesmo as palavras do profeta Isaías. “Hoje” – diz Ele.

Mas que “Hoje” será esse?... Que vos parece?...

Depois de ouvir as crianças, e adaptando-se às suas respostas:

Quando nos acontece uma coisa que nos faz muito felizes, será que nós a esquecemos?... Claro que não: lembramo-nos disso, se calhar a vida inteira. É como se, cada vez que o recordamos, isso estivesse a acontecer. É como se o dia em que aquilo aconteceu fosse sempre hoje.

Pois bem, o Hoje de que fala Jesus é esse: o hoje de uma coisa que fica para a vida inteira. Fica sempre conosco.

Neste caso de Jesus, é o do dia em que Ele leu estas palavras do profeta Isaías. Mas são também os dias em que Ele fez realmente o que o profeta escreveu.

Será que S. Lucas, no seu Evangelho, conta como é que essas palavras realmente se realizaram na vida de Jesus?

Vamos ver alguns exemplos.

O catequista afixe, sobre a folha do placar, os dísticos: “Lc 2, 1-14”, “Lc 5, 17-26”, “Lc 19, 1-10” e “Lc 23, 33-43” e depois, diga:

Têm aqui quatro textos do Evangelho segundo S. Lucas sobre quatro acontecimentos da vida de Jesus. Todos eles trouxeram muita alegria, muita felicidade.

E em todos eles essa felicidade é indicada com a palavra “Hoje”.

O que vós, agora, tendes de fazer são três coisas:

- Primeiro, ler esses textos;
- Depois, descobrir onde é que neles aparece a palavra “hoje”;
- Finalmente, saber qual é o bem e a felicidade que Jesus causou nesse dia, nesse hoje que nunca mais acaba.

O catequista divida o grupo em pequenos grupos, de duas (no mínimo) a quatro (no máximo) crianças, e encarregue cada grupo de ler um dos quatro textos e realizar as tarefas indicadas.

Se forem mais do que quatro grupos, entregue o mesmo texto a mais do que um grupo. Se, ao contrário, forem menos do que quatro grupos, entregue dois textos ao mesmo grupo.

Não dê mais que 5 minutos para o trabalho de grupo.

Durante esse trabalho, pode colocar, como música de fundo, a gravação do cântico: “Hoje, o Senhor, está conosco”.

Se não houver tempo, indique este trabalho para ser feito em casa, durante a semana. Mas, neste caso, não deixe de realizar o que a seguir é proposto, adaptando-o.

2. Após os trabalhos de grupos:

Antes de apresentarem os trabalhos de grupos, vamos aprender um **cântico**, mesmo própria para essa apresentação:

“Hoje o Senhor está conosco”.

Durante o ensaio ou no final, explique:

Neste **cântico**, o Hoje que dizemos, será de quem: o nosso Hoje, isto é, o dia em que estamos, ou será o Hoje das pessoas de que fala S. Lucas, isto é, o dia em que se passou o que ele nos conta? Que vos parece?...

Eu acho que são os dois: é, sem dúvida, o das pessoas de que S. Lucas fala. Mas nós? Não ficamos, também nós, felizes, por sabermos mais coisas de Jesus? Mais: por aprendermos d’Ele como ler a Bíblia?

Então, cantemos, em nosso nome, a dizer o que sentimos, mas também em nome das pessoas que ficaram felizes por aquilo que Jesus lhes fez então. O que eles sentiram também nós sentimos. É como se elas estivessem aqui a cantar conosco.

Então cantemos com muita alegria:

“Hoje, o Senhor está conosco” (refrão e 1ª estrofe)

– Vejamos agora quem leu o texto (*apontando para o placar*) de **Lc 2, 1- 14...**

Para uma das crianças do grupo que tenha lido este texto:

(*Nome*), conta lá em poucas palavras, o que leste. Os outros, que também leram, podem ajudar.

Depois de a criança contar:

O nascimento de Jesus. Que acontecimento maravilhoso! Até o celebramos todos os anos. E a quem é que o Anjo anuncia o Hoje desse nascimento?...

Então, cantemos com a alegria que sentiram os pastores?

“Hoje, o Senhor está connosco” (*refrão e 2ª estrofe*)

– Passemos ao texto de **Lc 5, 17-26**. Quem leu?...

Então conta lá (*nome*) o que aconteceu?...

E quem disse o Hoje?...

Então cantemos ainda com a alegria daquele paralítico que Jesus curou e a quem perdoou os pecados, e ainda a alegria das pessoas que assistiram:

“Hoje, o Senhor, está connosco” (*refrão e 3ª estrofe*)

– Ouçamos agora o que S. Lucas nos conta em **Lc 19, 1-10...**

Depois da exposição:

Repararam que aí até aparece duas vezes a palavra Hoje?

Primeiro é Jesus que diz a Zaqueu: “Hoje, quero ficar em tua casa”.

E no fim diz a todos: “Hoje, veio a salvação a esta casa”.

Tanta alegria! Cantemos:

“Hoje o Senhor está connosco” (*refrão e 4ª estrofe*)

– Finalmente, que nos é contado em **Lc 23, 33-43?**...

E a quem é que Jesus disse o Hoje?...

Então cantemos com a alegria daquele malfeitor arrependido que já está no Céu.

Mas, agora, de pé... Porque a alegria também é nossa. Jesus acaba de nos mostrar como se deve ler a Escritura, a Bíblia: realizando o que Deus nela nos ensina. Por isso, cantemos:

“O Senhor está connosco” (*refrão e 1ª estrofe*)

3. Compromisso

Para esta semana vou propor-vos duas coisas:

– Primeiro: voltar a ler os textos de S. Lucas, aqueles que lemos aqui. São quatro, e podem ler um por dia. Leiam e depois procurem descobrir alguma coisa de hoje que seja parecido com o que S. Lucas conta em cada texto. Quando descobrirem, escrevam na folha com “A palavra de Deus na minha vida” que vão receber daqui a pouco.

– Segunda coisa que devem fazer: vão à Missa, Domingo, e reparem bem como decorre a 1ª parte – a Liturgia da Palavra.

Vejam se nela não sucede algo de parecido com o que fez Jesus na sinagoga na Nazaré: se, na Missa, não há também uma leitura do Antigo Testamento e se aquilo que é dito nessa leitura não aparecerá depois também no Evangelho. Talvez a homilia do sr. Padre vos ajude a descobrir. Se não, falem com a pessoa que fizer essa leitura.

E o que descobrirem escrevam também na folha: pelo menos qual é a leitura do Antigo Testamento e qual é a do Evangelho. Para saberem, podem consultar a pessoa que cuida dos livros na igreja.

E agora, ao saírem, cada um de vós não se esqueça de levar mais uma folha com “A Palavra de Deus na minha vida”. E para a próxima catequese não se esqueçam de a trazer, mas bem preenchida com o que eu vos pedi.

4. Para guardar na memória e no coração

Em Jesus,
o Verbo de Deus que se fez carne,
cumpru-se o que Deus nos diz na Sagrada Escritura.

DOCUMENTO 1

Estrofes do cântico:

**Hoje, o Senhor está connosco,
Hoje, veio a nós a salvação,
Aleluia, glória a ti, Senhor Jesus.**

1. Jesus, o Ungido,
é quem nos ensina
a ler a Escritura,
Palavra divina.

2. Boa Nova aos pobres
que vem de Jesus
é fonte de vida
Amor, paz e luz.

3. O pobre é preso,
pobre é o pastor,
é o publicano,
e o pecador.

4. Hoje se cumpriu
o que escutaste.
Glória a ti, Senhor,
porque me salvaste.

5. Aquele que sou
Diz-nos o Senhor
Estarei convosco
sou Deus de amor

6. Jesus é o Cristo,
o Filho de Deus
que ressuscitou
e subiu aos Céus.

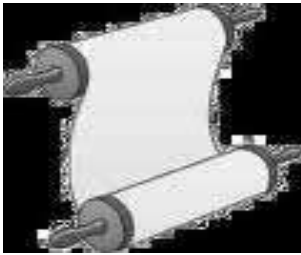
7. Deus diz a Jesus

ao ser baptizado:
Tu és o meu Filho
por mim muito amado.

DOCUMENTO 2

Para preparar a folha-roló, tipo papiro:

Como esta folha vai ser usada em muitas catequeses, convém ser preparada de modo a conservar uma boa aparência. Sugere-se que o catequista desenhe o formato pretendido e recorte a folha, que poderá ser guardada numa pasta para papel.



Como base pode escolher-se um papel texturado, preparado a partir de papel reciclado ou tecido, cor de palha ou bege, e que se encontra à venda em papelarias e lojas que comercializam material para embrulhos. Este papel é resistente e bonito. Pode também usar-se um modelo tridimensional, isto é, usando uma folha deste papel que se enrola e desenrola conforme as necessidades, mas que se torna mais frágil com o uso e que deve ser guardado num tubo de cartão como os que se usam para transportar folhas de projectos de arquitectura.

Também é possível usar como base uma cartolina lisa e decorá-la, para produzir o efeito pretendido, usando o antigo método das raspas de aparo de lápis de cor. Estas são suavemente passadas no papel com a ajuda de um lenço, para se conseguir a mistura de cores pretendida, isto é, a que simule a textura do papiro.

Catequese 12

“EU SOU AQUELE QUE SOU” (Ex 3, 14)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Da Aliança ao Testamento

São duas palavras que, no seu significado (pelo menos, o mais corrente nos nossos dias), nada parecem ter a ver uma com a outra. Aliança é um acordo ou pacto entre pessoas, grupos. Testamento diz-se do documento pelo qual uma pessoa declara as suas últimas vontades, principalmente em relação aos seus bens, para depois da sua morte. Enquanto este, habitualmente, só então entra em vigor, a aliança decorre entre vivos e para que eles vivam.

Mas, já neste aspecto, há um ponto de encontro: também o testamento serve, de certo modo, para prolongar a vida de uma pessoa que morre, naquilo que faz parte da sua vida e pelo qual se empenhou enquanto viva.

Não foi, no entanto, directamente por isso que aos livros bíblicos, relativos à aliança de Deus com o seu povo, se chamou Testamento. Nenhum dos intervenientes perdeu a vida, pelo menos para sempre. Quando o povo correu esse risco, por infidelidade à aliança, Deus logo a renovou, por fidelidade à mesma aliança. Mesmo da Antiga Aliança, diz o Catecismo da Igreja Católica (n. 121) que ela “nunca foi revogada”.

Historicamente, a passagem da aliança a testamento deve-se ao termo grego *diathêkê* que, primariamente, significa “disposição”, no sentido próprio de dispor ou pôr em ordem. Levada à prática, pode ser concretizada numa convenção entre duas partes – a aliança – ou numa determinação aplicável no tempo posterior à morte – o testamento.

Ora, foi predominantemente por *diathêkê* que os autores da tradução da Bíblia para grego (a chamada versão dos LXX, realizada entre os séc. III – I a.C.) traduziram o hebraico *Berit*, que em si significa somente aliança. Seguiu-se, séculos mais tarde, a tradução para latim. E aí, para o referido termo hebraico, em vez de *foedus* (aliança), optou-se por *testamentum* (testamento) que assim definitivamente se impôs entre os cristãos, para designar os livros que documentam a antiga e a nova aliança. É possível que, para esta tradução, tenham contribuído também passagens do Novo Testamento em que *diathêkê* já é entendida como testamento, em sentido próprio (Gal 3, 15-17; Heb 9, 16-17; e, de um modo menos claro, 2 Cor 3, 14-15).

Mas esta evolução linguística, mesmo que não tenha sido totalmente intencional – pelo menos, na passagem do grego para o latim – acabou por ser preciosa para o modo como devemos abordar a Bíblia. Trata-se de um documento que tem de ser necessariamente respeitado e seguido, como se faz em relação a um testamento. No seu cerne e fundamento está uma aliança de vida ou de morte, respectivamente, para quem lhe é fiel ou infiel.

Que assim é, pode deduzir-se do acontecimento salvífico que levou à primeira aliança de Deus com o seu Povo – o Deus que nele se revela como:

2. IaHWeH – “Eu sou Aquele que sou”

É assim que Ele se manifesta, a Moisés e a nós, no final de **Ex 3, 1-14**, um texto que descreve o início de uma mudança radical nos destinos do seu Povo, uma verdadeira passagem da morte, no Egito, para a vida, numa *terra boa e espaçosa, terra onde corre o leite e o mel* (v. 8).

Uma passagem que humanamente seria impossível: de um lado, um só indivíduo, Moisés; do outro, um povo organizado e poderoso, com faraó e a sua imbatível máquina de guerra. Por isso, é perfeitamente compreensível a reacção de Moisés: primeiro, com a confissão da sua incapacidade: *Quem sou eu?...* (v. 11); depois, com a necessidade de saber o nome de Deus, que o está a enviar (v. 13). Quer dizer que o nome d’Ele é tão importante como a capacidade de que carece Moisés. O nome de Deus é que o tornará capaz de realizar uma missão, para a qual só com Deus estaria à altura. Porquê?

O nome é identificativo da pessoa e, conseqüentemente, torna possível uma relação com ela, na individualidade que a distingue de todas as outras. Pelo nome, a pessoa está ou torna-se muito mais presente naqueles que a conhecem. Por isso, não basta a Moisés saber que Deus é o de Abraão, Isaac e Jacob, como até então era conhecido. Neste caso, continuaria, de certo modo, limitado às (in)capacidades humanas daqueles, a quem no passado se havia revelado. Ora Ele é, tinha de ser, muito mais do que aquilo que tinha feito a esses antepassados. E, de facto, o nome por que agora se dá a conhecer mostra que Ele é infinitamente mais do que aquilo que até então d’Ele se sabia. Em quê?

Provavelmente, a expressão *Aquele que sou* pretende explicar o nome próprio *IaHWeH*, originariamente dado a Deus no lugar sagrado onde Moisés com Ele se encontra. É uma palavra parecida com o verbo hebraico *hwh* (ser, existir, estar), num tempo e voz verbal correspondente à terceira pessoa do singular do presente e/ou futuro do indicativo. Se aqui é traduzido na primeira pessoa, por *Aquele que sou*, e não *é*, deve-se ao facto de ser Deus a falar de si próprio.

Com esta tentativa de explicação, exprimem-se uma série de características de Deus, por Ele manifestadas na vida que foi dando ao seu povo ao longo da sua história:

– A vida e vitalidade que, num grau infinito, só Ele tem: só Ele *é* ou *existe*, como inesgotável fonte de vida. Isto é, Ele vive, na medida em que dá às suas criaturas a vida que Ele tem. Se o não fizesse, deixaria de ser o que o seu nome exprime.

– A transcendência com que está para além de tudo o que é terreno, limitado, caduco: *Eu sou Aquele que sou*; portanto, ser humano algum pretenda saber tudo o que Ele é realmente, o seu Mistério, para a Ele se impor.

– A imanência com que, no mesmo grau, se torna presente junto dos seus: Ele *é* ou *está* com eles, para lhes dar a vida de que necessitam e só d’Ele podem obter. Por isso, em vez de *está*, pode traduzir-se por *estarei*, conforme antes promete a Moisés (v. 12).

Perante o poder e o peso que este nome foi adquirindo, não admira que, depois do exílio na Babilónia (587–538 a.C.), os judeus, por respeito sagrado, fossem deixando de o pronunciar. Em vez de *IaHWeH*, passaram a dizer, sobretudo, *Adonai*, que, por sua vez, foi traduzido para grego por *Kyrius* (Senhor). É assim, como Senhor, que ele aparece na maioria das Bíblias (nalgumas, com todas as letras em maiúsculo) e em todos os textos litúrgicos da Igreja Católica.

3. Da Lei ao Pentateuco

Os judeus, ainda hoje, chamam Lei aos primeiros cinco livros da sua Escritura (para nós, cristãos, o Antigo Testamento), um nome por que, de resto, também é conhecida no Novo Testamento. Mas Lei, porquê? Tanto mais que a correspondente palavra hebraica é *Tora* – um termo proveniente de um verbo que significa “lançar”, o qual, entre outros

usos, era aplicado às palavras que se “lançavam” na catequese administrada ao povo. Por isso, em regra, *Tora* deveria traduzir-se por instrução ou ensinamento.

Só que o conteúdo dessas catequese tinha um valor obrigatório, próprio de uma lei. Não porque fosse constituído só por leis. Há muita legislação, e de vários géneros, nesses primeiros livros da Bíblia. Mas a maior parte dos textos são de teor histórico. E as leis que contêm tornam-se muito mais obrigatórias, devido aos acontecimentos em que aparecem situadas, e que foram e continuam a ser vitais para o povo que deles nasceu e vive: o êxodo do Egipto e a aliança realizada no Sinai – o primeiro, para acabar um extermínio mortífero; a aliança, para garantir o futuro de uma existência na autonomia e na paz. E ambos, com Deus, o Senhor, como protagonista determinante.

Porque se tratava de acontecimentos fundacionais, precisavam de ser permanentemente actualizados e em todos os âmbitos da vida do povo, sobretudo no culto, com as celebrações e as catequese que dele faziam parte. Delas foram-se formando, de geração em geração, tradições cujo conteúdo básico era adaptado a novas circunstâncias históricas pelas quais o povo ia passando.

Até que chegou uma altura em que essas tradições se revelaram vitalmente ainda mais preciosas: quando, com a destruição de Jerusalém, em 587, e a deportação para a Babilónia, desapareceram outras instituições fundamentais para a existência do povo, como eram o território, o templo e o rei. Restava aos sobreviventes exilados a memória das origens, transmitida oralmente e por escrito. E foi a isso que eles se agarraram para, mesmo em terra estranha, manterem a sua identidade.

Foi então que, para isso, um grupo de peritos, predominantemente de ascendência sacerdotal, recolheu essas tradições e as organizou numa obra a que chamaram *Livro da Lei de Moisés*, que se tornou leitura obrigatória, primeiro para os judeus que viviam na diáspora e, depois, também para os da Palestina. Passaram, para isso, a reunir-se, cada sábado, em edifícios a que chamam, ainda hoje, sinagogas. Se este povo tem conseguido sobreviver a todas as vicissitudes por que tem passado ao longo da sua história, deve-o fundamentalmente a este livro que, entretanto e ainda antes da era cristã, foi acrescido com os restantes livros da sua Escritura.

Os cristãos, a partir de Jesus Cristo e dos Apóstolos, adoptaram-o também como livro sagrado. Mas com uma diferença: o livro da Lei deixou de ter, para eles, o lugar insubstituível que hoje ainda conserva nas sinagogas judaicas. Com Cristo, a antiga aliança, sem ser revogada, é completada por uma nova e eterna aliança. E, nessa, o lugar principal passou a ser ocupado pelos livros que mais d’Ele falam: os Evangelhos. E, talvez por isso, passaram a chamar ao livro da Lei, Pentateuco – os “cinco livros” iniciais da Bíblia.

OBJECTIVOS

- Conhecer o Antigo Testamento, começando pelo Pentateuco;
- Descobrir o significado do nome de Deus e como ele se manifesta, principalmente em Jesus Cristo;
- Louvar o Senhor pelo dom da sua Palavra.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Com esta catequese, as crianças iniciam uma caminhada em que, em quatro etapas (tantas quantas as partes do Antigo Testamento), vão descobrindo o tesouro que é a Palavra de Deus na fase mais antiga da história e existência do seu Povo. É importante que se apercebam de que, também elas, fazem parte deste Povo, principalmente pela sua ligação a Cristo, o cume e o centro da revelação divina. Nesta primeira etapa, será o nome de Deus, revelado a Moisés, a estabelecer essa ligação.

2. Como já acontecia na catequese anterior, procure-se que as crianças tenham uma participação activa, servindo-se das suas próprias Bíblias. Para isso, não haja pressas na exposição. Se necessário, sintetizem-se ou escolham-se alguns dos pontos propostos no Desenvolvimento, tendo o cuidado de referir os conteúdos mais importantes. Assim, pode fazer-se um resumo do ponto 2 da Experiência Humana (sobre a origem da palavra “Pentateuco”) e do ponto 1 da Expressão de Fé (deixando a leitura de Mt 1,18-25 para o compromisso semanal).

3. Para facilitar a realização das tarefas semanais propostas no compromisso, o catequista pode registá-las previamente nas folhas para “A Palavra de Deus na minha vida”, a distribuir no final do encontro.

MATERIAIS

- Folha rolo (catequese anterior);
- 5 folhas, pintadas e recortadas em forma de ânforas;
- Dísticos: “PENTATEUCO”; “Ex 3, 1-14”; “EU SOU AQUELE QUE SOU”; “JAVÉ”; “Mt 1, 18-25”;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas e trazidas pelas crianças;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, uma para cada criança;
- Bíblias das crianças;
- Uma Bíblia (da mesa);
- Uma vela.

MÚSICA

- “Hoje, o Senhor está connosco”.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**: ao centro, a mesma folha, em forma de rolo, da catequese anterior, rodeada, dos lados e por baixo, de cinco folhas recortadas e pintadas em forma de ânforas.
- Sobre a **mesa**: a Bíblia e uma vela, apagada.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Preencheram a última folha que vos dei com a “A Palavra de Deus na minha vida”?... Quem a preencheu pode pegar nela...

Vejamos agora se escreveram tudo o que vos pedi.

Primeiro, era sobre aqueles quatro acontecimentos da vida de Jesus em que S. Lucas nos fala do Hoje da salvação trazida por Jesus.

– De qual é que S. Lucas fala em primeiro lugar?...

E em que capítulo e versículos do seu Evangelho fala ele do nascimento de Jesus?

Muito bem: no capítulo segundo, versículos 1 a 14 (*Lc 2, 1-14*).

E quem anunciou aos pastores: “Hoje nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor”?...

E será que o Anjo também nos anuncia o mesmo, no nosso tempo?...

Por exemplo: na celebração do Natal. Na Missa da meia-noite, lê-se essa mesma passagem do Evangelho segundo S. Lucas. E, nessa altura, o Anjo faz o mesmo anúncio, através do sr. Padre ou Diácono que faz a leitura.

E as pessoas, que então ouvem essas palavras, podem muito bem cantar o *cântico* que aprendemos na última catequese:

“Hoje, o Senhor está connosco” (*só o refrão*).

– Agora vejamos o que S. Lucas conta no capítulo 5, versículos 17 a 26 (**Lc 5, 17-26**).

Quem é que, depois de Jesus perdoar os pecados a um paralítico e o curar, exclama: “Hoje, vimos maravilhas”?...

E encontraram alguma ocasião em que as pessoas podem dizer o mesmo, depois de se ajudar um doente?...

Ouvir as crianças e, adaptando-se às respostas, comentar:

Os doentes precisam de muita atenção e carinho. Por isso é que também rezamos por eles. E quantas vezes eles se sentem melhor, com mais coragem e alegria, com o bem que lhes fazemos, em nome de Jesus!

Portanto, também então se pode cantar:

“Hoje, o Senhor está connosco” (*só o refrão*).

– Passemos ao que S. Lucas conta no capítulo 19, versículos 1 a 10 (**Lc 19, 1-10**): a conversão de Zaqueu, um publicano ou cobrador de impostos, que roubava muita gente. Será que acontecem hoje coisas parecidas? Que vos parece?...

Depois de ouvir as crianças, e adaptando-se às suas respostas:

Também hoje há pessoas que se convertem, depois de experimentarem o perdão de Jesus. Também nas suas vidas entra o Hoje da salvação, trazida por Jesus.

– Só falta vermos o que S. Lucas conta no capítulo 23, versículos 33 a 43 (**Lc 23, 33-43**), isto é, pouco antes de Jesus morrer na cruz.

O que então fez aquele malfeitor é parecido com o que fez Zaqueu, não é? Também ele se arrependeu do mal que tinha feito. E, claro, também hoje acontecem coisas parecidas. Algum de vós quer dar um exemplo?...

Conforme as respostas das crianças:

Por todas as pessoas que se arrependem, sobretudo antes de morrerem, e assim vão para o Céu, para sempre, por essas pessoas também nós podemos louvar o Senhor...

Mas agora acho que devemos louvar o Senhor também por outro motivo. Imaginem: por causa de vós.

É que, quando estivestes, e estais, a ler a Bíblia com tanta atenção e interesse e, depois, ainda procurais ver como ela se cumpre hoje, já estais a fazer como Jesus. Que fez Ele na sinagoga de Nazaré?...

E, depois de ler a Bíblia, procurou pôr em prática o que Deus dizia através do profeta Isaías. Por isso dizia: “Hoje cumpriu-se a passagem da Escritura que ouvistes”.

Pois bem, algo de parecido se tem passado convosco, hoje durante estes dias.

Portanto, acho que, também por isso, podemos louvar o Senhor Jesus.

Para lhe mostrarmos melhor a nossa alegria, ponham-se de pé...

Coloquem as vossas Bíblias nas mãos, um pouco levantadas...

E agora, sim, cantemos o *cântico*:

“Hoje, o Senhor está connosco (*1ª e/ou 4ª estrofe*).

2. Depois de as crianças se sentarem:

Falta saber se também fizeram o outro compromisso que vos pedi: ir à Missa, saber qual foi a leitura do Antigo Testamento, que foi lida nesse dia, e se ela tinha alguma coisa a ver com o Evangelho.

Há alguém que tenha feito isto e queira contar?...

Após ter ouvido uma ou duas crianças e ter completado (ou corrigido) as suas respostas, o catequista prossiga:

Estão a ver como também o Antigo Testamento é importante? Foi por ele que Jesus e, depois d'Ele, os Apóstolos se deixaram guiar. Por isso, durante o ano, é lido na maior parte das Missas de Domingo.

Estão a ver o que é que isto quer dizer?...

Quer dizer que também nós temos de o conhecer.

3. E vamos começar já hoje a conhecer o Antigo Testamento; o que também quer dizer que estais cada vez mais crescidos e sábios...

Começamos por uma parte que já está ali representada no placar...

Esta folha especial, que colocámos ao meio, já sabem o que ela significa...

Exactamente: tem a forma de um rolo, porque era essa forma que os livros tinham então.

Só que este rolo ainda está vazio...

Antes de vermos o que é que lá vai aparecer, temos de saber o que poderão significar aqueles cinco vasos que estão em volta dele. Alguém tem uma ideia?...

Depois de ouvir as crianças e, para já, sem comentar as respostas, o catequista afixe, acima da folha-rolo, o dístico "PENTATEUCO", deixe contemplar e prossiga:

Podem abrir as vossas Bíblias no princípio, isto é, imediatamente antes do primeiro livro, o livro do Génesis.

Se todos tiverem a mesma edição, pode indicar a página. Após todos terem encontrado o título "Pentateuco":

Está (ou: podia estar) aí a mesma palavra que eu coloquei no placar: Pentateuco. É o nome que se dá à primeira parte do Antigo Testamento.

Vamos agora ver o que é que esse nome significa. É uma palavra composta de Penta e Teuco.

Alguém sabe o que quer dizer Penta?...

Olhem então para as ânforas que estão no placar. Quantas são?... Cinco!

Pois bem, Penta quer dizer cinco. Mas cinco quê?... No nosso caso, livros, cinco livros.

A Primeira parte do Antigo Testamento é constituída por cinco livros. É isso que hoje quer dizer a palavra Teuco: livro.

E são esses cinco livros que estão representados nas ânforas em volta da folha em forma de rolo. Cada uma representa um livro.

Mas não colocámos ali folhas em forma de um livro, pois não?... Têm a forma de vasos. E são mais altos do que largos. Porquê?

Eu explico: então, os livros eram guardados em vasos parecidos com aqueles. Vejam lá se descobrem porquê...

Era por causa da forma que então tinham os livros. Já vimos isso na última catequese e está representado no centro do placar: os livros, naquela época eram enrolados. Pois bem: o melhor lugar para guardar os rolos eram vasos parecidos com aqueles, vasos grandes, que também se chamam ânforas.

Para a primeira parte do Antigo Testamento eram precisas cinco ânforas. E, a princípio, Teuco também significava ânfora. Depois, também significava volumes e, depois, rolos ou livros.

Daí o nome, por que, hoje e entre nós, é mais conhecida a primeira parte do Antigo Testamento: Pentateuco – *Penta* é cinco e *Teuco* é livro.

Estes cinco livros foram também os primeiros da Bíblia a serem escritos. E isto vários séculos antes de Jesus.

4. Vamos, então, descobrir estes livros. Antes de mais, o que está escrito neles.

Como podem imaginar, eles falam dos tempos mais antigos da história do povo de Deus. Isto é, das pessoas que, há mais tempo, começaram a acreditar em Deus, tal qual se fala d'Ele na Bíblia. Por isso, de todo o Antigo Testamento, o Pentateuco é, não só a parte mais antiga, mas é também a mais importante: fala das origens do Povo de Deus, como ele se formou. Ou melhor: do que Deus fez para aquele povo se formar. Como terá sido?...

II. PALAVRA

1. Como podem imaginar, é uma história muito longa. Já se vê pelo número de livros: cinco não se podem ler em pouco tempo, pois não? Mas hoje podemos ler um dos acontecimentos mais importantes que lá está contado.

Até já falámos aqui um pouco dele. Lembram-se de nós falarmos de Jesus como Cordeiro Pascal?... Foi assim que S. João Baptista o apresentou.

E, a propósito do cordeiro pascal e da refeição em que ele se comia, na festa da Páscoa, também vimos o que é que os judeus celebravam nessa festa. Lembram-se?...

Exactamente: na festa da Páscoa, as pessoas da terra e do povo de Jesus recordavam o grande acontecimento que tinha sido a libertação do mal, da opressão, que os seus antepassados tinham sofrido no Egipto.

Tudo isto vem contado aqui, nesta primeira parte do Antigo Testamento: o Pentateuco.

No primeiro livro, que se chama Génesis, fala-se das pessoas mais antigas deste povo, que, já então, se chamava Israel. Dessas pessoas mais antigas, as mais importantes tinham sido três: a primeira chamava-se Abraão; depois, o filho de Abraão, chamava-se Isaac; e o filho mais importante de Isaac chamava-se Jacob. Portanto, eram Abraão, Isaac e Jacob.

Ora bem: Jacob teve 12 filhos. E aconteceu que Jacob e os seus doze filhos tiveram de emigrar, de fugir para o Egipto. Só aí é que encontravam trabalho e alimento. Como ainda hoje acontece com muita gente, que tem de emigrar para o estrangeiro.

Foram viver para o Egipto e aí tiveram filhos e depois netos, bisnetos, até serem uma família muito, mesmo muito numerosa.

Passaram-se os anos, até que os egípcios começaram a desprezá-los e, depois, até a maltratá-los, a oprimi-los. Tanto, que a vida ali no Egipto tinha-se tornado impossível para os descendentes de Jacob, que também teve o nome de Israel. E, como disse há pouco, foi este nome – Israel – que depois foi dado a este povo.

Que fazer para se poderem libertar de todo aquele mal que lhes faziam? É que os Egípcios, embora os tratassem mal, não queriam que abandonassem o seu país. Imaginam porquê? Porque precisavam daquela gente – os israelitas. Eles é que faziam muitos dos trabalhos, os mais difíceis, que se faziam no Egipto.

Estavam neste impasse – entre os maus tratos e o querer fugir – quando um israelita achou que era preciso fazer alguma coisa, para todos os outros poderem, finalmente, sair daquela terra maldita. Esse israelita chamava-se Moisés. Se calhar já ouviram falar dele (talvez, num filme da Disney!).

Moisés, apesar de ser israelita, tinha boas relações com o rei do Egito. O nome por que era conhecido o rei do Egito era faraó. Não se esqueçam: faraó.

Pois bem: Moisés, que até vivia no palácio do faraó, tentou fazer alguma coisa para libertar os outros israelitas. Mas sem conseguir: tudo lhe correu tão mal, que ele, para não o matarem, teve de fugir para muito longe do Egito. Foi para um país chamado Madiã.

Moisés teve sorte em Madiã, pois conseguiu trabalho junto de um sacerdote, chamado Jetro: passou a guardar o gado dele. E foi tão bem aceite em sua casa, que até casou com uma filha dele.

Mas, mesmo a viver aí, em Madiã, Moisés não se esquecia do seu povo, do sofrimento por que passava no Egito.

E foi então que, um dia, lhe sucedeu uma coisa muito, mesmo muito importante. Foi quando ele andava a pastar o gado do sogro, junto de um deserto. Foi aí que ele teve uma visão extraordinária.

2. É isso que nós agora vamos ler.

Abram as vossas Bíblias no segundo livro do Pentateuco: o livro que se chama Êxodo. Abram no princípio do capítulo terceiro.

O catequista afixe, ao alto da folha-rolo, o dístico “Ex 3, 1-14” e, depois de todas as crianças terem aí aberto as suas Bíblias, diga:

Para lermos bem esta história, precisamos de luz. Não é tanto para vermos melhor. É que, nesta história, começa a aparecer um pouco de luz na miséria, na escuridão, em que vivia o povo de Israel. Por isso, peço a um de vós que venha acender a vela...

Preciso ainda de mais dois para lerem comigo: um lê as palavras que vão ser ditas por Moisés e o outro as palavras que vão ser ditas – imaginem – por Deus. Sim, Deus vai aparecer e Ele é que vai trazer a luz de que tanto precisavam os israelitas. Deus não podia abandoná-los!

Depois de os leitores ocuparem o lugar entre a mesa e o placar, com o catequista no meio dos dois outros leitores:

Hão-de reparar que, na leitura, vai aparecer a palavra sarça. Sabem o que é uma sarça? São umas plantas, uns arbustos com muitos espinhos: silvas ou silvado.

Oiçam então, procurando seguir, com muita atenção, pelas vossas Bíblias.

Catequista (narrador):

Leitura do Livro do Êxodo:

**Moisés apascentava o rebanho de Jetro,
seu sogro, sacerdote de Madiã.**

**Ao levar o rebanho para além do deserto,
chegou ao monte de Deus, o Horeb.**

**Apareceu-lhe então o anjo do Senhor
numa chama ardente, do meio de uma sarça.**

**Moisés olhou para a sarça, que estava a arder,
e viu que a sarça não se consumia.**

Então disse Moisés:

Criança (Moisés):

**Vou aproximar-me,
para ver tão assombroso espectáculo:
por que motivo não se consome a sarça?**

Catequista (narrador):

**O Senhor viu que ele se aproximava para ver.
Então chamou-o do meio da sarça:**

Criança (Deus):

Moisés, Moisés!

Catequista (narrador):

Ele respondeu:

Criança (Moisés):

Aqui estou!

Catequista (narrador):

Continuou o Senhor:

Criança (Deus):

**Não te aproximes.
Tira as sandálias dos pés,
porque o lugar que pisas é terra sagrada.**

Catequista (narrador):

E acrescentou:

Criança (Deus):

**Eu sou o Deus de teus pais,
Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob.**

Catequista (narrador):

**Então Moisés cobriu o rosto,
com receio de olhar para Deus.
Disse-lhe o Senhor:**

Criança (Deus):

**Eu vi a situação miserável do meu povo no Egipto;
escutei o seu clamor provocado pelos opressores.
Conheço, pois, as suas angústias.
Desci para o libertar das mãos dos egípcios
e o levar deste país para uma terra boa e espaçosa,
onde corre leite e mel,
terra do cananeu, do hitita, do amorreu,
do perizeu, do heveu e do jebouseu.
O clamor dos filhos de Israel chegou até Mim;
vi também a violência com que os egípcios os oprimem.**

**Agora põe-te a caminho, que eu vou enviar-te ao faraó,
para que tires do Egípto o meu povo, os filhos de Israel.**

Catequista (narrador):

Moisés disse a Deus:

Criança (Moisés):

**Quem sou eu, para ir à presença do faraó
e tirar do Egípto os filhos de Israel?**

Catequista (narrador):

Deus respondeu-lhe:

Criança (Deus):

**Eu estarei contigo,
e este é o sinal de que fui eu que te enviei:
Quando tirares o povo do Egípto,
adorareis a Deus neste monte.**

Catequista (narrador):

Moisés disse a Deus:

Criança (Moisés):

**Vou procurar os filhos de Israel e dizer-lhes:
«O Deus de nossos pais enviou-me a vós».
Mas se me perguntarem qual é o seu nome,
que hei-de responder-lhes?**

Catequista (narrador):

Disse Deus a Moisés:

Criança (Deus):

Eu sou «Aquele que sou».

Catequista (narrador):

E prosseguiu:

Criança (Deus):

**Assim falarás aos filhos de Israel:
“O que se chama «Eu sou» enviou-me a vós.”**

Catequista:

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

3. Após as crianças que leram se sentarem:

Responderam mesmo bem: Graças a Deus! As coisas iam mesmo mudar, graças a Deus.
Mas, vejamos melhor como Deus se manifestou a Moisés.

Viram como começou com aquela sarça ou silvado a arder. Porque será que Deus se apresentou assim?...

Porque Deus é como um fogo que aquece e ilumina; e nunca se apaga.

Ainda se lembram como o Espírito Santo apareceu aos Apóstolos no dia de Pentecostes?... Também então era como fogo. Só que lá era na forma de línguas.

Mas, também para Moisés, Deus queria ser luz e calor, para o iluminar, aquecer e fortalecer, para poder tirar o seu povo do Egito.

E qual foi a primeira coisa que Deus mandou fazer a Moisés? Vejam no versículo 5...

Porquê tirar as sandálias?...

Por respeito por aquele lugar. Ainda hoje, nalgumas religiões (por exemplo, entre os muçulmanos), as pessoas têm de tirar o calçado, antes de entrarem na casa de oração. É que o calçado, por estar em contacto com o chão, é difícil estar sempre bem limpo. E com Deus, devemos apresentar-nos limpos.

Para nós não é preciso tirar o calçado, mas devemos ir bem arranjados, em sinal de respeito para com Deus. Quando nos encontramos com uma pessoa importante, não vamos de qualquer maneira, pois não? E haverá alguém mais importante do que Deus?!

E reparem agora como Deus, no versículo 6, se apresenta a Moisés?...

Cá está: é o mesmo Deus dos antepassados Abraão, Isaac e Jacob. Um Deus que não quer abandonar o seu povo, agora a sofrer tanto no Egito.

E para onde é que Ele o quer levar? Vejam o versículo 8...

Uma “terra onde corre leite e mel” quer dizer que é uma terra muito boa, de que iriam gostar muito. Quem não gosta de leite e mel!

Era uma terra tão boa, que já lá vivam outros povos, com esses nomes que até são difíceis de pronunciar.

Só que Moisés teve medo do que Deus lhe mandava fazer. Estão a imaginar porquê?...

É que o rei do Egito... Como se chamava ele?... Exactamente: o faraó era muito poderoso e perigoso. O que é que Moisés sozinho podia fazer contra o exército e a polícia do faraó?...

E o que é que lhe disse Deus? Duas coisas muito importantes e muito parecidas:

– A primeira vem no princípio do versículo 12. (*Nome*) lê esse princípio...

“Eu estarei contigo”. Que lindo! É como quando nós estamos a sofrer ou aflitos, e alguém, que nos ama, nos diz: não tenhas medo, que eu estou contigo. E não há dúvida: com Deus, tudo é possível!

E porque Deus amava mesmo o seu povo, queria encontrar-se com ele, naquele mesmo lugar onde estava a falar com Moisés.

– Mas há um outro sinal muito importante do amor de Deus. É quando Moisés lhe pergunta como é que Ele, Deus, se chama. Qual foi o nome que Deus lhe disse?...

4. O catequista, em silêncio, afixe ao centro da folha-rolô, o *dístico* “EU SOU AQUELE QUE SOU”, deixe contemplar e comente:

Este é o nome próprio de Deus: o nome que Ele disse, pela primeira vez, a Moisés. Até então, ninguém sabia como Ele se chamava.

Mas é um nome um pouco estranho, não acham?

Eu vou explicar: o que está ali – “Eu sou Aquele que sou” – é uma tradução e explicação do nome de Deus.

Como sabem, todos os nomes de pessoas têm um significado. Por exemplo: Emanuel significa, na origem, “Deus” (El) “conosco” (Emanu). Dizer Emanuel é o mesmo que dizer: Deus está conosco. Só que ninguém vai chamar a uma pessoa: “Deus conosco”. Seria complicado e estranho. Chama-lhe sempre Emanuel.

E então como se dirá “Aquele que sou (ou é)” na língua original de Moisés e dos israelitas – o hebraico?

Diz-se com esta palavra ...

O catequista afixe, na mesma folha-rola e por baixo do dístico anterior, o dístico “JAVÉ”, deixe contemplar e comente:

Este é o nome próprio de Deus: Javé. E, em hebraico, é muitíssimo parecido com as palavras “Aquele que sou”

Eu explico melhor: o verbo ser, em hebraico, pode significar duas coisas.

Olhem: é parecido com o verbo ser em inglês. Os que sabem inglês, vão logo perceber. Em inglês, ser é... “to be”. E “to be” pode significar “ser” ou “estar”. Por exemplo, se eu digo “I am” (*nome, por exemplo, Matias*), o que é que isto quer dizer?... “Eu sou (*nome*)”. Mas se eu digo “I am here”, então digo “Eu estou aqui”. Portanto, “to be” pode significar “ser” e/ou “estar”.

O mesmo acontece em hebraico: nesta língua, o mesmo verbo significa ser e/ou estar. Por isso o que está ali traduzido por “Eu sou Aquele que sou”, também se podia dizer: “Eu sou Aquele que estou”. E algumas Bíblias, se calhar, está traduzido assim.

O que é que Deus, então, quer dizer a Moisés com esta explicação do seu nome Javé?...

Quer dizer que **Deus é** ou **existe e está** e **vai estar** com Moisés e o seu povo oprimido.

É como se passa com um pai ou uma mãe: um pai ou uma mãe é pai ou mãe, na medida em que está, isto é, existe e vive para o filho ou filha. Se não vive para ele, para o ajudar, então não é um verdadeiro pai ou mãe, nem merece ser chamado assim.

Portanto, quando Deus disse a Moisés: “**Eu sou Aquele que sou**”, quando lhe disse isso, estava a prometer-lhe que Ele não ia abandonar Moisés, mas estar com ele para o ajudar.

Numa palavra: com o seu nome (*lendo*) – JAVÉ – Deus estava a prometer a Moisés e, por meio de Moisés, ao povo, aquilo que já tinha prometido antes: “Eu estarei contigo”. Só que agora, com o nome, o povo iria lembrar-se muito mais da promessa e da protecção de Deus. Quando, daí para a frente, dissessem o nome de Deus, JAVÉ, estavam a lembrar-se daquela promessa tão importante e pensavam logo: Deus está mesmo conosco.

E, como devem imaginar, isso dava-lhes muita força e muita esperança: poder falar com Deus, chamando-lhe por um nome que mostra como Deus nos ama! Faz-nos muito melhor do que, quando estamos aflitos, pensamos numa pessoa que nos ama, dizendo, se calhar, o seu nome. É que ninguém nos ama tanto como Deus. E ninguém é tão poderoso como Ele.

Portanto, era com aquele nome tão significativo que Deus queria libertar o seu povo de toda aquela opressão no Egipto.

E será que o libertou mesmo?

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Foi muito difícil. Este mesmo livro da Bíblia – o Êxodo – conta-nos como foi. Não temos tempo de ler tudo. (No filme da Disney “O príncipe do Egipto”, conta-se bem como foi.)

Mas eu posso dizer-vos que Moisés, com a ajuda de Deus, conseguiu mesmo. E, depois de alguns anos, estava mesmo naquela terra onde corria leite e mel, como ouvíamos há pouco.

E Deus nunca mais abandonou o seu povo. Manteve-se sempre fiel ao seu nome: Javé ou... leiam comigo: **“Eu sou Aquele que sou”**.

E querem saber em que altura, na história do seu povo, é que Deus passou a estar ainda mais presente entre nós?...

Então, convido-vos a abrirem a vossa Bíblia no Evangelho segundo S. Mateus, no capítulo primeiro, versículos 18-25.

O catequista pode afixar, por baixo do dístico “JAVÉ”, o dístico “Mt 1, 18-25” e, depois, dizer às crianças:

Já todos conhecemos esse texto. Vão-se lembrar de quando é que o lemos aqui, no ano passado. E, como disse, ele mostra como é que Deus – Javé – estava mais presente, com o seu povo, connosco.

Vamos ler todos ao mesmo tempo. Mas, em alta voz, podem ser dois de vós: o primeiro lê os versículos 18 a 21 e o segundo lê o resto – os versículos 22 a 25.

Depois da leitura:

Então? Como é que Deus estava ainda mais convosco?...

Exactamente: Com Jesus! Por isso se deu a Jesus que nome?... Emanuel. Já vimos que Emanuel é uma palavra hebraica. Mas S. Mateus – que escreveu, em grego – traduziu para os seus leitores perceberam. Emanuel quer dizer “Deus connosco”.

E nós temos ou não experimentado isso?...

Claro que sim e de tantas maneiras!

2. Olhem: eu acho que já é tempo de nós agradecermos a Deus por tudo o que Ele já nos disse hoje: primeiro, através do livro do Êxodo, e agora, através do Evangelho segundo S. Mateus. É que, quando lemos a Bíblia, é Deus quem nos está a falar.

E, ao falar-nos, Ele está connosco – através das palavras que nos diz, ensinando-nos a viver bem a nossa vida. E hoje, disse-nos as melhores palavras: o seu nome e, com ele, prometeu-nos ser para nós o que o nome significa: Eu sou Aquele que sou – ou – eu estou convosco.

Vamos louvá-lo, dar-lhe glória, mas através de Jesus – o Emanuel, Deus connosco.

Vamos fazer assim:

– Primeiro, um de vós lê as palavras da Bíblia que estão no livro do Êxodo, capítulo 3, versículo 14. Só este versículo.

Depois de uma criança se oferecer e abrir a Bíblia na passagem indicada: (Nome) fica com a tua Bíblia aberta aí.

– A seguir à leitura do/a (nome), cantaremos: “Hoje, o Senhor está connosco”.

– Depois, um outro lê as palavras do Evangelho segundo S. Mateus, no capítulo 1, versículo 23. Quem se oferece?...

Após a criança ter a sua Bíblia aberta aí:

– Depois de o/a (nome) ter lido, voltaremos a cantar: “Hoje o Senhor está convosco”.

Então, ponham-se de pé... Guardemos um pouco de silêncio, para nos concentrarmos...

E agora lê o/a (nome):

– **“Disse Deus a Moisés: «Eu sou Aquele que sou». E prosseguiu: Assim falarás aos filhos de Israel: o que se chama «Eu sou» enviou-me a vós” (Ex 3,14).**

– **Cântico: “Hoje, o Senhor está connosco” (refrão e 5ª estrofe).**

- “Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho; e hão-de chamá-l’O Emanuel, que quer dizer: “Deus conosco” (Mt 1, 23).
- *Cântico*: “Hoje, o Senhor está conosco” (refrão e 1ª estrofe).

3. Compromisso

Estão a gostar desta descoberta da Bíblia?...

Então, têm de continuar a fazê-la em casa, até à próxima catequese. Para isso, vão receber mais uma folha com “A Palavra de Deus na minha vida”.

Esta vai ser para nela registarem duas coisas que devem fazer:

– Primeiro: Leiam estas três passagens do Evangelho segundo S. Mateus: 1, 18-25 (que acabámos de ler); 18, 19-20 e 28, 16-20. Leiam e tentem descobrir se, nessas passagens, aparece alguma coisa que tenha a ver com o nome de Deus, e escrevam nas folhas. As passagens estão indicadas no **catecismo, página 56**.

– Segundo: hão-de reparar que, nas nossas (ou nalgumas) Bíblias, nunca aparece o nome de Deus “Javé”. É substituído por outra palavra. Tentem descobrir qual é. Podem ver no texto que lemos hoje, o livro do Êxodo.

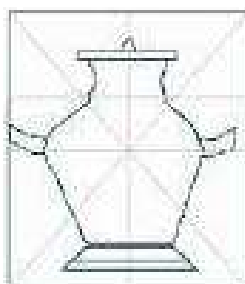
Não se esqueçam de fazer tudo isto, para melhor descobrirem este livro maravilhoso que é a Bíblia. E não se esqueçam também de levar esta folha com “A Palavra de Deus na minha vida” e, depois de preenchida, trazerem-na para a próxima catequese.

4. Para guardar na memória e no coração

Deus é o Senhor que está convosco,
principalmente em Jesus Cristo,
que veio para salvar-nos dos nossos pecados.

DOCUMENTO 1

Modelo para desenhar uma ânfora:



Nota: **Ânforas** são vasos antigos de forma geralmente ovóide e possuidores de duas asas simétricas e geralmente rematados na sua parte inferior por um pé estreito.

Catequese 13

“FALA, SENHOR: TEU SERVO ESCUTA”

(1 Sam 3, 10)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. “Livros históricos” – que história?

“Livros históricos” é o título que, em muitas edições cristãs da Bíblia, se atribui aos livros que começam com o de Josué e terminam com o segundo livro dos Macabeus. Mas há edições que dão o mesmo título aos do Pentateuco, partindo do princípio de que também eles, sendo predominantemente narrativos, falam de história.

As edições que fazem uma distinção, apoiam-se na divisão seguida pelos judeus: para eles, pelas razões vistas na catequese anterior, o Pentateuco forma um grupo à parte: o dos “livros da Lei (de Moisés)”. Aos que se seguem (os nossos “Livros Históricos”) chamam “Profetas Anteriores”. De facto, fala-se neles de vários profetas, a começar por Samuel. Sendo profetas que nada deixaram escrito, distinguem-se dos profetas escritores (Isaías e os seguintes), que os judeus intitulam de “Profetas Posteriores”.

Esta distinção e denominação, na versão judaica da Bíblia (conhecida também por “texto massorético”), acaba por ser útil para compreendermos em que sentido são de entender os “Livros Históricos”. Isto é, que género de história é descrita neles e no resto da Bíblia. Será no mesmo sentido em que, modernamente e sobretudo em meios científicos, se fala de história?

A questão tem sido levantada, também e principalmente, acerca da relação entre o conteúdo da Bíblia e o de outras ciências, nomeadamente a cosmologia, a biologia e a antropologia, que tratam da origem e formação da vida no universo. Ainda hoje, há quem provoque conflitos sobretudo em relação aos dois primeiros capítulos do Génesis: entre o chamado criacionismo (pretensamente seguido nesses capítulos) e o evolucionismo (mais ou menos defendido pelas referidas ciências naturais).

Quem ainda assim pensa, esquece um princípio fundamental numa interpretação séria de qualquer texto: o seu género literário. Quem não sabe ou não quer distinguir, por exemplo, um romance de um livro científico, é, no mínimo, ofensivo para quem os escreveu. E, sendo um docente, não respeita aqueles a quem ensina.

A Bíblia não é, no todo e em cada parte, um livro científico. Falando de acontecimentos da história, interpreta-os à luz da fé e de Deus, para alimentar essa mesma fé. No seu conjunto, apresenta uma Verdade que, segundo o II Concílio do Vaticano, foi nela “consignada por Deus, para nossa salvação” (DV 11). É só nesse sentido e com esse objectivo, que os seus autores se serviram de dados da história (ou de outras ciências), sem se preocuparem, primariamente, com a sua exactidão científica. Interessava-lhes, acima de tudo, ver o dedo de Deus nos acontecimentos que narraram. E só nesse campo é de julgar a sua exactidão... também pelos homens e mulheres de ciência que, aliás e em muitos casos, são também homens e mulheres de fé, que se alimentam, primariamente, a partir da Sagrada Escritura, interpretada – e bem – como Palavra de Deus, o Senhor de tudo o que acontece na história.

Sobre esta amistosa relação entre fé e ciência pode ler-se o Catecismo da Igreja Católica, nº 159 ou ainda os nºs 282-289, estes mais sobre a criação e o modo como dela se deve falar na catequese.

É, portanto, com os olhos da fé que, primariamente, devem ser lidos os “Livros Históricos” da Bíblia: como parte da história da salvação e para a salvação de quem os lê – designadamente o texto de **1 Sam 3, 1-10** que narra:

2. A vocação de Samuel – juiz e profeta

Samuel exerceu um papel decisivo numa das fases mais importantes da história do povo de Deus: a passagem do período dos juizes (séc. XII – XI a.C.) para o regime monárquico (séc. X – VI). Foi ele o último dos juizes, que tinham a missão de manter a unidade religiosa, entre as doze tribos, julgando, para isso, questões ou situações que a podiam pôr em perigo. Perante a necessidade de uma organização maior, também nos campos político e militar, foi ele que, por mandato de Deus, ungiu os primeiros reis – Saul e David – com os quais nasceu o primeiro estado de Israel. Como chegou ele a esse patamar?

Ainda bebé, foi levado por Ana, sua mãe, para o santuário de Silo, onde, na altura, se encontrava a “Arca da Aliança” (1 Sam 1-2). Aí, na presença de Deus, cresceu entre os sacerdotes do templo, presididos por Heli. Iria ser, também ele, um simples sacerdote como os outros, se...

Deus, que no seu amor o “conhecia” desde o seio materno (1 Sam 1), reservava-o para uma missão superior à de um comum ministro do altar: admiti-lo, como seu profeta, na sua intimidade, para receber as suas revelações e delas ser mediano.

Disso nos começa a falar 1 Sam 3, um texto a ler e a interiorizar, sob a orientação do mesmo Espírito com que foi escrito: primeiro, no que diz respeito à deterioração religiosa em que o povo estava progressivamente a cair. Aqueles que mais deviam escutar o Senhor, os filhos de Heli, sacrificavam aos próprios interesses tanto o culto, só a Deus devido, como o bem do povo (2, 13ss). Por isso, *o Senhor, naquele tempo, falava raras vezes e as visões não eram frequentes* (3,1). Destacava-se, já então, Samuel, que até a noite passava *junto da Arca de Deus* (3,3).

E é precisamente aí, na escuridão e silêncio da noite, que se faz ouvir a voz de Deus. A princípio de um modo indistinto. Daí que o jovem, ansioso por discernimento, recorra ao conselho de Heli. Só à terceira vez, o sacerdote se apercebe de *que era o Senhor quem chamava o menino*. E a resposta só poderia ser esta: *Fala, Senhor: o teu servo escuta!* (3,10).

Nela se exprime a máxima entrega e disponibilidade: dar-se como servo, todo ouvidos às palavras do seu Senhor. Outras figuras, marcantes para os destinos do povo de Deus, se tinham sujeitado – ou haveriam de fazê-lo – totalmente ao Senhor como seus servos: Moisés (Nm 12, 7-8); Josué (Jos 24, 29); David (2 Sam 7,5); todos os profetas (p. ex. Zac 1, 6)... até àquele que haveria de ficar conhecido por “servo de IaHWeH” (Is 42,1; 50, 4-5) e que, pelo modo como na vida e na morte se entregou a Deus Senhor, iria ser modelo para Jesus Cristo: também Ele, *tomando a condição de servo, (...) rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz* (Fil 2, 7-8).

Todos eles são figuras nas quais, devido a esta sujeição, Deus se tornou presente de um modo tão intenso, que foram assim constituídos seus especiais mediadores, nomeadamente como profetas, isto é, *boca de Deus* (Os 6,5; Jer 15, 19). Foi sobretudo dos seus testemunhos de fé, das suas bocas e mãos, que, directa ou indirectamente, se formou a Sagrada Escritura, a Palavra que o Senhor nos diz, para sermos, também nós, seus mensageiros, numa variedade de carismas e missões em que se inclui também:

3. O catequista – uma vocação

Talvez nem todos tenham consciência disso, mas é verdade: para alguém ser catequista, precisa de ter vocação.

A começar, obviamente, pela vocação básica: os sacramentos da iniciação cristã – Baptismo, Confirmação e Eucaristia – “são o fundamento da vocação comum de todos os discípulos de Cristo – vocação à santidade e à missão de evangelizar o mundo. E conferem as graças necessárias para a vida segundo o Espírito, nesta existência de peregrinos em marcha para a Pátria” (CIC 1533).

Uma vocação na Igreja em que se é então inserido e, como tal, para o apostolado: “Toda a Igreja é apostólica, na medida em que, através dos sucessores de Pedro e dos Apóstolos, permanece em comunhão de fé e de vida com a sua origem. Toda a Igreja é apostólica, na medida em que é «enviada» a todo o mundo. Todos os membros da Igreja, embora de modos diversos, participam deste envio. «A vocação cristã é também, por natureza, vocação para o apostolado». E chamamos «apostolado» a «toda a actividade do Corpo Místico» tendente a «alargar o Reino de Cristo à terra inteira» (AA 2)” (CIC 863).

É dentro desta vocação comum para o apostolado que “alguns leigos se sentem chamados interiormente por Deus a assumirem a tarefa de catequistas. A Igreja suscita, faz o discernimento desta vocação divina, e confere a missão de catequizar. Deste modo, o Senhor Jesus convida, de uma forma específica, homens e mulheres para O seguirem como Mestre e formador dos discípulos. Este chamamento pessoal de Jesus Cristo e a relação com Ele são o verdadeiro motor da acção do catequista: «é deste conhecimento amoroso de Cristo que jorra o desejo de O anunciar, de evangelizar e de levar outros ao ‘sim’ da fé em Jesus Cristo» (CIC 429)” (DGC 231).

Trata-se, portanto, de uma graça – a do infinito amor de Deus em Cristo, que tem sempre a iniciativa. Ainda que o convite possa surgir através de alguém, dentro e até fora da Igreja (o amor de Deus não tem limites), quem, de facto, chama é o Deus que se revela e actua, principalmente, em Cristo. É Ele que toca o coração de todos aqueles que acolhem o seu amor e por ele se deixam transformar.

E, sendo uma graça recebida, tem de ser vivida como graça ou, se preferirmos, como carisma – a graça personalizada e em acção em quem a recebe. Um carisma que se exprime numa total dedicação: a graça, com a gratuidade que lhe é própria, não se pode deixar limitar por nada. Nem sequer pelas carências humanas: tantas vezes é a consciência que se tem delas que nos leva a entregar-nos ainda mais ao Deus que tudo pode. Veja-se aquilo de que Ele foi capaz em Cristo – precisamente na sua maior limitação humana, a sua morte.

Por tudo isto, a vocação tem de estar em permanente realização. Deus, porque nos ama, está sempre a chamar: por exemplo, para cada encontro de catequese, através da Palavra que aí transmite aos catequizandos, servindo-se do catequista que a acolhe e dela dá testemunho... como seu servo!

OBJECTIVOS

- Prosseguir no conhecimento do Antigo Testamento, com os Livros Históricos;
- Descobrir a importância do chamamento de Deus, pela sua Palavra e para O servir;
- Dispor-se a ser fiel à vocação de cristão.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Nunca é demais recordá-lo: um conhecimento sério da Bíblia não se pode reduzir a dados mais ou menos externos (as partes de que é constituída, o nome e o número dos livros, como se dividem, etc.). Tem de ser lida e escutada como Palavra de Deus, que nos fala no acto da leitura e audição. Há textos em que isso é mais fácil. É o caso daquele que está no centro desta catequese: a vocação de Samuel, um jovem com idade e – porque não? – aspirações semelhantes às das crianças do grupo.

2. Há, portanto, que aproveitar e explorar esta oportunidade: envolvendo, ainda mais, as crianças na leitura, primeiro pessoalmente e depois em grupo; ajudando-as a aperceberem-se de que, elas próprias, são interpeladas por Deus, que as chama e a quem, no final, são convidadas a responder de um modo pessoal; uma resposta em que participa o catequista, como agente de Deus e como, também ele, destinatário da sua Palavra.

3. As quatro velas que irão acompanhar a leitura, além de exprimirem a luz que é a Palavra de Deus, servirão, nas duas próximas catequeses, para indicar as quatro partes em que, para nós, está dividido o Antigo Testamento. Cuide-se, por isso, do seu embelezamento, do lugar que ocupam no decurso da catequese e, depois, da sua conservação.

4. Sugere-se, ainda, que se use, como suporte da Bíblia, uma caixa, devidamente consistente e forrada, de modo a ser parecida com uma arca pequena e, assim, lembrar a Arca da Aliança. Para que a Bíblia, sobre ela, seja reconhecida, pode construir-se a parte superior levemente inclinada ou colocar sobre ela uma almofada que permita essa inclinação e conseqüente visualização (ver Documento 1).

MATERIAIS

- Folha – rolo (catequeses anteriores);
- Dísticos: “PENTATEUCO” e “JAVÉ” (catequese anterior);
- Dísticos: “SENHOR”; “LIVROS HISTÓRICOS”; “1 Sam 3, 1-10”; “Fala Senhor: o teu servo escuta”;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças desde a catequese anterior;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida” a preencher pelas crianças e catequistas;
- Um suporte para a Bíblia, em forma de arca;
- Quatro velas, decoradas;
- A Bíblia de mesa;
- As Bíblias das crianças;
- 4 folhas com o texto de 1 Sam 3, 1-10, devidamente assinalado para ser lido por 4 leitores (se necessário).

MÚSICAS

- “Hoje, o Senhor está connosco”;
- “Tu tens palavras de vida eterna”.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**: ao centro, a folha-rolo (catequeses anteriores); do lado esquerdo, o dístico “PENTATEUCO” e, ao fundo, o dístico “JAVÉ” (ambos da catequese anterior).
- Sobre a **mesa**: a Bíblia em cima de um suporte em forma de uma pequena arca, rodeada de quatro velas apagadas, duas de cada lado; em frente da Bíblia, folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, tantas quantas as crianças e o(s) catequista(s).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O encontro pode começar com o refrão do cântico:*

“Hoje, o Senhor está connosco”.

Que bem cantastes! Estais mesmo convencidos de que o Senhor está connosco. Falta saber como: como é que Ele está connosco.

Terá a ver com a palavra que está ao fundo do placar?... Que palavra é aquela?...

Muito bem: é o nome de Deus, como foi revelado a Moisés, do meio de uma sarça ou silvado a arder.

Mas, quando Moisés perguntou a Deus qual é o seu nome, Deus não respondeu directamente com aquela palavra, pois não?...

Então respondeu como?...

Exacto: “Eu sou Aquele que sou”, isto é, “Eu sou Aquele que estou ou estarei convosco” – para vos ajudar a libertarem-se do mal que vos fazem no Egipto. Eu estarei convosco, não tenham medo. Comigo hão-de conseguir o que mais desejam para vosso bem.

Então, cantemos outra vez o mesmo **cântico**, agora a pensar naqueles israelitas que, com esta ajuda de Deus, conseguiram mesmo ir para uma terra onde corria leite e mel:

“Hoje, o Senhor está connosco” (*refrão e 5ª estrofe*).

Mas, Deus continuou a estar com os seus. Portanto, também connosco, embora de outras maneiras. Quando é que Ele se tornou ainda mais presente no meio de nós – como o Deus-connosco?...

Com o nascimento de Jesus! A propósito, leram, em casa, as três passagens do Evangelho segundo S. Mateus que vos indiquei na última catequese?...

Quem leu e escreveu, pode pegar na folha com “A Palavra de Deus na minha vida” que receberam então...

Após as crianças terem na mão a referida folha:

Digam lá, então, o que está escrito no princípio deste Evangelho, em **Mt 1, 18-25**, a propósito do nascimento de Jesus. Como é que S. Mateus lhe chama?...

“Emanuel – Deus-connosco”.

Agora, vejam melhor como é que Jesus é mesmo o “Deus-connosco”. Por exemplo, que nos diz Ele no capítulo 18, versículo 19 e 20 (**Mt 18, 19-20**)?...

“Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles”.

Jesus é, portanto, o Deus-connosco, sobretudo quando nos juntamos para rezar, em seu nome. Será aqui, na catequese?...

Vejamos a última passagem, que está mesmo no fim deste Evangelho: no capítulo 28, versículos 16 a 20 (**Mt 28, 16-20**). De que fala aí S. Mateus?...

É a última aparição de Jesus ressuscitado aos onze Apóstolos (Judas Escariotes já não andava com eles). E o que manda Jesus aos discípulos?...

E para que eles pudessem ir ensinar todos os povos, que lhes prometeu Jesus?...

Bravo: **“Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos”.** Portanto, até hoje. E será que isto, que Ele manda, também sucede aqui?...

Claro: que vimos nós aqui fazer, senão aprender o que Jesus ensinou aos Apóstolos? Só que hoje é através da Bíblia.

Quer dizer que Ele está connosco, neste livro maravilhoso. E está ainda mais connosco, sempre que O lemos e ouvimos, como tendes feito. Com as vossas respostas, acabais mesmo de mostrar como Deus está connosco.

Então, louvemos o Senhor por tudo isso. Mas, agora de pé... e com a vossa folhinha da “Palavra de Deus na minha vida” nas vossas mãos, estendidas para Deus... Voltados para a Bíblia, cantemos o **cântico**:

“Hoje, o Senhor está connosco” (*refrão e 1ª estrofe*).

2. Após as crianças se sentarem:

Continuem com as vossas folhas, para vermos se também cumpriram a outra coisa que vos propus. Lembrem-se?

Exacto: por que razão é que nas nossas (ou: em muitas) Bíblias nunca aparece o nome de Deus – Javé. É estranho, não é?

Será que se tenham esquecido dele?... Isso nunca. Se não, nem nós hoje o conheceríamos. Então qual será a razão?...

Para sabermos qual é, temos primeiro de saber se esse nome, na Bíblia, não estará substituído por outro. Mas, neste caso, qual é esse outro. Alguém descobriu?...

Depois de as crianças responderem (ou não), o catequista afixe, por baixo do dístico “JAVÉ”, o dístico “SENHOR”, deixe contemplar e comente:

Hoje, nas nossas Bíblias (ou na maioria delas), em vez de Javé, aparece a palavra “Senhor”. E porquê? Sabem?...

Eu explico: o nome de Deus “Javé” é tão importante, tão importante, que as pessoas, já antes de Jesus, por respeito para com Deus, deixaram de pronunciar este nome.

É parecido com o que pode acontecer connosco: as pessoas que amamos e respeitamos muito, não dizemos o nome delas de qualquer maneira. Por exemplo, não chamamos o pai nem a mãe pelo nome próprio, pois não? Todos chamamos pai ao nosso pai e mãe à nossa mãe! Fazemo-lo de um modo que manifesta o nosso amor, o nosso respeito.

Pois bem, para que isso acontecesse sempre com o nome de Deus, as pessoas – não fossem elas distrair-se – resolveram não o pronunciar. E então em vez de lerem e dizerem Javé, diziam uma outra palavra – Senhor. E porquê Senhor?...

Reparem bem no que significa esta palavra – Senhor. A que pessoas é que nós tratamos por Senhor?...

Claro: é a pessoas por quem sentimos muito respeito, muita consideração. Portanto, ao dizermos Senhor a Deus, estamos já a manifestar-lhe todo o respeito que sentimos por Ele: respeito por aquilo que Ele é para nós e vem indicado no seu nome próprio, Javé: isto é, por Ele ser Aquele que nos ama tanto, que está connosco para sempre.

Se calhar, alguns de vós estão a pensar: então, se é assim, por que razão é que eu tenho estado, todo este tempo, a dizer o nome próprio de Deus? Tive de fazê-lo para vos explicar tudo isto. Se não, vós não saberíeis nem o nome próprio de Deus nem a razão por que, em vez dele, dizemos Senhor.

Mas reparem que, por exemplo, na Bíblia que se lê na igreja e noutros textos que lá se usam, nunca aparece Javé. É só e sempre Senhor.

Falta ainda uma coisa: como é que nós, na Bíblia, sabemos se, onde aparece Senhor, antes estava Javé?

Algumas Bíblias ajudam-nos: quando Senhor corresponde a Javé, então a palavra Senhor aparece toda em letras maiúsculas. Como está ali escrito no placar: não é só a primeira letra, o S, mas todas as outras que estão em maiúsculas.

Noutras Bíblias está em letras minúsculas. Mas, seja como for, o importante é sabermos que a palavra Senhor, aplicada a Deus ou a Jesus, deve ser dita sempre com muito respeito e amor.

II. PALAVRA

1. Continuemos a nossa descoberta da Bíblia. Vimos já a primeira parte do Antigo Testamento, aquela em que Deus, pela primeira vez, aparece como Senhor. Como chamamos a essa parte?...

Exactamente: o Pentateuco. E que quer dizer Pentateuco?...

Muito bem: cinco livros ou rolos ou ânforas, onde se guardavam os rolos.

Hoje, vamos descobrir a parte seguinte – a segunda parte, a que chamamos...

O catequista afixe, ao alto do placar (fora da folha-rolo), o dístico “LIVROS HISTÓRICOS” e explique:

São os livros históricos, isto é, que nos contam a história do povo de Deus, depois de fugir do Egipto e chegar à terra que Deus tinha destinado para ele e que é conhecida por Palestina. Na altura chamava-se Canaan.

Se houver um mapa bíblico, o catequista pode indicar, brevemente, ou convidar as crianças a fazê-lo em casa.

Podem abrir as vossas Bíblias no princípio dos Livros Históricos do Antigo Testamento. O primeiro livro chama-se **Josué**. Quem primeiro encontrar, pode dizer a página aos outros...

Depois de todas as crianças terem as Bíblias abertas no princípio do livro de Josué:

Sabem quem era Josué? Foi o homem que sucedeu a Moisés. Moisés conseguiu levar o povo até à beira da Palestina. Mas quem entrou lá com o povo foi Josué. Por isso se deu o seu nome ao livro que conta o que, a partir de então, sucedeu com o povo de Deus.

Depois, seguem-se muitos outros livros. Podem ir desfolhando, até chegarem ao terceiro desta parte...

O catequista dê tempo para que as crianças o façam. Depois, pergunte:

Como se chama este livro?...

Muito bem: o **Primeiro Livro de Samuel**.

É dele que, daqui a pouco, vamos ler uma história muito bela. De certeza que vão gostar. Até porque é uma história que se passou com Samuel, um homem muito importante, quando ele era um rapazinho e tinha, mais ou menos, a vossa idade.

2. Mas, antes disso e para perceberem melhor o que vamos ler, tenho de explicar algumas coisas.

Olhem: algumas delas até estão representadas, aqui, em cima da mesa com a Bíblia. Se calhar, já tinham reparado que hoje estão em cima da mesa algumas coisas que não são habituais. São duas. Vejam lá se descobrem...

Depois das respostas das crianças:

Então, comecemos por este suporte que está por baixo da Bíblia. É parecido com quê?...

Com uma arca: uma caixa grande como, se calhar, têm em vossas casas. As arcas servem para guardarmos muitas coisas.

E então o que é que esta arca poderá significar?...

Eu explico: depois de Moisés ter conseguido fugir do Egipto com o seu povo, a primeira coisa que eles procuraram fazer foi chegar ao lugar onde Deus tinha aparecido a Moisés e lhe tinha dito o seu nome.

Quando aí chegaram, Deus, o Senhor, voltou a aparecer a Moisés, mas agora na companhia de todo o povo. Foi então que Deus lhes disse – a Moisés e ao povo – o que deviam fazer para se manterem para sempre unidos a Ele e assim viverem em paz e harmonia.

E o que eles deviam fazer estava resumido nalgumas orientações a que hoje chamamos os Mandamentos da Lei de Deus. Um dia haveremos de falar neles aqui.

Por agora, basta sabermos que esses mandamentos eram tão importantes, que Moisés os escreveu todos e, para nunca mais se perderem, mandou fazer uma arca para os guardar. Chamava-se, a essa arca, “Arca da Aliança”. Aliança quer dizer a amizade, as boas relações entre Deus e o seu povo. Por isso, às vezes, também se chama à arca a “Arca de Deus”.

Ora bem: essa arca, com os dez Mandamentos, foi levada até à Palestina e, aí, foi sempre bem guardada. Bastava olhar para ela, para o povo saber que tinha Deus com ele e o que devia fazer para manter a aliança de amizade com Deus.

Por isso, a Arca da Aliança era guardada na casa onde as pessoas se encontravam com Deus. Era quase como as nossas igrejas. Só que nas nossas igrejas já temos toda a Bíblia. Mas, antes de a Bíblia ter sido escrita, o mais importante era a Arca da Aliança. Por isso é que está aqui esta arca debaixo da Bíblia.

E assim chegamos ao tempo de Samuel. Quem era ele?

Foi um homem que, pouco tempo depois de nascer, foi levado pela sua mãe – imaginem para onde... Para o templo ou casa de Deus, onde estava guardada a Arca da Aliança.

E foi aí que ele, Samuel, passou a viver. Aí cresceu, na companhia do sacerdote principal que, então, se chamava Heli.

Só que Heli tinha uns filhos que não eram lá muito boas pessoas. Não queriam saber nada de Deus. E Deus estava descontente com eles. Diz a Bíblia que, por causa disso, Deus já não aparecia nem falava tanto ao povo.

É que, com os filhos de Heli a portarem-se assim, davam mau exemplo e, depois, as outras pessoas queriam saber cada vez menos de Deus.

Pois bem: foi com as coisas assim que, numa noite, sucedeu algo de extraordinário a Samuel que, nessa altura, talvez tivesse mais ou menos a vossa idade. E que aconteceu?

3. Olhem para as velas em cima da mesa... Quantas são, hoje?...

Pois bem: são quatro, por causa do que aconteceu a Samuel.

Hão-de reparar que, nesta história que vão ler, há um acontecimento que tem lugar quatro vezes. Mas isso, tendes de ser vós a descobrir.

E hoje vamos fazer a nossa leitura de um modo um pouco diferente. Hoje, quero que sejais vós a ler tudo. Porquê?...

Porque a história podia passar-se convosco. Não se esqueçam: a história passa-se com Samuel, quando ele tinha, mais ou menos, a vossa idade.

Por isso, eu proponho que, primeiro, cada um de vós leia para si a história. Onde é que ela vem contada? – Nesse primeiro livro de Samuel, capítulo terceiro, versículos 1 a 10.

Enquanto as crianças procuram a passagem e a lêem, o catequista afixe, na parte superior da folha-rolô, o dístico “1 Sam 3, 1-10” e acenda as quatro velas que envolvem a Bíblia.

Após dar algum tempo às crianças para a leitura pessoal, pergunte:

Já todos leram?... E leram com atenção?...

Então, já descobriram o significado das quatro velas acesas em volta da Bíblia.

Alguém tem uma ideia?...

Após as respostas das crianças, e adaptando-se a elas, o catequista pergunte:

O que se passou com Samuel foi de dia ou de noite?...

E porquê de noite?...

Sim, foi quando ele estava a dormir. A noite é para dormir.

Mas a noite pode ter um outro significado. Qual será?...

Pode significar a escuridão, as trevas. Na escuridão não vemos para onde ir.

Era o que, então, estava a acontecer com o povo: como não queriam saber de Deus, não se comportavam como devia ser, estavam a viver na escuridão.

E quem acabou com aquela escuridão?...

Foi Deus. Apareceu, falando a Samuel. E chamou por ele quantas vezes?...

Quatro vezes, como quatro são as velas que hoje temos em volta da Bíblia.

As velas significam a voz, a Palavra de Deus que veio iluminar Samuel.

Ele já estava junto da Arca da Aliança. Mas, talvez ainda não compreendesse bem o que aquela arca significava. Precisava de ouvir a voz de Deus a chamar por ele. Mas, para quê? – Para que ele fosse iluminar o povo.

Será que isto tem a ver connosco?...

Vamos ver. Sois vós que ides ver. Como disse há pouco, hoje quem vai fazer toda a leitura sois vós. Eu só indico o princípio e o fim.

Primeiro, temos de saber quantos leitores são precisos. Quantas pessoas entram na história?...

O jovem Samuel, o sacerdote Heli e... Deus, que chama por Samuel.

Mas ainda falta uma quarta pessoa...

Exactamente: é o narrador, aquele que conta a história.

Vamos então distribuir os quatro papéis.

Após a distribuição:

Cada um dos quatro leitores só lê, em alta voz, as palavras que lhe pertencem:

– O/a (*nome*) lê a história, isto é, faz de narrador;

– O/a (*nome*) lê as palavras de Deus;

– O/a (*nome*), as palavras de Samuel;

– E o/a (*nome*), as palavras ditas por Heli.

Estes quatro meninos/as, para ler, põem-se de pé, mas podem ficar nos seus lugares. Os outros ficam sentados e podem seguir a história pelas suas Bíblias.

Mas ainda precisamos de mais um de vós. Sabem para quê?...

Para vir aqui à frente e, durante a leitura, segurar a Bíblia, que está em cima da arquinha da aliança, voltando-a para os outros. Mostra assim que é da Bíblia, junto da Arca da Aliança, que Deus também nos fala a nós.

4. *Depois de uma criança estar a segurar a Bíblia na posição indicada, o catequista, se forem muitas as crianças e o lugar o permita, pode convidar mais quatro para segurarem as velas. Segue-se a leitura de 1 Sam 3, 1-10:*

Catequista:

Leitura do Primeiro livro de Samuel:

Criança (narrador):

**O jovem Samuel servia o Senhor
sob a direcção do sumo sacerdote Heli.
Nesse tempo, a palavra do Senhor fazia-se ouvir raras vezes
e as visões não eram frequentes.
Certo dia, Heli estava deitado nos seus aposentos;
os seus olhos tinham enfraquecido e mal podia ver.
A lâmpada de Deus ainda não se tinha apagado
e Samuel dormia no templo do Senhor,
no lugar onde se encontrava a arca de Deus.
O Senhor chamou Samuel e ele respondeu:**

Criança (Samuel):

Aqui estou.

Criança (narrador):

E, correndo para junto de Heli, disse:

Criança (Samuel):

Aqui estou, porque me chamaste.

Criança (narrador):

Mas Heli respondeu:

Criança (Heli):

**Eu não te chamei;
torna a deitar-te.**

Criança (narrador):

**E ele foi deitar-se.
O Senhor voltou a chamar Samuel.
Samuel levantou-se, foi ter com Heli e disse:**

Criança (Samuel):

Aqui estou, porque me chamaste.

Criança (narrador):

Heli respondeu:

Criança (Heli):

**Não te chamei, meu filho;
torna a deitar-te.**

Criança (narrador):

**Samuel ainda não conhecia o Senhor,
porque, até então, nunca se lhe tinha manifestado a palavra do Senhor.
O Senhor chamou Samuel pela terceira vez.**

Ele levantou-se, foi ter com Heli e disse:

Criança (Samuel):

Aqui estou, porque me chamaste.

Criança (narrador):

Então Heli compreendeu que era o Senhor que chamava pelo jovem.

Disse Heli a Samuel:

Criança (Heli):

Vai deitar-te;

e se te chamarem outra vez, responde:

«Falai, Senhor, que o vosso servo escuta».

Criança (narrador):

Samuel voltou para o seu lugar e deitou-se.

O Senhor veio, aproximou-se

e chamou como das outras vezes:

Criança (Deus):

Samuel, Samuel!

Criança (narrador):

E Samuel respondeu:

Criança (Samuel):

Falai, Senhor, que o vosso servo escuta.

Catequista:

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Após a Bíblia estar em cima da arca e as crianças se sentarem:

Leram muito bem.

Mas, ler bem a Bíblia não é só pronunciar bem as palavras. Ler bem é deixar que elas entrem em nós, no nosso coração. E nunca mais se esquecer delas. É dizer como Samuel:

O catequista afixe, no livro/rolo, o dístico “Fala, Senhor: o teu servo escuta”, deixe contemplar e diga:

Foi assim que Samuel respondeu, quando Deus o chamou. Digam todos comigo:

“Fala, Senhor: o teu servo escuta”.

Servo, porquê?...

Um servo é aquela pessoa que se dispõe a servir: é toda ouvidos para quem lhe fala e está disposta a fazer aquilo que lhe é pedido.

E repararam como dizemos a Deus: Senhor. Queremos servi-l’O, porque é Ele quem mais nos ama e nós, por isso, chamamos-lhe Senhor.

Agora digam-me: conhecem mais pessoas que Deus chamou e lhe responderam assim? Este ano, já ouvimos aqui pelo menos duas histórias parecidas com esta do Samuel: histórias de pessoas a quem Deus chamou e se prontificaram a fazer o que Deus lhe pedia. Quem se lembra?...

Após as respostas das crianças, e adaptando-se a elas:

– A última pessoa, chamada por Deus, que vimos aqui, foi na última catequese: Moisés. Também então Deus chamou por ele, dizendo duas vezes o seu nome: Moisés, Moisés! E Moisés respondeu como Samuel dizia a Heli: “Aqui estou!” – Aqui estou para te ouvir.

– Mas Deus pode chamar de outras maneiras. Como é que Jesus chamou os seus discípulos, aqueles que andavam com João Baptista?...

Neste caso, foi através de João... e do olhar de Jesus. Deve ter sido um olhar com muito amor, para eles logo O seguirem!

E, como nestes três casos, tem sucedido o mesmo com muitas, muitíssimas outras pessoas. Olhem: todos os cristãos são chamados por Deus, através de Jesus ou outras pessoas amigas de Jesus. Todos são chamados e várias vezes ao longo da vida. Também nós.

Só que nem todos respondem como Samuel ou Moisés ou aqueles discípulos de João Baptista.

Mas, nós queremos responder como eles. E já o temos feito. Não é por isso que estamos aqui na catequese?

2. Eu acho que hoje, depois de ouvirmos a história de Samuel, um menino mais ou menos da vossa idade, temos de responder, mais uma vez ao chamamento do Senhor. Estão de acordo?...

Vamos fazer assim

– Eu vou chamar por cada um de vós, dizendo o nome. Aquele ou aquela que eu chamar, põe-se de pé e diz: “**Aqui estou!**”.

– Depois vem aqui à frente, junto da Bíblia, e diz ao Senhor as palavras que disse Samuel e estão escritas no placar: “**Fala, Senhor: o teu servo escuta!**” As meninas naturalmente dizem: “**a tua serva**”.

– E, a seguir, cada um tira uma das folhas com “A Palavra de Deus na minha vida” que estão aqui em cima da mesa e vai para o seu lugar. O último de vós, depois de estar no seu lugar, chama por mim, dizendo também o meu nome, para também eu fazer o mesmo.

Antes de começarmos e depois de acabarmos, cantamos o *cântico*:

“Tu tens palavras de vida eterna”.

Este *cântico* ajuda-nos a responder ainda com mais convicção: a quem tem palavras de vida eterna, não podemos responder com um não ao seu chamamento.

– *Cântico*: “**Tu tens palavras de vida eterna**” (*refrão e 13ª estrofe*).

– *Chamamento das crianças*:

Se forem muitas e o tempo escasso, pode fazer-se em pequenos grupos: depois da resposta pessoal, juntam-se à frente, da mesa e, ao mesmo tempo, dizem: “Fala, Senhor: o teu servo (ou: a tua serva) escuta!”

– *Cântico*: “**Tu tens palavras de vida eterna**” (*refrão e 12ª ou outra estrofe*).

3. Compromisso

Foi linda a nossa resposta ao chamamento do Senhor, não foi?

Agora temos de a pôr em prática. Para isso, receberam mais uma folha com “A Palavra de Deus na minha vida”. Para fazer o quê? Eu proponho que façam duas coisas até à próxima catequese:

– Primeiro: cada um de vós vai descobrir quando é que o Senhor chamou por vós, pela primeira vez, para O seguirem.

A maior parte de vós, se calhar, ainda era muito pequenino. Ainda nem sequer sabia falar. Nessa altura foram os pais que, com o amor que vos têm, quem respondeu. Mas vós, hoje, estais de acordo com a sua resposta. E a prova disso é que estais aqui e hoje respondestes mais uma vez.

Pois é esse primeiro chamamento – o do Baptismo – que ides descrever na vossa folha. Podeis escolher o título que quiserdes: por exemplo, “o meu primeiro chamamento” ou então o vosso nome, já que foi pelo nome que fostes chamados.

Depois escrevem o dia, quem estava lá, quem chamou por vós, etc.. E o que hoje sentis com esse primeiro chamamento.

Naturalmente, podem pedir a ajuda dos vossos pais ou outras pessoas, como os avós. E podem também ir ao catecismo que tiveram no 2º ano. Lá, já escreveram alguns dados sobre este vosso primeiro chamamento.

– Falta a segunda coisa que também vão escrever. É isto: para que é que o Senhor nos chama. Não é só para O seguirmos e escutarmos a sua palavra. Depois disso, o Senhor quer que façamos mais alguma coisa. O que será?...

Vejam o que fez Samuel. Isto é, leiam mais algumas páginas dos livros da Bíblia que falam dele: o Primeiro e o Segundo Livro de Samuel. Descubram o que ele fez e ficam a saber o que, talvez, o Senhor queira de cada um de nós.

Depois, escrevam isso também nas vossas folhas. E tragam-nas, preenchidas, para a próxima catequese. Estou para ver quem o vai fazer. Isto é, quem responde, de verdade, ao chamamento do Senhor.

Para que o façais:

Ide em paz

e que o Senhor vos acompanhe.

Crianças:

Graças a Deus.

4. Para guardar na memória e no coração:

A Palavra do Senhor

“é farol para os meus passos

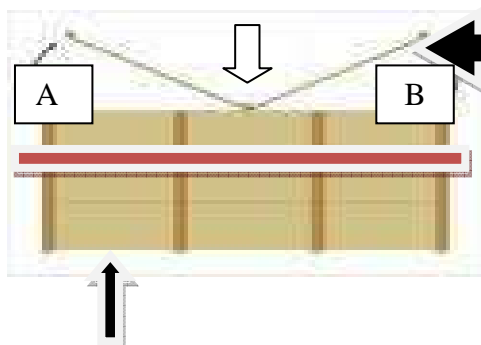
e luz para os meus caminhos”:

“Fala, Senhor: o teu servo escuta”.

(Sl 118/119, 105; 1 Sam 3, 10).

DOCUMENTO 1

Modelo para preparar a arca a partir de uma caixa com tampa, de base rectangular:



Dobre a tampa ao meio; fixe a aresta A com cola ou fita cola; mantenha a aresta B levantada instalando um lápis em cada canto e fixando-os com fita cola à parede da caixa; cubra com uma almofada fina ou forre com papel de veludo.

Forre a caixa com dois tons de papel de cor ou pinte-a, para simular as barras de madeira.
Se tiver oportunidade, coloque as pegas laterais que serviriam para o seu transporte (tubos de cartão forrados com papel metalizado dourado)

Catequese 14

“O SENHOR É MEU PASTOR”

(SI 22/23, 1)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Profetas – pessoas incómodas

Popularmente, são mais conhecidos como pessoas que predizem o futuro. Uma espécie de adivinhos. Mas, nem sequer o termo, na sua origem grega, tinha inicialmente esse sentido: *Profêtês* começou por indicar o porta-voz de uma divindade perante o povo. Mas, como nos lugares em que alguns deles actuavam (por exemplo, em Delfos, na Grécia antiga) se procurava, acima de tudo, conhecer o futuro (que, ainda hoje, tantas dores de cabeça nos causa), só por isso é que o termo adquiriu o sentido secundário de previsor.

É possível que, para esta acepção, tenha contribuído também uma interpretação cristã da missão dos profetas do Antigo Testamento: a de que Deus os enviou para vaticinarem e prometerem o Messias futuro. Uma interpretação, porém, que a própria Bíblia contradiz: nela, são relativamente poucos os textos exclusivamente messiânicos, provenientes de profetas. O que não impediu que, posteriormente, muitos outros textos do Antigo Testamento tenham sido aplicados pelos cristãos a Jesus Cristo – e bem – como plenitude da revelação de Deus.

Já o correspondente termo hebraico mais frequente no Antigo Testamento – *nabi* – significa o chamado (por Deus) para ser chamador (do povo). Uma missão, já então, incómoda, antes de mais, em relação a quem o profeta era enviado por Deus. Aqueles que, na Bíblia, ficaram reconhecidos como tal (porque falsos profetas, sempre os houve), esses tornaram-se necessários como voz crítica, vinda de Deus, para corrigir instituições políticas e culturais de sucessivos desvios da sua missão em favor do povo. Por isso, o profetismo teve o seu período áureo no tempo da monarquia (a partir do séc. XI) e aí, principalmente, em dois dos períodos mais atormentados da existência de Israel: quando foram destruídos, respectivamente, os reinos do norte (722) e do sul (587).

Foi sobretudo então que estes homens de Deus questionaram o *status quo* em que se estava a cair. E isto, em duas perspectivas, conforme a situação:

– Como críticos, confrontavam o presente com o passado histórico: desmascaravam o modo como principalmente os detentores de maiores responsabilidades actuavam – como uma negação das origens e, conseqüentemente, da identidade do povo, que assim corria sério perigo de desaparecer. Quando isso veio de facto a acontecer, então passaram a actuar sobretudo:

– Como visionários, olhando para o futuro: não se resignavam a desgraças, mas no meio delas, anunciavam um mundo novo, no qual não só seria ultrapassada a realidade presente (e passada), mas em que a história atingiria a sua consumação final.

Relativizavam assim quer o poder dos poderosos quer a impotência dos fracos. E sempre em nome do mesmo Deus Criador e Senhor da história, por quem eram permanentemente incomodados. Sim, a sua vida não foi fácil. Deparam-se com constantes incompreensões, mesmo da parte do povo mais simples, e até com violentas

perseguições, vindas sobretudo dos detentores do poder. E teriam ficado para sempre marginalizados, se a história não lhes viesse a dar razão, como, de facto, aconteceu.

Foi então que as suas palavras acabaram por ser aceites e até religiosamente conservadas, principalmente naquela parte do Antigo Testamento, a que hoje chamamos:

2. Os Livros Proféticos

São ao todo dezasseis: primeiro, os quatro maiores; a seguir, os doze menores (excluindo alguns que estão agregados aos maiores). Mas não incluem a obra de todos os profetas. Outros houve que são referidos noutros livros bíblicos: por exemplo, de Moisés, reconhecido também como profeta, fala-se no Pentateuco; e de Samuel, Elias e Eliseu (entre outros), nos chamados Livros Históricos (aos quais, por isso, os judeus preferem chamar “Profetas Anteriores”). A diferença maior é esta: nos Livros Históricos, estão a vida e obra, sobretudo, dos profetas mais antigos; nos Livros Proféticos, está a obra dos posteriores e são muito escassos os dados biográficos.

Mas uns e outros foram redigidos, pelo menos definitivamente, em épocas, nalguns casos, muito posteriores àquelas em que esses profetas viveram: depois e como consequência da destruição de Jerusalém (587) e do exílio, principalmente na Babilónia, que se seguiu. Foi no meio desse desastre que, a princípio, alguns dos sobreviventes e, depois, a grande maioria dos restantes se aperceberam da verdade das anteriores profecias: afinal os profetas tinham razão. Mais: afinal a catástrofe tinha sido prevista e, como tal, pelo menos permitida por Deus, através dos seus mensageiros. Havia, portanto, que redobrar na confiança nesse mesmo Deus – acolhendo, finalmente, a sua mensagem, tal e qual a havia transmitido a esses seus enviados.

Foi neste contexto e com esta finalidade que todas as profecias foram sendo recolhidas e definitivamente reunidas em livros. Em muitos casos, já haveria colecções delas, provenientes de pessoas que, directa ou indirectamente, tinham convivido com esses profetas e procuraram que as suas palavras se não perdessem. Agora, pelas razões vistas, tornavam-se imensamente mais preciosas: com elas se poderia garantir o futuro do povo de Deus e ajudá-lo a manter-se como tal.

Percebe-se assim qual era o objectivo da redacção das profecias, em todas as suas fases: não eram escritas para satisfazer a curiosidade dos vindouros, mas para actualizá-las, adaptando-as a novas situações sócio-religiosas. Como na altura em que originariamente foram proferidas tinham sido determinantes para a história do povo de Deus, também nas fases em que foram fixadas por escrito deveriam responder a novos problemas.

Devido a esta permanente actualização, os textos foram, em muitos casos, sendo acrescentados de novos textos. Um dos livros onde isso mais se nota é o de Isaías: para além das profecias do profeta conhecido por esse nome e que viveu no séc. VIII a.C. em Jerusalém (Is 1-39), estão nele contidas também as profecias de um outro profeta que actuou entre os deportados para a Babilónia, próximo do fim do exílio (Is 40-55), e ainda as de um terceiro que actuou em Jerusalém imediatamente a seguir ao fim do exílio, portanto depois de 538 (Is 56-66). Sem esquecer que, pelo meio, se encontram textos ainda mais posteriores, sobretudo no que toca ao Primeiro Isaías.

De resto, todos os livros proféticos obedecem a um esquema mais ou menos idêntico: a uma primeira parte com profecias de condenação, segue-se uma segunda parte com anúncios de salvação. No livro de Ezequiel (constituído profeta depois de ter sido exilado para a Babilónia) são, respectivamente, os capítulos 1-32 e 33-48. Faz, portanto, parte da mensagem de salvação, originariamente dirigida aos exilados, aquilo que está escrito em **Ez 34, 1-31**, sobre:

3. Deus como único pastor do seu povo

A imagem do pastor é antiquíssima. Existe, quase se poderia dizer, desde que o homem é homem; ou, pelo menos, desde que precisou de juntar e manter em rebanhos os animais dos quais recebia meios de subsistência, como o leite e a carne, a pele e a lã. Como, mesmo assim, sentia que a sua vida estava sujeita a contingências e perigos que as capacidades humanas eram insuficientes para debelar, começou a chamar pastores a divindades, reconhecidas como detentoras de todas as fontes de vida.

A imagem aparece-nos de vários lados na antiguidade: pelo menos, desde a Mesopotâmia ao Egito e à Grécia. E dos deuses passou aos reis, muitos deles considerados de ascendência divina e, como tal, responsáveis máximos pela ordem do mundo.

Talvez tenha sido por causa desta visão da monarquia que a imagem só foi adoptada em Israel a partir dos profetas Jeremias e Ezequiel. Mas, desde então, com relativa frequência, tanto em relação ao rei e à restante classe dirigente como, sobretudo, a Deus. No referido texto de Ezequiel isso é claro: tendo os responsáveis terrenos pela vida do povo falhado na sua missão de o apascentar, como era seu dever, por isso o rebanho foi disperso e se tornou presa de ferozes animais selvagens provenientes da Babilónia (34, 1-6); e, por essa mesma razão, o Senhor, como verdadeiro proprietário do rebanho, vai assumir também a tarefa de o apascentar (34, 7-10), fazendo-o antes de mais, regressar dos lugares onde se encontra disperso para a sua terra, em Israel (34, 11-16).

Para os exilados era uma mensagem de esperança: Deus, o Senhor, não tinha esquecido o seu povo e haveria de restabelecê-lo numa paz e integridade semelhantes àquelas que, no passado, lhe havia proporcionado depois de o libertar da escravidão do Egito. Ou seja, Ezequiel baseava-se no acontecimento salvífico fundacional. Afinal, as condições em que o povo vivera no Egito tinham sido bem piores; e o Deus que então se revelara como Aquele que é ou existe, não podia negar-se a si mesmo. Mas, por enquanto (em pleno exílio), as palavras do profeta não passavam de uma promessa... cheia de esperança bem fundamentada.

É possível que só depois de se ter tornado realidade – com o fim do exílio em 538 – só então tenha sido escrito o restante texto: 34, 17-22, onde se estabelecem regras para uma sã convivência entre os membros do povo; e 34, 23-31, com a promessa de um descendente de David, um Ungido ou Messias, para dirigir os destinos do povo.

Sobretudo este último ponto teve realização plena em Jesus Cristo – como o bom pastor que, ao dar a vida pelas suas ovelhas, vai infinitamente mais além do que qualquer pastor terreno é capaz de fazer (Jo 10, 1-21). Por isso é d'Ele e para Ele que vivem os pastores que, até aos nossos dias, têm a missão de conduzir a sua Igreja... também como profetas.

OBJECTIVOS

- Prosseguir no conhecimento do Antigo Testamento, com os Livros Proféticos;
- Descobrir o amor de Deus, na imagem do Pastor do seu Povo;
- Comprometer-se a aprofundar a fé pela leitura da Sagrada Escritura.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. De acordo com a divisão e ordem dos livros do Antigo Testamento na Bíblia cristã, esta catequese deveria ocupar-se dos Livros Sapienciais, que aparecem a seguir aos Livros Históricos, vistos na catequese anterior. A inversão na ordem justifica-se por duas razões: pela ligação entre os profetas de que se fala nos Livros Históricos (o caso

de Samuel) e aqueles que integram os Livros Proféticos; e pela ordem cronológica em que foram surgindo as sucessivas partes da Bíblia: os Livros Sapienciais foram os últimos a serem, pelo menos, reconhecidos como sagrados.

2. Convém lembrar, mais uma vez, que na leitura dos textos bíblicos não é de primária importância a compreensão de todo o texto. Mesmo para os peritos, a compreensão é sempre limitada. O fundamental é que os leitores e ouvintes se apercebam do essencial e, sobretudo, o saibam inserir na sua vida de fé.

3. É nessa perspectiva que são propostos às crianças mais textos para elas lerem durante a semana. O catequista incentive-as a isso. E descobrirá que as crianças são capazes de muito mais do que parecem poder. E que bom será, se elas, pouco a pouco, fizerem da Bíblia o livro da sua vida!

4. Sem perder isso de vista, o catequista deve, entretanto, adaptar-se à capacidade compreensiva das crianças do seu grupo. Nesse sentido, não tem necessariamente de expor tudo o que é apresentado no Desenvolvimento da Catequese. Nesta, por exemplo, pode resumir o que se encontra nos pontos 2 e 3 da Experiência Humana, acerca dos Profetas e dos Livros Proféticos. O mais importante vem a seguir, sobretudo no ponto 2 da Palavra. Mas, mesmo neste ponto 2, pode ler-se apenas o que está previsto para o terceiro leitor (Ez 34, 11-16), depois de o catequista resumir os textos anteriores.

MATERIAIS

- Folha-rolô (catequese anteriores);
- Dísticos: “PENTATEUCO” e “LIVROS HISTÓRICOS” (catequese anteriores);
- Dísticos: “LIVROS PROFÉTICOS”; “Ez 34, 1-16”; “O Senhor é meu pastor: nada me faltará” e “Jo 10, 1-18”;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças desde a catequese anterior;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, uma para cada criança;
- 4 velas (catequese anterior);
- Bíblia de mesa;
- Bíblias das crianças;
- Canetas/esferográficas.

MÚSICAS

- “A vossa palavra, Senhor”;
- “O Senhor é meu pastor” (P. Manuel Luís);
- Gravação da música anterior (se necessário).

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**: ao centro, a folha-rolô; à esquerda e à direita, respectivamente, os dísticos “PENTATEUCO” e “LIVROS HISTÓRICOS” (catequese anterior).
- Sobre a **mesa**: a Bíblia, rodeada de quatro velas (catequese anterior), apagadas.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. O catequista chame, pelo nome, uma criança que habitualmente realize as tarefas propostas no compromisso. Adaptando-se à sua reacção, diga-lhe:

(Nome), estava à espera que, ao chamar pelo teu nome, tu me respondesses com as palavras “Aqui estou!” Sabes porquê?...

Isso mesmo: foi assim que respondeu Samuel, quando o Senhor o chamou. E lembras-te de mais alguém que tenha respondido ao Senhor do mesmo modo?...

Foram tantas pessoas. Vimos Moisés, os discípulos de João Baptista que seguiram Jesus e...

E tu? (nome)? Também tu tens respondido: “Aqui estou!”, sempre que o Senhor chama por ti?

Diz-me lá se fizeste, em casa, o que propus a todos na última catequese?...

Se a resposta for positiva:

Então, respondeste: “sim” ao Senhor.

Se a resposta for negativa:

Quem de vós disse “sim” e fez o que combinámos aqui?

Dirigindo-se, conforme o caso, à primeira criança ou a uma das outras:

Então, mostra lá o que escreveste na tua folha com “A Palavra de Deus na minha vida”.

Quando é que o Senhor chamou por ti, pelo teu nome, a primeira vez?...

Deixar que a criança exponha brevemente os dados sobre o seu Baptismo. No fim, o catequista convide-a:

Já que respondeste tão bem ao chamamento do Senhor no teu Baptismo e aqui na catequese – então vem aqui à frente...

E agora acende **uma das velas** em volta da Bíblia.

Depois de a criança voltar para o seu lugar, o catequista dirija-se a outra:

E tu, (nome)? És capaz de responder como Samuel?...

Muito bem: “Aqui estou!” E também fizeste como o/a (nome) que tão bem escreveu a sua folha?...

Se a criança não o fez, o catequista proceda como antes, interpellando o grupo até encontrar uma que tenha, pelo menos, pensado na tarefa proposta. Depois peça-lhe:

Então, conta lá como foi que o Senhor te chamou, pela primeira vez...

*Após a exposição, o catequista convide a criança a acender uma **outra vela**, do lado oposto à que foi acesa antes. Depois de voltar ao seu lugar:*

Já temos duas velas acesas em volta da Bíblia! Já podemos cantar um **cântico** que conhecemos de outros anos e que vem mesmo a propósito do que estamos a fazer:

“A vossa Palavra, Senhor, é luz dos meus caminhos”.

E é mesmo: é luz para o/a (nome) e o/a (nome), que acenderam as duas velas, e para todos os outros que estão atentos à Palavra de Deus e se deixam guiar por ela.

Então digamos isso mesmo ao Senhor. De pé... Com as folhas nas mãos estendidas...

E voltados para a Bíblia... Cantemos:

“A vossa Palavra, Senhor” (refrão e 1ª estrofe).

2. Após as crianças se sentarem:

As outras velas serão acendidas mais tarde.

É que ainda não vimos se cumpriram a outra tarefa que vos propus. Para que é que o Senhor chama cada um de vós? Será apenas para escutar a sua palavra e estar com Ele, sem mais nada?...

Alguém se lembrou de ver o que aconteceu com Samuel, depois de o Senhor o chamar e ele responder: “Fala, Senhor: o teu servo escuta”?...

Depois de as crianças responderem, e adaptando-se às respostas:

Podem abrir as vossas Bíblias no Primeiro Livro de Samuel, na mesma página que fala do seu chamamento, a sua vocação, isto é, no capítulo terceiro...

Após todas as crianças terem encontrado a página indicada, o catequista peça a uma: (Nome), lê o que está escrito no versículo 19 (1 Sam 3, 19)...

Depois da leitura:

Estão a ver? – “Samuel ia crescendo e o Senhor estava com ele”. O Senhor está com todos os que escutam a sua Palavra.

Por isso é que Samuel foi capaz de realizar o que vós dissestes acerca dele (*o catequista, se for o caso, refira algumas das coisas ditas para crianças*).

Mas, além disso, fez muitas outras coisas. Já repararam quantos livros da Bíblia falam de Samuel?...

São pelo menos dois: o Primeiro e o Segundo livro de Samuel. Aí se conta, por exemplo, como é que Samuel ungiu como rei, primeiro, Saul e, mais tarde, David. Sobretudo David foi um grande rei. Foi com ele que Israel se tornou um grande povo.

David foi tão importante, que, muitos séculos mais tarde, até chamaram a Jesus, imaginem: “Filho de David”. Filho, aqui, quer dizer descendente. O que Jesus, o Messias ou Ungido, fez, foi, nalgumas coisas, parecido com o que tinha feito David. Noutras, claro, foi muito melhor.

O que nós, hoje, sabemos de David e de outros reis que se lhe seguiram, está escrito nos livros da Bíblia a que chamamos (*apontando para o placar*) “Livros Históricos”.

Algun de vós contou quantos livros são ao todo?...

Podemos ver no índice das nossas Bíblias...

O catequista indique a página e peça a uma criança (ou mais) que leia os títulos dos livros. Depois diga:

São, ao todo, dezasseis livros. É impossível vermos, agora, o que está escrito em cada um. Mas, pelo menos, ficam a saber quantos são – 16 – e onde se encontram na Bíblia.

3. Mas voltemos ao Primeiro Livro de Samuel, no capítulo 3, onde estávamos antes...

Depois de as crianças encontrarem 1 Sam 3:

Para percebermos como é que Samuel foi capaz de fazer tudo o que a Bíblia conta dele, leiam, ainda no capítulo terceiro, o versículo 20 e 21 (*1 Sam 3, 20-21*). Podes ler tu, (*nome*).

Após a leitura:

“Dan” e “Bercheba” são nomes de duas terras. Mas o mais importante aqui é o que o povo dizia de Samuel, por Deus lhe aparecer e lhe manifestar a sua Palavra. Reparem no versículo 20: o que é que as pessoas reconheciam em Samuel?...

O que era um “profeta do Senhor”? Alguém sabe?...

Profeta era, antes de mais, um grande amigo de Deus: alguém a quem Deus aparecia e com quem falava. Mas para quê?...

Vem indicado na palavra “Profeta”. O que é que querará dizer “Profeta”?

Não é uma pessoa que prevê o que vai acontecer no futuro. Às vezes chama-se profeta a uma pessoa assim. Mas não é bem isso. Ou melhor: não é principalmente isso.

Reparem: Profeta é uma palavra composta de “pró” e “feta”. “Feta” quer dizer “o que fala”; e “pró” significa “em vez de” ou “no lugar de” alguém. Profeta diz-se de quem “fala no lugar ou em nome” de Deus. É uma pessoa que Deus chama para lhe falar e depois para dizer ou fazer aos outros o que Deus lhes quer transmitir. Olhem, na Bíblia até se chama ao profeta “a boca de Deus”. O profeta como que empresta a Deus a sua boca, para Deus falar aos outros através dele.

Pois bem, Samuel foi uma dessas pessoas. Mas houve muitos outros profetas. De alguns já falámos aqui. Por exemplo, Moisés também era um profeta. E, aqui nos Livros Históricos da Bíblia, aparecem mais. Há dois muito importantes: Elias e Eliseu. O que eles fizeram está escrito no Primeiro e no Segundo Livro dos Reis.

Os profetas foram chamados por Deus. E, para Deus, devemos ser “todos ouvidos”, isto é, ouvi-l’O com muita atenção. Por isso é que a Bíblia é tão importante para nós. Muito do que nela está escrito, ou foi dito por profetas ou foi escrito por pessoas que ouviram o que muitos profetas disseram e, depois, foi escrito.

Até há uma parte da Bíblia, no Antigo Testamento, que tem um nome que vem de profeta. São os...

O catequista afixe, ao alto do placar (acima da folha-rolo), o dístico “LIVROS PROFÉTICOS”, deixe contemplar e explique:

Os “LIVROS PROFÉTICOS” são livros que têm as palavras de profetas. Por isso é que se distinguem dos outros; por exemplo, do Pentateuco e dos Livros Históricos. Nos Livros Proféticos está só o que alguns profetas disseram e, até, escreveram.

Podem abrir lá as vossas Bíblias. Quem primeiro encontrar, pode dizer a página aos outros. Para ser mais fácil, digo qual é o primeiro desses livros: é o do profeta Isaías...

Depois de todas as crianças terem encontrado:

Se calhar, já repararam que os Livros Proféticos são os últimos do Antigo Testamento. Mas não foram os últimos livros a serem escritos. Pelo menos alguns dos livros que vêm antes foram escritos depois dos livros proféticos. Mais tarde, talvez na próxima catequese, irei explicar por que razão os Livros Proféticos vêm em último lugar.

Hoje e para já, vamos ver alguns dos mais importantes. Olhem, os maiores são os primeiros quatro. Chamamos-lhe mesmo assim: “Profetas Maiores”.

Depois desses quatro, temos a maior parte dos chamados “Profetas Menores”. Os maiores são quatro e os menores são doze, pelo menos em muitas Bíblias.

Já repararam como se chama o primeiro dos Maiores?...

E já falámos aqui de Isaías. É ele quem nos fala do Emanuel, lembram-se? É no capítulo sétimo...

Como estão a ver, este livro é muito grande. Nalgumas Bíblias até está dividido em três partes: o Primeiro, o Segundo e o Terceiro Isaías.

Passemos ao livro do Profeta, que vem a seguir. Como se chama?...

Exacto: Jeremias. Também é muito grande e tem um outro pormenor: é logo seguido de dois livros que vêm aí porque estão muito ligados ao livro de Jeremias. Vejam lá se os descobrem...

O Livro das Lamentações vem aí, porque o que nele está escrito deve-se a um acontecimento que entristeceu muito o profeta Jeremias. Daqui a pouco, veremos que acontecimento foi esse. Depois dos Livros das Lamentações, vem o Livro de Baruc...

Este livro está aí, porque Baruc foi secretário de Jeremias.

Passemos à frente, até chegarmos ao terceiro Profeta Maior, depois de Isaías e Jeremias... Já encontraram?...

É o Livro do profeta Ezequiel. Depois vem o de Daniel, o último dos Profetas Maiores. Hoje, vamos ficar no livro de Ezequiel. É dele que iremos ler um texto muito bonito.

II. PALAVRA

1. Mas, antes de vermos que texto é, tenho de explicar algumas coisas sobre este profeta: quem era, onde viveu, o que fazia antes de ser profeta e, sobretudo, o que acontecia com o povo nessa altura. Este ponto – o que aconteceu com o Povo de Deus – é muito importante.

Olhem é por causa disso que, hoje, falta aqui na mesa uma coisa que estava lá, na última catequese. Já repararam bem no que falta aqui?...

É a arca que estava por baixo da Bíblia e que nos lembrava o quê?...

A Arca da Aliança, onde estavam guardados, o quê?... Os Dez Mandamentos que o Povo tinha de cumprir para fazer a vontade de Deus e ser feliz.

Pois bem: a Arca da Aliança desapareceu no tempo do Profeta Ezequiel. Provavelmente foi queimada. Que horror! Queimar a Arca da Aliança, tão importante para o Povo de Deus! Quem é que a terá queimado?...

Foi mesmo um horror aquilo que então sucedeu. Eu conto:

No tempo de Ezequiel, cerca de seis séculos antes de Jesus, a Palestina, onde viviam os judeus, foi assaltada e invadida por uns exércitos estrangeiros. Vinham de uma terra chamada Babilónia. Depois de destruírem muitas terras, foram cercar a cidade de Jerusalém, que era a capital.

Durante algum tempo, os habitantes ainda resistiram. Mas, depois, esses exércitos conseguiram penetrar pelas muralhas da cidade e destruíram quase tudo: muitas casas, as muralhas e o templo, onde estava guardada a Arca da Aliança e o povo se reunia para rezar. Roubaram muitas coisas do templo e destruíram-no por completo. Assim é que a Arca da Aliança desapareceu para sempre. Uma desgraça!

E o que é que aconteceu com o povo? As pessoas mais importantes, e muitas outras que não morreram então, foram levadas como prisioneiros para a Babilónia. Entre essas pessoas, foi também um jovem chamado Ezequiel. Ezequiel era, até então, um sacerdote do templo.

Uma desgraça, um horror! Teria Deus abandonado o seu povo? Deus, que tinha prometido a Moisés que estaria para sempre com o seu povo? Afinal onde estava Ele, o Senhor, quando fizeram tanto mal ao seu povo? Havia, já então, muita gente a perguntar isto.

Mas não. Mesmo naquela desgraça, Deus não abandonou o seu povo. E uma prova disso foi o que Ele fez com Ezequiel. Chamou-o para seu profeta.

E, como profeta, Ezequiel iria mostrar aos seus concidadãos na Babilónia duas coisas:

– Primeiro, que Deus não se tinha esquecido deles. Iria salvá-los daquela desgraça.

– Mas, segundo, o povo tinha de saber de quem tinha sido a culpa da desgraça, para não voltar a cair nos mesmos erros.

2. É sobre isso que vamos, agora, ler algumas palavras de Ezequiel. Vêm no capítulo 34, versículos 1 a 16. Depois de encontrarem, vão ler, primeiro, cada um para si. Leiam com atenção, para depois lermos em conjunto.

O catequista afixe, na parte superior da folha-rolô, o dístico “Ez 34, 1-16” e pode colocar, como música de fundo, a gravação do cântico “O Senhor é meu pastor”, durante a leitura individual.

Já leram todos até ao fim, isto é, até ao versículo 16?...

Então, já estão preparados para lermos em conjunto. Ou haverá alguma coisa que não entendam bem? Vejam melhor, começando pelo princípio do texto:

– No **versículo 1**: há aí alguma palavra a indicar que Ezequiel é um profeta?

Exacto: Ele diz que o Senhor lhe dirigiu a Palavra. Portanto o que ele diz a seguir vem de Deus.

– Se não, reparem no que está escrito no **versículo 2**: por que razão chama Deus a Ezequiel “**filho do homem**”?... É para indicar a grande diferença entre Deus e ele: Deus é o Senhor e nós somos simples homens ou mulheres. Lembrem-se como Samuel se apresentava?... Servo. Pois Ezequiel quer dizer quase o mesmo com “filho do homem”. Quer dizer que é um simples homem, criado por Deus. E é assim, entregando-se a Deus, que Deus faz dele um profeta. E o que ele vai dizer é “profetizar”, isto é, falar em nome de Deus.

– E vai profetizar contra quem? Que **pastores** são esses de que Deus fala aí, no **versículo 2**? Têm uma ideia?...

Todos sabem o que faz um pastor? Vem logo a seguir: é o homem que apascenta um rebanho, neste caso, de ovelhas. Isto é, cuida delas, para que tenham alimento e bebida, não se percam, sejam curadas quando adoecem. Só assim é que as ovelhas podem dar a lã e o leite que tão bem nos sabe.

Só que o rebanho de que Deus fala aí não é constituído por esses animais a que habitualmente chamamos ovelhas. Aqui rebanho é uma imagem que indica o povo de Deus, o povo de Israel, que também precisa de alimento, segurança, saúde, etc., para viver feliz.

E, neste caso, quem serão os pastores?...

São as autoridades, os responsáveis: o rei e outros dirigentes, os sacerdotes e outras pessoas que cuidaram do povo. Ou deviam cuidar. Porque o mal era esse: em vez de cuidarem do bem do povo, desprezavam-no e até se serviam dele para o seu próprio proveito. E qual foi o resultado? Vamos ver.

Para percebermos ainda melhor, vão ser três de vós a ler:

– O primeiro lê os versículos 1 a 6. Quem se oferece?...

Então, tu (*nome*) lê as palavras que mostram os erros, o mal que faziam aqueles pastores de Israel.

– Depois, vem aquilo que Deus promete fazer a esses pastores: por serem maus pastores, vai tirar-lhes o rebanho. São os versículos 7 a 10. Quem quer ler?...

– E para os restantes versículos, do 11 ao 16?...

Então, tu (*nome*) lê a parte mais importante: o que Deus vai fazer com aquele rebanho, aquele povo disperso e perdido na Babilónia. Aqui é que se vê que Deus, em vez de o abandonar, ainda o amava mais. Ele iria fazer o que os pastores que Ele tinha encarregado de guiar o povo não quiseram fazer.

Portanto, (*nome*) vê lá se lê bem essas palavras...

E, todos os outros, vamos seguir com muita atenção. Não se esqueçam que, agora, é Deus a falar-nos. E a sua palavra é luz nos nossos caminhos.

Para isso, peço a um de vós que venha acender mais uma vela e, depois, a segure, durante a leitura...

E mais um, para segurar a Bíblia, como fizemos na última catequese.

Estando tudo pronto:

Antes de ouvirmos a Palavra do Senhor, levantemo-nos para lhe rezar, cantando o *cântico*:

“A vossa palavra, Senhor” (*refrão e 3ª estrofe*).

Continuem de pé só os que vão ler. Os outros podem sentar-se e acompanhar a leitura pelas suas Bíblias.

Catequista:

Leitura da Profecia de Ezequiel:

1ª criança/leitor (Ez 34, 1-6):

O Senhor dirigiu-me a palavra, dizendo:

«Filho do homem, profetiza contra os pastores de Israel, profetiza e diz a esses pastores:

Assim fala o Senhor:

**Ai dos pastores de Israel,
que se apascentam a si mesmos!**

Não deviam os pastores apascentar o rebanho?

Vós, porém, bebeis o leite,

vestis-vos com a lã,

matais as ovelhas mais gordas,

mas não apascentais o rebanho.

Não fortaleceste as ovelhas débeis,

não tratastes as que andavam doentes,

nem curastes as que estavam feridas.

Não reconduzistes a ovelha tresmalhada,

nem procurastes a que andava perdida,

mas a todas dominastes com crueldade e violência.

Elas dispersaram-se por falta de pastor

e na debandada tornaram-se presa de todos os animais selvagens.

As minhas ovelhas andam errantes por toda a parte,

sobre as montanhas e sobre as colinas,

dispersaram-se por toda a superfície da terra.

Ninguém se interessa por elas,

ninguém as procura.

2ª criança/leitor (Ez 34, 7-10):

Por isso, pastores, escutai a Palavra do Senhor:

Pela minha vida – diz o Senhor Deus –

Eu vos asseguro:

Porque as minhas ovelhas, por falta de pastor,

foram entregues à pilhagem

e se tornaram presa de todos os animais selvagens;

porque os meus pastores não se preocupam com o meu rebanho,

mas apascentam-se a si mesmos,

em vez de apascentarem as minhas ovelhas;
por isso, pastores, escutai a palavra do Senhor:
Assim fala o Senhor Deus:
Eu pedirei contas aos pastores,
vou exigir-lhes que entreguem as minhas ovelhas;
não mais se apascentarão a si mesmos.
Salvarei as minhas ovelhas da sua boca
e elas deixarão de ser uma presa para eles.

3ª criança/leitor (Ez 34, 11-16):

Assim fala o Senhor Deus:
Eu próprio irei em busca das minhas ovelhas
e hei-de encontrá-las.
Como o pastor que vigia o rebanho,
quando estiver no meio das ovelhas que andavam tresmalhadas,
assim Eu cuidarei das minhas ovelhas,
para as tirar de todos os sítios
em que se desgarraram num dia de nevoeiro e de trevas.
Arrancá-las-ei de entre os povos
e as reunirei dos vários países,
para as reconduzir à sua própria terra.
Apascentá-las-ei nos montes de Israel,
nas ribeiras e em todos os lugares habitados do país.
Eu as apascentarei em boas pastagens
e terão os seus pastos nos altos montes de Israel.
Descansarão em férteis pastagens
e encontrarão pasto suculento sobre as montanhas de Israel.
Eu apascentarei o meu rebanho,
Eu o farei repousar, diz o Senhor Deus.
Hei-de procurar a ovelha que anda perdida
e reconduzir a que anda tresmalhada.
Tratarei a que estiver ferida,
Darei vigor à que anda enfraquecida
e velarei pela gorda e vigorosa.
Hei-de apascentar com justiça.

Catequista:

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Depois de todas as crianças estarem sentadas nos seus lugares:

Sabem o que estou a sentir neste momento, depois de ouvir estas palavras tão belas do profeta Ezequiel?...

Sinto uma grande vontade de cantar um **cântico** que vem mesmo a propósito. É tão lindo, que até vou pôr as palavras que cantamos ali, dentro do livro que representa a Bíblia.

O catequista afixe, no livro-rolô, o dístico “O Senhor é meu pastor: nada me faltará” e ensaie a respectiva melodia. Durante o ensaio, pode ir comentando:

Se calhar, já conheciam este **cântico**. Canta-se muitas vezes e até vem na Bíblia. E é mesmo possível que tenha sido feito, por causa das palavras que o profeta Ezequiel nos acaba de dizer.

E nós podemos cantá-lo, a pensar nas pessoas a quem o profeta falou: aqueles homens e mulheres que tinham sido levados para a Babilónia “num dia de nevoeiro e de trevas”, como ele diz. Longe da sua terra, era como se vivessem na escuridão, sem luz.

Mas também podemos pensar em tantas pessoas que, depois disso, têm sofrido outras desgraças e ficam desanimadas e tristes. Também essas pessoas, depois de ouvirem estas palavras de Deus, podiam cantar connosco: **“O Senhor é meu pastor, nada me faltará”**.

Quem experimenta o grande amor que Deus nos tem, ganha muito mais força e confiança. Se calhar, isso até já aconteceu convosco...

2. Após o ensaio:

Sabem qual é a melhor maneira de cantarmos este **cântico**?...

É assim: vamos todos ler outra vez as palavras do profeta Ezequiel e vamos escolher aquelas de que mais gostamos.

Para não escolhermos todos o mesmo, vamos dividir o texto pelas três partes que foram lidas: uns meninos lêem os versículos 1 a 6; outros, os versículos 7 a 10; e outros, os versículos 11 a 16.

O catequista divide as crianças, conforme o seu número, em grupos de duas, três ou quatro, e distribua as partes do texto pelos diferentes grupos.

Entregue a cada criança uma folha com “A Palavra de Deus na minha vida”. Cada uma deve escrever nela as palavras de que mais gosta (em grupo).

Durante o trabalho de grupos, pode colocar, como música de fundo, a gravação do cântico “O Senhor é meu pastor”.

No final, segue-se a oração, feita de pé e neste esquema:

- **Cântico: “O Senhor é meu pastor”** (só o refrão);
- **Crianças:** lêem as palavras escolhidas dos **versículos 1-6**;
- **Cântico: “O Senhor é meu pastor”** (só refrão);
- **Crianças:** lêem as palavras escolhidas dos **versículos 7-10**;
- **Cântico: “O Senhor é meu pastor”** (só o refrão);
- **Crianças:** lêem as palavras escolhidas dos **versículos 11-16**;
- **Cântico: “O Senhor é meu pastor”** (refrão e 1ª estrofe).

3. Compromisso

Querem saber outras coisas que Deus tem feito pelo seu povo, como bom pastor? Muitas vêm aqui na Bíblia. E eu proponho que sejais vós a descobrir ao menos uma..., até à próxima catequese. Vão ler estes textos:

O catequista afixe, ao fundo do placar, o dístico “Jo 10, 1-18” e explique:

Como vêem, é do Evangelho segundo São João, capítulo décimo, versículos 1 a 18.

Podem escrever esta indicação na folha com “A Palavra de Deus na minha vida”, para não se esquecerem...

Para perceberem melhor o que nele está escrito, podem servir-se das explicações que as Bíblias têm ao fundo de cada página. Depois de o lerem, podem escolher o que mais gostam dele e anotar nas vossas folhas.

Mas façam ainda outra coisa: pensem nas pessoas que são mais responsáveis pela nossa comunidade cristã, a começar pelo sr. Padre. Depois escrevem também nas folhas o que vos parece melhor, para essas pessoas serem pastores da nossa comunidade, como Deus, o nosso bom pastor, quer delas. O texto bíblico que vão ler pode ajudar-vos.

E tragam as vossas folhas, bem preenchidas, para a próxima catequese. Se o fizerem, estão a mostrar que sentem muito gosto e alegria por termos um Deus tão nosso amigo – o bom pastor.

**Ide em paz
e que o Senhor vos acompanhe.**

Crianças:

Graças a Deus.

4. Para guardar na memória e no coração:

Diz o Senhor:

“Eu sou o bom pastor:

conheço as minhas ovelhas

e as minhas ovelhas conhecem-me:

Eu dou a vida pelas minhas ovelhas”.

(Jo 10, 14-15).

Catequese 15

“FELIZ O HOMEM QUE SE COMPRAZ NA LEI DO SENHOR” (SI 1, 1.2)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O saber e o sabor

Têm a mesma raiz verbal. E, na prática, têm também a mesma finalidade: tanto o saber como o sabor podem contribuir para que tenhamos vida – uma vida agradável, feliz. Só diferem no âmbito em que cada um, em sentido próprio, se processa: o sabor é a sensação que certas substâncias fisicamente provocam no gosto ou paladar; o saber, ou a sabedoria, é o conjunto de conhecimentos adquiridos pelas faculdades do intelecto.

Mas a diferença é apenas complementar. A maioria dos conhecimentos adquirem-se pelos sentidos. E o que lhes é mais agradável, habitualmente, também é mais fácil de aprender. Por isso as linguagens se cruzam: diz-se, por exemplo, que a comida sabe bem ou mal; ou, então, que para aprender uma coisa (p. ex., uma língua), o melhor é saboreá-la; e que, quanto mais dela se sabe, mais se saboreia.

Era assim, a um nível predominantemente prático que, na Antiguidade (desde a Mesopotâmia ao Egipto, da Grécia a Roma), se entendia a sabedoria. Obtinha-se sobretudo pela experiência e em ordem a ser experimentada, na prática de vida. O segredo estava em conhecer a relação e ordem existentes entre o que sucede ou se faz e o que daí resulta. Conforme o resultado é bom ou mau para a vida (dos outros e do próprio), assim se deve, pelo menos, tentar fazer ou evitar. Saboreando os resultados (caso sejam positivos), sabe-se, pelo menos, que tudo se deve empreender para os obter. E isto em todos os âmbitos em que a vida se processa: individual, familiar, social, estatal, entre povos e, até, à escala cósmica. A todos estes níveis o sábio se esforçava por conhecer a ordem existente entre o agir e o seu resultado, para a formular e ensinar. Mas todas estas ordens sectoriais não eram mais do que partes de uma ordem única que abarcava o universo e a criação, provinha dos deuses e à qual eles próprios se sujeitavam. Em Israel dava-se-lhe um nome, habitualmente traduzido por *justiça*. É da sua prática que depende a salvação e a paz, em todos os âmbitos da vida. Uma prática para a qual é necessário o *temor de Deus*. A afirmação aparece repetidamente na literatura sapiencial: *o temor de Deus é o princípio da sabedoria* (Pr 1, 7; 9, 10; 15, 32; Job 28, 28). *Princípio* no sentido de fundamento. E o *temor de Deus* consiste na entrega confiante ao Deus que de tudo é Senhor. Só com Ele o homem pode conhecer o verdadeiro caminho da vida e agir em conformidade com ele.

É neste sentido que, numa fase mais tardia da tradição sapiencial da Bíblia, se fala da sabedoria de Deus. Com duas expressões muito concretas:

– A Lei, outrora recebida na aliança do Sinai: é vista como o maior dom da sabedoria divina, com a promessa: encontra Deus quem por ela orienta a sua vida (cf. Dt 4, 6-8; Bar 3, 9 - 4, 4).

– A ordem observada na criação e na história: é de tal modo atribuída à sabedoria divina, que esta aparece não apenas como revelação de Deus, mas quase como uma pessoa de que Deus, autor da vida, se serve, principalmente na criação (cf. Pr 8, 22-31; Sir 24; Sab 6, 22-11, 1).

E ambas são, por vezes, apresentadas com imagens do âmbito do sabor: a sabedoria é como uma dona de casa que põe a sua mesa, convida os seus hóspedes (Pr 9, 1-18) e lhes oferece frutos saborosos e nutritivos (Sir 24, 19-34); e dos preceitos da Lei diz-se que *são mais doces que o mel, o puro mel dos favos* (Sl 18a/19, 11; cf. 118/119, 103). Tão importante era, já então, o sabor para o saber!

2. Ao sabor do Saltério

Que os 150 poemas de que é composto são uma verdadeira delícia, pode ver-se já pelo lugar de relevo que este livro tem ocupado tanto entre os restantes livros bíblicos como na vida do povo de Deus que com ele se deleita: é o livro do Antigo Testamento mais citado no Novo; e, na oração cristã, é o prato forte na Liturgia das Horas, e não falta, como resposta a leituras bíblicas, na maioria das celebrações da Palavra, por exemplo, na administração de sacramentos e sacramentais. Para não falar do seu uso em inúmeros actos de piedade pessoal e do seu contínuo contributo para a inspiração artística, sobretudo na poesia e na música.

Tudo indica que alguns destes Salmos foram mesmo compostos para ajudar a saborear outros textos bíblicos. Portanto, já na origem, eram Salmos responsoriais com os quais a comunidade orante reagia à Palavra escutada. É o caso, por exemplo, dos Salmos 8 e 103/104 em relação ao texto sobre a criação do mundo e do ser humano (Gn 1, 1-2, 4a). Ou do Salmo 22/23, em resposta à apresentação de Deus como pastor do seu povo (por exemplo em Ez 34). Ou, ainda, o Salmo 50/51 como expressão do arrependimento de David, depois de descobrir a monstruosidade do seu pecado (2 Sam 11-12).

E é o caso do próprio Saltério, no seu conjunto. Quando os seus 150 Salmos foram seleccionados, de entre muitos outros, e reunidos num só livro (possivelmente por volta do ano 150 a.C.), este foi dividido em cinco partes, terminando cada uma delas com expressões de louvor a Deus (Sl 40/41, 14; 71/72, 18; 88/89, 53; 105/106, 48; 150). A estas cinco partes correspondem os cinco livros do Pentateuco (ou da Lei, como preferem dizer os Judeus). Um sinal disso é dado pelo Salmo 1 (provavelmente composto para introduzir todo o Saltério) com as palavras: *Feliz o homem que (...) se compraz na Lei do Senhor e nela medita dia e noite* (Sl 1, 1-2); isto é, põe em prática o que é pedido em Dt 6,7 relativamente aos preceitos da Lei que derivam do amor total e exclusivo ao Senhor: *meditarás neles, tanto sentado em tua casa como ao caminhar, ao deitar ou ao levantar*. Os Salmos fazem dessa meditação uma oração.

Com a vantagem, relativamente a outras orações, de serem, eles próprios, Palavra de Deus: “O Saltério é o livro em que a Palavra de Deus se torna oração do homem. Nos outros livros do Antigo Testamento, «as palavras declaram as obras (de Deus em favor dos homens) e esclarecem o mistério nelas contido» (DV 2). No Saltério, as palavras do salmista exprimem, cantando-as para Deus, as suas obras de salvação. É o mesmo Espírito que inspira tanto a obra de Deus, como a resposta do homem. Cristo unirá uma e outra. N’Ele, os Salmos não cessam de nos ensinar a orar” (CIC 2587).

E oferecem orações para todas as circunstâncias da nossa vida: lamentações e súplicas, para quando, de tantos modos, corremos o perigo de a perder; hinos e acções de graças, para o triunfo sobre esses perigos; Salmos sapienciais ou didácticos, se precisamos de ser instruídos sobre a nossa conduta moral ou sobre as maravilhas operadas por Deus; Salmos reais, se queremos aclamá-l’O como único soberano ou lhe queremos pedir um rei que cumpra a sua vontade, etc.. Alguns há que são formulados na primeira pessoa do singular, enquanto outros no plural. Mas quantas vezes o Eu é colectivo. É que nem eu posso viver sem os outros nem os outros sem mim – como membros de um povo que não pode viver sem o seu Senhor, seja qual for a circunstância da vida em que se encontre.

Por tudo isto, talvez seja o Saltério que, entre todos os sete Livros Sapienciais, mais nos pode ajudar a obter a verdadeira sabedoria:

3. Saber para viver

Vejam, a título de exemplo, como este segredo da vida nos é revelado em três Salmos:

– O **Salmo 1**: Como salmo sapiencial que é, está formulado à maneira de uma bem-aventurança: *Feliz o homem (...) que se compraz na Lei do Senhor (...), porque o Senhor vela pelo caminho dos justos* (vv. 1.2.6). Como portal de entrada no Saltério, ensina-nos a percorrê-lo como um caminho, idêntico ao que o Senhor nos propõe na sua Lei. Um caminho oposto ao que é seguido pelos ímpios, o qual, visto bem, não é um verdadeiro caminho, pois *leva à perdição* (v. 6). De facto, sempre que andamos ou corremos, fazemo-lo em busca da vida, aqui representada com elementos que a integram: a água e a vegetação, com as suas folhas e frutos. Quem o faz, conduzido pelo Senhor, conta com esta certeza: *Tudo quanto fizer será bem sucedido* (v. 3). Mesmo nas situações mais desgraçadas, referidas no Saltério, mesmo então, Ele *vela pelo caminho dos justos* (v. 6) que a Ele recorrem com os meios que os Salmos lhes oferecem. Por exemplo com:

– O **Salmo 22/23**: É uma oração de total confiança em Deus, apresentado com as imagens do Pastor que nos conduz (vv. 1-4) e do Rei e Senhor que nos acolhe no seu templo (vv. 5-6). De facto, a nossa vida decorre, fundamentalmente, a caminhar e/ou em casa. E assim aconteceu com o povo de Israel em dois momentos fulcrais da sua existência: as libertações dos cativos no Egipto e, séculos mais tarde, na Babilónia. Em ambas o povo foi conduzido pelo Senhor, pelo deserto e até à casa que lhe tinha preparado na terra prometida. A partir destas duas experiências salvíficas, este salmo ajuda-nos a percorrer tantos e tão perigosos caminhos da vida, com a confiança no Senhor assim expressa, no centro: *não temerei nenhum mal, porque vós estais comigo* (v. 4). De facto, o Senhor, conforme o seu nome indica, é *Aquele que é ou está* com os seus: com a sua *bondade* e a sua *graça* e para sempre (v. 6). Sempre que o experimentamos, podemos dar voz à alegria que sentimos, por exemplo com:

– O **Salmo 150**: Como hino ao Senhor, convida-nos a louvá-l'O de um modo completo (entre o Aleluia inicial e o conclusivo, dez vezes nos exorta ao louvor) e com toda a espécie de instrumentos musicais: de sopro, de corda e de percussão. Como portal de saída do Saltério, leva-nos a conquistar *tudo quanto respira* para o mesmo louvor (v. 6). Na medida em que se respira, há vida: a vida que só o Senhor proporciona a quem a Ele se une, principalmente pelo louvor. Por isso, entre os judeus, se chama ao Saltério o “Livro dos Louvores”. De facto, sempre que a Ele nos dirigimos, é, em última análise, para O louvamos: mesmo quando, para isso, precisamos de desabafar com Ele as nossas queixas ou súplicas. Se o fazemos é porque temos a certeza de que Ele nos atende. E já então saboreamos antecipadamente o louvor que a Ele, por isso, devemos e do qual precisamos para viver... em sabedoria.

OBJECTIVOS

- Prosseguir no conhecimento do Antigo Testamento, com os Livros Sapienciais;
- Aperceber-se da importância da Lei de Deus na vida cristã;
- Louvar o Senhor pelo dom e os frutos da sua sabedoria em nós.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese apoia-se (particularmente na Experiência Humana) nos conhecimentos que as crianças têm vindo a adquirir na descoberta da Bíblia: a sabedoria

que já têm é fruto da sabedoria de Deus, transmitida pela sua Palavra e com efeitos práticos na vida das crianças. É importante que elas tomem consciência da felicidade que isso lhes proporciona para, assim, se sentirem ainda mais motivadas a acolher o dom da sabedoria divina. O que, de resto, não será muito difícil, dada a fase de crescimento em que se encontram, especialmente propícia à aquisição de conhecimentos.

2. Os testes a que as crianças são sujeitas ao longo do encontro, não têm um teor escolar. Por isso, às suas respostas seguem-se sucessivos momentos de oração. Mais: a própria Palavra de Deus é objecto de oração, neste caso, oferecida pelo Livro dos Salmos, que, ele próprio, faz parte dos Livros Sapienciais da Sagrada Escritura.

3. É sugerido que, em apoio da Palavra de Deus, se exponham na sala ramos de uma árvore: quem acolhe a Palavra de Deus é como uma árvore viçosa e que produz frutos. A oliveira, como é proposto, tem a vantagem de, pelo azeite que produz, estar particularmente ligada à unção e, nessa linha, a Jesus como Messias ou Ungido, um tema que será mais desenvolvido na catequese seguinte.

4. No final, sugere-se que as crianças preparem uma carta que, depois, será enviada ao sacerdote responsável da comunidade, na sua condição de pastor dependente de Deus e de Cristo. Procure-se que as crianças adiram à proposta. Elas, como cristãos, são membros de uma comunidade e, mesmo na sua idade, membros activos. Para um melhor resultado da iniciativa, o catequista entre em contacto com esse sacerdote, até mesmo para que ele, depois, tenha uma palavra de reconhecimento para com as crianças.

5. Esta catequese, tal como está proposta no Desenvolvimento, é relativamente longa e densa. Pode, por isso, tornar-se pesada. Para evitar isso, siga-se uma destas alternativas:
– Divida-se a catequese por duas sessões: a primeira, até ao ponto 2 da Palavra (Salmo 22/23/); e a segunda, a partir do ponto 3 (Salmo 1). No final da primeira sessão, pode já cantar-se o Aleluia, proposto na Expressão de Fé (mas sem as explicações aí expostas) e propor-se como compromisso o que é indicado em segundo lugar (carta ao sacerdote responsável pela comunidade cristã).

Mas, antes de se optar por esta alternativa, veja-se se, no calendário, há lugar para todas as catequeses propostas neste bloco (nomeadamente até à Páscoa). Se não, prefira-se a segunda alternativa:

– Faça-se um resumo dos pontos 3 da Palavra (Salmo 1 – para indicar o significado do ramo de oliveira) e 1 da Expressão de Fé (Salmo 150 – sobre o Aleluia).

MATERIAIS

- Dísticos: “PENTATEUCO”; “LIVROS HISTÓRICOS” e “LIVROS PROFÉTICOS” (catequese anterior);
- Folha-rolo (catequese anterior);
- Dísticos: “ANTIGO TESTAMENTO”; “LIVROS SAPIENCIAIS”; “Sl 22/23”; “Sl 1” e “Sl 150”;
- Bíblias das crianças;
- Bíblia de mesa;
- Quatro velas (catequeses anteriores);

- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças desde a catequese anterior;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, duas para cada criança;
- Ramos (se possível de oliveira), um para cada criança e catequista;
- Um vaso para nele serem colocados os ramos.

MÚSICAS

- “A vossa palavra, Senhor”;
- “O Senhor é meu pastor”;
- “Aleluia” (melodia – Inglaterra, séc. XIX).

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**: ao centro, a folha-roló (catequeses anteriores); ao alto, o dístico “ANTIGO TESTAMENTO”; do lado esquerdo, os dísticos “PENTATEUCO” e, por baixo, “LIVROS PROFÉTICOS”; do lado direito, o dístico “LIVROS HISTÓRICOS”.
- Sobre a **mesa**: ao centro, a Bíblia, ladeada por quatro velas (duas de cada lado), três das quais acesas; por trás da Bíblia (entre a mesa e o placar), um vaso com ramos verdes, se possível, de oliveira, tantos quanto o número de crianças e catequistas.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Hoje, vou começar por vos fazer um teste à vossa inteligência e à vossa sabedoria. Ou melhor, três testes: três testes à vossa inteligência e à vossa sabedoria. Vamos ver quem passa.

Por isso, muita atenção e essas cabecinhas a funcionar.

O **primeiro teste** é acerca destas **quatro velas em cima da mesa**. Estão a ver?...

Pois bem: quem me sabe dizer por que é que são quatro e só três é que estão acesas?

Após as respostas das crianças:

Vejamos quem tem (ou: se têm) razão.

Lembram-se da primeira vez, nas últimas catequeses, em que tivemos aqui as quatro e, dessa vez, todas acesas?...

Muito bem: nessa catequese, sobre o **profeta Samuel**, as quatro velas representavam a **luz da Palavra de Deus**, que chamou quatro vezes pelo jovem Samuel. Ao responder sim a Deus, durante a noite, ele ficou iluminado para poder transmitir ao povo o que devia fazer.

Mas, na catequese seguinte – a última – só acendemos **três velas**. Lembram-se porquê?...

Exacto: então as velas representavam a **luz da Palavra de Deus em cada um de nós**. Porque o/a (*nome*) e o/a (*nome*) responderam sim à Palavra de Deus, fazendo o que Deus nos pede aqui na catequese e em nossa casa, foi por isso que cada um/a deles/delas acendeu uma vela.

Mas a terceira já foi acendida, também por outra razão. Qual foi?...

Formidável: neste caso, a terceira vela representa a **terceira parte do Antigo Testamento** (*apontando para o placar*): **os Livros Proféticos**, isto é, os livros escritos por profetas, para nos iluminarem.

E nessa catequese lemos do **livro de** um profeta. Qual foi?...

De **Ezequiel**, o profeta que falou ao povo que andava numa grande escuridão, depois daquela desgraça em que foi destruído o templo de Jerusalém, desapareceu a Arca da Aliança e muitas pessoas foram levadas prisioneiras para a Babilônia.

E como é que Ezequiel, em nome de Deus, as iluminou?...

Exactamente: anunciando ao povo que Deus iria ser o seu pastor.

Iria guiá-lo, para voltar à sua terra e aí viver em paz.

Portanto, as **três velas** que já estão acesas representam as **três partes do Antigo Testamento** que já descobrimos aqui: (*apontando*) o Pentateuco, os Livros Históricos e os Livros Proféticos. Três partes da Bíblia, escrita para nos iluminar.

Falta acender **uma vela**, porque ainda não descobrimos a **quarta parte**, a última do **Antigo Testamento**. Nessa altura, haveremos de a acender.

Mas, só se responderem bem aos outros dois testes.

Olhem, até para isso, eu proponho que peçamos a ajuda de Deus, com a luz da sua Palavra. Vamos concentrar-nos, fazendo um bocadinho de silêncio...

E agora, voltados para a Bíblia, cantemos o **cântico**:

“A vossa palavra, Senhor” (*refrão e 3ª estrofe*).

2. Iluminados pela Palavra de Deus, tenho a certeza de que vão responder bem ao **segundo teste**. É um pouco mais difícil do que o anterior...

O catequista afixe, ao centro do livro-rolô, o dístico “Sl 23/22”, deixe contemplar e pergunte:

Quem sabe o que significam estas letras e estes números?...

Depois das respostas das crianças, e adaptando-se a elas:

Vê-se bem que já estão bastante iluminados pela Palavra de Deus na Bíblia. Estão a mostrar que têm ouvido bem as minhas explicações e, depois, têm cumprido o que eu vos peço, em nome de Deus. E, por isso, já sabem tanto. E têm vontade de saber muito mais. Formidável!

Aquelas letras e números, para mais estando dentro do livro ou rolo que representa o Antigo Testamento, têm de significar alguma coisa que diz respeito a esta primeira parte da Bíblia.

As letras indicam um livro. Qual será?...

É o **Livro dos Salmos**: um livro muito bonito. Os Salmos são poemas feitos para lermos e cantarmos. A maior parte deles são orações. O Livro dos Salmos, pode-se dizer que é o livro de orações da Bíblia.

E sabem quantos são os Salmos deste livro?... 150. São muitos, não são?

Quer dizer que temos ali muita espécie de orações. E que lindas elas são!

Vamos ver uma delas: a que está indicada naqueles **números: 22 e 23**.

Parecem dois Salmos, mas não são. É um só. Depois, explico por que é que tem dois números.

Para já, vamos abrir lá as nossas Bíblias. O melhor é irem, primeiro, ao índice, para encontrarem a página...

Após todas as crianças terem as Bíblias abertas no lugar indicado, e adaptando-se à numeração dos Salmos seguida pela versão da Bíblia que as crianças têm:

Estão a ver que aí, cada salmo tem dois números e o segundo está entre parênteses.

Vejamos como é que isso se explica:

Para perceberem melhor, abram a Bíblia, agora, no Salmo 8...

Após todas as crianças o fazerem:

Estão a ver que aí esse salmo só tem um número: o 8.

Agora, vejam o seguinte, o 9.

Esse já tem dois números: 9 e, entre parênteses, 9, 1-21...

Isso quer dizer que, numas Bíblias há um número que, noutras, é outro.

Vejam o salmo seguinte: é o 10. Mas, entre parêntesis, está ainda uma parte do 9.

E, daí para a frente, são quase sempre dois números.

Como é que isso se explica?... É assim: quando os livros da Bíblia foram escritos, não tinham nenhum número: nem de capítulos, nem de versículos.

Só mais tarde é que as pessoas lhes puseram os números, para encontrarem mais depressa as partes que procuravam em cada livro.

E isso aconteceu, quando a Bíblia já estava muito espalhada, por terras muito longe umas das outras. Por isso é que, num lado, puseram uma numeração nos Salmos e, noutro lado, puseram outra, um bocadinho diferente. A diferença é quase só de um número.

Para nós, hoje, não nos perdermos, a maior parte das nossas Bíblias têm os dois números. Mas um está entre parênteses. Quer dizer que, nessa Bíblia, se segue o que não tem parênteses. Isto é, quando, noutras páginas da mesma Bíblia, vem um número indicativo de um salmo, nesses casos só se indica um deles, e é sempre o que não tem parênteses.

Isto parece complicado, mas com a prática vão aprender.

Agora passem ao último Salmo do livro: o 150.

Após todas as crianças o fazerem:

Aí, já é outra vez um só número: o 150. O que é que isto quer dizer?...

Vejam agora o Salmo 146...

Após todas as crianças o fazerem:

Aí está: o Salmo 146 é, noutras Bíblias, o 145...

Mas o salmo 147 corresponde, noutras Bíblias, ao 146 e ao 147...

Por isso é que, a partir do 148 e até ao fim, só há, outra vez, um número, como era no princípio do Livro dos Salmos.

3. Depois desta explicação, já podemos voltar ao salmo que está indicado no placar. Nas nossas Bíblias é o **Salmo 23 (ou 22)**. Abram lá...

Após todas as crianças terem a Bíblia aberta ao salmo indicado:

Já começaram a ler esse salmo?...

E já o conheciam ou não?...

Pelo menos o princípio conhecem. Ora leiam lá...

Só não sabiam que era de David – o rei David, que foi ungido como rei pelo profeta Samuel. Mas não é o único salmo que vem de David. Há muitos outros.

Mas esse aí – o 23 – podemos dizer que é especial. Para perceberem melhor, pensem no que vimos na última catequese e naquilo que vos pedi para fazerem em casa, durante a semana. Podem pegar nas folhas com “A Palavra de Deus na minha vida” que vos entreguei para preencherem durante esta semana...

Após as crianças terem na mão a sua folha:

Este é o **terceiro teste** à vossa inteligência e à vossa sabedoria. Estou à espera de que toda a gente passe nele! Isto é, quem é que fez – e bem feito – tudo aquilo que vos propus?

Primeiro, pedi-vos para lerem mais um texto bíblico: o do Evangelho segundo S. João, capítulo 10, versículos 1 a 18. Quem leu?...

E quem é, aqui, o bom pastor?..

E algum de vós escreveu as palavras de Jesus de que mais gostou?...

Se for o caso, peça a uma ou duas crianças para as lerem.

Muito bem. Eu, do que mais gosto, é quando Jesus diz que conhece as suas ovelhas e elas conhecem-n'O. E, ainda, quando Ele diz que dá a vida pelas suas ovelhas. Não há pastor melhor que Ele: dar a vida por nós!

E deu mesmo: na cruz. E continua a dar: sobretudo na mesa da Eucaristia em que nos dá o seu Corpo, entregue por nós.

Por isso é que nós, quando rezamos este Salmo 23, também podemos pensar em Jesus; ou melhor, pensamos em Deus, mas juntamente com Jesus. É sobretudo em Jesus que Deus mais nos mostra como Ele é o melhor pastor: Aquele que nos guia, protege e alimenta.

II. PALAVRA

1. É isto que nós dizemos neste **Salmo 23**. Vamos lê-lo todo, do princípio até ao fim.

Para compreendermos melhor, vai ser lido por dois de vós:

- Quem quer ser o primeiro?...

Então o/a (*nome*) lê os versículos 1 a 4, deixando o título – Salmo de David – que já todos conhecemos. Nesses versículos 1 a 4, falamos do que Deus nos faz, quando o rebanho anda a caminhar, à procura de lugares onde possa alimentar-se e descansar.

- Nos versículos seguintes, fala-se de nós quando, depois de caminharmos, estamos na casa de Deus, a igreja, onde Deus nos alimenta e fortalece.

Quem quer ler estes versículos 5 e 6?...

Para ser ainda mais bonito, proponho que, no princípio, no meio e no fim, cantemos o refrão daquele **cântico** que já cantámos aqui e que é feito com as palavras deste salmo. Lembrem-se de eu, há pouco, ter dito que os Salmos são orações para serem rezadas e cantadas? É o que nós vamos fazer. A cantar, rezamos muito melhor.

Então, ponham-se de pé... Podem manter as vossas Bíblias abertas, para seguirem melhor a leitura. O/a (*nome*) e o/a (*nome*) podem ler dos seus lugares.

E todos nós pensemos primeiro como Deus nos ama. Pensemos, em silêncio...

Após um breve silêncio:

Agora cantemos ao Senhor:

Todos: - Cântico:

“O Senhor é meu pastor” (refrão).

1ª criança (Sl 22/23, 1-4):

O Senhor é meu pastor: nada me falta.

Leva-me a descansar em verdes prados,

conduz-me às águas refrescantes

e reconforta a minha alma.

Ele me guia por sendas direitas,

por amor do seu nome.

Ainda que tenha de andar por vales tenebrosos,

não temerei nenhum mal, porque vós estais comigo:

o vosso cajado e o vosso báculo me encham de confiança.

Todos – Cântico:

“O Senhor é meu pastor” (refrão).

2ª criança (Sl 22/23, 5-6):

**Para mim preparais a mesa
à vista dos meus adversários;
com óleo me perfumais a cabeça
e meu cálice transborda.
A bondade e a graça hão-de acompanhar-me,
todos os dias da minha vida,
e habitarei na casa do Senhor,
para todo o sempre.**

Todos – Cântico:

“O Senhor é meu pastor” (refrão).

2. *Depois de as crianças se sentarem, o catequista, se achar necessário e tiver tempo, pode responder a possíveis perguntas, feitas pelas crianças, sobre o texto bíblico, nomeadamente sobre os seguintes pontos:*

– *Nos vv. 1-4, sobre as necessidades e perigos por que passa um rebanho, em busca de alimento: erva, tão verde quanto possível; águas que saciam o corpo e a alma; vales, onde o sol não aparece e onde a ameaça de animais ferozes ou assaltantes é maior. Daí a importância de um bom pastor, que se serve da sua arte e usa o seu cajado (ou vara mais pequena) e o seu báculo (ou bastão) para guiar e proteger o rebanho.*

Como um rebanho, também os crentes precisam de alimento, orientações e protecção, material e espiritual, que Deus, através dos seus enviados, proporciona a quem a Ele se confia.

– *Nos vv. 5-6, sobre a necessidade de uma habitação e do alimento de que todos os seres humanos sentem: protecção contra adversários que lhes podem destruir a vida; refeições festivas em que a bebida (o vinho), em abundância, pode unir os corações dos convivas, numa comunhão que o azeite perfumado pode reforçar.*

Quem não se sente bem entre pessoas fortes e a cheirar bem? E quem experimenta isso em encontros com Deus, sai deles mais bem acompanhado e protegido, com a bondade e a graça que só Ele tem.

Depois da leitura e sua eventual explicação, o catequista acenda a quarta vela ou convide uma criança a fazê-la, comentando a seguir:

Sabem por que razão foi acendida a quarta vela?...

Porque acabámos de entrar na **quarta parte do Antigo Testamento.**

O livro dos Salmos faz parte dos livros chamados...

O catequista afixe, por baixo do dístico “LIVROS HISTÓRICOS”, o dístico “LIVROS SAPIENCIAIS”, deixe contemplar e explique:

O Livro dos Salmos faz parte dos “Livros Sapienciais”.

Alguém sabe o que significa “sapienciais”?...

É uma palavra que vem de “sapiência” que quer dizer “sabedoria”.

Todos nós precisamos dela – da sabedoria. Sem sabedoria não podemos viver, porque faríamos tantas asneiras, que nada nos poderia correr bem.

Por isso é que vós, na vossa idade, aprendeis tantas coisas. E gostais de saber ainda mais, não é verdade?...

E eu tenho reparado como vós tendes estado tão interessados e atentos aqui na catequese. Por exemplo, na descoberta da Bíblia. Ainda há pouco o mostrastes nos testes que vos fiz. Quantas coisas já sabeis sobre a Palavra de Deus! E quereis saber mais e mais. Que bom!

Quanto mais souberdes, mais felizes podereis ser e mais felizes podereis fazer os outros, porque as pessoas sábias sabem o que fazer para ajudar os outros a ter uma vida feliz.

Todos os livros da Bíblia foram escritos para nos ensinar: para sabermos viver e sermos felizes. Mas, no Antigo Testamento, há um grupo de livros escritos especialmente para isso: são os Livros Sapienciais e são sete ao todo. Lá em casa, podem, ao menos, ver os títulos de todos eles.

3. Nesta catequese, vamos ficar no segundo livro, onde já estávamos: o Livro dos Salmos. Podem abrir a vossa Bíblia no primeiro salmo...

O catequista afixe na folha-rola, por cima do dístico “Sl 23/22”, o dístico “Sl 1” e, depois de todas as crianças terem a Bíblia aberta nesse salmo, diga:

Antes de lermos este salmo, gostava de vos chamar a atenção para uma coisa que hoje temos em cima da mesa. Se calhar, alguns de vós já tinham reparado nela. Estão a ver por trás da Bíblia?...

Pois bem, estes ramos verdes estão aqui por causa do salmo que iremos ler. Podem ajudar-nos a perceber melhor o salmo. Mas vós é que, depois da leitura, ireis descobrir o significado destes ramos. Vamos a ver se têm sabedoria suficiente para descobrir. Mas, se descobrirem, só vão dizer depois da leitura em conjunto.

Antes disso, e para lermos bem, cada um de vós vai, primeiro, ler para si. Podem começar...

Após a leitura pessoal:

Como já devem ter reparado, o salmo fala de duas espécies de pessoas: os ímpios, isto é, as pessoas que não querem saber de Deus e se comportam contra a sua vontade; e os justos, isto é, as pessoas que procuram saber o que Deus quer de nós e depois fazer a sua vontade. Um seguem por um caminho e as outras por outro.

Por isso, o melhor é serem dois de vós a ler. Comecemos pelo fim:

– Quem se oferece para ler os versículos 4 a 6?

Então, tu (*nome*) lê o que o salmo nos diz acerca do caminho dos ímpios.

– Para o caminho dos justos, nos versículos 1 a 3, quem se oferece?...

Claro, são todos: todos queremos seguir pelos caminhos de Deus. Mas, para ler para os outros só pode ser um.

Podes ser tu (*nome*). Mas, vê lá: procura ler bem.

Olhem, para isso, isto é, para nos deixarmos iluminar bem pela Palavra de Deus e encontrarmos o seu caminho, preciso da colaboração de dois:

– Um, para pegar na última vela que acendemos: aquela que corresponde aos Livros Sapienciais.

– E outro para segurar na Bíblia, como já fizemos noutras catequese.

Para não estarem sozinhos, venham para aqui também os dois meninos que vão ler para os outros. Os que seguram na vela e na Bíblia, põem-se ao meio e os que lêem, ficam um de cada lado.

Após as quatro crianças estarem nos lugares indicados:

Antes de lermos, cantemos ao Senhor o **cântico**:

“A vossa palavra, Senhor” (*refrão e 3ª estrofe*)

Catequista:

Leitura do Livro dos Salmos:

1ª criança (Sl 1, 1-4):

**Feliz o homem que não segue o conselho dos ímpios,
não se detém no caminho dos pecadores,
nem toma parte na reunião dos maldizentes:
mas antes se compraz na Lei do Senhor
e nela medita dia e noite.**

É como árvore plantada à beira das águas:

dá fruto a seu tempo e sua folhagem não murcha.

Tudo quanto fizer será bem sucedido.

2ª criança (Sl 1, 5-6):

Não assim, não, os ímpios:

são como folhas que o vento leva.

Os ímpios não se aguentarão em julgamento,

nem os pecadores na assembleia dos justos.

O Senhor vela pelo caminho dos justos,

mas o caminho dos pecadores leva à perdição.

Catequista:

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

4. Depois de todas as crianças voltarem aos seus lugares:

Então, o que é que aqueles ramos verdes podem significar?...

As árvores, de que se fala – em que versículo?...

No versículo 3. (*Nome*) lê o que acontece com essas árvores...

São árvores que dão fruto e têm folhas sempre verdes. São boas árvores, não são?

E a que é que são comparados os ímpios, no versículo 4?...

São como palha que não serve para nada. Desaparece com o vento.

E que frutos produzem os justos?...

Frutos de amor, de bondade – o bem que, por exemplo, fazem e que tanta alegria, tanta felicidade traz a quem o faz e às pessoas a quem o fazem.

Mas, para produzir frutos desses, é preciso água. Que água será essa?...

(*Nome*) lê o versículo 2...

A água é, portanto, a da... Lei do Senhor: isto é, o que o Senhor nos diz para fazermos.

E onde é que nós podemos encontrar essa Lei do Senhor?...

É sobretudo na Bíblia e, nesta, sobretudo nos Livros Sapienciais: os livros que nos dão sabedoria, para sermos felizes e fazermos felizes os outros.

Para isso, é preciso ler a Lei do Senhor, e que mais?...

Meditar nela noite e dia, isto é, continuamente e em toda a parte.

Agora digam-me: será isso que vós tendes feito?...

Pelo menos, temos insistido nisso aqui na catequese. E, não há dúvida, muitos de vós têm feito. Quer dizer que estão no bom caminho, no caminho de Deus. Que bom! Que felizes podemos ser, se, guiados pela Palavra de Deus, evitarmos andar pelos caminhos dos ímpios, dos pecadores, dos maldizentes! Felizes, pelos bons frutos que podemos produzir.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Estou a sentir uma grande vontade de fazer uma coisa... Imaginem:

Manifestar ao Senhor a minha felicidade e alegria por aquilo que Ele nos tem ajudado a fazer: pelos frutos da sua palavra, connosco e entre nós.

Mas eu gostava de fazer isso convosco. Afinal também vós produzis frutos: tendes manifestado tanta sabedoria, aquela que nos vem do Senhor. E isso deixa-me tão feliz. Querem juntar-se a mim, no louvor ao Senhor?...

Já que o querem fazer, estão a dar mais um sinal da vossa inteligência e sabedoria.

E o Senhor é tão bom, que até nos oferece vários textos da Bíblia, principalmente no Livro dos Salmos, para melhor O louvamos. Um dos mais belos é o ...

O catequista afixe, por baixo do dístico “Sl 23/22”, o dístico “Sl 150”, e diga:

Podem abrir as Bíblias no Salmo 150, o último do Livro dos Salmos...

Após todas as crianças o fizerem:

Como começa esse salmo?...

“Aleluia” é uma palavra de que língua? Talvez ainda se lembrem. Já aprenderam isso no segundo ano de catequese?...

É uma palavra da língua de Jesus e das pessoas da sua terra: a língua hebraica.

E sabem-me dizer o que significa “Aleluia”?...

Após as crianças se exprimirem:

Olhem para a palavra seguinte do salmo...

Pois bem: Louvai diz-se, em hebraico, “Alelu”. E “Ia” é o princípio do nome de Deus “Javé” ou Iavé.

Portanto “Alelu-ia” significa “Louvai a Javé”, ou “Louvai o Senhor”.

É o que esse salmo nos convida a fazer: a louvar o Senhor.

E a louvá-lo com muita intensidade e convicção. Reparem quantas vezes, a seguir, aparece “louvai”. Ora contem lá...

Após as crianças o fizerem:

Então, quantas vezes são?...

Dez vezes “louvai”, e mais uma com “louve”. Isto, sem contar o Aleluia, no princípio e no fim.

E depois reparem como é que, neste salmo, somos convidados a louvar o Senhor:

– No versículo 1, diz-se para louvamos o Senhor que está no santuário, por exemplo nas igrejas; e... no firmamento – o céu.

– No versículo 2: louvamos a Deus pelas obras que Ele fez – o mundo, a natureza, as pessoas...E ainda pela sua grandeza – a sua majestade:

– Agora vejam os versículos 3 e 4...

Tanto instrumento musical: a lira e a cítara são duas espécies de violas ou guitarras; o tímpano é uma espécie de tambor que ajudava a dançar; a harpa é um instrumento de cordas, e a flauta é um instrumento de sopro, como era, antes, a trombeta.

– No versículo 5 estão os címbalos: são uma espécie de pratos com um som bonito; tocam-se, roçando ou batendo uns nos outros.

Estão a ver? No louvor ao Senhor entram quase todos os instrumentos musicais: Para quê?

– Leiam o versículo 6...

“Tudo quanto respira” são todos os seres vivos.

É um salmo lindo, não é?

2. Para o rezarmos bem, proponho que cada um pense, primeiro, ao menos numa coisa ou numa pessoa pela qual deseja louvar o Senhor, está bem? Têm um minuto para pensar...

Após um breve silêncio:

Antes de dizerem – os que quiserem – aquilo ou aquela pessoa pela qual querem louvar o Senhor, vamos aprender um **cântico** em que cantamos várias vezes “Aleluia” – louvai o Senhor. São, ao todo, 10 vezes.

Após o ensaio do Aleluia, o catequista diga:

Agora vamos combinar como vamos louvar o Senhor, para tudo sair certinho. É assim:

– Primeiro, cada um de nós vai receber um **ramo** dos que temos aqui e que representam a árvore que dá frutos e folhas verdes, como os frutos que dá quem segue a Lei do Senhor. Como vós tendes procurado fazer isso, então temos mais razão para louvar o Senhor. Podemos abanar os ramos, enquanto cantamos o Aleluia.

– Depois, vão dizer aquilo ou aquela **pessoa pela qual querem louvar o Senhor.**

Se as crianças forem muitas, diga cada uma apenas um motivo de louvor.

– Depois, cantaremos o **Aleluia** que é também a primeira palavra do salmo. Não se esqueçam: quando cantarmos, abanemos os ramos.

– De seguida, rezaremos o **Salmo**, mas assim: cada versículo é lido por um menino ou menina diferente.

O mais fácil é seguir a ordem em que as crianças se encontram na sala.

- No fim, voltaremos a cantar o **Aleluia**, abanando os ramos.

Após a distribuição dos ramos:

Então ponham-se de pé... Guardemos silêncio... E agora louvemos todos o Senhor, conforme combinámos, começando por dizer por que razão O queremos louvar....

3. Compromisso

Para esta semana, vamos ter dois compromissos:

– Primeiro: já repararam de que árvore são os ramos que receberam?...

São de oliveira. Ora isso, é de propósito: a oliveira é uma árvore especial, devido ao fruto que dá, as azeitonas, e àquilo que se faz com elas. Além de servirem para comer, que mais se faz com as azeitonas?...

E o azeite para que serve?...

Além de nos alimentar, também é usado para... untar ou unguir.

Pois bem. O que têm de fazer é descobrir o que é que a unção pode ter a ver com Jesus. Para isso, podem ir à catequese número 4 do ano passado, nas páginas 23 e 24. Se lerem o que lá está escrito, verão o que é que o azeite ou óleo de oliveira, tem a ver com Jesus. Escrevam a vossa descoberta numa folha com “A Palavra de Deus na minha vida”, que irão receber, antes de saírem.

– Mas, hoje, irão receber uma outra folha. É para a segunda tarefa: Lembrem-se de eu, na última catequese, vos ter pedido para pensarem numa pessoa que na nossa paróquia exerce a missão de ser nosso pastor?...

E pedi-vos também que escrevessem na vossa folha o que podiam dizer a essa pessoa (*o catequista pode dizer o nome*) para ser um pastor à maneira de Jesus.

Pois bem: hoje, não tivemos tempo para falar nisso. Mas eu não me esqueci. E aquilo que vós escrevestes (ou deveis escrever) tem de dar frutos. Se não, não sereis boas árvores.

Então o que vamos fazer? Será isto: cada um de vós vai escrever a essa pessoa, nosso pastor, uma carta. Sim, sim, uma carta. Nessa carta escreve o que deseja que esse nosso pastor seja, para ser um pastor segundo a vontade de Deus e à maneira de Jesus.

Mas, além disso, pode escrever mais alguma coisa: por exemplo, as descobertas do Antigo Testamento de que têm gostado mais até hoje.

É para isto que vão receber mais uma folha com “A Palavra de Deus na minha vida”: uma ficará para vós – com o primeiro ponto do compromisso; e a outra vai ser entregue ou enviada ao sr. Padre (*nome*).

E tragam as duas folhas, na próxima catequese.

À medida que as crianças vão saindo, o catequista distribua, por cada uma delas, as duas referidas folhas.

4. Para guardar na memória e no coração

“Feliz o homem que se compraz na Lei do Senhor
e nela medita dia e noite.

É como árvore plantada à beira das águas:
dá fruto a seu tempo e sua folhagem não murcha.”

(Sl 1, 1-3)

Catequese 16

“EVANGELHO DE JESUS CRISTO, FILHO DE DEUS” (Mc 1, 1)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O evangelho

É uma das palavras, especificamente bíblicas, mais usadas. Chega a aplica-se à Bíblia, no seu conjunto, ou, pelo menos, à sua mensagem, vista a partir do seu núcleo central: “Lá diz o Evangelho” – ouve-se, por vezes, dizer, mesmo quando aquilo que se cita provenha do Antigo Testamento. Na mesma linha, também se chama evangelho à doutrina cristã, vinda de Cristo, ou a cada um dos 27 livros do Novo Testamento. O mais habitual é aplicar-se aos primeiros 4 ou, sobretudo, a cada um deles. Por extensão, diz-se também do texto de um deles que é proclamado nas celebrações litúrgicas da Palavra, ou ainda, do instante em que isso é feito. Num campo mais profano, é, por vezes, classificado de evangelho um princípio ou uma doutrina indiscutível e que por isso merece crédito.

Mas alguns dicionários já nem sequer registam o significado original da palavra, a não ser relativamente à sua etimologia. Quer dizer que esse sentido se perdeu ou está em vias disso. Daí que, em traduções da Bíblias, se tenha tornado necessário traduzi-la, pelo menos nalgumas passagens. É que o termo evangelho, para as pessoas comuns, já nada transmite da força e dinamismo que tem no original grego, principalmente do Novo Testamento, onde aparece 76 vezes, a que se podem juntar 54 do verbo correspondente “evangelizar”.

Já isto mostra a sua importância, acentuada pelo facto de tanto o verbo como o substantivo não terem tido um significado especificamente religioso, nem na literatura grega anterior ao Novo Testamento nem sequer na maior parte da primeira tradução da Bíblia para grego, conhecida pela dos Setenta. Aí o grego *eu-angúelion* (evangelho) significa simplesmente “boa notícia”, e dizia-se tanto do acto de a transmitir como do seu conteúdo. Este variava. Mas aplicava-se predominantemente à mais que bem-vinda notícia de uma vitória, no contexto mortífero e destruidor de uma guerra.

Isto já dá para perceber a energia vivificante que uma tal boa notícia possuía e comunicava. Enquanto ela não fosse recebida, mantinham-se, no mínimo, o medo e a ansiedade relativamente ao desfecho da batalha em jogo. E logo que a boa notícia chegava, ela própria transformava, por vezes radicalmente, a vida de quem a escutava. Um efeito que não é difícil de imaginar perante semelhantes boas notícias que recebemos. E quanto melhores forem, mais bem nos fazem.

Como, desde sempre, se percebeu que esse bem não depende apenas das capacidades humanas, não admira, por isso, que “evangelho” e “evangelizar” começassem a ter um uso também religioso. No Antigo Testamento grego, (só) o verbo já se aplica à salvação operada por Deus, designadamente com o fim do exílio na Babilónia: *Que formosos são sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia* (à letra: *do que evangeliza*) *a paz, que apregoa a boa-nova* (à letra: *evangeliza coisa boas*), *e que proclama a salvação!* *Que diz a Sião: «o rei é o teu Deus!»* (Is 52,7). Quem o proclama é um profeta. E fá-lo em nome de Deus – o Deus a quem se deve a salvação anunciada e se comunica na Boa

Nova que a anuncia. É também por meio dela que Ele se torna (de novo) Rei do seu povo.

De modo semelhante, começou a chamar-se evangelho ao anúncio de acontecimentos da vida do imperador romano, depois de ele começar a ser venerado como um deus e, como tal, contribuir para a vida do império. Sobretudo o seu nascimento e a sua subida ao poder eram motivos de Boa Nova.

Foi neste contexto que os cristãos de língua grega começaram a falar de:

2. O Evangelho de Jesus Cristo

Aqui, Jesus Cristo pode entender-se em dois sentidos: como objecto – aquele que é anunciado; ou como sujeito – aquele que anuncia; ou, talvez de preferência, nas duas funções ao mesmo tempo. Mas – tudo o indica – foi no primeiro sentido que começou por ser usada a expressão. Ele – Jesus Cristo – tornou-se motivo da maior Boa Nova que alguma vez ressoou sobre a terra. Pelo menos para aqueles que nela acreditam e dela vivem.

É a maior, porque a vitória que Ele alcançou foi sobre o maior inimigo de qualquer ser vivo: a morte que é, por si, a negação da vida. E é contra esse inimigo que mais lutamos: em todos os tempos e lugares da nossa existência, em tudo o que pensamos e projectamos, dizemos e fazemos. Com tudo isso, não queremos outra coisa que não seja, directa ou indirectamente, triunfar sobre a morte, nas suas inúmeras manifestações. É uma luta tão impregnada na nossa vida, que esta, na prática, consiste, ao menos, em adiar a morte tanto quanto possível. Por isso, quando deixamos de lutar... morremos mais depressa. Uma luta condenada ao fracasso?!...

Por tudo isto, não podia haver Boa Nova mais desejada e (in)esperada que esta: *Deus ressuscitou-O* (a Jesus) *de entre os mortos* (Rm 10, 9). E ressuscitou-O, não para uma vida mortal, mas para sempre: *A morte não tem mais domínio sobre Ele* (6, 9). Este é o Evangelho que mais história fez e está a fazer: a daqueles que por ele têm adquirido nova vida.

A começar pelos seus arautos da primeira hora. A lista mais completa é oferecida por Paulo em **1 Cor 15, 1-11**: a lista dos homens e mulheres a quem o Ressuscitado se manifestou, desde Pedro (o primeiro) até Paulo (último), para serem Apóstolos deste Evangelho, assim citado por Paulo: *Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e foi sepultado; e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e apareceu a Cefas e depois aos Doze* (vv. 3-5).

Portanto, Paulo, Cefas (ou Pedro) e os Doze (e outros) tornaram-se arautos do Evangelho que receberam ao vivo: na medida em que Cristo, na condição de morto e ressuscitado, se lhes manifestou, eles foram de tal modo vivificados por Ele, que sentiram uma necessidade vital de o anunciar – como vitorioso sobre a morte e/ou Filho de Deus e/ou Messias prometido por Deus. A ressurreição foi a confirmação definitiva de tudo isso.

E deste modo o próprio Ressuscitado passou a fazer parte integrante das suas vidas. Qualquer pessoa tem experiência disso, embora a um nível inferior: quando alguém nos impressiona e transforma (por ex., pelo seu amor), essa pessoa pode passar a condicionar de tal modo as nossas vidas, que nelas transparece pelo menos aquilo que ela causou em nós. Na mesma linha, confessava S. Paulo: *Ai de mim se não evangelizar!* (1 Cor 9, 16). Ou então, que o Evangelho que pregava *é poder de Deus para a salvação de todo o crente (...), pois nele é revelada a justiça de Deus* (Rm 1, 16-17). Em vez de *poder de Deus*, podíamos dizer “Cristo ressuscitado”, já que foi na ressurreição do seu Filho que Deus mais manifestou o seu poder e a sua justiça (amorosa).

E, neste caso, Cristo já não é apenas objecto, mas sujeito do anúncio. Ele actuou nos seus Apóstolos e no Evangelho por eles proclamado... até hoje. Mas agora por outros meios, como este:

3. O Evangelho segundo São Marcos

Foi, provavelmente, o primeiro – dos quatro actuais – a ser escrito: por volta do ano 70, isto é, quando a grande maioria das testemunhas oculares de Jesus já tinha morrido, os cristãos de Jerusalém se viam envolvidos na guerra judaica (66-73), já existiam inúmeras comunidades cristãs (pelo menos nas principais cidades do império romano, a principal delas – em Roma – já tinha sofrido uma sangrenta perseguição, com Nero, no ano 64) e outras eram ameaçadas disso e, finalmente, começavam a surgir diferentes interpretações da mensagem cristã, algumas delas afastando-se da sua pureza original.

Por tudo isso, S. Marcos – um cristão de Jerusalém, colaborador de Paulo e Pedro – teve a feliz ideia de recolher, seleccionar e redigir em livro diferentes tradições relativas à vida, actividade e mensagem de Jesus Cristo que, desde os Apóstolos, se foram acumulando em diferentes comunidades cristãs. Mas chamou ao seu livro *Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus* (1, 1). Isto é, tudo o que nos conta é visto a partir do Evangelho de Cristo morto e ressuscitado, de que nascera a Igreja. Não é uma biografia de Jesus (não tem, por exemplo uma palavra sobre o seu nascimento e infância), mas o Evangelho alargado à sua vida pública, iniciada a partir do Baptismo por João Baptista. O objectivo é alimentar a fé, a mesma que surge do anúncio da salvação oferecida pela morte e ressurreição de Jesus e é necessária para acolher esse anúncio.

É nesse sentido que nele, logo no início, aparece duas vezes a palavra Evangelho:

- A primeira, como se viu, em **1, 1** e como título da sua obra: neste caso, trata-se do Evangelho sobre Jesus, na sua condição de Messias e Filho de Deus, alcançada pela oferta da vida na cruz e a consequente vitória sobre a morte. Na prática, é o mesmo Evangelho anunciado, oralmente, pelos Apóstolos.

- A segunda vez, em **1, 14-15**, isto é, no início da actividade messiânica de Jesus: é o Evangelho do Reino de Deus, anunciado e iniciado por Ele, em toda a sua vida pública. Um Evangelho que exige também a fé e a conversão, no qual Jesus actua como Messias e Filho de Deus e que tem o seu auge na sua morte e ressurreição. Na prática, é um Evangelho no qual se mostra como Jesus se torna definitivamente Messias e Filho de Deus – tal qual vai ser anunciado pelos Apóstolos... e por Marcos. Neste caso, por escrito.

E é assim, com o dinamismo próprio do Evangelho, que ele, ao longo da história da Igreja, tem contribuído para a sua vida. Entre os seus primeiros frutos, estão os restantes três Evangelhos. Pelo menos os de S. Mateus e de S. Lucas (escritos à volta do ano 80, em diferentes lugares e para diferentes comunidades) inspiraram-se no de S. Marcos. E quanto ao de S. João, tudo indica que o autor pelo menos também o conhecia. Portanto, um Evangelho pleno de vida... que continua a transmitir a quem o lê, na fé.

OBJECTIVOS

- Aperceber-se de como uma boa notícia pode transformar a vida de quem a recebe;
- Acolher, na fé, o Evangelho da ressurreição de Jesus Cristo, Filho de Deus;
- Descobrir como esse Evangelho nos é anunciado nos quatro Evangelhos, a começar pelo de S. Marcos.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese é central na descoberta da Bíblia que as crianças estão a fazer: mostra como Jesus Cristo, particularmente pela sua ressurreição, é o centro da revelação de

Deus descrita na Bíblia. É para Ele que conflui todo o Antigo Testamento, nas quatro partes descobertas nas quatro catequeses anteriores. E é d'Ele, como Messias e Filho de Deus prometido e esperado, que fala ou parte todo o Novo Testamento, que começa a ser descoberto com a presente catequese.

2. Por isso, ela está estruturada e formulada com um anúncio da mesma Boa Nova transmitida, oralmente, pelos Apóstolos, e, por escrito, pelos quatro evangelistas – uma Boa Nova que transforma a vida de quem nela acredita. As crianças começam por ser despertadas para isso pelo anúncio de que irão receber uma Boa Nova, maior do que tantas outras que têm recebido.

Com a curiosidade que isso provoca, irão certamente ouvir com muito mais interesse as duas leituras da Boa Nova ou Evangelho escrito por S. Marcos, ainda que, depois, se apercebam de que já conhecem, pelo menos, parte do seu conteúdo. Mas, o facto de serem proclamadas como Boa Nova dar-lhes-á uma dimensão nova: aquela que leva à adesão de fé n'Aquele que lhes é anunciado – Jesus Cristo Filho de Deus.

3. As implicações que essa fé tem na vida são vistas em duas perspectivas: daquilo que as crianças já viveram e realizaram, nomeadamente a partir das catequeses anteriores; e daquilo que irão fazer a partir desta, designadamente pela leitura vivencial dos escritos bíblicos.

4. Ainda nesse sentido, é proposto às crianças que entreguem ao sacerdote que serve a comunidade as cartas escritas por elas – também como uma Boa Nova que, afinal, se fundamenta no Evangelho que acabam de receber. Para que esta iniciativa produza efeito, designadamente para a próxima catequese, o catequista procure informar disso o referido sacerdote e pedir-lhe a necessária e desejada colaboração.

Peça-lhe que responda às crianças, de preferência individualmente e servindo-se de folhas idênticas às que recebem com “A Palavra de Deus na minha vida”. Para facilitar a tarefa ao sacerdote, o catequista pode escrever as cartas, por exemplo servindo-se do modelo apresentado no Documento 1 e adaptando-o.

Convém ser o mesmo texto para todas as crianças, mas dirigido pessoalmente a cada uma delas. Os computadores facilitam essa personalização. Neste caso, o pároco limitar-se-á a assinar. Se, entretanto, quiser ser ele a escrever tudo, peça-lhe o catequista que tenha em conta os pontos indicados no referido modelo, para que a carta se insira na temática das catequeses, nomeadamente da próxima.

MATERIAIS

- Folha-roló (catequeses anteriores);
- Dísticos: “EVANGELHO”; “JESUS”; “CRISTO”; “FILHO DE DEUS” e “Mc 16, 15-16”, “Mc 1, 2-3”, “Mc 1, 11”, “Mal 3, 1; Ex 23, 20; Is 40, 3” e “Sl 2, 7; Is 42,1; Gn 22, 2” e “Mc 6, 34-44”;
- 4 velas (catequeses anteriores);
- Uma vela maior e mais grossa (tipo círio pascal);
- Bíblia de mesa;
- Um ramo de oliveira (catequese anterior);
- Bíblias das crianças;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças (cada uma com duas), desde a catequese anterior;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida” por preencher, uma para cada criança;
- Canetas/esferográficas;

– Um envelope A/5.

MÚSICAS

- “Aleluia” (catequese anterior);
- “Senhor, eu creio que sois Cristo”;
- “Hoje, o Senhor está conosco”.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**: apenas a folha-rolô (das catequeses anteriores), ao centro.
- Sobre a **mesa**: a Bíblia, ao centro, aberta em Mc 1, 1 e com um ramo de oliveira sobre ela; dos lados, 4 velas (duas de cada lado) acesas (como na catequese anterior) e, por trás (entre a Bíblia e o placar), uma vela maior e mais grossa (tipo círio pascal), apagada.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. O catequista comece o encontro com o **cântico** do:

“**Aleluia**” (2 vezes e, se possível, em cânon).

É um gosto cantar este **cântico**, não é?...

Louvar o Senhor tanta vez e ainda por cima, com uma palavra da língua de Jesus. Contaram quantas vezes dissemos Aleluia, cada vez que o cantámos?...

Olhem: foram tantas vezes, como dizemos “Louvai o Senhor” no último salmo do Livro dos Salmos, o Salmo 150: dez vezes.

E porque será que começámos o nosso encontro por louvar tanto o Senhor?...

Claro: por muitas razões. Algumas até foram apontadas por vós na última catequese. E, de certeza, não se esqueceram delas, quando, há pouco, louvámos o Senhor.

Mas há muitas outras coisas que o Senhor faz e nos dão muita alegria.

Entre elas, estão, certamente, os trabalhos que fizeram em casa, desde a última catequese. Quais foram?...

– Primeiro: descobrir o que é que os ramos de oliveira que levaram, têm a ver com Jesus. Por isso é que ainda ali temos um, mesmo em cima da Bíblia. Já repararam?...

– Segundo: preparar uma carta para enviarmos ao sr. Padre (*nome*), o pastor que, na nossa terra/paróquia, representa Jesus, o bom pastor.

Quem de vós realizou estas duas tarefas?...

Se todas ou algumas das crianças cumpriram:

Então louvemos o Senhor por isso. Foi Ele que vos ajudou.

“**Aleluia**” (1 ou 2 vezes).

2. De certeza, que estão desertos para mostrar os vossos trabalhos. É verdade?...

Mas têm de esperar um pouquinho.

Antes disso, temos uma coisa muito mais importante. Uma coisa que nos traz muita, mesmo muita, alegria. E é, por isso, mais uma razão para louvarmos o Senhor. Olhem: é mesmo a razão mais importante.

Hoje, vamos ter aqui... imaginem: uma boa notícia. Sim, sim: uma boa notícia. É mesmo a melhor notícia que podemos ouvir.

Estão todos cheios de curiosidade, desertos para saber o que é, de que notícia se trata. Ainda bem.

Mas, antes de saberem qual é essa boa notícia que hoje vamos ter, antes disso, também eu tenho uma curiosidade. Só que a minha é acerca de vós. Gostava que me respondessem, antes de ouvirem a notícia.

Digam-me cá: o que é que sentem, quando recebem uma boa notícia? O que é que uma boa notícia faz em vós, quando a recebeis?

Talvez seja melhor, cada um pensar um bocadinho, antes de responder. Pensem numa boa notícia que tenham recebido e naquilo que sentiram depois de a receber. Têm um minuto.

Se o grupo for grande, pode dividir-se em pequenos grupos de 2 a 4 crianças, que combinem entre si qual a notícia (só uma) de que querem falar. Neste caso, dêem-se mais dois ou três minutos.

Estou todo curioso por saber qual a boa notícia que me vão dar. Digam lá.

Após ouvir as crianças, sem alongar, o catequista convide-as:

Acho que também por estas boas notícias que tanta alegria vos deram, devemos louvar o Senhor, cantando:

“Aleluia” (uma vez).

3. *Mesmo que as crianças tenham referido casos semelhantes aos que se seguem, o catequista, não deixe, neste caso, de voltar a falar neles, adaptando-se ao que as crianças expuseram:*

Quem de vós já recebeu a notícia do nascimento de um irmão ou de uma irmãzinha?

Se não houver nenhuma criança nessas condições ou outras semelhantes, o catequista pode perguntar se não conhecem colegas ou familiares que tenham passado por situações dessas, e, neste caso, interrogá-las sobre as reacções desses colegas ou familiares. Em última análise, conte um caso por eles conhecido:

- O que sentiste, quando a mãe ou o pai (ou outra pessoa) te deu essa notícia?...
- E como manifestaste a tua alegria para com a pessoa que a notícia e a mãe?...
- E o que é que mudou lá em casa e na tua vida, depois dessa notícia?...
- Se calhar, até começaste logo a pensar no nome do irmão/irmã, a ajudar mais a mãe, talvez mesmo a preparar as roupinhas para o irmão/irmã e outras coisas... Conta lá...

Para todas as crianças:

Estão a ver o que uma boa notícia nos pode fazer?... Além da alegria, tanta coisa muda na nossa vida. Sim: uma boa notícia pode mudar toda a nossa vida... Claro, para melhor.

Agora vejamos outra boa notícia que, de certeza, nos dá também muita alegria: quando uma pessoa da nossa família ou dos nossos amigos esteve muito doente, ao ponto de pensarmos que ia morrer, e depois se curou da sua doença. Algum de vós já passou por isso?...

Caso não tenha acontecido, faça-se como no caso anterior:

- Qual foi a doença?...
- Que aconteceu para que fosse curada?...
- E que sentiram as pessoas que souberam que se ia curar ou se tinha curado?...

E agora imaginem que essa pessoa (*nome*) tinha morrido mesmo. Claro que iam de certeza, ficar imensamente tristes. Perder uma pessoa que se ama tanto, é das piores coisas que nos podem acontecer. Só a pensar nisso, quase nos dá vontade de chorar.

Mas, agora, imaginem que essa pessoa, de quem tanto gostamos, morria mesmo, mas (*pausa*)... Mas depois voltava a viver!...

Poderá haver melhor notícia que esta?...

Se calhar, alguns de vós estão a pensar: “Mas isso nunca aconteceu. Quando uma pessoa morre, é para sempre. Até é sepultada, e o corpo se desfaz todo”...

Aconteceu, aconteceu. E a notícia disso foi a melhor que até hoje apareceu na terra.

Querem ouvir essa maravilhosa notícia? A notícia que até hoje mais alegria trouxe às pessoas e mais mudou a vida das que a receberam?...

II. PALAVRA

1. Por ser uma tão boa notícia, que tanto bem tem feito, vamos fazer assim, para a recebermos:

– Um de vós venha aqui acender esta vela maior, que ainda está apagada...

E agora, (*nome*), seguras a vela nas tuas mãos. Uma boa notícia é como uma luz, uma grande luz que ilumina a nossa vida.

– Agora, precisamos de outro de vós para ler a notícia...

Já estão a imaginar onde é que essa notícia se encontra escrita...

Então, (*nome*), pega na Bíblia...

O catequista fique com o ramo de oliveira na mão, depois de entregar à criança a Bíblia, aberta em Mc 1, 1 e lhe indicar o que deve ler. Depois diga para todos:

Ouçam então a boa notícia, a mais maravilhosa que até hoje se ouviu na terra:

Criança (Mc 1, 1):

Início do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.

Catequista:

(*Nome*), lê outra vez, para os teus colegas ouvirem bem e nunca mais se esquecerem.

Criança (Mc 1, 1):

Início do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.

Após todas as crianças estarem nos seus lugares:

Para compreendermos bem o que o/a (*nome*) acabou de ler, abram as vossas Bíblias no princípio do Evangelho segundo S. Marcos. É o segundo livro do Novo Testamento...

Enquanto as crianças abrem, o catequista afixe, sobre a folha rolo, o dístico “EVANGELHO”.

Como algumas Bíblias, em Mc 1,1, em vez de “Evangelho”, traduzem por “Boa Nova/Notícia”, o catequista adapte, nesse caso, a explicação que se segue, após todas as crianças terem encontrado a passagem indicada:

Sabem o que significa a palavra (*apontando*) Evangelho?...

É uma palavra de origem grega, a língua em que foi escrito o Novo Testamento, e significa... Boa Nova ou Boa Notícia. Como é uma palavra tão importante, por isso a temos aqui quase como se dizia em grego.

Portanto o que S. Marcos nos escreve é o Evangelho, a Boa Nova ou Notícia.

E uma Boa Notícia sobre quê?...

O catequista afixe, por baixo do dístico anterior, os dísticos “JESUS”, “CRISTO” e “FILHO DE DEUS” e comente:

Jesus é o nome próprio, dado por Nossa Senhora e S. José.

Mas S. Marcos junta mais dois nomes ou títulos:

– O primeiro é... **Cristo**. Ainda se lembram o que significa “Cristo”?...

Ungido ou – noutra palavra que vem da língua de Jesus – Messias.

E a quem é que se chamava Ungido, Messias ou Cristo?...

Era principalmente ao rei. Quando era feito rei, era ungido com quê?...

E de que é feito o azeite?...

Agora já percebem por que razão levaram para casa um ramo de oliveira?...

Quem escreveu isso na folha com “A Palavra de Deus na minha vida”?...

Para uma das crianças que o tenha feito:

Lê lá, (*nome*), o que escreveste...

Após a leitura, e mostrando o ramo de oliveira:

Muito bem: a oliveira dá a azeitona; e é da azeitona que se faz o azeite que dá força a quem é ungido com ele.

Se nós chamamos a Jesus o Ungido ou Cristo é porque Ele tinha uma força especial, a força de Deus.

– Passemos ao outro título que lhe dá S. Marcos. Qual é?...

Filho de Deus. Aí está: Jesus teve, mais do que ninguém, a força, a coragem, o poder de Deus, porque Ele é o Filho de Deus. Por isso é que Ele foi um Rei ou Messias ou Ungido como ninguém.

Ora bem: é esta Boa Notícia ou Evangelho que S. Marcos nos dá no livro que ele escreveu e nós estamos a começar a ler.

Mas, o que lemos até agora foi só o princípio. Se não, reparem bem no versículo 1...

2. Portanto, falta saber o que é que aconteceu com Jesus, para Ele se tornar Messias e Filho de Deus e ser chamado assim. É o que S. Marcos nos conta no resto do seu livro. Só que, agora, não temos tempo de ler tudo.

Mas até nem é preciso, porque vós já sabeis. Sim, sim, já todos sabem o que aconteceu com Jesus, para Ele ser o Messias e Filho de Deus. Já vimos isso aqui.

Lembram-se das primeiras catequeses deste ano? Que aconteceu com Jesus, depois de o matarem na cruz?...

E que fez Ele depois de ressuscitar?...

E que mandou Ele fazer aos Apóstolos, quando lhes apareceu ressuscitado?...

Neste caso, foi S. Lucas que nos contou tudo isto: como Jesus ressuscitado apareceu aos Apóstolos e os encheu da maior alegria. Nem queriam acreditar.

E, depois, mandou-os anunciar, em toda a parte, essa maravilhosa Boa Nova do Evangelho: que Jesus ressuscitou dos mortos e, por isso, Ele é (*apontando os dísticos*) o verdadeiro Cristo ou Messias e Filho de Deus.

É esta mesma notícia que S. Marcos nos anuncia no seu livro, que, por isso, se chama (*apontando*) Evangelho. Ele escreveu nele o Evangelho que os Apóstolos anunciaram. Sobretudo S. Pedro. S. Marcos andou muito com S. Pedro.

E o que ele ouviu de S. Pedro e dos outros Apóstolos, resolveu escrevê-lo, para que não se perdesse. Se o não tivesse feito, nós hoje pouco ou nada saberíamos de Jesus, como Cristo e Filho de Deus.

E será que esta maravilhosa notícia da ressurreição de Jesus e de que, por isso, Ele é o Messias e Filho de Deus – será que esta notícia muda a vida das pessoas que a recebem?...

3. Vejamos o que S. Marcos escreveu sobre isso. Vem mesmo no fim do seu Evangelho. Podem abrir as vossas Bíblias no capítulo 16, versículos 15 e 16...

O catequista afixe, ao fundo do placar, o dístico “Mc 16, 15-16” e, depois de as crianças terem aberto as suas Bíblias nessa passagem, diga-lhes:

Nesses dois versículos estão parte das últimas palavras que Jesus disse aos Apóstolos, antes de subir ao céu. Mostra-lhes aí o que acontece com as pessoas que acolhem a Boa Nova que eles iam anunciar.

Vamos ver se isso também acontece connosco. Portanto, muita atenção.

– Quem de vós quer ler?...

Então, (*nome*), vens aqui à frente e lê, daqui, para todos nós.

– Mas, para vermos melhor que são palavras de Cristo ressuscitado, convido mais um de vós a pegar na vela grande que representa a luz de Cristo.

Após as referidas crianças estarem nos lugares indicados:

Portanto o/a (*nome*) segura a luz de Cristo ressuscitado; o/a (*nome*) lê as palavras de Jesus e eu leio as de S. Marcos. Os outros podem seguir pelas suas Bíblias, mas de pé...

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista (narrador):

Naquele tempo,

Jesus apareceu aos Onze e disse-lhes:

Criança (Jesus):

Ide por todo o mundo

e pregai o Evangelho a toda a criatura.

Quem acreditar e for baptizado será salvo;

mas quem não acreditar será condenado.

Catequista:

Palavra da Salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista:

Não se sentem. Continuemos todos de pé e nos lugares onde estamos.

É que Jesus ressuscitado acaba de nos dizer uma coisa muito importante:

“Quem acreditar e for batizado será salvo”.

Quem acreditar que Ele é o Messias, o Filho de Deus, por ter ressuscitado de entre os mortos – quem acreditar n’Ele será salvo.

E nós acreditamos, não é verdade?...

Então, digamos-lhe isso – voltados para Ele, presente na Bíblia e representado por aquela vela – digamos-lhe que cremos nele – o Cristo, o Filho de Deus vivo, o Salvador do mundo.

Cantemos, voltados para Ele, o *cântico* que já conhecemos do ano passado:

“Senhor, eu creio que sois Cristo” (*refrão repetido*).

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Após todas as crianças estarem sentadas nos seus lugares:

Digam lá, então, o que acontece com as pessoas que acreditam (*apontando para o dístico respectivo*) no Evangelho de Jesus Cristo Filho de Deus...

Sim: Jesus promete que hão-de salvar-se. E salvar-se para sempre.

Isto é, acontecerá com elas o mesmo que aconteceu com Jesus. Também essas pessoas – também nós que acreditamos em Jesus, como acabámos de lhe dizer – também nós haveremos de ressuscitar dos mortos. Então, sim, salvar-nos-emos para sempre. Estaremos para sempre com Jesus ressuscitado.

Mas, não será preciso fazer mais nada? Isto é, as pessoas que acreditam mesmo em Jesus Cristo, Filho de Deus, o que é que muda na sua vida, que fazem elas para não se afastarem de Jesus?

Ainda se lembram do que fez S. Pedro, depois do Espírito Santo descer sobre ele e os outros Apóstolos no Pentecostes?...

E depois de S. Pedro anunciar o Evangelho de Jesus Cristo ressuscitado às pessoas que se juntaram, como reagiram muitas dessas pessoas?...

E depois de se converterem e serem batizadas, que começaram elas a fazer?...

Muito bem: eram assíduas ao ensino dos Apóstolos, à Comunhão Fraterna, à fracção do pão e às orações.

E connosco: acontece ou não o mesmo?...

Claro: também nos procuramos rezar, ir à Missa, viver unidos como irmãos e... virmos aqui ao ensino dos Apóstolos.

E que bem nos sentimos aqui! E depois de S. Marcos nos anunciar, mais uma vez, a Boa Nova de Jesus Cristo, Filho de Deus, ainda nos sentimos melhor.

Louvemos a Jesus Cristo por isso: pelo que Ele nos leva a fazer por acreditarmos n’Ele.

Dêmos-lhe glória, cantando-lhe o *cântico*:

“Hoje, o Senhor está connosco” (*refrão e 6ª estrofe*).

2. Olhemos agora para as velas que estão em cima da mesa...

A grande, no meio... Já vimos quem está representada nela. Até foi segurada pelo/a (*nome*), enquanto o/a (*nome*) lia as palavras de Jesus ressuscitado.

É Ele que está representado nela: Ele é a luz que ilumina todas as pessoas, do mundo inteiro, que n’Ele acreditam e serão salvas. É Ele a nossa luz.

Mas esta vela é diferente das outras. Ainda se lembram do que significavam as outras quatro, nas catequeses anteriores?...

As quatro partes do Antigo Testamento. Quais são?....

Digam todos, comigo:

Pentateuco, Livros Históricos, Livros Proféticos e Livros Sapienciais.

E porque será que a vela de Jesus Cristo, Filho de Deus, está no meio das quatro velas que representam as quatro partes do antigo Testamento. Alguém tem uma ideia?...

O Catequista, sem comentar as (eventuais) respostas das crianças, afixe, ao fundo do placar, os dísticos “Mc 1, 2-3” e, junto deste, “Mt 3, 1; Ex 23, 20; Is 40,3”; e ainda “Mc 1, 11” e, junto deste, “Sl 2, 7; Is 42, 1; Gn 22, 2”.

Depois divida o grupo em dois, para cada um confrontar uma das passagens indicadas do Evangelho segundo S. Marcos com as respectivas passagens do Antigo Testamento em que se apoiam.

Para ser mais rápido, pode pedir-se a cada criança que leia apenas uma das passagens do Antigo Testamento. No plenário, essa passagem seja lida apenas por uma criança. Depois, conclua:

Estão a ver como Jesus é apresentado com palavras tiradas do Antigo Testamento?

– Primeiro, nos versículos 2 e 3 acerca de João Baptista: ele é que é o mensageiro que, no deserto, vai preparar o caminho do Senhor.

– Depois, no versículo 11, onde Deus Pai fala a Jesus, logo que Ele acaba de ser baptizado.

Portanto, no Evangelho segundo S. Marcos, é Deus quem, primeiro, nos apresenta Jesus e com palavras que Deus já tinha dito no Antigo Testamento.

E sabem o que isto quer dizer? – Que foi Jesus quem melhor cumpriu o que Deus nos diz no Antigo Testamento. E é através de Jesus, da luz que nos vem d’Ele, que nós podemos ler bem o Antigo Testamento.

Como Ele é importante: Jesus ressuscitado, o Cristo e Filho de Deus! É Ele que está connosco, anunciado por S. Marcos e apresentado por Deus.

Dêmos-lhe glória outra vez. Mas agora com a Bíblia e a vela, levantadas por dois de vós...

E todos os outros ponhamo-nos de pé e cantemos o *cântico*:

“Hoje, o Senhor está connosco” (*refrão e 7ª estrofe*).

3. Compromisso:

Após as crianças se sentarem, o catequista convide-as a entregarem ao pároco a carta que lhe escreveram numa folha com “A Palavra de Deus na minha vida”, ao mesmo tempo que distribui por elas mais uma folha. Depois diga:

Sabem o que as vossas cartas são?...

São um evangelho, uma boa notícia que vão transmitir ao sr. Padre (*nome*). Vão-lhe dar a boa notícia de algumas coisas que têm aprendido e feito aqui na catequese. E, neste caso, uma notícia que lhe pode dar alegria e ajudá-lo a ser um pastor como Deus quer e à maneira de Jesus Cristo.

Eu vou colocar todas as vossas cartas num envelope e, juntamente com elas, vou lá colocar uma folha em branco com “A Palavra de Deus na minha vida” para o sr. Padre (*nome*) escrever.

E talvez ele, depois, a queira enviar para nós: para nós vermos como ele reage à vossa carta e, quem sabe, nos mostrar como é que a Palavra de Deus se manifesta na sua vida.

Se houver condições, o catequista pode pedir a algumas crianças que, em nome do grupo, o acompanhem na entrega das cartas.

E agora vamos ver o que podem fazer com a folha que hoje receberam.

Proponho que façam o seguinte:

– Primeiro, vão ler mais um texto do Evangelho segundo S. Marcos que, de certeza, querem conhecer melhor. O ideal seria que o lessem todo. Mas é muito longo. Por isso, leiam, ao menos, este texto que vou indicar no placar:

*O catequista afixe o **dístico** “**Mc 6, 34-44**” e convide as crianças a escreverem a sua indicação nas folhas que acabaram de receber. Depois explique-lhes:*

Em Mc 6, 34-44 vão ler uma das muitas coisas que aconteceram com Jesus. Mas, neste caso, é um acontecimento de que já falámos aqui este ano. Foi na catequese 5. Só que lá era contado por S. Mateus.

Pois bem: leiam os dois textos – o de S. Mateus e o de Mc 6, 34 -44. Depois anotem nas folhas algumas diferenças entre o que escreveram os dois: S. Mateus e S. Marcos.

– Mas, peço-vos ainda para escreverem outra coisa: o que têm feito, aqui na catequese ou noutros lugares, por acreditarem em Jesus Cristo ressuscitado. O que é que Ele vos tem levado a fazer.

Para isso, podem consultar as folhas com “A Palavra de Deus na minha vida” que escreveram até agora. De certeza que encontram nelas muitas coisas que Jesus ressuscitado vos tem levado a fazer.

Anotem na que receberam hoje as duas de que gostaram mais. E tragam essas folhas bem preenchidas para a próxima catequese.

Bom trabalho!

4. Para guardar na memória e no coração:

Os Evangelhos anunciam-nos este Evangelho:

Jesus é o Cristo,
o Filho de Deus,
que ressuscitou
e subiu aos céus.

DOCUMENTO 1

Modelo da carta a escrever às crianças pelo sacerdote que delas recebeu a carta, proposta no compromisso desta catequese.

*“Caríssimo/a (nome da criança),
Quanta alegria me deu a carta que me escreveste. Foi, para mim, uma autêntica Boa Nova.
Vejo como és meu/minha amigo/a. Por isso me dizes para ser um pastor como Deus quer e à maneira de Jesus, o Bom Pastor.
Continua a descobrir a Bíblia. Nela encontrarás outras pessoas que se tornaram amigas de Jesus e mensageiros do seu Evangelho. Quando eu a descobri, aprendi muito e tornei-me uma pessoa melhor e mais feliz.
Há uma pessoa na Bíblia que eu muito admiro. Chama-se Paulo. Lê a sua história e verás como Jesus é mesmo o Cristo, Filho de Deus.
O teu amigo e amigo de Jesus:*

(Assinatura)
(Nome)
(Local e data)”

Catequese 17

“AQUELE QUE NOS PERSEGUIA ANUNCIA AGORA A FÉ” (Gal 1, 23)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Actos dos Apóstolos: ou de Cristo?

Para quem inicia a leitura da Bíblia, sugere-se, por vezes, que comece pelo livro dos Actos dos Apóstolos. As razões são claras: primeiro, porque literariamente é um dos livros mais bem redigidos; segundo, porque o conteúdo, predominantemente narrativo, é bastante fácil de entender e prende rapidamente o leitor.

Outro argumento em favor da sua leitura será o facto de este livro nos descrever o cristianismo nascente. É, também, para este cristianismo que foram compostos os restantes livros do Novo Testamento, que, por sua vez, lêem os acontecimentos de Jesus e da vida dos cristãos a partir da morte e ressurreição de Cristo e à luz do Antigo Testamento. Por outro lado, é pela vida das primeiras comunidades crentes que se percebe como elas necessitaram do Evangelho e da catequese que os restantes livros bíblicos lhes transmitiam, ou passaram a transmitir, com base na actividade da evangelização e do ensino realizado pelos Apóstolos.

Isto não quer dizer, de modo algum, que os Actos dos Apóstolos tivessem sido o primeiro livro do Novo Testamento a ser escrito. Ou que fosse intenção do seu autor expor o enquadramento em que foi recebida ou redigida a restante literatura bíblica. Mas, como acontece com tantos outros livros, também este pode ser utilizado para outros fins sobre os quais o autor, possivelmente, nunca tinha sequer sonhado. E então quando e com que objectivo escreveu S. Lucas este segundo volume da sua obra, que integra também o Evangelho conhecido pelo seu nome?

Vejamos o que ele próprio nos diz sobre isso, no prólogo – **Lc 1, 1-4**:

– Quanto à data, informa que já outros, antes dele, tinham composto obras semelhantes à sua. Refere-se ao Evangelho segundo S. Marcos, de que se serve, e, provavelmente, outras colecções de palavras e acontecimentos relativos a Jesus que, entretanto, tinham sido fixadas por escrito. Sendo, portanto, posterior ao Evangelho de Marcos, escrito à volta do ano 70, pensa-se que S. Lucas escreveu a sua obra nos anos 80.

– O conteúdo é constituído por *uma narração dos factos que entre nós se consumaram*. Trata-se, pois, de um livro de história (narração), mas vista em perspectiva salvífica. O verbo *consumar* pressupõe que havia promessas, da parte de Deus (no Antigo Testamento), cujo cumprimento se deu em Jesus Cristo, a plenitude da revelação divina. Cristo é, pois, o centro da história de Deus com os homens. E é nesse sentido que Lucas concebe toda a primeira parte da sua obra, como, de resto, confirma no início da segunda: *No meu primeiro livro, ó Teófilo, narrei as obras e os ensinamentos de Jesus, desde o princípio até ao dia em que (...) foi arrebatado para o Céu* (Act 1, 1-2).

– A relação entre a primeira parte (Evangelho) e a segunda (Actos dos Apóstolos) é estabelecida por aqueles *que desde o princípio foram testemunhas oculares e (depois) se tornaram servidores da Palavra*. Eram sobretudo os Doze Apóstolos que, a seguir à ascensão de Jesus, transmitiam o que d’Ele tinham visto e ouvido – mas como *servidores da Palavra*. Que Palavra? – Primariamente, a última que d’Ele receberam,

depois de ressuscitado: que, em cumprimento das Escrituras, *o Messias havia de sofrer e ser ressuscitado de entre os mortos, ao terceiro dia; e que havia de ser anunciada, em seu nome, a conversão e o perdão dos pecados a todos os povos, começando por Jerusalém*. É desta Palavra, para a qual conflui tudo o que Jesus até então tinha feito e dito (no Evangelho), que os Doze são constituídos *testemunhas* (24, 46-48) – uma missão que realizam conforme é descrita nos Actos dos Apóstolos. Mas o motor dos seus actos é Aquele que anunciam: é Ele que, depois de subir ao Céu, lhes envia o seu Espírito Santo, que os põe em movimento e os acompanha na expansão da Palavra da salvação, *até aos confins da terra* (Act 1, 8).

Quer dizer que os Actos dos Apóstolos, na realidade, são actos de Cristo, presente e actuante neles e nas comunidades cristãs que fundam, pela conversão ao Evangelho ou Palavra que anunciam. E isso é particularmente visível no primeiro de três textos que relatam:

2. A conversão de Paulo

Não é por acaso que S. Lucas nos apresenta, no mesmo livro, três relatos deste acontecimento: contado por ele, em Act 9, 1-22; contado por Paulo em 22, 3-21 e 26, 9-18. Nos dois últimos, em circunstâncias especiais: em 22, 3-21, Paulo acaba de ser preso em Jerusalém; em 26, 9-18, encontra-se, na sequência dessa prisão, perante dois representantes máximos do poder romano, incluindo o judicial, na Palestina: o procurador romano Festo e o rei Agripa (neto de Herodes Magno). É depois desta prisão e julgamento que Paulo será enviado para Roma, onde, anos mais tarde, será martirizado.

Três relatos do mesmo acontecimento mostram, antes de mais, a sua importância. O leitor não o pode perder de vista, se quer compreender, não apenas o conteúdo genérico do livro, mas também a intenção com que S. Lucas o escreveu: segundo Lc 1, 4 (dirigindo-se a Teófilo e, nele, e cada leitor), diz tê-lo composto, *a fim de reconhecerdes a solidez da doutrina em que foste instruído*. Uma solidez da fé, não só no aspecto teórico, mas também prático.

E é sobretudo este último aspecto que mais ressalta dos relatos da conversão de Paulo: a certeza de que o verdadeiro Senhor de tudo o que acontece e é narrado, é Cristo ressuscitado. Mais: é nos maiores obstáculos, com que se deparam os seus mensageiros e as comunidades cristãs por eles fundadas, que Jesus ressuscitado mais se manifesta na sua condição gloriosa de Messias e Filho de Deus.

Vejam como isso é exposto no primeiro relato – **Act 9, 1-22**. Na prática, é um desenvolvimento narrativo do que S. Paulo resume em Gl 1, 23, com uma frase proveniente dos cristãos da Judeia, como reacção à conversão dele: *Aquele que outrora nos perseguia, anuncia agora a fé que então combatia*. No fundo, é a mesma oposição radical entre um *outrora* e um *agora*, expressa também pelos ouvintes de Paulo, na sua pregação, ainda em Damasco, mas agora como Apóstolo de Jesus Cristo, Filho de Deus: *Não era ele que, em Jerusalém, perseguia aqueles que invocam o nome de Jesus? Não tinha ele vindo aqui expressamente para os levar, presos, aos sumos sacerdotes?* (Act 9, 21). As mesmas questões já haviam sido colocadas por Ananias (9, 13-14) e são, certamente, postas também pelos leitores. Como se explica que um perseguidor, credenciado pelo sumo sacerdote e com as piores das intenções, se tenha transformado, de repente, num dos maiores mensageiros da fé que antes perseguia?!

A resposta é dada pelo conjunto do relato: tudo se deve Àquele que nele se revelou, nas condições em que era perseguido e como expressão daquilo pelo qual era perseguido: o Cristo e Filho de Deus, assim definitivamente constituído pela sua morte e ressurreição. A Ele – o Senhor, como Deus – *nada é impossível* (Lc 1, 37).

Mas, que género de poder se manifesta nele? – Aquele poder que vem de um amor à medida de Deus. Repare-se como Jesus se dirigiu a Paulo: interpelou-o pelo nome que o identificava como judeu – Saulo (9, 4), a versão greco-latina do hebraico Saul (que assim aparece no original grego). Era como Saul – isto é, devido às suas convicções profundas de judeu, e para defender a pureza da sua religião – que ele queria eliminar Jesus. E é assim, ao maior inimigo, que Jesus mais se manifesta como amigo... e transforma a maior inimizade no maior amor.

E é tão grande o amor de Saulo por Cristo e em Cristo, que, de imediato, também ele passa a ser perseguido. Uma perseguição que, nos Actos dos Apóstolos, irá culminar em Jerusalém e, depois, em Roma (Act 21,27-28,31). Mas, também então, Jesus manifesta o poder invencível do seu amor – nos seus mensageiros e na sua Igreja...

3. “Até aos confins da terra”

É para isto que Jesus envia os seus Apóstolos, depois de os fortalecer com o Espírito Santo prometido pelo Pai: para serem suas *testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra* (Act 1, 8). É o mesmo mandato exposto em Lc 24, 46-48, mas agora numa versão adaptada aos Actos dos Apóstolos. De facto, a partir de 2, 1ss, vê-se como a Palavra, levada pelos Apóstolos, se vai estendendo e implementando em todas as regiões antes indicadas e na mesma ordem cronológica e geográfica. Até se chegar a Roma, com Paulo, em 28,16ss. Serão aí os *confins da terra*, antes referidos?

Não. Nem hoje, nem então. Roma era a capital do Império Romano, mas nem toda a terra lhe pertencia. E S. Lucas, de certeza, sabia isso. Esta é uma das razões que leva muitos a dizerem que os Actos dos Apóstolos são um livro que está por acabar. Nele encontramos apenas o modelo de evangelização que S. Lucas, a partir de Cristo e dos seus Apóstolos, propunha aos leitores do seu tempo e de todos os tempos. Modelo de evangelização, não apenas quanto à dimensão universal da mensagem cristã e aos métodos da sua expansão, mas também e sobretudo na sua, já mencionada, fidelidade a Cristo.

Foi primariamente por essa razão que S. Lucas escreveu a sua obra: porque começavam a surgir desvios na interpretação e vivência da mensagem cristã (veja-se o que, sobre isso, diz Paulo aos anciãos de Éfeso, em Act 20, 29-32) e porque alguns cristãos se sentiam a vacilar na sua fé e pertença à Igreja, devido a um mal-estar cada vez mais generalizado, por causa de perseguições que, um pouco por toda a parte, lhes eram movidas.

Situações destas têm sido uma constante em toda a história, já milenária, da Igreja... até hoje e entre nós. Entre nós, especificamente, não com perseguições sangrentas. Graças a Deus. Mas, motivos para o desânimo e até a perda da fé e da adesão à Igreja não faltam. Em parte, são próprias de uma época marcada pela transição de um regime de cristandade – em que a prática religiosa era quase uma obrigação social – para uma sociedade cada vez mais laicizada e laicizante. Ser cristão, hoje e entre nós, exige cada vez mais uma convicção forte e, perante crescentes forças contrárias, a diversos níveis, por vezes convicções heróicas.

A nada disso a catequese é poupada. Pelo contrário: aí, ao meio ambiente de muitos catequizandos, junta-se o desinteresse de muitos encarregados de educação e, pior ainda, das próprias comunidades cristãs, a começar pelos seus responsáveis. Razões mais que suficientes para tantos catequistas... desanimarem? Não. Textos bíblicos, como o da conversão de Paulo, dizem-nos o contrário. Quando o ambiente é mais adverso, é então que Jesus, como Cristo e Filho de Deus, mais se manifesta e triunfa... até aos confins do mundo e pelos seus actos, nos mensageiros de hoje – como são tantos

catequistas que, nessas adversidades, vêm crescer a sua fé e redobram no empenho por aqueles a quem se dão. Há muitos exemplos disso. Graças a Deus!

OBJECTIVOS

- Prosseguir na descoberta do Novo Testamento, com os Actos dos Apóstolos;
- Compreender como Jesus, na conversão de S. Paulo, se manifestou como Messias e Filho de Deus;
- Louvar o Senhor pelas maravilhas que opera naqueles que n’Ele acreditam.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese é percorrida, do princípio ao fim, pelas cartas que o sacerdote, que serve a comunidade, escreve a cada criança, em resposta às cartas enviadas por elas. Não se trata apenas de um meio para manter as crianças mais atentas e interessadas. É sobretudo um exercício, ainda que à distância, do ministério sacerdotal deste Padre, na instrução e orientação da comunidade que lhe está entregue, com a vantagem de apontar para S. Paulo como modelo e fundamento do ministério apostólico, a partir da sua conversão.

2. Como se sugere, o relato da conversão de S. Paulo deve envolver ao máximo as crianças. O que não será, certamente, difícil: o texto está muito bem construído, como um dos exemplos mais belos da manifestação de Jesus ressuscitado como Messias e Filho de Deus. Ainda que as crianças não entendam tudo o que estes títulos exprimem – quem o entende? – pelo menos ficam com eles associados a um dos acontecimentos mais importantes da história do cristianismo.

3. Para deles não mais se esquecerem, sugere-se que o continuem a saborear em casa e de um modo que melhor corresponde à sua mensagem: pela oração, sobretudo de acção de graças pelas maravilhas operadas por Cristo em S. Paulo e em tantíssimos outros cristãos, até aos nossos dias.

MATERIAIS

- Folha-rolo (catequese anteriores);
- Dísticos: “JESUS”; “CRISTO” e “FILHO DE DEUS” (catequese anterior);
- Dísticos: “NOVO TESTAMENTO”; “EVANGELHO”; “ACTOS DOS APÓSTOLOS” e “Act 9, 1-22”;
- Cartas (uma para cada criança e cada qual dentro de um envelope com o nome do destinatário), enviadas pelo sacerdote a quem as crianças escreveram na catequese anterior (ver Observações Pedagógicas e Documento 1 dessa catequese);
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças desde a catequese anterior;
- Folha com “A Palavra de Deus na minha vida”, uma por cada criança, para serem preenchidas até à próxima catequese;
- Bíblias das crianças;
- Bíblia da mesa;
- 4 velas iguais e uma 5ª mais grossa e alta (catequese anterior).

MÚSICAS

- “Senhor, eu creio que sois Cristo”;
- “Hoje, o Senhor está connosco”.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

– No **placar**: ao centro, a folha-rolô com os dísticos “JESUS”, “CRISTO”, “FILHO DE DEUS” (catequese anterior); por cima, o dístico “NOVO TESTAMENTO”; do lado esquerdo, o dístico “EVANGELHOS”.

– Sobre a **mesa**: ao centro, a Bíblia; por trás, a vela do tipo do círio pascal (como na catequese anterior), acesa; de cada lado, duas velas (como nas catequese anteriores), uma das quais acesa.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista comece por mostrar às crianças as cartas (se possível, cada uma dentro de um envelope, com o nome da respectiva criança), enviadas pelo sacerdote a quem elas escreveram na catequese anterior, e, ao mesmo tempo, diga:*

Hoje trago correio para vós. Para todos: uma carta para cada um. Estão a ver?...

Já estão a imaginar quem as escreveu...

Exactamente: o sr. Padre (*nome*) que recebeu as vossas cartas.

Como vêem, ele procura ser mesmo um pastor à maneira de Jesus. Se não, não teria respondido às vossas cartas.

O que é que ele terá escrito, que vos querera dizer?...

Depende, certamente, daquilo que lhe escreveram. E também daquilo que têm feito aqui na catequese. Não foi isso que lhe contaram?...

Então, antes de vos entregar as cartas, vamos ver primeiro se realmente as merecem. Isto é, se cumpriram os compromissos da última catequese.

Começemos por uma coisa que tem a ver com o que ainda está escrito no centro do placar.

Leiam todos comigo: “**Jesus Cristo, Filho de Deus**”.

Quem foi o Evangelista que escreveu estas palavras?...

Muito bem: é o título do Evangelho escrito por S. Marcos. No seu livro, conta-nos como Jesus foi mesmo o Messias e Filho de Deus.

E quando é que Jesus mostrou mais que é o Cristo e Filho de Deus?...

Exactamente: ao dar a vida por nós na cruz e ao ressuscitar de entre os mortos. Foi essa Boa Nova que os Apóstolos anunciaram e S. Marcos escreveu num lindíssimo livro, para que nós a pudéssemos conhecer.

E leram mais alguma coisa deste Evangelho?...

Quem leu o que S. Marcos escreve no capítulo 6, versículos 34 a 44 (**Mc 6, 34-44**)...

Para uma criança que tenha lido:

Diz lá, (*nome*), o que é que S. Marcos tem nesse capítulo...

Após a resposta da criança e adaptando-se a ela:

Já conhecíamos todos. Já falámos aqui, várias vezes, dessa multiplicação de pães, realizada por Jesus. Olhem: é mais um sinal de que Ele é o Messias e Filho de Deus, que veio para anunciar o Evangelho do Reino de Deus. Por isso é que Ele saciou a fome de tanta gente.

Mas, quando nós falámos disso, a propósito da Eucaristia, não foi do Evangelho de S. Marcos que nós lemos, pois não?...

Servimo-nos do Evangelho de S. Mateus.

E alguém comparou o que escreveu S. Mateus com o que escreveu S. Marcos?...
E encontraram alguma diferença?

Após as respostas:

Há diferenças, mas são muito pequenas.

Isso até acontece connosco: quando vários de nós contam a mesma coisa, nunca dizemos tudo com as mesmíssimas palavras, pois não? E alguns acrescentam mais uns pormenores.

Mas, então, se foi para escrever a mesma coisa, para quê quatro Evangelhos?

É que nem todos contam as mesmas coisas.

Algumas são contadas por todos. Por exemplo, este milagre da multiplicação dos pães além de ser contado por S. Marcos e S. Mateus, é contado também por S. Lucas e ainda S. João.

E todos os quatro contam, com algumas diferenças, como Jesus foi morto e ressuscitou. Mas há outros acontecimentos ou palavras de Jesus que foram escritas só por um, ou só por dois ou três. Porquê?

Eu explico: é que cada um deles escreveu em terras diferentes e em alturas diferentes.

Comecemos por ver bem em que ordem eles aparecem na Bíblia. Podem abri-la no que vem em primeiro lugar...

Após as crianças o fazerem:

O primeiro é...

Exacto: S. Mateus.

Agora vejam o segundo...

Se a edição da Bíblia, usada na catequese, tiver, ao alto, a indicação de cada livro, o catequista chame a atenção para isso. Facilita a procura de cada livro...

E a S. Marcos segue-se...

E, depois de S. Lucas, qual é o último dos quatro...

Muito bem: S. João.

Mas esta ordem em que estão na Bíblia não é bem a mesma ordem em que foram escritos:

– Olhem: o primeiro a ser escrito foi o de S. Marcos. Não vem em primeiro lugar no Novo Testamento, porque S. Marcos não tinha sido Apóstolo de Jesus. Mas S. Mateus, sim. Por isso é que Ele, na Bíblia, vem antes do de S. Marcos.

– Depois de S. Marcos, foram escritos os de S. Mateus e S. Lucas, mas em terras distantes uma do outra e para as pessoas diferentes.

– Finalmente, o último a ser escrito foi o de S. João. Por isso ele vem em último lugar.

Por terem sido escritos em terras e em alturas diferentes é que há coisas que nem todos contam. Por exemplo, a lavagem dos pés aos discípulos, só S. João é que fala dela.

Com isto, terminamos a apresentação (*apontando para o placar*) dos Evangelhos, que formam a primeira parte do Novo Testamento.

E é também a parte mais importante, porque são os livros da Bíblia que mais falam de Jesus. Por isso lhes chamamos Evangelhos, boas novas.

E por isso é que, por exemplo, na Missa e aqui na catequese, quando ouvimos um texto dos Evangelhos, pomo-nos de pé, em sinal de mais respeito. Muitas vezes, é até o próprio Jesus que então nos fala, directamente. Para nós é uma oportunidade excelente

de estar com Ele e de aprender com Ele – (*apontando para placar:*) Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Eu até propunha que lhe manifestássemos a nossa fé: lhe disséssemos o que sentimos quando O escutamos ou quando os Evangelhos nos falam d’Ele. De acordo?...

Então cantemos-lhe o *cântico*:

“**Senhor, eu creio que sois Cristo**” (*refrão, que pode ser repetido*).

2. E agora sim: já podem receber as **cartas** que o sr. Padre (*nome*) vos enviou.

Depois de todas as crianças as abrirem e lerem, pessoalmente:

Então, o que vos parece daquilo que vos escreve o Sr. Padre (*nome*)?...

O melhor é um de vós ler a sua para os outros, até mesmo para sabermos se são todas iguais...

Após a leitura:

São todas iguais?...

Estão a ver? A carta que escreveram foi como uma Boa Nova, um autêntico evangelho para o sr. Padre (*nome*).

Claro: falaram-lhe da Bíblia, do que têm aprendido dela, de como a Palavra de Deus está a manifestar-se na vossa vida...

E é tudo isto que o sr. Padre (*nome*), como todos os padres, mais deseja. É para isso que eles procuram ser pastores como Deus: para que escutemos e sigamos a Palavra de Deus.

Também eu estou muito contente convosco. Vós, afinal, também me estais a ajudar a ser catequista. Obrigado.

Mas o sr. Padre (*nome*) fala também de outra coisa.

Para uma criança:

(*Nome*), lê outra vez, a partir do meio da carta...

Depois da leitura:

Portanto, o sr. Padre (*nome*) convida-vos a continuarem a descobrir a Bíblia e propõe mesmo que descubram uma pessoa realmente muito importante no Novo Testamento. É... S. Paulo.

Pois é isso que nós vamos começar a fazer a partir de hoje.

Já conhecem algumas coisas de S. Paulo. Nos outros anos, até leram algumas palavras que ele escreveu.

Mas ainda há muito para descobrir. E onde o podemos encontrar?...

Claro: na Bíblia. A começar pelo livro que vem logo a seguir aos quatro Evangelhos. Convido um de vós a vir aqui mostrar o nome desse livro e outro a acender mais uma vela, depois daquela que representa os Evangelhos.

*Depois de as duas crianças o fazerem e uma delas afixar o **dístico** “ACTOS DOS APÓSTOLOS”, do lado oposto ao **dístico** “EVANGELHO”:*

Quem de vós ainda o não fez, pode abrir a sua Bíblia no princípio desde livro dos Actos dos Apóstolos...

Depois, para uma criança:

(*Nome*) lê, para os outros, os dois primeiros versículos...

A seguir à leitura:

Fala-se aí de um primeiro livro. Isto é, quem escreveu os Actos dos Apóstolos, escreveu antes um outro livro e acerca de Jesus...

Alguém sabe quem foi que o escreveu, como se chama?...

É S. Lucas. Escreveu primeiro um Evangelho, onde conta o que Jesus fez até ser arrebatado ao Céu, isto é, até à sua ascensão.

E agora diz a Teófilo – que era um amigo seu – que vai escrever um segundo livro. Não diz aí como é que esse livro se chama, mas nós hoje damos-lhe o nome de “Actos dos Apóstolos”.

É que, neste segundo livro, S. Lucas conta o que fizeram os Apóstolos a seguir à subida de Jesus ao céu, como eles “actuaram”: daí o título “Actos dos Apóstolos”.

Nós até já lemos aqui alguma coisa deste livro. Ora, abram no capítulo segundo...

A seguir:

Estão a ver?... S. Lucas conta aí como o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos no dia do Pentecostes. E, depois, como S. Pedro anunciou a Boa Nova de Jesus ressuscitado às pessoas que se juntaram em Jerusalém e como algumas se converteram.

Já conhecíamos algumas coisas deste livro, mas vamos descobrir mais.

Vejamos onde é que S. Lucas começa a falar de S. Paulo.

II. PALAVRA

1. Abram no capítulo 7, versículo 58 (*Act 7, 58*)...

Após todas as crianças o fazerem:

Antes de lermos, eu explico um pouco do que S. Lucas conta antes.

S. Lucas está a contar uma coisa que aconteceu a alguns cristãos de Jerusalém. Um desses cristãos chamava-se Estêvão – **S. Estêvão**.

Ora aconteceu que começaram a perseguir, a fazer mal a Estêvão e a alguns outros cristãos. Não se admirem, porque já antes tinham feito mal aos Apóstolos e, antes disso, a Jesus. É que Jesus apresentava-se como Filho de Deus e Messias. Mas havia pessoas que não acreditavam que isso fosse verdade. E pensavam que o que Jesus queria era fazer-se rei, para mandar naquele país. Por isso o mataram.

Pois bem, em parte pelas mesmas razões, prenderam S. Estêvão: por ele proclamar que Jesus era o Messias e Filho de Deus. Como? Jesus crucificado, como um escravo? Podia Ele lá ser o Messias e Filho de Deus?! – era assim que os adversários respondiam a Estêvão.

Ora bem: depois de S. Estêvão lhes dizer umas palavras que S. Lucas escreve aí, depois disso começaram a apedrejá-lo até o matarem. Terrível!

E enquanto faziam isso, passou-se o que S. Lucas escreve nesse versículo 58, mas a partir do meio...

Para uma criança:

(*Nome*), lê para todos nós a segunda parte desse versículo...

Após a leitura:

As “testemunhas” eram pessoas que tinham acusado S. Estêvão no tribunal e agora o apedrejavam.

Conta S. Lucas que elas, para isso, puseram as capas junto de um jovem chamado **Saulo**. Sabem quem é este Saulo?...

É S. Paulo. S. Paulo tinha dois nomes, como acontece ainda hoje com muitas pessoas. Tinha um nome na terra de Jesus, na Palestina, que era Saulo. E tinha um nome, usado entre os gregos, que era Paulo.

É que S. Paulo, embora tivesse pais judeus (como Jesus e os Doze Apóstolos), nasceu longe da Palestina: numa cidade chamado Tarso, onde os seus pais viviam como

imigrantes. Por isso lhe deram dois nomes: um judeu – Saulo; e outro grego ou romano – Paulo.

Aqui, S. Lucas chama-lhe Saulo. E começa a falar dele a propósito do mal que estavam a fazer a S. Estêvão.

Será que S. Paulo, que estava a assistir, era contra ou a favor de S. Estêvão?...

Leiam agora, no capítulo 8, os versículos 1 a 3 (*Act 8, 1-3*)...

Após a leitura, por uma criança.

Portanto, S. Paulo não estava só contra S. Estêvão, mas começou, também ele, a perseguir e a prender os cristãos (a Igreja), que tiveram de fugir de Jerusalém.

S. Paulo a perseguir os cristãos! Isto é que, se calhar vós não sabíeis. Mas é verdade: S. Paulo começou a perseguir e a maltratar os cristãos.

Não estava de acordo com aquilo que eles faziam e diziam. Não podia aceitar que eles fossem seguidores de Jesus, que tinha sido crucificado pelas autoridades daquela terra. Se ele – Jesus – tinha sido crucificado, é porque não era boa pessoa. Assim é que Paulo, ou Saulo, pensava. E por isso perseguia e prendia alguns cristãos, seguidores de Jesus. Até que... se deu uma coisa de todo inesperada.

2. Abram as vossas Bíblias no capítulo 9, versículo 1 a 22.

O catequista afixe, ao fundo do placar, o dístico “Act 9, 1—22” e, depois de todas as crianças terem as suas Bíblias abertas nesta passagem, explique:

Aí, no capítulo 9, versículos 1 a 22, S. Lucas conta algo de inesperado e de extraordinário que aconteceu com Paulo ou Saulo.

Porque foi uma coisa tão importante, tem de ser muito bem lida. Por isso, convido-vos, cada um, a ler, primeiro para si. Se não entenderem alguma coisa, podem registar, e depois perguntam.

Mas, o importante é que se preparem bem para a leitura, em conjunto. Até podem já ir pensando naquilo que cada um de vós gostaria de ler.

Preparem-se, então, lendo cada um para si...

Após a leitura pessoal, sem pressas, do texto bíblico, o catequista pergunte:

Há alguma coisa que não tenham entendido bem, alguma palavra?...

É possível que as crianças perguntem acerca dos seguintes pontos:

– **V. 1:** “*Discípulos do Senhor*” – um dos títulos dados aos cristãos.

“*Sumo sacerdote*” – o principal sacerdote do templo de Jerusalém, que presidia também ao tribunal judaico – o sínédrio – que já tinha condenado Jesus.

– **V. 2:** “*Cartas de recomendação*” – cartas em que o sumo sacerdote dava poderes a Saulo para ele realizar o que pretendia, em Damasco. O sumo sacerdote, devido à sua posição, tinha influência sobre os judeus espalhados fora de Jerusalém.

“*Damasco*” – uma cidade a cerca de 240 quilómetros a norte de Jerusalém, onde viviam muitos judeus, com várias sinagogas. Para aí foram alguns cristãos fugidos de Jerusalém. Esses cristãos eram judeus e, por isso, continuavam a frequentar as sinagogas dos judeus, mesmo depois de se converterem a Cristo.

“*Via*” – o caminho da salvação, trazida por Cristo. Portanto, os cristãos consideravam que andavam no bom caminho.

– **V. 4:** “*Luz intensa*” – um dos modos de Deus se manifestar (como na sarça ardente, a Moisés): a luz ilumina e aquece e, por isso, é sinal da vida que vem de Deus, presente em Cristo ressuscitado.

- **V. 5:** “*Eu sou Jesus a quem tu persegues*” – Jesus, pelo seu amor, está tanto no coração dos que n’Ele acreditam, que quem os persegue, está a perseguir Jesus.
- **V. 9:** “*Sem comer e sem beber*” – efeito da aparição de Jesus e, ao mesmo tempo, preparação penitencial para o Baptismo.
- **V. 10:** “*Ananias*” – provavelmente o chefe da comunidade cristã de Damasco.
- **V. 11:** “*Rua Direita*” – a rua principal de Damasco que atravessava a cidade de um lado ao outro.
- **V. 13:** “*Santos*” – um dos títulos dados aos cristãos por, desde o Baptismo, pertencerem ao Deus Santo.
- **V. 15:** “*Instrumento escolhido*” – Jesus tem em vista fazer de Paulo mensageiro do Evangelho para todos, judeus e pagãos.
- **V. 17:** “*Impôs as mãos*” – dada a vitalidade que as mãos têm, é um meio de transmitir, ainda hoje, os dons de Deus.
- **V. 18:** “*Uma espécie de escamas*” – uma expressão para indicar a cegueira.

Após a explicação (se tiver sido necessária):

Vamos então preparar-nos para uma boa leitura.

Primeiro: quantas pessoas entram neste acontecimento e nele falam?...

– Primeiro é **Jesus** – que fala duas vezes: primeiro a Saulo (nos versículos 4 e 5), e depois a Ananias (nos versículos 10 e 11, 15 e 16). Quem vai ler as palavras de Jesus?...

– Depois **Saulo** ou Paulo: ele só fala uma vez – quando se encontra com Jesus. É no versículo 5. Quem se oferece para ler a pergunta que Paulo faz aí?...

– A seguir temos **Ananias** que fala duas vezes: primeiro com Jesus (nos versículos 13 e 14) e depois com Saulo (no versículo 17). Quem lê?...

– Mas ainda há mais alguém que fala...: são as **peessoas** que ouvem Saulo a anunciar que Jesus é o Messias e Filho de Deus. Essas pessoas, admiradas, fazem umas perguntas que vêm no versículo 21. Quem vai ler?...

– Só precisamos de mais um para ler: é o que faz de S. Lucas e lê a história por ele contada. É o **narrador**. Esse é quem lê mais. Quem se sente preparado para ler bem?...

Muito bem: já temos todos os leitores. Falta saber de que lugar é que eles lêem. Que vos parece?...

Após ouvir as crianças:

Eu proponho fazermos assim:

– O (*nome*), que lê as palavras de Jesus, que são as mais importantes, vem aqui para a frente e lê, junto ao placar, onde está escrito quem é Jesus: “O Cristo e Filho de Deus”.

– Os que lêem as palavras de Saulo, de Ananias e das pessoas que escutavam Saulo, esses lêem dos seus lugares. Mas de pé.

Os que escutam, ficam sentados e podem seguir a leitura pelas suas Bíblias.

– O mesmo faz o (*nome*) – o narrador. Pode ler também do seu lugar, mas de pé.

Se as condições da sala e o número de crianças o permitirem:

Para ser ainda mais bonito, proponho que um de vós, durante a leitura, segure a vela grande que representa a luz de Cristo ressuscitado. Pode vir aqui para a frente e pôr-se junto do que lê as palavras de Jesus...

3. *Depois de todos os referidos intervenientes na leitura estarem nos lugares indicados, o catequista introduza a leitura, convidando as crianças a cantarem o **cântico**, indicativo da presença de Jesus:*

“Hoje, o Senhor está connosco” (Refrão e 6ª estrofe).

Catequista:

Leitura dos Actos dos Apóstolos:

Criança (narrador):

**Naquele dias, Saulo,
respirando ainda ameaças de morte contra os discípulos do Senhor,
foi ter com o Sumo Sacerdote
e pediu-lhe cartas de recomendação para as sinagogas de Damasco,
a fim de trazer algemados para Jerusalém
quantos seguissem a nova doutrina,
tanto homens como mulheres.
Na viagem, quando já estava próximo de Damasco,
viu-se de repente envolvido numa luz intensa vinda do Céu.
Caiu por terra e ouviu uma voz que dizia:**

Criança (Jesus):

**Saulo, Saulo,
porque me persegues?**

Criança (narrador):

Ele perguntou:

Criança (Saulo):

Quem és tu, Senhor?

Criança (narrador):

O Senhor respondeu:

Criança (Jesus):

**Eu sou Jesus, a quem tu persegues.
Mas levanta-te, entra na cidade
e lá te dirão o que deves fazer.**

Criança (narrador):

**Os companheiros de viagem de Saulo tinham parado emudecidos;
ouviam a voz, mas não viam ninguém.
Saulo levantou-se do chão,
mas, embora tivesse os olhos abertos, nada via.
Por isso levaram-no pela mão e introduziram-no em Damasco.
Ficou três dias sem vista e sem comer nem beber.**

**Vivia em Damasco um discípulo, Ananias.
O Senhor chamou-o numa visão:**

Criança (Jesus):
Ananias.

Criança (narrador):
Ele respondeu:

Criança (Ananias):
Eis-me aqui, Senhor.

Criança (narrador):
O Senhor disse-lhe:

Criança (Jesus):
**Levanta-te e vai à rua chamada Direita.
Procura, em casa de Judas, um homem de Tarso, chamado Saulo,
que está a orar.**

Criança (narrador):
**Entretanto, Saulo teve uma visão,
em que um homem chamado Ananias entrava
e impunha-lhe as mãos,
para que recuperasse a vista.
Ananias respondeu:**

Criança (Ananias):
**Senhor, tenho ouvido contar a muitas pessoas
todo o mal que esse homem fez aos fiéis de Jerusalém;
e agora que está aqui com plenos poderes dos príncipes dos sacerdotes
para prender todos quantos invocam o teu nome.**

Criança (narrador):
O Senhor disse-lhe:

Criança (Jesus):
**Vai, porque este homem é o instrumento escolhido por Mim,
para levar o meu nome
ao conhecimento dos gentios, dos reis e dos filhos de Israel.
Eu mesmo lhe mostrarei quanto ele tem de sofrer pelo meu nome.**

Criança (narrador):
**Então Ananias partiu, entrou na casa,
impôs as mãos a Saulo e disse-lhe:**

Criança (Ananias):
**Saulo, meu irmão, quem me envia é o Senhor,
– esse Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas –**

a fim de recuperares a vista e ficares cheio do Espírito Santo.

Criança (narrador):

Imediatamente lhe caíram dos olhos uma espécie de escamas e recuperou a vista.

Então levantou-se, recebeu o baptismo e, tendo tomado alimento, readquiriu as forças.

Saulo passou alguns dias com os discípulos de Damasco

E começou logo a proclamar nas sinagogas que Jesus era o Filho de Deus.

Todos os que ouviam ficavam admirados e diziam:

Criança (ouvintes de Paulo):

Não é ele que em Jerusalém perseguia os que invocam este nome?

E não veio aqui para os levar algemados à presença dos príncipes dos sacerdotes?

Criança (narrador):

Mas, Saulo, cada vez mais fortalecido, confundia os judeus que habitavam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Messias.

Catequista:

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

Catequista:

Louvemos, outra vez, o Senhor Jesus, pelo que Ele acaba de fazer, com o *cântico*:

“Hoje, o Senhor está connosco” (refrão e 8ª estrofe).

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Depois de todas as crianças estarem sentadas nos seus lugares:

Foi uma leitura muito bonita, não foi?...

Parece que ainda estamos, também nós, envolvidos por aquela luz intensa em que Saulo se viu envolvido: a luz de Cristo ressuscitado.

E o que é que tudo isto nos mostra? Vejam outra vez o que o sr. Padre (*nome*) vos escreveu...

(*Nome*) lê as últimas palavras: o que ele vos convida e fazer...

Após a leitura:

Será que esta história de Paulo nos mostra mesmo que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus? Que vos parece?...

Depois de ouvir as crianças e adaptando-se às suas respostas:

De facto, no fim, é isso que S. Paulo anuncia logo em Damasco: que Jesus é o Filho de Deus, o Cristo. E insistia nisso para as pessoas que não queriam acreditar nele.

Mas como é que Saulo descobriu isso: que Jesus é o Cristo e Filho de Deus?...

Foi por aquilo que Jesus fez nele, em Saulo.

Ora lê lá, tu (*nome*), as palavras do versículo 21 (*Act 9, 21*)...

Após a leitura:

Parece que essas pessoas estão a dizer o que, se calhar, nós também sentiríamos: como é que um homem que tinha vindo de Jerusalém para prender os cristãos, os seguidores de Jesus, como é que este homem, de repente, começa falar bem de Jesus? Como é que ele, de repente, deixou de perseguir os cristãos e se pôs do lado deles? Antes, pensava que Jesus era um malvado; por isso, tinha sido crucificado. E agora aparece como um dos seus melhores amigos e seguidores. Como é que isso foi possível?...

Por aquilo que Jesus tinha acabado de lhe fazer: Jesus aparece a um seu inimigo. E que inimigo! Mas ao ir ao encontro desse inimigo, de Paulo, mostra-lhe que Ele, Jesus, é afinal o seu maior amigo. Fazer bem a quem lhe fez mal, haverá maior amor? Que vos parece?...

Depois de deixar as crianças exprimir-se e de as ajudar a compreender a importância de amar o inimigo, continue:

Só que é preciso uma grande força para amar assim os inimigos. Uma força que Jesus tinha, depois de morrer e ressuscitar.

Não há dúvida: de amar assim, só é capaz quem tem Deus mesmo dentro de si. E Jesus tinha, principalmente depois de ressuscitar. E mostrou-o a Paulo: mostrou que Ele – Jesus – é mesmo o Filho de Deus, o Cristo.

Por isso, pelo que Jesus tinha acabado de fazer nele, é que Paulo começou logo a dizer a toda a gente que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus.

Portanto, o sr. Padre (*nome*) tinha razão: com a história de Paulo descobrimos ainda mais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, por esta grande demonstração de amor que Ele fez: amar alguém que era seu inimigo.

Louvemos Jesus por isso: por aquilo que acaba de nos mostrar com a história de Paulo. Cantemos outra vez o *cântico*:

“Hoje, o Senhor está connosco” (*refrão e 9ª estrofe*).

2. Será que Jesus terá feito connosco coisas parecidas, especiais, pelo facto de nós acreditarmos n’Ele?

Foi esta a última coisa que vos pedi, no compromisso da última catequese: saber o que é que Jesus ressuscitado vos tem levado a fazer aqui na catequese. Quem escreveu?...

Se houver crianças que o tenham feito, o catequista convide-as a ler o que escreveram, evitando, se possível, repetições.

Se forem muito poucas as que o fizeram, peça às restantes que tentem lembrar-se de alguma coisa nesse mesmo sentido e que a transmitam.

*No final, convide as crianças a louvarem o Senhor também pelo que Ele tem feito nelas, mostrando-lhes assim que Ele é o Cristo e Filho de Deus. De pé, com as folhas escritas na mão, cantem o *cântico*:*

“Hoje, o Senhor está connosco” (*refrão e 6ª estrofe*).

3. Compromisso

Após as crianças se sentarem e de ser distribuída por elas mais uma folha com “A Palavra de Deus na minha vida”, o catequista proponha-lhes:

Guardem bem a carta que o sr. Padre (*nome*) vos escreveu. Afinal ele ajudou-nos a compreender o que aprendemos hoje na catequese.

Com a folha que receberam hoje, vão fazer duas coisas:

– Primeiro, vão escrever uma oração a Jesus Cristo, Filho de Deus. Ele tem feito tanta coisa convosco. Por isso, é tempo de nós lhe dizermos isso: agradecer-lhe o que Ele tem feito por nós.

E que oração é que vai ser?...

Vão ler outra vez o texto dos Actos dos Apóstolos que hoje lemos aqui sobre a conversão de S. Paulo. E aquilo de que mais gostam nela – vão agradecer isso a Jesus. O que Ele fez com S. Paulo e convosco... e, se calhar, com outras pessoas que, através de nós, se têm tornado mais amigas de Jesus.

Sei que há meninos e meninas que gostam mais de escrever do que outros. Mas também sei que, no vosso coração, são todos muito amigos de Jesus. Por isso, vai cada um, com muito cuidado – porque é para um grande Amigo – escrever a sua oração. Depois, podem completá-la com uma ilustração que mostre a Jesus o vosso amor e gratidão.

– Segundo: de certeza que estão com curiosidade de saber o que aconteceu com S. Paulo depois daquele encontro maravilhoso com Jesus ressuscitado. Muito do que aconteceu, está escrito no livro dos Actos dos Apóstolos que hoje descobrimos melhor.

Então eu proponho que leiam um pedacito dos capítulos 13 e 14, à vossa escolha. Para não se esquecerem, podem já pôr lá o marcador ou a fita da vossa Bíblia.

E depois podem escrever a vossa descoberta nas vossas folhas.

Para isso:

**Ide em paz
e que o Senhor vos acompanhe.**

Crianças:

Graças a Deus.

4. Para guardar na memória e no coração

Jesus fez de São Paulo

o instrumento para levar o seu nome

a toda a gente.

Também por isso Ele é o Cristo e Filho de Deus.

Catequese 18

“ESTA CARTA SEJA LIDA A TODOS OS IRMÃOS” (1 Tes 5, 27)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A carta

Mesmo nos nossos dias, a carta continua a ser um dos meios mais apreciados e usados para a comunicação entre pessoas fisicamente separadas. Isto, apesar da crescente concorrência de outros meios. Nalguns aspectos com vantagens sobre o tradicional processo epistolar; mas noutros sem as valências que só a carta oferece.

É verdade que o telefone, e para mais portátil, permite vencer as barreiras do tempo, colocando as pessoas imediatamente em diálogo. Mas a um telefonema, mesmo quando gravado, falta-lhe a dimensão escrita. Uma carta pode ser conservada e lida, quantas vezes se quiser e for necessário: pelo seu destinatário e os que herdaram os seus bens. Quantos casos há em que as cartas, escritas ou recebidas por uma pessoa, se tornam documentos preciosíssimos de momentos, por vezes únicos, da sua vida a que a posteridade pode ter acesso.

O mesmo se pode dizer do correio electrónico, por computador ou telemóvel. Também ele é muito mais rápido do que a carta que percorre os trâmites tradicionais. Mas, além de mais facilmente se perder, sobretudo se não for impresso, não tem muito daquele cunho pessoal de uma carta que é escrita pelo punho do próprio. Nem que seja com uma simples assinatura, a escrita é única. Cada pessoa tem a sua e, como tal, é identificável também pela sua caligrafia.

Tudo isto se aplica principalmente às chamadas cartas de amizade. Historicamente, pensa-se que foi por elas que se deu início a este género de correspondência. As cartas exclusivamente comerciais terão surgido depois. E as cartas públicas, na prática, não são mais do que uma imitação do género genuinamente epistolar. Isto é, são cartas apenas na sua forma.

Nas cartas de amizade não é apenas o autor e remetente que é concreto, mas também o seu destinatário. E têm como objectivo, directo ou indirecto, manter ou aprofundar a amizade que os une e, por circunstâncias variáveis, não suporta a separação.

Por isso, este género de cartas tem todas as características do diálogo. Chegam mesmo a ser definidas como o diálogo à distância. Ou, talvez mais correctamente, a metade desse diálogo, já que é apenas uma das partes intervenientes que nelas se exprime. Sendo um diálogo entre amigos, participam das qualidades dessa amizade: entre outras, a verdade e sinceridade de quem escreve e a correspondente fé e confiança de quem a recebe. É quase como se as pessoas estivessem mesmo uma junto da outra. Aliás, as cartas chegam mesmo a ser identificadas como uma forma de presença.

Casos há em que são até preferidas à presença física. Há coisas que nós, apenas através de uma carta, somos capazes de dizer. Corporalmente presentes, correríamos o perigo de perder o autodomínio emocional ... e, com ele, a amizade.

Tudo isto nos pode ajudar a compreender melhor o que foram e são:

2. As cartas de S. Paulo

Tudo indica que começaram por ser a solução para uma situação de emergência. Pelo menos na primeira – a 1 Tes, redigida à volta do ano 49, e que é também o escrito mais antigo do Novo Testamento. Paulo tinha anunciado o Evangelho em Tessalónica, conseguindo, em pouco tempo, fundar aí uma comunidade cristã. Só que, antes de lhe poder dar a necessária consistência, foi obrigado a abandonar a cidade, por causa das perseguições, que se estenderam mesmo à estação seguinte da sua viagem missionária, a cidade da Bereia, que teve também de deixar, indo para Atenas (cf. Act 17, 1-15). Foi aí que, para se certificar da situação em que se encontravam os cristãos da Tessalónica, resolveu enviar-lhes Timóteo.

E este voltou, quando Paulo já estava em Corinto, com as melhores notícias: a comunidade continuava viva, apesar de perseguida. Precisava, por isso, do apoio do seu fundador, até mesmo, também, por causa de algumas dúvidas no campo doutrinal que, entretanto, nela tinham surgido.

A resposta de Paulo foi enviada por carta. E, com ela, deve ter-se apercebido das potencialidades deste género de comunicação: era, afinal, o meio mais apropriado para continuar a evangelização à distância. É que, sendo o Evangelho constituído por uma mensagem de amor – o inexcedível amor de Deus manifestado em Cristo – a carta de amizade manifestava-se, naquela situação, como uma das suas melhores expressões.

Esta primeira experiência deve ter sido tão gratificante e eficaz, que outras cartas se seguiram, em outras circunstâncias e para outras comunidades. As situações e os problemas eram diferentes, mas o modo de lhes dar resposta era o mesmo: em todas as suas cartas, Paulo fundamenta-se no Evangelho que pregava e na autoridade apostólica, proveniente da sua condição de Apóstolo de Cristo ressuscitado e, na maioria dos casos, de ser o fundador das comunidades às quais escreve.

Foi tão rica esta experiência, que houve cartas (por ele) escritas mesmo depois da sua morte. Os seus colaboradores continuaram a escrever em seu nome, fundamentando-se naquilo que dele tinham ouvido e recebido. É o caso provavelmente de seis das treze cartas do Novo Testamento atribuídas a S. Paulo: 2 Tes, Col, Ef, 1 e 2 Tim e Tit, a que chamamos deuteropaulinas, para as distinguir das restantes, as proto-paulinas. E a experiência estendeu-se mesmo a outras figuras marcantes do cristianismo nascente. Fazem parte das cartas do Novo Testamento, além das de Paulo, a carta aos Hebreus (cujo autor se desconhece), as duas de Pedro, a de Tiago, a de Judas e três de João.

As últimas seis são chamadas “Católicas” (no sentido de “universais”), por não serem dirigidas a uma só comunidade cristã, ao contrário da maioria das de Paulo (e da carta aos Hebreus). Nas dele, há três escritas a seus colaboradores – 1 e 2 Tim, Tit – a que por isso chamamos pastorais (isto é, pastores). Mas, na prática, o que é dito a esses pastores refere-se às comunidades que dirigem e em situações histórias próprias da época em que foram escritas e dos seus destinatários.

Quer isto dizer que, provavelmente, nenhuma das cartas do Novo Testamento foi escrita com a intenção de ser publicada para todos os cristãos de todos os tempos. Todas elas eram, inicialmente, escritos de circunstância. Não admira, por isso, que algumas se tenham perdido. É o caso provável da carta a que se refere S. Paulo em 1 Cor 5, 9, cujo paradeiro se desconhece.

Por que razão, então, se conservaram as que hoje fazem parte do Novo Testamento? Sem dúvida, por aquilo que delas a Igreja tem recebido e que já S. Paulo exprime de um modo que tem a ver com as suas cartas, ao escrever aos cristãos de Corinto, em **2 Cor 3,3:**

3. “Sois uma carta de Cristo”

O ponto de partida para esta expressão é indicado na interrogação do versículo 3, 1: *Porventura temos nós necessidade, como alguns, de cartas de recomendação para vós ou da vossa parte?* Isto é, havia cristãos em Corinto que exigiam de Paulo que provasse a sua condição de Apóstolo de Cristo, através de cartas de recomendação recebidas das comunidades onde tinha actuado. Era assim que procediam outros pretensos apóstolos que se haviam intrometido em Corinto e que, no seu dizer, pregavam *outro Jesus diferente daquele que nós pregámos* e com *um Evangelho diverso daquele que abraçastes* (11, 4). Era gente que provavelmente acentuava a dimensão gloriosa de Cristo, em detrimento dos seus sofrimentos e da sua morte. Por isso, consideravam que os apóstolos, ou enviados de Cristo, assim deviam actuar: com actos portentosos – *sinais, milagres e prodígios* (12, 11). Eram provavelmente esses sinais do apostolado que eles documentavam com as cartas de recomendação.

Paulo rejeita esse modo de agir, respondendo em primeiro lugar: *A nossa carta sois vós, uma carta escrita nos nossos corações, conhecida e lida por todos os homens* (3,2). Isto é, a prova mais fiável da condição apostólica de Paulo era a comunidade por ele fundada (cf. 1 Cor 9, 1-2); ou melhor, fundada por Cristo – aquele Cristo morto e ressuscitado que havia chamado Paulo para seu Apóstolo, com a missão de O anunciar, pelo Evangelho. Este Cristo, que actuava no seu Apóstolo, é que, de facto, estava na origem e no centro da vida da comunidade. É, em primeiro lugar, nesta perspectiva que Paulo chama à comunidade *uma carta de Cristo*. Neste caso, Cristo é o seu autor ou fundador. O Apóstolo foi apenas o portador de Cristo ou do Evangelho que havia anunciado: um Cristo escrito no coração de Paulo, tal como a comunidade que d’Ele nasceu e vive.

Mas a comunidade é também *uma carta de Cristo*, na medida em que O anuncia, O mostra ao vivo, no seu modo de ser, pensar e agir. Noutra lugar, Paulo chama-lhe, no mesmo sentido, *Corpo de Cristo* (1 Cor 12, 27); um corpo em que se entra pela fé e pelo Baptismo e que se alimenta pela Eucaristia; um corpo animado pelo mesmo Espírito que actuou em Cristo e O fez ressuscitar dos mortos; um corpo cuja comunhão se manifesta, sobretudo, pela caridade de Cristo, que une e dá sentido a todos os carismas que contribuem para a construção e existência da comunidade (1 Cor 13).

Se Paulo lhe chama *uma carta de Cristo*, deve-se, provavelmente, ao objectivo e efeito das suas cartas: também nelas ele anunciava o Evangelho que pregava, adaptando-o a circunstâncias concretas da vida das comunidades às quais escrevia. Por isso elas eram lidas nos momentos da vida da comunidade em que esta mais vivia de Cristo e para Cristo: as celebrações, principalmente a da Eucaristia. Um sinal disso são as saudações iniciais e conclusivas, algumas delas conservadas até aos nossos dias em celebrações idênticas.

E foi principalmente aí que, ao longo dos tempos, a Igreja tomou consciência do valor preciosíssimo das cartas de Paulo, tal como de outros escritos, conservados como Palavra de Deus. De tal modo que, também hoje, ele, Paulo, pode dizer aos cristãos que as lêem, assimilam e delas vivem: *vós sois uma carta de Cristo* – vós, isto é, também os catequistas em cujas palavras e vidas Cristo se manifesta...como uma carta de amizade enviada aos catequizandos que lhes são confiados.

OBJECTIVOS

- Prosseguir na descoberta do Novo Testamento, com as cartas de S. Paulo e as outras;
- Descobrir como as cartas de S. Paulo faziam parte da sua actividade apostólica;
- Acolher as palavras de S. Paulo como palavra de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. É importante que as crianças se apercebam de que as cartas, escritas por S. Paulo, e que hoje fazem parte do Novo Testamento, não são simples documentos do passado, mas são palavra de Deus para os cristãos de todos os tempos. Por isso, logo no princípio, o catequista é convidado a apresentar a carta que traz com as palavras de 1 Tes 1, 1, como uma carta enviada para o grupo. E, depois da sua leitura, as crianças irão ler algumas passagens da mesma carta que se podem aplicar melhor à caminhada catequética que estão a fazer.

2. Para uma melhor compreensão do texto de 1 Tes 1, 1, sugere-se que as suas palavras sejam escritas em cores diferentes: uma para as que se referem ao remetente; outra para as que dizem respeito ao destinatário; e outra para a saudação. A folha deve ter a mesma dimensão da folha-rolô, usada nas catequeses anteriores, para que possa ser afixada sobre ela. As palavras tenham um tamanho que permita a sua leitura do lugar onde se encontram as crianças. Para tudo isto, consulte-se o Documento 1.

3. Preste-se particular atenção à primeira sugestão do compromisso: com base em 2 Cor 3,3, incentivem-se as crianças a escrever uma carta pessoal a S. Paulo, em resposta às cartas por ele escritas – uma carta em que mostrem que são uma carta de Cristo. Na catequese seguinte (19), sugere-se o que o catequista pode fazer com as cartas das crianças.

MATERIAIS

- Folha – rolo (catequeses anteriores);
- Folha com o texto de 1 Tes 1, 1 (ver Documento 1);
- Dísticos: “NOVO TESTAMENTO”; “EVANGELHOS”; “ACTOS DOS APÓSTOLOS”; “JESUS”; “CRISTO” e “FILHO DE DEUS” (catequese anterior);
- Dístico: “CARTAS”;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças desde a catequese anterior;
- Folhas, duas para cada criança, com “A Palavra de Deus na minha vida”, para serem escritas pelas crianças;
- 5 velas, uma das quais mais grossa e maior (tipo círio pascal);
- Bíblias das crianças;
- Bíblia de mesa.

MÚSICAS

- “Hoje, o Senhor está connosco”;
- “Louvor a vós, Rei da eterna glória” (P. Manuel Luís), com estrofes próprias (ver Desenvolvimento da Catequese – Expressão de Fé).

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**: ao centro, a folha-rolô com os dísticos “JESUS”, “CRISTO” e “FILHO DE DEUS”; do lado esquerdo, o dístico “EVANGELHOS”; do lado direito, o dístico “ACTOS DOS APÓSTOLOS” (catequese anterior).
- Sobre a **mesa**: ao centro, a Bíblia; por trás dela, uma vela mais alta e mais grossa (tipo círio pascal), acesa; de cada lado, 4 velas (2 de cada lado), duas das quais acesas.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista mostre às crianças o envelope (A/4 ou A/5), fechado, com o texto de 1 Tes 1, 1 dentro, e diga:*

Estão a ver?... Hoje temos mais uma carta. Uma carta para nós.

Por fora talvez não se note. Mas, por dentro, vão ver que é mesmo para nós.

Não, não. Esta não foi escrita pelo sr. Padre (*nome*). Quem a escreveu foi uma pessoa muito mais importante do que ele.

Quem terá sido?... E o que é que estará escrito nela?...

Até saberem isso, têm de esperar um pouco. Temos de nos preparar para percebermos bem quem escreveu esta carta e o que nela está escrito. Preparar como?

Começemos por um dos compromissos que receberam na última catequese. Podem pegar nas folhas com “A Palavra de Deus na minha vida” que devem ter preenchido desde essa catequese...

Depois de as crianças terem essas folhas na mão:

A primeira coisa que vos pedi para fazerem foi?...

Exacto: continuarem a ler a história de S. Paulo, depois daquele acontecimento maravilhoso que foi a aparição de Jesus ressuscitado.

Quem leu o que os Actos dos Apóstolos nos contam depois disso?...

O catequista deixe que as crianças digam que partes dos Actos dos Apóstolos leram e, depois, concentre-se nos capítulos 13 e 14, adaptando-se às respostas das crianças.

Para uma melhor compreensão do conteúdo desses capítulos, pode sugerir às crianças que sigam o mapa da primeira viagem missionária de Paulo que muitas Bíblias têm.

Peça às crianças que exponham brevemente o que, nessa viagem, mais as impressionou.

Se nenhuma criança leu, seja o catequista a indicar o trajecto seguido por Paulo e Barnabé (e Marcos). Detenha-se num ou noutra texto, que pode mesmo ser lido pelas crianças: por exemplo, parte de Act 14,8-20.

Se as crianças manifestarem dúvidas ou pedirem esclarecimentos acerca dos textos, o catequista responda, apenas se souber. Em última análise, procure informar-se, durante a semana seguinte, das respostas certas. Destes capítulos 13-14 dos Actos, realce estes dois pontos:

– **A necessidade da missão:** *Quem conhece e ama Jesus, tem de falar dele. Muito mais do que fazemos com pessoas que muito nos amam. Daí a decisão da comunidade cristã de Antioquia de enviar Barnabé e Paulo em missão. Uma actividade de todos os tempos da Igreja: até nos nossos dias se conhecem exemplos de pessoas enviadas para outros povos. Podem indicar-se casos concretos, talvez até já conhecidos pelas crianças.*

– **A abertura da mensagem cristã a não judeus:** *A alegria com que os pagãos ou gentios acolheram a Boa Nova. É que Cristo deu a vida por toda a humanidade. Uma dimensão universal do cristianismo mais fácil de constatar nos nossos dias: até as crianças provavelmente conhecem e contactam com cristãos de outros países (p. ex., imigrantes).*

No final da exposição, o catequista convide as crianças a louvarem o Senhor pelo “Hoje” da salvação experimentado por todos os que acolheram e acolhem o Evangelho, desde S. Paulo e S. Barnabé, baseando-se em Act 14, 27-28, e com o cântico:

“Hoje, o Senhor está connosco” (refrão e 9ª estrofe).

2. Será que S. Paulo só fez esta viagem para anunciar a toda a gente que Jesus é o Cristo e Filho de Deus?

Abram as vossas Bíblias no capítulo 16 dos Actos dos Apóstolos (*Act 16*)...

Após todas as crianças o fazerem:

A partir deste capítulo 16, S. Lucas conta mais duas viagens missionárias de S. Paulo. E foram muito maiores do que a primeira. Imaginem: chegou até à Grécia.

Se houver um mapa, o catequista indique onde fica a Grécia, chamando a atenção para as distâncias percorridas por Paulo.

Não temos tempo de ver aqui tudo o que S. Lucas nos conta. Mas, se quiserem, podem ler em vossa casa.

Por agora, posso dizer-vos que aquelas viagens não foram nada fáceis. Naquele tempo não havia os meios de transporte que temos hoje: nem aviões, nem comboios ou carros. E, pelo mar, os barcos eram muito mais pequenos do que hoje e andavam muito mais devagar.

Foram viagens muito difíceis e atribuladas. Só uma pessoa com muita coragem e muito amor a Jesus é que podia viajar assim, como fez S. Paulo.

É claro que ele não ia sozinho. Tinha pessoas que o acompanhavam e apoiavam. Olhem: logo no princípio, S. Lucas fala de duas dessas pessoas. Vejam no capítulo 15, versículo 40 (*Act 15, 40*)...

Como se chamava esse companheiro de S. Paulo?...

Muito bem: Silas. S. Paulo também lhe chama Silvano. Era o mesmo, só que noutra língua.

E vejam agora no capítulo 16, versículos 1 e 2 (*Act 16, 1-2*)...

Aí está: Timóteo foi outro grande colaborador de S. Paulo.

Falta dizer uma coisa muito importante que S. Paulo fazia, nas terras onde anunciava Jesus: quando conseguia que um bom grupo de pessoas se convertessem e acreditassem em Jesus, esses cristãos formavam uma comunidade.

Era um pouco parecido com o que acontece, hoje, connosco. Também nós pertencemos a uma comunidade cristã. E fazemos tantas coisas na nossa paróquia, para conhecermos melhor Jesus e vivermos, uns com os outros, como seus discípulos, como cristãos. Por exemplo, a catequese, a Missa...

Pois bem: em muitas das cidades onde S. Paulo anunciou o Evangelho, também aí se formaram **comunidades cristãs**. E S. Paulo procurava acompanhá-las, ajudá-las. Mesmo depois de as deixar, para ir a outras terras. Mesmo de longe, ele continuava ligado a essas comunidades. E como é que ele fazia?

Lembrem-se de que, na altura, não havia o que temos hoje: telefone, telemóvel, televisão ou Internet. Algum de vós tem uma ideia de como é que S. Paulo fazia, para se manter em contacto com as comunidades cristãs, para as ajudar?...

Depois de ouvir as crianças e sem comentar as respostas:

II. PALAVRA

1. *O catequista chame para junto de si uma criança que se sinta mais à-vontade a ler para o grupo e diga:*

Quem vai mostrar uma das coisas que S. Paulo realmente fez, para contactar as comunidades cristãs, é o/a (nome):

Depois de lhe entregar a carta com 1 Tes 1, 1:

Antes de o/a (*nome*) vos ler a carta que ele/ela já tem na mão, peço-vos que prestem muita atenção a três coisas:

- Quem é que escreveu a carta;
- A que pessoas é que ela foi escrita;
- E o que é que a pessoa que escreve deseja às pessoas a quem escreve.

Agora, podes abrir esta carta...

Vamos ver quem consegue descobrir estas três coisas (*o catequista pode repeti-las*).

Para a criança – leitor:

Podes ler, mas devagarinho, para os teus colegas entenderem bem.

Criança/leitor:

**Paulo, Silvano e Timóteo
à Igreja dos Tessalonicenses,
que está em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo:
A graça e a paz estejam convosco.**

Catequista, para as outras crianças:

Então, quem foi que escreveu esta carta?...

Após as respostas das crianças e dirigindo-se à que leu:

Diz lá qual é a resposta certa: lê as palavras que estão escritas em (*cor das palavras*):

Criança/leitor:

Paulo, Silvano e Timóteo.

Catequista:

Ainda se lembram quem eram Silvano e Timóteo?...

Muito bem: eram dois dos principais colaboradores de S. Paulo, que o acompanharam durante a segunda e a terceira viagem a anunciar Jesus Cristo. Quer dizer que esta carta foi escrita durante a segunda viagem. Depois explico-vos em que altura foi.

Antes disso, vamos à segunda pergunta: a quem é que S. Paulo escreveu esta carta?...

Após as respostas das crianças e dirigindo-se à que leu:

Lê agora as palavras que estão escritas em (*cor das palavras*):

Criança/leitor:

**À Igreja dos Tessalonicenses
que está em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo.**

Catequista:

Portanto S. Paulo escreveu a uma Igreja.

Quando dizemos Igreja, aqui, será que estamos a falar de uma casa, como a nossa igreja, ou será Igreja no sentido das pessoas que lá se reúnem, que são cristãs, amigas de Jesus?...

É claro que são os cristãos que lá se reúnem. Ainda hoje dizemos isso. Por exemplo, nós dizemos que entramos na Igreja pelo nosso Baptismo: ficamos a pertencer ao grupo de cristãos que acreditam em Deus e seguem Jesus.

Aliás, S. Paulo dizia isso: escreve à Igreja que está em?...

Exacto: “em Deus Pai e no Senhor Jesus”. É Deus Pai, que tanto nos ama, é Ele que nos faz seus filhos, através do seu Filho Jesus Cristo. Formamos assim a família de Deus a que chamamos Igreja.

Só falta saber onde é que esta Igreja ficava. S. Paulo diz que é a Igreja dos Tessalonicenses. Era assim que se chamava aos habitantes da terra onde residiam esses cristãos. Alguém sabe como essa terra se chamava?...

Abram as vossas Bíblias nos Actos dos Apóstolos, capítulo 17, versículo 1 (*Act 17, 1*)...

Após as crianças o fazerem, e para uma delas:

(*Nome*) lê esse versículo 1...

Após a leitura:

Então que nome tinha a terra das Tessalonicenses?...

Tessalónica era uma cidade que ficava na Grécia. Ainda hoje existe e continua com um nome parecido. Hoje chama-se Salonico. Podem ver no mapa.

Pois bem: aí, nos Actos dos Apóstolos, conta-se como é que S. Paulo, juntamente com Silas e Timóteo, foi à cidade da Tessalónica anunciar Jesus Cristo. Houve um bom grupo de pessoas que começaram a acreditar em Jesus e passaram a formar uma comunidade ou Igreja, como S. Paulo lhe chama.

Só que houve outras pessoas em Tessalónica que, não só não acreditavam em Jesus, mas até começaram a fazer mal a S. Paulo. De tal maneira que ele, juntamente com os seus colaboradores, teve de fugir. Se não, corria perigo de vida.

E que aconteceu com os cristãos que lá ficaram? Também eles eram mal vistos por pessoas da cidade. E S. Paulo sabia disso. Sabia que, se não os ajudasse e fortalecesse, eles, mais cedo ou mais tarde, iam desanimar e até abandonar a Igreja.

Foi por isso que S. Paulo, quando chegou a outra cidade – a cidade de Corinto, que ficava ao sul da Grécia – quando chegou aí, lhes escreveu esta carta que o/a (*nome*) começou a ler para nós.

Vamos à terceira pergunta: o que é que S. Paulo, logo no princípio da carta, deseja aos cristãos de Tessalónica?...

Após as respostas das crianças e dirigindo-se à criança/leitor:

Lê as últimas palavras, as que estão em (*cor das palavras*).

Criança/leitor:

A graça e a paz estejam convosco.

Catequista:

Era o que aqueles cristãos mais precisavam: de paz.

Mas S. Paulo além da paz, deseja-lhes a graça. Que será isso? Alguém tem uma ideia de que graça será essa?...

A graça é um favor: um bem que fazemos aos outros, só porque os amamos. É de graça, porque não exigimos recompensa.

Qual foi o maior bem que Jesus nos fez? Quando é que Ele mostrou mais quanto nos ama?...

Exactamente: ao dar a vida por nós. E quanto bem este seu amor nos faz. Com a força do seu amor, sentimos muito mais coragem para amar os outros.

Pois bem, é este amor que S. Paulo deseja aos cristãos de Tessalónica, logo no princípio da carta: o amor ou a graça de Cristo, que lhes dá coragem para não desanimarem perante o mal que lhes faziam e os ajudar a viver em paz, apesar das dificuldades.

2. Alguns de vós, se calhar, têm estado a perguntar: onde é que se encontra esta carta de S. Paulo? E o que é que ela tem a ver connosco? Há bocado dizia que era uma carta

escrita para nós, mas afinal ela foi escrita para os Tessalonicenses. Ou será também para nós? E como é que nós sabemos isso?

Vamos por partes.

Primeiro peço ao/à (*nome*) – que quase foi o carteiro de S. Paulo, lendo para nós o que ele escreveu – peço-lhe que vos diga onde é que esta carta se encontra...

No fundo da folha e entre parênteses, estão umas letras e uns números. Mostra aos teus colegas quais são. Podes dizer as letras e os números e depois afixar a folha ali no placar, para todos verem.

Depois da indicação 1 Tes 1, 1 e de a folha ser afixada ao placar, a cobrir a folha/rolo com os dísticos “JESUS”, “CRISTO” e “FILHO DE DEUS”:

Vejam se descobrem na vossa Bíblia onde é que se encontra o livro indicado no placar: 1 Tes. O primeiro a encontrar, pode indicar a página aos colegas.

Ao mesmo tempo, o catequista abra a Bíblia da mesa na passagem indicada, afixe no placar o dístico “CARTAS”, por baixo do dístico “EVANGELHOS”, e acenda a terceira vela.

Então, já encontraram todos a Primeira Carta de S. Paulo aos Tessalonicenses?...

E repararam já no que eu fiz: no dístico “Cartas”, afixado no placar, e na vela que eu acendi?

Entrámos na terceira parte do Novo Testamento: aquela que é constituída por Cartas. A Primeira de S. Paulo aos Tessalonicenses é uma dessas cartas. Foi mesmo a primeira a ser escrita. E se está na Bíblia é porque ela, como todas as outras, é também para nós. Vamos ver porquê.

Por que razão, tendo sido escrita para os cristãos de Tessalónica, hoje, aquilo que nela está escrito, é também para nós lermos e compreendermos?

Para isso, procurem o capítulo 5, versículo 27...

Após todas as crianças o fizerem, e para uma delas:

(Nome) lê para os teus colegas o que S. Paulo escreve aí.

Criança (1 Tes 5, 27):

Advirto-vos pelo Senhor

que esta carta seja lida a todos os irmãos.

Catequista:

Estão a ver? S. Paulo manda que a carta seja lida a todos os irmãos, isto é, a todos os cristãos daquela comunidade.

E a seguir até dá a entender em que altura é que a carta devia de ser lida.

(Nome) lê o último versículo, o 28.

Criança (1 Tes 5, 28):

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco.

Catequista:

Onde é que nós costumamos ouvir uma saudação parecida com esta: “A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco”?...

A maior parte das vezes é na Missa. Habitualmente no princípio.

Aqui é no fim da carta. Mas no princípio ouvimos uma saudação semelhante: “A graça e a paz estejam convosco”.

Sabem o que é que isto quer dizer? – Quer dizer que a carta de S. Paulo era lida durante a Eucaristia da comunidade cristã, quando as pessoas da comunidade se juntavam para rezar e partir o pão.

Por isso, ele até manda fazer uma outra coisa que costumamos fazer na Missa.

(Nome) lê o versículo 26.

Criança (1 Tes 5, 26):

Saudai todos os irmãos com o ósculo santo.

Catequista:

Sabem o que é um ósculo?...

É um beijo. E S. Paulo chama-lhe santo, porque é um sinal do nosso amor a Deus e uns aos outros.

E quando é que nós costumamos fazer isso na Missa? Quando é que nos saudamos uns aos outros, às vezes com um beijo?...

Pois bem, isto já se fazia no tempo de S. Paulo.

Por isso é que a carta que ele escreveu para todos os irmãos, ou cristãos, passou a ser também para os cristãos de outras terras e até hoje: tudo o que ele escreveu é tão importante, que as várias comunidades o foram lendo e guardando no seu coração e fazendo o que S. Paulo pedia.

Até chegar a nós, hoje e aqui. Também para nós é importante saber o que S. Paulo pede. Portanto, podemos dizer que esta carta também foi escrita para nós.

Esta, e todas as outras que S. Paulo, mais tarde, escreveu a outras comunidades e a outros cristãos. Por isso é que elas foram conservadas na Bíblia. Depois, iremos ver que outras cartas escreveu S. Paulo e, depois dele, outras pessoas.

3. Agora vamos ver se S. Paulo, nesta primeira carta aos Tessaloninenses, nos diz alguma coisa que se possa aplicar ao nosso grupo de catequese, àquilo que temos andado a fazer. Por exemplo: abram no capítulo 2, versículo 13...

Depois de todas as crianças o fazerem e para uma delas:

(Nome), lê para todos nós o que S. Paulo escreve aí.

Criança (1 Tes 2, 13):

**Por isso, damos continuamente graças a Deus,
porque, depois de terdes recebido a palavra de Deus por nós pregada,
vós a acolhestes, não como palavra humana,
mas como ela é realmente, palavra de Deus,
que permanece activa em vós, os crentes.**

Catequista:

Será que isto se aplica a nós? Ora vejam bem?...

Após uns momentos, para a leitura pessoal:

S. Paulo dá graças a Deus por que razão?...

Porque os cristãos acolheram a palavra que ele pregou, como palavra de Deus. Mais: palavra de Deus que está activa neles. Isto é, eles vivem de acordo com o que S. Paulo lhes anunciou e ensinou.

Vivem assim, porque reconhecem que é Deus quem lhes fala através de S. Paulo. S. Paulo conhecia tão bem, de uma maneira tão profunda, a vontade de Deus, que se tornou como que um grande professor: tão grande, que nós, na catequese, podemos aprender com ele o que Deus mais quer para a nossa vida.

Vejam, agora, se descobrem como é que isso tem acontecido: como se tem manifestado na nossa vida a Palavra de Deus?...

Após ouvir as crianças, e adaptando-se às respostas:

Que nome damos às folhas que têm recebido aqui e, depois, preenchido?...

Aí está: “**A Palavra de Deus na minha vida**”. Nessas folhas têm registado o que a palavra de Deus, que temos lido e ouvido aqui, tem feito na nossa vida.

Tal e qual como S. Paulo escreve: “A palavra de Deus, que permanece em vós, os crentes”. Quer dizer que ele dá graças a Deus, também por nós. S. Paulo reza, também, por nossa causa! Admirável!...

E que nos pode ele dizer ainda?

4. Abram agora no capítulo 5, versículos 16 a 18...

Depois de todas as crianças o fizerem, e para uma delas:

(*Nome*), vem aqui à frente para junto da vela que representa as Cartas do Novo Testamento e a luz que elas podem ser para nós...

Agora, vamos ler, como se faz na Missa: eu faço a introdução, depois lê tu a palavra de S. Paulo nesses versículos 16 a 18 e, no fim, sou eu que faço a conclusão.

Hão-de reparar que eu, no princípio, não vou dizer “carta”, mas “epístola”. É também assim, quando lemos na igreja. Mas é a mesma coisa: epístola significa carta. Ou, se quiserem, epístola é uma carta mais importante. Neste caso é mesmo a Palavra de Deus ou do Senhor.

Vós podeis seguir pelas vossas Bíblias, lembrando-vos que é Deus quem agora vos vai falar, mais uma vez...

Catequista:

Leitura da primeira Epístola do Apóstolo São Paulo aos Tessalonicenses:

Criança/leitor (1 Tes 5, 16-18):

**Vivei sempre alegres,
orai sem cessar,
dai graças em todas as circunstâncias,
pois esta é a vontade de Deus
a vosso respeito em Cristo Jesus.**

Catequista:

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Depois de a criança/leitor estar no seu lugar:*

Que belo! Começaram logo a fazer o que S. Paulo nos manda.

Depois de nos dizer que nunca devemos perder a alegria, mesmo no meio de dificuldades, que diz ele a seguir?...

Manda-nos rezar sempre e dar graças. E que disseste vós depois disso?...

“Graças a Deus”. Quem nunca deixa de rezar, principalmente dando graças a Deus ou a Jesus Cristo, quem faz assim, não lhe é fácil perder a alegria. Porque sabe que Deus está consigo.

Então, vamos fazer, mais uma vez, o que S. Paulo nos acaba de pedir: dar graças. Até foi esse o compromisso da última catequese: fazer uma oração a Jesus, a agradecer-lhe o que Ele tem feito por nós e em nós, aqui na catequese, por exemplo através de S. Paulo. Então, podem pegar na folha com “A Palavra de Deus na minha vida” em que escreveram essa oração. Se houver algum que não escreveu, pode partilhar a oração do colega do lado.

Vamos fazer assim: primeiro, cantamos um **cântico** que se costuma cantar na Missa, nesta altura do ano. Na Quaresma – que é o tempo da preparação para a Páscoa – em vez de cantarmos o Aleluia, cantamos outro **cântico**. Por exemplo este:

“Louvor a vós, Rei da eterna glória”.

Após um breve ensaio:

Cantaremos este **cântico** a Jesus Cristo, no princípio e no fim.

Pelo meio, vós podeis ler as vossas orações.

Pode também cantar-se o cântico entre algumas das orações. Neste caso, só o refrão.

Então, peguem nas vossas folhas... Ponham-se de pé... E cantemos:

– **Cântico: “Louvor a vós, Rei da eterna glória”.**

**Estrofe: “Vivei sempre alegres,
orai sem cessar”.**

– *Orações das crianças e catequista(s).*

– **Cântico: “Louvor a vós, Rei da eterna glória”.**

**Estrofe: “Dai graças em todas as circunstâncias,
pois esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus”.**

2. Após as crianças se sentarem:

Antes de falarmos do compromisso para esta semana, gostava que lêssemos umas palavras muito bonitas que S. Paulo nos escreve, na segunda carta aos Coríntios.

Podem abrir as vossas Bíblias no capítulo 3, versículo 3...

Depois de todas as crianças o fizerem, e para uma delas:

(Nome), lê as primeiras palavras desse versículo 3...

Criança (2 Cor 3, 3):

É manifesto que vós sois uma carta de Cristo.

Catequista:

S. Paulo diz que nós somos uma carta de Cristo.

Algun de vós tem uma ideia do que isso significa: ser carta de Cristo?...

Após ouvir as crianças e adaptando-se às respostas:

De quem nos fala S. Paulo nas suas cartas? – É principalmente de Jesus Cristo.

E para quê? – Para nós O conhecermos e acolhermos no nosso coração.

E que acontece a quem o faz? – Acontece que Jesus se torna presente e visível na sua vida: sobretudo no bem que faz, naquilo que diz. É Jesus que está em nós, e os outros podem vê-lo com os olhos do coração, senti-lo.

De certeza que conhecem pessoas boas, por serem amigas de Cristo, e cuja bondade se sente: sempre amigas, serenas, alegres... Que bom é estar com elas! São umas belas cartas de Cristo: são uma mensagem do amor que Ele nos traz.

Por isso é que, também nós, podemos e devemos ser uma carta de Cristo.

Como encontramos Jesus Cristo nas cartas de S. Paulo, também O podemos encontrar na vida dos cristãos. Mais: S. Paulo escreve as suas cartas para que Jesus esteja visível na vida de quem as lê. Por isso é que cada um de nós pode, e deve ser, uma carta de Cristo.

Neste caso, já temos uma ideia para o compromisso:

3. Compromisso

– Primeiro, cada um de vós vai escrever uma carta a S. Paulo. Se ele nos escreveu tantas cartas, acho que lhe podemos responder do mesmo modo: com uma carta.

E que lhe podemos dizer nessa carta? – Como é que cada um de nós, sobretudo na catequese, se tem tornado uma carta de Cristo. Como é que Cristo se tem tornado presente e visível na nossa vida, através do que temos aprendido aqui, por exemplo, com S. Paulo. Que coisas boas fazeis na vossa vida, inspiradas pelo que aprendem na catequese...

Se o fizerem, de certeza que S. Paulo vai ficar muito contente: saber que somos mesmo o que ele nos diz: cartas de Jesus Cristo.

E dizemos-lhe isso através duma carta. Como ele nos mostrou quem ele era, sobretudo através das suas cartas.

Para isso vão receber uma folha com “A Palavra de Deus na minha vida” só para a carta que vão escrever a S. Paulo.

E para mostrar como sois cartas de Cristo, podeis decorar esta carta especial com algo de vosso: depois de escrita, com uma letra bonita, escolham um lápis de uma cor que vos agrade, e desenham a silhueta da vossa mão, que depois podem pintar, com umas cores clarinhas, para não estragar o vosso texto (*o catequista pode mostrar um exemplo*).

– Além disso, proponho que façam outra coisa: no Domingo, quando forem à Missa, estejam atentos à 2ª leitura: vejam de que carta é que ela é tirada. E, depois, escrevam isso na outra folha com “A Palavra de Deus na minha vida”.

– Se puderem e tiverem tempo, escrevam também quantas cartas escreveu S. Paulo e, além das de S. Paulo, quantas mais temos no Novo Testamento.

Só me resta desejar-vos o mesmo que S. Paulo, há pouco, nos desejou:

“A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco.”

Ide em paz e o Senhor vos acompanhe.

Crianças:

Graças a Deus.

À medida que as crianças saem, o catequista entregue a cada uma duas folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”.

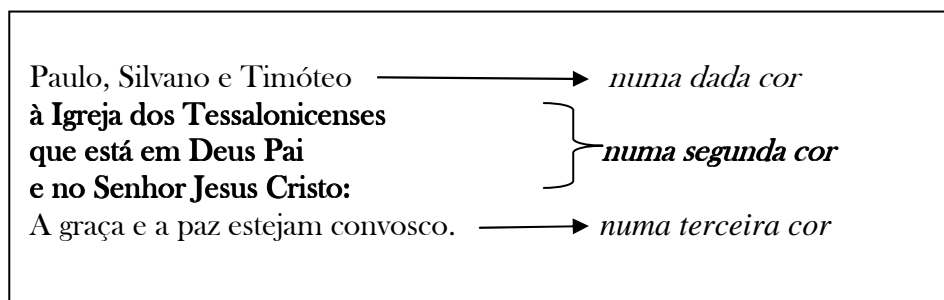
4. Para guardar na memória e no coração

São Paulo e os outros Apóstolos
escreveram-nos as suas cartas

para nós aprendermos a ser uma carta de Jesus Cristo.

DOCUMENTO 1

Folha com o texto de 1Tes 1,1:



Catequese 19

“REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO”

(Ap 1, 1)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O Apocalipse: “Revelação” ou velação?

Esta pergunta, por estas ou outras palavras, provavelmente já foi feita por muitos dos que leram, ou tentaram ler, o último livro da Sagrada Escritura. Isto é, o título, por que é conhecido e lhe é dado pelo autor na versão original grega, parece ser uma negação do conteúdo ou do modo como esse conteúdo é descrito: com uma linguagem que, em vez de revelar - no sentido etimológico de tirar o véu ou descobrir – antes parece velar ou encobrir o que o autor quer transmitir.

Esta é, realmente, a primeira dificuldade neste livro: perceber o que se esconde por detrás de toda uma série de símbolos ou metáforas que se encontram quase em todas as páginas. Símbolos, em muito casos, aparentemente impossíveis de conjugar uns com os outros. Por exemplo: túnicas branqueadas no sangue (vermelho) do Cordeiro (7, 14); ou o Cordeiro que é, ao mesmo tempo, pastor que apascenta e conduz (7, 17).

A isto junta-se a violência de uma grande parte das cenas: os homens da terra a matarem-se uns aos outros (6, 4); ou a serem eliminados *pela espada, pela fome, pela morte e pelas feras da terra* (6, 8); ou o universo a desmoronar-se com um terramoto, o céu a tornar-se negro, a lua como sangue, as estrelas a cair (6, 12-13). Quem não fica aterrado perante fenómenos como estes? Ou então: serão eles de interpretar mesmo à letra?

Há seitas que o fazem – hoje, como em todos os tempos da história da Igreja – mas para provocar o medo e assim engrossarem o número dos seus adeptos. Só eles pensam fazer parte, por exemplo, dos 144.000 que se salvam (7, 4). E não percebendo a simbologia desse número (12 x 12.000, isto é, a totalidade incontável do Povo de Deus, fundado em 12 tribos e 12 Apóstolos), vêm-se em sérios apuros para nele meterem os membros da seita que o excedem.

Perante tais dificuldades na interpretação e aproveitamentos enganosos, não seria melhor excluir este livro da Bíblia? Houve quem o tentasse fazer, nos três primeiros séculos da história da Igreja. Mas em vão. O livro do Apocalipse impôs-se, acima de tudo, pelo bem que tem feito e continua a fazer: um bem que vem de Deus e só Ele pode proporcionar. Ainda hoje há inumeráveis cristãos que encontram nele uma das fontes principais para alimentar a sua fé, perante tantos desafios, contrariedades e conflitos com o que, por causa dessa mesma fé, se têm de confrontar no meio ambiente em que vivem e lutam. Conseguem e sabem lê-lo, porque a vida, que recebem de Deus e não querem perder, os abre para apreenderem e compreenderem a sua mensagem. Uma situação semelhante à dos cristãos aos quais o livro originariamente foi dirigido.

2. O Apocalipse: uma “profecia”

O autor, que se identifica como João (1, 2.4.9), além de intitular o seu livro como *revelação de Jesus Cristo* (1, 1), chama-lhe também *profecia* (1, 3). Trata-se, portanto, de uma leitura dos acontecimentos em que estão envolvidos os cristãos a quem escreve, com os olhos de Deus – o mesmo Deus que interveio na história passada do seu povo

(documentada principalmente no Antigo Testamento), com o auge em Jesus Cristo que, como Cordeiro Pascal, triunfou para sempre sobre a morte e todos os males que a ela conduzem.

É a Ele – Cristo morto e ressuscitado – que um livro, vindo de Deus, é entregue, porque só Ele é digno de o receber e de abrir os sete selos com que está fechado (5, 19). Que livro é este? Provavelmente é o mesmo que o autor escreve, isto é, o Apocalipse: o seu conteúdo foi-lhe revelado por Cristo. E é neste sentido que os acontecimentos descritos a partir do capítulo 6, isto é, depois do livro lhe ter sido entregue por Deus, vão surgindo e sendo descritos, à medida que Cristo vai abrindo os sete selos e tudo o que se lhes segue. Trata-se do futuro, que só Deus e Cristo, seu Ungido, conhecem, como Senhores da história. A prova disso está em tudo o que Eles fizeram no passado, em favor do seu povo.

Se, portanto, o futuro da história está nas mãos de Deus e de Cristo, há que ter confiança n’Eles, há que manter a esperança. Mesmo, e sobretudo, perante acontecimentos que parecem mostrar o contrário: aqueles que ameaçam a vida dos crentes, pelo facto de serem crentes, e que, por isso, parecem escapar ao domínio de Deus. De que acontecimentos se trata? Em que situação se encontravam os cristãos para os quais o Apocalipse foi escrito?

O autor enviou-o, pelos anos 90, a sete comunidades situadas na província romana da Ásia Menor (1, 4), inserindo nele (cap 2-3) uma mensagem específica para cada uma delas. É sobretudo aí que se podem verificar as adversidades por que os membros dessas comunidades estavam a passar: a marginalização e, nalguns casos, a perseguição, pelo facto de se recusarem a participar em frequentes festejos em que, directa ou indirectamente, era prestado culto ao imperador romano, como se de um deus se tratasse. Era tal a pressão social e a iminente possibilidade de uma perseguição sangrenta e generalizada, que alguns cediam, com o perigo de arrastar outros. Um perigo só de então?

Não é por acaso que o autor escreve a sete Igrejas. Este número é indicativo de totalidade (com base, por exemplo, nos 7 dias de cada uma das 4 semanas em que estava dividido cada mês, de acordo com as fases da Lua). Quer dizer que a sua mensagem pode, e deve ser, acolhida por qualquer outra comunidade cristã, sobretudo se está a braços com situações idênticas. Também hoje?

Ídolos não faltam por aí, ainda que com outros nomes. E quantos se deixam seduzir por eles, mesmo cristãos cujo modo de pensar e de viver em pouco se distingue dos hábitos de uma sociedade cada vez mais paganizada e adversa aos valores da mensagem cristã. De onde nos pode vir, então, a necessária coragem para remar contra esta maré destruidora?

3. O Apocalipse: “Palavra de Deus”

Para acentuar a autoridade do livro, o autor chama-lhe ainda *Palavra de Deus e testemunho de Jesus Cristo* (1, 2), uma denominação que repete, em termos um tudo nada diferentes, no final (22, 6-20).

Fundamenta-se para isso, sobretudo no Antigo Testamento, a única parte da Sagrada Escritura que então já estava pronta e acolhida como Palavra de Deus, realizada plenamente em Jesus Cristo – *o Verbo de Deus feito carne* (Jo 1, 1.14). É por isso que praticamente todas as imagens e símbolos com que exprime a sua mensagem são do Antigo Testamento. Alguns exemplos mais significativos:

- A descrição de Deus no seu trono celeste (4, 1ss) inspira-se sobretudo nas visões de Deus em que Ezequiel (1, 4-28) e Isaías (6, 2-3) situam a sua vocação profética.

– Cristo é visto sobretudo como *um cordeiro* que, no meio do trono de Deus, *estava de pé, mas parecia imolado* (5, 6) – o Cordeiro pascal morto e ressuscitado, com um poder libertador infinitamente superior ao do cordeiro imolado pela Páscoa judaica.

– A Igreja aparece como *uma mulher* (12, 1), *qual noiva adornada para o seu esposo* (21, 2), com base na aliança matrimonial com que Deus, segundo várias páginas do Antigo Testamento, se relaciona com o seu Povo.

– O império romano, de cujas políticas totalitárias muitos cristãos eram vítimas, manifesta-se quer como uma besta terrível (13, 2-3), com características semelhantes às que aparecem em Dan 7, 2-8, quer como a *Babilónia, a grande, a mãe das prostitutas e das abominações da terra* (7, 5), numa alusão ao império babilónico que tanto mal havia causado ao povo de Israel.

São imagens que os primeiros cristãos bem conheciam, ao contrário da maioria dos de hoje. Quer dizer que a compreensão do Apocalipse depende muito dos conhecimentos bíblicos dos seus leitores. Conhecimentos que só se adquirem com uma leitura paciente e repetida, facilitada, em muitas edições da Bíblia, por notas explicativas.

Para quem o fizer, fica a promessa do autor: *Feliz o que lê e os que escutam a mensagem desta profecia e põem em prática o que nela está escrito, porque o tempo está próximo* (1, 3). Uma promessa de felicidade que reaparece mais seis vezes (14, 3; 16, 15; 19, 9; 20, 6; 22, 7; 22, 14). Temos de novo o número sete, indicativo de plenitude.

Trata-se da plena felicidade de quem, neste mundo, já participa nos bens salvíficos, adquiridos pela adesão da fé a Cristo, e n'Ele encontra o rumo que há-de culminar com a salvação eterna, e a energia necessária para a alcançar. O Apocalipse antecipa-a, nomeadamente naquelas páginas – e são tantas – em que nos apresenta a liturgia celeste. Muitos dos seus elementos – designadamente os hinos e aclamações de louvor a Deus e ao Cordeiro – são usados em muitas das celebrações litúrgicas da Igreja, até aos nossos dias. É aí que se sente especialmente feliz quem lê e escuta este livro maravilhoso... e tem a sensação de que *o tempo está próximo* – o tempo da eterna beatitude.

OBJECTIVOS

- Prosseguir na descoberta do Novo Testamento, com o Apocalipse de S. João;
- Aperceber-se da ligação entre as Cartas do Novo Testamento e o Apocalipse;
- Aprofundar a fé em Jesus Cristo como centro da revelação de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Para que as crianças se apercebam, minimamente, do significado e da importância do último livro da Bíblia, sugere-se um acto que simbolize o significado do seu título e (em parte) do seu conteúdo: a Bíblia aparecerá coberta com um pano ou véu, que será retirado, antes de o livro começar a ser lido. Isto é, faz-se uma re-revelação que nos abre para o livro que assim se chama. É possível que nem todas as crianças se apercebam totalmente desta ligação. Mas o gesto ficará – assim se espera – nas suas memórias e, com ele, um caminho para, mais tarde, poderem entender a importância e o significado deste livro.

2. O importante é que elas se apercebam da centralidade de Cristo, como único agente salvífico do que é descrito neste livro bíblico. E que sintam aprofundada a sua adesão de fé a Ele. Para isso, sugere-se um **cântico** cujo texto, além de ser bíblico (Heb 13, 8), exprime essa centralidade, comum a todos os livros do Novo Testamento. O mesmo cântico irá fazer a ligação com a próxima catequese, em que será oferecida uma visão de conjunto de toda a Bíblia. Para isso propõe-se que a letra do cântico seja escrita em

cores diferentes, que podem ser as seguintes: “Jesus Cristo” – várias cores; “ontem” – azul; “e hoje” – vermelho; “e por toda a eternidade” – verde.

3. Se, devido à extensão desta catequese, houver necessidade de resumir ou mesmo deixar alguns dos pontos apresentados no Desenvolvimento, que sejam os pontos 2 e 3 da Experiência Humana (sobre as cartas do Novo Testamento).

4. O catequista procure, com todos os meios ao seu alcance, dar publicidade às cartas escritas e entregues pelas crianças a S. Paulo: publicando-as, todas ou parte delas, no jornal ou folha paroquial (pode, mesmo, fazer uma folha extra) e/ou no sítio da Internet da paróquia ou outro (se houver) ou ainda numa simples folha (que pode ser distribuída aos fiéis que participarem na Eucaristia dominical). É um modo de as crianças se sentirem mais integradas na sua comunidade cristã e se aperceberem da dimensão missionária da mensagem cristã, de que S. Paulo é um modelo. O catequista tenha, entretanto, cuidado em não publicar qualquer coisa que seja da intimidade das crianças. Convém, além disso, que corrija possíveis erros gramaticais dos textos por elas escritos.

MATERIAIS

- Folha-rolô (catequese anteriores);
- Dísticos: “JESUS CRISTO”; “FILHO DE DEUS”; “NOVO TESTAMENTO”; “EVANGELHOS”; “ACTOS DOS APÓSTOLOS” e “CARTAS” (catequese anterior);
- Dísticos: “APOCALIPSE”; “JESUS CRISTO” (em várias cores); “ONTEM” (azul); “E HOJE” (vermelho) e “E POR TODA A ETERNIDADE” (verde);
- Cartas para S. Paulo (em folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”), escritas pelas crianças;
- Cesta, para as recolher (se necessário);
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças desde a última catequese;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, para as crianças preencherem;
- Uma vela, tipo círio pascal (catequese anteriores);
- 4 velas (catequese anteriores);
- Bíblia de mesa;
- Um pano branco, para a cobrir;
- Bíblias das crianças.

MÚSICA

- “Jesus Cristo, ontem e hoje”.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**: ao centro, a folha-rolô com os dísticos “JESUS CRISTO” e “FILHO DE DEUS”; à esquerda, os dísticos “EVANGELHOS” e “CARTAS”; à direita, o dístico “ACTOS DOS APÓSTOLOS”; ao alto, “NOVO TESTAMENTO” (catequese anteriores).
- Sobre a **mesa**: ao centro, a Bíblia, aberta em Ap 1, 1 e com o dístico “APOCALIPSE” (nessa página ou por baixo da Bíblia), mas tudo coberto com um pano branco; por trás, uma vela mais alta e grossa (tipo círio pascal), já acesa; dos lados, quatro velas (duas de cada lado), três das quais já acesas.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Já repararam bem como está hoje a nossa sala, aqui à frente, no placar e na mesa?... No final da última catequese, não estava bem assim. Nalgumas coisas está na mesma. Mas, em duas, está diferente. Vejam lá quais são...
Começemos pela mesa: o que é que temos de novo?...
E por que será que a Bíblia hoje está coberta?...
Olhem: está coberta, porque hoje vamos fazer nela uma descoberta especial: vamos ter uma revelação. Isso mesmo: uma revelação.
Revelar significa tirar um véu ou pano que cobre uma coisa, descobrir. Posso já dizer-vos que, por baixo deste véu ou pano, está mesmo uma revelação. Que será?...

Acalmem a vossa curiosidade. Porque, antes disso, temos de falar de uma outra coisa que tem a ver com outra diferença, agora no placar.

Não é bem uma novidade. Mas, se repararem bem, está uma coisa no centro do placar que não estava lá, no final da última catequese. Vejam se se lembram do que é que tinham escrito na folha do centro, que representa a Bíblia...

Exacto: era o princípio da carta que S. Paulo nos enviou. Que carta era?...

A primeira que ele escreveu aos Tessalonicenses. Ou melhor: “à Igreja dos Tessalonicenses que está em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo”. Assim é que ele escreve: a uma comunidade ou Igreja de pessoas que acreditam que (*lendo aqui no placar*) Jesus Cristo é o Messias e Filho de Deus.

Por isso é que, hoje, voltámos a estas palavras do Evangelho, ou Boa Nova, que S. Paulo levava a toda a gente e em que também nós acreditamos.

Porque acreditamos é que vimos à catequese. E também nós fazemos parte de uma Igreja ou comunidade que está em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo. É verdade ou não?...

Então leiam todos comigo as palavras no centro do placar que estão em muitas páginas da Bíblia, a Palavra de Deus:

“Jesus Cristo, Filho de Deus” (*pode repetir-se*).

2. Estou convencido de que, ao dizermos isto, S. Paulo fica muito contente connosco. É que foi para isto, para nós acreditarmos que Jesus é o Cristo e Filho de Deus, foi para isto que ele também escreveu as suas cartas.

A propósito: foram ver quantas cartas dele se encontram no Novo Testamento?... E escreveram isso na folha com “A Palavra de Deus na minha vida”?...

Então digam lá: quantas são as cartas de S. Paulo no Novo Testamento?...

Após ouvir as crianças:

São 13.

E qual é a primeira? Podem ver na vossa Bíblia...

Após a busca por parte das crianças:

Muito bem: a primeira é a Carta aos Romanos, isto é, aos cristãos de Roma. S. Paulo queria ir a Roma para visitar os cristãos de lá e, por isso, escreveu-lhes esta carta para preparar a visita. Uma grande carta. Vejam lá quantos capítulos tem...

Após as crianças o fazerem:

Olhem: é a maior de todas. As que vêm a seguir são cada vez mais pequenas. Se não, reparem na última de todas...

Logo que as crianças encontrem a carta a Filémon:

Estão a ver: esta carta, escrita por S. Paulo a um amigo seu chamado Filémon, tem só um capítulo. É a mais pequena.

Quer dizer que a ordem das cartas de S. Paulo no Novo Testamento é esta: da maior (no princípio) à mais pequena (no fim).

E querem ver mais uma coisa? Vejam a carta que vem antes dessa última...

Após a busca das crianças:

A quem é que S. Paulo escreveu esta carta?...

E quem seria Tito?...

Era um colaborador de S. Paulo.

Como foi também Timóteo, lembrem-se? E será que S. Paulo também escreveu a Timóteo?... Vejam as duas cartas, antes dessa...

Após as crianças o fazerem:

A Timóteo até escreveu duas.

Eu explico porquê: é que Timóteo, entretanto, tornou-se o chefe, ou pastor, de uma comunidade cristã.

Por isso, chamamos a estas três cartas – as duas a Timóteo e a escrita a Tito – chamamos-lhes Cartas Pastorais. Pastorais porque escritas a pastores. Como por exemplo, é o sr. Padre (*nome*) ou o nosso Bispo. Também Timóteo e Tito foram pastores, ou bispos.

3. A agora digam-me: além destas treze cartas de S. Paulo, quantas mais temos no Novo Testamento?...

Vamos ver, rapidamente, quem escreveu essas oito cartas ou a quem foram escritas.

Podemos seguir a ordem em que se encontram na Bíblia...

(*Nome*), vê lá qual é que vem a seguir à carta de S. Paulo a Filémon...

Após a criança responder:

Olhem: essa carta aos Hebreus, não sabemos quem a escreveu. O autor não quis dizer. É que ele quer que prestemos toda a atenção só àquilo que ele escreveu: quer que olhemos, principalmente, para Jesus Cristo. É quase só de Jesus que fala esta longa carta – escrita aos Hebreus. Hebreus é outro nome dados aos judeus. Mas são judeus que acreditam em Jesus Cristo, como nós acreditamos, nos dias de hoje.

(*Nome*), diz lá qual é a carta que vem a seguir?...

É de S. Tiago. Este S. Tiago era um familiar de Jesus. E foi bispo dos cristãos de Jerusalém.

(*Nome*), procura a carta a seguir?...

Depois de a criança indicar o autor:

Mas S. Pedro não escreveu só uma carta. Ora reparem...

E, depois das cartas S. Pedro, quais vêm a seguir?...

Após a busca das crianças:

Atenção: trata-se de S. João Evangelista. E quantas cartas escreveu ele?...

Após a busca das crianças:

Depois das três cartas de S. João, qual é a última de todas?...

Após a resposta das crianças:

S. Judas era irmão de Tiago. Portanto, também era um familiar de Jesus. Com a sua carta terminam as 21 cartas do Novo Testamento. Mas serão só 21?...

Depois da tentativa (ou não) de resposta das crianças:

Daqui a pouco, iremos ver se são só 21 ou se não haverá mais.

4. Falta falar de duas coisas do compromisso da última catequese.

Primeiro: quem me sabe dizer de que carta era a segunda leitura que foi feita na Missa do Domingo passado?

Se houver tempo e a leitura for fácil, o catequista sugira às crianças que abram as suas Bíblias nessa leitura, e uma delas pode mesmo lê-la para os outros.

Mas esta leitura não foi a única coisa das cartas (de S. Paulo) que foi dita na Missa. Lembrem-se de umas outras palavras que vêm no princípio e no fim das cartas de S. Paulo e que também os srs. Padres dizem na Missa?...

Exacto: a saudação; o desejo de graça e paz de Deus Pai, de Jesus Cristo e do Espírito Santo.

E sabem o que é que tudo isto nos pode ajudar a ser? – Aquilo que vos pedi para escreverem a S. Paulo: como é que nós somos uma “carta de Cristo”. Isto é, como é que Cristo se pode ver ou ler em nós, como nós O encontramos nas cartas de S. Paulo e nas outras. Neste caso, Cristo está numa carta viva: como que está escrito na nossa vida.

Quem de vós escreveu a carta a S. Paulo – uma carta a mostrar-lhe que é ou procura ser uma carta de Cristo?

Ouvir as crianças. Havendo tempo, pode pedir-se a uma ou outra, que queira, para ler o que escreveu, e comentar brevemente o seu conteúdo. Depois disso, perguntar:

Que podemos nós fazer com essas cartas que escreveram a S. Paulo?

Alguém tem uma ideia?...

Depois de ouvir as crianças, e adaptando-se às suas respostas:

Eu acho que, se as cartas foram escritas a S. Paulo, é a ele que as temos de entregar. Mas como? Onde é que nós o podemos encontrar?...

Reparem: ele hoje está no céu, junto de Jesus ressuscitado. Mas, de certo modo, também continua na terra. Se não, ele não podia falar connosco. E onde é que nós o temos ouvido?... Onde são lidas as suas cartas?...

Pois bem, eu sugiro que coloquem as cartas que lhes escrevemos junto da Bíblia em que ele nos fala aqui na catequese. De acordo?...

Mas não as vamos entregar, assim de qualquer maneira. Sugiro que as entreguemos, cantando a Jesus Cristo, de quem S. Paulo tanto gostou e de quem tanto nos fala nas suas cartas.

Já estou a pensar num **cântico**, cujas palavras não são de S. Paulo, mas numa carta que, na Bíblia, vem logo a seguir às dele e também nos fala muitíssimo de Jesus.

Ora abram as vossas Bíblias na carta aos Hebreus, capítulo 13, versículos 7 e 8...

Depois de todas as crianças o terem feito:

(Nome), lê as palavras desses dois versículos.

Criança (Heb 13, 7-8):

**Lembraí-vos dos vossos chefes,
que vos anunciaram a palavra de Deus;
considerai o êxito da sua carreira
e imitai a sua fé.
Jesus Cristo é sempre o mesmo,
ontem e hoje e por toda a eternidade.**

Catequista:

Repararam bem? Primeiro, diz-se que nos devemos lembrar das pessoas que nos anunciam a Palavra de Deus, vendo o êxito da sua carreira, isto é, o bem que fizeram e conseguiram durante a sua vida. E diz mesmo para imitarmos a sua fé.

Agora digam-me: estas palavras não se podem aplicar também a S. Paulo? Não tem sido ele que, nas últimas catequese, nos tem anunciado a Palavra de Deus? Por isso é que vós lhe escrevestes! E escrevestes para quê?

(Nome) lê o versículo 8.

Criança (Heb 13, 8):

**Jesus Cristo é sempre o mesmo,
ontem e hoje e por toda a eternidade.**

O catequista afixe o dístico “JESUS CRISTO ONTEM E HOJE E POR TODA A ETERNIDADE”, sobre os dísticos que se encontram na folha-rolô, e comente:

O que é que isto quererá dizer?... Que o mesmo Jesus que nos foi anunciado no passado – ontem e desde há muitos séculos – é o Jesus em quem nós acreditamos hoje e para sempre – por toda a eternidade.

As cartas que escreveram a S. Paulo são um sinal disso: o que ele nos ensina (*apontado para o dístico*) ontem e desde há muito séculos, é o que nós devemos mostrar na nossa vida – hoje – como uma carta dele; e Jesus será para sempre o nosso maior amigo – por toda a eternidade.

Vamos então aprender um *cântico* com estas palavras: **“Jesus Cristo, ontem e hoje”**.

Após um breve ensaio:

Agora, sim, já podem entregar a carta a S. Paulo. Vamos fazer assim:

– Começamos com o **cântico**:

“Jesus Cristo, ontem e hoje...”

– Depois da 1ª estrofe, os que escreverem a S. Paulo, vêm aqui colocar as cartas junto da Bíblia.

– E continuamos o **cântico**, até o último fazer a sua entrega.

Se as crianças forem muitas, pode passar, pelos lugares em que se encontram, uma cesta onde cada uma deposita a sua carta. A última aproxime-se da mesa e coloque a cesta junto da Bíblia.

II. PALAVRA

1. Vamos ver o que é que S. Paulo fará com as cartas que acaba de receber. Se calhar vai ser uma grande surpresa. Estejam atentos ao que pode acontecer nos próximos dias.

E agora, vamos à surpresa que está por baixo do pano branco com que a Bíblia, aqui na mesa, está coberta. Vai ser uma descoberta ou revelação.

Ainda se lembram do que significa a palavra Revelação?...

Exacto: significa tirar o véu que cobre ou esconde alguma coisa. Isto é, tirando o véu, estamos a revelar, a descobrir.

E que revelação estará por baixo deste véu, deste pano? Para a vermos, gostava que fosse um de vós a tirar o véu.

O catequista convida uma criança, que se sinta à-vontade para ler diante das outras, a aproximar-se da mesa, a colocar-se por trás dela e, aí, a descobrir, lentamente, a Bíblia.

Depois, a mesma criança (ou outra) pegue nela e leia, calmamente, as palavras iniciais de Ap 1, 1:

Revelação de Jesus Cristo.

A seguir, o catequista comente:

Repararam?... Por baixo do véu que o/a (nome) tirou, está outra revelação. Mas esta revelação é de quem?...

Para a criança que leu:

(Nome), lê outra vez, para vermos quem nos vai fazer a revelação que se encontra aí...

Após a leitura:

Portanto, é Jesus Cristo quem nos vai revelar, isto é, tirar o véu, descobrir alguma coisa que está escrita neste livro. Que livro será?

Antes de vermos isso, reparemos numa outra palavra, que significa revelação.

O catequista convida a mesma criança a colocar a Bíblia sobre a mesa e, depois, a mostrar o dístico “APOCALIPSE” e, de seguida, a afixá-lo no placar, por baixo do dístico “ACTOS DOS APÓSTOLOS”.

Depois, comente:

“Apocalipse” é uma palavra de origem grega e significa revelação. É o nome do último livro da Bíblia: Apocalipse ou Revelação de Jesus Cristo.

Estamos no último livro do Novo Testamento e, por isso, podemos acender a última vela.

A vela pode ser acendida por outra criança.

E agora podeis abrir as vossas Bíblias no princípio deste livro, o Apocalipse.

Depois de todas as crianças o fizerem:

Primeiro, vejamos a quem é que esta revelação de Jesus Cristo é feita. Para quem é que Ele tira o véu. E o que é que Ele revela, ou descobre. Está escrito, a seguir, nos versículos 1 e 2. Ora vejamos...

Para uma criança:

(Nome), lê lá os versículos 1 e 2, do princípio ao fim...

Criança (Ap 1, 1-2):

**Revelação de Jesus Cristo
que Deus lhe concedeu
para mostrar aos seus servos
o que há-de acontecer muito em breve.
Ele deu-o a conhecer ao seu servo João,
pelo Anjo que enviou,
e João confirma a palavra de Deus
e o testemunho de Jesus Cristo,
em tudo o que viu.**

Catequista:

Quem faz, então, esta revelação?

Deixar que as crianças leiam, cada uma para si. Depois:

Primeiro: quem é que mostra a Jesus Cristo o que Ele revela?...

Exacto: é Deus seu Pai. Por isso, no fim do versículo 2, está escrito?...

Isso mesmo: **Palavra de Deus**. O que Jesus revela vem de Deus. Jesus dá testemunho, isto é, mostra o que conhece e recebe de Deus. Portanto, o que está escrito neste livro é muito importante: vem de Deus, através de Jesus.

E Jesus mostrou-o ou revelou-o a quem?... Ora leiam outra vez...

Então já descobriram quem recebeu esta revelação de Jesus Cristo? Até está aí o nome dessa pessoa. Como se chama?...

João. Se calhar, até é o mesmo João que escreveu um Evangelho e três cartas. Não sabemos ao certo. Mas sabemos que se chama João. E Jesus mostrou-lhe o que ele, João, depois escreveu neste livro.

E S. João escreveu esta revelação de Deus e de Jesus Cristo para quem? Para que pessoas escreveu este livro? Vejam no versículo 1...

Quem serão esses **servos** de Deus e de Jesus Cristo?...

São os cristãos. Nós somos servos, isto é, pessoas que acreditamos e amamos tanto Jesus Cristo e Deus, que O servimos, confiamos nele, procuramos fazer o que Ele nos diz...

Portanto, este livro, com uma revelação de Jesus Cristo, foi escrito para nós e para todos os cristãos. E não se esqueçam: este livro é a Palavra de Deus.

2. Por isso, S. João escreve o que vem a seguir, no versículo 3.

(*Nome*), lê, para todos, esse versículo 3.

Criança (Ap 1, 3):

Feliz de quem ler

e dos que ouvirem as palavras desta profecia

e observarem o que nela está escrito,

porque o tempo está próximo.

Catequista, para a criança que leu:

Estás a ver (*nome*)? S. João diz que tu és **feliz**. Sim, porque foste tu que leste: “Feliz de quem ler (...) as palavras desta profecia”.

Profecia quer dizer que foi escrito em nome de Deus. Já vimos isso: um profeta era uma pessoa que falava em nome de Deus. E o que o profeta diz ou escreve é uma profecia. Por meio da profecia Deus diz o que vai acontecer.

Pois bem: quem lê esta profecia ou revelação – diz aí S. João – é feliz. E neste caso foi o/a (*nome*).

Mas, feliz não é só quem lê. É também quem... Que diz S. João?...

Exacto: aquele que escuta e põe em prática o que S. João, ou melhor, Jesus nos diz, nos revela. Quem faz isso também será feliz.

É o que todos nós queremos fazer: ler, escutar e pôr em prática o que S. João nos revela aqui. Queremos fazer isso, porque queremos ser felizes.

3. Então, vamos continuar o que já começámos a fazer. Mas agora, de um modo mais solene, isto é, do modo como costumamos fazer na igreja, sobretudo na Missa. É desse modo que eu vos convido a ler o que vem a seguir: os versículos 4 a 6 (**Ap 1, 4-6**).

Primeiro, vão preparar-se para a leitura. Isto é, cada um de vós vai ler para si e procurar perceber o que está escrito nesses versículos 4 a 6. Só depois é que podemos ler de um modo solene. O que não perceberem bem, eu tentarei explicar.

Após uns breves momentos de leitura pessoal, o catequista procure explicar o texto, sobretudo o seguinte:

Vou ajudar-vos a perceber melhor, para, depois, lermos bem.

Comecemos pelo **versículo 4**: S. João começa por saudar **sete igrejas da Ásia**. Igreja já sabem o que é...

Exacto: é uma comunidade cristã.

Neste caso, são 7. E eram de sete cidades de uma região que se chamava Ásia. Não era aquele continente a que hoje chamamos Ásia. Esta Ásia, aqui, ficava onde está hoje um país, chamado Turquia. Se calhar, já ouviram falar.

Pois bem: era aí que ficavam essas 7 igrejas ou comunidades cristãs. E era para elas que S. João, em primeiro lugar, enviava o seu livro.

E já repararam como ele começa?...

É quase como S. Paulo nas suas cartas. Quer dizer que este livro, o Apocalipse, foi enviado em forma de carta. Neste caso, em 7 cartas: uma para cada comunidade. Mas todas receberam o mesmo texto. Por isso é que é só um livro.

E porquê àquelas sete comunidades cristãs? Porque os cristãos daquelas comunidades estavam a passar por grandes dificuldades, eram mal vistos e maltratados pelas outras pessoas. E alguns sentiam-se a desanimar, quase com vontade de deixar de ser cristãos.

Por isso é que S. João lhes escreveu: para lhes dar força, para lhes mostrar que Deus e Jesus Cristo os ama. E, se eles não deixarem de confiar em Jesus, então Jesus há-de vir um dia para os fazer felizes para sempre. Como isso há-de acontecer é o que S. João escreve no resto do livro.

E para lerem o livro e assim confiarem em Jesus, é que S. João, logo no princípio, lhes deseja o que eles tanto precisam: **graça e paz**. Tal e qual como S. Paulo nas suas cartas.

A seguir é que é um pouco diferente: em vez de escrever que é a graça e a paz de Deus Pai, do Espírito Santo e de Jesus, diz o mesmo por outras palavras.

Vejam primeiro como ele fala de Deus Pai...

Chama-lhe **Aquele que é, que era e que há-se vir**. Lembram-se como é que Deus se mostrou a Moisés e lhe disse como se chamava? Exacto: “Eu sou Aquele que sou”. É parecido com o que está aqui. E é parecido com o que hoje cantámos a Jesus Cristo: (*apontando para o placar*): ontem e hoje e por toda a eternidade. Assim é também Deus Pai... que há-de vir para nos salvar.

Depois, em vez do Espírito Santo, diz que são **sete espíritos**.

Está a dizer aquilo que o Espírito Santo faz em nós, em cada um de nós. E, neste caso, a cada uma daquelas sete igrejas. A cada uma das sete, Ele dá força ou a graça e a paz que vem por meio do Espírito Santo.

Finalmente, no **versículo 5**, fala de Jesus. Chama-lhe **Testemunha fiel**, porque Jesus foi sempre fiel a Deus e a nós, em tudo o que fez e disse, isto é, como testemunha de Deus. Foi-lhe fiel até à morte.

Por isso é que ressuscitou dos mortos. Foi Ele o primeiro a vencer a morte. E como é que S. João diz isso?...

Exacto: o **Primogénito**, ou primeiro a ressuscitar da morte.

E que é Ele para nós hoje? **O príncipe dos Reis da Terra**. Ele é o maior, o Rei. É o Senhor de tudo e de todos. Que maravilha!

E como é que nós lhe podemos mostrar a nossa admiração e gratidão por tudo isso? Vejam o **versículo 6...**

Aí S. João convida-nos a louvar, a aclamar Jesus: a reconhecer a sua glória e o seu poder, por Ele nos amar tanto, que deu a vida por nós, e assim nos libertar dos nossos pecados e fazer de nós um reino de sacerdotes.

Sacerdotes porquê?... Porque cada um de nós pode e deve fazer parte do que fazem os sacerdotes: louvar Jesus e falar d'Ele como o nosso Rei e Senhor.

E é o que vamos já fazer.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Vamos fazê-lo, com a leitura solene destas palavras de S. João. Para isso, preciso da colaboração especial de três de vós. Dois são para ler:

– Um lê as palavras dos versículos 4 e 5, isto é, a saudação que S. João escreve às sete Igrejas. Não se esqueçam: também é para nós, que pertencemos a uma Igreja ou comunidade cristã.

– O outro lê as palavras do versículo 5: aquelas palavras em que louvamos a Jesus. E todos iremos louvá-lo, com o *cântico* que aprendemos hoje:

“Jesus Cristo, ontem e hoje e por toda a eternidade”.

Porque Jesus, como Deus Pai, não nos abandona.

Cantaremos este *cântico* depois do primeiro de vós ler e, de novo, depois do segundo.

– Preciso de mais um, para segurar a vela que representa Jesus: esta vela maior que está no meio das outras quatro. O menino ou menina que segurar a vela, coloca-se no meio dos outros dois, porque Jesus é que está no meio de nós e no centro de tudo: é Ele que faz de nós um Reino de Sacerdotes para Deus.

Depois de as três crianças estarem, preparadas, nos lugares indicados e as restantes de pé (com ou sem as suas Bíblias), leia-se Ap 1, 4-6:

Catequista:

Leitura do livro do Apocalipse de São João:

1ª criança/leitor:

João, às sete Igrejas da Ásia:

A graça e a paz vos sejam dadas

por Aquele que é, que era e que há-de vir

e pelos sete Espíritos que estão diante do seu trono,

e por Jesus Cristo, a Testemunha fiel,

o Primogénito dos mortos, o Príncipe dos reis da terra.

Crianças:

Cântico: “Jesus Cristo, ontem e hoje” (só o refrão).

2ª criança/leitor:

Aquele que nos ama

E pelo Seu sangue nos libertou do pecado

e fez de nós um reino de sacerdotes para Deus seu Pai,

a Ele a glória e o poder, pelos séculos dos séculos. Amen.

Crianças:

Cântico: “Jesus Cristo, ontem e hoje” (refrão e 1ª estrofe).

2. Compromisso

Vamos ao compromisso para esta semana. São duas coisas:

– Primeiro, vão ler mais um pedacinho deste livro que hoje descobrimos: o Apocalipse de S. João.

Não procurem lê-lo todo, porque é muito grande e um pouco difícil. Quando forem maiores, então sim.

Por agora, vão ler, do capítulo 22, que é o último, os versículos 12 e 13. Não se esqueçam: capítulo 22, versículos 12 e 13.

Vejam se conseguem entender o que Jesus lá diz de si mesmo. Olhem: para vos ajudar a entender, pensem no *cântico* que há pouco lhe cantámos.

– Depois, vão percorrer todas as catequese em que descobrimos as diversas partes da Bíblia: as catequese 12 a 15 sobre o Antigo Testamento e as catequese 16 a 19 sobre o Novo Testamento.

Se quiserem, também podem ler as folhas com “A Palavra de Deus na minha vida” que escreveram nessas catequese. Isso talvez vos ajude a fazer o seguinte: escolher quais as catequese de que mais gostaram, uma do Antigo Testamento e outra do Novo Testamento.

Escrevam isso na folha “A Palavra de Deus na minha vida”, que vão receber à saída. Escrevam nela qual a catequese do Antigo Testamento e qual a do Novo Testamento de que mais gostaram e porquê.

E, claro, não se esqueçam também de escrever aquilo que entenderem daqueles dois versículos do Apocalipse que vos pedi para lerem.

E vamos ver o que vai acontecer com as cartas que escreveram a S. Paulo.

Nota: Se a próxima catequese for transferida para depois da Páscoa, apresente-se como compromisso para esta catequese o que é proposto na catequese seguinte.

4. Para guardar na memória e no coração

A Jesus Cristo

“que nos ama

e pelo seu sangue nos libertou do pecado

e fez de nós um reino de sacerdotes para Deus seu Pai,

a Ele a glória e o poder, pelos séculos dos séculos. Amen.”

(Ap 1, 6)

Catequese 20

A BÍBLIA EM DOIS TESTAMENTOS

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A Bíblia: porquê leitura obrigatória e normativa para os cristãos?

A obrigatoriedade é expressa por dois termos aplicados à Bíblia: Testamento e Cânone. Uma vez que a origem e o sentido do primeiro já foram explicados na introdução à catequese 12, fixemo-nos, agora, no segundo.

No sentido hoje mais corrente, chama-se cânone bíblico à “lista dos livros sagrados (...)”. Comporta, para o Antigo Testamento, 46 escritos (45, se se contar Jeremias e Lamentações como um só) e, para o Novo, 27” (CIC 120, com os nomes de todos eles). Mas, antes de significar lista, a palavra cânone teve, na sua evolução etimológica, outras aplicações, a partir da sua origem em línguas semíticas (das quais faz parte o Hebraico). Inicialmente, aplicava-se à haste de junco ou à cana, usadas como instrumentos de medição, nomeadamente na construção. Serviam de régua, para que o edifício a construir pudesse, nas suas diversas partes, resultar equilibrado e seguro.

Daí passou a aplicar-se, agora em sentido figurado, a outros campos da actividade e da vida humana. Esta, para ser ordenada e harmoniosa, precisa de se orientar por regras, normas. Só que então, o “material” de que é composto o cânone, é outro e varia conforme a actividade em causa. No âmbito social e moral, são hábitos recebidos, princípios e valores reconhecidos, leis que os concretizam, pessoas que, pela sua postura, se tornam modelos a seguir. Tudo isso adquire um valor canónico, é uma expressão da verdade pela qual se deve orientar a vida humana pessoal e social... para que possa ser verdadeiramente vida.

A partir do século II p.C., começa, em meios eclesiais, a falar-se também do “cânone da verdade”. Isto é, a Igreja, para que possa existir e manter-se na sua identidade, tem de orientar-se, medir-se pela “verdade” – que, genericamente, é Deus, tal e qual se manifestou, sobretudo em Jesus Cristo... e se comunica, de geração em geração, principalmente por uma série de livros que os cristãos já liam e seguiam como sagrados. É assim que, sobretudo a partir do séc. IV, se começa a falar do “cânone da Escritura”. Neste caso, ainda não tanto no sentido de lista, como sobretudo de norma: por conterem a verdade divina, há que orientar-se pelos livros sagrados, sem tirar nem acrescentar nada do que neles está escrito.

Só os livros da Bíblia, que assim se impõem pela sua canonicidade ou normatividade, integram a sua lista, o seu cânone, agora entendido em sentido passivo: o cânone ou lista dos livros sagrados é o resultado do reconhecimento do seu poder normativo obrigatório.

Resta a pergunta: como é que a Igreja chegou a este reconhecimento? Por que critérios se orientou para aceitar uns livros, como canónicos, e rejeitar outros, a que hoje chamamos apócrifos?

2. Cânone bíblico e tradição apostólica

Que a Igreja está fundada em Cristo na sua relação com os Apóstolos, é dito quase em todas as páginas do Novo Testamento. A grande maioria dos Apóstolos, depois de terem sido, pessoalmente, por Ele chamados, seguiram-n’O durante a sua vida pública. A

todos eles, Ele apareceu como ressuscitado, dando-lhes o Espírito Santo e enviando-os (daí o título de apóstolos, isto é, enviados) como seus mensageiros e testemunhas a anunciar o seu Evangelho, do qual nascem e vivem as Igrejas constituídas pelos que n'Ele acreditam. Estes são, no dizer de Ef 2, 19s, *membros da casa de Deus, edificados sobre o alicerce dos Apóstolos e dos Profetas, tendo por pedra angular o próprio Cristo* (cf. 1 Cor 3, 10-12).

Quer dizer que a mediação dos Apóstolos é imprescindível na constituição e conservação da Igreja. Esta vive da Tradição ou transmissão oral e, depois, escrita de tudo “aquilo que eles aprenderam com as obras e palavras de Cristo, ou que o Espírito Santo lhes ensinou” (DV 7). Uma Tradição da qual fazem parte os livros, tanto do Antigo Testamento, recebidos e confirmados por Cristo, como do Novo, escritos pelos Apóstolos ou sob a sua dependência. Uma Tradição continuada depois da morte deles: “Para que o Evangelho permanecesse para sempre íntegro e vivo na Igreja, os Apóstolos deixaram os Bispos como seus sucessores, «entregando-lhes o seu próprio magistério» (S. Irineu)” (Ibidem).

Foi neste contexto que a Igreja tomou consciência da canonicidade ou normatividade de livros que, na sequência disso, foram integrados na lista dos livros bíblicos: dentro desta Tradição apostólica, “cujas riquezas se comunicam à prática e à vida da Igreja. Por esta mesma Tradição, a Igreja conhece o Cânone inteiro dos Livros Sagrados” (Ibidem 8).

Portanto, a Igreja, com o seu Magistério de origem apostólica, primeiro conhece e reconhece o que recebeu de Cristo, através dos Apóstolos. E só na medida em que se sujeitou a esse legado é que esteve em condições de se poder pronunciar acerca da canonicidade de determinados livros, excluindo outros. Isto é, o Magistério da Igreja “não está acima da Palavra de Deus, mas sim ao seu serviço, ensinando somente o que foi transmitido, enquanto, por mandato divino e com a assistência do Espírito Santo, a ouve piamente, guarda santamente e a expõe fielmente, tomando, deste depósito único da fé, todas as coisas que propõe como divinamente reveladas” (Ibidem 10).

Foi, pois, na total fidelidade a “este depósito único da fé”, proveniente dos Apóstolos que a Igreja, com o seu Magistério, reconheceu e (só) depois definiu determinados livros como canónicos. E se excluiu outros, foi porque, à luz da mesma Tradição apostólica, descobriu neles desvios dessa Tradição. De resto, muitos desses livros excluídos (apócrifos) surgiram em meios sectários, cujas ideias e práticas de vida estavam em clara ruptura com a fé em Cristo e a comunhão eclesial.

Que este processo de descoberta e definição de todo o cânone bíblico decorreu com muita seriedade e prudência, vê-se pelo facto de ele ter sido definitivamente concluído só no séc. IV. Até então havia livros, como o Apocalipse e a Carta aos Hebreus, que eram excluídos pelo menos por alguns sectores da Igreja, principalmente porque havia grupos ou seitas que se apoiavam neles para seguir ideias contrárias à mensagem de Cristo.

Na origem última de tudo isto está a relação entre:

3. O cânone bíblico e o Povo da Aliança

Foi da aliança com Deus que o seu povo nasceu. Isso é particularmente visível na aliança celebrada no monte Sinai (Ex 19-24). Não bastava àquelas tribos terem sido libertadas da opressão do Egipto. Havia que garantir-lhes as condições para poderem viver de um modo organizado e seguro, para manterem a autonomia e liberdade que teriam para onde o Senhor as conduzia. Precisavam da mesma protecção divina manifestada até então e, agora, oferecida pelo mesmo Deus, através da aliança que lhes propõe: *Se ouvirdes a minha voz, se guardardes a minha aliança, sereis minha*

propriedade especial entre todos os povos. Ao que todo o povo respondeu a uma voz: «Faremos tudo o que o Senhor mandou» (Ex 19, 5.8).

O que o Senhor lhes mandou vem exposto a seguir: o Decálogo e a sua concretização numa série de normas adaptadas às condições de vida da época (Ex 20-23). Um *Livro da Aliança* cujo conteúdo é transmitido ao povo e este se compromete a cumprir. Que disso depende a sua vida, mostra-o a cerimónia com que é selada a aliança: do sangue de animais, imolados ao Senhor, uma parte é derramada sobre o altar, evocativo do Senhor, e com a outra é aspergido o povo, como *sangue da aliança* (Ex 24, 3-8). O sangue, por ser imprescindível, é símbolo de vida. Quer dizer que dessa aliança depende a vida do povo. Daí que as normas que a regulam – o livro da Aliança – se tornem obrigatórias, normativas. Foi para isso que todos os livros do Antigo Testamento, directa ou indirectamente, foram surgindo e, sobretudo em fases mais críticas da existência do povo, se impuseram como canónicos.

O referido rito de sangue, constitutivo da aliança, é renovado, ou melhor, consumado por Cristo. A sua morte na cruz é interpretada por Ele próprio, na última Ceia, como sacrifício, total oferta da vida a Deus, pelo seu *sangue, sangue da nova aliança, derramado pela multidão dos homens* (Mc 14, 24). Já não é sangue de animais, mas humano. Mais: do Filho de Deus (cf. Heb 9, 11-28). Daí o alcance desta aliança: é eterna, até porque dela resultou a ressurreição ou libertação definitiva do pecado e da morte; é universal, porque em Cristo, como Filho do Deus do Universo, toda a humanidade está presente.

E também esta aliança tem o seu código: o do amor radical, especificado numa série de normas e orientações provenientes de Jesus ou dos seus Apóstolos. Delas, e para elas, se formaram os livros do Novo Testamento que, por isso, adquiriram valor canónico, normativo.

Destes dois Testamentos, na sua complementaridade, depende a vida do povo de Deus. Daí que também a eles se possa aplicar o princípio canónico expresso em Ap 22, 19: *Se alguém retirar palavras deste livro profético, Deus lhe retirará a parte que tem na Árvore da Vida e na Cidade Santa, descritas neste livro.* Uma ameaça que tem o seu lado positivo, assim expresso: *Feliz o que puser em prática as palavras da profecia deste livro* (22, 7).

OBJECTIVOS

- Completar uma primeira descoberta da Bíblia com uma visão de conjunto dos seus dois Testamentos;
- Compreender a relação entre Testamento e Aliança;
- Reconhecer Cristo como centro unificador da revelação bíblica, principalmente através da Aliança com Deus realizada na sua morte redentora.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese é mais do que uma revisão das catequese 12-19, dedicadas a cada uma das partes do Antigo e do Novo Testamento. É uma descoberta do elemento unificador de todas essas partes e da sua importância na vida dos crentes: a Aliança entre Deus e o seu Povo, realizada em Moisés (AT) e completada definitivamente em Cristo (NT), como fundamento da vida do povo de Deus em todas as fases da sua história.

2. Nesse sentido, a catequese propõe, como fios condutores, dois elementos que as crianças habitualmente apreciam: o *cântico*, cuja letra exprime não só quem é Cristo, mas ajuda a ligá-lo com o conteúdo da Bíblia, espalhado pelas três fases do tempo

(passado, presente e futuro); a luz que, a partir da vela representativa de Cristo se vai estendendo a mais seis velas, indicativas da luz que Ele nos oferece, através do Antigo Testamento e do Novo.

3. Na Expressão de fé, as crianças já devem estar preparadas para se unirem a Cristo, pela luz que d'Ele irradia, e aderir, com mais convicção, à aliança que Deus, por Ele e pela Bíblia, permanentemente propõe a quem a lê. O círculo que formam também é expressivo de um dos sinais mais correntes de aliança: a aliança matrimonial, de que a Bíblia também se serve para exprimir a relação amorosa entre Deus e o seu povo.

4. Se esta catequese tiver de passar para depois da Páscoa (a seguir à catequese 24), façam-se as devidas adaptações, nomeadamente no compromisso (que deve ser o que é proposto na catequese 19).

MATERIAIS

- Folha – rolo (catequese anteriores);
- Dísticos: “JESUS CRISTO ONTEM E HOJE E POR TODA A ETERNIDADE” (nas cores usadas na catequese anterior); “ANTIGO TESTAMENTO”; “PENTATEUCO”; “LIVROS HISTÓRICOS”; “LIVROS SAPIENCIAIS”; “LIVROS PROFÉTICOS”; “NOVO TESTAMENTO”; “EVANGELHOS”; “ACTOS DOS APÓSTOLOS”; “CARTAS” e “APOCALIPSE” (catequese anteriores);
- Dísticos: “ALIANÇAS”; “A BÍBLIA” ; “Mc 14,22-15,47”: “Passado” (2, e em azul); “Presente” (2, e em vermelho) e “Futuro”(2, e em verde).
- Uma vela mais grossa, tipo círio pascal (catequese anteriores);
- Seis velas;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças desde a catequese anterior;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, para preencher, uma por cada criança;
- Publicações das cartas escritas pelas crianças a S. Paulo;
- Bíblias das crianças;
- Bíblia da mesa.

MÚSICA

- “Jesus Cristo ontem e hoje”.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

– No **placar**, o seguinte painel: ao centro, a folha-rolo com o dístico “JESUS CRISTO ONTEM E HOJE E POR TODA A ETERNIDADE” (nas mesmas cores da catequese anterior); por cima, o dístico “ALIANÇAS”; ao fundo, o dístico “A BÍBLIA”; do lado esquerdo, o dístico “ANTIGO TESTAMENTO” (ao alto), seguido, em ordem descendente, pelos dísticos “PENTATEUCO”, “LIVROS HISTÓRICOS”, “LIVROS SAPIENCIAIS” e “LIVROS PROFÉTICOS”; do lado direito, o dístico “NOVO TESTAMENTO” (ao alto), seguido, em ordem descendente, pelos dísticos “EVANGELHOS”, “ACTOS DOS APÓSTOLOS”, “CARTAS” e “APOCALIPSE”. Todos estes dísticos (em volta da folha-rolo) devem formar, tanto quanto possível, um círculo (ver Documento 1).

– Sobre a **mesa**: ao centro, a Bíblia; por trás dela, uma vela maior e mais grossa (tipo círio-pascal), acesa; de um lado e do outro, seis velas (três de cada lado), apagadas. As sete velas devem, tanto quanto possível, formar um semicírculo (a rodear a Bíblia).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista comece por chamar a atenção das crianças para a **publicação das cartas que escreveram a S. Paulo** (se já foi feita). Se a publicação foi por escrito, mostre-a e, depois, entregue um exemplar a cada criança; se foi (também) pela Net, pode imprimir a página e mostrá-la às crianças. Insira na reflexão os seguintes pontos, baseando-se, se possível, nos textos escritos pelas crianças:*

– *A alegria por verem como as suas cartas tiveram um destino semelhante às que S. Paulo nos escreveu: foram enviadas à comunidade cristã. Estimulá-las para partilharem esta experiência com as suas famílias, recordando que as crianças também podem contribuir para a evangelização dos familiares.*

– *Ao mostrarem como são, ou querem ser, uma “carta de Cristo”, estão a contribuir para que outras pessoas conheçam (melhor) e amem (mais) a Jesus Cristo e se tornem, também elas, uma “carta de Cristo”.*

*Termine a reflexão, com o convite para todos cantarem, ainda com mais alegria e entusiasmo, o **cântico** (com que homenagearam S. Paulo, na catequese anterior):*

“Jesus Cristo ontem e hoje” (refrão e uma estrofe).

2. Certamente, já repararam que a nossa sala está hoje um pouco diferente... O placar e a mesa estão muito mais cheios... Vamos ver se conseguem adivinhar porquê.

Comecemos pela mesa...

Quantas **velas** estão lá hoje?...

Uma grande, ao meio, e seis mais pequenas, três de cada lado.

A grande já todos sabemos quem representa...

Exacto: Jesus Cristo. E porque já lhe cantámos, por isso já está acesa.

E as outras? Na última catequese, eram só quatro, duas de cada lado. Por que será que temos hoje seis, três de cada lado da Bíblia? Para melhor adivinharem, olhem bem para tudo o que está no placar...

Após um breve silêncio, para observação:

Então digam lá: na vossa opinião, o que é que representam as seis velas, dos lados da vela que representa Jesus, e todas em volta da Bíblia?...

Deixar que as crianças se pronunciem. No fim, o catequista, adaptando-se às suas respostas, comece por explorar a razão seguinte:

Hoje temos seis velas, ou melhor, três mais três, em primeiro lugar, por causa... do que está escrito no centro do placar.

*Se alguma criança tiver descoberto, dê-lhe os parabéns: um sinal de que esteve atenta ao **cântico**.*

Reparem bem: aquelas palavras, que são da Bíblia, foram cantadas por nós duas vezes. Por isso, cada vela, em volta da vela maior (de Jesus Cristo) significa as duas vezes em que cantámos “ontem e hoje e por toda a eternidade”. A luz e o amor de Jesus, de que tanto fala a Bíblia, iluminam-nos sempre: ontem e hoje e por toda a eternidade.

Para verem bem, cantemos outra vez o refrão do mesmo **cântico**:

“Jesus Cristo ontem e hoje”.

3. Mas reparem que as seis velas (de ontem e hoje e por toda a eternidade) ainda não foram acesas. Não, não foi por esquecimento.

É que há uma segunda razão para termos estas seis velas, três mais três. E esta razão tem a ver também com o que está no placar, mas agora em volta da folha ou rolo que representa a Bíblia e onde estão escritas as palavras que cantámos. Olhem bem para o que está escrito de um lado e do outro das palavras do **cântico**...

Do lado esquerdo está... leiam comigo, de cima para baixo: **Antigo Testamento, Pentateuco, Livros Históricos, Livros Sapienciais e Livros Proféticos**.

Temos, portanto, o Antigo Testamento, com os seus livros distribuídos pelas quatro partes: Pentateuco, Livros Históricos, etc..

Do lado direito do placar é o mesmo, mas do Novo Testamento. (*Nome*), lê os nomes que damos às quatro partes do **Novo Testamento**...

Após a leitura:

É quase como as velas: de um lado temos o Antigo Testamento e do outro temos o Novo. Como, na mesa: de um lado temos três velas e do outro outras três, todas a seguir à vela de Jesus Cristo e em volta da Bíblia.

Mas, neste caso, deviam ser quatro velas, não acham? Uma para cada parte do Antigo Testamento e do Novo...

Mas não. Temos só três.

Será então que essas velas não representam cada parte da Bíblia?...

Representam sim. E só podem ser três... Porquê? – Por causa do outro significado: por representarem Jesus Cristo, ontem e hoje, e por toda a eternidade.

E então como é que podem representar também as partes do Antigo e do Novo Testamento, se estas são mais quatro?...

4. Olhem: para percebermos, temos de começar por saber por que razão se chama (*apontando para o placar*) **Testamento** a cada uma das grandes partes da Bíblia.

Alguém sabe porquê? O que é um testamento? Quem sabe?...

Sim, um testamento é aquilo que alguém escreve acerca do que se deve fazer com os seus bens depois de morrer. Por exemplo: para quem é que vai a casa ou as terras ou o dinheiro...

O dono escreve isso mesmo, numas folhas que assina e depois vai a uma outra pessoa, chamada notário, um representante do Estado, e esse notário oficializa, isto é, torna obrigatório (através da assinatura e de uns selos) esse testamento. De tal maneira que o que fica escrito no testamento tem de ser feito. Por exemplo, as terras que essa pessoa, depois de morrer, deixar a outra, não podem ficar a pertencer senão a ela: à pessoa que está indicada no testamento. Portanto, um testamento tem de ser mesmo cumprido.

Será que os Testamentos da Bíblia – o Antigo e o Novo – têm alguma coisa a ver com estes testamentos de que tenho estado a falar?...

Sim e não. Nalgumas coisas sim, noutras não. Por exemplo os Testamentos da Bíblia não foram escritos por alguém, para serem cumpridos depois da sua morte.

II. PALAVRA

1. Os dois Testamentos da Bíblia têm a ver com uma outra coisa que está escrita no placar ao alto: as “**Alianças**”.

Algun de vós sabe o que é uma aliança?...

Depois das respostas das crianças, e adaptando-se a elas:

Habitualmente, chamamos aliança àquilo que um homem e uma mulher casados ou noivos trazem no dedo.

Se for o caso do catequista, pode mostrar às crianças.

Mas este objectozinho redondo que trazem no dedo é sinal de uma outra aliança: é sinal de que estão ligados a outra pessoa, através do casamento. E essa é que é a verdadeira aliança: a aliança matrimonial entre duas pessoas que se amam e se comprometem a ser amigas fiéis uma da outra. No dia do casamento fazem uma aliança uma com a outra, comprometem-se a viver uma para a outra.

O catequista pode exemplificar com os pais das crianças, mas cuja relação matrimonial seja verdadeiramente harmoniosa. Se não houver crianças nestas condições, chame a atenção para casos conhecidos. Indique sobretudo como a aliança matrimonial implica deveres mútuos de amor e respeito e como faz felizes os que dela participam, nomeadamente os filhos. No fim pergunte:

Não haverá algo de parecido, uma aliança, entre Deus e o seu povo, entre Deus e nós?...

2. Abram as vossas Bíblias no livro do Êxodo, capítulo 19, versículos 1 a 8 (*Ex 19, 1-8*)...

Agora cada um leia para si e veja se encontra lá a palavra Aliança...

Após a leitura individual:

Então, vem aí ou não a palavra Aliança?...

E é uma aliança entre quem?...

Muito bem: entre Deus e os filhos de Israel. É assim que a Bíblia chama muitas vezes aos israelitas: filhos de Israel ou, então, casa de Jacob.

Antes de lermos em conjunto, eu vou explicar algumas das coisas que estão aí contadas.

Primeiro: ainda se lembram de Moisés e daquela aparição de Deus num silvado a arder, a sarça ardente?...

E o que é que Deus, então, mandou fazer a Moisés?...

Deu-lhe coragem para ele libertar os Israelitas que eram tão maltratados no Egipto.

Pois bem: depois de muitas dificuldades, Moisés conseguiu mesmo que os Israelitas fugissem do Egipto.

Depois, meteram-se pelo deserto, até chegarem ao mesmo lugar onde Deus tinha aparecido a Moisés. O deserto chamava-se Sinai. E junto dele ficava um monte com o mesmo nome – Sinai.

Tinha sido nesse monte que Deus falara com Moisés.

Por isso, quando os Israelitas, agora, lá chegaram, Moisés começa por subir ao monte. E é aí que Deus lhe promete fazer uma aliança com os Israelitas, pois Deus gostava muito deles. Por isso os tinha libertado do Egipto.

Até se faz aí a comparação com uma águia. A águia é uma ave muito forte. Quer dizer que Deus os libertou de um modo muito seguro. Como numa águia.

E agora queria fazer daquele povo a sua propriedade especial. Queria que o povo de Israel fosse como que a sua esposa e formar com ele uma família.

Assim é que aquele povo teria uma protecção especial de Deus: para ser como que o intermediário entre Deus e todos os outros povos da terra. Por isso lhes chama uma “nação Santa”, isto é, especialmente pertencente a Deus. E um “reino de sacerdotes”, isto é, as pessoas daquele povo podiam encontrar-se mais de perto com Deus e, depois, levar a paz e o amor de Deus aos outros. Como os sacerdotes.

Esta era a aliança que Deus propunha aos Israelitas através de Moisés. Será que o povo aceitou mesmo aquela aliança com Deus?

Vamos ver, lendo em conjunto, do princípio ao fim: do versículo 1 ao 8.

- Um de vós pode fazer de narrador, isto é, lê as palavras que contam este encontro com Deus. Quem se oferece?...
 - Agora, outro para ler as palavras de Deus, nos versículos 4 a 6...
 - E, finalmente, um para ler a resposta do povo, no versículo 8...
- Podem ler dos vossos lugares, mas de pé.

Depois de todos preparados, proceda-se à leitura de Ex 19, 1-8:

Catequista:

Leitura do livro do Êxodo:

Criança (narrador):

**Três meses depois de terem saído do Egípto,
os israelitas chegaram ao deserto do Sinai.
Partindo de Refidim, chegaram ao deserto do Sinai,
onde acamparam, em frente do monte.
Moisés subiu à presença de Deus.
O Senhor chamou-o da montanha e disse-lhe:**

Criança (Deus):

**Assim falarás à casa de Jacob,
isto dirás aos filhos de Israel:
«Vistes o que Eu fiz ao Egípto,
como vos transportei sobre asas de águia
e vos trouxe até mim.
Agora, se ouvirdes a minha voz,
se guardardes a minha aliança,
sereis minha propriedade especial entre todos os povos.
Porque toda a terra me pertence;
mas vós sereis para mim um reino de sacerdotes, uma nação santa».
Tais são as palavras que dirás aos filhos de Israel.**

Criança (narrador):

**Moisés voltou, convocou os anciãos do povo
e expôs-lhes todas estas palavras,
como o Senhor lhe tinha ordenado.
Todo o povo respondeu a uma voz:**

Criança (povo):

Faremos tudo o que o Senhor mandou.

Criança (narrador):

E Moisés transmitiu a Deus as palavras do povo.

Catequista:

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

3. Após os leitores se sentarem:

Então, o povo de Israel aceitou ou não a aliança que Deus lhe propôs?...

(Nome da criança que leu), lê outra vez, no versículo 8, a resposta do povo...

Claro, o povo apercebeu-se de como Deus realmente o amava. E, ao aceitar a aliança, ia contar com uma especial protecção de Deus, para viver e ser feliz, na terra para onde Deus o conduzia.

Mas tinha de fazer tudo o que Deus lhe mandasse: tinha de continuar a amar a Deus – como, por exemplo, uma boa esposa ama o seu marido – e, no povo, a amarem-se uns aos outros. Mais à frente, na Bíblia, conta-se muitas coisas que Deus mandou fazer ao povo, para seu próprio bem. Se não o fizessem, seriam infelizes, porque se separavam de Deus.

Quer dizer que o que Deus mandava passava a ser uma obrigação para o povo. Tal e qual como num testamento: o que está escrito no testamento tem de ser cumprido, como vimos. O mesmo acontece com a aliança.

E também as obrigações da aliança com Deus ficaram escritas.

Onde? (Apontando para o placar:) No Antigo Testamento. Todos os livros do Antigo Testamento falam, directa ou indirectamente, desta aliança e da obrigação de cumprir o que Deus manda nela. Querem ver como?...

Na última catequese, pedi-vos que percorressem as catequese 12 a 19. As 12 a 15 são sobre cada uma das partes do Antigo Testamento. E pedi-vos para escolherem aquela de que mais gostem. Os que o fizeram podem pegar nas folhas em que registaram a escolha e a razão por que gostam dela.

Vamos ouvir as vossas respostas e ver se elas não têm a ver com esta aliança, entre Deus e o seu povo no monte Sinai:

Quem de vós escolheu o Pentateuco?...

O catequista percorra, sucessivamente, as catequese sobre as quatro partes do Antigo Testamento, perguntando se alguma criança a preferiu e, tanto quanto possível, ligando a resposta à aliança do Sinai:

– Sobre o **Pentateuco**, a partir de Ex 3,1-14: a manifestação de Deus a Moisés foi o arranque para a libertação do Egipto que culminou na realização da Aliança no Sinai – acontecimentos expostos no Pentateuco.

– Sobre os (restantes) **Livros Históricos**, a partir de 1 Sam 3, 1-10: Samuel com os restantes juízes e os reis que se seguiram procuravam (ou deviam procurar) manter o povo fiel à aliança do Sinai – segundo o exposto nos Livros Históricos.

– Sobre os **Livros Sapienciais**, a partir dos Sl 1; 23 e 150: contêm ensinamentos e orações para que o povo cumpra a vontade de Deus no seu dia-a-dia.

– Sobre os **Livros Proféticos**, a partir de Ez 34, 1-18: os profetas ajudaram o povo a voltar à aliança com Deus, quando dele se afastavam, nomeadamente com o exílio na Babilónia; as suas palavras vêm nos Livros Proféticos.

A concluir, o catequista diga:

Portanto, no Antigo Testamento temos livros sobre toda a vida do povo, uma vida que se deve à aliança com Deus no monte Sinai.

Temos livros que falam:

– Primeiro, sobre o passado da vida do povo.

*O catequista afixe o **dístico “Passado”**, junto dos dísticos “Pentateuco” e “Livros Históricos”.*

– Depois, sobre o presente da vida do povo.

*O catequista afixe o **dístico “Presente”**, junto do dístico “Livros Sapienciais”.*

– Finalmente, sobre o futuro da vida do povo.

*O catequista afixe o **dístico “Futuro”**, junto do dístico “Livros Proféticos”.*

Estão a ver? (*Apontando para o placar:*) os livros do Antigo Testamento estão distribuídos pelo passado, o presente e o futuro da vida do povo de Deus e da Aliança. Tal e qual como Jesus Cristo é Senhor ontem (passado), hoje (presente) e por toda a eternidade (futuro).

No passado entram duas partes, porque no Pentateuco também se conta, se narra, como em livros de história. E os livros de história falam do passado, do que já aconteceu.

E como Jesus conheceu todas estas partes do Antigo Testamento, as leu e as aplicou a si mesmo, por isso é que, também sobre o Antigo Testamento lhe podemos cantar.

Vamos fazê-lo com o mesmo **cântico**. Enquanto cantamos, convido um de vós a acender a partir da vela de Cristo, as **três velas** que representam os três tempos do Antigo Testamento: passado, presente e futuro.

“Jesus Cristo ontem e hoje” (*repetir até as velas estarem acesas*).

4. Passemos ao Novo Testamento.

É novo, porque nele há uma nova aliança: Deus, que tanto nos ama, como mostra em Jesus, fez, de facto, uma aliança connosco, renovou a aliança que tinha feito com Moisés.

Quando e como é que isso aconteceu?

Abram as vossas Bíblias no Evangelho segundo S. Marcos, capítulo 14, versículos 22 a 25 (***Mc 14, 22-25***)...

Após as crianças o fazerem:

Antes de lermos e para compreendermos melhor, oiçam:

S. Marcos conta aí o que se passou com Jesus, pouco antes de O matarem. Depois de chegar a Jerusalém, com os seus discípulos, para a festa da Páscoa, juntou-se com eles numa casa, para tomarem a última Ceia. Era a ceia em que se comiam os cordeiros pascais.

Foi então que se passou com Jesus o que agora vamos ler.

Para este texto, vamos precisar de dois leitores: um narrador (S. Marcos) e outro para as palavras de Jesus...

Como é um acontecimento muito importante, os leitores vêm para junto de mim.

E pode vir um outro, para segurar a vela grande que representa Jesus. Por isso, coloca-se no meio dos leitores.

Os outros vão escutar de pé, podendo seguir pelas suas Bíblias.

Depois de todos preparados:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos:

Crianças:
Glória a vós, Senhor.

Criança (narrador):
**Enquanto comiam, Jesus tomou o pão,
recitou a bênção e partiu-o,
deu-o aos discípulos e disse:**

Criança (Jesus):
Tomai: isto é o meu Corpo.

Criança (narrador):
**Depois tomou um cálice, deu graças e entregou-lho.
E todos beberam dele.
Disse Jesus:**

Criança (Jesus):
**Este é o meu Sangue, o Sangue da nova aliança,
derramado pela multidão dos homens.
Em verdade vos digo:
não voltarei a beber do fruto da videira,
até ao dia em que beberei de novo no Reino de Deus.**

Catequista:
Palavra da Salvação.

Crianças:
Glória a vós, Senhor.

5. Depois de todos retomarem os seus lugares:
Repararam como é que Jesus realiza esta nova aliança?...
(Nome), lê outra vez o versículo 24...

Após a leitura:

É, portanto, com o seu Sangue que Jesus realiza esta aliança. Como é que isto se explica?...

Pensem, primeiro, no sangue: alguém consegue viver sem sangue?...

Quantas pessoas morrem por perder o sangue. Por exemplo, num desastre.

Portanto, o sangue é das coisas mais preciosas para a nossa vida.

Agora pensem em pessoas que vos amam mesmo muito. Por exemplo, o pai ou a mãe ou o avô, a avó. Como é que essa pessoa mostra o seu amor por vós?...

Sacrificando-se, gastando o seu tempo, as suas forças, os seus bens por vós. Podíamos dizer, também: gastando a sua vida ou o seu sangue, já que o sangue é que faz a vida. E, às vezes, acontece mesmo: há pessoas que morrem pelos filhos. Neste caso, podem perder ou gastar mesmo o seu sangue.

Ora bem: foi exactamente isso que aconteceu com Jesus. Ele amou-nos tanto que deu a sua vida por nós, perdendo mesmo o seu Sangue, quando O mataram na cruz. Que grande amor! Sim: o seu amor é muito maior do que o de qualquer outra pessoa.

Foi então que Ele mais nos amou: a nós e a todas as pessoas do mundo. Repararam como Ele dizia?... O seu sangue “derramado por vós (os discípulos) e pela multidão dos homens”.

Foi com este amor que Ele mais nos ligou a Deus. Sim, porque Jesus – não se esqueçam – é Filho de Deus. Era Deus, seu Pai, que estava n’Ele. E criou assim uma nova aliança com os homens, todos os homens e mulheres do mundo inteiro.

Lembram-se como a aliança no monte Sinai era só com o povo de Israel? Agora é com todos. E agora é uma aliança de sangue, de um amor até ao derramamento de sangue, até ao dom da vida toda.

Por isso é que Ele ressuscitou e agora está a beber um vinho novo no Reino de Deus, no céu. Vinho, aqui, significa a alegria, a felicidade de quem tanto nos ama.

Ora bem: é desta aliança que fala (*apontando o dístico no placar:*) o **Novo Testamento**. Chama-se Testamento porque deve ser lido e seguido, por nós, como um testamento. Se não estivermos unidos a Deus por meio de Jesus, fazendo o que Ele nos manda, não seremos verdadeiramente felizes.

Vejamos como isto aparece nas quatro partes do Novo Testamento, que descobrimos nas catequeses 16 a 19. E também aqui podem dizer de qual mais gostaram.

O catequista faça como atrás, relativamente ao Antigo Testamento: vá percorrendo, sucessivamente, as quatro partes do Novo Testamento, e perguntando às crianças se as escolheram:

– **Evangelhos**, a partir de Mc 1, 1 e 14, 16-20: contam o que Jesus disse e fez, nomeadamente a sua morte, como aliança de Deus com a Humanidade.

– **Actos dos Apóstolos**, a partir de Act 9, 1-22: contam como Paulo e os restantes Apóstolos anunciaram o Evangelho e como as pessoas se foram convertendo à nova aliança.

– **Cartas**, a partir de 1 Tes 1, 1: mostram como S. Paulo e outros ajudaram os cristãos a viverem em aliança com Deus.

– **Apocalipse**, a partir de Ap 1, 4-6: promete aos cristãos, a sofrerem por serem fiéis à Aliança, que Deus e Jesus hão-de vir para os salvar e acabar com as forças do mal.

Conclua:

Também esta nova aliança se estende por todas as partes do tempo da vida dos cristãos:

– O passado, com os Evangelhos e os Actos.

O catequista afixe o dístico “Passado”, junto dos dísticos “Evangelhos” e “Actos dos Apóstolos”.

– O presente, com as cartas.

O catequista afixe o dístico “Presente”, junto do dístico “Cartas”.

– E futuro, com o Apocalipse, em que S. João nos mostra o que há-de ainda acontecer conosco.

O catequista afixe o dístico “Futuro”, junto do dístico “Apocalipse”.

Nesta aliança e testamento temos ainda mais Jesus Cristo ontem (passado) hoje (presente) e por toda a eternidade (futuro).

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Mas, agora, antes de lhe cantarmos, vamos abrir as Bíblias no fim do Livro do Apocalipse, numas palavras que eu pedi para lerem em casa: no capítulo 22, versículos 12 e 13 (**Ap 22, 12-13**)...

Para uma das crianças que tenham lido:

(Nome), uma vez que tu já leste lá em casa, lê agora também para os teus colegas essas palavras ditas por Jesus:

Criança:

**Eis que venho em breve e trarei comigo a recompensa,
para dar a cada um segundo as suas obras.**

Eu sou o Alfa e o Ómega,

o Primeiro e o Último,

o Princípio e o Fim.

Catequista:

Digam lá: o que Jesus nos diz aí, pode aplicar-se ao que está no placar? Pensem um pouco...

Após um breve silêncio, convide as crianças a responderem e conclua, adaptando-se às respostas:

Eu (também) acho que Jesus, primeiro, fala da aliança e do seu cumprimento: quando Ele vier há-de dar a recompensa a cada um. Os que forem fiéis à aliança, hão-de salvar-se para sempre.

Depois, diz que é o Alfa e o Ómega. São a primeira e a última letra do alfabeto grego. Na nossa língua seriam o A e o Z.

Quer dizer que, tudo o que está escrito neste livro do Apocalipse e em toda a Bíblia, cumpre-se n'Ele.

Ele é o Primeiro de todos e o Último, o Princípio e o Fim, porque, ao dar a vida por todos e ao ressuscitar, é o Senhor de todos.

Acreditam nisto?...

Então, se acreditam mesmo em Jesus Cristo, vamos cantar-lhe com muito entusiasmo.

Faremos assim: Cantaremos o mesmo **cântico** e vamos ler as palavras de Jesus que acabámos de ouvir:

– Jesus diz-nos, no versículo 12, o que faz connosco, se lermos as suas palavras e as pusermos em prática, e nós responderemos com o **cântico**.

– Depois, diz-nos, no versículo 13, quem Ele é, e nós aclamamo-l'O com o mesmo **cântico**.

Só precisamos de dois para lerem as palavras de Jesus: O/a (nome) lê o versículo 12 e o/a (nome) lê, depois de cantarmos o **cântico**, o versículo 13.

Mas, falta uma coisa...

Exacto: a partir da vela de Cristo, **acender as três velas**, sobre o passado, o presente e o futuro dos cristãos de que fala o Novo Testamento...

*Depois de uma criança o fazer, o catequista convide as restantes a porem-se de pé e a formarem, se possível, um **semi-círculo** que seja, de certo modo, a continuação do semi-círculo formado pelas 7 velas em cima da mesa. E explique:*

Já repararam na roda que estamos a fazer: nós deste lado e as sete velas da Bíblia do outro lado!...

Parecem mesmo as duas partes da aliança: as velas representam Deus, com a luz do seu amor manifestado em Jesus Cristo – a luz com que nos ilumina, a partir da Bíblia que está no meio.

E nós, deste lado, a responder a Deus, com a nossa oração e a nossa fé, que aceitamos e cumprimos a aliança que Ele faz connosco através de Jesus.

Mostremos-lhe então a nossa fé, rezando como combinámos:

- *Cântico*: “**Jesus Cristo ontem e hoje**” (*refrão*);
- *Leitura de Ap 22, 12*;
- *Cântico*: “**Jesus Cristo ontem e hoje**” (*refrão*);
- *Leitura de Ap 22, 13*;
- *Cântico*: “**Jesus Cristo ontem e hoje**” (*refrão*).

2. Compromisso

Após a entrega, a cada criança, de mais uma folha com “A Palavra de Deus na minha vida”:

Certamente, já repararam que estamos próximos da Páscoa: a festa em que celebramos a morte e a ressurreição de Jesus. Podemos dizer que é a principal festa da aliança.

Como preparação, peço-vos para fazerem o seguinte até à próxima catequese: leiam a parte do Evangelho segundo S. Marcos em que ele conta como Jesus deu a vida por nós. É esta parte:

*O catequista afixe, ao alto (ou fundo), o **dístico** “*Mc 14, 22-15, 47*” e explique:*

Começa no capítulo 14, versículo 22, e continua pelo capítulo 15, até ao versículo 47. Podem escrever a indicação na folha que receberam...

Mas, temos ainda outra tarefa: além de lerem atentamente o que S. Marcos aí nos conta, vão pensar como é que podem usar esta parte do seu Evangelho, para se prepararem melhor para a festa da Páscoa: como ler, com quem, em que lugar, quantas vezes, etc... Cada um vai descobrir uma ou mais maneiras de usarmos este texto de S. Marcos nas semanas que se seguem.

Depois escrevam isso na vossa folha. Estou para ver quem é que traz a proposta melhor.

3. Para guardar na memória e no coração

A Bíblia tem dois Testamentos:

- Antigo fala da aliança de Deus no monte Sinai;
- Novo fala da aliança de Deus na morte e ressurreição de Jesus.

DOCUMENTO 1

Painel a formar durante a catequese:

ALIANÇAS

ANTIGO TESTAMENTO		NOVO TESTAMENTO	
<i>Passado</i> PENTATEUCO LIVROS HISTÓRICOS	JESUS CRISTO ONTEM E HOJE E POR TODA A ETERNIDADE	<i>Passado</i> EVANGELHOS ACTOS DOS APÓSTOLOS	
<i>Presente</i> LIVROS SAPIENCIAIS		<i>Presente</i> CARTAS	
<i>Futuro</i> LIVROS PROFÉTICOS		<i>Futuro</i> APOCALIPSE	
<i>A BÍBLIA</i>			

Cores:

- Azul para ONTEM e *Passado*
- Vermelho para E HOJE e *Presente*
- Verde para E POR TODA A ETERNIDADE e *Futuro*.
- Várias cores (azul, vermelho e verde) para JESUS CRISTO
- Preto ou castanho para as restantes palavras.

Catequese 21

“ESTE HOMEM ERA FILHO DE DEUS”

(Mc 15, 39)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. “És Tu o Messias, Filho do Deus Bendito?”

Esta pergunta feita a Jesus (em Mc 14, 61) tem, no Evangelho segundo S. Marcos, um lugar central e consequências decisivas. Para isso contribuem vários factores:

– *A cena em que está situada* (Mc 14, 53-65): Jesus imediatamente depois do preso (14, 43-52), encontra-se perante o Sinédrio – a suprema autoridade judaica, nos campos religioso e judicial – para ser por ele julgado. Na prática, é uma farsa: querem, a todo o custo, encontrar testemunhos *a fim de lhe dar a morte* (14, 55) que, portanto, já estava decidida. Jesus reage com um silêncio que, por contraste, serve para realçar ainda mais quer a pergunta solene (de pé) do Sumo-Sacerdote, presidente do tribunal, quer a resposta de Jesus.

– *O significado dos títulos atribuídos e assumidos: Messias* (ou Ungido) era exclusivo, inicialmente, do rei e, posteriormente, do sacerdote supremo e de alguns profetas. Todos eles, figuras a quem Deus concedia (pela unção) uma especial participação no seu poder divino, para a condução do seu povo. Pressupunha uma intimidade com Ele, confirmada pelo título, também originariamente real, de *Filho de Deus*. Jesus, na resposta que dá (14, 52), não só assume tal dignidade, mas reforça-a: *Eu sou* é uma fórmula de revelação baseada no nome de Deus *IaWeH* – *Eu sou Aquele que sou* (Ex 3, 14); a isso acrescenta uma citação do Sl 109/110, 1 e de Dan 7, 13 em que, como Filho do Homem vindo de Deus, reivindica para si um poder de julgar que só a Deus pertence e que exercerá plenamente no juízo final.

– *O lugar destes títulos no conjunto do Evangelho segundo S. Marcos*: os dois juntos – Messias e Filho de Deus – só aparecem no título do livro (1, 1). Filho de Deus é depois atribuído a Jesus somente por figuras sobre-humanas, das quais se destaca Deus, no Baptismo e na Transfiguração (1, 11; 9, 7). Messias reaparece apenas na boca de Pedro, como resposta solene sobre a sua identidade (8, 29). Mas, quer nesta confissão de fé de Pedro e dos restantes discípulos, quer nos outros casos, a reacção de Jesus é sempre a mesma: proíbe peremptoriamente que falem disso publicamente. Uma proibição extensiva a outras manifestações do seu poder sobrenatural, como eram os seus milagres. Só perante o Sinédrio confessa, aberta e inequivocamente, ser aquilo que já antes era... mas não como os outros pensavam. Se não, veja-se:

– *O resultado da sua confissão: uma blasfémia* – responde o sumo sacerdote. *E todos sentenciavam que Ele era réu de morte* (14, 64). E que morte! Começa logo a desenhar-se nos actos violentos e injuriosos de que é vítima da parte de alguns dos presentes no tribunal (14, 65). Será oficialmente sentenciada pelo procurador romano Pilatos: com a crucifixão que, além de ser horrorosamente dolorosa, era socialmente aviltante (daí ser proibida para cidadãos romanos) e religiosamente amaldiçoante (a partir da palavra de Deus em Dt 21, 23, citada a respeito dos crucificados em Gal 3, 13 – *Maldito seja todo aquele que é suspenso no madeiro*). E era este o Messias e o Filho de Deus Bendito? – *Um escândalo para os judeus e uma loucura para os gentios* – dirá Paulo (1 Cor 1, 23). E para os discípulos, designadamente os daquela hora?

2. “Não conheço esse homem”

É assim que Pedro, nas imediações do palácio em que Jesus estava a ser julgado, responde a quem o reconhece como um dos d’Ele. Nega-o três vezes – um número perfeito. E para que não restem dúvidas, à terceira vez fá-lo *com imprecações e a jurar* (14, 71). E isto, depois de ter assegurado a Jesus com especial ardor: *Mesmo que tenha de morrer contigo, não te negarei* (14, 31).

Os restantes discípulos não fizeram o mesmo, porque já tinham fugido, ao Jesus ser preso (14, 50). Para não falar de Judas, um dos Doze que, com um beijo – um dos gestos mais expressivos de amor – O havia atraído, entregue (14, 43-45).

Por isso, na prática, todos eles concordavam com a negação de Pedro: o Messias que eles conheciam ou eram capazes de conhecer, não podia ser aquele Jesus entregue a um estado e destino tão lastimosos. Uma reacção e concepção que já se vinham anunciando: pelo próprio Jesus, relativamente à traição, à fuga e à negação (14, 17-21); e pelo modo como todos eles, depois da confissão messiânica de Pedro (8, 29), haviam respondido aos três anúncios feitos por Jesus da sua paixão, morte e ressurreição, como auge da sua caminhada, para se tornar definitivamente o Messias ou Filho de Deus ou Filho do Homem, que vem estabelecer o Reino de Deus:

– A seguir ao primeiro anúncio (8, 31), recebe de Pedro uma repreensão, que Ele próprio classifica de satânica (8, 32-33).

– Ao segundo (9, 31) segue-se uma discussão *uns com os outros sobre qual deles era o maior* (9, 34). E apesar de, já então, Jesus lhes dizer que, *se alguém quiser ser o primeiro, há-de ser o último de todos e o servidor de todos* (9, 35), como Ele próprio iria ser... apesar disso:

– A reacção ao terceiro e mais longo anúncio (10, 33-34) é praticamente idêntica: ao pedido dos dois filhos de Zebedeu, para ocuparem os lugares de topo na hierarquia do poder, os outros dez reagem com indignação... porque procuram o mesmo. E Jesus, em resposta, já não fala apenas em ser-se servidor, mas *escravo de todos*, a seu exemplo, que como *Filho do Homem não veio para ser servido mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos* (10, 44-45).

E, entre os carenciados desse resgate – a libertação do pecado, nas suas incontáveis manifestações – estão os próprios discípulos. Os de então e os de todos os tempos. Não é difícil detectar na Igreja de hoje o que S. Marcos expõe sobre os discípulos contemporâneos de Jesus. E cristão algum, seja qual for o seu lugar na Igreja, pode deixar de confrontar-se com o próprio modo de pensar e agir à luz do que aconteceu com Pedro e os restantes discípulos – no mal que fizeram, mas também no caminho que encetaram para dele serem libertos.

De Pedro diz-se que, ao lembrar-se *das palavras de Jesus: «Antes de o galo cantar duas vezes, tu me terás negado três vezes»*, logo a seguir, *desatou a chorar* (14, 72). Lágrimas de vergonha ou de verdadeira conversão? É que esta depende de uma energia que ultrapassa as capacidades humanas. Só Deus nos pode converter, o mesmo Deus a quem Jesus, na sua morte, se entregou totalmente por causa dos pecados da humanidade e para deles a libertar, como Ele próprio anunciara na última Ceia, imediatamente antes da sua paixão e morte (14, 24).

3. “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?”

Foi com esta oração, do início do Sl 21/22, que Jesus entregou o seu Espírito. Proferiu-a com o mesmo *forte grito* com que, a seguir, *expirou* (15, 34-37). Entregou-se a Deus, com uma Palavra de Deus (como são todos os Salmos bíblicos). Por isso mesmo era a Palavra mais apropriada para exprimir o estado de contradição em que se sentia:

abandona-se ao Deus que parecia tê-lo abandonado; abandona-se, dizendo-lhe isso mesmo.

É a maior prova de fé, no duplo sentido do termo – de provação a que a fé é sujeita e de demonstração ou reforço dessa mesma fé. S. Paulo fala desta fé a respeito de Abraão: *Foi com uma esperança, para além do que se podia esperar, que ele acreditou e se tornou assim pai de muitos povos* (Rm 4, 18). O mesmo sucedeu com muitos outros justos de que fala o Antigo Testamento: homens e mulheres que sofreram por causa da sua justiça e que enfrentaram esse sofrimento como ocasião e motivo para se entregarem ainda mais ao Deus justo, de quem e para quem viviam. Com efeitos para os próprios e para outros, só explicáveis pela acção de Deus que, pela fé comprovada, se tornou mais presente e actuante neles e através deles. Um dos casos mais significativos é o do servo de IaWeH de que se fala em Is 52, 13-53, 12 e no qual Jesus se apoiou para dar sentido à sua morte.

Os seus efeitos aparecem imediatamente a seguir: *o véu do templo rasgou-se em dois, de alto a baixo* (Mc 15, 38). Trata-se, provavelmente, das cortinas que, no templo de Jerusalém, vedavam a entrada a pagãos. Quer dizer que Jesus passa a ser o novo templo, o novo lugar, em que os homens podem encontrar Deus, desde que n'Ele acreditem como Messias e Filho de Deus. E o primeiro exemplo é referido logo a seguir: o centurião, o comandante das tropas romanas presentes na execução de Jesus, esse pagão, *ao vê-lo expirar daquela maneira, exclamou: «Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus!»* (15, 39).

Os discípulos, que haviam fugido ou O haviam renegado, só chegarão a esta fé, aberta a todos os homens e mulheres, depois de O experimentarem como ressuscitado, vencedor definitivo da morte, através da sua morte, ou melhor, da sua total entrega da vida. Mas a tentação da fuga e a negação em que haviam caído acabou por lhes mostrar uma das etapas a caminho da fé, ou das condições imprescindíveis para a manter e fortalecer: a consciência da própria fragilidade e da conseqüente necessidade de vigiar e orar, como havia feito Jesus, no Getsémani, para poder beber o cálice do sofrimento que o esperava. Quanto pode a oração bem feita, aquela que é expressão e exercício de fé!

OBJECTIVOS

- Descobrir, através do relato da paixão e morte de Jesus, como Ele deu a vida por nós, realizando a nova aliança com Deus;
- Louvar Jesus pelo amor com que ofereceu a vida na cruz;
- Preparar a celebração da festa da Páscoa do Senhor.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese é constituída, quase toda ela, pela leitura do relato da paixão e morte de Jesus. É um texto que está no coração da Bíblia: toda ela conflui para a salvação que Cristo, com o dom completo da sua vida, obteve para toda a humanidade. A sua leitura, nesta altura da caminhada à descoberta da Bíblia, justifica-se pela proximidade da festa em que, no ano litúrgico, os cristãos celebram este acontecimento salvífico e na qual as crianças devem participar.

2. Propõe-se a versão de Mc 14, 26-15, 47, por ser o Evangelho mais antigo e o mais breve. É também o texto bíblico do ciclo B (Missa do Domingo de Ramos), dos três anos em que estão divididos os textos bíblicos. Se o catequista achar por bem, pode optar pela versão de um dos outros três Evangelhos. Neste caso, tem de fazer as necessárias adaptações das propostas no desenvolvimento da catequese.

3. O texto é lido nesta catequese, para ser relido pelas crianças nos dias até ao Tríduo Pascal: uma leitura pessoal e outra em grupo. Esta última será na via-sacra proposta para a próxima catequese, para a qual as crianças devem convidar familiares e amigos. A sua participação activa poderá levar as crianças a realizar, com mais entusiasmo, os compromissos propostos para o tempo até à Páscoa.

4. Para isso, devem indicar-se, no final desta catequese, o lugar e a hora em que se realizará a via-sacra (podendo seguir-se as sugestões na introdução à catequese seguinte). Procure-se também que as crianças levem um convite escrito para as pessoas que desejem ter consigo na via-sacra.

MATERIAIS

– 14 folhas de tamanho A5, com as palavras aqui indicadas, e que formarão o painel mostrado no Documento 1 (nota - aqui se indica o capítulo e os versículos de onde provém cada texto, para orientação do catequista, mas nas folhas regista-se apenas a frase, uma vez que as crianças recebem a indicação do texto nos marcadores abaixo indicados):

- (14, 26-31:) *Jesus prevê que os discípulos O abandonem e que Pedro O negue.*
- (14, 32-42:) *Jesus reza ao Pai no Jardim das Oliveiras.*
- (14, 43-52:) *Jesus é entregue por Judas e é preso.*
- (14, 53-59:) *Jesus é levado ao Sumo-Sacerdote e é acusado por falsas testemunhas.*
- (14, 60-65:) *Jesus é condenado à morte por ser o Messias e Filho de Deus.*
- (14, 66-72:) *Pedro nega, por três vezes, conhecer Jesus.*
- (15, 1-5:) *Pilatos pergunta a Jesus se Ele é o Rei dos Judeus.*
- (15, 6-15:) *Pilatos solta Barrabás e manda crucificar Jesus.*
- (15, 16-20:) *Os soldados fazem pouco de Jesus, como se Ele fosse o Rei dos Judeus.*
- (15, 21-28:) *Jesus é levado para o Calvário, onde é crucificado.*
- (15, 29-32:) *Jesus, depois de crucificado, é injuriado por muitos.*
- (15, 33-37:) *Jesus, depois de rezar a Deus, morre na cruz.*
- (15, 38-41:) *Jesus, depois de morrer, é reconhecido como Filho de Deus.*
- (15, 42-47:) *O corpo de Jesus é colocado no sepulcro.*

– 14 folhas-marcadores, cada qual com uma das seguintes siglas: Mc 14, 26-31; Mc 14, 32-42; Mc 14, 43-52; Mc 14, 53-59; Mc 14, 60-65; Mc 14, 66-72; Mc 15, 1-5; Mc 15, 6-15; Mc 15, 16-20; Mc 15, 21-28; Mc 15, 29-32; Mc 15, 33-37; Mc 15, 38-41; Mc 15, 41-47;

– Um crucifixo de um tamanho adaptado ao painel indicado no Documento 1 (o mesmo crucifixo que será usado na via-sacra da próxima catequese);

– Duas velas;

– Uma vela do tipo círio pascal (catequese anterior);

– Bíblia de mesa;

– Bíblias das crianças;

– Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças desde a catequese anterior;

– Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, duas para cada criança, para serem preenchidas até à próxima catequese e a seguinte;

– Convites para os pais ou outros familiares participarem na próxima catequese (o convite para os pais encontra-se no catecismo e pode servir de modelo para os restantes convidados – p. 92).

MÚSICAS

- “Tu tens palavras de vida eterna”;
- “Glória a Ti, Senhor Jesus”.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**: os 14 dísticos com os títulos das partes de Mc 14, 12-65.15, 1, 47 (ver Documento 1), distribuídos de modo desordenado.
- Sobre a **mesa**: a Bíblia e, por trás, uma vela tipo círio pascal, apagada.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista comece por chamar a atenção das crianças para os dísticos afixados no placar:*

Já repararam nas palavras escritas no placar?...

Do que é que elas nos falam?...

O catequista pode ler alguns títulos, para que as crianças se situem.

Muito bem: fala-nos daquilo que eu vos pedi para lerem, desde a última catequese:

a parte do Evangelho segundo S. Marcos em que ele conta como Jesus foi preso, condenado à morte e deu a vida por nós na cruz.

Vejo que alguns de vós leram mesmo. Se não, não teriam descoberto de que se trata.

Estão no caminho certo, para celebrar a Páscoa, a festa mais importante para nós, cristãos. Uma das melhores preparações é ler o que a Bíblia nos conta sobre isso: o modo como Jesus morreu e ressuscitou.

Mas, certamente, já repararam que estas palavras não estão na ordem certa...

O catequista pode exemplificar.

É o trabalho que, daqui a pouco, terão de fazer: colocar todos estes títulos pela ordem em que sucedeu o que neles está escrito.

Depois, eu explico como vão fazer.

2. Antes disso, gostava de saber se pensaram no outro compromisso.

Lembram-se?...

Quem o fez, pode pegar nas folhas em que escreveram o que pensam fazer com este texto do Evangelho de Marcos, até à Páscoa...

Se nenhuma ou muito poucas crianças o fizeram, o catequista dê-lhes uns breves minutos para pensarem e escreverem: como ler Mc 14, 22 - 15, 47, com quem, em que lugares, quantas vezes...

Depois, deixe que algumas comuniquem as suas decisões.

Conclua, conforme as respostas:

Muito bem. Vai ser uma bela preparação.

Sabem uma coisa? – Para ser ainda melhor, eu acho que devem dizer ao próprio Jesus o que pensam fazer. De acordo?...

Mas, mais daqui a pouco. Até porque, entretanto, ainda podem aparecer mais ideias.

Primeiro, vamos então descobrir a ordem em que devem ser colocadas as palavras que estão no placar.

II. PALAVRA

1. Começemos por ler, em conjunto, um texto que não está indicado no placar, mas que já conhecemos desde a catequese anterior: a última Ceia de Jesus. Foi a seguir a ela que sucedeu tudo o que está indicado no placar.

Além disso, na última Ceia Jesus mostrou aos discípulos por que é que Ele deu a vida na cruz: porque derramou Ele o seu Sangue. Lembram-se?...

Certo: foi para fazer uma nova aliança com Deus. Por isso Ele chamou ao seu Sangue... o Sangue da nova aliança. Foi para isso que Ele deu a vida por nós e por todos os homens.

Vamos ler outra vez esse texto. Mas hoje, a seguir à leitura, cantaremos o **cântico** “Tu tens Palavras de vida eterna”. Sim: o que Jesus aí nos diz são mesmo Palavras de vida eterna.

Para a leitura, podem ser os mesmos que leram na última catequese:

– O/a (*nome*) faz de narrador, lendo o que nos conta S. Marcos.

– O/a (*nome*) lê as palavras de Jesus.

– O/a (*nome*) acende a vela e depois segura-a, no meio dos que vão ler.

Todos os outros podem seguir pelas suas Bíblias: é o texto de S. Marcos, capítulo 14, versículos 22 a 25 (**Mc 14, 22-25**). Mas seguem de pé, porque o texto é muito importante.

Depois de todos estarem preparados:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Marcos:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Criança (narrador):

**Enquanto comiam, Jesus tomou o pão,
recitou a bênção e partiu-o,
deu-o aos discípulos e disse:**

Criança (Jesus):

Tomai: isto é o meu Corpo.

Criança (narrador):

**Depois tomou o cálice, deu graças e entregou-lho.
E todos beberam dele.
Disse Jesus:**

Criança (Jesus):

Este é o meu Sangue, o Sangue da nova aliança,

derramado pela multidão dos homens.
Em verdade vos digo:
não voltarei a beber do fruto da videira,
até ao dia em que beberei de novo no Reino de Deus.

Catequista:
Palavra da salvação.

Crianças:
Glória a vós, Senhor.

Todos – Cântico:
“Tu tens Palavras de vida eterna” (*estrofes 15 e 16*).

2. Depois de todas as crianças estarem sentadas nos seus lugares:

Reparem bem no que dissemos a Jesus, quando lhe cantámos:

«A ti, que chamas por mim,

Quero dizer sempre sim:

Vou contigo até à cruz.»

São palavras bonitas, mas muito sérias: seguir Jesus até à cruz. Vamos ver se todos conseguimos.

Para isso, vamos descobrir o caminho percorrido por Ele: o caminho que O levou a derramar o seu Sangue, para uma nova aliança com Deus.

Vai ser assim:

– Começarei por distribuir por cada um de vós um papelinho em forma de marcador, onde vem indicado um texto do Evangelho segundo S. Marcos: por exemplo, Mc 14, 26-31 ou 14, 32-42.

– O menino ou menina a quem eu der o papelinho, lê atentamente as palavras dos versículos indicados nele.

– Depois, procura saber quais as palavras no placar que correspondem ao que leu nesses versículos do Evangelho: se são as primeiras (*o catequista pode lê-las*) ou algumas das outras.

– Quando descobrir, vem ao placar buscar o papel com as palavras que lhe parecem ser as certas e guarda-as, até todos descobrirem as suas.

Se tiverem dúvidas, eu ajudo.

Se o número das crianças for superior a 14, o catequista junte-as em grupos de duas e entregue-lhes o mesmo texto, dando prioridade aos textos mais longos.

Se o número for inferior a 14, dê dois textos à mesma criança, neste caso dando prioridade aos textos mais breves.

Depois de entregar todos os papéis com a indicação dos textos, pode pôr, como música de fundo, a gravação do cântico “Glória a Ti, Senhor Jesus”, durante o trabalho pessoal.

Quando as crianças forem junto do placar para levarem os títulos dos textos, certifique-se de que estão certas na sua escolha.

3. Após todas as crianças terminarem a leitura e a escolha, convide, uma a uma, a dizer qual o título que escolheu para o texto que lhe calhou para ler, seguindo a ordem do relato de Marcos:

– **14, 26-31:** Jesus prevê que os discípulos O abandonem e que Pedro O negue.

– **14, 32-42:** Jesus reza ao Pai no Jardim das Oliveiras.

- *14, 43-52: Jesus é entregue por Judas e é preso.*
- *14, 53-59: Jesus é levado ao Sumo-Sacerdote e é acusado por falsas testemunhas.*
- *14, 60-65: Jesus é condenado à morte por ser o Messias e Filho de Deus.*
- *14, 66-72: Pedro nega, por três vezes, conhecer Jesus.*
- *15, 1-5: Pilatos pergunta a Jesus se Ele é o Rei dos Judeus.*
- *15, 6-15: Pilatos solta Barrabás e manda crucificar Jesus.*
- *15, 16-20: Os soldados fazem pouco de Jesus, como se Ele fosse o Rei dos Judeus.*
- *15, 21-28: Jesus é levado para o Calvário, onde é crucificado.*
- *15, 29-32: Jesus, depois de crucificado, é injuriado por muitos.*
- *15, 33-37: Jesus, depois de rezar a Deus, morre na cruz.*
- *15, 38-41: Jesus, depois de morrer, é reconhecido como Filho de Deus.*
- *15, 42-47: O corpo de Jesus é colocado no sepulcro.*

O catequista chame as crianças, uma por uma, indicando a passagem bíblica. Por exemplo:

- *Quem é o menino ou menina que leu as palavras de S. Marcos no capítulo 14, versículos 26 a 31?*

A criança, assim chamada, aproxima-se da mesa, levando as folhas recebidas (sigla e título) e a sua Bíblia, e diz às outras qual o texto lido por ela: para as outras, pode ler apenas o título ou acrescentar mais pormenores, por palavras suas.

Todas as outras seguem pelas suas Bíblias.

Depois de expor esse conteúdo, a folha com o título é afixada no placar, na ordem e no lugar indicado no Documento 1. O conjunto final deve formar uma cruz.

4. Depois de todos os dísticos estarem afixados:

Já repararam na forma que têm, no placar, os textos que leram?...

Uma cruz!

Tudo o que lemos, com tanta atenção, leva-nos até à cruz onde Jesus deu a vida. Que belo!...

Eu proponho lermos, todos em conjunto, as palavras que falam dos últimos momentos da vida de Jesus.

São as que vêm no capítulo 15, versículos 33 a 41 (**Mc 15, 33-41**). Podem abrir aí as vossas Bíblias...

Para a leitura, precisamos de 4 meninos ou meninas:

- Um/a para narrador...
- Outro/a para as palavras de Jesus, no versículo 34...
- Outro/a para as palavras ditas por algumas pessoas contra Jesus, nos versículos 35 e 36...
- Finalmente, outro/a para as palavras do centurião, no versículo 39...

Podem ler todos do seu lugar, excepto o/a (*nome*) que faz de Jesus. Esse/essa vem para aqui, para junto da cruz.

Mas, todos ouvimos de pé, em sinal de respeito.

*Depois de todos estarem preparados para a leitura de **Mc 15, 33-41**.*

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Criança (narrador):

**Quando chegou o meio dia,
as trevas envolveram toda a terra até às três horas da tarde.
E às três horas da tarde, Jesus exclamou com voz forte:**

Criança (Jesus):

Eloí, Eloí, lema sabachtáni?

Criança (narrador):

Que quer dizer:

«Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?»

Alguns presentes, ouvindo isto, disseram:

Criança (povo):

Está a chamar por Elias.

Criança (narrador):

**Alguém correu a embeber uma esponja em vinagre
e, pondo-a na ponta de uma cana, deu-lhe a beber e disse:**

Criança (povo):

Deixa ver se Elias vem tirá-lo dali.

Criança (narrador):

**Então Jesus, soltando um grande brado, expirou.
O véu do templo rasgou-se em duas partes de alto a baixo.
O centurião que estava em frente de Jesus,
ao vê-lo expirar daquela maneira, exclamou:**

Criança (centurião):

Na verdade, este homem era Filho de Deus.

Criança/ narrador:

**Estavam também ali umas mulheres a observar de longe,
entre elas Maria Madalena,
Maria, mãe de Tiago e de José, e Salomé,
que acompanhavam e serviam Jesus,
quando estava na Galileia,
e muitas outras que tinham subido com Ele a Jerusalém.**

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Após todas as crianças se sentarem:

Repararam quem foram as pessoas amigas de Jesus que não O abandonaram?...

Aquele grupo de mulheres corajosas que O serviam.

Tenho a certeza de que elas pensavam como aquele centurião. Um centurião era um chefe militar que comandava os soldados.

Que disse ele, acerca de Jesus, ao ver como Ele morreu?

“Na verdade, este homem era Filho de Deus!”.

E é mesmo. Por isso se entregou todo a Deus, por nós.

E por isso é que também nós não O queremos abandonar. Pelo contrário: ao vermos como Ele nos ama tanto, que deu a vida por nós, ainda sentimos mais vontade de estar com Ele.

Pois bem: podemos mostrar que queremos estar sempre com Ele, se realizarmos o que alguns de vós já pensaram fazer com o texto de S. Marcos que hoje lemos e ouvimos.

Podem ver outra vez o que, sobre isso, escreveram nas folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”.

Se quiserem, podem acrescentar mais alguma coisa: como pensam ler este texto da Bíblia nestes dias, até à festa da Páscoa.

Têm uns minutinhos para pensar e escrever...

2. Após uns breves momentos:

E, agora, apresentemos ao próprio Jesus o nosso compromisso.

Vai ser assim:

– Primeiro, iremos todos acolher a imagem de Jesus crucificado que vai, daqui a nada, entrar na nossa sala.

– Depois de ser colocada sobre a Bíblia em cima da mesa, cada um de vós pode vir aqui junto dela, trazendo a folha onde escreveu o seu compromisso.

– Ao chegar aqui, pode ler para Jesus o seu compromisso. Se quiser que os outros também o conheçam, pode ler em alta voz.

– Quando acabar, pode dar um beijo na imagem de Jesus ou fazer um outro gesto de homenagem e gratidão.

Para acompanhar tudo isto, vamos aprender um *cântico* de louvor a Jesus pelo seu amor na cruz:

“Glória a Ti, Senhor Jesus”.

Depois do ensaio:

– *Três crianças entram pelo fundo da sala: à frente, duas, cada uma com uma vela acesa, seguidas de outra com o crucifixo levantado.*

– *Durante o cortejo canta-se o cântico: “Glória a Ti, Senhor Jesus”.*

– *Chegadas junto da mesa, voltam-se para os restantes até terminar o cântico. Depois colocam o crucifixo sobre a Bíblia, e as velas uma de cada lado.*

– *Segue-se a veneração da cruz: cada criança aproxima-se do crucifixo, lê o seu compromisso e beija o crucifixo (ou toca-lhe com a mão).*

– *No fim, afixa-se o crucifixo no placar, sobre a cruz formada sobre os títulos, e cante-se de novo o cântico: “Glória a Ti, Senhor Jesus”.*

3. Compromisso

Hoje vão receber duas folhas novas com “A Palavra de Deus na minha vida”. Quer dizer que vão fazer duas coisas:

– A primeira é cumprir o compromisso que comunicaram a Jesus acerca do texto de S. Marcos que lemos aqui. Vão registrando numa destas folhas o que forem fazendo com este texto, até à Páscoa. Quer dizer que esta folha só estará totalmente preenchida depois da Páscoa. Tragam-na para a primeira catequese a seguir à festa da Páscoa.

– Na outra folha vão escrever uma oração a Jesus acerca daquele pedaço de texto de S. Marcos que vos calhou. Por exemplo, ao menino ou menina que leu o texto em que (*o catequista aponte no placar:*) Jesus prevê que os discípulos O abandonem e que Pedro O negue, esse menino ou menina escreva uma oração a Jesus sobre esse texto. Pode ser uma oração a louvar, a agradecer ou a pedir. E pode pedir por si ou por outras pessoas. Para não se esquecerem têm o marcador que receberam hoje; e, no fim desta catequese, vão levar os títulos que estão afixados no placar, cada um de vós com o seu.

E tudo isto para quê? É que, na próxima catequese, que será a última antes da Páscoa, iremos todos juntos fazer uma **via-sacra**. Via-sacra significa caminho sagrado. Um caminho com 14 estações ou paragens. Tantas quantos os pedaços do Evangelho de S. Marcos que lemos hoje.

O catequista explique como se organiza a via-sacra:

Para essa via-sacra, cada um vai convidar ao menos uma outra pessoa: o pai e a mãe, ou o avô, a avó, um irmão, um amigo, ou todos eles. E essas pessoas irão colaborar convosco. Vai ser assim:

Em cada estação ou paragem da via-sacra fazemos pelo menos três coisas:

– Primeiro, o menino ou menina a quem calhou o pedaço do Evangelho que vai ser lido nessa estação, lê as palavras do título desse pedaço (por exemplo: Jesus prevê que os discípulos O abandonem e que Pedro O negue).

– Depois, uma das pessoas que convidarem lê o texto correspondente do Evangelho. Por isso, tragam a Bíblia.

– A seguir, o mesmo menino lê a oração que tiver feito a Jesus.

Pelo meio, cantaremos os **cânticos** que hoje cantámos aqui: “Tu tens palavras de vida eterna” e “Glória a Ti, Senhor Jesus”.

Vão ver que vai ser muito bonito.

O catequista indique o lugar e a hora em que se realiza a via-sacra (a registar no catecismo, p. 92).

No final, entregue a cada criança duas folhas com “A Palavra de Deus na minha vida” e o título do texto de Marcos que irá ler.

Se o mesmo texto tiver calhado a 2 crianças, ambas devem escrever e ler a oração proposta e poderão ler em uníssono durante a Via-sacra.

4. Para guardar na memória e no coração:

Jesus é o Messias e Filho do Deus Bendito

que por todos deu a vida na cruz.

Quanto Ele nos ama!

DOCUMENTO 1

Painel: Como se verificará, optou-se por distribuir o texto seguindo a ordem habitual de leitura – de cima para baixo, da esquerda para a direita – para facilitar o trabalho das crianças.

			Jesus prevê que os discípulos o abandonem			
			Jesus reza ao Pai no Jardim das Oliveiras			
Jesus é entregue por Judas e é preso	Jesus é levado ao Sumo-Sacerdote e é acusado por falsas testemunhas	Jesus é condenado à morte por ser o Messias e Filho de Deus	Pedro nega, por três vezes, conhecer Jesus	Pílatos pergunta a Jesus se Ele é o Rei dos Judeus	Pílatos solta Barrabás e manda crucificar Jesus	Os soldados fazem pouco de Jesus, como se Ele fosse o Rei dos Judeus
			Jesus é levado para o Calvário, onde é Crucificado			
			Jesus, depois de crucificado, é injuriado por muitos			
			Jesus, depois de rezar a Deus, morre na cruz			
			Jesus, depois de morrer, é reconhecido como Filho de Deus			
			O Corpo de Jesus é colocado no sepulcro.			

Catequese 22

“SE ALGUÉM QUISER SEGUIR-ME”...

(Mc 8, 34)

(Celebração da Via Sacra)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A via

Sem ela não há vida humana. É pelos caminhos, ainda que curtos, que mais facilmente nos movemos e, deslocando-nos, mais desenvolvemos as nossas faculdades físicas e mentais. Repare-se na satisfação de uma criança, quando dá os primeiros passos, ou de um atleta que, em provas de corrida, consegue ser mais rápido do que outros. Mas precisamos de caminhos ou estradas principalmente para deixarmos lugares em que faltam todas as condições de vida e nos dirigirmos para outros que as oferecem. Pode dizer-se, por tudo isto, que o ser humano é, por natureza (ou necessidade), viatário, no sentido original do viandante.

E, às deslocações por vias terrestres, juntou as marítimas e, depois, as aéreas, e estas já à escala interplanetária. E todas elas cada vez mais directas, rápidas e seguras. E mesmo quando a deslocação física não é possível, fala-se, por exemplo, em via postal ou da Internet. Isto é, (quase) tudo o que nos pode pôr em comunicação com lugares e/ou pessoas, é via, estrada, caminho.

Até ao ponto de, há muito, se falar do caminho da vida, uma expressão também aplicada à vida de cada um, nomeadamente no campo moral. Por isso (e para falar só na nossa língua) exprimimos a vida, a esse nível, predominantemente em termos que, na sua origem, são indicativos de movimento: conduta (de conduzir), comportamento (de comportar), procedimento (de proceder = avançar). Um sinal de como as nossas atitudes e os nossos actos são constitutivos da vida que se procura e espera, ao longo ou no termo de um verdadeiro caminho.

Caso contrário, são falsos, errados ou maus os caminhos por onde andamos. É o caso do *caminho dos ímpios*, referido no Sl 1, 6: *se conduz à perdição*, será ele um verdadeiro caminho? Mas há quem o percorra por ignorância, influência de outros (as más companhias) ou incapacidade de fazer melhor. Daí que todas as religiões procurem indicar aos seus seguidores o caminho certo para a vida e motivá-los para o seguir.

Segundo o Sl 1, 2, o caminho certo é o caminho de quem *se compraz na Lei do Senhor e nela medita dia e noite*, isto é, permanentemente, sejam eles tempos de alegria (dia) ou de tristeza (noite). A Lei a que se refere é, no seu núcleo fundamental, a que foi oferecida pelo Senhor ao seu povo na aliança do Sinai (Ex 20ss). Repare-se na coincidência: durante o caminho que lhe permitiu passar da opressão (no Egipto) para a liberdade, Israel recebe o meio que lhe vai permitir manter-se no caminho da vida que Deus se compromete a proporcionar-lhe na terra para onde o conduz: *o caminho da Lei* que, para os que a cumprem, se torna *o caminho justo* (porque ajustado à ordem e à vida) e *o caminho dos justos*, isto é, dos que vivem na justa comunhão com o Autor da vida. Com a promessa: *O Senhor vela* (porque ama) *pelo caminho dos justos* (Sl 1, 6). E se estes contam com a orientação e protecção do Senhor, então também ao seu caminho se pode chamar:

2. A via-sacra

Em sentido mais habitual e restrito, chama-se via-sacra à que foi seguida por Cristo numa fase bem precisa da sua caminhada terrena: aquela que também é conhecida pelas expressões igualmente latinas, *via crucis* (= da cruz) e *via dolorosa* – a via em que Ele teve de enfrentar e suportar as dores, a todos os níveis terríveis, do suplício e da morte na cruz, a mesma via que, no seu seguimento, é percorrida pelos seus discípulos; um percurso celebrativamente simbolizado numa devoção conhecida pelas referidas expressões.

É uma devoção com provável origem no tempo das Cruzadas. De Jerusalém expandiu-se, sobretudo a partir do séc. XIV e por incentivo dos Franciscanos, praticamente por toda a Igreja. A fixação das suas estações em 14 deu-se apenas por volta do séc. XVIII, possivelmente por influência das 7 horas em que, diariamente, é celebrada a Liturgia das Horas, e das 7 igrejas estacionais de Roma em que os cristãos se reuniam, particularmente na Quaresma.

Pela mesma altura, passou a celebrar-se também em igrejas em cujas paredes começou a ser pendurado o mesmo número de cruzes ou figuras alusivas ao tema de cada estação. Na forma mais clássica e ainda mais habitual, inicia-se com a condenação de Jesus por Pilatos e termina com a sua sepultura. Uma vez que, nesta forma, algumas estações não são documentadas pela Bíblia (por exemplo, o encontro de Jesus com a Verónica), têm surgido outras versões de teor mais bíblico. E há quem junte uma 15ª estação, alusiva à ressurreição.

Pelo menos com algumas destas mudanças, procura-se seguir o que a Igreja diz acerca desta e de outras formas de piedade dos fiéis e da religiosidade popular. Por um lado, são de manter, dado que “o sentimento religioso do povo cristão desde sempre encontrou a sua expressão” nelas (CIC 1674). E a via-sacra é particularmente expressiva, pelo modo dinâmico como representa o caminho de Cristo para o auge da sua obra redentora: arrastando consigo aqueles que o seguem. Por outro lado, deve haver um esforço, “se for o caso disso, para purificar e corrigir o sentimento religioso subjacente a essas devoções e para fazer progredir no conhecimento do mistério de Cristo” (Ibidem 1676). No caso da via-sacra, poderá ser uma exagerada teatralidade em que os participantes são reduzidos a meros espectadores.

E em ordem ao referido “conhecimento do mistério de Cristo”, há que respeitar duas vertentes:

– O que Ele realmente fez e o sentido com que o fez: segundo o testemunho da Sagrada Escritura e a reflexão da Igreja, foi na cruz, onde entregou o seu Corpo e derramou o seu Sangue *por todos, para remissão dos pecados* (Mt 26, 28), foi aí que *Ele, que amara os seus que estavam no mundo, os amou até ao extremo (...) de quem dá a vida pelos seus amigos* (Jo 13, 1; 15,13). É um caminho de amor que começou já na sua encarnação (cf. Jo 3, 16) e prosseguiu por toda a sua actividade messiânica, com particular relevo para a sua subida a Jerusalém, onde consumou a doação da sua vida. S. Lucas dá um relevo especial a este caminho percorrido por Jesus. E, neste sentido, pode dizer-se que a via-sacra de Jesus é muito mais longa do que a do espaço que vai do pretório de Pilatos ao Calvário e ao sepulcro; e que a sua sacralidade lhe vem do amor de Deus que n’Ele atingiu um grau nunca até então conhecido.

– A outra vertente é a daqueles por quem Ele deu a vida e que celebram a via-sacra de Jesus para que se tornem (mais) sacras as vias da sua vida.

3. A via-sacra do cristão

Há dois elementos, na celebração da via-sacra de Jesus, que muito podem contribuir para isso:

– *A oração como resposta ao texto bíblico.* Nasce da contemplação do amor (ou desamor) que a cena por ele descrita deve proporcionar e exprime-se sobretudo no reconhecimento da própria fragilidade e incapacidade humana para responder ao desafio de Jesus lançado no arranque da sua subida para Jerusalém: *Se alguém quiser seguir-Me, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me...* na certeza de que *quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, há-de salvá-la* (Mc 8, 34-35). Neste contexto, a oração é a resposta de fé de quem, para isso, confessa: *Eu creio! Ajuda a minha pouca fé* (Mc 9, 24).

– *O lugar em que, tantas vezes, se realiza a via sacra:* pelos caminhos em que o cristão, no seu dia a dia, vive e trabalha, com sucessos e insucessos, caindo e levantando-se; caminhos cheios de obstáculos de toda a ordem, que só podem ser vencidos por um amor à medida do que é oferecido por Cristo; caminhos em que é desafiado a dar testemunho desse amor, para que esse amor seja verdadeira fonte de vida para o próprio e para os outros; caminhos semelhantes aos que, a partir de Jerusalém, percorreram aqueles primeiros cristãos a quem Cristo morto e ressuscitado apareceu e enviou no anúncio da maior Boa Nova que a humanidade jamais escutou.

É, sobretudo, por esses caminhos que – no dizer da Mensagem do Sínodo dos Bispos sobre “A Palavra de Deus na vida e Missão da Igreja” (Roma, 5-26.10.2008, n.13) – “o cristão tem (...) a missão de anunciar esta Palavra divina de esperança, através da sua partilha com os pobres e os que sofrem, através do testemunho da sua fé no reino da verdade e da vida, da santidade e da graça, de justiça, de amor e de paz, através da proximidade amorosa que não julga nem condena, mas sustém, ilumina, conforta e perdoa, na esteira das palavras de Jesus: *vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei-de aliviar-vos* (Mt 11, 28).”

Que outro caminho pode ter o catequista, senão este?! E quão feliz será se o conseguir percorrer, levando consigo os catequizandos e seus familiares, nomeadamente na celebração da via-sacra de Jesus!

OBJECTIVOS

- Celebrar o amor de Jesus Cristo, manifestado na sua paixão e morte;
- Manter-se no seguimento de Jesus Cristo, simbolizado na via-sacra;
- Levar à participação na celebração do mistério pascal.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Na via-sacra aqui proposta, as crianças têm um meio de conhecer e vivenciar mais profundamente o relato da paixão e morte de Jesus que já conhecem da catequese anterior: pela leitura e escuta do texto bíblico e pela resposta através da oração e do canto. Ao fazê-lo caminhando, podem aperceber-se mais facilmente do que é dever de todo o cristão: seguir Jesus na total oferta da sua vida.

2. Para isso, é recomendável que o façam na companhia de outras pessoas com as quais partilham a vida: pessoas que elas próprias convidem e que, deste modo, conquistem para a experiência de com elas saborear o amor de Cristo. Sugere-se, por isso, que sejam as próprias crianças a escolher e a preparar a pessoa que vai ler o texto bíblico da estação que está a seu cargo, a partir do trabalho realizado na catequese anterior.

3. As orações, a seguir a cada texto bíblico, devem ser feitas pelas crianças. Dê-se-lhes a liberdade de exprimir, pela oração, o que o texto bíblico lhes sugere. Se o catequista

prevê que alguma criança tem mais dificuldade, ajude-a, nomeadamente na sua redacção, mas não a substitua. Prepare-se, entretanto, para a eventualidade de alguma criança não preparar e escrever a sua oração. Nesse caso, terá de ser o catequista a improvisar a oração, na altura própria.

Sugere-se que, sendo possível, o catequista, depois de distribuir as tarefas pelas crianças, conforme indicado na catequese 21, marque com elas um encontro para a preparação e revisão das orações, no qual serão passadas a limpo para novas folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”. Havendo tempo, as folhas podem ser ilustradas ou decoradas, mostrando às crianças a solenidade da celebração, que preparam com o seu esforço e interesse.

4. As leituras dos textos bíblicos devem, de preferência, ser feitas a partir da Bíblia, o livro que as crianças estão a descobrir. Se isso for demasiado incómodo, pode preparar-se um guião com todos os textos da celebração, incluindo os bíblicos.

5. Como se pode ver, o modelo de via-sacra proposto neste guia é um pouco diferente do tradicional: mantêm-se as 14 estações, mas as cenas para cada uma delas são, na sua maioria, diferentes. Isto deve-se à ligação entre a via-sacra e a catequese anterior. Por isso, é de evitar que a via-sacra seja feita diante de quadros, cujo conteúdo não corresponda ao do texto bíblico lido. O mais fácil é ter, como única referência, o crucifixo (e não a simples cruz): as sucessivas estações conduzem para Aquele que atinge o auge do seu amor no dom da vida na cruz.

MATERIAIS

- Um crucifixo, relativamente grande, mas que possa ser transportado pelas crianças (de preferência, o da catequese anterior);
- As Bíblias das crianças (se possível);
- Folhas de “A Palavra de Deus na minha vida” com as orações escritas pelas crianças para cada estação;
- Um guião, para cada participante, com os elementos que se achar mais necessários.

MÚSICAS

- “Tu tens palavras de vida eterna”;
- “Glória a Ti, Senhor Jesus”.

PARTICIPANTES E INTERVENIENTES NA CELEBRAÇÃO

– As crianças do grupo, acompanhadas por familiares e amigos por elas convidados. As crianças transportam o crucifixo, lêem a introdução a cada estação e fazem a oração a seguir ao texto bíblico. Este deve, de preferência, ser lido por um adulto, para isso convidado pela criança à qual, na catequese anterior, foi entregue o texto.

– Além das crianças e familiares, pode abrir-se a via-sacra a toda a comunidade cristã. Pode, inclusivamente, ser celebrada num lugar e dia em que a via-sacra já estava programada para todos.

Neste caso, chame-se a atenção dos participantes, para as diferenças em relação ao modelo tradicional.

LUGAR DA CELEBRAÇÃO

– De preferência, ao ar livre: está mais de acordo com o texto bíblico e permite mais a movimentação dos participantes. Mas que seja um lugar sem motivos de distração,

como pessoas estranhas à celebração ou ruídos. Se possível, parta-se do interior de uma igreja.

– Dentro de uma igreja, sobretudo se a via-sacra estiver assinalada nas paredes (mas com quadros adaptados). O altar facilita o ponto de partida (ver ritos iniciais). Mas, também neste caso, que a igreja esteja livre de outras pessoas e celebrações.

– Dentro de um salão que facilite a movimentação.

– Dentro da sala da catequese. Mas só se nenhuma das propostas anteriores for possível e apenas no caso de a sala ter um tamanho que permita a participação das pessoas a convidar.

II. DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO

RITOS INTRODUTÓRIOS

Se possível, junto do altar de uma igreja ou de uma mesa coberta e com o crucifixo e duas velas acesas.

Presidente:

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo que por nós morreu e ressuscitou esteja conosco.

Todos:

Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

Presidente:

Responderam muito bem: estamos aqui reunidos, porque Jesus Cristo nos ama e nós O amamos.

E não há ninguém que Ele não ame. Por isso, além de vós, os meninos e as meninas, vieram também outras pessoas que vós convidastes (*o catequista pode nomear algumas*): todos juntos, queremos ver e saborear como Cristo nos ama.

Já temos aqui duas coisas que nos mostram o seu amor. Estão a ver?...

– A primeira é **a cruz** com a sua imagem. Olhemos bem Jesus... Como Ele tem os braços abertos, como que a mostrar que nos quer abraçar a todos...

E nós iremos ver ainda melhor como Ele chegou à cruz, ao amor que Ele nos tem, dando a vida por nós.

Iremos segui-Lo pelo caminho que Ele percorre. Chamamos-lhe via-sacra, isto é, um caminho sagrado. É sagrado porque é de Deus, do Deus que tanto nos ama em Jesus Cristo, seu Filho.

Na caminhada que faremos com Ele, seremos conduzidos por S. Marcos. No seu Evangelho, ele mostra-nos o caminho seguido por Jesus e convida-nos a segui-lo.

Faremos, para isso, 14 estações ou paragens.

Em cada uma delas, um de vós dirá o que se passa nessa estação.

Logo a seguir, um outro (um adulto) lê do Evangelho o que S. Marcos nos conta aí.

Depois, um outro menino ou menina faz uma oração que já preparou e pela ordem que já conhecem.

Se necessário, o presidente preste mais algum esclarecimento, para que tudo decorra em ordem.

– Mas, além do crucifixo que irá à nossa frente, temos aqui um outro sinal do grande amor de Jesus...

É o altar (ou a mesa que nos lembra o altar)...

Foi em volta de uma mesa como esta que Jesus celebrou a sua última Ceia. Foi aí que Ele anunciou o que iria fazer depois: como deu o seu Corpo e derramou o seu Sangue por nós e por todos. Palavras de vida eterna!

E nós antes de iniciarmos esta via-sacra vamos dizer isso mesmo a Jesus, cantando-lhe:

Todos:

Cântico: “Tu tens palavras de vida eterna” (estrofes 14 e 15).

À estrofe 15, pode *iniciar-se a caminhada:*

– com o crucifixo à frente;

– e os participantes a seguir, se possível em filas.

Nas estações podem fazer um círculo com quem leva o crucifixo.

† 1ª ESTAÇÃO:

Criança:

Primeira estação:

Jesus prevê que os discípulos O abandonem e Pedro O negue.

Presidente:

Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus.

Todos:

Que pela vossa santa cruz, remistes o mundo.

Adulto/leitor (Mc 14, 26-31):

Cantaram os Salmos e saíram para o Monte das Oliveiras.

Disse-lhes Jesus:

«**Todos vós Me abandonareis, como está escrito:**

“**Ferirei o pastor e dispersar-se-ão as ovelhas.**”

Mas, depois de ressuscitar,

irei à vossa frente para a Galileia».

Disse-lhe Pedro:

«**Embora todos Te abandonem, eu não.**».

Jesus respondeu-lhe:

«**Em verdade te digo:**

Hoje, nesta mesma noite, antes do galo cantar duas vezes,

três vezes me negarás».

Mas Pedro continuava a insistir.

«**Ainda que tenha de morrer contigo, não Te negarei.**».

E todos afirmaram o mesmo.

Criança (após um brevíssimo silêncio):

Oração (feita pela própria).

† 2ª ESTAÇÃO:

Criança:

Segunda estação:

Jesus reza ao Pai no Jardim das Oliveiras.

Presidente:

Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus.

Todos:

Que pela vossa santa cruz, remistes o mundo.

Adulto/leitor (Mc 14, 32-42):

Entretanto, chegaram a uma propriedade chamada Getsémani

e Jesus disse aos seus discípulos:

«Ficai aqui, enquanto Eu vou orar».

Tomou consigo Pedro, Tiago e João

e começou a sentir pavor e angústia.

Disse-lhes então:

«A minha alma está numa tristeza de morte.

Ficai aqui e vigiai».

Adiantando-se um pouco, caiu por terra

e orou para que, se fosse possível,

se afastasse d'Ele aquela hora.

Jesus dizia:

«Abbá, Pai, tudo Te é possível:

Afasta de Mim este cálice.

Contudo, não se faça o que Eu quero,

mas o que Tu queres».

Depois, foi ter com os discípulos,

encontrou-os dormindo e disse a Pedro:

«Simão, estás a dormir?

Não pudeste vigiar uma hora?

Vigiai e orai, para não entrardes em tentação.

O espírito está pronto, mas a carne é fraca».

Afastou-se de novo e orou,

dizendo as mesmas palavras.

Voltou novamente e encontrou-os dormindo,

porque tinham os olhos pesados

e não sabiam que responder.

Jesus voltou pela terceira vez e disse-lhes:

«Dormi agora e descansai...

Chegou a hora:

O Filho do Homem vai ser entregue às mãos dos pecadores.

Levantai-vos. Vamos.

Já se aproxima aquele que me vai entregar».

Criança (após um brevíssimo silêncio):

Oração (feita pela própria).

Todos:
Cântico: “Glória a Ti, Senhor Jesus” (1ª estrofe).

† 3ª ESTAÇÃO:

Criança:
Terceira estação:
Jesus é entregue por Judas e é preso.

Presidente:
Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus.

Todos:
Que pela vossa santa cruz, remistes o mundo.

Adulto/leitor (Mc 14, 43-52):
**Ainda Jesus estava a falar,
quando apareceu Judas, um dos Doze,
e com ele uma grande multidão, com espadas e varapaus,
enviada pelos príncipes dos sacerdotes,
pelos escribas e pelos anciãos.
O traidor tinha-lhes dado este sinal:
«Aquele que eu beijar, é esse mesmo.
Prendei-O e levai-O bem seguro».
Logo que chegou, aproximou-se de Jesus
e beijou-O, dizendo:
«Mestre».
Então deitaram-lhe as mãos e prenderam-n’O.
Um dos presentes puxou da espada
e feriu o servo do sumo sacerdote,
cortando-lhe a orelha.
Jesus tomou a palavra e disse-lhes:
«Vós saístes com espadas e varapaus para Me prender,
como se fosse um salteador.
Todos os dias Eu estava no meio de vós,
a ensinar no templo,
e não me prendestes!
Mas é para se cumprirem as Escrituras».
Então os discípulos deixaram-n’O e fugiram todos.
Seguiu-O um jovem, envolto apenas num lençol.
Agarraram-no, mas ele, largando o lençol, fugiu nu.**

Criança (após um brevíssimo silêncio):
Oração (feita pela própria).

† 4ª ESTAÇÃO:

Criança:

Quarta estação:

Jesus é levado ao sumo sacerdote e acusado por falsas testemunhas.

Presidente:

Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus.

Todos:

Que pela vossa santa cruz, remistes o mundo.

Adulto/leitor (Mc 14, 53-59):

Levaram então Jesus à presença do sumo sacerdote, onde se reuniram todos os príncipes dos sacerdotes, os anciãos e os escribas.

Pedro, que O seguira de longe

até ao interior do palácio do sumo sacerdote,

estava sentado com os guardas, a aquecer-se ao lume.

Entretanto, os príncipes dos sacerdotes e todo o sínédrio

procuravam um testemunho contra Jesus

para lhe dar a morte,

mas não o encontravam.

Muitos testemunhavam falsamente contra Ele,

mas os seus depoimentos não eram concordes.

Levantaram-se então alguns,

para proferir contra Ele este falso testemunho:

«Ouvimo-l'O dizer:

“Destruirei este templo feito pelos homens

e em três dias construirei outro

que não será feito pelos homens”».

Mas nem assim o depoimento deles era concorde.

Criança (após um brevíssimo silêncio):

Oração (feita pela própria).

Todos:

Cântico: “Glória a Ti, Senhor Jesus” (2ª estrofe).

† 5ª ESTAÇÃO:

Criança:

Quinta estação:

Jesus é condenado à morte por ser o Messias e Filho de Deus.

Presidente:

Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus.

Todos:

Que pela vossa santa cruz, remistes o mundo.

Adulto/leitor (Mc 14, 60-65):

Então o sumo sacerdote levantou-se no meio de todos e perguntou a Jesus:

«Não respondes nada ao que eles depõem contra Ti?»

Mas Jesus continuava calado e nada respondeu.

O sumo sacerdote voltou a interrogá-l'O:

«És Tu o Messias, Filho de Deus Bendito?»

Jesus respondeu:

«Eu sou.

**E vós vereis o Filho do Homem
sentado à direita do Todo-poderoso
vir sobre as nuvens do céu».**

O sumo sacerdote rasgou as vestes e disse:

«Que necessidade temos ainda de testemunhas?

Ouvistes a blasfémia. Que vos parece?»

Todos sentenciaram que Jesus era réu de morte.

Depois, alguns começaram a cuspir-lhe,

a tapar-lhe o rosto com um véu

e a dar-lhe punhadas, dizendo: «Adivinha».

E os guardas davam-lhes bofetadas.

Criança (após um brevíssimo silêncio):

Oração (feita pela própria).

† 6ª ESTAÇÃO:

Criança:

Sexta estação:

Pedro nega, por três vezes, conhecer Jesus.

Presidente:

Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus.

Todos:

Que pela vossa santa cruz, remistes o mundo.

Adulto/leitor (Mc 14, 66-72):

Pedro estava em baixo, no pátio,

quando chegou uma das criadas do sumo sacerdote.

Ao vê-lo aquecer-se, olhou-o de frente e disse-lhe:

«Tu também estavas com Jesus, o Nazareno».

Mas ele negou:

«Não sei nem entendo o que dizes».

Depois saiu para o vestíbulo e o galo cantou.

A criada, vendo-o de novo,

começou a dizer aos presentes:

«Este é um deles».

Mas ele negou pela segunda vez.

Pouco depois, os presentes diziam também a Pedro:

«Na verdade, tu és deles, pois também és galileu».
Mas ele começou a dizer imprecações e a jurar:
«Não conheço esse homem de quem falais».
E logo cantou o galo pela segunda vez.
Então Pedro lembrou-se do que Jesus lhe tinha dito:
«Antes do galo cantar duas vezes,
três vezes **me negarás».**
E desatou a chorar.

Criança (após um brevíssimo silêncio):
Oração (feita pela própria).

Todos:
Cântico: “Glória a Ti, Senhor Jesus” (3ª estrofe).

† 7ª ESTAÇÃO:

Criança:
Sétima estação:
Pilatos pergunta a Jesus se Ele é o Rei dos judeus.

Presidente:
Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus.

Todos:
Que pela vossa santa cruz, remistes o mundo.

Adulto/leitor (Mc 15, 1-5):
Logo de manhã,
os príncipes dos sacerdotes reuniram-se em conselho
com os anciãos e os escribas e todo o sinédrio.
Depois de terem manietado Jesus,
foram entregá-l’O a Pilatos.
Pilatos perguntou-lhe:
«Tu és o Rei dos judeus?»
Jesus respondeu:
«É como dizes».
E os príncipes dos sacerdotes
faziam muitas acusações contra Ele.
Pilatos interrogou-O de novo:
«Não respondes nada?
Vê de quantas coisas Te acusam».
Mas Jesus nada respondeu,
de modo que Pilatos estava admirado.

Criança (após um brevíssimo silêncio):
Oração (feita pela própria).

† 8ª ESTAÇÃO:

Criança:

Oitava estação:

Pilatos solta Barrabás e manda crucificar Jesus.

Presidente:

Nos vos adoramos e bendizemos, ó Jesus.

Todos:

Que pela vossa santa cruz, remistes o mundo.

Adulto/leitor (Mc 15, 6-15):

Pela festa da Páscoa,

Pilatos costumava soltar-lhes um preso à sua escolha.

Havia um, chamado Barrabás,

preso com os insurrectos

que numa revolta tinham cometido um assassínio.

A multidão, subindo,

começou a pedir-lhe o que era costume conceder-lhes.

Pilatos respondeu:

«Quereis que vos solte o Rei dos judeus?»

Ele sabia que os príncipes dos sacerdotes

O tinham entregado por inveja.

Entretanto, os príncipes dos sacerdotes

incitaram a multidão

a pedir que lhes soltasse Barrabás.

Pilatos, tomando de novo a palavra, perguntou-lhes:

«Então que hei-de fazer d'Aquele

que chamais o Rei dos judeus?»

Eles gritaram de novo:

«Crucifica-O!»

Pilatos insistiu:

«Que mal fez Ele?»

Mas eles gritaram ainda mais:

«Crucifica-O!»

Então Pilatos, querendo contentar a multidão,

Soltou-lhes Barrabás

e, depois de ter mandado açoitar Jesus,

entregou-O para ser crucificado.

Criança (após um brevíssimo silêncio):

Oração (feita pela própria).

Todos:

Cântico: “Glória a Ti, Senhor Jesus” (4ª estrofe).

† 9ª ESTAÇÃO:

Criança:

Nona estação:

Os soldados fazem pouco de Jesus, como se Ele fosse o Rei dos judeus.

Presidente:

Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus.

Todos:

Que pela vossa santa cruz, remistes o mundo.

Adulto/leitor (Mc 15, 16-20):

Os soldados levaram-n'O para dentro do palácio,

que era o pretório, e convocaram toda a corte.

Revestiram-n'O com um manto de púrpura

e puseram-lhe na cabeça uma coroa de espinhos que haviam tecido.

Depois começaram a saudá-l'O:

«Salve, Rei dos judeus!»

Batiam-lhe na cabeça com uma cana, cuspiam-lhe

e, dobrando os joelhos, prostravam-se diante d'Ele.

Depois de O terem escarnecido,

tiraram-lhe o manto de púrpura

e vestiram-lhe as suas roupas.

Em seguida levaram-n'O dali para O crucificarem.

Criança (após um brevíssimo silêncio):

Oração (feita pela própria).

† 10ª ESTAÇÃO:

Criança:

Décima estação:

Jesus é levado para o Calvário onde é crucificado.

Presidente:

Nos vos adoramos e bendizemos, ó Jesus.

Todos:

Que pela vossa santa cruz, remistes o mundo.

Adulto/leitor (Mc 15, 21-28):

Requisitaram, para Lhe levar a cruz,

um homem que passava, vindo do campo,

Simão de Cirene, pai de Alexandre e Rufo.

E levaram Jesus ao lugar do Gólgota,

que quer dizer Calvário.

Queriam dar-lhe vinho misturado com mirra,

mas Ele não quis beber.

Depois crucificaram-n'O

**e repartiram entre si as suas vestes,
tirando-as à sorte, para verem o que levaria cada um.
Eram nove horas da manhã quando O crucificaram.
O letreiro que indicava a causa da condenação
tinha escrito: «Rei dos Judeus».
Crucificaram com Ele dois salteadores,
um à direita e outro à esquerda.**

*Criança (após um brevíssimo silêncio):
Oração (feita pela própria).*

*Todos:
Cântico: “Glória a Ti, Senhor Jesus” (5ª estrofe).*

† 11ª ESTAÇÃO:

Criança:
**Décima primeira estação:
Jesus, depois de crucificado, é injuriado por muitos.**

Presidente:
Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus.

Todos:
Que pela vossa santa cruz, remistes o mundo.

Adulto/leitor (Mc 15, 29-32):
**Os que passavam insultavam-n’O
e abanavam a cabeça, dizendo:
«Tu que destruías o templo e o reedificavas em três dias,
salva-Te a Ti mesmo e desce da cruz».
Os príncipes dos sacerdotes e os escribas
troçavam uns com os outros, dizendo:
«Salvou os outros e não pode salvar-Se a Si mesmo!
Esse Messias, o Rei de Israel, desça agora da cruz,
para nós vermos e acreditarmos».
Até os que estavam crucificados com Ele O injuriavam.**

*Criança (após um brevíssimo silêncio):
Oração (feita pela própria).*

† 12ª ESTAÇÃO:

Criança:
**Décima segunda estação:
Jesus, depois de rezar a Deus, morre na cruz.**

Presidente:
Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus.

Todos:

Que pela vossa santa cruz, remistes o mundo.

Adulto/leitor (Mc 15, 33-37):

**Quando chegou o meio dia,
as trevas envolveram toda a terra até às três horas da tarde.
E às três horas da tarde, Jesus clamou com voz forte:
«Eloí, Eloí, lemá Sabachtáni?»**

Que quer dizer:

«Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonastes?»

Alguns dos presentes, ouvindo isto, disseram:

«Está a chamar por Elias».

**Alguém correu a embeber uma esponja em vinagre e,
pondo-a na ponta de uma cana, deu-lhe a beber e disse:**

«Deixa ver se Elias vem tirá-l'O dali».

Então Jesus, soltando um grande brado, expirou.

Criança (após um brevíssimo silêncio):

Oração (feita pela própria).

Todos:

Cântico: “Glória a Ti, Senhor Jesus” (6ª estrofe).

† 13ª ESTAÇÃO:

Criança:

Décima terceira estação:

Jesus, depois de morrer, é reconhecido como Filho de Deus.

Presidente:

Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus.

Todos:

Que pela vossa santa cruz, remistes o mundo.

Adulto/leitor (Mc 15, 38-41):

O véu do templo rasgou-se em duas partes de alto a baixo.

**O centurião que estava em frente de Jesus,
ao vê-l'O expirar daquela maneira, exclamou:**

«Na verdade, este homem era Filho de Deus».

Estavam também ali umas mulheres a observar de longe,

entre elas Maria Madalena,

Maria, mãe de Tiago e de José, e Salomé,

que acompanhavam e serviam Jesus,

quando estava na Galileia,

e muitos outros que tinham subido com Ele a Jerusalém.

Criança (após um brevíssimo silêncio):

Oração (feita pela própria).

† 14ª ESTAÇÃO:

Criança:

Décima quarta estação:

O corpo de Jesus é colocado no sepulcro.

Presidente:

Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus.

Todos:

Que pela vossa santa cruz, remistes o mundo.

Adulto/leitor (Mc 15, 42-47):

Ao cair da tarde

– visto ser a Preparação, isto é, a véspera do sábado –

José de Arimateia, ilustre membro do Sinédrio,

que também esperava o reino de Deus,

foi corajosamente à presença de Pilatos

e pediu-lhe o corpo de Jesus.

Pilatos ficou admirado de Ele já estar morto

e, mandando chamar o centurião,

perguntou-lhe se Jesus já tinha morrido.

Informado pelo centurião,

ordenou que o corpo fosse entregue a José.

José comprou um lençol,

desceu o corpo de Jesus e envolveu-O no lençol;

depois depositou-O num sepulcro escavado na rocha

e rolou uma pedra para a entrada do sepulcro.

Entretanto, Maria Madalena e Maria, mãe de José,

observavam onde Jesus tinha sido depositado.

Criança (após um brevíssimo silêncio):

Oração (feita pela própria).

RITOS CONCLUSIVOS

Presidente:

Seguimos Jesus até ao fim.

Como aquelas mulheres corajosas que até foram ver o lugar onde o corpo de Jesus foi sepultado. E não-de ver que valeu a pena.

É que a história de Jesus não termina com a sepultura. Como aquelas mulheres, também nós teremos uma grande surpresa.

Portanto, vale a pena nunca abandonarmos Jesus.

Para isso, vamos, todos juntos, rezar a Deus Pai a oração que Jesus nos ensinou:

Todos:

“Pai Nosso”...

Presidente:

E agora digamos outra vez a Jesus que só Ele tem palavras de vida eterna:

Todos:

Cântico:

“Tu tens palavras de vida eterna” (*estrofe 16 e 17*).

*Se for oportuno, podem convidar-se os presentes que quiserem a **beijar o crucifixo**, durante o **cântico**.*

Compromisso

Presidente:

Depois de recolher as folhas com os títulos das 14 estações, necessários para a próxima catequese:

Agora não se esqueçam de duas coisas, até à próxima catequese:

– Primeiro, leiam mais vezes o texto de S. Marcos que hoje nos guiou nesta via-sacra. E escrevam na folha com “A Palavra de Deus na minha vida”, como fazem para o ler e o que fazem, enquanto o lêem e depois de o ler. Essa folha, bem preenchida, é para trazer para a catequese a seguir à Páscoa.

– Segundo, não deixem de ir á igreja onde vamos celebrar a morte e ressurreição de Jesus.

Quem lá for, nesses dias, está a mostrar, que não quer abandonar Jesus. E vão estar com muita atenção a tudo o que assistirem.

Depois, em casa, façam um desenho a ilustrar o que mais gostaram do que viram e tragam-no para a nossa catequese. Desenhem na folha com “A Palavra de Deus na minha vida”. Se precisarem, eu dou-vos mais uma.

Para todos uma Páscoa santa e feliz. Para isso:

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Todos:

Graças a Deus.

Para guardar na memória e no coração

Diz-nos Jesus:

“Se alguém quiser seguir-Me,
renuncie a si mesmo,
tome a sua cruz e siga-Me”.

(Mc 8, 34)

3º BLOCO (catequeses 23 a 30)

A VITALIDADE DA PALAVRA DE DEUS ESCRITA

Após a descoberta da Bíblia, nas suas partes e no seu todo, as crianças devem aperceber-se da eficácia da Palavra de Deus, que fala pela Bíblia, em todos os tempos e lugares em que é lida e/ou escutada. Estão a aproximar-se da conclusão de um ano de catequese em torno da Bíblia e pretende-se que não só a conheçam, tanto quanto lhes é possível nesta idade, mas que descubram e interiorizem a expressão que está continuamente presente no Livro que também estão a escrever: «A Palavra de Deus na minha vida». Ou seja, que leiam e escutem a Palavra com o sentido do hoje das suas vidas e experiências.

Essa eficácia da Palavra, essa capacidade de falar a todos, em todos os tempos, nasce, principalmente, do acontecimento da morte e ressurreição de Jesus: é d'Ele, testemunhado pela Bíblia como pedra viva e angular da sua Igreja, que esta e cada um dos seus membros vivem, como pedras vivas.

É uma vida que se alimenta e se concretiza no duplo mandamento do amor, proveniente do Antigo Testamento, nomeadamente através do Decálogo, e confirmado por Jesus.

Às crianças é oferecida, principalmente nas últimas quatro catequeses, a oportunidade de apreciarem, de saborearem essa vida: no seu caso, também, a partir da própria experiência, nas actividades que a Palavra de Deus lhes foi sugerindo ao longo do ano.

Terão assim uma ajuda para compreenderem a canonicidade e a inspiração das Escrituras – inspiradas por Deus, como se aprenderá – e delas darem testemunho a toda a comunidade cristã na Festa da Palavra, na qual se comprometem a fazer da Bíblia objecto de permanente leitura.

Catequese 23

“RESSUSCITOU: NÃO ESTÁ AQUI”

(Mc 16, 6)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A ressurreição de Cristo: um mistério

É fundamental que ninguém, designadamente cristão algum, perca isto de vista: que a ressurreição de Cristo é inexplicável só pela razão humana e os meios científicos ao seu dispor. Quem tentar fazê-lo, acabará por negá-la ou distorcê-la.

Exemplos disso já remontam aos primórdios do Cristianismo. Perante o sepulcro vazio e o desaparecimento do corpo de Jesus, a primeira explicação (e a mais lógica) foi a do roubo. Assim reagiu Maria Madalena (Jo 20, 2.13). E as autoridades judaicas foram mais longe: *Subornaram com dinheiro os soldados que haviam guardado o sepulcro, para que dissessem: “De noite, enquanto dormíamos, vieram os seus discípulos e roubaram-no.* Comenta o Evangelista: *E esta mentira divulgou-se entre os judeus até hoje* (Mt 28, 13.15).

Hoje – o dos nossos dias – já não é (só) entre judeus. Há quem defenda, com argumentos pseudo-históricos, que, aquando do roubo, o corpo de Jesus estava apenas moribundo. Mas a explicação mais frequente, talvez por parecer menos ridícula, situa-se no âmbito psicológico: que a ideia da ressurreição de Jesus se formou apenas na mente dos discípulos, depois de se restabelecerem do choque causado pela morte e na convicção de que Deus não podia abandonar entre os mortos quem tanto a Ele se entregara na instauração do seu Reino. Portanto, o único dado histórico seria este processo de formação da ideia. Tudo o resto, incluindo a ordem física da ressurreição, é excluído.

Mas até esta teoria é rejeitada de diversos modos, e já no Novo Testamento:

– Pelo estado em que se encontravam os discípulos: “Longe de nos apresentar uma comunidade tomada de exaltação mística, os evangelhos apresentam-nos os discípulos abatidos (de «rosto sombrio» Lc 24, 17) e apavorados (cf. Jo 20, 19)” (CIC 643).

– Pela sua reacção às primeiras notícias: “Não acreditaram nas santas mulheres, regressadas da sua visita ao túmulo, e «as suas narrativas pareciam-lhes um desvario» (Lc 24, 11)” (Ibidem).

– Por idêntica resistência, quando eles próprios se viram confrontados com a realidade de Jesus ressuscitado: “Parecia-lhes impossível: julgavam ver um fantasma (cf. Lc 24, 37). «Por causa da alegria, estavam ainda sem querer acreditar e cheios de assombro» (Lc 24, 41). Tomé experimentará a mesma provação da dúvida (cf. Jo 20, 24.27)” (Ibidem 644).

– Pelo realismo com que o Ressuscitado, por vezes, é apresentado: “Estabeleceu com os discípulos relações directas, através do contacto físico (cf. Lc 24, 39) e da participação na refeição (cf. Lc 24, 30.41-43; Jo 21, 9.13.13-15)” (Ibidem 645).

Se tudo isto ultrapassa a capacidade explicativa da razão humana é porque se tratava de um acontecimento transcendente: “Com efeito, ninguém foi testemunha ocular do acontecimento da ressurreição propriamente dito e nenhum evangelista o descreve. Ninguém pôde dizer como ela se deu, fisicamente” (Ibidem 647).

A isso corresponde o modo, igualmente sobrenatural, como Cristo se manifesta: o seu “corpo autêntico e real, possui, ao mesmo tempo, as propriedades de um corpo glorioso: não está situado no espaço e no tempo, mas pode, livremente, tornar-se presente onde e quando quer, porque a sua humanidade já não pode ser retida sobre a terra e já pertence ao domínio exclusivo do Pai (cf. Jo 20, 17)” (Ibidem 643).

Isto já mostra que a sua ressurreição “não foi um regresso à vida terrena, como no caso das ressurreições que Ele tinha realizado antes da Páscoa: a filha de Jairo, o jovem de Naim e Lázaro (...). A ressurreição de Cristo é essencialmente diferente. No seu corpo ressuscitado, Ele passa do estado de morte a uma outra vida, para além do tempo e do espaço. O corpo de Cristo é, na ressurreição, cheio do poder do Espírito Santo; participa da vida divina no estado da sua glória” (Ibidem 646).

Significa, então, que, na apreensão de tudo isto, é de excluir totalmente a razão humana? De modo algum. O que aconteceu com Cristo corresponde ao que todo o ser humano mais deseja e que a razão bem conhece: a aspiração inata à imortalidade, à vitória total sobre a morte. Só que, com isto, a razão não pode “fabricar” um acontecimento que se deve exclusivamente a Deus. Um mistério, portanto, só acessível à fé, que se apoia em razões que a razão desconhece, mas que, nem então, deve rejeitar, nomeadamente na interpretação dos sinais que esse acontecimento deixou na história. Vejamos dois deles.

2. A descoberta do sepulcro vazio

Seguimos a versão mais antiga – a de **Mc 16, 1-8** – em que o autor, com o seu jeito de narrar, nos leva, se mais não for pela simples curiosidade, a acompanhar as três mulheres a caminho do sepulcro.

Admiramos a sua persistência em seguir Jesus, já manifestada antes. Ao contrário dos restantes discípulos, elas mantiveram-se fiéis a Jesus até à morte (Mc 15, 40) e duas até à sepultura (15, 47). E nem mesmo depois de se afastarem. Na esperança de O reencontrarem vivo? Não.

O óleo e os perfumes que levam, destinam-se à unção do cadáver. E a questão que lhes surgiu (só) durante o caminho, sobre a pedra que lhes irá vedar a entrada, confirma a sua expectativa de encontrar apenas um defunto. Factores que só contribuem para reforçar a sua surpresa... e a nossa, quando nos deparamos com a pedra afastada. E se ela *era muito grande*, como é dito, quem teria sido capaz de a remover?!

Se admiração houve, rapidamente se transformou em susto, com a presença de uma figura sobre-humana: *um jovem sentado à direita, vestido com uma túnica branca*, a cor celeste. O medo sentido é a reacção natural e tradicional às manifestações de Deus, do *tremendum divinum*.

E a mensagem que o anjo comunica só pode vir – no seu conteúdo – do mesmo Deus que tudo pode: só Ele podia fazer de um crucificado morto um ressuscitado glorioso – *o Deus que dá vida aos mortos e chama à existência o que não existe*, comenta S. Paulo também a este propósito (Rm 4, 17).

Portanto, no centro desta cena está este Evangelho que, pela sua mensagem e o seu mensageiro, só pode ter origem em Deus. É este Evangelho que surge, “ressuscita” do vazio do sepulcro. O vazio “poderia explica-se de outro modo” (CIC 640). Mas, atribuído unicamente à intervenção de Deus, é um apelo à fé, confirmado pelo que a seguir se conta:

– Pelo lugar em que os discípulos poderão ver o crucificado ressuscitado (v. 7): na mesma *Galileia* onde Jesus iniciara a sua actividade de anúncio do Reino de Deus (Mc 1, 14-15), como o Messias, ou melhor, como Filho de Deus que *tinha de sofrer muito e ser rejeitado (...)* e *ser morto e ressuscitar depois de três dias* (8, 31; cf. 9, 31; 10, 33-

34). Um caminho pelo qual os discípulos tiveram tanta dificuldade em seguir, por lhes faltar aquela fé que só o Ressuscitado lhes pode conceder.

– Pelo estado que se acentuou nas mulheres, ao ponto de nem sequer cumprirem a ordem do Anjo: *Não disseram nada a ninguém, porque tinham medo* (v. 8). Tão pesada era a acção de Deus de que tinham acabado de ser testemunhas! Valeu-lhes, a elas e a nós, um segundo sinal deixado pelo ressuscitado, no espaço e no tempo da história:

3. As aparições do Ressuscitado

Não sabemos quantas foram. A lista maior é a de **1 Cor 15, 1-11**. Mas nem essa é exaustiva. Não alude, por exemplo, às manifestações a Maria Madalena – sozinha (Jo 20, 11-18) ou com outras mulheres (Mt 28, 8-10) – e aos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-32). Esta incerteza quanto ao número, acrescido de divergências entre os escritos do Novo Testamento relativamente a alguns pormenores das aparições, só confirma o que já constatámos: que a Ressurreição de Cristo é humanamente impossível de abarcar em todos os seus aspectos e consequências.

As divergências prendem-se, pelo menos em parte, com o acentuar de alguns desses aspectos e, sobretudo, com a intenção comum a todos os seus autores: não lhes interessa satisfazer a curiosidade meramente histórica dos leitores, mas despertá-los para a fé.

E, neste ponto, o referido texto de Paulo é especialmente elucidativo: as manifestações do Ressuscitado foram, e são, uma graça de Deus que transformou radicalmente as vidas daqueles que a tiveram. Ele acentua-o em relação a si próprio: três vezes recorre ao termo *graça*, no versículo 10.

É que, no seu caso, ela foi particularmente clara, uma vez que, como ele diz, *persegui a Igreja de Deus* (v. 9). Mas, nomeadamente pelos seus efeitos, também o que se passou com todos os outros foi uma pura *graça de Deus*. Em quê, concretamente?

– Primeiro, pela condição em que Cristo se manifesta: como crucificado ressuscitado. Na medida em que Ele *morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras e foi sepultado*, por isso é que Ele *foi ressuscitado ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e apareceu a Cefas e depois aos Doze* (vv. 3b-5). O amor com que, na morte, se entregou a Deus, por causa dos pecados da humanidade e para deles a libertar, corresponde ao amor de Deus, documentado na Escritura, de tal modo que, nessa morte ou com esse amor, Ele venceu o pecado e a morte para sempre e, com esse mesmo amor, se manifestou a tantos que, uns mais do que noutros, eram indignos desse amor.

– Portanto, a própria aparição é uma graça, ou melhor: é o mesmo amor totalmente gratuito, manifestado na morte e ressurreição, que agora – na aparição – é actualizado. Concretizando: Paulo apercebeu-se do amor inesgotável e vitorioso de Cristo, (também) por Ele lho ter manifestado. Em Paulo ainda mais, porque é a um inimigo que Ele aparece a amar. E é no perdão que o amor tem mais peso.

– Finalmente, é uma graça que se prolonga naqueles que por ela se deixam possuir. Depois de (no v. 10) confessar que *pela graça de Deus sou o que sou* (Apóstolo do Crucificado Ressuscitado), Paulo acrescenta: *E a graça que me foi dada, não foi estéril. Pelo contrário, tenho trabalhado mais do que todos eles*. Trabalhado mais, talvez por ter recebido mais graça. De qualquer modo, conclui: *Não eu, mas a graça de Deus que está comigo*.

E não há dúvida: é esta graça, em acção no anúncio gratuito e dedicado do Evangelho (dessa graça), é ela que tanta gente tem conquistado para Cristo, para a sua graça. Que o digam tantos catequistas... e tantos catequizandos que recebem a graça de terem tais catequistas.

OBJECTIVOS

- Acolher o Evangelho da morte e ressurreição de Cristo;
- Celebrar, com alegria, a fé em Cristo morto e ressuscitado;
- Dispor-se a ser mensageiro do Evangelho de Cristo.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Toda esta catequese pretende ser uma celebração viva do mistério da morte e ressurreição de Cristo, o acontecimento central em toda a Sagrada Escritura e na vida da Igreja e de cada cristão. Para isso, as crianças devem ser envolvidas ao máximo no Evangelho desse acontecimento salvífico:

- Sentirem-se, elas próprias, levadas ao sepulcro vazio, na fidelidade a Cristo, como a das mulheres que acompanharam Jesus até ao fim.
- Fazerem a leitura dos textos bíblicos, de modo que o anúncio do Anjo e de S. Paulo se torne presente na sala da catequese.
- Comprometerem-se a serem mensageiros do mesmo Evangelho fora da sala e do tempo da catequese.

2. Como motivo condutor (sobretudo na 1ª metade da catequese), propõe-se o uso de uma pedra, na forma e nas proporções indicadas: da pedra que tapa o sepulcro e, de certo modo, impede a ressurreição de Cristo, passa a ser a pedra que serve de suporte quer à Sagrada Escritura quer àqueles que acreditam na mensagem nela contida. Este último aspecto será desenvolvido nas catequese seguintes. Por isso, o catequista procure uma pedra que melhor se adapte às funções indicadas e, no fim desta catequese, conserve-a para as catequese seguintes. Para a próxima, procure, desde já, outras pedras de formato pequeno, uma para cada criança e catequista.

MATERIAIS

- Os dísticos das 14 estações da via-sacra (catequese anteriores);
- O crucifixo usado na via-sacra (catequese anteriores);
- Uma pedra de tamanho proporcional ao da Bíblia de mesa e com uma forma que lhe permita servir de suporte para a Bíblia²;
- Uma vela do tipo círio pascal;
- Dísticos: “RESSUSCITOU” e “ALELUIA” (podem ser em várias cores);
- Dístico com o texto de 1Cor 15, 3b-5, disposto como vem no Desenvolvimento da Catequese (se necessário);
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças desde a catequese anterior;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, uma (ou duas) para cada criança, a preencher a partir desta catequese;
- Lápis/ esferográficas para cada criança;
- Bíblias das crianças;
- Bíblia de mesa;
- Dístico: “PAULO: APÓSTOLO DE JESUS CRISTO”, preparado de modo a ser pendurado ao peito de uma criança.

MÚSICAS

- “Ressuscitou Aleluia” (A. Cartageno);

² Pedras de tamanhos diversos podem ser adquiridas em lojas que têm materiais de construção para jardins.

– Gravação da mesma música e (se necessário) do **cântico** “Nós somos as pedras vivas”.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

– No **placar**, os mesmos elementos do final da catequese 21: ao centro, a cruz formada pelos títulos das 14 estações da via-sacra; sobre ela, o crucifixo usado na mesma catequese e na via-sacra.

– Sobre a **mesa**: uma vela do formato de um círio pascal, apagada; em frente dela, a Bíblia, fechada; em frente da Bíblia, uma pedra arredondada e de um tamanho que lhe permita servir de suporte para a Bíblia.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Contem lá como foi a vossa Páscoa...

Após ouvir as crianças, o catequista informe-se sobretudo da sua participação (ou não) nas celebrações litúrgicas do Tríduo Pascal (incluindo o Domingo de Páscoa), tanto mais que foram convidadas a isso no final da via-sacra da catequese anterior:

– *Deixe contar, os que o fizeram, a sua experiência nessas celebrações, com realce para aquilo de que mais gostaram.*

– *Às crianças que realizaram este compromisso, dirija uma palavra de apreço e louvor: fizeram como as mulheres que, ao contrário dos outros discípulos, seguiram Jesus (apontando no placar) até à sua morte e sepultura.*

2. De seguida, chame a atenção para o placar e, sobretudo, a mesa:

Como vêm a nossa mesa está quase como a deixámos na catequese anterior à via-sacra...

– No placar, temos as 14 estações que percorremos com tanta atenção.

Gostaram da participação dos vossos pais e amigos?

E eles? Que disseram eles, lá em casa, depois da via-sacra?...

Depois de as crianças se exprimirem e se for o caso:

Estão a ver?... Fostes vós que lhes destes essa alegria. Vós, que quereis seguir sempre Jesus... até à cruz!

– Mas, na mesa, temos uma coisa nova...

Não é a vela, que representa Jesus. Essa já a conhecíamos.

E, então, a Bíblia, muito mais!...

A novidade está em frente da Bíblia...

Olhem: para todos verem melhor, peço ao/à (*nome*) que venha aqui mostrar aos outros.

Após a criança ter a pedra nas mãos:

Então o que é que o/a (*nome*) tem nas mãos?...

E porquê uma pedra? Que até é pesadita, não é (*nome*)?...

Vejam lá se conseguem adivinhar o que é esta pedra pode significar...

Depois de ouvir as crianças e adaptando-se às suas respostas:

(*Nome da criança com a pedra*), podes pôr a pedra no mesmo sítio em que ela estava e voltar para o teu lugar.

Uma pedra em frente à Bíblia! E quase não deixa ver o que está por trás.

Mas, se está em frente da Bíblia, é porque tem a ver com o que nela está escrito: com o que nós já lemos nas catequeses anteriores, a última vez na via-sacra.

A última vez, não. Porque vós prometeste que, lá em vossa casa, iríeis ler mais vezes o que S. Marcos nos conta sobre a paixão e morte de Jesus. Quem cumpriu este compromisso e escreveu o que fez na folha com “A Palavra de Deus na minha vida”?...

Depois de algumas crianças exporem rapidamente alguns pormenores da sua leitura:

Muito bem: Estes meninos e meninas merecem, mais uma vez, os parabéns: com a leitura do que S. Marcos conta mostram que querem seguir Jesus até ao fim!

E, se calhar, alguns até leram também o que S. Marcos conta a seguir à sepultura de Jesus. Quem fez isso, de certeza que sabe o que esta pedra significa...

É de uma pedra como esta, ou melhor, muito maior e muito mais pesada do que esta, que S. Marcos fala, quando conta o que sucedeu depois da sepultura de Jesus.

Vamos ver, então, o que foi que aconteceu.

II. PALAVRA

1. Podem abrir as Bíblias no Evangelho segundo S. Marcos, capítulo 16, versículos 1 a 8 (***Mc 16, 1-8***)...

Primeiro, cada um lê para si e prepare-se bem para, depois, lermos todos ao mesmo tempo. Podem ir já pensando naquilo que gostariam mais de ler...

Enquanto as crianças lêem, o catequista pode pôr, como música de fundo, a gravação do cântico “Ressuscitou Aleluia”. De seguida afixe os dísticos “RESSUSCITOU”, ao alto, e “ALELUIA”, ao fundo.

Acabada a leitura pessoal das crianças, pergunte:

Então, encontraram a pedra?...

E era como esta, aqui na mesa?...

Era muito grande, diz S. Marcos.

Como é que aquelas pobres mulheres eram capazes de a tirar!

Quantas eram elas?...

Nem as três juntas conseguiram tirar a pedra.

E repararam quais são os nomes delas?...

Vejam no versículo 1 (***Mc 16, 1***)...

E agora comparem com os nomes que vêm no capítulo anterior, versículo 40 (***Mc 15, 40***)...

Portanto são as mesmas que acompanharam Jesus até à sua crucificação e morte. E duas até foram ver onde Jesus foi sepultado. Vejam no versículo 47 (***Mc 15, 47***)...

Pois bem: foram estas mulheres que, passado o dia de Sábado – que, naquele tempo, era o dia de descanso, como é hoje, entre nós, o Domingo – foram estas três que, nesse primeiro dia da semana (a que hoje chamamos Domingo, ou dia do Senhor), foram ao sepulcro. E, para quê?...

Para ungir o corpo de Jesus, isto é, untá-lo com azeite, como sinal de respeito pelo corpo de uma pessoa tão importante.

E, afinal, a pedra já tinha sido arredada. Ainda bem, para elas. Ou melhor, ainda mal.

Porque o que elas devem ter pensado, é que tinham roubado o corpo de Jesus.

Mas não. A grande surpresa vem daquele jovem vestido de branco. Era um anjo.

Foi ele que lhes deu aquela maravilhosa Boa Nova.

É uma Boa Nova tão maravilhosa e importante, que eu já afixei no placar a palavra principal... E, ao fundo, está outra, própria para manifestar a nossa alegria...

Todos se lembram do que significa “Aleluia”...

Exacto: “Louvai o Senhor”.

Louvamos a Deus, pelas maravilhas que Ele fez. E a maior de todas é aquela: *(apontando)* Jesus, o crucificado, ressuscitou!

Eu até proponho que, antes de lermos todo este texto de S. Marcos, aprendamos a cantar aquelas duas palavras: Ressuscitou e Aleluia.

Após o ensaio de cântico (sobretudo do refrão) “Ressuscitou Aleluia”:

2. Iremos cantar este cântico no final da leitura. Vai ser a nossa resposta ao que S. Marcos nos conta: a nossa alegria por Deus ter ressuscitado Jesus Cristo de entre os mortos.

Mas, para isso, a leitura tem de ser muito bem feita e muito solene.

Começemos por distribuir os **papéis**:

– Quem vai fazer de S. Marcos, isto é, de narrador da história?...

(Nome), vê lá se lê bem...

– E de anjo?...

(Nome), prepara bem as palavras dos versículos 6 e 7. Já vimos que são as mais importantes.

– Finalmente as mulheres: eu acho que, aqui, devemos ser todos os outros, ao mesmo tempo.

Eu explico porquê: é que também nós, como aquelas mulheres, não temos abandonado Jesus. Acompanhámo-lo até à morte e à sepultura. E, como sabem, vale a pena persistir em seguir Jesus.

Portanto, proponho que sejamos todos a ler, ao mesmo tempo, as palavras das mulheres no versículo 3. Preparem-se bem.

Mas ainda faltam algumas coisas para que a leitura seja mesmo solene e bem feita. Que será?...

– A **vela**, que ainda está apagada...

Hoje, além de representar a luz de Cristo ressuscitado, pode significar mais coisas que têm a ver com a luz. Vejam lá se descobrem no texto...

Após uns momentos, para investigação pessoal:

Então o que é que aí, no nosso texto, tem a ver com a luz?...

Primeiro, é a altura do dia em que as mulheres partiram para o sepulcro. Versículo 2: “ao nascer do sol”. Ao nascer do sol, é quando se passa da noite para o dia, da escuridão e da tristeza para a luz e a alegria.

Segundo, vejam qual era a cor da roupa do anjo...

Não sabiam que o branco é a cor da luz?... Por isso é que, no nosso Baptismo, recebemos uma veste branca. E se é a cor da luz, também é a do Céu de onde vem o anjo.

Neste caso, quem acende a vela tem de ser alguém que vai ler a palavra do anjo ou das mulheres. É melhor das mulheres, porque quem faz de anjo, tem outra coisa a fazer que só ele pode.

O catequista convide uma das crianças que integram o grupo das mulheres a acender a vela. O gesto pode ser acompanhado do cântico:

“Ressuscitou Aleluia” *(só o refrão).*

– Falta a **pedra**. Não pode ficar em frente da Bíblia. Até porque está quase a tapá-la, como tapava o sepulcro de Jesus...

Portanto, temos de a retirar.

Mas, para isso, tem de ser alguém que tenha uma força que vem de Deus. Lembra-se de S. Marcos contar que a pedra era muito grande? E, com ela, nem as mulheres entravam, nem Jesus poderia ter saído, ressuscitado.

Portanto, para tirar a pedra, só pode ter sido o anjo, enviado por Deus.

(Nome da criança que faz de anjo), prepara-te.

Mas onde é que o/a *(nome)* a pode colocar? Alguém tem uma ideia?...

Adaptando-se às propostas das crianças:

Eu acho que deve ser colocada... por baixo da Bíblia...

É que também a Bíblia vem de Deus, tem a sua palavra. E Deus pode tudo. Se Deus pode ressuscitar Jesus de entre os mortos, também pode transformar as pedras mais pesadas em suporte da sua palavra.

Portanto o/a *(nome)* vai fazer duas coisas: tirar a pedra para debaixo da Bíblia e, depois, abrir a Bíblia, no texto em que vêm as palavras do Anjo que ele/a vai ler: em Mc 16, 1-8. Depois disso, pode ficar ali mesmo. É de lá que ele/a vai ler.

Todos os outros, incluindo o narrador S. Marcos, lêem do seu lugar. Mas agora vamos todos ficar de pé.

Enquanto o/a *(nome)* vai fazer o que combinámos sobre a pedra e a Bíblia, cantemos todos o mesmo **cântico**:

“Ressuscitou Aleluia” (*1ª estrofe, se necessário*).

3. Depois do cântico e com todas as crianças de pé, proceda-se à proclamação de Mc 16, 1-8:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos:

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Criança (narrador):

Depois de passar o sábado,

**Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé
compraram aromas para irem ungir Jesus.**

**E no primeiro dia da semana, partindo muito cedo,
chegaram ao sepulcro ao nascer do sol.**

Diziam umas às outras:

Crianças (mulheres):

Quem nos irá revolver a pedra da entrada do sepulcro?

Crianças (narrador):

**Mas, olhando, viram que a pedra já fora revolvida;
e era muito grande.**

**Entrando no sepulcro,
viram um jovem sentado do lado direito,
vestido com uma túnica branca,
e ficaram assustadas.**

Mas ele disse-lhes:

Criança (anjo):

Não vos assusteis.

Procurais a Jesus de Nazaré, o Crucificado?

Ressuscitou: não está aqui.

Vede o lugar onde O tinham depositado.

**Agora ide dizer aos seus discípulos e a Pedro
que Ele vai adiante de vós para a Galileia.**

Lá o vereis, como vo-lo disse.

Criança (narrador):

**Saíram, fugindo do sepulcro,
pois estavam a tremer e fora de si.
E não disseram nada a ninguém,
porque tinham medo.**

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista:

Continuemos a dar glória ao Senhor, cantando.

E cantemos também com as nossas mãos, batendo as palmas em sinal da nossa alegria.
Para isso, poisem as vossas Bíblias...

Todos:

Cântico:

“Ressuscitou Aleluia” (1ª e 2ª estrofe).

4. Depois de todas as crianças estarem sentadas:

Repararam que nós até fizemos mais do que aquelas mulheres?

Elas, depois das palavras do Anjo, ficaram caladas, cheias de medo.

Não admira. Às vezes, acontece o mesmo connosco. Quando vemos ou ouvimos uma coisa inesperada e muito, mesmo muito importante, até perdemos a fala. Ficamos só a pensar no que vimos ou ouvimos. E, a princípio, nem somos capazes de fazer mais nada.

Foi o que aconteceu com aquelas três mulheres: a grande pedra retirada, o anjo, as palavras do anjo... Tudo eram sinais de Deus. Coisas nunca vistas e ouvidas. Por isso, nem de falar eram capazes.

Só devem ter voltado a falar, quando sucederam outras coisas, que vieram confirmar o que o Anjo lhes disse. Alguém sabe o que foi?

Após ouvir as crianças, e adaptando-se às respostas:

Sim, Jesus depois apareceu, ressuscitado, a várias outras pessoas, começando pelos seus maiores amigos, aqueles que o tinham abandonado, quando Ele foi preso e crucificado. E foi então que também eles compreenderam Jesus, aquilo que Ele tinha feito e dito. E, esses amigos sim, começaram a falar dele. Começaram a fazer o mesmo que o Anjo fez às mulheres: a anunciar a Boa Nova, o Evangelho de que Jesus, crucificado e morto, tinha sido ressuscitado.

Um deles foi S. Paulo. Lembram-se?...

Só que com S. Paulo foi diferente. Sabem porquê?...

Exacto: S. Paulo não era, até então, amigo de Jesus. Pelo contrário: ele até perseguia os cristãos, os que acreditavam que Jesus tinha ressuscitado dos mortos.

Por isso, o que aconteceu com ele ainda foi mais admirável. Ele mesmo conta como foi, indicando também outras pessoas, às quais Jesus apareceu, depois de ressuscitar. Vão ver que foram muitas.

Abram as Bíblias na 1ª carta de S. Paulo aos Coríntios, capítulo 15, versículo 1 a 11 (*1 Cor 15, 1-11*)...

E agora vejam de quantas pessoas S. Paulo fala aí: pessoas a quem Jesus apareceu depois de ressuscitar.

Após uns breves momentos para a leitura pessoal:

Então, qual foi o primeiro a quem Jesus ressuscitado apareceu? Está no versículo 5...

E sabem quem é Cefas?...

É S. Pedro. Só que aí o nome está noutra língua. Em hebraico, a língua dele e de Jesus, Pedro diz-se Cefas.

E depois de Pedro ou Cefas?...

E depois dos Doze?...

A palavra “irmãos”, que está aí, quer dizer cristãos. Os cristãos devem viver como irmãos que se amam. E, como diz S. Paulo, na altura em que ele escreveu esta carta, alguns desses irmãos e irmãs já tinham morrido.

E depois?...

Olhem: este S. Tiago era um primo de Jesus. Lembram-se de nós aqui falarmos de uma carta que ele escreveu?...

E quem foram as penúltimas pessoas a quem Jesus ressuscitado apareceu?...

Os apóstolos. Nem sabemos quantos eram. Não eram só os Doze. Houve mais.

E um deles vem no fim. Quem é? (*Nome*), lê os versículos 8 a 10 (*1 Cor 15, 8-10*)...

Após a leitura:

S. Paulo compara-se a um aborto ou abortivo. Sabem porquê? Vem no final do versículo 9: Porque persegui a Igreja de Deus, isto é, os cristãos. E não foi para isso que ele dizia ter nascido: para perseguir e maltratar os cristãos. Por isso se compara a um aborto, isto é a um bebé que nasce morto. É que, depois de nascer, andou a fazer o que não devia: a perseguir os cristãos. E não era isso o que Deus queria dele.

Quer dizer que, quando Jesus ressuscitado lhe apareceu, teve como que um novo nascimento: um nascimento para Deus.

É como nós dizemos do nosso Baptismo: as pessoas, ao serem baptizadas, também nascem para Deus. Começam a amar a Deus e a fazer a sua vontade. Essa é a maneira de serem muito felizes, que é como todos gostamos de ser.

Reparem outra vez no que S. Paulo diz no versículo 10. (*Nome*) lê lá (*1 Cor 15, 10*)...

Após a leitura:

A graça de Deus é o seu amor, o seu grande amor. Foi esse amor, essa graça, que S. Paulo experimentou, quando Jesus ressuscitado lhe apareceu e fez dele um Apóstolo, isto é, uma pessoa enviada a anunciá-lo a toda a parte. Era esse o trabalho de que ele fala aí.

5. E querem saber qual era a Boa Nova, o Evangelho que S. Paulo e os outros Apóstolos pregavam? Querem ouvir as palavras certas que eles usavam?

Vêm aí, nos versículos 3 (a meio) até ao 5 (*1 Cor 15, 3b-5*)...

Olhem: como são palavras muito importantes, palavras a que S. Paulo chama Evangelho, eu proponho que sejam lidas de um modo especial, solene.

Para isso, preciso de um de vós que faça de S. Paulo e leia para os outros o que ele anunciava: o seu Evangelho. S. Paulo, agora e aqui, a pregar para nós. Não acham formidável?

Depois de uma criança se oferecer para a leitura:

Então o/a (*nome*) vem aqui para a frente de todos nós e anuncia-nos, em nome de S. Paulo, o Evangelho de Jesus Cristo. Vai fazer como o/a (*nome*) que há pouco fez de Anjo. E, claro, todos nós ouviremos com o maior respeito e atenção.

O catequista pode até pendurar ao peito da criança que vai ler, o dístico “PAULO: APÓSTOLO DE JESUS CRISTO”. E, já no lugar à frente, indique-lhe, na Bíblia, os versículos a ler: 1Cor 15, 3b-5.

Catequista:

Leitura da Primeira Epístola de S. Paulo aos Coríntios:

Criança (S. Paulo):

**Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras;
foi sepultado
e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras,
e apareceu a Cefas e depois aos Doze.**

Catequista:

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Depois de todas as crianças sentadas:*

Foi uma leitura bonita. E a/o (*nome*) esforçou-se por ler muito bem.

Parecia quase S. Paulo.

E se fôssemos todos fazer de S. Paulo? Isto é, levarmos, também nós, esta Boa Nova a outras pessoas. Mesmo que essas pessoas já a conheçam, às vezes precisam de ser chamadas por nós a viver essa Boa Nova.

Nós também já a conhecíamos, e gostámos de a ouvir mais uma vez. É sempre assim com as boas notícias: não nos cansamos de as ouvir. E quando há fotografias ou filmes delas, de vez em quando, voltamos a vê-los, pela alegria que nos proporcionam.

Pois bem: então eu proponho que cada um de nós pense numa ou mais pessoas, a quem leve a Boa Nova que acabámos de ouvir. Para isso, vou entregar-vos mais uma folha com “A Palavra de Deus na minha vida”.

Após a entrega:

Nesta folha vamos (*o catequista também*) escrever três coisas:

– Ao centro, vamos desenhar uma pedra muito bonita. Estão a ver porquê... A pedra que tapava o sepulcro de Jesus e que Deus fez retirar.

– Depois, sobre essa pedra vamos escrever as palavras que acabámos de ouvir de S. Paulo: na 1ª Carta aos Coríntios, capítulo 15, versículo 3b a 5. Se alguém tiver dúvidas, pode perguntar-me.

– Finalmente, abaixo da pedra com essas palavras do Evangelho, escrevemos o nome da pessoa, ou das pessoas, a quem vamos levar essa boa notícia.

Da minha parte, estou a pensar levá-la a... (*o catequista indique uma ou duas pessoas, idealmente alguém que lhe seja próximo – filhos, netos, marido ou esposa, ... - e também alguém da comunidade de fé que as crianças possam reconhecer*).

Se puder vir a registar fotograficamente esse encontro (até com um telemóvel), poderá mostrá-lo às crianças, na próxima catequese.

*Se o catequista achar útil, pode afixar um **dístico** com as **palavras de 1Cor 15, 3b-5**, dispondo-as na mesma ordem em que vêm na página anterior (ou se encontram no catecismo).*

*Durante o trabalho das crianças, pode pôr como música de fundo a **gravação dos cânticos**:*

“Ressuscitou Aleluia”

e (se necessário)

“Nós somos as pedras vivas”.

2. *Após o trabalho, as crianças fazem a sua apresentação, integrada na oração. O catequista comece por dividir as crianças em **3 ou 4 pequenos grupos** (conforme o número total). A oração pode decorrer assim:*

– **Cântico: “Ressuscitou Aleluia”** (1ª estrofe);

– *As crianças do **1º grupo** (ou 1ª criança, se forem muito poucas) dizem, uma por uma, a(s) pessoa(s) a quem se propõem anunciar o Evangelho.*

– *Todos lêem, das suas folhas, o texto de **1 Cor 15, 3b-5**: “Cristo morreu”...*

– *As crianças do **2º grupo** dizem as pessoas a quem vão anunciar o Evangelho.*

– *Todos lêem, das suas folhas, o texto de **1 Cor 15, 3b-5**: “Cristo morreu”...*

– ...

– **Cântico: “Ressuscitou Aleluia”** (2ª e 3ª estrofes).

3. Compromisso

– Uma parte do compromisso já sabem qual é: fazer o que acabámos de prometer. Vejam lá se descubrem qual a melhor maneira de anunciar esse Evangelho maravilhoso. Se for em família, pode por exemplo, ser à mesa, antes de começarem a comer.

Façam a partir da folha que acabaram de desenhar: assim, além do Evangelho que S. Paulo anuncia, podem contar a história do sepulcro vazio. E até como representaram essa história aqui na catequese.

– Mas há uma outra coisa que, depois, devem fazer: na mesma folha, se necessário na outra página, escrevem como decorreu esse anúncio; sobretudo como as pessoas reagiram. É para nunca mais esquecerem.

E até podem pedir um autógrafo às pessoas a quem anunciaram o evangelho: será uma bonita recordação de um momento tão importante nas vossas vidas!

– Finalmente, peço que façam outra coisa: olhem para a pedra que desenharam, pensem naquela que temos aqui na catequese e, depois, pensem naquilo para que servem as pedras. Servem para muitas coisas: escrevam na folha todas aquelas coisas de que se lembrarem.

Se vos parece que essa folha não chega para tudo, digam-me. Dou-vos outra, ao saírem.

Bom trabalho e

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Crianças:

Graças a Deus.

4. Para guardar na memória e no coração

“Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras;
foi sepultado

e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras

e apareceu a Cefas e depois aos Doze.”

(1Cor 15, 3b-5)

Catequese 24

“PEDRAS VIVAS DE UM TEMPLO ESPIRITUAL”

(1 Ped 2, 5)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Cristo: sem a Igreja?

Há quem o diga abertamente: “Cristo, sim; mas Igreja, não.” Muitos outros, mesmo cristãos, não o dizendo, comportam-se como se o dissessem: na prática, vivem à margem da Igreja a que pertencem. As razões são muitas: experiência negativas da parte da Igreja, nomeadamente de dirigentes seus; falta de uma formação cristã que convença e conquiste para a consciência e o sentido de Igreja...

Com tudo isto prende-se aquilo a que D. António Marto (na carta pastoral “Ir ao coração da Igreja”, Diocese de Leiria-Fátima 2009, n.1.3) chama “imagens desfocadas ou mesmo deturpadas da igreja.”

Apresenta cinco, das quais as três primeiras têm mais a ver com a paróquia, e as restantes com a Igreja universal:

– “Na mente de muitas pessoas, o modelo mais comum é o da *paróquia – estação ou agência de serviços*, uma espécie de supermercado religioso. Tal como se vai comprar o que faz falta, assim se vai à Igreja “encomendar” o baptismo, o crisma, o casamento, o funeral, etc.. O padre é visto como funcionário do culto e os cristãos como clientes ou consumidores do religioso.”

– “Há também, e até concomitantemente, o *modelo de paróquia – arquipélago*, constituída por uma série de lugares, associações, grupos, movimentos, confrarias, em que cada uma das realidades constitui uma ilha fechada sobre si mesma. Todos caminham por linhas paralelas, sem um espírito de comunhão e sem um projecto pastoral comum que os una, anime e galvanize o caminhar juntos na mesma direcção. Quantas rivalidades, quantos conflitos e ciúmes podem surgir dentro das comunidades e entre elas por causa desta atitude.”

– “Encontramos ainda a concepção da *paróquia – ilha ou feudo isolado*, em que o pároco é, por vezes, o único soberano e onde se ignora, completamente, a relação da comunhão pastoral com as paróquias da vigararia, com a Igreja diocesana e com a Igreja universal.”

– No âmbito universal, “a imagem da Igreja, muitas vezes transmitida pelos meios de comunicação, é a de *uma grande e poderosa organização internacional* da religião cristã: à semelhança de outras grandes organizações, é representada por especialistas (os altos cargos oficiais) e é competente para satisfazer as necessidades religiosas. Assemelhar-se-ia a uma multinacional cuja central seria Roma e cujas filiais ou sucursais seriam as dioceses e as paróquias.”

– “Por vezes, também se veicula a ideia da *Igreja como uma Organização Não Governamental (ONG)* de beneficência ou solidariedade social, uma espécie de «cruz vermelha» para os males sociais; ou ainda *como uma agência de moralidade*, qual polícia que vela pelos bons costumes.”

Conclusão desta análise: “Quem vê a Igreja assim, com o olhar desfocado, não lhe descobre a beleza, não lhe encontra gosto, não sente afecto por ela nem alegria em pertencer-lhe.”

E é de perguntar se, subjacente a isto, não estará também um olhar igualmente desfocado e incompleto de Cristo e da sua relação intrínseca com a Igreja.

2. De Cristo para a Igreja

Para mostrar como a Igreja foi “instituída por Cristo”, de tal modo que Cristo é impensável sem a Igreja, o Catecismo da Igreja Católica parte da missão de Cristo: a de como “Filho realizar, na plenitude dos tempos, o plano de salvação do seu Pai” – no anúncio do seu Reino. “Para cumprir a vontade do Pai, Cristo inaugurou na terra o Reino dos Céus. A Igreja «é o Reino de Cristo já presente em mistério» (LG 3)” (CIC 763).

Para esta dimensão eclesial do Reino de Deus contribuíram, particularmente, três componentes ou momentos da actividade messiânica de Jesus:

– *A congregação dos seus discípulos*, isto é, dos que aderiram, pela fé, ao seu Evangelho do Reino de Deus: “Acolher a palavra de Jesus é «acolher o próprio Reino» (LG 5). O germe e o começo do Reino é o «pequeno rebanho» (Lc 12, 32) daqueles que Jesus veio congregar ao seu redor e dos quais Ele próprio é o Pastor (cf. Mt 10, 16; 26, 31; Jo 10, 1-21). Eles constituem a verdadeira família de Jesus (cf. Mt 12, 49). Àqueles que assim juntou em redor de si, ensinou uma nova «maneira de agir», mas também uma oração própria (cf. Mt 5-6)” (Ibidem 764).

– *A estruturação da comunidade dos discípulos em vista do futuro*: “O Senhor Jesus dotou a sua comunidade duma estrutura que permanecerá até ao pleno acabamento do Reino. Temos, antes de mais, a escolha dos Doze, com Pedro como chefe (cf. Mc 3, 14-15). Representando as doze tribos de Israel (cf. Mt 19, 28; Lc 22, 30), são pedras do alicerce da nova Jerusalém (cf. Ap 21, 12-14). Os Doze e os outros discípulos participaram na missão de Cristo, do seu poder, mas também da sua sorte (cf. Mt 10, 25; Jo 15, 20). Com todos estes actos, Cristo prepara e constrói a Igreja” (Ibidem 765).

- *O dom da vida na cruz*: “Mas a Igreja nasceu principalmente do dom total de Cristo pela nossa salvação, antecipado na instituição da Eucaristia e realizado na cruz. «Tal começo e crescimento da Igreja exprimem-nos o sangue e a água que manaram do lado aberto de Jesus crucificado» (LG 3). Porque «foi do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu o sacramento admirável de toda a Igreja (SC 5). Assim como Eva foi formada do costado de Adão adormecido, assim a Igreja nasceu do coração trespassado de Cristo, morto na cruz” (Ibidem 766).

E que, depois do acontecimento pascal da morte e ressurreição de Cristo, a conversão e adesão da fé a Ele implica necessariamente a integração na Igreja, por Ele fundada e na qual permanece como Senhor, é dito em várias páginas do Novo Testamento. Eis algumas:

– Já em **Mt 16, 13-19**, a meio da actividade messiânica de Jesus, à confissão de Pedro: *Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo*, responde Jesus: *Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja...* A confissão de fé é uma graça do *Pai que está nos céus*, que conduz à outra graça: a de ser fundamento da Igreja do Filho de Deus, que é inabalável na medida em que nesse fundamento está Cristo, vitorioso sobre a morte – através de Pedro que é constituído Pedra pelo dom da fé. Que, na sua confissão, Pedro é também modelo de fé, pode ver-se:

– Em **1 Cor 12**, onde Paulo fala da Igreja, na qual se entra pela fé e o baptismo: a confissão de fé: *Jesus é Senhor*, sob a acção do Espírito Santo (v. 3), é completada pelo baptismo *para formar um só corpo* (v. 13) no *Corpo de Cristo*, que é a Igreja (v. 27) e na qual cada membro é, igualmente, imprescindível, com o seu carisma próprio – como dom do Espírito *para proveito comum* (v. 7), um dom que tem de realizar-se na caridade

(cap. 13), a mesma com que Cristo dá o seu Corpo na cruz e no memorial da Eucaristia (10, 17; 11, 23-26). O que pressupõe uma relação com Cristo, em sentido inverso:

3. Da Igreja para Cristo

Que, conseqüentemente, também a Igreja é impensável sem Cristo, não só na sua origem, mas também nas suas actividades e missão, pode ver-se em **1 Ped 2, 4-10** com a imagem do edifício – o templo em que o Povo de Deus é por Ele constituído em *assembleia* (o significado original de “igreja”):

– Entramos nela pela aproximação (de fé) a Cristo Senhor – *pedra viva, rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus* (v. 4). Trata-se de uma apresentação da morte e ressurreição de Cristo com base no Sl 117/118, 22-23, muito citado no Novo Testamento e que, na origem, se aplicava ao povo de Israel, à sua passagem da morte à vida, com a libertação do Egipto e da Babilónia.

– Em comunhão com Cristo, tornamo-nos, também nós, *pedras vivas* e, como tal, entramos *na construção de um edifício espiritual* (v. 5), isto é, animado pelo mesmo Espírito de que vive Cristo. A vitalidade manifesta-se, antes de mais, na Comunhão Fraterna, vivida num intenso amor mútuo, o mesmo que é proclamado pela Palavra que anuncia o vitorioso amor de Jesus Cristo (1, 22-25).

– Nessa condição, formamos também *um sacerdócio santo, cujo fim é oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo* (v. 5). Como santos, isto é, propriedade de Deus (v. 9), distinguimo-nos dos incrédulos que tropeçam em Cristo (vv. 6-8), mas não os excluimos. Pelo contrário: somos sacerdotes, na medida em que tudo fizermos para os conquistar para o Deus de Jesus Cristo. Se por todos Ele deu a vida, não há sacrifício que mais lhe possa agradar do que proclamarmos *as maravilhas daquele que nos chamou das trevas para a sua luz admirável* (v. 9).

– Trata-se, portanto, de um testemunho da própria experiência salvífica e que se realiza, sobretudo, por um modo de ser e estar no mundo que seja uma expressão viva da mensagem que anunciamos. E se por isso, isto é, por causa do bem que fazemos, recebermos em resposta incompreensões e até perseguições? – Então, diz-nos S. Pedro: *Não temais as suas ameaças, nem vos deixeis perturbar; mas, no íntimo do vosso coração, confessai a Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça* (3, 14-15).

Não nos esqueçamos de que foi em tempos como esses – quando S. Pedro escreveu esta sua carta, e posteriormente – que a Igreja melhor realizou a sua missão e mais gente conquistou para Cristo. É nessas alturas “de crise”, como dizemos hoje, que mais sentimos a energia e a firmeza, a luz e o discernimento que brotam e irradiam do seu amor onnipotente e inesgotável, como pedra angular e cabeça do edifício e corpo que é a sua Igreja: nós e aqueles a quem O anunciamos. Veja-se o que acontece com tantos catequistas e catequizandos que aprendem a voltar-se para Cristo, no meio das maiores tribulações!

OBJECTIVOS

- Descobrir como cada cristão é uma pedra viva na Igreja, o templo do Senhor;
- Aperceber-se de que Cristo morto e ressuscitado é a pedra angular da mesma Igreja;
- Confessar a fé em Cristo para se poder fazer parte da sua Igreja.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A pedra que, na catequese anterior, passou da pedra que tapava o sepulcro de Jesus para base de apoio para a Palavra de Deus, na Escritura, essa mesma pedra é usada,

nesta catequese, como expressão simbólica de Cristo, tal e qual é apresentado na primeira carta de S. Pedro: a pedra viva e angular do templo do Senhor, a Igreja, na qual entra cada cristão como pedra viva. O facto de ser a mesma pedra facilita a ligação entre a ressurreição de Cristo e a sua condição de fundamento da Igreja.

2. O mesmo símbolo é aplicado a S. Pedro que, para isso, aparece na função indicada pelo título – Pedro – que lhe é atribuído por Cristo: como pedra fundacional da Igreja, é ele, através da sua 1ª Carta, quem ensina às crianças quem é Cristo na Igreja e o que são as crianças na sua união eclesial com Cristo; do exercício dessa função passa-se, depois, para a sua origem e fundamento: a sua confissão de fé em Cristo, relatada em Mt 16, 13-19.

3. E é ele – Pedro – que, na prática, indica às crianças o caminho para elas próprias se tornarem e sentirem pedras vivas da Igreja: pela mesma adesão de fé a Cristo ressuscitado, expressa várias vezes no decurso do encontro, com realce para o momento final em que elas próprias, através das pedras em que escrevem os seus nomes, se dispõem em torno da pedra viva que é Cristo.

4. Procure-se que estas pedras (para as crianças e catequistas) sejam de um tamanho e com uma configuração que permitam, facilmente, escrever nelas um nome. Se não forem lisas, preparem-se pedaços de papel de autocolante, para, depois de escritos, serem colados nas pedras. Para escrever, procure-se uma tinta que não desapareça. As mesmas pedras vão ser usadas nas catequese seguintes e, no final, ficarão como recordação para cada criança.

MATERIAIS

- O crucifixo, (catequese anterior);
- Dísticos com os títulos das 14 estações da via-sacra, usados nas catequese anteriores;
- Dísticos: “RESSUSCITOU” e “ALELUIA” (catequese anterior);
- Dísticos: “CRISTO É A PEDRA ANGULAR” e “NÓS SOMOS PEDRAS VIVAS” e ainda um outro com a estrofe: “Sua Igreja edificou/sobre Pedro que exclamou: /És o Filho de Deus vivo” (do **cântico “Tu tens palavras da vida eterna”**);
- Pedra que serve de suporte à Bíblia de mesa (catequese anterior);
- Bíblia de mesa;
- Vela do tipo círio pascal (catequese anterior);
- Pedras pequenas (cf. Observações Pedagógicas 4), uma para cada criança e catequista;
- Canetas para acetatos, para se escrever correctamente nas pedras (cf. Observações pedagógicas 4);
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças desde a catequese anterior;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, para serem preenchidas pelas crianças até à próxima catequese;
- Bíblias das crianças.

MÚSICAS

- “Ressuscitou Aleluia”;
- “Tu tens palavras de vida eterna”;
- “Nós somos as pedras vivas”;
- Gravação do cântico anterior.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**, os mesmos dísticos da catequese anterior, mas numa ordem um pouco diferente: ao alto, o dístico “ALELUIA”; ao centro, os dísticos com os títulos das 14 estações da via-sacra, ordenados em cruz; sobre eles, o crucifixo; ao fundo, o dístico “RESSUSCITOU”.
- Sobre a **mesa**: ao centro, a Bíblia, colocada sobre a mesma pedra usada na catequese anterior; por trás da Bíblia, a vela de tipo círio pascal, acesa (catequese anterior).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista pode começar por cantar, com as crianças, o cântico:*
“Ressuscitou Aleluia” (1ª estrofe).

Também cantaram este **cântico** lá em vossa casa?...

Mas, não se esqueceram de levar a Boa Nova que se canta neste **cântico**.

Até escreveram a quem a queriam levar, naquela folha com “A Palavra de Deus na minha vida” que preencheram na catequese anterior. Ora peguem todos nessa folha...

Depois de todas as crianças a terem na mão:

Estão a ver? Se não apagaram nada, está aí a pessoa ou pessoas a quem prometeram levar a Boa Nova de Jesus ressuscitado.

Quem cumpriu este compromisso, conte como foi. Se escreveram, podem ler da folha...

O catequista vá questionando as crianças, procurando que cada uma delas se refira a um ou dois dos seguintes pontos (ou a todos, se for um grupo pequeno):

- *As pessoas a quem falaram de Cristo morto e ressuscitado;*
- *Em que circunstâncias, de tempo e lugar, o fizeram;*
- *Se explicaram o que representa a pedra que desenharam;*
- *Se comunicaram quem escreveu as palavras escritas na pedra;*
- *Como reagiram as pessoas a quem falaram de tudo isso.*

No final, tenha uma palavra de apreço para com as crianças: fizeram o mesmo que o Anjo, no sepulcro vazio, e os Apóstolos, aos quais apareceu Jesus ressuscitado.

E se essas pessoas estivessem agora aqui, connosco, de certeza que, também elas, cantariam com muita alegria o **cântico** que cantámos há pouco. Vamos cantá-lo outra vez, a pensar nessas pessoas e, como sinal de mais alegria, batendo as palmas:

“Ressuscitou Aleluia” (2ª e 3ª estrofes).

2. Vamos agora às pedras. Lembram-se do que eu vos pedi sobre isso?...

Exactamente: saber para que podem servir as pedras. Quem pensou nisso e escreveu?...

Muito bem. Mas, vamos pensar todos ainda melhor.

Para vos ajudar, vou distribuir, por cada um de vós, uma pedra. É mais pequena do que aquela que está aqui em cima da mesa. Com uma, assim tão grande, para cada um de nós, até era incómodo. Nem nos deixava pensar. Não, as que vou dar-vos são mais pequeninas: cabem numa mão, para, com a outra, poderem escrever ou completar a resposta à pergunta: para que é que as pedras podem servir.

Depois da distribuição das pedras, o catequista deixe às crianças algum tempo para reflectir e escrever. Pode juntá-las em grupos de 2 ou 3, para confrontarem e completarem os pontos de vista.

Nas respostas, em plenário, procure agrupar os usos das pedras em dois:

– Podem servir **para o mal**: ferir ou até matar (S. Estevão foi morto à pedrada); impedir a caminhada das pessoas e dos veículos... Pedras que estragam ou destroem a vida das pessoas.

– Podem servir **para o bem**: para a escultura, a escrita e a pintura (na antiguidade), para a construção de muros/paredes protectoras, caminhos e, sobretudo, habitações (mesmo no betão armado, usa-se a pedra). Muitas vezes, também se usam pedras raras, muito belas, para enfeitar objectos preciosos, como, por exemplo, um anel muito bonito e precioso.

Como estão a ver, com as pedras pode fazer-se muito bem. Às vezes, as mesmas que estragam a vida podem transformar-se em meios e instrumentos que contribuem para a nossa vida. Reparem, por exemplo, na pedra que está em cima da mesa...

O que começou ela por representar?...

Certíssimo: a pedra que tapava o sepulcro de Jesus e não deixava as mulheres entrar sem antes, o anjo que lhes anunciou a ressurreição de Jesus, a ter removido.

Mas nós, em vez de a deitarmos fora, que fizemos dela?...

Um belo e seguro suporte para a Bíblia e a Palavra de Deus que vem na Bíblia.

E as pedras que vos dei? Para que é que elas poderão servir? Não é, de certeza, para atirarem uns aos outros ou a outras pessoas. Se for para isso, então é melhor darem-mas.

Mas não. Na catequese e lá fora – no pátio, na escola, na rua, na nossa casa – não podemos fazer mal a ninguém.

Pelo contrário: podemos fazer muito bem com elas.

E esta vai ser uma das grandes descobertas desta catequese: como poderão usar – para fazer o bem – as pedras que hoje receberam.

Para isso, muita atenção: vamos ter a ajuda de uma pessoa muito importante que vós já conheceis bastante bem. Mas não sabeis tudo dela, tudo o que ela fez e disse.

Estão todos com curiosidade para saber de quem se trata. Antes disso, peço-vos para guardarem a pedra, no bolso ou noutra sítio que vos não incomode ou distraia.

Após todas as crianças guardarem as pedras:

II. PALAVRA

1. Assim é que é bom. Se não, até se podia pensar que estávamos a receber a pessoa, que nos vai falar, com pedras na mão. E ela até se podia assustar.

Que pessoa é essa?...

Abram as vossas Bíblias na primeira carta de S. Pedro, no capítulo 2, versículos 4 e 5. Quem primeiro encontrar, diga a página aos outros...

Depois de todas as crianças abrirem a Bíblia em 1 Ped 2, 4-5:

Aí está: S. Pedro é quem nos vem falar.

E sabem de quê? Imaginem: de pedras.

E a primeira coisa que cada um vai tentar descobrir é isto: quantas vezes aparece aí, nos versículos 4 e 5, a palavra pedra ou pedras.

Após a leitura pessoal:

Então, quantas vezes fala aí S. Pedro de pedra ou pedras?...

Duas vezes. E são pedras para o bem ou para usar mal?...

Começemos pelo **versículo 4**. (Nome) lê todo esse versículo (**1 Ped 2, 4**)...

Após a leitura:

Então, essa pedra de que S. Pedro fala aí: é uma pedra especial, não é?
Claro que é uma pedra muito importante e boa. Melhor não há. Pelo menos para Deus. Reparem bem no que diz S. Pedro: é uma pedra escolhida e preciosa aos olhos de Deus. E se Deus a escolheu e é para Ele uma pedra preciosa, então tem de ser a melhor também para nós.

Mas que pedra será essa? Reparem que é uma pedra viva. Quer dizer que fala, anda, etc. Que pedra será essa? Leiam o versículo anterior, o versículo 3 (*1 Ped 2, 3*)...

Depois da leitura:

Que “Senhor” é esse de quem se fala aí? A quem é que nós tantas vezes chamamos Senhor?...

Muito bem: é a Jesus. Também chamamos Senhor a Deus, seu Pai. Mas aí é Jesus, e Jesus ressuscitado. S. Pedro diz isso. Vejam lá se descubrem como...

Para a seguinte explicação, recomenda-se o uso das imagens propostas no catecismo para esta catequese:

Muito bem: diz que essa pedra, primeiro, foi rejeitada pelos homens. Quando é que Jesus foi mais rejeitado e posto de parte pelos homens do seu tempo?...

E que fez Deus, depois de matarem Jesus?...

Isso mesmo: quando Deus ressuscitou Jesus é que Ele se tornou ainda mais vivo: uma pedra viva e muita querida e preciosa aos olhos de Deus.

E foi só aos olhos de Deus? Ou também para outras pessoas?

Olhem: mais à frente S. Pedro chama a Cristo...

O catequista mostre às crianças o dístico “CRISTO É A PEDRA ANGULAR”, deixe contemplar e peça às crianças:

Leiam todos comigo: “**Cristo é a Pedra Angular**”

Eu explico o que é uma pedra angular: era uma pedra especial que se colocava no sítio onde se construía uma casa. Era a primeira pedra e era por ela que se alinhavam todas as outras pedras.

Sem aquela pedra não se conseguia construir o resto do edifício. E se tirassem essa pedra, o edifício caía logo. Portanto, era uma pedra fundamental.

E quem é mais fundamental para Deus e para nós?

É Jesus: Ele que deu a vida por nós e Deus ressuscitou dos mortos. Sem Ele não conheceríamos tão bem a Deus. Jesus é quem melhor nos mostra Deus. É quem mais nos ajuda a encontrar-nos com Deus: a ouvir a sua palavra, a rezar-lhe.

Como nós, naquilo que pensamos, fazemos e dizemos, nos deixamos orientar sempre por Cristo, Cristo ressuscitado, por isso é que S. Pedro lhe chama (*apontando para o dístico*): “Pedra Angular”.

Agora digam-me: se Cristo se tornou nossa pedra angular, pela sua morte e ressurreição, em que lugar do placar deveríamos colocar estas palavras de S. Pedro?...

Eu acho que deve ser aqui bem perto da pedra onde está colocada a Bíblia. Acham bem?

Podemos fazer assim:

– Colocamos a palavra “Ressuscitou” junto da pedra em que está a Bíblia. Por ter ressuscitado é que Jesus se tornou uma pedra viva e angular, como esta sobre a qual está a Bíblia...

– E, no lugar de “Ressuscitou”, colocam-se as palavras “Cristo é a Pedra Angular”.

2. Depois de o catequista, ou uma criança, colocar estes dísticos nos lugares referidos:

Faltam as outras pedras do edifício: aquele edifício de que Cristo é a pedra angular. Vejamos, então, quais são as outras pedras.

(Nome), lê o versículo 5 (*1 Ped 2,5*)...

Após a leitura, o catequista afixe, a cobrir o dístico “ALELUIA”, o dístico “**NÓS SOMOS PEDRAS VIVAS**” e comente:

Cá está, aquilo que, segundo S. Pedro, nós somos: Cristo é a pedra angular de um templo em que nós... digam todos comigo: “**Nós somos pedras vivas**”.

E um dos sinais de que somos pedras mesmo vivas, acabaram de o mostrar. Só pedras vivas é que falam. E foi o que vós tão bem acabastes de mostrar. Digam outra vez: “**Nós somos pedras vivas**”... Num templo espiritual.

Sabem o que é um templo?...

Exactamente: é um nome que se dá à casa onde nos encontramos com Deus, a que chamamos também igreja. É sobretudo lá que escutamos e rezamos a Deus.

Pois bem, o melhor templo, para encontrarmos o Senhor, somos todos nós, com os outros cristãos. Até já vimos isso, só que com outras palavras. Quando o sr. Padre nos diz na Missa: “O Senhor esteja convosco”, como respondemos?...

Se Ele, o Senhor, está no meio de nós, então é o mesmo que dizer que... formamos um templo.

Como chama S. Pedro a este templo em que entramos como pedras vivas?...

“Espiritual”. Quer dizer que é animado pelo Espírito Santo, que recebemos tantas vezes, a começar pelo nosso Baptismo.

Cada um de nós é como uma pedra viva neste templo, nesta Igreja.

E para fazer o quê? Isto é, em que é que nós mostramos que somos pedras vivas?.

Vejam outra vez o que diz S. Pedro nesse mesmo versículo 5...

Somos, diz ele, um “sacerdócio santo”. Isto é, todos nós podemos e devemos fazer algumas das coisas que fazem os sacerdotes, os padres.

Eles oferecem a Deus “sacrifícios espirituais”. O melhor é na Eucaristia. É aí que os sacerdotes contribuem para que Jesus se torne presente no meio de nós, com o seu Corpo e o seu Sangue.

E para quê? Para que também nós nos ofereçamos a Deus pelas outras pessoas: amando-as, fazendo-lhes bem. Quando fazemos isso, somos um sacerdócio santo. E a oferta da nossa vida aos outros é isso que mais agrada a Deus.

3. E assim é que cada um de nós é uma pedra viva. E todos juntos, unidos a Cristo, formamos o templo, a casa do Senhor.

Vamos mostrar isso, agora de um outro modo: lendo as palavras de S. Pedro, mas todos ao mesmo tempo.

Sabem o que isso pode significar? Lendo todos ao mesmo tempo, unimos as nossas vozes... e estamos, assim, ainda mais unidos, como pedras vivas do templo do Senhor.

Não se esqueçam: o templo que formamos está construído sobre o amor de (*apontando os respectivos dísticos*) Cristo “pedra angular”, o amor que nos une como “pedras vivas”.

Então, vamos a isso. Todos com os olhos postos nas palavras de S. Pedro... e, depois de eu dizer, em que carta ele nos fala, lemos todos as suas palavras, a uma só voz:

Catequista:

Leitura da Primeira Epístola de São Pedro (1 Ped 2, 4-10):

Crianças:

**Aproximai-vos d'Ele,
que é a pedra viva, rejeitada pelos homens,
mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus.
E vós mesmos, como pedras vivas,
entrai na construção deste templo espiritual,
para constituirdes um sacerdócio santo,
destinado a oferecer sacrifícios espirituais,
agradáveis a Deus por Jesus Cristo.**

Catequista:

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

4. Muito bem. Que belas pedras vivas nós somos. Nós que acreditamos em Cristo, pedra viva e angular.

Portanto, temos aqui, nestas palavras de S. Pedro, duas espécies de pedras vivas: Jesus Cristo e nós.

Ou serão mais? Além de nós e de Cristo não haverá ainda uma 3ª pedra viva? Que vos parece?...

Depois de ouvir as crianças:

Abram as vossas Bíblias no Evangelho segundo S. Mateus, capítulo 16, versículos 13 a 19 (**Mt 16, 13-19**)...

E agora vejam se não há aí uma outra pedra...

Depois de uns breves momentos, para a leitura pessoal:

De que pedra fala aí Jesus?

É S. Pedro.

Repararam que ele, primeiro não tinha esse nome – Pedro. Chamava-se Simão.

E Jesus passa a chamar-lhe assim, porque o nome “Pedro” é quase igual à palavra “pedra”.

E por que razão passa a chamar-se Pedro? Isto é, ele é pedra de quê?...

Da Igreja. E a pedra sobre a qual está edificada a Igreja.

Então não é Jesus essa pedra? – É sim.

Eu explico: Jesus sabia que, um dia, iria ser morto. E, depois de ressuscitar, era preciso alguém que fosse o chefe da sua Igreja. E escolheu Pedro para isso. S. Pedro foi o primeiro chefe da Igreja: os cristãos passaram a ser orientados, guiados por ele.

Por isso Jesus lhe chamou “Pedro” que vem de “pedra”.

Mas, vejam bem como é que isso aconteceu: quando é que Jesus lhe mudou de nome?...

Exacto: depois de S. Pedro dizer a Jesus: “Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo”. Só depois disso é que Jesus lhe mudou o nome em Pedro e fez dele o chefe ou a pedra da Igreja. Sem Jesus, o Cristo e Filho de Deus vivo, Pedro nunca poderia ser quem foi.

De resto o próprio S. Pedro disse-o há pouco na sua primeira carta: Jesus é que é a pedra angular, o fundamento da Igreja. Pedro tornou-se uma pedra viva depois de acreditar mesmo em Jesus. Depois de lhe dizer: só tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo.

Sabem o que é que isto significa para nós?...

Que também nós, para sermos e nos mantermos pedras vivas, temos de acreditar em Jesus. Temos de dizer-lhe do fundo do coração: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo.”

Vamos fazer isso já. Mas, só depois de S. Pedro. Isto é, vamos primeiro ler este texto de S. Mateus, mas só do versículo 13 ao 16 (*Mt 16, 13- 16*).

E logo que S. Pedro tenha manifestado a sua fé em Jesus, iremos unir-nos a ele e cantar: “Tu tens palavras de vida eterna”.

Preparemo-nos para isso, escolhendo os leitores:

– Quem faz de narrador?...

– E de Jesus, nos versículos 13 e 15?...

– E dos discípulos, que falam no versículo 14?...

– De Pedro, no versículo 16, vamos fazer todos, mesmo os que lêem outras palavras. O que S. Pedro diz de Jesus, todos nós queremos também dizer.

Por isso, vamos todos ler dos nossos lugares, mas de pé.

E, depois da leitura, cantaremos “Tu tens palavras de vida eterna”, com estas palavras:

*Para facilitar o cântico, o catequista pode afixar um **dístico** com a letra da estrofe:*

**“Sua Igreja edificou
Sobre Pedro que exclamou:
És o Filho de Deus vivo!”**

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Criança (narrador):

**Naquele tempo,
Jesus foi para os lados de Cesareia de Filipe
e perguntou aos seus discípulos:**

Criança (Jesus):

Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?

Criança (narrador):

Eles responderam:

Criança (discípulos):

**Uns dizem que é João Baptista,
outros que é Elias,
outros que é Jeremias ou algum dos profetas.**

Criança (narrador):

Jesus perguntou:

Criança (Jesus):

E vós, quem dizeis que Eu sou?

Criança (narrador)

Simão Pedro tomou a palavra e disse:

Todos (Pedro):

Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo.

Cântico:

“Tu tens palavras de vida eterna” (*estrofe 15*).

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Após todas as crianças se sentarem:

Que bela Igreja nós formamos: cada um de nós, como pedra viva, juntamente com Pedro, a primeira pedra viva. E todos unidos a Cristo, a maior pedra viva e, por isso, a Pedra Angular.

Já sabem agora para que podem servir as pedras que, há pouco, distribuí por cada um de vós? Que vos parece?...

Após ouvir as crianças:

Eu proponho que cada um de nós, primeiro, escreva o seu **nome na pedra** que lhe calhou. Não é assinar. Escrevam de modo que as letras se possam ler bem. Basta o primeiro nome.

Se houver crianças com o mesmo nome, escrevam um sobrenome.

Para que as letras não desapareçam, o catequista distribua pelas crianças canetas ou esferográficas para acetatos ou com tinta que não desapareça.

Se for difícil escrever nas pedras (e só nesse caso), podem usar-se pedaços de papel autocolante que, depois de escritos, são colados às pedras.

O(s) catequista(s) escreva(m) também a sua pedra.

*Durante este trabalho, pode pôr-se, como música de fundo, a **gravação do cântico: “Nós somos as pedras vivas”**.*

Terminado o trabalho, o catequista pergunte:

Que podemos fazer agora com as pedras que têm os nossos nomes?...

Reparem que são pedras que representam o que é cada um de nós: uma pedra viva no templo do Senhor.

Por isso, eu proponho que, primeiro, aprendam um **cântico** em que dizemos isso mesmo:

“Nós somos as pedras vivas”.

Após o ensaio:

Se cada um de nós é uma pedra viva no mesmo templo, temos de juntar as pedras com os nossos nomes. Mas não pode ser de um modo qualquer e num sítio qualquer. Onde é que poderá ser?...

Isso mesmo: junto da pedra angular, a pedra que representa Cristo ressuscitado. Ele é o fundamento. É sobre Ele que está construída a Igreja, o templo do Senhor.

Então vamos fazer assim:

– Cada um de nós vem colocar a sua pedra em cima da mesa onde já está a pedra que representa Cristo ressuscitado e ainda outra pedra. Qual é?...

Exacto: S. Pedro. Se virem bem, a Bíblia está aberta na carta que ele nos escreveu e onde ele nos ensina que Cristo é a pedra angular e nós somos pedras vivas que fazem parte do edifício que é a sua Igreja. Portanto, podemos dizer que, em cima da mesa, já estão duas pedras: a de Cristo e a de Pedro. E a que está mais em baixo e serve de fundamento é a de Cristo.

Pois bem: nós vamos colocar as nossas pedras em volta destas duas pedras, de um lado e do outro. Mas alinhadas de modo a formarem a metade de um círculo.

– Cada um de vós, à vez, ao chegar aqui pode beijar ou tocar com a mão a Bíblia e, só depois, coloca a sua pedra na mesa a seguir aquela que já lá estiver.

– E enquanto fazemos tudo isto, cantamos o *cântico*:

“Nós somos as pedras vivas”.

Catequista (depois de todas as crianças e catequistas fazerem a sua entrega):

Agora, proponho que façamos uma roda até junto da mesa...

Nesta roda, cada um de nós é uma pedra viva, ligada às pedras que estão sobre a mesa.

E como nós temos de estar bem ligados uns aos outros para podermos constituir o edifício que é a Igreja, para isso, damo-nos as mãos e cantamos o mesmo *cântico*, mas agora balanceando o nosso corpo:

“Nós somos as pedras vivas”.

2. Compromisso

Para esta semana peço que façam o seguinte:

– Vão desenhar uma igreja na folha com “A Palavra de Deus na minha vida”. Pode ser uma parecida com aquela em que nos reunimos ao Domingo para a Eucaristia,

– Depois, ao alto ou ao fundo da folha, escrevam estas palavras “As pedras vivas do templo do Senhor”.

– E, na igreja que desenharem, escrevam nomes de pessoas que são pedras vivas na Igreja. Têm de ser cristãos. E não é preciso que sejam só da nossa terra e do nosso país. Nem serem só pessoas de hoje.

Portanto, pensem bem nas pessoas que são pedras no templo do Senhor, na sua Igreja. Se calhar há pessoas que não podem lá faltar.

E nem todas ocupam o mesmo lugar. Por isso também devem pensar em que parte da igreja vão colocar os nomes.

E, claro, tragam a folha para a próxima catequese. Quem não escrever e/ou não trazer, é sinal de que não quer ser uma pedra viva no templo do Senhor. Espero que isso não aconteça com nenhum de vós. Espero eu e espera Jesus.

Quanto às pedras que colocámos em cima da mesa, estejam descansados: eu guardo-as bem. Depois veremos o que ainda poderemos fazer com elas.

3. Para guardar na memória e no coração:

Nós somos pedras vivas do templo

em que Jesus Cristo é a pedra angular.

Ele é o Filho de Deus vivo.

Catequese 25

“AMARÁS O SENHOR TEU DEUS” (Lc 10, 27)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O homem: sem Deus?

Há quem diga que sim: que não só é possível, mas é mesmo necessário que o homem se liberte da ideia de Deus, para que possa ser mais humano. Um humanismo ateu que, desde há uns séculos (sobretudo a partir do Iluminismo, desde o séc. XVIII), se tornou programático, nomeadamente com o materialismo marxista e os regimes socio-políticos nele fundados e que têm sido impostos em diversos países. Um humanismo que, precisamente nessas sociedades, se manifestou extremamente desumano, pela falta de respeito pela pessoa humana (sacrificada aos interesses e poderes do Estado) e, em última análise, por essa pretendida exclusão de Deus e de todas as expressões e actividades religiosas.

Mas, apesar de todos esses erros e males e, talvez, sem a correcta percepção da sua origem profunda, continua a haver pessoas que se autoproclamam ateus (negando a existência de Deus) ou agnósticos (não se pondo sequer a questão da sua existência). E fazem-no de um modo e num tom em que dão a entender que todos os que o não são, para eles, não passam de uns atrasados.

A verdade – infelizmente – é que têm conseguido fazer passar a sua mensagem. Dominam de tal modo a opinião pública, que até se servem da religião e, entre nós, de modo especial da Igreja, denegrindo-a como retrógrada e desumana, para mais facilmente imporem hábitos e leis claramente opostos à moral cristã e ao verdadeiro bem do homem. E, pior ainda, arrastam consigo cristãos que – veja-se a perversão – acabam, em nome da sua crença e, conseqüentemente, do seu Deus, por alinhar pelas mesmas ideias e modos de viver.

Neste último caso, trata-se de um ateísmo prático: o de crentes (ou que julgam sê-lo) que reduzem a sua relação com Deus à esfera da sua vida privada e/ou a alguns momentos (mais difíceis) da sua existência. De resto, vivem como se Ele não existisse. E, claro, quem não vive como pensa (ou deve pensar), acaba, quase sempre, por pensar conforme vive.

Que ateísmo algum – teórico e/ou prático – pode ser humano, deduz-se daquilo que é convicção de todo o pensador sério: que o homem é, por natureza, religioso. Ele precisa de Alguém (ou alguma coisa) que lhe proporcione aquilo que ele mais deseja, mas não consegue só por si alcançar, devido às inúmeras limitações em que se vê metido e fazem igualmente parte da sua natureza: uma vida que vá para além de todos os seus limites; uma vida que seja sempre e em tudo verdadeira vida... a começar já pela vida presente. Saboreemos o modo apaixonante – e, para mais, em forma de oração – como S. Agostinho exprime, relativamente ao seu e nosso Deus, tais sentimentos tão humanos: "És grande, Senhor, e altamente louvável: grande é o teu poder e a tua sabedoria é sem medida. E o homem, pequena parcela da tua criação, pretende louvar-Te – precisamente ele que, revestido da sua condição mortal, traz em si o testemunho do seu pecado, o testemunho de que Tu resistes aos soberbos. Apesar de tudo, o homem, pequena parcela da tua criação, quer louvar-te. Tu próprio a isso o incitas, fazendo com

que ele encontre as suas delícias no teu louvor, porque nos fizestes para Ti e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em Ti" (citação do CIC 30).

2. O amor do Senhor Deus

É *Senhor* este Deus, pelo menos por duas razões complementares:

– Porque foi como tal que Ele, historicamente, se revelou a Moisés, no deserto do Sinai (Ex 3, 1-14): com o nome de *IaHWeH*, que na tradução bíblica dos Setenta foi substituído por *Kyrios – Senhor* – um título expressivo do maior respeito, aquele que se tem por com quem é, de facto, (único) rei e Senhor.

– Porque assim se impôs pelo que, historicamente, fez em favor do seu povo: libertou-o *da terra do Egipto, da casa da servidão* (Ex 20, 2); fez com ele uma aliança, para o tornar sua *propriedade particular entre todos os povos* (19, 5); conduziu-o e alimentou-o nos 40 anos de caminhada pelo deserto; deu-lhe juízes e reis, profetas e sacerdotes; prometeu-lhe um Messias para sempre, que enviou na pessoa do Seu próprio Filho, o *Emmanuel* – Deus conosco (Mt 1, 22-23), que, por sua vez, deu a vida, derramando o seu Sangue *por todos, para perdão dos pecados* (26, 28), vencendo assim a morte para sempre e alargando as dimensões do seu povo *a todos os povos* (28, 19). Como se não há-de adorar e amar, como único *Senhor*, a um Deus tão ilimitado e poderoso no Seu amor?!

Daí o intenso apelo de *Dt 6, 4*, conhecido pelas palavras iniciais do original hebraico *Chemá Israel – Escuta Israel! O Senhor é nosso Deus; o Senhor é único!* É possível que, inicialmente, fosse proferido na abertura das assembleias cultuais das 12 Tribos: o mesmo e único Deus – *IaHWeH* – com o qual elas, e só elas, se encontravam para O escutar e lhe exprimir a sua fé, era d’Ele que recebiam a união que fazia delas um só povo. Daí a formulação na segunda pessoa do singular: na união pessoal e comum com Deus, todos os participantes formavam um só tu a quem Deus falava.

E era d’Ele, também, que adquiriam uma identidade que os distinguiu de todos os outros povos. Afirmar, num acto de fé, que só *o Senhor é nosso Deus* e, conseqüentemente, que *o Senhor é único*, implicava a rejeição de outras divindades idolatradas por povos com os quais conviviam e que sempre foram uma tentação para o povo do Senhor. Não, de nenhuma delas haviam recebido a vida que tinham; pois – como ainda rezamos hoje – *os ídolos dos gentios (...) são obras das mãos do homem. Têm boca e não falam, têm olhos e não vêem. Têm ouvidos e não ouvem, têm nariz mas sem olfacto. Têm mãos e não palpam, têm pés e não andam* (Sl 113b/115, 4-7). Esperar a vida de quem a não tem, acaba por levar à destruição da vida que (ainda) se tenha, ainda hoje em que a idolatria tem outras formas, mas com os mesmos resultados.

Jesus confirmou plenamente esta confissão de fé, quer genericamente, pelo anúncio vivido do Reino de Deus, quer, mais especificamente, quando lhe perguntaram: *Qual é o primeiro de todos os mandamentos?* (Mc 12, 28) ou – olhando para o resultado desse mandamento – *que hei-de fazer para alcançar como herança a vida eterna?* (Lc 10, 25). A resposta começa com **Dt 6, 5**, acerca de:

3. O amor ao Senhor nosso Deus

A versão de *Dt 6, 5* – *Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças* – corresponde à do primeiro mandamento do Decálogo. Só que este é formulado por Deus e em forma de negação: *Não terás nenhum outro Deus além de mim* (Dt 5, 7; cf. Ex 20, 3). Nas duas versões do Decálogo (que quer dizer “Dez Palavras” e que se encontram em Dt 5, 6-21 e Ex 20, 2-17), este primeiro mandamento (e os restantes) é precedido da sua justificação: porque *Eu sou o*

Senhor, teu Deus, que te fiz sair da terra do Egito, da casa da servidão; por isso, não haverá para ti outros deuses na minha presença (Ex 20, 2-3; cf. Dt 5, 6-7).

Isto é, o amor do crente a Deus é a resposta ao amor que ele recebe de Deus. Mais: é o amor de Deus que capacita o homem para o amor. Veja-se em 1 Jo 4, 10: *É nisto que está o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o seu Filho como vítima da expiação pelos nossos pecados.* Com esta força expiatória e purificadora do seu amor, é Ele que nos leva a amá-l'O.

E a amá-l'O com uma intensidade que se aproxime, tanto quanto possível, do grau infinito do amor que Ele tem por nós: com todas as nossas faculdades físicas e mentais e com a totalidade de cada uma delas. Com a vida que nelas se exprime, entregamo-nos ao Senhor da vida, para dele recebermos mais vida.

Neste sentido, as Dez Palavras, para mais inseridas na Aliança, são, também elas, um dom de Deus: “Fazem parte da revelação que Deus fez de si mesmo e da sua glória. O dom dos mandamentos é uma dádiva do próprio Deus e da sua vontade” (CIC 2059). Com eles, Ele garante ao seu povo um futuro feliz, em que o próprio povo colabora activamente. Por isso completam a libertação iniciada no Egito: “Quer sejam formuladas como preceitos negativos ou interdições, quer como mandamentos positivos (...), as «dez palavras» indicam as condições duma vida liberta da escravidão do pecado” (Ibidem 2057) – uma vida em que Deus está permanentemente presente, com aquilo que melhor O revela: o amor em acção naqueles que d'Ele vivem.

Daí a dimensão missionária da moral cristã, fundamental na fé e no amor a Deus. Dito negativamente e em relação às causas do ateísmo: na sua origem, “os crentes podem ter tido parte não pequena, na medida em que pela negligência na educação da sua fé, ou por exposições falaciosas da sua doutrina, ou ainda pelas deficiências da sua vida religiosa, moral e social, se pode dizer que mais esconderam do que revelaram o autêntico rosto de Deus e da religião” (GS 20). Mas o contrário também é verdade: quantas pessoas descobrem Deus e se convertem a Ele, ao vê-l'O em acção naqueles que n'Ele crêem, d'Ele vivem e d'Ele são testemunho, principalmente através do modo como vivem – graças a Deus!

OBJECTIVOS

- Descobrir que o Decálogo, como documento da aliança, é um dom de Deus para a vida do seu povo;
- Aperceber-se de que amamos a Deus porque, primeiro, Ele nos amou;
- Dispor-se a cumprir a vontade de Deus nos três primeiros mandamentos do Decálogo.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese é a primeira de duas, dedicadas ao conhecimento e acolhimento do Decálogo que, na Bíblia, ocupa um lugar incontornável: é parte integrante da aliança de Deus com o seu povo, uma aliança renovada e confirmada por Deus. E, como se viu, é nesta aliança que se apoia até o nome – Testamento – dado a cada uma das duas grandes partes da Bíblia. E é no duplo mandamento do amor – a Deus e ao próximo – especificado e concretizado nos Dez Mandamentos da Lei de Deus, que cada membro da Igreja se mantém e manifesta como pedra viva, até à eternidade.

2. Por isso, mantém-se nesta catequese a dinâmica das pedras, seguida nas duas anteriores. Mas nesta, alargando o seu leque: para pedras vivas da Igreja do Senhor, as crianças irão sugerir nomes de pessoas que têm lugar na Igreja, começando pelas que têm nela uma missão imprescindível. Por isso, os seus nomes serão escritos na parte do

desenho de uma igreja que fica mais próxima do dístico e da pedra relativa a Cristo, pedra angular da Igreja.

3. Dada a extensão desta catequese, pode resumir-se o ponto 3 da Palavra: deixar a leitura de Dt 5, 6-15 e passar imediatamente para a apresentação dos três primeiros Mandamentos da Lei de Deus, através dos dísticos propostos.

4. Sugere-se que, no final, cada criança e catequista leve para casa uma pedra com o nome de um colega, sem que este saiba quem a tem. Essa pedra irá ajudar cada criança e catequista a pôr em prática não só os três primeiros mandamentos do Decálogo (relativos ao amor a Deus), mas, também e já, os seguintes sete (relativos ao amor ao próximo): cada uma vai rezar a Deus (amor a Deus) por um colega (amor ao próximo) – uma revelação que será feita na catequese seguinte.

MATERIAIS

- O desenho (só as linhas) de uma igreja (de preferência, de lado), com um tamanho que permita escrever nele vários nomes;
- Dísticos: “NÓS SOMOS PEDRAS VIVAS” e “CRISTO É A PEDRA ANGULAR” (catequese anterior);
- Dísticos: “AMAR A DEUS”; “Adorar a Deus e amá-lo sobre todas as coisas”; “Não invocar o santo nome de Deus em vão” e “Santificar os Domingos e as festas de guarda”;
- A pedra para suporte da Bíblia, usada nas catequese anteriores;
- As pedras com os nomes das crianças e catequista(s), escritos na catequese anterior;
- Folha com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchida desde a catequese anterior;
- Folha com “A Palavra de Deus na minha vida”, uma por cada criança e catequista, a preencher até à próxima catequese;
- Bíblias das crianças;
- Bíblia de mesa;
- Vela do tipo círio pascal;
- Esferográficas/marcadores para escrever no placar.

MÚSICAS

- “Nós somos as pedras vivas”;
- “Senhor meu Deus, eu te amo”.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**: ao centro, o desenho de uma igreja (de preferência de lado); por cima, o dístico “NÓS SOMOS PEDRAS VIVAS” (catequese anterior); por baixo, o dístico “CRISTO É A PEDRA ANGULAR” (catequese anterior).
- Sobre a **mesa**: ao centro, a Bíblia sobre a mesma pedra usada na catequese anterior; por trás, uma vela do tipo círio pascal; de um lado e do outro da Bíblia, as pedras com os nomes das crianças e catequistas, escritas na catequese anterior e ordenadas em semi-círculo.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. O catequista comece por **chamar cada criança**, a partir da **pedra com o seu nome** (pegando na pedra).

Se faltar alguma criança que escreveu o nome na catequese anterior, retire a sua pedra da mesa, explicando que, em volta de Cristo pedra viva, só podem ficar as que se encontram na sala, para serem pedras ainda mais vivas do templo do Senhor.

Se estiver presente alguma criança que esteve ausente na catequese anterior, explique-lhe porque não chamou por ela. Mas dê-lhe uma pedra para, agora, escrever o nome, depois de pedir às outras que lhe expliquem rapidamente o significado das pedras e dos nomes, exposto na catequese anterior.

No final, congratule-se com as crianças presentes, pelo seu desejo de, com a sua presença, quererem ser pedras ainda mais vivas, em volta de Cristo pedra viva, pela sua morte e ressurreição. Para melhor exprimirem esse desejo, convide-os a cantar o cântico:

“Nós somos as pedras vivas”.

2. Certamente, já repararam que, no centro do placar, temos hoje uma igreja...

É, de certeza, um bocadinho maior do que aquela que desenharam na folha com “A Palavra de Deus na minha vida”, recebida na catequese anterior. Espero que todos a tenham desenhado.

Ora mostrem lá...

Se não tivessem desenhado e escrito, por descuido, então não estariam a fazer tudo por serem realmente pedras vivas. Uma pedra, para ser viva, tem de se mexer, fazer alguma coisa...

Mas há uma outra grande diferença entre a igreja nas vossas folhas e aquela que está representada no placar. Estão a ver que diferença é?...

Isso mesmo: a do placar não tem nome nenhum; ao passo que as vossas já têm (ou deveriam ter).

E sabem por que razão a do placar não tem nomes?...

Está à espera dos nomes que vão ser sugeridos por vós, a partir daqueles que estão nas vossas folhas. Vós é que ides encher esta igreja de pessoas. Mas, que pessoas?

– Lembram-se de eu vos dizer que têm de ser cristãos (ou pessoas que vós gostaríeis muito que fossem). Quando nos tornamos cristãos, acreditando em Cristo pedra viva, também começamos a fazer parte da Igreja, o templo do Senhor.

– Depois, disse-vos também que há pessoas que não podem lá faltar. São as que têm mais responsabilidade na Igreja.

– Disse-vos ainda que podem ser pessoas de hoje e do passado.

Vamos, portanto, colocar naquela igreja cristãos, os mais responsáveis, dos nossos tempos ou do passado. Serão algumas das pedras vivas do templo em que Cristo é a pedra angular e à qual todos nós pertencemos. Então digam lá nomes, se possível a partir dos que têm nas vossas folhas.

*O catequista vá escrevendo os **nomes** (que indiquem também funções) no desenho do placar, de baixo para cima; isto é, ao fundo, os de pessoas com mais responsabilidade: Apóstolos, Papa, Bispo, Sacerdote, etc..*

Para preencher o desenho com esses nomes, siga uma destas alternativas:

1ª Alternativa – Grupo grande

Se forem muitas as crianças, dificilmente caberão na folha do placar todos os nomes sugeridos por elas.

Neste caso, é de partir das diferentes partes da igreja desenhada. E, para cada parte, o catequista peça nomes às crianças, começando pelo fundo do desenho, o que está mais perto do dístico referente a Cristo. É aí que devem escrever-se nomes de pessoas mais responsáveis e que, portanto, não devem faltar: S. Pedro, os Apóstolos, o Papa, Bispos, Sacerdotes, Diáconos, etc..

2ª Alternativa – Grupo pequeno

Neste caso, talvez seja possível escrever todos os nomes escritos e sugeridos pelas crianças (escrevendo uma só vez, quando o nome é repetido).

Por isso, o catequista vá perguntando às crianças, uma a uma, que nomes sugerem e, de imediato, em que lugar do desenho devem ser colocados. Justifique sempre o lugar escolhido, de acordo com as indicações expostas na 1ª alternativa.

Convém que, no final, o desenho esteja bem preenchido de nomes, incluindo os de pessoas que, para além do pároco, servem a comunidade e, naturalmente, os das crianças.

2. Para as duas alternativas:

Está mesmo cheia a nossa igreja. Só não tem mais pessoas porque não cabem. Sim, ainda há muitas mais pedras vivas da Igreja. Se não, pensemos nos muitos milhões de cristãos em todo o mundo.

Mas, os principais estão lá, ao fundo, bem perto de Jesus. São aquelas pedras vivas que não podem faltar: S. Pedro, o Papa (*nome*), o sr. Bispo (*nome*), o sr. Padre (*nome*) que nos serve. São pessoas de quem Cristo mais se serve para fazer de todos nós, os cristãos, verdadeiras pedras vivas da sua Igreja.

Eu acho que, ao fazermos isto (*apontar o placar*), já mostramos que, também nós, somos pedras vivas. E, certamente, gostamos de ver, nesta igreja, também os nossos nomes.

Mostremos, então, como somos pedras vivas, cantando, outra vez, o mesmo **cântico**. Mas, agora, a olhar também para as pessoas cujos nomes escrevemos e dando-nos as mãos e ainda balançando o vosso corpo, em sinal da nossa união e da nossa alegria. Para isso, cantemos de pé...

“Nós somos as pedras vivas” (*se for só o refrão, repita-se*).

II. PALAVRA

1. Após as crianças se sentarem:

Muito bem. A cantar, com tanta alegria e bem unidos uns aos outros, somos mesmo pedras vivas do templo do Senhor.

E temos de estar todos bem unidos, para que não haja nenhum buraco neste edifício vivo que formamos.

Mas, se calhar, ainda precisamos de conhecer outras coisas para sermos realmente verdadeiras pedras vivas.

E, para isso, acho que devemos perguntar a Jesus, que é o fundamento desta Igreja, a pedra angular: segundo Ele, o que será mais importante, aquilo que devemos mesmo fazer, para termos aquela vida que nos faz pedras vivas.

Como é uma pergunta tão importante, vamos fazê-la a partir da Bíblia que, na mesa, até está em cima da pedra que representa Cristo, pedra viva, e nós em volta dela. E é da Bíblia que Ele nos vai dar a resposta.

Preparem, então, a vossa Bíblia. Abram-na no Evangelho segundo S. Lucas, capítulo 10, versículos 25 a 28 (*Lc 10, 25-28*)...

Depois de todas as crianças terem encontrado a passagem bíblica e de uma rápida leitura pessoal:

Já leram todos?...

Antes de lermos em conjunto, e para percebermos melhor, vou explicar duas coisas:

– Primeiro, quem é, aqui na Bíblia, a pessoa que faz a pergunta a Jesus: um **doutor da Lei** (ou escriba). A Lei, é a Lei de Deus, que está na Bíblia. Lembram-se como os Judeus chamam à primeira parte do Antigo Testamento...

Exacto: o Livro da Lei. Nós chamámos-lhe o Pentateuco.

Então, doutores da Lei eram pessoas que estudavam e explicavam a Bíblia, a começar pelo Livro da Lei ou Pentateuco. É um deles que faz uma pergunta a Jesus.

Diz-se que é para o experimentar. Se calhar, é para ver se Jesus sabe tanto da Bíblia como ele.

– Vejamos agora a **pergunta** que ele faz a Jesus, no versículo 25...

Que fazer para receber em herança a vida eterna. Isto é, para, um dia e para sempre, ter como um bem que se recebe (como herança) de Deus, a vida eterna.

A vida eterna é a que não acaba com a nossa morte. Como a vida de Jesus, depois de ressuscitar. Ele não morre mais e é para sempre feliz.

E como é que Ele conseguiu, assim, vencer a morte? Porque, durante a sua vida na terra viveu como se deve viver...

Pois bem, também nós desejamos essa vida: sem pecados nem sofrimentos, verdadeiramente felizes. Mas essa vida já começa agora, na terra, como foi com Jesus. Começa em nós, se já, nesta vida, formos pedras vivas...

E é isso que nós queremos realmente ser, não é?...

Então, já estamos preparados para fazer a mesma pergunta a Jesus e, sobretudo, para ouvirmos a sua resposta.

Vamos distribuir os papéis:

– Para narrador temos o/a?...

– Para doutor da Lei?...

(*Nome*), repara que ele fala duas vezes: nos versículos 25 e 27. Portanto, muita atenção e boa leitura.

– Finalmente, para Jesus que fala nos versículos 26 e 28?...

Podem ler todos dos seus lugares. Mas, mesmo os que só seguem pelas suas Bíblias, vamos pôr-nos todos de pé. É Jesus quem vai falar-nos.

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho do Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Lucas:

Crianças:
Glória a Vós, Senhor.

Criança (narrador):
Levantou-se um doutor da Lei e perguntou a Jesus:

Criança (doutor da Lei):
Mestre, que hei-de fazer para alcançar a vida eterna?

Criança (narrador):
Jesus disse-lhe:

Criança (Jesus):
**Que está escrito na Lei?
Como lês tu?**

Criança (narrador):
Ele respondeu:

Criança (doutor da Lei):
**Amarás o Senhor teu Deus
com todo o teu coração e com toda a tua alma,
com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento;
e ao próximo como a ti mesmo.**

Criança (narrador):
Disse-lhe Jesus:

Criança (Jesus):
**Respondeste bem.
Faz isso e viverás.**

Catequista:
Palavra da salvação.

Crianças:
Glória a vós, Senhor.

2. Depois de as crianças se sentarem:

Estão a ver como Jesus respondeu? Disse-lhe para ele fazer o que Deus manda na Bíblia. E ele, o doutor da Lei, até conhecia de cor a vontade de Deus.

Portanto, é também o que nós devemos fazer para termos a vida eterna, a começar já agora.

Vamos ver, então, melhor o que Jesus e Deus nos mandam.

(Nome), lê outra vez a resposta do doutor da Lei no versículo 27 (**Lc 10, 27**)...

Após a leitura:

Agora, vamos todos ver, no Antigo Testamento, onde é que vêm pelo menos algumas dessas palavras que o/a (nome) acabou de ler.

Abram as Bíblias no livro do Deuteronomio. É o quinto e último livro do Pentateuco. Abram no capítulo 6, versículos 4 e 5 (**Dt 6, 4-5**) ...

Depois de todas as crianças encontrarem a passagem, o catequista peça a uma delas: (Nome), lê o versículo 5 (Dt 6, 5)...

Após a leitura:

Encontram alguma diferença entre essas palavras de Deus aqui, no Deuteronomio, e as que disse o doutor da Lei?...

Escusam de ir ver, que eu digo. Só há uma pequeníssima diferença: o doutor da Lei acrescenta apenas uma coisa.

Para vermos, melhor, qual é, comecemos por ler, mais uma vez, as palavras que estão aqui, no versículo 5. Todos, ao mesmo tempo:

“Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças”.

A isto o doutor da Lei e Jesus acrescentam: “E com todo o teu entendimento”.

Isto é, reforçam e acentuam o que Deus já nos dizia. Significa que isso é mesmo muito importante.

Portanto, para sermos felizes para sempre, como pedras vivas, temos, antes de mais, amar a Deus com todo o nosso ser: o coração, a força, a alma e o entendimento.

Numa palavra: Deus é quem mais devemos amar e com tudo o que temos e somos. Quem o fizer, será verdadeiramente feliz.

E porquê? Por que razão é tão importante nós amarmos a Deus, mais do que todas as coisas e de um modo tão intenso?...

(Nome), lê o versículo 4 (**Dt 6, 4**)...

Após a leitura:

Israel, aqui, é o nome do povo de Deus. Mas, como nós, hoje, também pertencemos ao povo de Deus, o que está aí é também para cada um de nós. Isto é, também cada um de nós deve escutar, no seu coração, o que a seguir nos é dito.

E, para isso, vamos todos ler ao mesmo tempo, o que, nesse versículo 4, vem a seguir a “Escuta, Israel”:

“O Senhor nosso Deus é o único Senhor.”

Outra vez:

“O Senhor nosso Deus é o único Senhor.”

E, agora, vejam lá se descobrem porquê: como é que Deus nos mostra que é o único Senhor? Que fez e nos faz Ele, que mais ninguém faça tão bem.

Primeiro, pensem um bocadinho, cada um por si, nas coisas que Deus nos dá e só Ele nos dá ou deu...

Após um breve silêncio.

Então digam lá as coisas que Deus nos dá e em que mostra que só Ele é Senhor, o nosso único Senhor...

Conforme as respostas das crianças, o catequista acentue ou acrescente o seguinte:

– Foi Deus quem criou para nós as coisas da natureza: o sol e as estrelas; a terra e o mar; árvores, plantas, animais... que tanto bem nos fazem.

– Deu-nos pessoas tão queridas e importantes: os pais, família, amigos, professores, catequistas, S. Pedro, o Papa, os Bispos...

– E, o mais importante de tudo, deu-nos Jesus, o seu Filho, que deu a vida por nós e tanto nos ama, nos guia, nos encoraja.

Não há dúvida: temos um Deus maravilhoso, único. Melhor não existe...

Sabem o que eu estou a sentir?... Uma grande, grande vontade de dizer isso mesmo a Deus: que por Ele ser único, eu O amo de todo o meu coração.

E até conheço um *cântico* em que lhe dizemos isso mesmo:

“Senhor meu Deus, eu te amo”.

Após um breve ensaio:

Agora, que já sabemos, vamos cantar de pé... Com as nossas Bíblias nas nossas mãos estendidas para Ele, o Deus que nos fala na Bíblia e também assim nos mostrou quanto nos ama:

“Senhor meu Deus, eu te amo” (1ª e 2ª estrofe ou só a 1ª, mas repetida).

3. *Após as crianças se sentarem, o catequista afixe, do lado esquerdo do placar e ao alto, o dístico “AMAR A DEUS” e comente:*

Cá está: por sermos pedras vivas e por termos uma vida que dura para sempre, a primeira coisa que temos de fazer é... Digam todos comigo:

“Amar a Deus.”

Mas, falta saber uma coisa muito importante. Depois de até termos cantado a Deus, dizendo-lhe que O amamos e de todo o coração, precisamos agora de saber o que fazer, para mostrar que O amamos.

Não chega dizer. Temos de O amar mesmo. Se não fizermos nada em que O amamos, então mentimos-lhe, quando lhe dizemos isso. E a Deus não se mente – a Deus que tanto nos ama!

Pensem no que se passa entre vós e uma pessoa de quem gostais muito. Por exemplo, os pais, avós, um grande amigo... Pensem lá um bocadinho como é que mostram a essas pessoas que as amam? O que fazem como sinal do vosso amor? Pensem, em silêncio...

Após um breve silêncio, o catequista ouça as crianças e ordene as respostas nas seguintes três áreas:

– Amamos as pessoas que nos amam, não as abandonando, sobretudo quando precisam da nossa ajuda, do nosso amor; obedecemos-lhes, quando nos pedem para fazer alguma coisa. Deixamos mesmo outras coisas, para fazer, com elas, aquilo que nos pedem. Não trocamos essas pessoas por nada.

– Amamos as pessoas que nos amam, respeitando-as, não dizendo mal delas. Não nos servimos do nome delas para fazer o mal. Basta ouvir o nome dessas pessoas, para sentirmos muito respeito, muito amor por elas.

– Amamos as pessoas que nos amam, procurando estar com elas. Às vezes, até deixamos outras ocupações, para irmos para junto delas, conversando e convivendo com elas.

Vejamos, agora, se não tem de ser também assim para com Deus: para Lhe mostrarmos que realmente O amamos de todo o nosso coração.

E sabem quem é que nos vais dizer isso? Imaginem: é o próprio Deus. Ele é que nos vai dizer o que espera de cada um de nós, como sinal do nosso amor para com Ele.

É claro que O vamos escutar com a maior atenção. Também isso já é sinal do nosso amor.

E não nos esqueçamos daquilo que temos estado a ver: que fazer, para termos a vida eterna. Já vimos que a primeira coisa é amar a Deus do fundo do coração.

Vamos então ver e ouvir o que devemos fazer como prova e sinal deste grande amor. Vamos ouvir o próprio Deus.

Cada um abra a sua Bíblia no mesmo livro do Deuterónimo, agora é no capítulo 5, versículos 6 a 15....

Depois de todas as crianças encontrarem a passagem de Dt 5, 6-15:

Antes de lermos, eu explico a que propósito é que vêm aí as palavras que iremos ler. Lembrem-se de nós falarmos aqui da aliança que Deus fez com o povo de Israel, através de Moisés?...

Depois de os Israelitas terem fugido do Egipto e de terem andado por um deserto, chegaram a um local onde se encontraram com Deus: o monte Sinai. Às vezes, na Bíblia, também se lhe chama monte Horeb.

Pois bem, foi aí que Deus fez uma aliança com o povo que tinha libertado do Egipto: uma aliança em que Deus prometeu àquele povo nunca mais o abandonar. Era mais um sinal do seu amor. O mesmo amor com que o tinha ajudado a sair do Egipto.

Mas, nessa aliança, o povo também prometeu alguma coisa a Deus, como sinal do seu amor e para que fosse verdadeiramente feliz na terra para onde Deus o conduzia. O povo prometeu, para isso, fazer sempre a vontade de Deus, o que Deus lhe mandava.

E o que Deus lhe pedia, como sinal de amor, é o que agora vamos ler. Vamos ler pelo menos uma parte. Nesta parte que vamos ler, são três coisas que Deus pede ao povo de então e, hoje, a cada um de nós.

Como são três coisas, cada uma vai ser lida por um menino ou menina diferentes:

– Eu leio o princípio, no versículo 6: aí, como veremos, Deus diz ao povo aquilo que já tinha feito por ele: tinha-o libertado da escravidão do Egipto. Só a seguir é que diz o que o povo deve fazer em resposta a esse amor de Deus.

– A primeira coisa que o povo deve fazer, vem nos versículos 8 a 10. Quem se oferece para ler as palavras desses versículos 8 a 10?...

– O segundo mandamento de Deus vem no versículo 11. Quem quer ler?...

– Finalmente, o terceiro mandamento está nos versículos 12 a 15. Vão ser lidos por quem?...

Eu leio daqui e os meninos ou meninas para os três primeiros mandamentos, lêem dos seus lugares.

Catequista (v. 6):

Leitura do Livro do Deuterónimo:

Eis o que diz o Senhor:

Eu sou o Senhor, teu Deus,

que te tirou da terra do Egipto, da casa da escravidão.

1ª criança (vv. 8-10):

Não farás para ti nenhuma imagem esculpida,

seja do que está no alto do Céu,

ou em baixo, sobre a terra,

ou nas águas, debaixo da terra.

Não te prostrarás diante delas e não as adorarás,

porque Eu, o Senhor, sou o teu Deus,

um Deus ciumento, que castigo a iniquidade dos pais nos filhos,

até à terceira e quarta geração dos que me ofendem,

mas uso da benevolência até à milésima geração

com aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.

2ª criança (v. 11):

Não invocarás em vão o nome do Senhor, teu Deus,

porque o Senhor não deixará impune

aquele que tiver invocado o seu nome em vão.

3ª criança (vv. 12-15):

**Guarda o dia de sábado, para o santificares,
como te mandou o Senhor, teu Deus.**

Trabalharás durante seis dias e neles farás todas as tuas obras.

O sétimo, porém, é o sábado do Senhor, teu Deus.

**Não farás nele qualquer trabalho,
nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha,
nem o teu escravo, nem a tua escrava,
nem o teu boi, nem o teu jumento, nem nenhum dos animais,
nem o estrangeiro que mora contigo.**

Assim, o teu escravo e a tua escrava poderão descansar como tu.

**Recorda-te que foste escravo na terra do Egito
e que o Senhor, teu Deus, te fez sair de lá
com mão forte e braço estendido.**

Por isso, o Senhor, teu Deus, te mandou guardar o dia de sábado.

Catequista:

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

Catequista:

Se calhar, não entenderam tudo o que o Senhor acaba de nos dizer. Algumas coisas eram próprias daquela época. E já lá vão uns milhares de anos. Mas, o principal de certeza que vamos entender.

Para isso, eu vou resumir estes três primeiros mandamentos em três frases. Isso até nos ajuda a fixá-los na memória, para melhor os pormos em prática. Repito: se cumprirmos o que Deus nos manda neles, estamos a amá-l'O de todo o coração.

– O primeiro mandamento da Lei de Deus é este...

O catequista afixe, por baixo do dístico “AMAR A DEUS”, o dístico “Adorar a Deus e amá-lo sobre todas as coisas” e peça às crianças:

Ora leiam todos comigo:

“Adorar a Deus e amá-lo sobre todas as coisas.”

Isto é, não podemos trocar Deus por nada: nem por outras pessoas, nem por outras coisas. Por exemplo: o dinheiro, os jogos, a televisão. São coisas que até podem ser precisas e boas. Mas Deus é muitíssimo melhor que tudo isso. Só a Deus é que rezamos e adoramos.

– Segundo mandamento da Lei de Deus:

O catequista afixe, por baixo do dístico anterior, o dístico “Não invocar o santo nome de Deus em vão” e peça às crianças:

Leiam, comigo, também este segundo mandamento:

“Não invocar o Santo nome de Deus em vão.”

“Em vão” quer dizer: para coisas que não valem nada ou até são más.

Já vimos, há pouco, que temos muito respeito pelo nome das pessoas que amamos. Não vamos, por exemplo, dizer que essas pessoas fizeram coisas que não são verdade ou mandaram fazer outras coisas que são más.

Se não fazemos isso, dizendo o nome dessa pessoa, com Deus com muito mais razão. O seu nome é santo. Não nos podemos servir dele para coisas falsas ou más.

– Terceiro mandamento da Lei de Deus:

O catequista afixe, por baixo do dístico anterior, o dístico “Santificar os Domingos e as festas de guarda” e peça às crianças para o lerem com ele.

Antigamente, quando foram escritas as palavras que lemos do Deuterónimo, era o Sábado o dia para descansar e para estar com Deus. Para nós é o Domingo, por ser o dia em que se descobriu que Jesus ressuscitou.

E que devemos fazer nós ao Domingo, além de descansarmos da escola e do trabalho?... Exacto: ir à Missa, para nos encontrarmos com Deus e com os outros cristãos. Como nos encontramos com as pessoas que nos amam e nós amamos.

O Domingo é o dia para Deus. Assim é que o santificamos. O Domingo e os dias Santos ou de festas de guarda: por exemplo, o Natal que poucas vezes calha ao Domingo, mas é um dia santo.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Há pouco, gostei tanto de cantar convosco o **cântico “Senhor meu Deus, eu te amo”**, que estou com vontade de o cantarmos outra vez.

Com ele somos verdadeiras pedras vivas do templo do Senhor. E é por isso que amamos a Deus. E, não se esqueçam, quem nos disse isso foi Jesus, a pedra angular desta Igreja, feita de pedras vivas. É Ele quem nos manda fazer o que está ali escrito para amarmos a Deus de todo o coração.

Então, eu proponho que cantemos o **cântico** em que dizemos a Deus que O amamos, mas de um modo especial. Eu explico:

Cantaremos juntamente com as palavras em que Deus hoje nos disse como fazer para o amarmos: aqueles três mandamentos que estão escritos no placar. Vamos fazer deles também uma oração. Isto é:

– Cantamos uma vez o **cântico** e depois um de vós lê o primeiro mandamento.

– Logo a seguir, cantamos outra vez o **cântico** e outro menino ou menina lê o segundo mandamento.

– De novo o **cântico** e um outro menino ou menina lê o terceiro mandamento. E terminamos de novo com o **cântico**, mas no fim com a 2ª estrofe.

Iremos cantá-lo também com o nosso corpo. Lembra-se de Jesus nos dizer que devemos amar a Deus com todo o coração, alma, entendimento e forças. Pois bem: para mostrar isso, daremos as mãos uns aos outros, como pedras vivas bem unidas, e balanceamos o corpo enquanto cantamos.

O catequista escolha três crianças para lerem cada um dos três mandamentos. Depois, se o lugar o permitir, pode dispô-las todas em semi-círculo (com as pontas junto da mesa), para facilitar os gestos que vão fazendo.

Todos:

Cântico: “Senhor meu Deus, eu te amo” (1ª estrofe).

1ª criança:

“Adorar a Deus e amá-lo sobre todas as coisas.”

Todos:

Cântico: “Senhor meu Deus, eu te amo” (1ª estrofe).

2ª criança:

“Não invocar o Santo nome de Deus em vão.”

Todos:

Cântico: “Senhor meu Deus, eu te amo” (1ª estrofe).

3ª criança:

“Santificar os Domingos e as festas de guarda.”

Todos:

Cântico: “Senhor meu Deus, eu te amo” (2ª estrofe).

2. Compromisso

Daqui a nada, vou entregar a cada um de vós duas coisas: mais uma folha com “A palavra de Deus na minha vida”, para preencherem até à próxima catequese, e uma pedra com um nome, que está aqui na mesa, em volta da pedra que representa Cristo.

Mas atenção: cada um de vós vai receber, não a sua pedra, mas a de um colega.

E, desde já, vos peço uma coisa: não mostrem nem digam a ninguém de quem é a pedra que vos vai calhar, nem ao menino ou menina a quem ela pertence. Só na próxima catequese é que cada um saberá a quem calhou a sua pedra. Vai ser uma das surpresas da próxima catequese. Só então cada um saberá o que o colega que tem a sua pedra fez por ele durante a semana.

O que cada um vai fazer é isto:

– Vai colocar a pedra com o nome do colega num lugar, lá em casa, que o ajude a, todos os dias, pensar nesse colega.

– Ao mesmo tempo e em cada dia, vai fazer e rezar uma oração por esse colega. Vão pedir a Deus que ajude esse colega a amá-lo de todo o coração, cumprindo aqueles três mandamentos da Lei de Deus. Podem fazer uma oração pelo colega por cada mandamento.

E lembrem-se que, ao mesmo tempo, está outro colega a rezar por cada um de vós. Isto quer dizer que ninguém pode falhar. Olhem: é mais um sinal do amor a Deus.

– Na folha que vão receber, escrevem, como título, aquelas palavras do placar: “Amar a Deus” e, depois, cada uma das orações que vão fazendo pelo colega, uma em cada dia e por cada um dos três mandamentos. Não é preciso escreverem muito. Em poucas palavras podemos dizer muito a Deus.

Eu (e os outros catequistas) também entro na cadeia da oração. Portanto, a minha (nossa) pedra vai calhar a um de vós. Não sei quem será. Só na próxima catequese. Portanto, todos devemos trazer a pedra e a folha para essa catequese.

Para que cada um receba a pedra do outro, o melhor é colocá-las todas dentro de um recipiente e misturá-las. Se, por acaso, alguém tirar a sua própria pedra, volta a colocá-la no recipiente.

3. Para guardar na memória e no coração

Mandamentos da Lei de Deus sobre o nosso amor a Deus:

1. Adorar a Deus e amá-l’O sobre todas as coisas.
2. Não invocar o santo nome de Deus em vão.
3. Santificar os Domingos e festas de guarda.

Catequese 26

“AMARÁS AO PRÓXIMO COMO A TI MESMO” (Lc 10, 27)

I INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. “Quem é o meu próximo?”

A pergunta é feita a Jesus por um doutor da Lei, em Lc 10, 29. Mas, na prática, ela é de todas as pessoas, de todos os tempos e lugares. A diferença principal é que cada um a faz a seu jeito, no duplo sentido de modo e de conveniência. Podemos distinguir três:

– *Quem é o meu próximo?* pode ter o sentido evasivo de quem, na realidade, não está sequer interessado na resposta, porque não quer saber de *próximo* algum. É um pouco como a questão de Pilatos a Jesus: *Que é a verdade?* (Jo 18, 38). A resposta já tinha sido dada por Jesus: *Todo aquele que vive da verdade escuta a minha voz* (18, 37). Ora tal verdade exigia um desprendimento dos próprios interesses a que Pilatos, agarrado ao poder, não estava de modo algum disposto.

No caso do próximo, há ainda muita gente – em certos meios, cada vez mais – cujo interesse principal é evitá-lo, fugir-lhe do caminho. Veja-se o que acontece, sobretudo em grandes aglomerados populacionais: vizinhos, até do mesmo prédio, cuja única relação mútua se reduz, quando muito, a uma saudação fugidia. Um isolamento tantas vezes procurado... até descambar em solidões de que todos acabam por sofrer, até quem para elas contribui.

– Há, entretanto, quem queira saber quem é seu próximo, mas para o seleccionar, o que, de certo modo, é compreensível: nem todos merecem confiança; nem com todos é possível um entendimento, por diferenças de temperamento, idade, cultura, gostos, classes sociais, etc.; mais, nem de todos se pode tirar (o mesmo) proveito.

Portanto, próximo é só o que pertence ao mesmo grupo de amigos, à mesma família ou associação, quando muito à mesma terra ou nação (sobretudo vivendo fora): dou-lhe alguma coisa, mas com o objectivo, consciente ou não, de receber (muito mais). O isolamento é o mesmo, ainda que tenha um âmbito colectivo. E, no fundo, este próximo é visto em função de mim próprio. Daí que (nem sempre) me aproxime dele.

Provavelmente era este género de próximo o do doutor da Lei, desejoso de saber de Jesus (ou talvez não, uma vez que a pergunta era *para O experimentar*) que *fazer para obter em herança a vida eterna* (Lc 10, 25). Afinal ele, profissionalmente tão conhecedor da Palavra de Deus, até já sabia (de cor!) a resposta. Só que a segunda parte – *ama o teu próximo como a ti mesmo* (Lc 10, 27) – era vista de modo restritivo: tanto no original bíblico (Lev 19, 18), como na prática de vida. Por uma boa causa (!) – a de manter a identidade de povo e religião – nem o estrangeiro (de fora) nem os publicanos e pecadores (de dentro) eram admitidos, por exemplo, ao interior do templo ou até a uma simples refeição (cf. Lc 15, 1-2). E então dos inimigos – como os vizinhos (e, até pela raça, mais próximos) Samaritanos – nem falar.

– Jesus, porém, entende a pergunta, ou melhor, a resposta num terceiro sentido – o único que garante a vida eterna, então e hoje. Para Ele, e em consonância com o seu Evangelho do Reino de Deus, próximo é:

2. “O que teve compaixão”

A resposta é colocada (em Lc 10, 37) na língua do doutor da Lei, que – é caso para dizer – lhe fugiu para a verdade... vergado à verdade dos factos que Jesus acabou de lhe expor com a

conhecida parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 30-35). É uma história que conquista, por causa dos seus contrastes e exageros, nas atitudes tomadas perante o desgraçado do homem, ali meio morto, numa perigosa estrada de Jerusalém a Jericó. Qualquer ouvinte (normal) se deixa, naturalmente, comover perante uma situação destas. E é com sentimentos desses que Jesus conta a seguir:

– Primeiro, é o contraste entre as reacções dos que (ainda bem!) entretanto por ali passaram, que provocam em nós reacções não menos contrastantes: perante o alheamento idêntico do sacerdote e, logo a seguir, do levita, não podemos deixar de nos sentir revoltados. Para mais, tratando-se de pessoas particularmente relacionadas com Deus, até por deveres de ofício: o sacerdote pelas ofertas que lhe apresentava; o levita (uma espécie de funcionário do templo) pelo contributo adicional para que essas ofertas fossem dignas d’Aquele a quem eram feitas. Perante o terceiro passante – se nos colocarmos no lugar do doutor da Lei e dos Judeus em geral – o sentimento que inicialmente nos assalta, ao ouvirmos de quem se trata, é o de frustração: de um samaritano, um inimigo, só é de esperar ainda pior – que dê o último golpe ao homem meio morto, pelo menos sendo ele (a hipótese mais compreensível) um judeu. Mas não. Desce da montada e nem sequer se certifica da identidade do moribundo. Mais:

– Segundo, o que o Samaritano faz é um (feliz) exagero, uma extravagância no sentido original de algo que extravasa do habitual: não se contenta em prestar-lhe os primeiros socorros nem em oferecer-lhe a montada até ao primeiro hospício, mas paga as despesas com uma soma de dinheiro que dava para muito mais (dois denários correspondiam ao salário médio de dois dias de trabalho) e, antes de partir, dispõe-se a pagar qualquer despesa adicional quando por ali voltasse. Quase se pode dizer: deu (de) tudo o que tinha... somente por *compaixão*, isto é, pela capacidade de *sofrer com* quem tanto estava a sofrer. Uma compaixão que nos espanta – nem hoje isto é normal – e conquista.

Por isso subscrevemos, em cem por cento, a resposta dada pelo doutor da Lei à pergunta conclusiva de Jesus: *Qual dos três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?* (10, 36). Mas será que o doutor se tinha apercebido da inversão de ângulo no que toca à sua questão sobre o próximo?

De facto, depois da parábola, Jesus, em vez de falar do “meu próximo” (seria o moribundo), pergunta sobre o próximo dele (o Samaritano). É que, ao agir com tanta misericórdia, é ele que se torna próximo, em dois sentidos e por esta ordem de importância:

– É ele quem realmente se aproxima, conquistado exclusivamente pelo outro (o que padece) e lhe dá a vida (da sua própria vida). Por isso:

– É dele (o samaritano) que o doutor da Lei (e nós) se deve aproximar, vencendo as barreiras que os separam, e sabendo que, aproximando-se dele, também se tornará próximo do que sofre (e este, realmente, próximo dele).

É, portanto, a compaixão do samaritano que nos conquista para o próximo que temos de amar – para obtermos a vida eterna... mas somente se fizermos o que Jesus, no final (10, 37), nos ordena:

3. “Vai e faz o mesmo”

Fazer é o verbo dominante em todo este episódio (Lc 10, 25-37): começa com o doutor da Lei a perguntar: *Que devo fazer...?* (v. 25); depois da sua resposta, Jesus diz-lhe: *Faz isso...* (v. 28); após ter descrito a feitura misericordiosa do samaritano, aprovada pelo doutor da Lei (v. 37), termina com o referido imperativo. Quer dizer que o amor – é dele que se trata – é essencialmente operante. Existe (ou não) na medida em que está em acção (ou não) – fiel à verdade da vida do próximo, dos outros e, como fundamento e fonte imprescindível, de Deus, Autor e Senhor da vida.

Veja-se o que sobre isso escreve Bento XVI: “*Só na verdade é que a caridade refulge e pode ser autenticamente vivida. A verdade é luz que dá sentido e valor à caridade. Esta luz é*

simultaneamente a luz da razão e a da fé, através das quais a inteligência chega à verdade natural e sobrenatural da caridade: identifica o seu significado de doação, acolhimento e comunhão. Sem verdade, a caridade cai no sentimentalismo. O amor torna-se um invólucro vazio, que se pode encher arbitrariamente. É o risco fatal do amor numa cultura sem verdade; acaba prisioneiro das emoções e opiniões contingentes dos indivíduos, uma palavra abusada e adulterada, chegando a significar o oposto do que é realmente. A verdade liberta a caridade dos estrangulamentos do emotivismo, que a despoja de conteúdos relacionais, e do fideísmo, que a priva de amplitude humana e universal. Na verdade, a caridade reflecte a dimensão simultaneamente pessoal e pública da fé no Deus bíblico, que é conjuntamente «*Agápê*» e «*Logos*»: Caridade e Verdade, Amor e Palavra” (CV 3).

Veja-se ainda o modo prático como S. Paulo a descreve na parte central do grandioso elogio que lhe tece em 1 Cor 13, 4-7: *A caridade é paciente, bondosa é a caridade, não é invejosa, a caridade não é arrogante nem orgulhosa, nada faz de inconveniente, não procura o próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento, não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo aguenta.* E depois destas quatro últimas afirmações, que conclusão se pode tirar? – *A caridade jamais passará* (v. 8a).

Que o mesmo é dizer: oferecerá a vida eterna, já em acção nesta vida – a vida que, acolhida como dom gratuito de Deus, é simultaneamente vivida no incondicional amor a esse mesmo Deus e partilhada na prática do amor ao próximo, tornando-se tanto mais fecunda, mais longa e mais duradoira, quanto mais é dada àqueles nos quais se torna vida, para, por sua vez, a partilharem com outros... até à vida ilimitada ou eterna. Foi o que aconteceu com Cristo, que por ter dado completamente a sua vida, adquiriu uma vida em que *é tudo e está em todos* os que dela usufruem (Col 3, 11).

OBJECTIVOS

- Aprender a segunda parte do Decálogo, sobre o amor ao próximo;
- Descobrir que o próximo é também quem se aproxima de outra pessoa, sobretudo dos necessitados;
- Dispor-se a amar todas as pessoas, sem distinções.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese, aparentemente, decorre em ordem inversa: como Experiência Humana propõe-se uma oração que é, na prática, uma Expressão de Fé; e, nesta, propõe-se a entrega mútua das pedras com os nomes das crianças e catequistas, o que, na prática, é também uma Experiência Humana. Mas, de facto, não há uma inversão: todas as orações têm de ser humanamente experimentadas; e todo o gesto de amor é a fé em acção.

2. A ordem proposta corresponde à ordem dos mandamentos do Decálogo: o amor a Deus expresso na oração (tema da catequese anterior, retomado no início desta) é o fundamento do amor ao próximo, posto em prática no gesto proposto (e o tema da presente catequese). Só Deus pode dar às crianças a coragem para agir como o Bom Samaritano.

3. As pedras com os nomes das crianças e catequistas, distribuídas na catequese anterior, vão ser um dos motivos condutores desta catequese. Para isso, é importante que ninguém saiba quem, desde a catequese anterior, está na posse da sua pedra. Isto permitirá manter o interesse e a atenção das crianças durante todo o encontro. Contribuirá, além disso, para que o gesto de entrega seja uma ocasião mais forte para a vivência do amor ao próximo, já que antes cada um rezou pelo colega indicado na pedra. E tudo isto ajudará as crianças e catequistas a serem pedras mais vivas na Igreja e no mundo.

4. Dada a extensão da catequese, pode, no ponto 1 da Palavra (sobre a segunda parte do Decálogo), deixar-se a leitura de Dt 5, 16-21 e expor-se os Mandamentos indicados apenas através dos dísticos sugeridos.

MATERIAIS

- Desenho de uma igreja, preenchido de nomes (catequese anterior);
- Dísticos: “NÓS SOMOS PEDRAS VIVAS”; “CRISTO É A PEDRA ANGULAR”; “AMAR A DEUS”; “Adorar a Deus e amá-l’O sobre todas as coisas”; “Não invocar o santo nome de Deus em vão” e “Santificar os Domingos e as festas de guarda” (catequeses anteriores);
- Dísticos: “AMAR O PRÓXIMO”; “Honrar pai e mãe e os outros legítimos superiores”; “Não matar nem causar outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo”; “Guardar castidade nas palavras e nas obras”; “Não furtar nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo”; “Não levantar falsos testemunhos nem de qualquer outro modo faltar à verdade ou difamar o próximo”; “Guardar castidade nos pensamentos e nos desejos” e “Não cobiçar as coisas alheias”;
- Pedra de suporte da Bíblia;
- Bíblia de mesa;
- Vela em forma de círio pascal;
- Pedras com os nomes das crianças e catequistas (a trazer por cada um);
- Folhas com “A palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças e catequistas, desde a catequese anterior;
- Bíblias das crianças;
- Esferográficas/marcadores para escrever no placar.

MÚSICAS

- “Senhor meu Deus, eu te amo”;
- “Quero sempre viver”.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- O **placar** está como no final da catequese anterior: ao centro, o desenho de uma igreja com os nomes sugeridos pelas crianças; ao alto, o dístico “NÓS SOMOS PEDRAS VIVAS”; por baixo, o dístico “CRISTO É A PEDRA ANGULAR”; do lado direito, os dísticos (em ordem descendente) “AMAR A DEUS“, “Adorar a Deus e amá-l’O sobre todas as coisas”, “Não invocar o santo nome de Deus em vão” e “Santificar os Domingos e as festas de guarda”.
- Sobre a **mesa**: ao centro, a Bíblia, colocada sobre uma pedra (catequeses anteriores); por trás, uma vela do tipo círio pascal (catequese anterior), acesa.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Trouxeram as pedras com os nomes?

Guardem-nas bem, para ninguém ver de quem é o nome que está nelas. Ainda não chegou a hora de o revelarem.

Mas cumpriram o que pedi para fazerem, a partir da pedra que calhou a cada um. O que foi?... Exactamente: rezar, uma oração por dia, pelo colega com o nome na pedra, ou por mim, se vos calhou a minha pedra. Era isto o mais importante.

Porquê e para quê? Olhem para o placar...

Cada um rezou por um colega, para ser pedra viva no templo em que Cristo é a pedra angular: pedra viva como aquelas pessoas, cujos nomes estão inscritos na igreja.
Rezar a Deus para serem pedras ainda mais vivas – os dois: o que reza e aquele por quem reza. E pedras vivas como?...

Como Jesus nos disse para sermos. Lembrem-se da pergunta que lhe fizemos, juntamente com um doutor da Lei?...

Muito bem: que fazer para alcançar em herança a vida eterna. Isto é, para termos aquela vida que, já neste mundo, faz de nós pedras vivas.

E qual foi a primeira resposta de Jesus? Ou melhor, o que é que o doutor da Lei respondeu, depois de Jesus lhe pedir que fosse ele a dizer o que está na Bíblia sobre isso: sobre o que fazer para alcançar a vida eterna?...

Muito bem: até está escrito no placar. Do lado direito da igreja está a primeira parte dos Mandamentos da Lei de Deus. Se calhar, alguns até já os sabem de cor. Se não, é mesmo para aprendermos de cor: para não nos esquecermos tanto de os pôr em prática.

Mas, de cor ou não, vamos todos dizer ao mesmo tempo, o que é preciso fazer para amar a Deus. Digam todos comigo:

“1. Adorar a Deus e amá-l’O sobre todas as coisas.”

“2. Não invocar o santo nome de Deus em vão.”

“3. Santificar os Domingos e as festas de guarda.”

Deste modo, estamos a amar a Deus e a caminho de alcançarmos a vida eterna, como pedras vivas do templo do Senhor.

2. Vejamos se fizeram alguma coisa por isso. Isto é, se realmente rezaram a Deus. É também pela oração que nós O amamos e O adoramos: nós e o colega cujo nome está escrito na nossa pedra.

Peguem nas folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”...

Voltem a ler as orações que lá escreveram: uma por cada dia e a partir de um dos três Mandamentos da Lei de Deus. Foi isso que fizeram, não foi?...

Então agora, ao lê-las, pessoalmente, cada um vai escolher, de entre as orações que escreveu, uma ou duas de que mais goste. Para quê? Para, daqui a pouco, a voltar a rezar, como oração por esse colega. Portanto escolham as duas que considerarem melhores.

Após uns breves momentos de silêncio, sigam, para a oração, uma destas alternativas:

1ª Alternativa – Grupo grande

Uma vez que seria demasiado longo, se todas as crianças proferissem uma oração relativa a um dos três primeiros Mandamentos, o catequista (se achar que as crianças aceitam) escolha apenas uma ou duas crianças por cada Mandamento para ler, de viva voz, a oração relativa ao mandamento em questão. Mas, depois de cada leitura, dê um momento de silêncio para as outras crianças pensarem ou lerem baixinho as orações que escolheram.

2ª Alternativa – Grupo pequeno

Havendo tempo, dê-se a todas as crianças a oportunidade de proferirem, sucessivamente e de viva voz, as orações (ou uma delas) que escolheram, pela ordem dos três Mandamentos.

3. *Para as duas alternativas:*

Vamos então escolher quem vai dizer, de viva voz, as orações sobre cada um dos três primeiros Mandamentos.

O catequista seleccione uma ou duas crianças (dando a preferência àquelas que, nesta catequese, não tenham ainda tido intervenção activa) para cada Mandamento. Depois explique como decorre a oração:

– Primeiro cantamos o **cântico** em que dizemos a Deus que O amamos de todo o coração:

“Senhor meu Deus, eu te amo”, 1ª estrofe.

– Depois, eu leio o **1º Mandamento** da Lei de Deus.

– Logo a seguir, o/a (*nome e o/a nome*) lê(em) a(s) sua(s) **oração(ões)** relativa(s) a esse Mandamento. Os outros, que não lêem as suas, têm um momento de silêncio para as rezarem baixinho.

– A seguir, eu leio o **2º Mandamento**.

– E o/a (*nome e o/a nome*) lê(em) a(s) sua(s) **oração(ões)** relativa(s) a este Mandamento. E os outros, durante um breve silêncio, lêem as suas.

– Segue-se o **3º Mandamento**, lido por mim.

– E o/a (*nome, mais o/a nome*) reza(m) a(s) sua(s) **oração(ões)** para este Mandamento.

– No fim, cantamos todos a 2ª estrofe do **cântico**:

“Senhor meu Deus, eu te amo”.

Mas, antes de começarmos, lembrem-se bem disto: ninguém vai dizer o nome do colega por quem vai rezar. Porquê? – Para que cada um pense que falou de si. O importante é que Deus saiba. É para Ele que nós rezamos.

No lugar do nome, digam, por exemplo, “o meu ou minha colega” ou “amigo ou amiga” ou simplesmente “ele ou ela”. Portanto vejam lá, nas vossas folhas, como hão-de fazer. Repito: só mais tarde é que cada um de vós vai saber quem rezou por ele ou ela.

E, para rezarmos e cantarmos melhor, pomo-nos de pé...

II. PALAVRA

1. Após todas as crianças se sentarem e recolherem as suas folhas:

Foi mesmo bonito, não foi?...

E importante: termos um colega a rezar a Deus por nós. Para sermos pedras vivas e alcançarmos a vida eterna, precisamos da ajuda de Deus, a quem rezamos, e também da ajuda uns dos outros.

Por isso, sabem o que é que acabou de acontecer aqui? – Estivemos a cumprir a primeira parte dos Mandamentos da Lei de Deus, isto é, a procurar amar a Deus.

Mas, ao mesmo tempo, estivemos já a cumprir também a segunda parte: quando nos unimos a um colega, rezando a Deus por ele/ela, estivemos a fazer o que Deus e Jesus nos mandam na segunda parte dos Mandamentos da Lei de Deus. E que nos mandam Eles?

O catequista afixe, do lado esquerdo e ao alto (mais ou menos à altura do dístico “AMAR A DEUS”), o dístico “AMAR O PRÓXIMO” e deixe contemplar.

Cá está: se não amarmos o próximo, é sinal de que ainda não amamos a Deus. Se Ele nos ama tanto, é para nós amarmos o nosso próximo, isto é, as outras pessoas. E como é que nós as amamos, além de rezarmos por elas?

Vamos ouvir o que Deus nos diz. Abram, outra vez, as vossas Bíblias no Livro do Deuterónimo, no capítulo 5...

Após todas as crianças terem encontrado Dt 5, 16-21.

Já lemos os versículos 6 a 15 sobre o nosso amor a Deus. Agora vamos continuar com os versículos 16 a 21. É aí que Deus nos diz como devemos amar o nosso próximo.

Para lermos, precisamos de 6 meninos ou meninas...

Cada um vem aqui à frente, um de cada vez, para ler um dos Mandamentos da Lei de Deus acerca do amor ao próximo.

Se parecer melhor, também podem ler do lugar.

O catequista indique, de preferência, crianças que ainda não tenham tido uma intervenção activa, para que todas possam participar. Além disso, tenha em consideração, na explicação dos mandamentos, as dificuldades familiares, ou outras, por que possam estar a passar algumas crianças, de modo a expor a verdade da mensagem sem magoar as próprias crianças.

1ª criança (Dt 5, 16):

**Honra o teu pai e a tua mãe,
como te ordenou o Senhor, teu Deus,
a fim de prolongares os teus dias
e viveres feliz na terra que o Senhor, teu Deus,
te há-de dar.**

Catequista:

Como é que nós podemos resumir estas palavras de Deus?

Afixe (ou peça à criança para que afixe), por baixo do dístico “AMAR O PRÓXIMO”, o dístico “Honrar pai e mãe e os outros legítimos superiores” e explique:

Honrar significa respeitar, obedecendo, ajudando, agradecendo. Sobretudo quando o pai ou a mãe precisa de nós. E porquê?...

Porque eles são, entre as pessoas que Deus nos deu para nosso bem, das mais importantes. Quantas coisas os nossos pais nos dão! Quanto bem nos fazem!

Os pais, os avós, outros familiares, professores, catequistas, etc.. São todos aqueles que, ali, se chamam “legítimos superiores” Chamam-se assim, porque têm responsabilidades importantes para connosco: educar-nos, dirigir-nos, em casa, na escola, no local de trabalho.

Vamos ao Mandamento seguinte, no versículo 17, que vai ser lido pelo/a...

2ª criança (Dt 5, 17):

Não matarás.

Catequista:

Depois de afixar (ou mandar fazê-lo à criança que leu), por baixo do dístico anterior, o dístico “Não matar nem causar outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo”, explique:

Matar alguém, ou a si próprio, é uma coisa muito, muito má. É dar cabo, destruir a vida que Deus nos dá.

Digam lá: eram capazes de fazer isso? Só ao pensar nisso, até nos arrepiamos.

Mas podemos fazer (*lendo do placar*) “outros danos no corpo ou na alma” que também são maus. Às vezes até podem causar a morte: bater, ferir, aleijar; ou então, desprezar; levar o outro a fazer o mal, a pecar... É como quererem fazer uma partida a alguém e pedirem a outra pessoa para fazer esse mal, para não serem apanhados!

São danos que podem fazer muito mal aos outros... e a nós próprios. Porque a violência pode provocar mais violência.

E que mais devemos fazer? Vamos ao Mandamento seguinte, o que vem no versículo 18 e vai ser lido pelo/a (*nome*):

3ª criança (Dt 5, 18):

Não cometerás adultério.

Catequista:

Comete adultério o marido ou a esposa que não respeitam o seu amor e a sua família: o marido que, estando casado, quer estar com outra mulher; ou a mulher que faz o mesmo com outro homem que não é o seu marido.

Ao fazerem isto, estão a faltar ao amor um ao outro, a causar muito sofrimento, a destruir a sua família.

Mas isso também se aplica a pessoas não casadas, porque todos devemos respeitar as famílias, a nossa e a das outras pessoas. Por isso, nós escrevemos este Mandamento com estas palavras:

*O catequista afixe (ou peça à criança que leu para o fazer), por baixo do dístico anterior, o dístico “**Guardar castidade nas palavras e nas obras**” e explique:*

Quem diz palavras ou nomes feios e faz gestos ou acções maldosas e provocadoras, não está a guardar castidade, isto é, a ser justo, bondoso, respeitador dos outros, do seu corpo.

E digam-me: eram capazes de dizer palavras feias ou fazer essas coisas más com o colega cujo nome está na pedra que têm?...

E que mais não devemos fazer contra ele ou ela?

Vejam o Mandamento seguinte, o que vem no versículo 19, que o/a (*nome*) vai ler:

4ª Criança (Dt 5, 19):

Não roubar.

Catequista:

Pode-se roubar ou furtar de muitas maneiras. Querem ver?

*O catequista afixe (ou peça à criança que leu), por baixo do dístico anterior, o dístico “**Não furtar nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo**” e explique:*

Quem não entrega o que deve a outra pessoa, isto é, o guarda para si o que é de outra pessoa, de propósito; ou quem estraga o que pertence aos outros, só para estragar – não por acidente, mas por maldade: é como se estivesse a roubar.

Aquilo que pertence a uma pessoa deve ser respeitado: as suas roupas, os livros, os cadernos e lápis que vós usais. Custaram dinheiro e esforço a comprar, e fazem falta ao seu dono.

Respeitar as coisas das pessoas, é respeitar as pessoas. Por exemplo, quando vamos a casa de alguém, limpamos os pés antes de entrar, mexemo-nos com cuidado, não pegamos nas coisas que lá estão. Também procuramos manter o material da escola limpo, em boas condições, sem o estragarmos – as mesas, as cadeiras, os lavabos, os espaços para brincar – porque custou muito dinheiro ao nosso país, dinheiro dos impostos que os cidadãos pagam. Tudo isso é um sinal de respeito e de que somos pessoas de bem.

Ou então, por exemplo, conduzir com cuidado para não ter acidentes. E, se tivermos, pagar os estragos que fizemos.

Vejam que mais não devemos fazer aos outros. É o Mandamento do versículo 20 que o/a (*nome*) vai ler...

5ª criança (Dt 5, 20):

Não prestarás falso testemunho contra o teu próximo.

Catequista:

Levantar falso testemunho é inventar mentiras, falsidades contra os outros. Por isso juntamos mais estas palavras:

O catequista (ou a criança que leu) afixe, por baixo do dístico anterior, o dístico “Não levantar falsos testemunhos nem de qualquer outro modo faltar à verdade ou difamar o próximo” e explique:

Estão a ver? Podemos dizer ou fazer coisas que estraguem o bom nome, a boa fama dos outros, de tal modo que eles ficam com a fama de maus, e já ninguém lhes liga ou até os despreza.

Se alguém vos fizesse isso, como se sentiriam? Muito mal, não é?

É muito feio mentir, mesmo que seja para nos proteger. Por exemplo, se temos medo de um castigo, quando fazemos uma asneira. Mas devemos ser corajosos e não faltar à verdade.

Vamos aos dois últimos Mandamentos que vão ser lidos em conjunto, pelo/a (*nome*), porque vêm os dois no mesmo versículo, o 21.

6ª Criança (Dt 5, 21):

**Não cobiçarás a mulher do teu próximo
e não desejarás a sua casa, nem o seu campo,
nem o seu escravo, nem a sua escrava,
nem o seu boi, nem o seu jumento,
nem nada que lhe pertença.**

Catequista:

Neste Mandamento, Deus diz-nos para não cobiçar, isto é, não ter inveja dos outros e desejar o que é deles.

Mas, do que pertence aos outros, há coisas mais importantes do que outras. Por isso, dividimos este mandamento em dois.

No primeiro Deus manda não cobiçar ou desejar a esposa do outro homem ou o marido de outra mulher. Só desejar já é muito mau. Mas, como isto não se aplica só às pessoas casadas, escrevemos este mandamento com estas palavras:

O catequista (ou a criança que leu) afixe, por baixo do dístico anterior, o dístico “Guardar castidade nos pensamentos e nos desejos” e comente:

Invejar, pensar ou desejar fazer acções sujas, maldosas contra...por exemplo o colega a quem pertence a pedra que têm... Eram capazes disso?

E, de certeza, também não eram capazes disto:

O catequista (ou a criança que leu) afixe, por baixo do dístico anterior, o dístico “Não cobiçar as coisas alheias” e comente:

Podemos invejar também os brinquedos, telemóveis, livros, jogos, etc...

Invejar, cobiçar essas coisas dos outros, já é desejar-lhes mal. São capazes disso?...

Muito bem.

Uma vez que todos desejamos cumprir estes Mandamentos em que mostramos o nosso amor ao próximo, cantemos este **cântico**:

“Quero sempre viver” (1ª estrofe).

Após o ensaio da primeira estrofe, o catequista convide as crianças a cantá-la de pé, como sinal da sua prontidão para irem ao encontro daqueles a quem amam:

“Quero sempre viver” (1ª e 2ª estrofe).

2. Podem sentar-se.

Sabem por que razão cantamos “Aleluia” neste **cântico**? Que significa a palavra “Aleluia”?... “Louvai o Senhor”. Nós louvamos o Senhor, também quando fazemos o que Ele nos manda, incluindo o amor aos outros.

E, então, não são apenas os outros que ficam felizes. Nós também: felizes pelo bem que lhes fazemos e felizes por, deste modo, amarmos a Deus. É que os outros, conforme cantámos, são a imagem de Deus.

A começar por aquele colega de quem cada um tem a pedra. Ele ainda não sabe quem é. Mas sabe que esse colega já hoje rezou muito por ele. Como ele rezou e pensou noutro. E, deste modo, estamos todos unidos uns aos outros.

Mas, imaginem agora o seguinte: se o colega, por quem rezaram, fosse assaltado, roubado, maltratado, tanto, tanto, que até ficava à beira da morte... Que faríeis vós por ele?...

Deixar que as crianças se exprimam e concluir (conforme as respostas):

Vê-se que realmente amais muito o colega. Quantas coisas faríeis por ele!

Até estou cá a pensar: neste caso, de um colega que estivesse mesmo mal, quem seria o mais próximo dele? Pelo menos, se pudésseis, seríeis mesmo vós. Vós é que vos aproximáveis dele, vós é que vos tornaríeis o próximo dele, não é?

Próximo é aquele que se aproxima do outro, vai ao seu encontro, para ajudar, socorrer, salvar. Fazendo o bem, tornamo-nos mais próximos daquele a quem fazemos bem. E ficamos tão felizes por isso, não é?

Mas agora imaginem outra coisa: que esse colega era duma família ou duma terra ou dum país de quem vós não gostais nada. Sim, isso às vezes acontece. Na televisão, vemos muitos desses casos: famílias ou terras que andam em guerra umas contra as outras.

Se for o caso das crianças do grupo, o catequista concretize...

Se o colega, ou melhor, no lugar dele, estivesse uma pessoa dessas com as quais não simpatizamos nada; se calhar, até sentimos ódio por ela. Se fosse uma pessoa assim, eram capazes de lhe fazer o bem que há pouco disseram que fariam ao colega?...

Depois de ouvir as crianças:

3. Vamos ouvir Jesus.

Ainda se lembram do que Ele disse ao doutor da Lei, para ele e nós alcançarmos a vida eterna?

Só que ainda não lemos o resto do encontro entre eles. E o resto é muito interessante. Tem mesmo a ver com o que acabámos de falar.

Abram as Bíblias no Evangelho segundo S. Lucas, no capítulo 10, versículos 25 a 37.

*Após todas as crianças terem as suas Bíblias abertas em **Lc 10, 25-37**:*

Vamos ler também aquela parte que já lemos. Assim compreenderemos melhor o que vem a seguir.

Precisamos de três leitores:

– Para ler as palavras de S. Lucas, isto é, do narrador, é o/a...

– Agora, para as palavras de Jesus nos versículos 26, 28 e, depois, a partir do meio do versículo 30 até ao 36, e ainda o final do versículo 37. Como vêm é muita coisa. Mas são coisas muito importantes. Portanto, é preciso ler bem. Quem se oferece?

Se não, leia o catequista.

– Finalmente, para o doutor da Lei, nos versículos 25, 27, 29 e 37?...

Vamos ler, a pensar nas perguntas de que há pouco falávamos: um colega ferido e meio morto e se, no seu lugar, estivesse uma pessoa de quem não gostamos. Que faríamos nós?

Escutemos todos de pé, e os leitores podem ler dos seus lugares.

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho do Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Criança (narrador):

**Levantou-se um doutor da Lei
e perguntou a Jesus para O experimentar:**

Criança (doutor da Lei):

Mestre, que hei-de fazer para receber como herança a vida eterna?

Criança (narrador):

Jesus disse-lhe:

Criança (Jesus):

Que está escrito na Lei? Como lês tu?

Criança (narrador):

Ele respondeu:

Criança (doutor da Lei):

**Amarás o Senhor teu Deus
com todo o teu coração e com toda a tua alma,
com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento;
e ao próximo como a ti mesmo.**

Criança (narrador):

Disse-lhe Jesus:

Criança (Jesus):

Respondeste bem. Faz isso e viverás.

Criança (narrador):

Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus:

Criança (doutor da Lei):

E quem é o meu próximo?

Criança (narrador):

Jesus, tomando a palavra, disse:

Criança (Jesus):

**Um homem descia de Jerusalém para Jericó
e caiu nas mãos dos salteadores.**

**Roubaram-lhe tudo o que levava, espancaram-no
e foram-se embora, deixando-o meio morto.**

Por coincidência, descia pelo mesmo caminho um sacerdote.

Viu-o e passou adiante.

**Do mesmo modo, um levita que vinha por aquele lugar,
viu-o e passou também adiante.**

**Mas um samaritano, que ia de viagem,
passou junto dele e, ao vê-lo, encheu-se de compaixão.**

**Aproximou-se, ligou-lhe as feridas deitando azeite e vinho,
colocou-o sobre a sua própria montada,
levou-o para uma estalagem e cuidou dele.**

**No dia seguinte, tirou duas moedas,
deu-as ao estalajadeiro e disse:**

**«Trata bem dele; e o que gastares a mais
eu te pagarei quando voltar».**

**Qual dos três te parece ter sido o próximo
daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?**

Criança (narrador):

O doutor da Lei respondeu:

Criança (doutor da Lei):

O que teve compaixão dele.

Criança (narrador):

Disse-lhe Jesus:

Criança (Jesus):

Então vai e faz o mesmo.

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Após todas as crianças se sentarem.

Gostaram da história ou parábola que Jesus contou?...

E qual foi a figura de que gostaram mais?...

E se calhar não sabiam que os samaritanos eram umas pessoas que os judeus odiavam, ofendiam e maltratavam.

E afinal quem é que fez bem, socorreu aquele homem meio morto na estrada?

Isto também vós faríeis, não é verdade? Não faríeis como aquele sacerdote e aquele levita. O sacerdote e o levita eram pessoas que trabalhavam no templo, na casa de Deus em Jerusalém.

E, afinal, perante uma pessoa da sua terra, quase a morrer, fecharam-lhe os olhos.

Vós não faríeis isso. Vós ajudaríeis. Tanto como aquele samaritano.

Mas pensem bem: aquele samaritano também era inimigo dos Judeus. E vós seríeis capazes de fazer tanto bem, até de gastar o vosso dinheiro, por um inimigo? Por alguém de quem não gostam? Ora digam lá, com sinceridade?...

Após ouvir as crianças e adaptando-se às respostas:

Eu penso que sim. Mesmo tratando-se de um inimigo, temos de pôr-nos no lugar de quem está mesmo a morrer. Se fôssemos nós que estivéssemos nessa condição, a morrer, não gostaríamos que alguém, mesmo inimigo, se aproximasse de nós, para nos socorrer, nos salvar? Alguém que fosse mesmo o nosso próximo?...

Pois bem: então é isso que devemos fazer aos outros: aproximar-nos de quem precisa, sem olhar à terra, à raça, à cor, à língua: mesmo inimigos. Porque Deus disse-nos que devemos amar o próximo como a nós mesmos.

Foi o que fez Jesus: Ele amou e perdoou mesmo os que o mataram.

E quem é amigo de Jesus, tem de procurar fazer o mesmo.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Bom: se estamos pelo menos dispostos a amar a todos, a sermos o próximo de todos, aproximamo-nos de todos os que precisam de nós... Se estamos dispostos a isso, então...

Então já nos podemos aproximar daquele colega que tem o nome na pedra que cada um recebeu. Finalmente cada um vai saber quem rezou tanto por ele, durante a semana e nesta catequese.

Rezou para quê? Para que amemos a Deus e os outros, todos os outros, sejam eles quem forem. Porque Deus ama a todos e quer ver-nos todos amigos.

Por isso, antes de cada um entregar pedra ao colega a quem ela pertence, e receber a sua, vamos cantar mais uma estrofe do **cântico**:

“Quero sempre viver” (3ª estrofe).

Para a entrega, siga-se uma destas alternativas:

– Se o **grupo** for **grande** e/ou o tempo escasso, cada criança procure o colega e entregue-lhe a pedra.

– Se o **grupo** for **pequeno** e houver tempo, cada um desloque-se à frente e chame pelo colega cujo nome tem na sua pedra. Este, depois de a receber, chame por aquele a quem pertence a que tem e assim sucessivamente.

Em ambas as alternativas, a criança (e catequista) que recebe a pedra, tenha um gesto ou uma palavra de gratidão para com o colega que lhe entregou, pela oração que fez por ele.

*No final, cante-se, de novo, o **cântico** (de mãos dadas ou batendo palmas):*

“Quero sempre viver” (4ª estrofe).

2. Compromisso

Até à próxima catequese, proponho que cada um volte a ler a parábola de Jesus sobre o Bom Samaritano. Depois de a ler, faça um ou mais desenhos dela e ilustre-os a seu gosto, na folha que vai receber.

E, no desenho, escrevam dois nomes, junto de duas figuras da parábola: numa, o vosso nome e, na outra, o nome de uma pessoa que precise da vossa ajuda, se calhar, de quem vós não gostais tanto.

Se puderem fazer alguma coisa por essa pessoa, registem isso na folha.

E tragam-na, juntamente com a pedra, para a próxima catequese.

3. Para guardar na memória e no coração

Mandamentos da Lei de Deus sobre o nosso amor ao próximo:

4. Honrar pai e mãe e os outros legítimos superiores.

5. Não matar nem causar outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo.

6. Guardar castidade nas palavras e nas obras.

7. Não furtar nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo.

8. Não levantar falsos testemunhos nem de qualquer outro modo faltar à verdade ou difamar o próximo.

9. Guardar castidade nos pensamentos e nos desejos.

10. Não cobiçar as coisas alheias.

Catequese 27

“A PALAVRA DE DEUS É VIVA” (Heb 4, 12)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. “Nem só de pão vive o homem”...

E Jesus acrescenta: *mas de toda a palavra que sai da boca de Deus (Mt 4, 4)*. É uma afirmação de peso redobrado, porque, antes de ser pronunciada por Jesus, já era Palavra de Deus. E Jesus faz questão de o dizer, ao introduzi-la com a chamada fórmula de citação: *Está escrito*.

E estava mesmo: em **Dt 8, 3**, inserida numa situação do povo de Israel idêntica àquela em que se encontrava Jesus: a do deserto, onde o ser humano mais sente as suas limitações e fragilidades e a conseqüente necessidade de tudo tentar para poder sobreviver. Tentativas que se podem transformar em tentação: a de romper com Deus, o único e verdadeiro Autor e Senhor da vida ou, ao contrário, a de reforçar a confiança n’Ele. Neste segundo desfecho, através da sua Palavra.

Foi o caso de Jesus que, imediatamente antes, no auge do seu Baptismo, ouvira já *uma voz vinda do Céu a dizer: «Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu enlevo»* (Mt 3, 17). Uma declaração de Deus, toda ela inspirada na sua Palavra, já escrita: a do Sl 2, 7; Gn 22, 2 e Is 42, 1. Foi com esta Palavra, saída da boca de Deus, que Ele (sobre)viveu nos 40 dias de jejum no deserto e venceu a (compreensível) tentação de transformar pedras em pão, unicamente para proveito próprio.

O mesmo se passou com o povo de Israel, não apenas nos 40 anos de provações por que passou, a seguir à libertação do Egito, mas durante todo o resto da sua existência, dentro e fora da terra para onde o Senhor o conduzia. O livro do Deuteronomio foi escrito para isso: para mostrar ao povo, em gerações sucessivas, o que Deus, no passado, por ele realizara e, deste modo, o manter vivo em novos “desertos” que teve de enfrentar. E foi durante o mais duro de todos eles – o do exílio na Babilónia, a partir sobretudo de 587 – que este livro bíblico, juntamente com os restantes do Pentateuco, teve a sua redacção definitiva e se tornou uma das principais fontes de vida para todos os que dele se passaram a alimentar, como Palavra de Deus, incluindo o próprio Jesus.

Não admira, por isso, que a própria Bíblia, repetidas vezes, chame a atenção para a energia vivificante da Palavra de Deus por ela transmitida. Por exemplo, em **Is 55,10-11**: *Assim como a chuva e a neve descem do céu, e não voltam mais para lá, senão depois de empapar a terra, de a fecundar e fazer germinar, para que dê semente ao semeador e pão para comer, o mesmo sucede à palavra que sai da minha boca: não voltará para mim vazia, sem ter realizado a minha vontade e sem cumprir a sua missão*.

E a sua missão, conforme é sugerido pela comparação, não é outra senão a de ser “pão para comer” e, conseqüentemente, alimentar. A quem? Originariamente era, mais uma vez, aos exilados na Babilónia a quem o profeta – o chamado Segundo Isaías, cujas profecias se encontram em Is 40-55 – anunciava o fim do exílio e a possibilidade do regresso à Palestina.

E não há dúvida de que a sua palavra surtiu efeito. Dela e de outras que se seguiram (designadamente a do Terceiro Isaías em Is 56-66), formou-se uma comunidade

religiosamente muito mais pura, porque mais centrada na relação com Deus, nomeadamente a partir das sinagogas, fundadas nesta época post-exílica para a leitura da sua Palavra.

Em todo este processo, foram de capital importância os agentes humanos que Deus foi chamando para serem transmissores da sua Palavra, muitos deles através de meios que mostram o dinamismo dessa mesma Palavra. Um dos exemplos mais significativos é o do profeta Ezequiel, a quem Deus, na cena central do seu chamamento – descrita em **Ez 2,8-3,3** – começa por ordenar:

2. “Abre a boca e come o que te vou dar”

E Deus deu-lhe *um manuscrito enrolado*. A Palavra nele contida, por estar já escrita e, para mais, pelo próprio Deus, significa que é inalterável e definitiva (o escrito está escrito). A vontade e o plano de Deus em relação aos seus destinatários tem, pois, de cumprir-se:

– Em primeiro lugar, no próprio profeta, que vê o rolo (2, 9), o recebe (3, 2) e o come, para dele se saciar e alimentar (3, 3). Penetra assim no seu ser, faz-se carne na sua carne. Nele, um simples *filho de homem*, isto é, com todos os limites e fragilidades de uma mera criatura humana, passa a falar o próprio Deus: *Filho de homem, vai ter com a casa de Israel e comunica-lhe as minhas palavras* (3, 4). Esta é a primeira ordem que recebe de Deus, depois de comer o seu manuscrito.

Que esta Palavra, encarnada na sua vida, cria nele uma energia sobre-humana, é dito um pouco a seguir. Perante a *cabeça dura* e o *coração obstinado* daqueles a quem irá falar, diz-lhe Deus: *Eis que tornei a tua face dura como a deles e a tua cabeça dura como a deles. Vou tornar a tua testa rija como diamante, que é mais duro que a rocha. Não tenhas medo diante deles, porque são gente rebelde* (3, 7-9).

Mas nada disto acontece sem a livre adesão do profeta. Imediatamente antes de lhe mostrar o rolo, Deus pede-lhe: *Não sejas rebelde como este povo de rebeldes* (2, 8). E porque ele, de facto, abriu a boca e o coração ao livro que Deus lhe ofereceu, o primeiro resultado foi este: *Comi-o e ele foi, na minha boca, doce como o mel* (3, 3).

– Não iria ser o mesmo com o povo a quem ele, em nome de Deus, iria falar. Para os exilados, o livro continha o que o profeta nele lê: *Prantos, gemidos e lamentações* (2, 10). A amargura que o título exprime pode entender-se em dois sentidos, de acordo com as duas faces da actividade profética de Ezequiel, a seguir, respectivamente ao ano 597 (em que Jerusalém foi tomada, mas não destruída, pelos exércitos babilónicos e foi levado para o exílio um primeiro grupo de judeus, entre eles Ezequiel) e ao ano 587 (em que Jerusalém foi arrasada e houve novas deportações). Enquanto na primeira fase Ezequiel foi, sobretudo, um profeta da desgraça, tentando convencer o povo de que o exílio se devia à sua rebeldia contra Deus, na segunda tornou-se um profeta da esperança (anunciando já o fim da amargura causada pelo exílio). Num caso como no outro, apelando à comunhão com Deus, pela adesão à sua Palavra.

Que ela, ainda hoje, nos é oferecida em forma de livro que, alegoricamente, somos convidados a comer, é-nos dito na DV 21: “A Igreja venerou sempre as Sagradas Escrituras, como venera o próprio Corpo do Senhor, não deixando, sobretudo na Sagrada Liturgia, de tomar e distribuir aos fiéis o pão da vida, na mesa tanto da Palavra de Deus como do Corpo de Cristo”. Uma só mesa, portanto: a da Palavra escrita, que também fala da *Palavra que se fez carne* (Jo 1, 14) – a mesma que Ele, Cristo, nos oferece na Eucaristia... para sermos:

3. Uma casa alicerçada sobre a rocha

A expressão resume a parábola contada por Jesus em **Lc 6, 46-49**, acerca da resistência perante tempestades e inundações, não apenas de duas espécies de casas, como sobretudo dos seus proprietários e/ou habitantes. Tudo depende do fundamento: no dizer de Jesus, de escutar e pôr em prática (ou não) as suas palavras (v. 47).

E as palavras a que, imediatamente, se refere, começam com as bem- (e mal-) aventuranças (Lc 6, 20-26) e insistem, a seguir, num radical amor ao próximo, em que estão particularmente incluídos os inimigos (6, 27ss). Que não é fácil pô-las em prática, sobretudo as últimas, todos o sabemos, talvez até por experiência própria. Mas a mesma experiência também nos diz que Jesus tem razão: que o mais natural, isto é, mais consentâneo com a natureza, na sua imprescindível vertente social, é este amor sem limites.

Quer isto dizer que o cumprimento, ou não, das palavras de Jesus não depende apenas da razão e da vontade humana. De que mais, então? – Do que Jesus nos diz, precisamente no centro do seu ensinamento: *Sede misericordiosos, na medida em que o vosso Pai é misericordioso* (6, 36). Repare-se na tradução: *na medida em que* e não simplesmente *como*. O advérbio grego correspondente (*kathôs*) tem um sentido não somente comparativo, mas também causal. Isto é, a misericórdia de Deus, para ser seguida como modelo, tem, primeiro, de ser acolhida como causa, fonte criadora da misericórdia que se manifesta num amor (*agápê*) cuja única medida seja a necessidade e o bem do outro.

Que é assim que Deus nos ama, pode ver-se já na cena que precede o ensinamento de Jesus: depois da eleição dos Apóstolos no monte da oração a Deus (6, 12-16), desceu com eles para a planície onde se concentravam todas as misérias humanas, e Ele *a todos curava* (6, 17-19). Uma misericórdia, completada pela palavra que dirige aos discípulos: primeiro, com o anúncio do Evangelho aos pobres (6, 20-26) e, só a seguir, com a exortação a um amor à mesma medida. Isto é, só depois de comermos e nos saciarmos com as palavras vividas e proclamadas por Jesus, estamos em condições de as pormos em prática. A fé na e pela Palavra de Deus escutada, só essa fé nos pode capacitar para a sua vivência no amor – *a fé que actua pelo amor* (Gal 5, 6).

E é também neste sentido que se deve compreender o que nos é dito em **Heb 4, 12**: *que a Palavra de Deus é viva, eficaz, mais penetrante que uma espada de dois gumes...* Trata-se de uma afirmação que conclui uma parte da mesma carta que começa com a indicação do modo novo e insuperável como *Deus, nestes dias, que são os últimos, nos falou por meio do Filho* (1, 2). É d'Ele – Sumo-Sacerdote feito vítima, pelo total dom da vida – que nos alimentamos... para ser Ele a rocha segura sobre a qual construimos uma casa inabalável e acolhedora – com a Palavra que Ele, mais do que ninguém, incarnou. É esta Palavra que, permanentemente, re-incarna naqueles que, por meio d'Ele, a põem em prática... designadamente na catequese e na vida de quem a ela se dedica.

OBJECTIVOS

- Aperceber-se da energia vivificante oferecida pela Palavra de Deus da Sagrada Escritura aos que a acolhem pela fé;
- Saborear e agradecer ao Senhor os frutos produzidos pela sua Palavra, nomeadamente neste ano catequético;
- Reforçar o compromisso de pôr em prática a Palavra do Senhor.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese é a primeira dum ciclo que culminará com a festa da Palavra e no qual são abordadas algumas características que fazem da Bíblia o Livro da Palavra de Deus, a começar pelo seu poder vivificante. Nada melhor para que as crianças se apercebam disso do que a sua própria experiência, vivida ao longo do ano catequético. Tem sido na progressiva descoberta da Bíblia que elas mais têm recebido dela. Na impossibilidade de percorrer todas as catequeses anteriores, parte-se das últimas, cuja mensagem é, de resto, uma síntese de tudo aquilo a que a Bíblia pretende conduzir: à vivência do amor a Deus e ao próximo – palavras de vida eterna, pela quais as crianças louvam o Senhor.

2. Como apoio simbólico, são propostos dois dos motivos que mais têm sido explorados: o do livro, neste caso apresentado pela própria Bíblia (o Livro) através da experiência vocacional do profeta Ezequiel; e o da pedra que também entra na construção a que Cristo se refere com a parábola da casa construída sobre a rocha. Note-se como os dois símbolos se juntam na 2ª leitura bíblica proposta: as crianças lêem-na, tendo a pedra com o seu nome precisamente junto da página do livro que lêem.

3. E os dois motivos voltam a juntar-se na (última) Expressão de fé: (só) as crianças que (livremente) se dispõem a pôr em prática a Palavra de Cristo, depositam de novo a sua pedra junto da Bíblia que se encontra sobre a pedra que simboliza Cristo, pedra angular da Igreja que vive da sua Palavra. Um gesto, também ele, acompanhado da confissão de fé que lhe dá sentido, expressa no cântico: “Tu tens palavras de vida eterna.”

MATERIAIS

- Desenho de uma igreja (catequeses anteriores);
- Dísticos: “NÓS SOMOS PEDRAS VIVAS”; “CRISTO É A PEDRA ANGULAR”; “AMAR A DEUS”; “Adorar a Deus e amá-l’O sobre todas as coisas”; “Não invocar o santo nome de Deus em vão”; “Santificar os Domingos e as festas de guarda”; “AMAR O PRÓXIMO”; “Honrar pai e mãe e os outros legítimos superiores”; “Não matar nem causar outro dano no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo”; “Guardar castidade nas palavras e nas obras”; “Não furtar nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo”; “Não levantar falsos testemunhos nem de qualquer outro modo faltar à verdade ou difamar o próximo”; “Guardar castidade nos pensamentos e nos desejos” e “Não cobiçar as coisas alheias” (catequese anterior);
- Três folhas, cada qual com uma das estrofes 20, 21 e 22 do cântico: “Tu tens palavras de vida eterna”;
- Dístico: “Ez 2,8-3,4”;
- Uma pedra para suporte da Bíblia (catequeses anteriores);
- A Bíblia de mesa;
- Uma vela do tipo círio pascal;
- Pedras com os nomes das crianças (catequeses anteriores);
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas desde a catequese anterior;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, para preencher até à próxima catequese;
- Bíblias das crianças.

MÚSICA

“Tu tens palavras de vida eterna”.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- O **placar** tem as mesmas coisas que tinha no final da catequese anterior: ao centro, o desenho de uma igreja, com nomes sugeridos pelas crianças; ao alto, o dístico “NÓS SOMOS PEDRAS VIVAS”; ao fundo, o dístico “CRISTO É A PEDRA ANGULAR”; do lado direito, os dísticos (de cima para baixo) “AMAR A DEUS”, “Adorar a Deus e amá-l’O sobre todas as coisas”, “Não invocar o santo nome de Deus em vão” e “Santificar os Domingos e as festas de guarda”; do lado esquerdo, os dísticos (de cima para baixo) “AMAR O PRÓXIMO”, “Honrar pai e mãe e os outros legítimos superiores”, “Não matar nem causar outro dano no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo”, “Guardar castidade nas palavras e nas obras”, “Não furtar nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo”, “Não levantar falsos testemunhos nem de qualquer outro modo faltar à verdade ou difamar o próximo”, “Guardar castidade nos pensamentos e nos desejos” e “Não cobiçar as coisas alheias”.
- Sobre a **mesa**: como na catequese anterior, ao centro, uma pedra com a Bíblia por cima; por trás, uma vela do tipo círio pascal, acesa.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Já há algum tempo que não cantamos aqui o *cântico* “**Tu tens palavra de vida eterna**”. De todos, é o *cântico* mais parecido com o título do nosso catecismo.

Depois das últimas catequese, acho que devíamos voltar a cantá-lo.

É que aquilo que Jesus nos tem dito ultimamente são mesmo palavras de vida eterna. Sobretudo depois daquela pergunta feita por um doutor da Lei e por nós. Lembram-se qual foi?...

Isso mesmo: “Mestre, que hei-de fazer para receber como herança a vida eterna?”

Então, repitam comigo a pergunta, mas dirigida a Jesus:

“Mestre, que hei-de fazer para receber como herança a vida eterna?”

A vida eterna é também nossa, (*apontando para o placar*) por sermos pedras vivas do templo do Senhor. Um templo do qual Cristo, morto e ressuscitado, é a pedra angular. Somos pedras, escutando a Palavra de Deus, amando o nosso próximo, isto é, sendo bons e justos para com as outras pessoas e cumprindo o que Jesus nos pede.

Então, se nos lembramos da pergunta, certamente que também sabemos a resposta de Jesus. Vamos fazer uns testes, para ver se sabem mesmo:

Eu vou colocar no placar umas folhas com mais alguns versos do *cântico* “**Tu tens palavras de vida eterna**”.

E vós, a partir das palavras dos versos, tentais descobrir qual a resposta de Jesus acerca do que fazer para recebermos a vida eterna.

O catequista afixe, sobre o desenho da igreja (ao meio) uma folha com a estrofe:

Vida em definitivo

Só desta palavra eu vivo:

Só a Deus adorará!

Se, pela distância, as crianças não conseguirem ler, o catequista, peça a uma delas que vá à frente lê-la. Neste caso, pode ser antes de a afixar.

Depois explique:

“Em definitivo” quer dizer para sempre, eternamente. Portanto, “vida em definitivo”, que vida é?... Eterna.

Vejam agora o que está escrito a seguir. A que palavra de Jesus se refere a última linha?...

Exacto: é o primeiro Mandamento da Lei de Deus. E, com ele, os outros dois modos de amarmos a Deus.

Quem é que já sabe os três de cor? Os que não souberem ainda, podem ler do placar ou do catecismo. Então digamos todos, ao mesmo tempo:

1º. Adorar a Deus e amá-l'O sobre todas as coisas.

2º. Não invocar o santo nome de Deus em vão.

3º. Santificar os Domingos e as festas de guarda.

São palavras de vida eterna, não são?...

Então cantemos a Jesus a estrofe do **cântico**:

“Tu tens palavras de vida eterna” (20ª estrofe).

*2. O catequista mude a folha com esta estrofe para perto dos dísticos com os mandamentos do Decálogo sobre o amor de Deus e afixe, ao centro, outra **folha**, mas com a seguinte estrofe:*

“Se viver com Deus em paz

Vou de tudo ser capaz.

Sempre a todos amarei!”

Para a sua leitura, faça-se como na estrofe anterior. A seguir o catequista pergunte:

A que palavras de Jesus se refere este verso?...

Formidável: ao nosso amor ao próximo.

E quem já sabe de cor todos os sete Mandamentos para amar o próximo?...

Olhem que também estes são para decorar. Também eles fazem parte da Lei que Deus deu ao seu povo, com a aliança no monte Sinai. E foram confirmadas por Jesus. Quem não os souber, depois tem mais dificuldade de pô-las em prática.

Vamos todos dizê-los, para assim os fixarmos melhor.

Mas, uma vez que se trata do nosso amor aos outros, vamos dizê-los de outro modo: em cadeia. Eu explico:

Para uma criança que esteja numa ponta:

– O/a (*nome*) diz o 4º, de viva voz, enquanto os colegas acompanham, mas baixinho.

– Depois o/a (*nome*), que está sentado a seguir, faz o mesmo com o 5º, e nós acompanhamo-lo outra vez de baixa voz.

– E assim continua com os meninos e meninas a seguir, até ao/à (*nome da 7ª criança*).

Deste modo, estamos a mostrar o que acontece, ao pô-los em prática: completamo-nos uns aos outros, em cadeia, como é próprio de quem ama.

1ª criança (de uma ponta):

4º. Honrar pai e mãe e os outros legítimos superiores.

2ª criança (a seguir):

5º. Não matar nem causar outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo.

3ª criança (a seguir):

6º. Guardar castidade nas palavras e nas obras.

4ª criança (a seguir):

7º. Não furtar nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo.

5ª criança (a seguir):

8º. Não levantar falsos testemunhos nem de qualquer outro modo faltar à verdade ou difamar o próximo.

6ª criança (a seguir):

9º. Guardar castidade nos pensamentos e nos desejos.

7ª criança (a seguir):

10º. Não cobiçar as coisas alheias.

Muito bem. Vamos ver se agora conseguimos cantar tão bem como leram. Mas, a cantar, juntamos todas as vozes. Também é um sinal do nosso amor, da nossa união, cantar a uma só voz.

Cantemos então a estrofe que está no placar, sobre o nosso amor ao próximo:

“Tu tens palavras de vida eterna” (21ª estrofe).

3. *O catequista mude a folha para junto dos dísticos com os mandamentos sobre o amor ao próximo e, depois, pergunte:*

Repararam bem nas palavras da última linha deste verso?...

“Sempre a todos amarei” – Sempre e todos...

Ainda se lembram do que Jesus nos contou sobre isso? Quando o doutor da Lei lhe perguntou “quem é o meu próximo”, como respondeu Ele?...

Muito bem. Quer dizer que voltaram a ler a **parábola do Bom Samaritano**. É mesmo linda, não é?

E como é que a desenharam? Mostrem lá...

Ficou combinado que, no desenho, iam escrever dois nomes: o vosso e o de uma outra pessoa.

Quem escreveu o seu nome junto daquele sacerdote?...

E junto do levita que também trabalhava no templo?...

Percebo: ninguém está de acordo com o que esses dois fizeram. Graças a Deus, os sacerdotes de hoje não são (ou não devem ser) assim. Nem então, de certeza, todos eram assim.

E quem escreveu o seu nome junto do... homem meio morto?...

Aí, de certeza, escreveram outro nome. Antes de vermos qual é, digam-me então onde escreveram o vosso nome...

Muito bem. Também vós quereis ser misericordiosos, como aquele samaritano. Foi tão misericordioso e bondoso, que fez tudo o que pôde, e até mais, por aquele homem a morrer. Tornou-se o próximo dele, ao aproximar-se para tratar dele tão bem.

E, agora, digam-me que nome colocaram junto desse de quem vós também quereis aproximar-vos, mesmo tratando-se de um estrangeiro e inimigo...

O catequista ouça algumas crianças, perguntando as circunstâncias em que vive a pessoa cujo nome escreveu e, sobretudo, se fizeram alguma coisa por ela. Mas não se alongue. O importante é que as crianças se apercebam da lição da parábola.

No fim da partilha, comente:

Admiro a vossa coragem.

Sabem quem é que dá esta coragem para fazer o bem? Dissemos há pouco, cantando – é Deus quem a dá:

**“Se viver com Deus em paz,
Vou de tudo ser capaz”.**

Quem vive em paz com Deus, amando-O de todo o coração, recebe d’Ele uma coragem semelhante à daquele samaritano e à de Jesus.

Sim. O que fez aquele samaritano era o que Jesus fazia. Aquele samaritano representa também Jesus... que tanto nos ama e a quem por isso, também nós, procuramos amar. Afinal, é sobretudo n’Ele que Deus está presente.

E se nós cantássemos a Jesus mais outro verso do nosso **cântico**?

O catequista afixe, ao centro do placar, uma folha com a estrofe:

**“Com Jesus, a quem me dei
Vou cumprir a sua lei:
Vou viver no seu amor!”**

De seguida, convide as crianças a cantá-la.

*Se o grupo for capaz, pode cantar **em cânon**, musicalmente expressivo da harmonia (nas diferenças) que deve haver entre pessoas que se amam.*

II. PALAVRA

1. Estou a pensar numa coisa: ao ver tudo o que temos feito, nestas catequeses e durante o ano, com a Bíblia, parece-me que estão a acontecer connosco duas coisas de que a Bíblia fala:

– Uma tem a ver com um livro. Não é a Bíblia, nem nenhum livro da Bíblia. Mas, é um livro especial de que se fala nela.

– A outra coisa tem a ver com as pedras: as que têm o nosso nome e representam o que somos já, ou queremos ser ainda melhor: pedras vivas.

Vamos começar com esse tal livro de que se fala na Bíblia: é no livro do profeta Ezequiel de que já falámos aqui. Lembrem-se de Ele nos falar de Deus como nosso pastor?...

Pois bem: ele também nos fala de um livro muito interessante.

Abram as vossas Bíblias no livro de Ezequiel, capítulo 2, versículo 8, até ao capítulo 3, versículo 4 (*Ez 2, 8-3,4*).

O catequista pode afixar no placar, por cima da folha com estrofe 22 do cântico “Tu tens palavras de vida eterna”, o dístico “Ez 2, 8-3,4”.

Se já encontraram o texto, podem ler, cada um para si...

Após uns breves momentos para a leitura pessoal:

Se calhar, não perceberam tudo o que o profeta Ezequiel escreve aí. Eu vou explicar algumas coisas:

– Primeiro, a que propósito é que Ezequiel conta o que leram:

Antes, ele conta que Deus lhe apareceu, em forma de uma figura luminosa. Olhem, foi uma situação semelhante àquela que aconteceu com Moisés, a quem Deus apareceu numa sarça ardente.

A Ezequiel, Deus apareceu numa espécie de trono, o trono de um rei. É para mostrar que Ele, Deus, é o Senhor de tudo. A luz, em que aparece, significa que Deus é a luz que mais nos ilumina e orienta.

E que disse Deus a Ezequiel? Chamou-o para ser seu profeta: para falar ao povo em seu nome.

– E sabem onde se encontravam, ele e o povo? – Longe, muito longe da sua terra. Tinham sido levados, presos, para um país, chamado Babilónia. Já falámos aqui nisso, lembram-se?..

Primeiro, o imperador da Babilónia ocupou e arrasou a cidade de Jerusalém. Mas, não contente com isso, levou as pessoas mais importantes para longe do seu país.

Podem imaginar como aquela gente se sentia: tristes e desanimados; chorando, gemendo e lamentando a sua má sorte. Longe da sua terra e prisioneiros, não era para menos.

Eram pessoas que também não se tinham comportado muito bem. Em muitas coisas, tinham agido contra a vontade e os ensinamentos de Deus. Tinham sido rebeldes a Deus. E agora sentiam as consequências. Mais uma razão para os choros, gemidos e lamentações: por terem desobedecido a Deus e por sofrerem o castigo por isso.

– Pois bem: é a estas pessoas que Ezequiel vai ser enviado como profeta de Deus.

E para lhes mostrar que ele, como profeta, ia falar em nome de Deus, Deus explica a Ezequiel o que ele deve fazer. E tudo isso é contado nestes versículos que já leram. E agora vamos todos ler, em conjunto.

Para isso precisamos de dois leitores:

– Um que leia o que Ezequiel conta. Já repararam como Deus lhe chama?..

“Filho de homem”. Quer dizer que ele, Ezequiel, era um simples homem. E se vai ser profeta de Deus – uma coisa que nem todos podiam ser – é porque Deus lhe dá força e sabedoria, aquela que um simples homem ou filho de homem, sem Deus, não tem.

Então, quem se propõe para ler as palavras de Ezequiel?..

– Agora, um ou uma de vós pode ler as palavras de Deus?..

(Nome), repara que, logo no princípio, é Deus quem fala. Portanto, depois de eu ler a introdução, és logo tu a ler.

Podem ler do vosso lugar, mas de pé. Os outros ficam sentados e podem acompanhar pelas suas Bíblias.

Catequista:

Leitura da Profecia de Ezequiel:

Criança (Deus):

**Tu, filho de homem, escuta o que te digo:
Não sejas rebelde, como este povo de rebeldes.
Abre a boca e come o que te vou dar.**

Criança (Ezequiel):

**Eu olhei e vi um braço estender-se para mim,
tendo na mão um livro em forma de rolo.
Desenrolou-o diante de mim
e vi que estava escrito pelos dois lados
e continha prantos, gemidos e lamentações.**

Disse-me ainda:

Criança (Deus):

Filho de homem:

come o que tens diante de ti;

come este rolo e vai falar à casa de Israel.

Criança (Ezequiel):

Abri a boca e Ele deu-me o rolo a comer, dizendo:

Criança (Deus):

Filho de homem,

alimenta-te e sacia-te **com o rolo que te dou.**

Criança (Ezequiel):

Eu comi-o e tornou-se-me na boca tão doce como o mel.

Depois disse-me:

Criança (Deus):

Filho de homem, vai ter com a casa de Israel

E comunica-lhe as minhas palavras.

Catequista:

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

3. Agora, digam lá: não tem acontecido, aqui na catequese, uma coisa parecida com esta, contada por Ezequiel? Não temos nós andado também a “comer” um livro?...

É claro que comer, aqui, não é em sentido próprio: não comemos com a nossa boca e os nossos dentes. Mas com os nossos ouvidos e os nossos olhos.

E, como o alimento, que entra pela boca, nos faz fortes e capaz de realizar tantas coisas, isto é, contribui para a nossa vida – o mesmo tem acontecido com as palavras de Deus e Jesus que temos lido e ouvido.

De certo modo fazemos o mesmo: depois daquele gesto, daquele sinal, que foi comer o livro que Deus deu a Ezequiel, para ele falar em nome de Deus... de certo modo acontece o mesmo connosco: depois do que lemos e ouvimos da Bíblia, ficamos a conhecer melhor a Deus e Deus começa a manifestar-se mais em nós: naquilo que dizemos e fazemos. Ao conhecermos a Deus e a sua vontade, crescemos por dentro, ficamos com mais espaço para Ele, para a sua vontade.

Pensem, por exemplo, no que hoje aqui fizemos. Que palavras dissemos há pouco: primeiro em conjunto e a seguir em cadeia?...

Os Mandamentos da Lei de Deus que ouvimos nas catequese anteriores e alguns já sabem de cor. Passaram da Bíblia para dentro de nós, como alimento muito bom. Tão doce como o mel.

E nós não nos limitámos a dizê-los por palavras. Pensem no que fizeram, no que querem fazer por causa da parábola do bom samaritano que Jesus contou sobre o amor ao

próximo. Neste caso, aquela palavra de Jesus aparece no bem que ela nos leva e vai levar a fazer.

Portanto, em tudo isto, podemos dizer que temos andado a comer, ou melhor, a alimentar-nos da Bíblia, e que a Bíblia aparece também naquilo que nós, depois, dizemos e fazemos. A Bíblia contribui para a nossa vida e torna-se viva naquilo que dizemos e fazemos.

Por isso é que têm andado a fazer como que uma Bíblia pessoal, com todas esses textos e ilustrações da “Palavra de Deus na minha vida”, que tão bem têm trabalhado, com tanto esforço e dedicação. E, sempre, inspirados pela Palavra de Deus. Que belo! Quanto a Bíblia pode fazer em nós e por meio de nós!

4. Mas, vamos às nossas pedras: aquelas que têm o nosso nome e tanto nos têm acompanhado nas últimas catequeses – para cada um de nós ser uma pedra viva e alcançar a vida eterna.

Pois bem, Jesus, hoje, tem uma coisa a dizer-nos: uma coisa em que habitualmente entram pedras! E é, ao mesmo tempo, uma coisa que tem a ver com Jesus, palavra de Deus.

É um bocadinho complicado, mas agora, não digo mais nada, para ser uma surpresa. Sois vós a descobrir: abri as Bíblias no Evangelho segundo S. Lucas, capítulo 6, versículos 46 a 49.

Depois de todas as crianças terem aberto em Lc 6,46-49:

Podem ler, cada um para si, e assim prepararem a leitura de conjunto...

Após a leitura pessoal:

Então o que Jesus diz aí tem, ou não, a ver com pedras?...

Até são duas espécies de pedras: as que entram na construção de uma casa e a rocha onde é construída uma casa, para ser forte e segura, contra todas as tempestades.

Como vêem, é mais uma bela parábola de Jesus. Ele conta-a depois de transmitir uma série de ensinamentos e conselhos para ajudar as pessoas a viver bem: palavras muito importantes para quem quer ser seu discípulo e, sobretudo, ser feliz.

Só se pode ser feliz quando se faz o bem, quando se tem um coração bom e se ama o próximo.

A pergunta que vos faço é esta: mas basta ouvir o que Ele nos diz?...

Depois de as crianças se pronunciarem:

Pensastes muito bem: ouvimos Jesus, mas para, depois, fazermos o que Ele nos pede.

Por isso, o que Ele aqui diz tem também a ver com o modo como o pomos em prática – como no livro de que falámos há pouco.

Vamos, então, ler esta parábola de Jesus.

Na vossa opinião como é que a devemos ler, isto é, com quantos leitores?...

Depois de ouvir as crianças:

Como se trata de duas espécies de casas – uma segura e outra insegura – eu (também acho) que devem ser, pelo menos, dois leitores.

Mas falta um terceiro para a introdução, os versículos 46 e 47.

Então, podemos fazer assim:

– Eu leio a introdução, os versículos 46 e 47.

– Agora, para a parábola, quem se oferece para ser o homem com uma casa segura?...

Claro que todos querem ser uma casa segura. Ainda bem. É sinal de que querem fazer o que Jesus nos diz.

Mas, para ler de viva voz, é melhor ser só um. Até porque, na parábola, Jesus fala de um homem e de uma casa, não muitas. A casa que cada um quer e deve ser. Só para ler é que vai ser o/a (*nome*): é o versículo 48.

– Agora é preciso um para ler o que, certamente, ninguém quer ser: um homem com uma casa insegura, conforme diz Jesus no v. 49. Como é só para ler, e não fazer, quem se oferece?...Muito bem. É o/a (*nome*).

Como é Jesus a falar-nos, vamos todos pôr-nos de pé, com a Bíblia aberta e ainda outra coisa: a nossa pedra dentro dela, está bem? Os que lêem de viva voz também fazem isso, e lêem do seu lugar...

O catequista faça o mesmo com a sua pedra.

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista (Lc 6, 46-47):

Naquele tempo, disse Jesus aos discípulos:

**“Porque me chamais «Senhor, Senhor»,
mas não fazeis o que vos digo?**

**Vou mostrar-vos a quem se assemelha
todo aquele que vem ter comigo,
ouve as minhas palavras e as põe em prática.**

1ª criança (Lc 6, 48):

**É semelhante a um homem, que, para construir a casa,
escavou, aprofundou e assentou os alicerces sobre a rocha.
Quando veio uma cheia,
a torrente irrompeu contra aquela casa,
mas não a pôde abalar, porque estava bem construída.**

2ª criança (Lc 6, 49):

**Mas aquele que ouve as minhas palavras
e não as põem em prática,
é semelhante a um homem
que construiu a casa sobre a terra, sem alicerces.
A torrente irrompeu contra aquela casa,
que imediatamente desabou;
e foi grande a ruína.**

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Depois de as crianças se sentarem:

Digam-me: qual destes dois homens foi Jesus?...

E qual foi a maior tempestade que Ele sofreu?

E, nem com a sua morte na cruz, Ele se deixou abalar. Cumpriu a vontade de Deus até ao fim: ao dar a sua vida por nosso amor, Ele venceu a morte e ressuscitou para sempre.

Mais: com a sua morte e ressurreição, Ele tornou-se (*apontando para o respectivo dístico no placar*), Ele tornou-se a pedra angular, o fundamento da casa formada por todos os que O seguem e, com a força da sua palavra e do seu amor, procuram fazer sempre o que Ele e Deus nos dizem.

Estais dispostos a isso?...

Então, vamos mostrá-lo com um gesto:

– Cada um de nós que queira, realmente, fazer sempre o que Jesus e Deus nos dizem, vai colocar a pedra com o seu nome, outra vez, junto da Bíblia em que Jesus nos acaba de falar.

– Quando chegar junto dela, pode dar um beijo na Bíblia ou fazer outro gesto em que mostre a vontade de ser como o homem que construiu a sua casa sobre uma rocha segura – a rocha que é Jesus.

– E, enquanto nos aproximamos da Bíblia, em fila e levando a nossa pedra, cantamos o *cântico*:

“Tu tens palavras de vida eterna” (*estrofes 20, 21, 22 e 23*).

2. Compromisso

Depois de todas as crianças voltarem aos seus lugares:

Até à próxima catequese, vamos, mais uma vez, mostrar como a Palavra de Deus se manifesta na nossa vida. Como?

Leiam as palavras que Jesus nos diz, antes da parábola que Ele hoje nos contou. Comecem pelo capítulo 6 do Evangelho de S. Lucas, versículo 27. Podem dividir esses ensinamentos de Jesus por cada um dos dias da semana.

Na folha que vão receber, registem como é que, em cada dia, procuraram pôr em prática as palavras que leram: como é que elas passaram para o livro da vossa vida.

O catequista, depois de entregar as folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, conserve as pedras das crianças até à próxima catequese.

3. Para guardar na memória e no coração

Senhor,

felizes os que se alimentam da vossa Palavra

e a procuram pôr em prática:

nada os pode abalar.

Catequese 28

“TODA A ESCRITURA É INSPIRADA POR DEUS” (2 Tim 3, 16)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Porque a Escritura é inspirada...

Por ser *inspirada por Deus* (2 Tim 3, 16), é que a Escritura tem as seguintes características:

– Embora seja uma verdadeira biblioteca (73 livros, para os cristãos católicos) proveniente de muitos autores humanos, todos os seus livros formam um só. Até um dos nomes por que é mais conhecida – *Bíblia* – é expressão disso: sendo originariamente um genérico plural (à letra, *livrinhos*), tornou-se um singular, pelo menos desde que começou a ser usado como nome próprio. É o Livro (por excelência), por ter um só autor divino. Pela mesma razão:

– É o único livro reconhecido e venerado pelos crentes judeus (só Antigo Testamento) e cristãos (também o Novo Testamento) como *Livro Sagrado* (2 Mac 8, 23) ou *Escrituras Santas* (Rom 1, 2) ou *Sagradas* (2 Tim 3, 15), por ser expressão e propriedade especial do Deus que nelas fala. Por isso também:

– Tudo o que nelas se diz é acolhido como verdadeiro, no sentido dado pela DV 11: “Como, portanto, tudo aquilo que os autores inspirados ou hagiógrafos afirmam, deve ter-se como afirmado pelo Espírito Santo, por esse mesmo motivo deve proclamar-se que os livros da Escritura ensinam, com certeza, com fidelidade e sem erro, a verdade que Deus, para a nossa salvação, quis que fosse consignada nas Sagradas Escrituras.” Devido ainda a este objectivo e eficácia salvífica:

– São, todas elas, lidas e respeitadas como canónicas no sentido original de normativas de toda a vida da Igreja. Esta “sempre as considerou, juntamente com a sagrada Tradição, como regra suprema da sua fé, visto que, inspiradas por Deus e escritas de uma vez para sempre, nos comunicam imutavelmente a palavra do próprio Deus e fazem ouvir, através das palavras dos Profetas e dos Apóstolos, a voz do Espírito Santo. É necessário, portanto, que toda a pregação eclesial, bem como a própria religião cristã, se alimentem e se orientem pela Sagrada Escritura. Com efeito, nos Livros Sagrados, o Pai que está nos céus vem carinhosamente ao encontro dos seus filhos para conversar com eles. E é tão grande a força e a eficácia da Palavra de Deus, que se torna o sustentáculo vigoroso da palavra da Igreja, fortaleza da fé para os filhos da Igreja, alimento da alma, fonte pura e perene de vida espiritual” (DV 21).

Se tudo isto se deve à intervenção de Deus na formação dos livros bíblicos, é, pelo menos, de tentar saber como se deu:

2. O processo da inspiração bíblica

Segundo a DV 11, “os livros completos do Antigo e do Novo Testamento, com todas as suas partes, porque escritos sob a inspiração do Espírito Santo, têm Deus por autor e como tais foram confiados à Igreja. Todavia, para escrever os livros sagrados, Deus escolheu e serviu-se de homens na posse das suas próprias faculdades e capacidades para que, agindo neles e por meio deles, pusessem por escrito, como verdadeiros autores, tudo aquilo e só aquilo que Ele queria.”

Por um lado, portanto, Deus afecta de tal modo os autores humanos, durante todo o processo que leva à composição dos seus livros, que é Ele o autor. Por outro lado, os autores humanos não são simples instrumentos passivos: mantendo-se “na posse das suas faculdades e possibilidades”, são, como tal, “verdadeiros autores”. Ou seja, a obra é, na sua totalidade, do autor divino e do autor humano. Como conciliar os dois contributos?

A própria Bíblia nos sugere o caminho a seguir, ao considerar a palavra nela contida como **palavra da fé**: palavra em que, ao mesmo tempo, se realiza e exprime o acto de fé que, por sua vez, se deve, todo ele, simultaneamente a Deus e ao homem. É do homem, na medida em que ele “se entrega livre e totalmente a Deus (...), dando voluntário assentimento à revelação feita por Ele” (DV 5). E se tem plena consciência e liberdade no que faz e diz, então está na plena “posse das suas faculdades e possibilidades” (DV 11). Mas, “para professar a fé, é necessária a graça de Deus, que previne e nos ajuda, e os auxílios interiores do Espírito Santo, o qual move e converte para Deus o coração, abre os olhos do espírito e dá a todos o gosto de aceitar e crer na verdade” (DV 5). É, portanto, o próprio Deus quem nos move a acreditar n’Ele. Um pouco como acontece no amor, por exemplo, entre um pai e um filho: se este ama o pai deve-o ao amor que o pai tem por ele.

Vejamos como isto acontece nas três fases sucessivas da formação dos livros bíblicos:

– Tudo começa pela **evangelização**. No caso do Novo Testamento, pelo anúncio do seu acontecimento fundador: a ressurreição de Cristo. Paulo chama-lhe *palavra de fé* e explica porquê: *Porque se confessares com a tua boca: «Jesus é Senhor», e acreditares no teu coração que Deus O ressuscitou de entre os mortos, serás salvo* (Rom 10, 8.9). A confissão deve-se ao que Deus fez e que, pelo seu anúncio, é acolhido no coração.

E tanto o anúncio como a resposta de fé devem-se a Deus, através do seu Espírito: *Ninguém pode dizer: «Jesus é Senhor», senão pelo Espírito Santo* (1 Cor 12, 3); e aos cristãos de Tessalónica Paulo recorda como *o nosso Evangelho não se apresentou a vós apenas como simples palavra, mas também com muito poder e com muito êxito pela acção do Espírito* (1 Tes 1, 5). Quer dizer que no Evangelho actua o Espírito Santo. Por isso ele é acolhido como *palavra de Deus, a qual também actua em vós que acreditais* (2, 13).

Mas não deixa de ser também palavra de Paulo, na sua missão de Apóstolo, convertido por Jesus Cristo ressuscitado, *para O anunciar como Evangelho* (Gal 1, 16). Ou de Pedro que, a concluir o mesmo anúncio, confessa: *E nós somos testemunhas destas coisas, juntamente com o Espírito Santo que Deus tem concedido àqueles que lhe obedecem* (Act 5, 32).

– Segue-se a fase da **tradição** ou **transmissão** do mesmo Evangelho, que agora, pela catequese, é desenvolvido e adaptado à vida das comunidades crentes, para que elas se mantenham numa prática de vida de acordo com o Evangelho de que nasceram: *Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos* (Act. 2, 42), os mesmos que lhes haviam anunciado o Evangelho, eles e o Espírito Santo. É Ele a alma da Igreja, Corpo de Cristo, unindo os diferentes carismas que suscita *para proveito comum* (1 Cor 12, 7), como são os dos *Apóstolos, Profetas, Evangelistas e Mestres* (Ef 4,11). Repare-se como todos eles são ministros da palavra...

– Até à fase da **redacção** dos livros, em que o Evangelho e a sua Tradição passam a adquirir as virtualidades da palavra escrita: tornam-se inalteráveis e susceptíveis de serem lidos em todos os tempos e lugares. Que isso é feito em função da fé, é dito expressamente, por exemplo em Jo 20, 31: *Estes (sinais) foram escritos para crerdes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e, crendo, tenhais a vida em seu nome*. E que na sua redacção interveio o Espírito, é a promessa de Jesus na última Ceia: *O Paráclito,*

o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse é que vos ensinará tudo, e há-de recordar-vos tudo o que Eu vos disse (14, 26). Um ensino, porém, que não suprime as capacidades específicas de cada Evangelista. Basta ver como eles diferem, quer no conteúdo do Evangelho, quer na forma e no estilo literário usado.

Mas este processo da inspiração exige uma quarta fase:

3. A leitura inspirada

Diz-nos a DV 24 que “As Sagradas Escrituras contêm a Palavra de Deus e, por serem inspiradas, são verdadeiramente palavra de Deus.” Isto é, nos momentos em que são lidas e/ou escutadas, “o Pai que está nos céus vem carinhosamente ao encontro dos seus filhos para conversar com eles” (Ibidem 21). Mas só se forem lidas segundo o mesmo Espírito com que foram escritas.

Já em 2 Ped 1, 19-21 se chama a atenção para isso. Depois de comparar a Escritura a *uma lâmpada que brilha num lugar escuro*, avisa: *Mas, antes de tudo, tende presente que ninguém pode interpretar por si mesmo uma profecia, porque jamais uma profecia foi proferida por vontade de um homem; mas, sendo movidos pelo Espírito Santo, é que certos homens falaram da parte de Deus.*

Há, portanto, que respeitar a sua dimensão divina, sem, porém, descuidar a humana. Como acontece com Cristo: “As palavras de Deus, expressas por línguas humanas, tornaram-se semelhantes à linguagem humana, como outrora o Verbo eterno do Pai se assemelhou aos homens, assumindo a carne da fraqueza humana” (DV 13). É desta comunhão de naturezas que parte a Mensagem do Sínodo dos Bispos ao Povo de Deus (Roma, 5-26.10.2008, nº 5) nas orientações relativas à interpretação da Sagrada Escritura:

– “Devido à sua «carne», ela exige uma análise histórica e literária, que se realiza através dos diversos métodos e abordagens oferecidos pela exegese bíblica. Todo o leitor das Sagradas Escrituras, mesmo o mais simples, deve ter um conhecimento proporcionado do texto sagrado, lembrando-se de que a Palavra está revestida de palavras concretas, às quais se ajusta e adapta, para ser audível e compreensível para a Humanidade”. Se não, “pode cair-se no fundamentalismo que, na prática, nega a encarnação da Palavra divina na história”...

– “Mas a Bíblia também é Verbo eterno e divino, e é por isso que exige outra compreensão, dada pelo Espírito Santo, que desvela a dimensão transcendente da Palavra divina presente nas palavras humanas.”

E não há dúvida de que o ambiente mais propício para esta essencial presença e ação do Espírito na leitura bíblica é o da comunhão eclesial, obra do mesmo Espírito e com múltiplas concretizações: a celebração litúrgica, o encontro de catequese, a leitura orante comunitária ou mesmo pessoal... como faz todo o bom catequista antes e no decurso de uma preparação séria de cada encontro catequético.

OBJECTIVOS

- Aperceber-se do lugar central da Bíblia na vida de cada cristão;
- Compreender como a Bíblia é inspirada por Deus;
- Louvar o Senhor pela Palavra da Escritura que nos dá.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Na sequência de toda a caminhada catequética feita até agora, as crianças, certamente, já sentem muito do que lhes é comunicado nesta catequese: que a Bíblia, como Palavra de Deus escrita, é imprescindível nas suas vidas de cristãos. Por isso, é dessa experiência que se parte: de algumas das manifestações do amor a que Deus as

convida através da Bíblia, nomeadamente nas últimas catequese. Conclusão: a Bíblia, como Palavra de Deus, tem de estar no coração daqueles que, por meio dela, se sentem amados por Deus, até ao ponto de saberem de “cor” (um termo de origem latina que significa “coração”) muito do que ela lhes diz.

2. Daí nasce a pergunta: de onde e de quem recebe a Bíblia este poder vivificante? Resposta: da sua inspiração divina. Para a compreensão desta verdade, expressa por S. Paulo, as crianças são convidadas, mais uma vez, a tomar consciência da experiência que fizeram, neste caso, nas primeiras catequese: da acção do Espírito Santo no ensino dos Apóstolos, uma acção extensiva a todos os autores humanos dos livros bíblicos. É por isso que a Bíblia é o livro sagrado, pelo qual Deus continua a falar na sua Igreja.

3. Neste processo de inspiração bíblica entram, também, as crianças: tornando-se mediadoras do Espírito divino na proclamação da palavra bíblica; e rezando a Deus, levadas pelo mesmo Espírito que Ele lhes transmite pela sua Palavra. A Palavra de Deus só termina o seu percurso salvífico, quando, depois de acolhida pela fé, se torna motivo de oração ao mesmo Deus e leva à prática das boas obras.

4. Com esta catequese, inicia-se já a preparação da Festa da Palavra, em que as crianças irão participar o mais activamente possível: irão, sobretudo, testemunhar o que a Bíblia tem produzido nelas, como “Palavra de Deus nas suas vidas”. Daí a proposta feita no compromisso: de todas as experiências registadas nas folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, escolherem a que mais lhes agrada. Uma experiência de que se poderá vir a falar na Festa da Palavra.

5. Uma vez que a próxima catequese vai ser de preparação especial para a Festa da Palavra, sugere-se que seja feita na mesma igreja em que essa Festa vai ser celebrada. Se houver condições para isso, avisem-se as crianças. Se for possível, convidem-se também os pais e/ou outros familiares.

MATERIAIS

- Dísticos: “AMAR A DEUS” e “AMAR O PRÓXIMO”;
- Uma cartolina, se possível vermelha, recortada em forma de coração e de um tamanho que ocupe cerca de 1/3 do placar;
- Dístico “A SAGRADA ESCRITURA É INSPIRADA POR DEUS” (palavras distribuídas, conforme se indica no Documento 1);
- Uma pedra para suporte da Bíblia (catequese anteriores);
- Pedras com os nomes das crianças e catequistas (catequese anteriores), mas agora dentro de um coração desenhado, se possível, a vermelho;
- Bíblia de mesa;
- Uma vela grande;
- Bíblias das crianças;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas desde a catequese anterior;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, a preencher até à próxima catequese.

MÚSICAS

- “Nós somos as pedras vivas”;
- “Tu tens palavras de vida eterna”;
- Gravação deste segundo cântico.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**: ao centro, uma cartolina grande (que ocupe, pelo menos, 1/3 do placar) e, se possível, vermelha, recortada em forma de coração; dos lados direito e esquerdo, respectivamente, os dísticos “AMAR A DEUS” e “AMAR O PRÓXIMO” (das catequeses anteriores).
- Sobre a **mesa**: ao centro, uma pedra a servir de suporte à Bíblia (catequeses anteriores); por trás, uma vela grande (tipo círio pascal), acesa; de um lado e do outro, as pedras com os nomes das crianças e catequistas (os nomes, no interior de um coração, desenhado a vermelho), dispostas em forma de um coração (a partir da bíblia).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Já repararam como está hoje o nosso placar?...

Tem algumas coisas que estavam lá nas últimas catequeses, mas faltam outras.

Vamos ver se são capazes de descobrir as que faltam. O que é que estava lá ao alto?...

Muito bem: “Nós somos pedras vivas”. Pedras vivas de quê?...

Exacto: da Igreja do Senhor.

Ainda se lembram como é que nós cantámos estas palavras?...

Então cantemos de novo o **cântico**:

“Nós somos as pedras vivas” (*só o refrão*).

Formidável: a cantar assim, mostramos que somos mesmo pedras vivas – que falamos, cantamos, rezamos e... amamos!

E talvez ainda se lembrem quem nos disse isso: que nós somos pedras vivas da Igreja ou Templo do Senhor...

Foi S. Pedro. Até o nome dele nos ajuda a lembrarmos: Pedro é um nome que vem de... pedra.

Lembram-se de quem lhe deu este nome?...

Exactamente: foi Jesus, depois de S. Pedro lhe ter dito que Ele, Jesus, é o Messias e Filho de Deus. Em resposta, Jesus disse a Simão Pedro: “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.” Uma Igreja segura, que não se deixa abalar, destruir, por estar fundada na fé em Jesus, o Messias e Filho de Deus, que por nós deu a vida e ressuscitou para sempre.

Foi por isso que S. Pedro, na sua primeira carta, nos disse quem é o verdadeiro fundamento da Igreja. Até escrevemos isso, ao fundo do placar. Quem se recorda do que estava lá escrito?...

Isso mesmo: “Cristo é a pedra angular”, aquela pedra sobre a qual está fundado o edifício que é a Igreja. E por ser tão segura, tão forte, é que o edifício não cai. Jesus Cristo, morto e ressuscitado é a pedra à qual estamos unidos.

Ele é que faz de nós pedras vivas. Ele é quem nos leva a cantar, outra vez, o mesmo **cântico**; mas agora, dando-nos as mãos uns aos outros, em sinal do forte amor que nos une, e balanceando o nosso corpo:

“Nós somos as pedras vivas” (*só o refrão*).

2. Agora, talvez já percebiam por que razão estas palavras – “Nós somos pedras vivas” e “Cristo é a pedra angular” – já não estão mais no placar. Já não é preciso, porque já as sabemos de cor. Temo-las no nosso coração.

Olhem: isso até está representado na mesa. Ora vejam bem...

Se necessário, as crianças podem levantar-se para ver melhor.

Em que é que Jesus está representado?...

Na pedra grande e... na Bíblia que tanto nos fala d’Ele e em que Ele nos tem falado tantas vezes.

E nós? Como é que nós estamos representados?...

E já repararam como estão hoje distribuídas as pedrinhas com os nossos nomes?...

Formamos, todos juntos e unidos a Cristo, um coração. Um coração cheio de amor; aquele amor de que Jesus nos falou nas últimas catequeses e que – isso sim – ainda está escrito no placar, para nunca o perdermos de vista...

Perguntámos a Jesus que havemos de fazer para alcançar a vida eterna, como pedras vivas. E que nos disse Ele?...

Para obtermos a vida eterna, temos de amar a Deus e ao nosso próximo. Palavras que já estão na Bíblia do Antigo Testamento.

Mas lá também se diz quais os modos como devemos amar a Deus e ao próximo. E isso já não está no placar. Porquê?...

Porque já sabemos de cor: os dez Mandamentos da Lei de Deus já estão no nosso coração. Estão ou não?

Quem de vós já os sabe todos de cor?...

O catequista convide as crianças a dizê-los, se possível de cor. Conforme os souberem ou não, louve-as ou incentive-as a decorá-los.

Mas não chega saber de cor. É preciso, sobretudo, pô-los em prática.

A propósito disso: quem leu as palavras de Jesus, no Evangelho de S. Lucas, que vêm antes da parábola que Ele nos contou na última catequese – aquela sobre as duas casas?

Quem leu, pegue nas folhas com “A Palavra de Deus na minha vida” que receberam na última catequese, para as preencherem.

O catequista deixe que algumas crianças exponham, brevemente, o que fizeram:

– *Se leram, de facto, o texto de Lc 6, 27-49;*

– *Se procuraram pôr em prática as orientações de Jesus sobre o amor aos inimigos, apesar de isso não ser fácil!*

No final da sua exposição, convide-as a louvar o Senhor pelos seus ensinamentos e (se for o caso) pela coragem que lhes deu para procurarem pôr em prática as suas palavras, com o cântico:

“Tu tens palavras de vida eterna” (estrofes 22 e 23).

3. Agora, de certeza, já percebem o que significa este grande coração no centro do placar...

Em vez daquele desenho de uma igreja, que estava lá nas últimas catequeses, hoje temos um coração.

Representa o coração de todos e cada um dos cristãos – o coração do nosso grupo de catequese e o coração de cada um de nós: um coração cheio de amor a Deus e ao próximo.

É um coração grande, para ver se cabe nele tudo aquilo que nós amamos.

Se calhar não cabe, mesmo sendo grande.

Por isso, eu proponho que cada um de vós, escolha aquilo que gostava de colocar neste coração, por estar já no vosso coração. Alguma coisa que tenham descoberto neste ano de catequese. Para vos ajudar podem consultar o catecismo; ou então, as folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, se as trouxeram todas.

Repito: que seja aquilo que mais têm no vosso coração, que mais amam e que vos foi mostrado durante este ano de catequese. Mas só uma ou duas coisas: aquelas que mais aprenderam a amar.

A reflexão pessoal não deve, tanto quanto possível, ir além de 5 minutos. Se o grupo for grande, o catequista pode dividir as crianças duas a duas, ou três a três, para, em conjunto, fazerem uma ou duas propostas.

*Durante a reflexão, pode pôr, como música de fundo, a **gravação do cântico:***

“Tu tens palavras de vida eterna”.

*No plenário, deixe que todas as crianças (ou grupos) dêem a sua resposta e expliquem, brevemente, a razão da escolha. Só depois disso, deve comentar as respostas, orientando-as para o **dístico** que, no final do comentário, vai afixar no placar (no interior do coração):*

*Aquilo ou aqueles que amam (exemplificando com algumas respostas), foram indicados por Deus, Jesus, os Apóstolos ou Evangelistas, que nos falam principalmente através de **“A SAGRADA ESCRITURA”**.*

II. PALAVRA

1. “Sagrada Escritura” é um outro nome que damos à Bíblia.

A palavra Bíblia significa “livro”. “Escritura” significa o mesmo, mas com uma pequeníssima diferença: é um livro já escrito ou também a maneira como designamos um livro enquanto este está a ser escrito.

Por exemplo: quando estais a escrever as folhas da “Palavra de Deus na minha vida”, podemos dizer que estais a fazer uma escritura. E, no fim, pode ser, também, um livro.

E por que razão dizemos que a Bíblia ou a Escritura é sagrada? Que significa a palavra “sagrada”? Alguém sabe?...

Sagrada é a mesma coisa que santa. E santo significa que pertence a Deus, está cheio de Deus.

Assim acontece com a Bíblia ou a Escritura: é um livro sagrado, porque é um livro de Deus. Nele é Deus quem nos fala. Nele está a Palavra de Deus.

É sobretudo neste livro maravilhoso que Deus nos ensina a amá-l’O e a amar os outros (*exemplificar com algumas das respostas dadas, há pouco, pelas crianças*).

Por isso é que eu coloquei neste coração (apontar) as palavras “A Sagrada Escritura”. É ela que está no nosso coração. É ou não? Quantas coisas Deus nos tem ensinado por meio dela! E quantas Ele nos pode ainda mostrar!

2. Mas falta saber uma coisa: como é que Deus fez para este livro ser sagrado, santo. De quem é que Ele se serviu para isso? O que é que Deus deu às pessoas que escreveram este livro, para ser o livro da sua Palavra, um livro sagrado?

Olhem: quem nos vai responder é uma das pessoas que mais colaborou para fazer a Bíblia. E já todos a conhecemos, através da Bíblia. Quem será?...

É S. Paulo. Vamos ver como ele, numa das suas cartas, nos fala da Sagrada Escritura: nos mostra como este livro é um livro de Deus, um livro sagrado.

Abram as vossas Bíblias na Segunda Carta de S. Paulo a Timóteo, capítulo 3, versículos 14 a 17...

Após todas as crianças terem encontrado o texto de 1 Tim 3, 14-17:

Leiam o que S. Paulo escreve aí ao seu amigo e colaborador Timóteo...

Após uns breves momentos para a leitura pessoal:

Então, S. Paulo fala ou não da Sagrada Escritura?...

Duas vezes: uma vez no plural, “Sagradas Escrituras” e outra no singular, “Escritura”. No plural, porque são muitos os livros da Bíblia, e cada um deles é sagrado. Ainda se lembram quantos são ao todo?...

Exacto: são, ao todo, 73.

E quantos são os do Antigo Testamento?... – São 46.

E do Novo Testamento?... – 27.

Mas, quando S. Paulo escreveu, eram quase só os do Antigo Testamento que havia. Muitos livros do Novo Testamento estavam ainda a ser escritos. Um deles é esta carta de S. Paulo. Mas o que ele aí diz acerca do Antigo Testamento, também se pode dizer do Novo.

Vamos, então, ver melhor o que ele nos diz. Fazemos assim:

Cada versículo vai ser lido por um menino ou menina diferente.

– Quem se oferece para ler o **versículo 14**?...

Para percebermos melhor o que o/a (*nome*) vai começar a ler, escutem o que vou explicar.

Antes destes versículos, S. Paulo avisa Timóteo de algumas coisas que Ele não devia fazer: coisas impróprias de um cristão e, muito mais, de um bispo.

Sim, nessa altura, Timóteo era o bispo de uma comunidade cristã. E, para ele ser um bom bispo, segundo a vontade de Deus e de Jesus, devia seguir tudo o que tinha aprendido, por exemplo, de S. Paulo.

É o mesmo que acontece connosco, com tudo o que temos aprendido, por exemplo, aqui na catequese: são ensinamentos que vêm de Deus, que tanto nos ama e a quem nós tanto amamos.

E, graças a Deus, temos procurado fazer o que Ele nos diz. Temos ou não?

– Passemos ao **versículo 15**, que vai ser lido por quem?...

(*Nome*), já reparaste que é aí que S. Paulo, nesta parte da carta, fala pela primeira vez das Sagradas Escrituras?

E diz, acerca de Timóteo, o que também está a acontecer convosco. Vejam lá desde quando é que Timóteo conhecia a Sagrada Escritura...

Tal e qual como convosco: desde a infância; se calhar, mais ou menos na vossa idade. No caso de Timóteo, tinha sido a mãe quem o ensinara. Que boa mãe ele tinha! Ensinava o filho, ajudando-o a ler e a compreender a Sagrada Escritura.

Depois, mais tarde, foi S. Paulo. Foi ele quem mostrou a Timóteo, de modo mais perfeito, aquilo que a Sagrada Escritura nos dá. Vejam lá o que é... Está aí escrito: “a sabedoria que leva à salvação pela fé em Jesus Cristo”.

E é mesmo assim: a Bíblia é que mais nos tem levado a acreditar em Jesus, mostrando-nos como Ele é o Cristo, ou Messias, e Filho de Deus. E Jesus é quem mais nos leva para Deus, salvando-nos do pecado, das maldades que nos afastam dele.

– Como é que a Bíblia tem este poder para nos salvar, está escrito no **versículo 16**.

Quem se oferece para o ler?...

(Nome), vê lá se lê bem: se és capaz de ler como aí se diz da Bíblia: inspirada por Deus. É esta a resposta àquela pergunta que fazíamos há pouco: como é que a Bíblia foi escrita, para ser Palavra de Deus? – Por ser inspirada por Deus.

Mas, antes de explicar o que isso significa, vamos ler o resto: ver aquilo que a Bíblia, por ser inspirada por Deus, pode fazer naqueles que a lêem, para que eles, acreditando em Jesus, se salvem. Isso vem no resto desse versículo 16, mas continua no versículo 17.

– E quem vai ler este versículo 17?...

(Nome), vê lá se consegues que a Bíblia te ajude a ser aquilo que S. Paulo diz a Timóteo: ser um homem (ou mulher) de Deus, perfeito, isto é, que procura viver, sempre e em tudo, a fazer a vontade de Deus pela prática de boas obras. És capaz?

Então, até vais ler melhor. Tu e os outros colegas.

Todos preparados?

Os que lêem de viva voz ponham-se de pé. Os outros fiquem sentados, mas podem seguir pelas suas Bíblias.

Catequista:

Leitura da Segunda Epístola do Apóstolo São Paulo a Timóteo:

1ª criança (v. 14):

**Tu, porém, permanece firme
no que aprendeste e aceitaste como certo,
sabendo de quem o aprendeste.**

2ª criança (v. 15):

**Desde a infância conheces as Sagradas Escrituras;
elas podem dar-te a sabedoria que leva à salvação,
pela fé em Jesus Cristo.**

3ª criança (v. 16):

**Toda a Escritura, inspirada por Deus,
é útil para ensinar, persuadir,
corrigir e formar segundo a justiça.**

4ª criança (v. 17):

**Assim o homem de Deus será perfeito,
bem preparado para todas as boas obras.**

Catequista:

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

3. Os leitores sentam-se, e o catequista afixe, na cartolina em forma de coração, por baixo do dístico anterior (“A SAGRADA ESCRITURA”) as palavras do dístico “**É INSPIRADA POR DEUS**” (dispostas, segundo se indica no Documento 1) e explique:

Cá está o que S. Paulo acaba de dizer a Timóteo e a nós: a Sagrada Escritura é inspirada por Deus. Digam todos comigo:

A Sagrada Escritura é inspirada por Deus.

E por isso é que ela está no nosso coração: nela, é Deus que nos fala.
E o que Deus nos diz é tão bom, que nós acolhemos a sua Palavra no nosso coração.

Mas, vejamos melhor o que significa a palavra “inspirada”.
Conhecem uma outra palavra muito parecida com esta? Ora pensem bem?...
Exacto: “inspirada” vem de “Espírito”.

E se for o Espírito de Deus, como é que nós lhe chamamos?...
Espírito Santo. Quer dizer que Deus deu o seu Espírito Santo às pessoas que escreveram os livros da Bíblia. De tal maneira que, quando essas pessoas escreveram, era o Espírito Santo, o Espírito de Deus, que estava a escrever por meio delas.

Para perceberem melhor, vejamos o que aconteceu com os Apóstolos quando o Espírito Santo desceu sobre eles. Já lemos isso aqui, mas vamos ler outra vez.

Abram as vossas Bíblias nos Actos dos Apóstolos, capítulo 2, versículos 1 a 4...

Após todas as crianças terem encontrado a passagem de Act 2, 1-4, o catequista peça a uma delas que leia em viva voz:

**“Quando chegou o dia de Pentecostes,
os Apóstolos estavam todos reunidos no mesmo lugar.
Subitamente, fez-se ouvir, vindo do céu,
um rumor semelhante a forte rajada de vento,
que encheu toda a casa onde se encontravam.
Viram então aparecer um espécie de línguas de fogo,
que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles.
Todos ficaram cheios do Espírito Santo
e começaram a falar outras línguas,
conforme o Espírito lhes concedia que se exprimissem.”**

O resto já conhecemos: os Apóstolos vieram para a rua e começaram a falar às pessoas. E o que eles diziam era inspirado pelo Espírito Santo. Era o Espírito Santo a falar por meio deles.

Por exemplo o que S. Pedro disse a seguir e que está escrito a partir do versículo 14...

Aí S. Pedro, além de explicar o que estava a acontecer com ele e os outros Apóstolos, anuncia às pessoas que Jesus é o Messias e Filho de Deus. Ora leiam o que ele diz no versículo 36...

Uma criança leia Act 2, 36:

**Saiba com absoluta certeza toda a casa de Israel
que Deus fez Senhor e Messias
esse Jesus que vós crucificastes.**

São palavras inspiradas pelo Espírito Santo que estava em S. Pedro quando ele as dizia.

E por isso é que muitas das pessoas que o ouviam, se converteram a Jesus e foram baptizadas. Foi o Espírito Santo que, através de S. Pedro, as converteu.

E que acontecia depois? Leiam agora o versículo 42...

Uma criança leia Act 2, 42:

**Os irmãos eram assíduos ao ensino dos Apóstolos,
à Comunhão Fraterna, à fracção do pão e às orações.**

Estas palavras já todos conhecíamos bem: desde as primeiras catequeses deste ano, lembram-se?

E depois até pedimos aos Apóstolos que nos ensinassem, também a nós, o que devemos fazer para vivermos na Comunhão Fraterna, participarmos na Eucaristia e rezarmos bem. Talvez já não se lembrem é do Apóstolo ou Evangelista que respondeu às nossas perguntas. Mas eu digo:

– Sobre a **Comunhão Fraterna** foi o Apóstolo **S. João** que escreveu. Foi ele que nos contou o que Jesus fez na última Ceia: como Ele lavou os pés aos discípulos e depois lhes disse para eles fazerem o mesmo uns aos outros, como sinal do seu amor.

Ora bem, tudo isto está escrito no Evangelho segundo S. João. Quer dizer que ele, ao escrever isto e outras coisas no seu Evangelho, o fez por inspiração do Espírito Santo.

– E quem nos falou sobre a **Eucaristia**? Foi **S. Mateus**. Foi ele que nos contou o milagre da multiplicação dos pães, realizado por Jesus.

Quer dizer que também S. Mateus, ao escrever isto, era inspirado pelo Espírito Santo.

– E sobre a **oração** quem nos falou? – **S. Lucas**, com uma parábola de Jesus: aquela do amigo que precisava de pão para um outro amigo que tinha chegado de noite...

Também estas palavras foram escritas com a ajuda do Espírito Santo. As do Evangelho de S. Lucas e as dos Actos dos Apóstolos, também escritas por S. Lucas. Por exemplo as que acabámos de ler.

O que sucedeu com os quatro Evangelhos, sucedeu também com todos os outros livros do Novo Testamento e tinha sucedido antes com todos os livros do Antigo Testamento. Todos eles foram escritos por pessoas que tinham o Espírito Santo a inspirá-las.

E agora já percebemos o que significam aquelas palavras de S. Paulo: (*apontando*) “A Sagrada Escritura é inspirada por Deus.” Por isso é que a Escritura, a Bíblia, é um livro sagrado, é Palavra de Deus. Por causa do seu Espírito que inspirou quem a escreveu.

4. Sabem o que é que tudo isto significa? – Três coisas muito importantes e que fazem com que a Bíblia, a Sagrada Escritura, esteja no nosso coração:

– Primeiro: significa que a Sagrada Escritura está cheia do Espírito Santo.

Se foi Ele, por meio das pessoas de que se serviu, quem escreveu o que lá está, então é Ele que nos fala quando nós a lemos. As palavras que lemos ou ouvimos da Bíblia, são palavras do Espírito Santo, do Espírito de Deus.

É o que tem acontecido na catequese; e já hoje aconteceu. O Espírito Santo foi-nos comunicado através das palavras da Bíblia que lemos e ouvimos.

– Segundo: os meninos e meninas que as leram, emprestaram a sua voz ao Espírito Santo. O Espírito de Deus falou-nos através deles: do que eles leram: através do/a (*nome*), do/a (*nome*)...

Por isso é que nós devemos ler muito bem: com muito respeito, procurando perceber bem o que lemos, pronunciando bem as palavras e, sobretudo, sentir no nosso coração o que lemos. Se o fizermos de qualquer maneira, estamos a impedir que o Espírito Santo seja comunicado aos que escutam. E isso não queremos fazer, pois não?

– Terceiro: e os que ouvem, como devem estar?... Claro: com a maior atenção, com os ouvidos e o coração bem abertos ao que o Espírito Santo nos diz e quer fazer em nós. Sim: com aquilo que Ele nos diz, Ele pode entrar em nós e nos ajudar a realizar o que nos diz.

Tem sido Ele, através da Bíblia, quem nos tem levado a fazer tantas coisas, aqui na catequese e fora dela. Basta verem o que têm registado nas folhas com “A palavra de Deus na minha vida”.

Tudo isto, porque (*apontando o placar*) a Sagrada Escritura é inspirada por Deus. Leiam todos comigo, outra vez, mas com muito respeito, porque também estas palavras são do Espírito Santo:

“A Sagrada Escritura é inspirada por Deus”.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Não acham que devemos agradecer ao Senhor o que Ele acaba de nos mostrar e até de dizer por meio das nossas vozes?...

E olhem: a melhor maneira de lhe agradecer e de O louvar é através das suas próprias palavras. Dizemos ao Senhor palavras que Ele nos disse: palavras que, depois de entrarem em nós, pelos nossos ouvidos e talvez os nossos olhos, acolhemos no nosso coração, para voltarem a sair para Ele por meio das nossas vozes. Deus fala-nos e nós falamos para Ele com o que Ele nos diz. É a mesma coisa que dizer-lhe: Tu amas-me tanto, e é por isso que também eu procuro amar-te.

Para mostrarmos isto, vamos fazer assim:

– Primeiro, vamos receber as pedras com os que têm estado, em forma de coração, à volta da Palavra de Deus. Cada um recebe a sua.

Depois de distribuir as pedras, o catequista continue:

Já todos repararam na novidade que têm as nossas pedras?...

E sabem o que significa o nosso nome dentro de um coração?...

Esse coração representa o coração de Deus, o seu amor. Por Ele nos amar tanto, por isso é que Ele nos deu a Bíblia, o Livro Sagrado, que nos fala do amor de Deus por cada um de nós.

E nós respondemos a esse amor que o Espírito Santo coloca em nós, pondo a Bíblia no nosso coração, como está representado no placar.

– Em sinal disso – de que cada um de nós tem a Bíblia no seu coração – voltemos a abri-la nas palavras de S. Paulo que hoje lemos aqui: na Segunda Carta a Timóteo, capítulo terceiro, versículos 14 a 17...

Depois de todas as crianças abrirem:

Agora cada um coloca a sua pedra junto dessas palavras, que Deus nos diz através de S. Paulo e do Espírito Santo...

– Para a nossa oração de louvor e acção de graças, fazemos assim:

Os meninos ou meninas que há pouco já leram essas palavras, emprestando a sua voz ao Espírito Santo, vão lê-las outra vez.

Mas, agora, não será logo a seguir uns aos outros. Entre cada versículo, cantaremos o **cântico: “Tu tens palavras de vida eterna”.**

Portanto depois de o/a (*nome*) ler o versículo 14, cantamos todos ao Senhor o refrão do **cântico “Tu tens palavras de vida eterna”.** E o mesmo faremos depois de cada um dos outros lerem (*dizer os nomes*).

No princípio e no fim cantamos o mesmo **cântico**, mas completo, isto é, um verso e, depois, o refrão.

Tudo vai correr bem, porque todos queremos que o Espírito Santo, presente na Bíblia, fale através das nossas vozes: dos que lêem e de todos, quando cantarmos. Então, com as nossas Bíblias abertas e a nossa pedra dentro dela, ponham-se de pé... Guardemos um bocadinho de silêncio, para cada um de nós pedir o Espírito Santo...

– *Cântico: “Tu tens palavras de vida eterna” (estrofe 23).*

– *1ª criança (2 Tim 3, 14):*

**Tu, porém, permanece firme
no que aprendeste e aceitaste como certo,
sabendo de quem o aprendeste.**

– *Cântico: “Tu tens palavras de vida eterna” (refrão).*

– *2ª criança (2 Tim 3, 15):*

**Desde a infância conheces as Sagradas Escrituras;
elas podem dar-te a sabedoria que leva à salvação,
pela fé em Jesus Cristo.**

– *Cântico: “Tu tens palavras de vida eterna” (refrão).*

– *3ª criança (2 Tim 3, 16):*

**Toda a Escritura, inspirada por Deus,
é útil para ensinar, persuadir,
corrigir e formar segundo a justiça.**

– *Cântico: “Tu tens palavras de vida eterna” (refrão).*

– *4ª criança (2 Tim 3, 17):*

**Assim o homem de Deus será perfeito,
bem preparado para todas as boas obras.**

– *Cântico: “Tu tens palavras de vida eterna” (estrofe 24).*

2. Compromisso

Até à próxima catequese, façam duas coisas:

– Primeiro, na folha que vão receber com “A Palavra de Deus na minha vida”, escrevam a história da pedrinha com o vosso nome: como é que a receberam, o que depois aconteceu com ela, até hoje, durante as catequeses em que ela esteve connosco.

É uma pedra que, de certo modo, é viva, porque vos ajudou a viver tantas coisas vindas da Bíblia.

Escrevam uma história bonita. Quem for capaz, até pode escrevê-la em forma de um poema.

– Segundo: leiam todas as folhas com “A Palavra de Deus na minha vida” que foram escrevendo ao longo do ano, e escolham aquela de que mais gostarem. Para quê?

Para a “Festa da Palavra” que temos de começar a preparar, porque já não falta muito tempo. Vai ser no dia (*indicar a data*).

A próxima catequese já vai ser de preparação. Por isso, tragam, além da Bíblia, todas as folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”.

Se a próxima catequese for numa igreja (onde decorrerá a Festa da Palavra), o catequista avise as crianças disso.

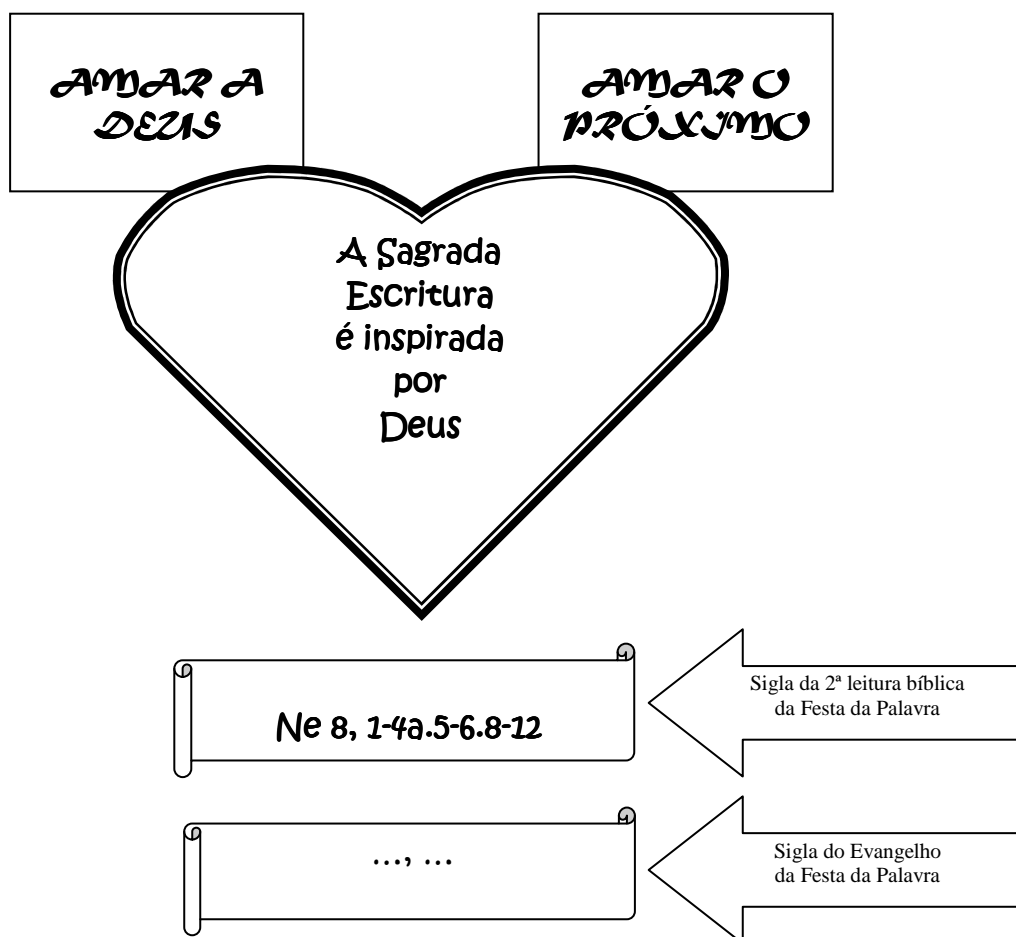
E não se esqueça de distribuir mais uma folha com “A Palavra de Deus na minha vida”.

3. Para guardar na memória e no coração

“Toda a Escritura, inspirada por Deus,
é útil para ensinar, convencer e educar segundo a justiça.
Assim o homem de Deus será perfeito,
bem preparado para todas as boas obras.”
(2 Tim 3, 16-17)

DOCUMENTO 1

Painel a construir no decurso desta e da próxima catequese:



Catequese 29

A PALAVRA DE DEUS NA VIDA DA IGREJA

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Da Igreja para a Bíblia

Se tivermos em conta a centralidade da Bíblia em, praticamente, todas as áreas da vida do Povo de Deus, pode parecer estranho que ele tenha podido viver sem ela, e durante tantos séculos (se na sua história incluímos a fase pré-cristã). Mas é verdade. Quando foi escrito o primeiro livro do Novo Testamento – a 1 Tes – já o autor, S. Paulo, exercia o seu ministério apostólico havia uns 15 anos. E entre o Evangelho segundo S. Marcos – provavelmente o primeiro, dos quatro, a ser redigido – e os factos nele narrados vão, segundo convicção mais comum, cerca de 40 anos.

No Antigo Testamento, a distância foi ainda maior, sobretudo na parte mais antiga, o Pentateuco ou – como é conhecido entre os judeus – (Livro da) Lei (de Moisés). Segundo **Ne 8, 1-12**, foi solenemente apresentado em Jerusalém, *no primeiro dia do sétimo mês* (Setembro), provavelmente do ano 445 a. C., por Esdras – um sacerdote e escriba judeu, funcionário do imperador persa Artaxerxes I, que então dominava sobre a Palestina. Havia sido este último a enviar Esdras a Jerusalém, à frente de uma delegação de judeus, com a missão de reconstruir a cidade (destruída em 587 pelos exércitos da Babilónia) e reorganizar e dinamizar a vida, principalmente religiosa, dos judeus da Palestina. Como fonte e orientação dessa reforma, levava consigo o “Livro de Moisés”, escrito na diáspora, não muitos anos antes da referida apresentação. Neste caso, são cerca de 8 séculos que o separam dos factos nele narrados.

A Igreja pôde, pois, viver sem a Bíblia, mas não sem a Palavra de Deus. Israel tornou-se seu Povo devido à revelação a Moisés (Ex 3, 1ss). E a Igreja nasceu da intervenção de Deus na morte e ressurreição de Cristo, o Evangelho anunciado pelos seus Apóstolos.

A esta dupla **revelação** de Deus, nos dois momentos fundacionais da existência do seu povo, a Mensagem do Sínodo dos Bispos ao Povo de Deus (Roma 5-26.10.2008) junta (no que nela se chama “a Voz da Palavra”) mais duas:

– No início da **criação**, quando a voz de Deus “rompeu o silêncio do nada: «No princípio (...) Deus disse: ‘Faça-se a luz’. E a luz foi feita» (Gn 1, 1-3). (...) Temos assim uma primeira revelação «cósmica», que faz com que a criação se assemelhe a uma imensa página aberta diante de toda a Humanidade, que nela pode ler uma mensagem do Criador” (n.º 1).

– “Na raiz da **história humana**. O homem e a mulher, que são «imagem e semelhança de Deus» (cf. Gn 1, 27) e que por isso levam em si a marca divina, podem entrar em diálogo com o seu Criador ou podem afastar-se dele e rejeitá-lo através do pecado. Então, a Palavra de Deus salva e julga, penetra na trama da história, com o seu tecido de vicissitudes e eventos” (n. 2).

Concluem daí os Padres Sinodais: “A Palavra divina, eficaz, criadora e salvífica, está portanto na origem do ser e da história, da criação e da redenção.” E as **Escrituras**? – “São uma etapa ulterior que a voz divina percorre (...). São o «testemunho», em forma escrita, da Palavra divina, são o memorial canónico, histórico e literário que atesta o evento da revelação criadora e salvífica. A Palavra de Deus precede, portanto, e excede a Bíblia, que porém é «inspirada por Deus» e contém a Palavra divina eficaz (cf. 2 Tim

3,16). É por isso que no centro da nossa fé não está apenas um livro, mas uma história de salvação e (...) uma pessoa, Jesus Cristo” (n. 3).

2. “Por Nosso Senhor Jesus Cristo”

Talvez estejamos mais habituados a ouvir esta expressão na conclusão das nossas orações, principalmente litúrgicas. Mas, sendo elas, directa ou indirectamente, uma reacção de fé à revelação amorosa de Deus, a mesma expressão pode aplicar-se ao lugar central de Cristo na dita revelação. Com Ele, “a Palavra eterna e divina entra no espaço e no tempo e assume um rosto e uma identidade humana; tanto assim, que é possível aproximar-se directamente dela, pedindo, como fez aquele grupo de Gregos presente em Jerusalém: «Queremos ver Jesus» (Jo 12, 21). As palavras sem um rosto não são perfeitas, porque não permitem que o encontro seja completo, como recordava Job, chegando ao fim do seu dramático itinerário de busca: «Os meus ouvidos tinham ouvido falar de Ti, mas agora vêem-te os meus próprios olhos» (42, 5)” (Ibidem 4).

Que significa, para a revelação de Deus e a sua documentação escrita na Bíblia, este “Rosto da Palavra”, como lhe chamam os Padres Sinodais? – Antes de mais, que “Cristo projecta assim, retrospectivamente, a sua luz sobre a trama da história da salvação e revela a sua coerência, o seu significado, a sua direcção.

Ele é o sinete, «o Alfa e o Ómega» (Ap 1, 8) de um diálogo entre Deus e as criaturas, distribuído pelo tempo e atestado na Bíblia. É, à luz deste selo final, que adquirem o seu «sentido pleno» as Palavras de Moisés e dos profetas, como tinha indicado o próprio Jesus, enquanto caminhava de Jerusalém para Emaús, dialogando com Cléofas e o seu amigo, explicando-lhes «em todas as Escrituras tudo o que lhe dizia respeito» (Lc 24, 27).

Precisamente porque no centro da Revelação está a Palavra divina transformada em rosto, o objectivo último do conhecimento da Bíblia «não está numa decisão ética ou numa grande ideia, mas no encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, um rumo decisivo» (*Deus caritas est*, 1)” (Ibidem 6).

Mas para isso é, obviamente, exigido o conhecimento das Escrituras, como, de resto, já era proposto na DV 25, com a veemente exortação “a todos os fiéis (...) a que aprendam a «maravilha que é o conhecimento de Jesus Cristo» (Fil 3, 8), com a leitura frequente das divinas Escrituras, porque «desconhecer as Escrituras é desconhecer a Cristo» (S. Jerónimo).” Uma leitura, feita particularmente onde Cristo se encontra e actua de um modo especial – a sua Igreja – indo, neste caso:

3. Da Bíblia para a Igreja

Voltemos ao relato, em Ne 8, 1-12, da apresentação do “Livro de Moisés” em Jerusalém. Segundo tudo indica, na liturgia aí descrita (particularmente nos vv. 4-8) encontram-se vários elementos das futuras celebrações da Palavra, realizadas nas sinagogas judaicas (até então inexistentes): o púlpito (no estrado), os leitores (Esdras e os levitas), a presidência (com os Anciãos do povo – vv. 4-5), a abertura do rolo com a Lei, o povo a levantar-se (em sinal de respeito), o louvor a Deus (pela bênção que era o livro da sua Palavra) e o Amen conclusivo por parte do povo. Isto é, o texto situa-nos em dois tempos históricos: o narrado (do acontecimento) e o narrativo (da época em que foi escrito).

Isto repete-se em muitos outros textos bíblicos, sobretudo os do género literário histórico. Por exemplo, nos seis relatos da multiplicação dos pães, nos quatro Evangelhos: juntamente com elementos idênticos em todos eles, temos divergências em vários pormenores, que se explicam pelo significado eucarístico que o acontecimento

foi adquirindo, entre os primeiros cristãos, e pelos destinatários dos relatos que dele se foram fazendo.

Com isto, percebe-se por que princípios se regia a Tradição ou Transmissão desses acontecimentos: pela fidelidade, por um lado, àquilo que realmente aconteceu e, por outro, àqueles a quem se transmitia o acontecido, para que eles o pudessem reviver através do relato e, se fosse o caso (de resto, muito frequente), das celebrações em que era feito. Só assim, a Palavra de Deus mantinha a sua constante actualidade, isto é, ia ao encontro de pessoas concretas em situações concretas que, naturalmente, divergiam de lugar para lugar e de tempo para tempo.

Temos, pois, uma Tradição viva que não podia ter terminado com a redacção dos livros bíblicos. Se é verdade que neles, devido à sua inspiração divina, “Deus vem carinhosamente ao encontro dos Seus filhos para conversar com eles (DV 21), então isso tem de verificar-se no momento em que são lidos e proclamados. É então que eles deixam de ser letra morta (só escrita), para se tornarem palavras vivas de que permanentemente se alimenta e vive a Igreja.

Mas, como fazer para que tal aconteça: para que, por um lado, se evitem desvios doutrinários e comportamentais da verdade original dos textos interpretados, e, por outro lado, eles sejam compreendidos e apreendidos pelos cristãos de cada tempo e lugar? – De novo, pela Tradição, entendida na sua totalidade e na qual se inserem quer a Bíblia quer a Igreja – “a grande Tradição, presença eficaz do «Espírito da Verdade» na Igreja, custódia das Sagradas Escrituras, autenticamente interpretadas pelo Magistério eclesial. Com a Tradição, chega-se à compreensão, à interpretação, à comunicação e ao testemunho da Palavra de Deus”. Só ela nos permite “compreender de modo unitário e pleno as Sagradas Escrituras” (Mensagem dos Padres Sinodais ao Povo de Deus, 3.6), nomeadamente na catequese em que cada catequista se esforça por compreender a palavra que transmite e por encarná-la, numa profunda adesão de fé a Cristo e numa total comunhão com a Igreja. Ditosos os catequizandos que têm tais catequistas!

OBJECTIVOS

- Preparar a Festa da Palavra, compreendendo o seu sentido;
- Aperceber-se de como a Igreja se alimenta da Palavra de Deus;
- Louvar o Senhor pela vida que a sua Palavra produz nos crentes.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Como preparação próxima da Festa da Palavra, esta catequese decorre num ambiente predominantemente celebrativo, sobretudo durante a Experiência Humana. Não se trata, portanto, de uma mera exposição e explicação do que irá suceder, mas de antecipar no encontro de catequese a vivência que se pretende na celebração dessa Festa.

2. Para isso pode contribuir o lugar onde se realiza esta catequese: pode ser na mesma igreja onde será celebrada a Festa, mas só se ela oferecer condições de espaço, tempo e ambiente, necessários para uma boa participação das crianças. Caso contrário, opte-se pela habitual sala de catequese, inserindo nela alguns dos elementos sugeridos no desenvolvimento. Este está previsto para a segunda opção. Se for preferida a primeira, façam-se as necessárias adaptações.

3. É importante, também, a participação dos pais e/ou outros familiares: pelo lugar que ocupam, não só na vida das crianças, mas também no decurso da Festa da Palavra. Para uma participação mais activa, sugere-se que seja um deles (adulto) a fazer parte da leitura bíblica proposta. O catequista poderá, ainda, encontrar outros modos de

intervenção, procurando, porém, que isso não disperse as crianças, que são os principais destinatários e agentes da catequese.

4. Sugere-se, como Palavra, um texto bíblico que, além de ser Palavra de Deus, descreve o modo como a comunidade crente acolhe essa mesma Palavra. Por isso, é conveniente que esse mesmo texto seja proclamado, como 1ª leitura, na Festa da Palavra, se as normas litúrgicas relativas ao dia da celebração o permitirem. Como 2ª leitura e Evangelho devem, em princípio, adoptar-se os que estão previstos para o dia litúrgico da celebração, para que as crianças se apercebam melhor do lugar da Bíblia na vida da Igreja, nomeadamente na celebração da Eucaristia. Entretanto, seja-lhes indicado qual é essa 2ª leitura e esse Evangelho, para que os possam ler e meditar durante o tempo remanescente até à Festa da Palavra.

5. No final, sugere-se que cada criança entregue ao catequista a folha com “A Palavra de Deus na minha vida” de que cada uma mais gosta. O catequista, por sua vez, deve fazê-las chegar ao sacerdote que irá presidir à celebração da Festa da Palavra, pedindo-lhe que tenha presente o que as crianças escreveram, para melhor as envolver na celebração. Tenha em atenção que as várias folhas devem ser bem acondicionadas e protegidas e o pacote poderá ser decorado a gosto do catequista e das crianças, mais uma vez mostrando a importância do trabalho interior que ali está contido.

6. Relativamente à Festa da Palavra, prepare-se, para cada criança, uma agenda com “A Palavra de Deus pela minha vida fora” para os meses de Julho a Outubro. Nela, cada criança encontrará sugestões de leituras bíblicas e espaço para registar experiências que concretizem as palavras de 2 Tim 3, 16: “Toda a Escritura, inspirada por Deus, é útil para ensinar, persuadir, corrigir e formar na justiça”, expostas na catequese anterior.

7. Sugere-se ainda que, para uma maior visibilidade, os “livros” escritos pelas crianças ao longo do ano, com “A palavra de Deus na minha vida”, sejam expostos, depois da celebração da Festa da Palavra, no local, previamente preparado, em que decorrerá o convívio conclusivo.

MATERIAIS

- Cartolina vermelha, recortada em forma de coração (catequese anterior);
- Dísticos: “A ESCRITURA É INSPIRADA POR DEUS”; “AMAR A DEUS” e “AMAR O PRÓXIMO” (catequeses anteriores);
- Dísticos com as indicações dos seguintes três textos bíblicos: “Ne 8, 1-4a.5-6.8-12”; Segunda Leitura e Evangelho da Festa da Palavra;
- Duas velas, semelhantes às que se usam no altar da Igreja;
- Bíblia de mesa;
- Pedra de suporte da Bíblia (catequese anterior);
- Estante, para a proclamação da Palavra;
- Cadeiras para familiares das crianças;
- Bíblias das crianças;
- Folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, preenchidas pelas crianças ao longo do ano;
- Folha com “A Palavra de Deus na minha vida”, uma por criança e catequista, para ser preenchida até à Festa da Palavra.

MÚSICAS

- “Senhor, Tu nos chamaste”;
- “A vossa Palavra, Senhor” (se necessário);
- “Glória ao Senhor”;
- “Aleluia” (se necessário);
- “Tu tens palavras de vida eterna”.

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**, o mesmo material do final da catequese anterior: ao centro, uma cartolina, vermelha, recortada em forma de coração e com o dístico “A ESCRITURA É INSPIRADA POR DEUS”; do lado esquerdo, o dístico “AMAR A DEUS”; do lado direito, o dístico “AMAR O PRÓXIMO”.
- Sobre a **mesa**: ao centro, apenas uma pedra (catequese anteriores), para servir de suporte à Bíblia.
- Ao lado da mesa: uma **estante** para a proclamação da Palavra.
- No **corpo da sala**: além das cadeiras para as crianças, por trás, cadeiras suficientes também para os pais e/ou outros familiares.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. O catequista acolha as crianças e familiares fora da sala e explique-lhes:

Como já sabem, no próximo dia (*data da Festa da Palavra*) vamos ter a Festa da Palavra: iremos festejar e mostrar a alegria que sentimos pela descoberta que temos feito da Bíblia, a Palavra de Deus.

Para que tudo corra muito bem, vamos preparar-nos nesta catequese. Na nossa sala faremos muitas coisas que, depois, voltaremos a fazer na igreja. É para saberem bem o que significam.

Começemos já com o **cântico** que iremos cantar no princípio da festa. Como vai ser o **cântico** da entrada, ensaiamo-lo aqui fora e só depois de todos o sabermos bem é que entramos, tal e qual como vai ser na igreja.

O catequista ensaie o cântico:

“Senhor, Tu nos chamaste”.

Após o ensaio, organize o cortejo de entrada, explicando-o às crianças e famílias, do seguinte modo:

- À frente, duas crianças, cada qual com uma vela acesa, que irão colocar sobre a mesa, de um lado e do outro da Bíblia;
- A seguir, uma criança com a Bíblia levantada, que colocará sobre a pedra que está no centro da mesa;
- Seguem-se, em fila, as restantes crianças, catequista(s) e familiares, que, à medida que vão entrando, se colocam nos seus lugares.
- Durante todo o cortejo, cante-se o **cântico** ensaiado: **“Senhor, Tu nos chamaste”.**
- Antes de todos se sentarem, o catequista saúde-os com esta ou outra fórmula litúrgica:

**A graça do Nosso Senhor Jesus Cristo,
o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo
estejam connosco.**

Todos:

Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

2. Podem sentar-se...

Quando entrarmos na igreja, faremos como hoje, mas com duas diferenças:

– Primeiro: além de nós, também entrarão o sr. Padre e os acólitos.

– Segundo: vós entrareis, cada um com a sua Bíblia e a folha com “A Palavra de Deus na minha vida”. Com isto já mostram como a Palavra de Deus tem passado da Bíblia para a vossa vida.

Mas, ao chegarem perto do altar, colocam as Bíblias em cima de uma mesa, preparada para isso. As folhas com “A Palavra de Deus na minha vida” ficam convosco.

E faremos tudo isto, a cantar o mesmo *cântico*. Cantemo-lo outra vez, para o sabermos bem:

“Senhor, Tu nos chamaste”.

Repararam bem no que dizemos com este *cântico*?

Primeiro, cantamos:

“Senhor, Tu nos chamaste”.

E, de facto, é Ele, o Senhor, quem nos chama nesse dia, como tem feito durante este ano em cada encontro de catequese. E chama cada um de nós, para quê?...

Para nos alimentar: primeiro, com a Palavra de Deus que vai ser lida na primeira parte da Missa. Lembram-se ainda como chamamos a essa parte da Missa?...

Exactamente, “Liturgia da Palavra”. Quando forem feitas as leituras da Bíblia, nesse momento, Deus está a falar-nos.

E nós, que amamos tanto a Deus (*apontar para o dístico do placar*), por isso iremos ouvir, com muita atenção e respeito, o que Deus nos vai dizer.

Com a sua Palavra, Ele vai alimentar-nos, isto é, ensinar-nos como devemos viver e dar-nos força e coragem para o pormos em prática. Isto é tão importante como o alimento que tomamos cada dia. Ou mais: sem a Palavra de Deus não saberemos como viver.

Mas, na segunda parte da Missa, Ele vai dar-nos um outro alimento. Sabem como se chama essa parte?

Muito bem: a “Liturgia Eucarística”. Eucarística vem de Eucaristia, que significa o quê?...

Acção de graças. Nessa altura da Missa, agradecemos a Deus tanta coisa que Ele tem feito por nós, por exemplo, neste ano de catequese.

E é durante essa acção de graças que Ele nos dá uma grande graça, em forma de alimento. Que alimento é?...

O Corpo de Cristo na hóstia consagrada – o Corpo que Cristo ofereceu na cruz por todos nós – depois de ele dizer através do sr. Padre: “Tomai e comei, isto é o meu Corpo que será entregue por vós.”

É esse pão, com o Corpo de Cristo, que nos dá força, para quê? Olhem para o placar...

Exacto: para, por exemplo, amarmos o próximo, amarmos as outras pessoas, mesmo aquelas de quem não gostamos tanto. E, graças a Deus, temos procurado fazer isso. Temos ou não?

Algumas das coisas que escreveram na vossa folha com “A Palavra de Deus na minha vida” mostram isso mesmo: o nosso amor ao próximo. Daqui a pouco temos de falar outra vez dessas folhas.

Mas, para já, ficamos a saber que, na Festa da Palavra, como em todas as Missas, temos dois alimentos: o da Palavra e o do Corpo de Cristo.

E já repararam de onde é que Deus, de que lugares da igreja, é que Ele nos oferece estes dois alimentos. Olhem bem para o que temos aqui à frente na sala. É muito parecido com o que temos na igreja...

Temos uma mesa, parecida com o altar. Que alimento é que Deus nos dá, vindo do altar?...

O Corpo de Cristo no pão eucarístico.

E ao lado da mesa que temos nós?...

Também na igreja temos uma estante, a que chamamos... ambão.

E que alimento é que Deus nos dá, vindo do ambão?

A sua Palavra. É do ambão que são feitas as leituras bíblicas e o Sr. Padre as explica para nós, para serem nosso alimento e ... “Alegrar a nossa vida”.

Repararam como foi isso que nós cantámos, dizendo ao Senhor: “A Tua Palavra alegra a nossa vida”, faz-nos felizes?!...

3. E isso tem acontecido na catequese: Deus tem-nos alegrado tanto, tem-nos feito tão felizes com a sua Palavra que está na Bíblia!

Vejam nas vossas folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”. Peguem naquela em que escreveram o que vos pedi na última catequese. Lembram-se do que foi?...

E quem escreveu a história da pedrinha que recebeu aqui na catequese?...

Então, vamos ver o que escreveram. Até os vossos pais (e familiares) estão com muita curiosidade: ver o que essa pedra representa.

O catequista convide duas ou três crianças a lerem o que escreveram, realçando o seguinte:

– A pedra sobre a qual está a Bíblia: como, da pedra que tapou o sepulcro vazio, se tornou sinal do que é Cristo com a sua ressurreição: a pedra angular sobre a qual está edificada a Igreja, que vive d’Ele e da Palavra de Deus que Ele viveu e proclamou mais do que ninguém.

– As pedras de cada criança e catequista, que simbolizam o que elas são na Igreja: pedras vivas que se alimentam de Cristo e da Palavra de Deus, pondo-a em prática, no amor a Deus e ao próximo.

*A concluir, convide as crianças e os pais a darem glória a Deus, com o **cântico**, cantado de pé e batendo as palmas:*

“Glória ao Senhor”.

II. PALAVRA

1. Temos estado a fazer aqui parte do que iremos fazer na nossa Festa da Palavra. Também lá, iremos dar Glória a Deus, louvando-o, e, se calhar, com o mesmo **cântico**.

Será, antes de ouvirmos as leituras da Bíblia. Louvaremos e bendiremos a Deus, para estarmos mais bem preparados para ouvirmos a sua Palavra. Louvamos a Deus porque O amamos. E quando nós amamos alguém, estamos muito atentos ao que essa pessoa nos diz.

Portanto, isto significa que, também aqui e hoje, já estamos preparados para ouvir o que Deus nos vai dizer, através da Bíblia.

Preparem, então, as vossas Bíblias...

Hoje vamos ler e escutar uma leitura muito bonita. Irão ver que vem mesmo a propósito da nossa Festa da Palavra e do que fazemos na primeira parte da Missa, na Liturgia da Palavra.

Vejam lá se conseguem descobrir se é ou não assim: se nessa leitura não estarão algumas coisas que nós fazemos na Missa e aqui na catequese. Algumas, já as fizemos hoje. Portanto, muita atenção ao que agora cada um de vós vai ler.

Abram as Bíblias no livro de Neemias. É um livro do Antigo Testamento. Vejam lá se descobrem onde é que ele está na Bíblia. Quem primeiro descobrir, pode dizer a página aos outros....

Enquanto as crianças procuram, o catequista afixe, no lado esquerdo do placar e junto da parte inferior da cartolina em forma de coração, o dístico “Ne 8, 1-4a.5-6.8-12”. Depois de todos encontrarem a passagem, diga:

Agora leiam, sobretudo, a parte que está aqui indicada no placar: o capítulo 8, versículos 1 a 4a, isto é a primeira parte do versículo 4; depois, os versículos 5-6 e 8-12. Estes pontinhos que, aqui no placar, estão depois do número 4a (a 1ª parte do versículo) e do número 6 indicam que não vamos ler a segunda parte do versículo 4, nem o versículo 7. Não os lemos porque, como irão ver, têm uns nomes muito difíceis de pronunciar. Tudo o resto será lido daqui a pouco.

Antes, cada um vós lê, para si. E não se esqueçam de ver o que há pouco vos disse: se não se passa connosco, pelo menos, parte do que lá está escrito...

Após uns minutos para a leitura individual:

Então, já estão preparados para lermos em conjunto?...

Se calhar ainda não. Porque, para lermos bem, é preciso perceber o que estamos a ler. Se não percebermos, dificilmente os que ouvem conseguem entender.

Então, antes de lermos em conjunto e para sabermos bem se o que se conta aí também se passa na Missa e na catequese, para isso eu vou explicar algumas coisas:

– Primeiro, no versículo 1 (*ou 7,72, conforme as Bíblias*): fala-se aí no “**sétimo mês**”. Era o mês de Setembro, de um ano que não sabemos bem qual era. Só sabemos que era depois daquele tempo que os Israelitas, também chamados “Filhos de Israel”, tinham passado longe da sua terra.

Já falámos aqui várias vezes desse tempo: quando a cidade de Jerusalém foi toda destruída e muitos habitantes foram levados para longe: para a Babilónia.

Pois bem, passados cerca de 50 anos, muitos deles puderam voltar para Jerusalém. E aí conseguiram, primeiro, reconstruir o templo e as casas e, depois, até as muralhas da cidade. Passaram-se ainda mais uns anos, até acontecer o que está aqui escrito.

– Vejam agora o nome de uma pessoa de quem se fala, ainda, no versículo1...

Como é que essa pessoa se chama?...

Esdras. Diz-se que era “escriva” e também “sacerdote”. Sacerdote quer dizer que fazia um pouco do que fazem hoje os padres: presidia às celebrações e ensinava o povo. “Escriva” significa que era uma pessoa instruída nas coisas de Deus e no que diz a Bíblia.

Pois bem, Esdras tinha vivido, também ele, muito longe de Jerusalém. E, onde ele vivia, foi aí que foi escrito o livro de que se fala aqui...

Como se chama esse livro?...

– O “**Livro da Lei de Moisés**”. Sabem que livro é esse?...

É um livro da Bíblia. Ou melhor, são cinco livros: os primeiros cinco. Como é que nós lhes chamamos?...

Muito bem: o “Pentateuco”. Só que os judeus davam-lhe esse nome: “Livro da Lei de Moisés”.

Ora esse livro, o Pentateuco, foi escrito na terra onde vivia Esdras. Uma terra onde viviam outros Judeus. E como era um livro muito importante, resolveram levá-lo para Jerusalém e apresentá-lo ao povo que lá vivia.

– E assim aconteceu no primeiro dia do sétimo mês. O povo reuniu-se num largo, situado junto de uma porta das muralhas, chamada “**Porta da Águas**”. Vem no versículo 3...

Além do povo, ainda lá estavam outras pessoas importantes. Uma delas era o governador da cidade. No versículo 9 está o nome dele...

Chamava-se... **Neemias**. Reparem como o seu nome é dado a este livro da Bíblia: o livro de Neemias. O livro onde se conta como Esdras apresentou ao povo o livro do Pentateuco ou “Livro da Lei de Moisés”.

– Nesse versículo 9, fala-se também de uns **levitas**. Já sabem quem são. Lembram-se da parábola do Bom Samaritano? Lá também aparecia um levita. Levitas eram pessoas que ajudavam os sacerdotes no templo.

Pois bem: aqui, ajudaram o sacerdote e escriba Esdras a apresentar o Livro e a lê-lo e explicá-lo ao povo.

O resto já é mais fácil de compreender.

2. Vamos, então, fazer a leitura em conjunto. Para isso, temos de distribuir os papéis das pessoas que aparecem na leitura:

– Começemos pelo **narrador**, que é quem tem mais para ler.

(Se houver adultos:) Estou a pensar que podia ser um adulto. É para eles também participarem activamente. Acham bem?...

Então o/a Senhor/a vai fazer de narrador e ler da Bíblia que está agora na mesa. *(Se não, é melhor ser o catequista).*

Proponho que ele/a leia daqui da estante. É como na igreja.

– Agora é preciso alguém que leia as palavras de **Neemias e Esdras** (e os levitas), nos versículos 9 e 10. Pode ser um menino ou menina...

(Nome), vens aqui para a frente, para todos te verem e ouvirem melhor. Neemias e Esdras também liam diante do povo.

– Agora, só mais um, para as palavras dos **levitas** no versículo 11...

(Nome), vem também aqui para a frente.

– Mas ainda há mais umas palavras para ler. Vejam no versículo 6, ao meio. Quem fala aí?...

Se é todo o **povo** que diz “Amen! Amen!”, então eu acho que essas palavras devem ser lidas por todos os outros, ao mesmo tempo. O seja, todos fazemos de povo: o povo a quem é apresentado um livro da Bíblia e a quem Deus fala.

E nós, em sinal da nossa atenção e respeito, dizemos como o povo de então: “Amen! Amen!”. Mas só quando chegarmos lá, na leitura.

E não é preciso ficarem de pé. Sentados, podem seguir melhor a leitura. Na Missa também é assim: só na leitura do Evangelho é que nos levantamos.

Então, podemos começar.

Catequista:

Leitura do Livro de Neemias:

Adulto (narrador):

**Ao chegar o sétimo mês,
os filhos de Israel já estavam instalados nas suas cidades.
Então, todo o povo se reuniu como um só homem,
na praça de Jerusalém que está em frente da Porta das Águas.
Disseram ao escriba Esdras que trouxesse o livro da Lei de Moisés,
que o Senhor havia prescrito para Israel.
Então o sacerdote Esdras trouxe o Livro da Lei
perante a assembleia de homens e mulheres
e todos os que eram capazes de compreender.
Era o primeiro dia do sétimo mês.
Desde a aurora até ao meio dia, fez a leitura do Livro,
na praça em frente da Porta das Águas,
diante dos homens e mulheres
e todos os que eram capazes de compreender.
Todo o povo ouvia atentamente a leitura do Livro da Lei.
O escriba Esdras estava de pé
num estrado de madeira feito de propósito.
Esdras abriu o livro à vista de todos;
e quando o abriu, todos se levantaram.
Então Esdras bendisse o Senhor, o grande Deus,
e todo o povo respondeu, erguendo as mãos:**

Todos (povo):

Amen! Amen!

Adulto (narrador):

**E, prostrando-se de rosto por terra, adoraram o Senhor.
Os levitas liam, clara e distintamente, o Livro da Lei de Deus
e explicavam o seu sentido,
de maneira que se pudesse compreender a leitura.
Então o governador Neemias, o sacerdote e escriba Esdras,
bem como os levitas, que ensinavam o povo,
disseram a todo o povo:**

Criança (Neemias)

**Hoje é um dia consagrado ao Senhor, nosso Deus.
Não vos entristeçais nem choreis.**

Adulto (narrador):

**Porque todo o povo chorava
ao escutar as palavras da Lei.
Depois Neemias acrescentou:**

Criança (Neemias):

**Ide para vossas casas,
comei uma boa refeição, tomai bebidas doces
e reparti com aqueles que não têm nada preparado.**

**Hoje é um dia consagrado ao Senhor;
portanto, não vos entristeçais,
porque a alegria do Senhor é a vossa fortaleza.**

Adulto (narrador):

Os levitas acalmavam o povo, dizendo:

Criança (levitas):

**Não vos lamenteis nem aflijais,
porque este dia é santo.**

Adulto (narrador):

**E todo o povo se retirou para comer e beber,
repartindo com quem não tinha nada,
e manifestaram grande alegria,
porque tinham compreendido as palavras que lhes anunciaram.**

Catequista:

Palavra do Senhor.

Todos:

Graças a Deus.

3. Depois de todos se sentarem:

Que bonito! Todos respondestes: “Graças a Deus”. Quer dizer que também vós ficastes contentes pelo que ouvistes. Tão contentes que até destes graças a Deus.

E tendes razão: foi Deus quem nos acabou de falar. Tudo o que a Bíblia nos diz é Palavra de Deus. É Deus a falar connosco. E nós damos-lhe graças, sempre que O escutamos.

Vejamos então se aconteceu alguma coisa de parecido quando Esdras apresentou ao povo o Livro da Lei de Moisés.

– Primeiro: quando Esdras chegou com o livro diante do povo, para onde é que ele subiu? Vejam nos **versículos 4 e 5...**

Diz-se que subiu para um estrado, um **sítio mais alto**. Para quê?

Claro: para que todos pudessem ver e ouvir melhor o que ele ia mostrar e ler.

E nas nossas igrejas? O altar e o ambão não estão também um pouco mais altos do que o resto da igreja?... É para todos podermos ver e ouvir melhor, mas também é por respeito para com a Palavra de Deus.

– E que fez Esdras, depois de abrir o livro? Leiam no **versículo 6...**

E nós também **benzimos a Deus**. Ainda há pouco o fizemos; quando cantámos “Glória ao Senhor”. Depois de benzermos e darmos glória a Deus, estamos mais bem preparados para O ouvirmos.

– E como é que o povo respondeu, quando Esdras bendisse a Deus? Está ainda no **versículo 6**. (*Nome*), lê todo o versículo, para nós ouvirmos...

Após a leitura:

Estão a ver? O povo uniu-se à oração de louvor, dita por Esdras, desta maneira:

Primeiro, dizendo duas vezes **Amen**. “Amen” é uma palavra hebraica, a língua do Antigo Testamento, e quer dizer: “Sim, eu concordo, eu acredito”.

Na Missa, também nós dizemos Amen, depois de muitas orações, que o sr. Padre diz. Manifestamos deste modo a nossa fé em Deus.

Depois, diz-se que o povo se **prostrou** até chegar com a cabeça ao chão. É um sinal de grande respeito e amor a Deus. Nós às vezes também nos ajoelhamos na Missa, pela mesma razão.

– Leiam agora o que está escrito no **versículo 8** acerca do que faziam os levitas...

Além de lerem bem – “clara e distintamente”, como, há pouco, procuraram fazer os leitores (*nomes*) – que mais faziam os levitas?...

Explicavam o sentido do que tinham lido. Na Missa, quem é que faz isso?...

Muito bem: é o sr. Padre. Ele é que nos ajuda a perceber as leituras e nos mostra como devemos fazer para as pôr em prática.

Portanto, mais uma coisa parecida com o que se fazia no tempo de Esdras.

4. Com uma diferença: o sr. Padre só faz a homilia, depois das outras leituras da Bíblia. Entre nós é normalmente assim:

– Primeiro, faz-se uma **leitura do Antigo Testamento**. Olhem: na Festa da Palavra vai ser esta que acabámos de fazer – a do livro de Neemias. E quem sabe, talvez possa ser algum de vós a fazê-la. Gostavam?

– Depois, cantamos um **cântico** que tenha a ver com a leitura: é a nossa resposta à leitura, depois de dizermos “Graças a Deus”.

Na nossa Festa vai ser um **cântico** que já aprendemos e cantámos aqui: “A vossa Palavra, Senhor, é luz dos meus caminhos.”

*O catequista pode cantá-lo com as crianças. Se estiver previsto outro **salmo responsorial**, faça o mesmo.*

– A seguir a este **cântico**, vem uma **segunda leitura**. Esta é do Novo Testamento. Querem saber qual vai ser na Festa da Palavra?

*O catequista afixe, do lado direito do placar (ao nível do dístico com as siglas da 1ª leitura), um **dístico** com a indicação da **2ª leitura do Domingo** (ou dia litúrgico) da Festa da Palavra e deixe que as crianças tentem decifrar a sigla.*

Para se prepararem, podem ler lá em casa esta parte da/o (*nome do livro bíblico*).

– Depois desta segunda leitura, cantamos o **Aleluia**, que quer dizer?...

Muito bem: “Louvai o Senhor”. Cantaremos com esta música:

O catequista pode cantar, com as crianças, a melodia escolhida.

Louvamos o Senhor, quando o sr. Padre (ou Diácono) já estiver para ler o Evangelho.

Se houver cortejo do Evangelho e incensação, é bom que o catequista explique o seu significado – confirma o que é expresso pelo Aleluia:

Louvamos o Senhor, porque no Evangelho é uma pessoa muito especial que fala, ou então, fala-se dele. Quem será?

Claro: é Jesus. É a pessoa mais importante em toda a Bíblia. Foi Jesus quem melhor nos falou de Deus.

– Só então vem a leitura do **Evangelho**. No Domingo (ou dia) da Festa da Palavra vai ser este:

*O catequista afixe, ao fundo do placar (junto da ponta do “coração”), um **dístico** com a sigla do texto do **Evangelho** que vai ser lido, e desafie as crianças a decifrá-la. Depois diga-lhes:*

Não se esqueçam de ler lá em casa esta parte do Evangelho segundo S. (*nome do Evangelista*). Assim irão entendê-la muito melhor

– E só depois de o sr. Padre (ou Diácono) ler o Evangelho – que escutamos de pé – é que ele faz o mesmo que fizeram os levitas na apresentação do Livro da Lei. Faz uma explicação das leituras, para nos ajudar mais a compreendê-las.

Eu estou com muita curiosidade de ouvir o que ele nos vai dizer, num dia tão importante para nós.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Talvez nós lhe pudéssemos dar uma ajuda. Alguns srs. Padres ficam muito agradecidos com as nossas sugestões. Ficam a saber o que nós mais gostamos e precisamos de ouvir, a partir da Palavra de Deus.

Como é que nós o poderemos ajudar?

Tenho uma ideia: lembrem-se do que eu vos pedi na última catequese, para além da história da pedrinha?...

Isso mesmo: de todas as folhas com “A Palavra de Deus na minha vida”, que escreveram ao longo do ano, escolherem aquela de que mais gostam. Quem fez isso?...

Pois bem: eu proponho que as enviemos ao sr. Padre (*nome*) que vai celebrar connosco a Festa da Palavra. Assim ele fica a saber do que mais gostámos, de tudo o que escrevemos. E, quem sabe, talvez isso o ajude a preparar a homilia. E nós gostaríamos ainda muito mais.

Estejam descansados que as folhas não se perdem. Irão recebê-las de volta, no dia da Festa. Com isto, até vai ser uma festa mais bonita. Estão de acordo?

Mas antes de me entregarem as folhas, vamos louvar o Senhor por aquilo que cada um fez ou de que mais gostou, e que, por isso, escreveu nelas. Se escrevestes o que lá está, foi porque o Senhor vos inspirou, a partir da sua Palavra. Portanto, temos de Lhe agradecer e de O louvar também por isso.

Fazemos assim:

– Cada um pega nessa folha de que mais gosta...

– Se não tem o vosso nome, escrevam-no...

– Agora cada um vai dizer, em poucas palavras, o que está na folha; e, entre as palavras de uns e outros, cantaremos o **cântico**:

“Tu tens palavras da vida eterna”.

Conforme o número de crianças, o catequista divida-as em grupos.

*Entre a participação de cada grupo, cante-se o referido **cântico**, se possível com estrofes adaptadas ao conteúdo exposto pelas crianças. Para isso, podem orientar-se pelas letras do **cântico**, que se encontram no final do Catecismo.*

Depois deste momento de oração, pode combinar com os pais outros pormenores relativos à festa, sobretudo acerca da sua participação.

A concluir e se for o caso, comunique às crianças que, no fim da Festa da Palavra, irão fazer como no dia da apresentação da Lei de Moisés por Esdras e os levitas: também as

crianças com os pais irão comer e beber, em sinal da sua alegria, num dia tão importante.

2. Compromisso

Preparar as leituras bíblicas da Festa da Palavra, lendo-as repetidamente em casa.

Para isso o catequista pode entregar a cada criança mais uma folha com “A Palavra de Deus na minha vida”, convidando-as a escreverem nela as indicações afixadas no placar. Durante a semana devem registrar nessa folha aquilo de que mais gostam em cada uma das três leituras.

3. Para guardar na memória e no coração

“Nos Livros Sagrados (da Bíblia),
o Pai que está nos Céus
vem carinhosamente ao encontro dos Seus filhos
para conversar com eles.”
(DV 21)

Catequese 30

QUANTO AMO, SENHOR, A TUA PALAVRA (Celebração da Festa da Palavra)

I. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. “E todo o povo se retirou para comer e beber”

Foi assim que terminou a festa de apresentação do *Livro da Lei de Moisés*, descrita em **Ne 8, 1-12**: com uma refeição fraterna, nas habitações dos participantes, *repartindo com quem não tinha nada* e com manifestações de *grande alegria, porque tinham compreendido as palavras que lhes anunciaram* (v. 12). Se a primeira reacção tinha sido de tristeza – *todo o povo chorava, ao escutar as palavras da Lei* (v. 9), talvez por causa da recordação melancólica do seu passado glorioso e feliz, exposto no Livro apresentado – depressa o abatimento se transformou em júbilo – também ele causado pelas palavras escutadas: sentiam que o Senhor estava (de novo) com o seu povo, através do que lhe comunicava no Livro em que lhe falava. Portanto, também a ele se devia a refeição fraterna e jubilosa, em que o amor do Senhor se encarnava no amor aos irmãos, incluindo os mais pobres.

Aliás, o mesmo efeito vivificante da Palavra de Deus é testemunhado em vários textos do Livro então lido: por exemplo, em **Dt 26, 1-11**, relativamente à oferta, no templo, das primícias das colheitas. Depois de uma profissão de fé em que cada oferente proclamava as maravilhas operadas por Deus no passado – desde Jacob, passando pela libertação do Egipto, até à posse da terra prometida (vv. 5-9) – após esse acto de fé, confirmado por um gesto de adoração ao Senhor, as ofertas tornavam-se propriedade do mesmo Senhor. E a Ele consagradas, eram repartidas pelos sem terra: *o levita e o estrangeiro que estiver no meio de ti* (v. 11). Isto é, à consagração, operada pela Palavra de fé, seguia-se a comunhão, pela partilha dos bens consagrados.

Isto leva-nos à refeição por excelência da Igreja: a Eucaristia, em que os crentes apresentam a Deus o pão e o vinho, “fruto da terra, da videira e do trabalho do homem”, para Ele os consagrar “em pão da vida e vinho da salvação” – a vida e a salvação obtidas por Cristo, o Filho de Deus, na sua morte *por causa dos nossos pecados* e na sua ressurreição *para nossa justificação* (Rom 4, 25).

E também aqui a consagração se deve à Palavra de Deus: ao relato da última Ceia de Jesus, precedido da invocação do Espírito Santo, o mesmo Espírito que fez das palavras bíblicas palavras inspiradas. Escrevem os Padres Sinodais (do Sínodo sobre a Palavra de Deus na vida e missão da Igreja, Roma 5-26.10.2008) na sua mensagem ao povo de Deus: “A narração evangélica da última ceia, memorial do Sacrifício de Cristo, quando é proclamada na celebração eucarística, na invocação do Espírito Santo, converte-se em acontecimento e Sacramento” (n. 8).

E a esta consagração segue-se também a comunhão: em primeiro lugar com Cristo, quando os crentes, no pão e no vinho consagrado, comem o seu Corpo, entregue também por eles, e bebem o seu Sangue, derramado por eles e por todos; uma comunhão que é fonte da comunhão igualmente entre eles, manifestada na própria celebração, pelo gesto da paz, e prolongada para além da celebração, principalmente pela partilha de vida no amor que os une, no seu dia-a-dia; uma partilha em que os mais pobres são os beneficiários privilegiados.

Mas esta comunhão dificilmente se realizará, sem a Palavra de Deus da Sagrada Escritura, proclamada e actualizada na primeira parte da celebração: na Liturgia da Palavra, a que DV (21) chama “mesa da Palavra de Deus”, porque também nela é oferecido “o pão da vida.” É que as leituras bíblicas não têm outro objectivo, senão o de aprofundar e fortalecer a fé dos ouvintes: a fé que eles proclamam logo a seguir; a fé que lhes permite acolher a consagração como “o mistério da fé”; a fé que, alimentada pelo Corpo e Sangue de Cristo, *actua pelo amor* (Gal 5,4) com que os crentes, em todos os tempos e lugares, se tornam mensageiros da Palavra:

2. “A Palavra de Deus feita vida”

A expressão é tirada, de novo, da já citada Mensagem do Sínodo dos Bispos ao Povo de Deus. Neste caso a propósito da Comunhão Fraternal, uma das quatro colunas em que assenta o que lá se chama “a Casa da Palavra: a Igreja”. Depois de, a partir de Act 2, 42, se ter falado de três dessas colunas – o ensino dos Apóstolos, a fracção do pão e as orações – eis parte do que se diz relativamente à quarta:

A Palavra de Deus “deve, pois, ser visível e legível no próprio rosto e nas mãos do crente, como sugeria São Gregório Magno, que via em São Bento e noutros grandes homens de Deus testemunhas da comunhão com Deus e com os irmãos, com a Palavra de Deus feita vida. O homem justo e fiel não só «explica» (*spiega*, no original italiano) as Escrituras, mas também as «estende» (*dispiega*, no original italiano) diante de todos como realidade viva e praticada. É por isso que *viva lectio, vita bonorum*: a vida dos bons é uma leitura/lição viva da Palavra divina. Já S. João Crisóstomo tinha observado que os apóstolos desceram do monte da Galileia, onde tinham encontrado o Ressuscitado, sem qualquer tábu de pedra escrita, ao contrário do que havia sucedido com Moisés (quando desceu do monte Sinai, onde se havia encontrado com Deus): a sua própria vida tornar-se-ia, desde aquele momento, o Evangelho vivo” (n.º 10).

De facto, assim acontecia, por exemplo, com S. Paulo na sua actividade apostólica: não só transmitia o Evangelho através do anúncio por palavras, mas encarnava-o na própria vida, nomeadamente nas inúmeras tribulações, de toda a ordem, que tinha de enfrentar nesse anúncio. Veja-se o que ele escreve aos cristãos de Corinto: *Trazemos sempre no nosso corpo a morte de Jesus, para que também a vida de Jesus seja manifesta no nosso corpo. Estando ainda vivos, estamos continuamente expostos à morte por causa de Jesus, para que a vida de Jesus seja manifesta também na nossa carne mortal. Assim, em nós opera a morte, e em vós a vida* (2 Cor 4, 10-12). Por isso, por os ouvintes sentirem o infinito amor de Cristo no amor com que o Apóstolo o anunciava, é que tantos se vergavam, obedeciam (sujeitando-se ao que ouviam), pela adesão da fé, à Palavra que lhes era anunciada: *não como palavra de homem, mas, como ela é verdadeiramente, Palavra de Deus* (1 Tes 2, 13) – o Deus presente e actuante naqueles de quem se serve para falar.

Que ainda hoje é assim, podem testemunhá-lo tantos catequizandos, crianças, jovens e adultos, que têm a sorte de ler e ver a Palavra de Deus, ou se preferirmos, o Deus feito Palavra, em catequistas que O comunicam, também e sobretudo, por uma vida de total dedicação à sua missão, uma vida alimentada pela Palavra que, acolhida no seu coração, se torna visível e legível no modo generoso como se entregam à sua transmissão.

Para eles, no final de mais esta etapa do percurso catequético, vai:

3. “A nossa mais intensa e cordial gratidão”

Também estas palavras são dos Padres Sinodais, na conclusão da referida Mensagem ao Povo de Deus: “O nosso olhar dirige-se com afecto a todos os estudiosos, aos catequistas e aos outros servidores da Palavra de Deus, para exprimir-lhes a nossa mais

intensa e cordial gratidão pelo seu precioso e importante ministério. Dirigimo-nos também aos nossos irmãos e às nossas irmãs que são perseguidos ou que são sujeitos à morte por causa da Palavra de Deus e do testemunho que dão do Senhor Jesus (cf. Ap 6, 9). Como testemunhas e mártires contam-nos «a força da Palavra» (cf. Rm 1, 16), origem da sua fé, da sua esperança e do seu amor por Deus e pelos homens.”

Nem todos os mártires, na acepção mais comum, são catequistas. Mas todo o bom catequista tem de ser um mártir, que o mesmo é dizer (no sentido original do termo “mártir”) testemunha. E, quantas vezes, gastando a vida pelos catequizandos a quem a oferece!

Mas é então, talvez mais do que nunca, que se apercebe da verdade das palavras de Pedro, como confissão de fé a Cristo: (Só) *Tu tens palavras de vida eterna* (Jo 6, 68). E tem mesmo. Porque é deste Cristo, como *pão vivo descido do Céu* (6, 51), que o catequista se alimenta, para O comunicar aos catequizandos que, por sua vez e na medida em que “comem” as Suas palavras, as transmitem a outros e estes a mais outros, numa cadeia sem fim.

A Festa da Palavra pode e deve ser um exemplo disso: as crianças testemunham à comunidade crente a Palavra recebida, por meio do catequista, e encarnada nas suas vidas, para que aqueles que acolhem o seu testemunho se convertam ainda mais à força vivificante dessa Palavra e se tornem novos elos da sua transmissão viva... até à vida eterna, que começa já nesta vida que recebemos na terra.

E, perante isto, o catequista não pode deixar de cumprir aquilo a que S. Paulo nos exorta: *Tudo quanto fizerdes por palavras ou por obras fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando graças por Ele a Deus Pai* (Col 3, 17). Para esta acção de graças, tem o cântico de Maria, a mulher que acolheu a Palavra de Deus no seu coração e, movida por ela – o Filho de Deus a fazer-se carne no seu seio virginal – exclamou:

A minha alma glorifica o Senhor

e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua serva:

de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.

O Todo-poderoso fez em mim maravilhas:

Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem... (Lc 1, 46b–50).

OBJECTIVOS

- Louvar o Senhor pelo dom da sua Palavra, principalmente na Sagrada Escritura;
- Transmitir à comunidade cristã como, na descoberta da Bíblia, esta se foi tornando viva na vida cristã do grupo de catequese e de cada um dos seus membros;
- Comprometer-se a alimentar a fé e a prática de vida pela leitura frequente da Sagrada Escritura.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Nesta celebração, conclusiva de um ano de catequese dedicado à descoberta da Bíblia, as crianças, mais do que aprender, vão ensinar: dando testemunho de como a Palavra de Deus foi passando da Bíblia para as suas vidas, mostram à comunidade como ela é realmente viva e eficaz e, como tal, imprescindível na vida da Igreja e de cada cristão. Aliás, o próprio testemunho é, também ele, uma manifestação desse poder vivificante.

2. Daí que as crianças se devam apresentar com os dois “livros”: a Bíblia e o conjunto de textos e ilustrações que, por sugestão do catequista e de catequese em catequese, foram escrevendo em sucessivas páginas com “A Palavra de Deus na minha vida”. A Bíblia deve ser colocada junto do lugar em que é lida e proclamada (o ambão). As folhas – bem acondicionadas, como anteriormente se sugeriu – ficam com elas durante toda a celebração. Procure-se que o presidente da celebração estabeleça a ligação entre ambos, particularmente na homilia.

3. Se for possível, o catequista colabore com o sacerdote na preparação da homilia, vendo com ele os trabalhos das crianças e explicando o significado de cada página apresentada. Também seria um gesto formativo as crianças, oferecerem estas páginas ao sacerdote, usando um sistema de cópia manual – as crianças copiam a folha de que mais gostam – de fotocópias ou cópias feitas a partir de uma digitalização (a cores, a preto e branco mas depois pintadas, conforme as possibilidades técnicas ao dispor do catequista). A digitalização também permite que os trabalhos sejam disponibilizados (por exemplo, através do sítio da paróquia na Internet), acompanhados de um texto introdutório.

4. No final, cada criança volta a receber a sua Bíblia, mas então juntamente com um diploma, que documente a festa celebrada, e a folha com “A Palavra de Deus na minha vida” que, depois da catequese anterior, foi cedida ao presidente da celebração (caso não lhe tenha feito a oferta sugerida no número anterior). Mas a entrega da Bíblia deve ser precedida de um compromisso pessoal à sua leitura.

5. Para uma maior participação, procure-se que sejam as crianças a fazer a leitura bíblica, mas só depois de uma cuidada preparação, com a ajuda do catequista e, se possível, dos pais. Se os textos bíblicos o permitirem, a leitura pode ser feita de um modo dialogado, como foi sendo sugerido para os encontros de catequese.

6. Cuide-se também da preparação espiritual das crianças e seus familiares e padrinhos, incentivando-os, por exemplo, a receberem o Sacramento da Reconciliação. Para isso, criem-se as necessárias condições.

7. Depois da celebração, é aconselhável que se organize um convívio, ainda que breve, no qual todos podem participar, à maneira do que sucedeu com o povo de Israel, depois da apresentação do “Livro da Lei” por Esdras (1ª leitura). Durante o convívio podem entregar-se aos pais as fichas de inscrição para o próximo ano de catequese e a cada criança uma agenda para “A Palavra de Deus pela minha vida fora”, sugerida e explicada na catequese anterior. O lugar do convívio pode ser o mesmo em que decorra a exposição dos trabalhos das crianças, sugerida também na catequese anterior.

MATERIAIS

- O que é habitualmente necessário para a celebração da Eucaristia;
- As Bíblias das crianças;
- Uma mesa (ou outro móvel), para nela se colocarem as Bíblias das crianças;
- Diplomas, um para cada criança;
- Arquivos com as folhas “A Palavra de Deus na minha vida”, pertencentes às crianças;
- Comida e bebida para o convívio;
- Folhas para a inscrição das crianças no próximo ano de catequese;
- Agendas, uma para cada criança, com “A Palavra de Deus pela minha vida fora”.

MÚSICAS

– As indicadas no desenvolvimento da celebração ou outras, mas, tanto quanto possível, que tenham sido usadas nos encontros de catequese deste 4º ano.

II. DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO

I. RITOS INICIAS

1. Cortejo de entrada

Não sendo muitas as crianças, podem incorporar-se no cortejo, a seguir aos acólitos (com a cruz, as velas e o Evangelário) e levando consigo, cada uma, a sua Bíblia e o seu “livrinho” com as folhas de “A Palavra de Deus na minha vida”

Antes de se distribuírem pelos lugares para elas reservados, depõem a Bíblia numa mesa (de preferência em frente ou na proximidade do ambão), mas conservam consigo o referido “livrinho”.

Se forem muitas, podem depor a Bíblia, à medida que vão chegando à igreja.

2. Cântico de entrada

“Senhor, Tu nos chamaste”.

3. Saudação e acolhimento

Presidente da Assembleia (depois da saudação litúrgica habitual, dirigindo-se às crianças):

Que bem vós cantastes ao Senhor: “A Tua Palavra alegra a nossa vida”!

Vem mesmo a propósito da festa que todos vamos celebrar convosco: a Festa da Palavra; a festa em que vós ides comunicar a grande descoberta que tendes feito ao longo deste ano de catequese. E nós seremos todos ouvidos.

É que Deus, o Senhor, hoje vai falar-nos também através de vós. Por isso, cada um de vós até colocou a sua Bíblia – o Livro da Palavra de Deus – bem perto do lugar de onde é proclamada a sua Palavra. Deus fala-nos a partir da Bíblia, mas também por meio daqueles que a conhecem e põem em prática o que Ele nos diz.

Preparemo-nos para O escutarmos e nos tornarmos, ainda mais, mensageiros da sua Palavra, pedindo-lhe perdão dos nossos pecados.

4. Acto Penitencial

– “Confesso a Deus todo-poderoso”... (*ou outra fórmula litúrgica*).

– “Senhor, tende piedade de nós”...

5. Glória

“Glória ao Senhor” (*Frei Fabretti, ou outro, conhecido das crianças*).

6. Oração Colecta (*do dia*)

II. LITURGIA DA PALAVRA

1. Introdução

Uma criança (lendo):

Das últimas descobertas que fizemos na Bíblia,

foi a apresentação da primeira parte do Antigo Testamento: o Pentateuco, que se chama também “Livro de Moisés”.

Foi assim:

Esta parte da Bíblia tinha sido escrita longe de Jerusalém, primeiro, para os Judeus que viviam longe da sua terra.

Como eles achavam que era muito importante

o que está escrito nesse livro,

resolveram que fosse apresentado também em Jerusalém.

E enviaram, para isso, um homem, chamado Esdras, que era sacerdote e escriba.

Algum tempo depois de ele chegar,

aproveitou uma grande festa para fazer a apresentação.

Vamos ouvir como foi,

até porque algumas coisas que então se fizeram

também são feitas entre nós, inclusivamente hoje,

neste dia da nossa Festa da Palavra.

2. 1ª Leitura

Ne 8, 2-4a. 5-6. 8-10 (III Domingo do Tempo Comum C).

3. Salmo responsorial

“A Vossa Palavra, Senhor”.

4. 2ª Leitura (do dia)

5. Aclamação antes do Evangelho

“Aleluia” (*melodia – Inglaterra, séc. XIX, ou outra conhecida das crianças*).

6. Evangelho (do dia)

7. Homilia

Pelo Presidente e seguindo, se possível, estes tópicos:

– *Referência à 1ª Leitura: vê-se como alguns pontos, de facto, se repetem nas nossas Liturgias da Palavra, incluindo a que se está a celebrar: a entrada solene, o ambão, de onde são feitas as leituras, o louvor que as precede (Glória) e as acompanha (Salmo responsorial e Aleluia), como sinais de respeito e acolhimento da Palavra de Deus – a Palavra que Ele nos dirige, no momento em que é proclamada.*

– *Referência às folhas de “A Palavra de Deus na minha vida” escritas pelas crianças ao longo do ano e que elas têm consigo: por elas se nota como a Bíblia se torna viva nas vidas daqueles que a lêem, com fé; refiram-se, se possível, exemplos tirados das folhas de que as crianças mais gostam e, por isso, entregaram para ajudar a fazer a presente homilia.*

– *Exortação, se possível a partir também do Evangelho e/ou da 2ª Leitura, a que todos sigam o exemplo das crianças: a terem a sua Bíblia e a lê-la e meditá-la, diariamente, como alimento imprescindível para a fé e a prática da vida cristã, para sentirem a mesma alegria de que se fala na 1ª Leitura.*

8. Profissão de fé

Se possível, a fórmula baptismal.

9. Oração dos fiéis

*A que está proposta para o dia,
juntando uma ou mais preces
pelas crianças que celebram a Festa da Palavra,
para que, juntamente com os seus familiares,
continuem a alimentar-se da Palavra de Deus,
que é luz e força para o seu caminhar de cristãos.*

III. LITURGIA EUCARÍSTICA

1. Apresentação das ofertas

Podem ser as crianças a levá-las para o altar

2. Cântico

“Nós somos as pedras vivas”.

3. Oração sobre as oblatas (do dia)

4. Oração Eucarística

Uma das que o Missal propõe para Missas com crianças.

IV. RITOS DA COMUNHÃO

1. Comunhão das crianças

Podem recebê-la sob as duas espécies.

2. Cânticos da Comunhão

- **“Tu tens palavras de vida eterna”;**
- **“Senhor, eu creio que sois Cristo”.**

3. Cântico depois da Comunhão

“Jesus Cristo, Palavra de Deus”.

4. Oração depois da Comunhão (do dia)

V. RITOS DE CONCLUSÃO

1. Entrega das Bíblias, diplomas e/ou as agendas (que podem conter os diplomas nas capas);

- *A preceder a entrega, o Presidente dirija às crianças umas palavras de agradecimento e felicitações.*
- *Se não forem muitas as crianças, o catequista chame por cada uma individualmente, para que se aproxime do Presidente, que, antes de fazer a entrega, diz:*

Presidente:

*(Nome da criança),
prometes continuar a ler a Palavra de Deus,
para ser luz e força na tua vida?*

Criança:

Sim, prometo

Presidente:

Que o Senhor realize em ti o que prometes.

Criança:

Amen.

– Se forem muitas as crianças, o diálogo e a entrega podem ser feitos pelos catequistas, se for individualmente, ou pelo celebrante, se for com todas as crianças em conjunto. Neste caso use-se o plural:

Presidente:

**Meninos e meninas,
prometeis continuar a ler a Palavra de Deus,
para ser luz e força nos vossos caminhos?**

Crianças:

Sim, prometo

Presidente:

Que o Senhor realize em vós o que prometeis.

Crianças:

Amen.

2. Cântico (*depois da entrega*)

“Hoje, o Senhor está connosco”

3. Bênção

Para guardar na memória e no coração

“Quanto amo, Senhor, a vossa Lei!

Nela medito durante todo o dia.

A Vossa Palavra é farol para os meus passos
e luz para os meus caminhos.

Por isso, eu amo os vossos mandamentos,
mais do que o ouro, o ouro mais fino.”

(Sl 118/119, 97.105. 127).